

JOÃO TORDO



COMPANHIA DAS LETRAS

A NOITE EM QUE
O VERÃO ACABOU

THRILLER



A NOITE EM QUE
O VERÃO ACABOU

THRILLER

JOÃO TORDO





A Laura e Levi Walsh

PRÓLOGO

14 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

O telefonema para a Polícia de Chatlam deu-se às quatro horas e dezoito minutos da madrugada de catorze de Setembro.

A voz embargada de uma mulher — a Sr.^a Mullens —, confundindo as palavras e hesitante nas orações, pediu com urgência uma ambulância, a Polícia, as autoridades, porque acabara de encontrar o patrão assassinado no escritório. Do outro lado da linha, a telefonista urgiu-lhe que tivesse calma, que não perdesse o controlo. Numa voz tranquila, aquela com que actuam as pessoas habituadas àquele tipo de situação, perguntou a Doris se, por acaso, existia a possibilidade de o assassino ainda estar dentro da casa. Foi então que a Sr.^a Mullens, no seu sotaque do Arkansas, lhe respondeu (com toda a calma de que foi capaz) que essa possibilidade não era uma mera possibilidade, mas um facto.

O assassino ainda lá estava dentro, porque pertencia àquela casa desde que nascera.

O assassino — aliás, a assassina — tinha dezasseis anos de idade.

Verão de 1987

Lagoeiro, Portugal

Na tarde em que eu comecei a chorar, a cadela trazia a boneca na boca, mordendo-a com a força dos seus caninos de bicho ainda jovem.

Chorei todas as noites durante uma semana, a boneca caída no relvado da casa de férias dos meus pais. Tornou-se o brinquedo de Niki até o meu pai a guardar na garagem. Era a única memória física que me restava de Laura e de Levi, que regressaram aos Estados Unidos no final de Agosto: uma coisa velha feita de trapos, com dois botões a servirem de olhos, cabelo ruivo e uma boca infeliz. A seguir — porque aos treze anos recuperamos com facilidade dos choques emocionais —, distraí-me com o ténis, a exploração do terreno dos lagartos e as parvoíces da minha irmã e esqueci-me temporariamente da ausência das raparigas americanas no Lagoeiro.

No ano seguinte, Laura e Levi não voltaram como prometido e a casa ao lado da nossa foi alugada durante o Verão por uma família de alemães, cujos filhos barulhentos e desordeiros fizeram a vida dos meus pais num inferno, com os mergulhos para a piscina às três da madrugada e a música *pop* aos berros o dia inteiro. O cheiro das *bratwürste* grelhadas invadiu as redondezas. Passei esse mês de Agosto a jogar ténis com o meu pai, a ler romances policiais e a trocar cartas com Laura, que respondia às minhas missivas sem demoras, mesmo

depois de termos passado o ano inteiro a enviar postais um ao outro, a corresponder-nos como *pen pals* — coisa que, à época, era bastante popular entre os rapazes e as raparigas que viviam separados por continentes e oceanos até que, um dia, a lei do esquecimento se intrometesse e, lentamente, deixassem de se interessar pela vida um do outro.

Aparentemente, esse tipo de sonhos morre assim que aparece o primeiro amor, o mais real, fisicamente presente.

Não foi o meu caso com Laura Walsh.

Março de 1997

Lisboa, Portugal

Na Primavera desse ano, completamente perdido num emprego de que não gostava — era jornalista, mas sem grande convicção —, decidi que estava na altura de fazer alguma coisa da minha vida e inscrever-me na New York University.

No Departamento de Literatura Inglesa, leccionava Gary List, o escritor que eu mais admirava. List, sessenta e dois anos, tinha sido, em tempos, o grande prodígio da literatura norte-americana, embora não publicasse nenhum romance havia mais de uma década e o seu único e enorme sucesso, *A Traição de Mabeline C.*, andasse perdido nas estantes das livrarias Barnes & Noble e nas prateleiras das bibliotecas públicas um pouco por toda a América. Os seus romances seguintes — sobretudo *Joining Heaven* (este sem tradução portuguesa) e *Marcha Contra a Madrugada* — ainda obtiveram alguma recepção crítica, mas, a partir de então, caíra num vago esquecimento: aquele lugar onde residem os escritores que sofrem da síndrome de um estrondoso começo e dele nunca recuperam, acabando proscritos nos corredores das universidades.

Para mim, Gary List era o maior dos maiores, e a leitura de *Marcha Contra a Madrugada* custara-me um emprego. Aos dezassete anos, eu trabalhara em *part-time* na recepção de um ginásio e, por causa do calhamaço de List — mais de

seiscentas páginas! —, acabei por ser despedido após repetidos avisos de que não podia ler durante o expediente. Nessa altura, era um rapaz algo arrogante, de óculos redondos e casaco de camurça coçado; provinha de uma família de classe média-alta e aquele emprego fazia-me tanta falta como uma constipação. O meu sonho era escrever o Grande Romance sem ter a mais pequena ideia do que isso significava, confiando que o meu primeiro livro seria, à semelhança do primeiro de List, traduzido em quarenta línguas, ignorando a maneira como o mundo funcionava e o facto de Portugal ser um país tão pequeno e tão periférico, que a nossa literatura raramente ultrapassava as suas fronteiras.

A minha avó, que vivia em nossa casa, costumava passar à porta do meu quarto durante a tarde, encontrando-me invariavelmente debruçado sobre a máquina de escrever, pousada numa secretária estrategicamente colocada junto da janela.

«Estou a escrever, por amor de Deus», dizia-lhe eu.

«Não queres uma torrada e um copo de leite?», sugeria ela.

Eu apostava que Gary List nunca tinha passado por aquilo, pela vergonha de uma avó a interromper-lhe o trabalho por causa de um lanche. Então ela aproximava-se com os seus passos pequeninos e espreitava por cima dos meus ombros de adolescente coberto de borbulhas.

«Afinal, o que é isso que tu tanto escreves?»

E eu tapava as páginas com as duas mãos.

«Avó, sai daqui!»

«Se for sobre mim, eu quero saber o que é», dizia ela.

«Não é sobre ti.»

«Então de certeza que é sobre a tua irmã.»

«Porque é que eu haveria de escrever sobre a minha irmã?»

«Ela já namora, sabias?»

«E o que é que isso me interessa?»

«Tens a certeza de que não queres uma torrada?»

«Vai-te embora.»

«Achas que vais ser escritor?» Dei meia-volta na cadeira e encarei-a, sem paciência. «Vais ser é um grande desempregado, como o teu avô. Queres o leite frio ou morno?»

Mas quem é que, naquela idade, não se põe a sonhar com coisas impossíveis? Todos sofremos de uma forma qualquer de grandiosidade. Para mim, o caminho era evidente. Ia fazer o percurso de Gary List, que começara por brincar ao jornalismo; revelar-me-ia um competente repórter de investigação e, depois, abdicaria da profissão para fazer literatura, após o que seria convidado a leccionar numa universidade, onde as alunas me pediriam horas privadas para confessarem o seu amor pela minha obra.

Encontrava-me há algum tempo em regime de estágio remunerado no *Diário de Notícias* quando, num tremendo golpe de azar, fui o repórter responsável por uma bronca de primeira página que precipitou a minha queda. Num dia de grande confusão na redação, fiquei responsável por fechar um artigo que dizia respeito à derrapagem do orçamento da Segurança Social. Por cansaço e desatenção — ou porque considerava aquele emprego um pequeno degrau na escada do sucesso vindouro —, enganei-me no título da notícia e escrevi

«trinta milhões» onde devia ler-se «três milhões», embora o editor de grafismo me tivesse chamado à sala dos paginadores e perguntado pela correcção daquele número, ao que eu respondi: «Faça o seu trabalho, que eu faço o meu.» A onda de indignação por parte das fontes oficiais não demorou a fazer-se sentir. Ainda que, nesses tempos, a Internet fosse uma amostra pré-histórica do que viria a ser, aquele erro crasso, impresso na primeira página do jornal, depressa se propagou e valeu-me um embaraçoso correctivo por parte do director do jornal, que me obrigou a escrever um pedido de desculpa (assinado por mim) ao Ministério do Trabalho. O meu futuro no jornalismo estava acabado quase sem ter chegado a começar.

Isto aconteceu em Março de 1997. Eu tinha vinte e dois anos e, convencido de que havia alguma coisa em mim que era especial, diferente dos demais, aceitei com orgulho ferido a reprimenda dos meus superiores e, nessa mesma tarde, demití-me, deixando na secretária do meu editor uma carta fleumática na qual me punia gravemente pelo erro, por ter levado o público ao engano, por ter conspurcado a profissão e por ter desonrado o jornal.

Quando já arrumava as minhas coisas, o editor passou por mim e, de cigarro na boca, disse:

«Foi azar de principiante, pá. Não faças dramas. Amanhã vais às oito com o Sobral cobrir a manifestação dos professores.»

E atirou a minha carta para o lixo, feita numa bola de papel.

Nessa noite, incapaz de adormecer, tornei a olhar para o prospecto que pedira à New York University e que chegara

pelo correio. O rosto de List, os olhos claros a contrastar com o cabelo negro e espesso, parecia chamar-me. O problema era que o prazo da candidatura terminava dentro de uma semana e eu não tinha tempo — nem talento — para escrever o conto de dez páginas que era o requerido para admissão no Programa de Escrita Criativa. E então fiz o que qualquer jornalista estagiário incumbido de cobrir a manifestação dos professores às oito horas da manhã seguinte faria na minha situação: plagiei. Peguei no livro de contos de um jovem escritor português que estava na moda, traduzi um dos contos, palavra por palavra, e assinei-o com o meu nome. *The Bed on the Asphalt*, por Pedro Taborda. Era um texto excepcional, que eu lera numa tarde de calor no Verão anterior e que passara a invejar com o quinhão de desprezo que a inveja sempre acarreta; passei também a ressentir secretamente esse escritor pela sua juventude (era apenas um ano mais velho do que eu) e a maldizê-lo sempre que tinha oportunidade.

Agora, que escrevo isto com tantos anos de distância, compreendo como ser jovem é difícil. Como tanto daquilo que pensamos, e sobretudo do que fazemos, acaba por funcionar contra nós. A fragilidade exposta das nossas *certezas*. Por exemplo: eu tinha a certeza de que ter sido aceite na New York University e ter recebido uma carta pessoal de Gary List a acolher-me na turma do Outono de 1997 era um acontecimento incrível, que faria de mim, finalmente, o escritor que sempre ambicionara ser. O que eu não podia saber era que, ao mudar-me para os Estados Unidos, reencontraria a rapariga que marcara a minha adolescência e acabaria envolvido no caso mais mediático dessa altura, que me assombraria durante décadas. Se o soubesse, talvez tivesse ficado quietinho e calado no meu emprego de subalterno no

jornal, moderando razoavelmente as minhas ambições e as minhas certezas.

Mas é preciso recuar ao Verão de 1987 para que esta história faça sentido. Recuemos: as coisas aconteceram mais ou menos assim.

PRIMEIRA PARTE
(1987-1998)

Ascensão e declínio dos Walsh

Verão de 1987

Lagoeiro, Portugal

Eu tinha treze anos quando vi Laura Walsh pela primeira vez. Estava deitada de costas na Praia dos Carneirinhos, em cima de uma toalha às riscas brancas e cor-de-rosa, e acabara de tirar a parte de cima do biquíni, escondendo os seios com os cotovelos. A praia não tinha esse nome; só a minha família lhe chamava assim desde o dia em que a minha irmã, ainda criança, anunciou aos meus pais que queria ir à *Praia dos carneirinhos*, por causa das ondas que, naquela enseada, tendiam a encaracolar em espuma branca antes de chegarem à margem.

Toda a gente na vila do Lagoeiro falava deles, dos americanos que tinham alugado, durante dois meses, a casa mais bonita daquela povoação. Entre Outubro e Junho, o Lagoeiro era um lugar habitado por fantasmas; durante os meses de Verão, transformava-se no paraíso dos veraneantes, graças ao calor e às praias de areia branca, águas turquesa e rochas em escarpa. Os Walsh não eram apenas americanos — tão americanos como John McEnroe ou Michael J. Fox. Dizia-se que eram uma família de renome, oriunda de Nova Iorque, proprietários de negócios de sucesso, e, nesse ano, a sua chegada provocou, nas gentes locais — pescadores e donos de minimercados e frutarias, mais a meia centena de habitantes que trabalhava nas casas dos veraneantes

(jardineiros, tratadores de piscinas, paus-para-toda-a-obra) —, uma comoção particular.

Quanto a mim, descobrira recentemente a masturbação e passava longos períodos do dia fechado na casa de banho. Ou então na praia, de barriga para baixo, com o sexo erecto escondido na areia, enquanto a minha mãe, o meu pai, a minha avó e a minha irmã se banhavam ou comiam maçãs. Nesses tempos, os estrangeiros em Portugal faziam o movimento inverso ao das aves migratórias: apareciam durante o Verão e, a seguir, desapareciam de regresso aos seus países mais frios. Vinham do Reino Unido, da Alemanha, de França, do Brasil. Também os víamos na televisão, nos domingos de Fórmula Um (Senna, Mansell, Prost), e, sobretudo, nos jogos de ténis, que eu e o meu pai seguíamos com entusiasmo, embora com menos do que em anos anteriores, quando as épicas disputas entre McEnroe e Borg provocavam a admiração do mundo inteiro.

Lembro-me de que, no ano em que conheci Laura e Levi, Ivan Lendl ganhou o Open dos Estados Unidos (julgo que ficou em segundo no torneio de Wimbledon, batido por um pouco inspirador e rapidamente esquecido Pat Cash). No *court* que ficava a duzentos metros da nossa casa de férias, eu e o meu pai praticávamos, dia sim, dia não, os nossos *volleys* e *backhands*. Quando não estava a jogar ténis ou a ler os livros de Conan Doyle, estava a masturbar-me, recorrendo a fantasias com as minhas colegas de escola. A casa era suficientemente grande para isso. De um lado, a cozinha, o alpendre, a velha figueira que amadurecia ao sol abrasador do Algarve; do outro, a garagem, o escritório, as escadas que davam acesso aos quartos. Era uma casa bonita, construída sobre um terreno baldio que passara décadas esquecido, certamente uma das

mais bonitas daquela zona tranquila do Lagoeiro, com vista para o mar.

A casa dos Walsh, contudo, era de outro nível. Tinha oito quartos, três chaminés, uma piscina com o dobro do tamanho da nossa, um portão de acesso com controlo remoto, duas enormes palmeiras e um par de mastins que, segundo diziam os habitantes mais esclarecidos, tinham vindo para Portugal numa jaula especialmente construída para albergar os cães.

Não demorei muito tempo a desenvolver um fascínio por Laura Walsh. Não se tratava apenas da maneira como ela se apresentava na praia — a audácia de tirar a parte de cima do biquíni, enterrando os seios na toalha que eu imaginava cheirar a protector solar; era o seu ar de distante indiferença que me atraía, os seus olhos muito claros que pareciam, por vezes, soçobrar com a luminosidade do Verão. Nós, a família Taborda, ficávamos sempre junto das rochas, porque o meu pai gostava que, a partir das duas da tarde, tivéssemos sombra sem necessidade de chapéu de sol. Embora a praia fosse minúscula, e acessível apenas de barco ou através de uma íngreme encosta feita de arbustos secos, calhaus soltos e terra cor de laranja (onde cada um de nós escorregara e caíra pelo menos uma vez), frequentávamos a Praia dos Carneirinhos há tantos anos que todas as outras famílias sabiam que aquele era o nosso lugar.

Nesse Verão, quando chegámos à praia pela primeira vez, os americanos tinham-se instalado no sítio estratégico do meu pai, que resmungou alguma coisa entredentes, espetando depois o guarda-sol, com fúria, na areia quentíssima do centro da praia, decidido a martirizar-nos. «Chegam aqui e é isto», murmurou. «Quem é que acham que são?», «Mania das grandezas», e por aí fora. A minha avó passou o dia debaixo

do chapéu de sol, a descascar peras para toda a gente, e a minha tia-avó — que era uma senhora gorducha e extremamente ansiosa — ocupou as suas horas de praia preocupada com a saúde da minha irmã, que sofria de asma. Para a tia Lucília, a Júlia estava constantemente às portas da morte. Cada espirro era uma tragédia, cada arfar (depois de ter passado uma hora dentro de água), uma indicação clara de que era necessária uma intervenção médica urgente.

«Vai para o sol», dizia-me a minha avó, «estás da cor das osgas.»

A razão pela qual eu não ia *para o sol* não era porque o sol me desagradasse, mas porque, se mantivesse a cabeça à sombra, conseguia ver melhor o corpo de Laura. Nessa altura, ainda não sabia o nome dela — era, simplesmente, a *filha dos americanos*. A irmã, Levi, tinha apenas seis anos e tentava copiar Laura em tudo. Deitava-se da mesma maneira na sua pequena toalha com bonecos da Disney, agitava as ancas com naturalidade fingida quando iam ao banho juntas, prendia o cabelo num carrapito com a mesma tenacidade. Laura era alta, muito mais alta do que a maioria das raparigas portuguesas e, com aquela idade, já tinha os seios bastante desenvolvidos, de mamilos pontiagudos sempre que saía da água; pernas longas, nádegas firmes. Uma vez, à noite, deitado no quarto enquanto a minha irmã Júlia dormia na cama ao lado da minha, tentei masturbar-me a pensar em Laura. Descobri que não conseguia; que o que ela despertava em mim não era tesão (ou assim julgava), mas um sentimento mais doloroso, relacionado com paixão, com ausência. Adormeci de coração quente, pensando que, afinal, encontrara aquilo de que toda a gente falava, que descobrira o amor.

No dia seguinte, fui jogar ténis com o meu pai de manhã. Apesar de eu ser um adolescente relativamente alto, ele não o era assim tanto; media pouco mais de um metro e setenta e, portanto, os meus serviços rápidos davam cabo do seu jogo, enquanto as esquerdas dele davam cabo do meu. Portanto, ali andávamos, taco a taco, à torreira do sol, a esfolar joelhos e a contrair tendinites. Eu começara a usar uma fita na cabeça, como o Lendl, ao passo que o meu pai ganhara aquele movimento pendular das ancas, as costas dobradas para a frente, parecido com o do McEnroe, mais a expressão irritada por tantas vezes falhar na resposta aos meus serviços. No final de cada jogo, sentávamo-nos, suados, de coração aos pulos dentro dos pólos *Lacoste*, no banco lateral do *court*. O meu pai arfava.

Nessa tarde, eu trouxera um lanche — duas coca-colas, uma sanduíche preparada pela avó e um pacote de batatas fritas — e partilhei-o com o meu pai. Ele tirou da sacola a sua máquina de filmar acabada de comprar, uma *Sony Handycam*, e, ligando-a, apontou-a para mim.

«Ténis, batatas fritas e miúdas bonitas», disse ele. «Isso é que é vida, hã?»

Não percebi bem o que quis dizer com aquilo e respondi uma parvoíce qualquer. Fez-me uma entrevista inteira, os dois ali sentados, a *Sony* apontada ao meu rosto, a sentir-se um grande realizador e eu a sentir-me envergonhado de pensar que talvez ele, ou a minha mãe, se tivessem apercebido da minha atracção por Laura.

Porque não era apenas na praia que eu a espiava. Se me colocasse na extremidade da açoteia da nossa casa branca, encostado ao muro aquecido pelo sol, conseguia ver uma

nesga da piscina dos Walsh. Ainda que o resto permanecesse oculto pela folhagem das duas grandes palmeiras, por vezes, via Laura ou a irmã a nadar na piscina. Levi ainda usava bóias e tinha o cabelo muito claro, quase branco; ao contrário de Laura, que era magrinha, Levi possuía um corpo mais rechonchudo, o rosto mais redondo, coberto de sardas.

Uma tarde, demorei-me mais tempo na açoteia, o meu tronco nu encostado ao calor da pedra, enquanto Laura ouvia música sentada à beira da piscina. Tinha um leitor de cassetes com *headphones* (a prenda que eu pedira aos meus pais para o meu aniversário no final de Agosto) e, de vez em quando, abanava ligeiramente a cabeça enquanto lia um livro. Eu estava demasiado distante para perceber que livro era ou que canção ouviria ela (imaginei que era *Your Latest Trick*, dos Dire Straits, a minha banda favorita, com o seu excesso de guitarras e saxofones) e apanhei um susto de morte quando Niki — que o meu pai nomeara em homenagem a Niki Lauda, o seu piloto favorito — veio lambe-me as costas.

«Sai daqui», ralhei à pequena cadela.

Niki ficou parada, de língua de fora. Era uma *beagle* que nunca crescera, parecia um cão feito de espuma. Arfava à velocidade do meu coração. Reparei que, dentro dos calções de banho, tinha uma erecção plenamente formada. Dei graças por não ter sido a minha mãe a subir ao terraço. Olhei outra vez para a piscina dos Walsh e vi o pai de Laura aproximar-se dela. Sentou-se também na beira da piscina e abraçou a filha num gesto que me pareceu exagerado: o meu pai nunca abraçara a minha irmã daquela maneira, passando-lhe o braço pela cintura.

Estávamos na terceira semana de férias quando aconteceu aquilo que eu mais temia e mais desejava. Nessa manhã, eu e o meu pai fomos jogar ténis mais cedo do que o habitual e, quando regressámos a casa, encontrámos um recado da minha mãe, anunciando que tinham seguido para a praia. Metemo-nos no carro do meu pai (éramos uma família com dois carros, coisa rara em Portugal nesses tempos) e, com a rapidez que a presença das avós não permitia, descemos a encosta que conduzia à enseada e ao pequeno areal onde passávamos grande parte do Verão. Ainda descíamos as rochas quando reparei que Júlia se encontrava afastada do chapéu de sol da nossa família e, no meio da areia escaldante, conversava com a filha mais velha dos Walsh. As duas riam, sentadas nas respectivas toalhas, e brincavam com a areia, pegando-lhe com as mãos fechadas em punho e deixando-a escorregar por entre os dedos. O meu pai deve ter reparado no mesmo, porque disse:

«Agora vamos ter de cumprimentar aquela gente toda», e terminou com um «foda-se» sibilante.

A minha avó e a minha tia-avó não falavam inglês e, portanto, limitaram-se a sorrir quando o meu pai, contrariado, foi apresentar-se ao Sr. Walsh, acompanhado da minha mãe. Era o mínimo a fazer, agora que as filhas já tinham encetado um diálogo. Nessa manhã, a minúscula praia pertencia somente às duas famílias e, embora eu quisesse esconder-me num buraco, acabei por ter de participar nos cumprimentos da praxe.

«Este é o Pedro», disse o meu pai, como se tivesse um orgulho inextinguível em mim. «Grande tenista.»

Eu ainda estava de *T-shirt*; dos meus calções vermelhos emergiam dois canudos que passavam por pernas. O Sr. Walsh, que era altíssimo, de costas largas, o cabelo grisalho todo penteado para trás, olhou-me de cima a baixo — Laura herdara os olhos brilhantes e claríssimos do pai — e pôs-me uma mão possante no ombro.

«*So nice to meet you*», disse ele.

«*Thank you*», respondi.

«És um bocadinho parecido com o John Cusack, já te disseram isso?», prosseguiu ele, em inglês.

A mão do homem tinha um toque quente e reconfortante, muito diferente da mão pequena e nervosa do meu pai. Ao pé dele, o meu progenitor parecia uma espécie de anão grande, de pele muito mais escura e bigode. Eu tentei sorrir, mas fiquei tão envergonhado que tornei a responder «obrigado» em inglês, enquanto abraçava o meu tronco magrinho e desviava o olhar do verde-azulado dos olhos de Noah. A mulher dele, Leah, também se levantou para nos cumprimentar. Seguiu-se uma conversa enfadonha com a minha mãe. Ainda ouvi o meu pai falar de ténis com Noah antes de me separar daquele grupo e, fingindo que Júlia e Laura não estavam ali mesmo, sentadas na areia, regressei para junto das minhas avós — que descascavam peras e maçãs —, quando ouvi pela primeira vez a voz de Laura:

«Não tens calor?»

Olhei para ela, cheio de vergonha, e corei. Lembrei-me de Niki a lambem-me as costas enquanto eu a espiava do alto da açoteia. Despi a *T-shirt*, demasiado consciente do meu tronco magrinho de adolescente, ainda em desenvolvimento, e fui sentar-me ao lado delas. Ia dar dois beijos à rapariga

americana, mas Laura estendeu-me a mão, mantendo a distância. Tinha o braço comprido, os dedos de longas falanges, e era ainda mais bonita do que parecia à distância. O rosto, ligeiramente queimado pelo sol, tinha um tom quase dourado, que acentuava a claridade dos olhos, praticamente translúcidos; o cabelo muito claro, engrossado pelo sal e pelo vento, emprestava-lhe um aspecto transgressor, quase rebelde.

«Aquela é a minha irmã Levi», disse ela, apontando para o lugar à beira-mar onde a irmã construía um castelo de areia. O mar, frio e azul-claro, reflectia o brilho de um sol abrasador. Reparei que os ombros de Laura estavam também bronzeados; que os seus seios eram consideravelmente maiores do que me tinham parecido, bastante mais desenvolvidos do que os de Júlia.

A minha irmã estava deitada de bruços, com as mãos debaixo do queixo, sorridente por ter descoberto uma nova amiga. Conversavam sobre a América. Júlia tinha uma enorme curiosidade por saber como era Nova Iorque, e Laura contava-lhe que não tinham vivido sempre na cidade, que os pais tinham uma casa de praia em Montauk e uma terceira casa de família em Chatlam, onde, muitas vezes, passavam fins-de-semana, longe de Manhattan.

«Uau, o teu pai deve ser rico!», sugeriu a minha irmã com os olhos a brilhar.

«O meu pai é muito rico», disse Levi.

A miúda assustou-me, porque subira muito depressa da beira-mar, carregando um pequeno balde azul, cheio de areia, na mão direita.

«O meu pai é *limionário*», insistiu.

«A sério?», perguntei eu, sem saber o que dizer.

Levi fitou-me com uma expressão sisuda, como se eu fosse muito estúpido. Com a mão direita, alisava a areia molhada no balde.

«Quem és tu?», perguntou-me.

«Sou o Pedro», disse eu, e estendi-lhe a mão. Ela não reagiu.

«Isso não é um nome», disse Levi, e olhou para a irmã, que se riu.

«É um nome em Portugal», respondi.

«O que é Portugal?»

«É o país onde estás», disse Júlia.

«Se o meu pai quiser, pode comprar o teu país», afirmou ela, peremptória, observando-me com suspeita. «E depois vai-te matar.»

Com isto, deu meia-volta, regressando para onde o castelo de areia se erguia.

«Não lhe liguem», disse Laura. «Ela é demasiado pequena para saber o que diz. E só diz parvoíces. A minha mãe acha que ela sofre de PHDA.»

«O que é isso?», perguntei, ingenuamente.

Foi a primeira vez que senti o olhar dilacerante de Laura sobre mim. Eram aqueles olhos a que eu ainda não me habituara, aquela maneira que ela tinha de perscrutar o seu interlocutor antes de lhe responder.

«Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção», disse Laura. «Aqui, vocês não têm isso? Na minha escola há

imensos miúdos com os mesmos sintomas. Não conseguem prestar atenção a nada por mais de alguns segundos, estão sempre distraídos.»

«Oh, o meu irmão é assim», disse Júlia, rindo-se.

Dei-lhe um pontapé. Laura observava-me.

«Finalmente, estás a ficar bronzeado», disse Laura. «Já estava preocupada contigo, parecia que era impossível mudares de cor.»

O comentário envergonhou-me e, ao mesmo tempo, deixou-me terrivelmente excitado. Laura reparava em mim, vinha reparando em mim durante aquelas longas tardes de praia em que ainda não havíamos sido apresentados.

«É verdade que o teu pai é milionário?», perguntou Júlia.

Laura olhou para trás, para onde Noah ainda conversava com o meu pai. A minha mãe e Leah tinham-se sentado na areia, numa só toalha, e riam-se de uma coisa qualquer que Leah dissera. Eu sabia que a minha mãe não falava bem inglês, por isso, grande parte do diálogo devia ser feito com gestos e palavras subentendidas.

«É dono de um hotel», respondeu Laura, que estava sentada sobre as pernas fininhas, dobradas para o lado esquerdo. Pegou numa mão-cheia de areia e, formando um punho, deixou-a cair lentamente, como numa ampulheta. «E de umas quantas revistas. E de uns restaurantes em Manhattan.»

«Onde é que fica Manhattan?», perguntou Júlia.

«Manhattan é Nova Iorque, burra», avancei eu, em português. Júlia lançou-me à cara uma mão-cheia de areia, que

ficou irritantemente colada aos meus lábios grossos. Cuspi a areia, passando as costas da mão pela boca.

«Nova Iorque não é só Manhattan», disse Laura, que, aparentemente, nos compreendera. «Há cinco bairros principais, e depois ainda há o condado e o Estado de Nova Iorque.»

«E vocês vivem em Manhattan?», perguntou Júlia.

«Os meus pais e a minha irmã», explicou Laura. «Eu vivo em Troy, que fica a duas horas da cidade.»

Eu e Júlia trocámos um olhar de assombro. Uma rapariga de catorze anos que vivia sozinha, a duas horas de distância dos pais? Seria um hábito americano sair de casa tão cedo?

«Calma, não é isso que estão a pensar.» Laura riu-se, com os seus dentes muito brancos, os incisivos algo sobrepostos. «Eu estudo na Grace Willard, uma escola só de raparigas. Durante o ano lectivo, vivo na escola, e vou a casa nas férias.»

«Continua a ser muito estranho para nós», disse Júlia.

«Sim», acrescentei. «O nosso liceu fica a dez minutos de casa.»

«Se formos a correr.»

«Bom, a América é um país muito grande», justificou Laura. «Quando os miúdos acabam o ensino secundário e vão para a faculdade, afastam-se centenas ou milhares de quilómetros de casa.»

«Para onde é que tu vais?», perguntei. «Depois do ensino secundário.»

«Vou para a Califórnia», disse ela enquanto a areia se esvaía do seu punho. «É onde estão as pessoas fixas. E o clima

é bestial, está assim o ano inteiro, como aqui. Sol, praia e estrelas de cinema.»

«O Bruce Willis vive na Califórnia?», perguntou Júlia.

«Conheces o Bruce Willis?», perguntou Laura, incrédula.
«É o meu actor favorito.»

«Eu e o Pedro vimos todos os episódios de *Modelo e Detective*. Ele tem um fraquinho pela Cybill Shepherd.»

«Isso é mentira!», ripostei.

«Uma vez, apanhei-o de cara encostada ao ecrã, com o vídeo em pausa, a fingir que a beijava.»

Laura começou a rir-se. Eu tive vontade de matar a minha irmã, de a estrangular ali mesmo e afundar-lhe a cabeça na areia. Mas, nesse momento, a minha tia-avó apareceu com um prato de peras e maçãs descascadas, cortadas aos pedaços, e a minha furiosa vergonha foi rapidamente esquecida.

«Olha o sol, Júlia», advertiu Lucília. «Não te esqueças do que o médico disse.»

Comemos fruta e falámos de séries de televisão americanas. Laura ficou muito espantada por conhecermos *Dallas* e *Alf*; aqueles eram os anos em que a cultura americana tomava conta da televisão e do cinema na Europa, e os próprios americanos deviam ter dificuldade em acreditar que preferíamos ver uma novela sobre donos de gado e magnatas de petróleo no Texas do que histórias dos nossos próprios países.

A certa altura, ouvimos um grito. Olhámos para a margem, a cinquenta metros de distância, onde Levi fazia uma birra gigantesca porque a nossa cadela lhe tinha destruído o castelo

de areia. Leah apressou-se a ir buscar a miúda — que gritava a plenos pulmões, inconsolável — e foi depositá-la nos braços do pai. Noah era, de facto, um homem enorme; a miúda parecia um bonequinho na amplitude do seu peito. O meu pai, de recursos físicos bem mais modestos, perdeu alguns minutos a perseguir Niki pela praia com o intuito de a castigar e, a seguir, a arfar por causa do sol e da corrida, desistiu de a tentar apanhar. Nos braços de Noah, Levi sossegou imediatamente, enterrando o rosto envergonhado no peito dele, que a consolava com leves pancadinhas nas costas.

«O teu pai é muito bonito», disse a minha irmã.

Laura olhou-me e perguntou:

«Ele disse-te que eras parecido com o Johnny Depp?»

«Não. Disse que eu era parecido com o John Cusack.»

Laura estalou os dedos e riu-se.

«Falhei por pouco. Ele faz isso a todos os miúdos que conhece, diz o nome de um actor qualquer famoso, da nova geração.»

«Porque é que ele faz isso?», perguntei.

«Sei lá, ele é mesmo assim», respondeu ela.

Noah tranquilizava Levi, que agora, muito mais calma, sorria para o progenitor.

«Mesmo que seja mentira», disse Júlia. «O meu irmão não se parece nada com o John Cusack.»

«Então com quem é que se parece?», perguntou Laura.

«Com o Alf», respondeu.

As duas começaram a rir. A verdade é que eu tinha um nariz grande (embora não excessivamente); com a idade, acabou por se moldar ao formato do meu rosto e tornou-se quase normal. Mas, naquele Verão, aos treze anos, com o sol a bater-me em cheio na cara vermelha, senti que, de facto, era parecido com o Alf, a criatura do outro mundo, e apeteceu-me novamente estrangular a minha irmã, castigando-a pelo segundo vexame da tarde.

Foi então que Laura disse:

«Não te preocupes, Pedro» — pronunciou-o *Paedroh* —, «eu acho que o Alf é a coisa mais querida de sempre.»

E, sem eu saber como nem porquê, os dedos do pé direito dela roçavam ligeiramente o meu joelho pousado na toalha às riscas, sob o calor infernal daquela tarde de Agosto, e o meu coração batia com imensa força.

De repente, o Verão pareceu encher-se de promessas. Eu jogava ténis cada vez melhor, começando a superar o meu pai até no jogo de campo, e as nossas famílias encetaram uma amizade cheia de sorrisos e momentos divertidos. A Niki tinha medo dos mastins de Noah — os cães deles nunca iam à praia com os donos, que se escusavam a levar os portentosos animais para não perturbarem os outros veraneantes —, mas até isso era engraçado: ver como ela se aproximava tantas vezes do portão dos Walsh e, assim que os mastins começavam a ladrar, desatava a correr de regresso a casa. Embora já tivéssemos encetado uma amizade, eu persistia em observar Laura do meu posto de comando na açoteia morna, sobretudo ao final da tarde, quando todos regressávamos da Praia dos Carneirinhos e eu sabia que ela e a irmã iam mergulhar na piscina para tirarem a areia e o sal do corpo.

E essa teria sido a memória mais sensual que eu guardaria daquele Verão (a possibilidade de olhar, sem censura, as formas desejáveis da adolescente americana), se mais nada tivesse acontecido.

Em relação aos nossos pais, criaram uma espécie de amizade baseada em gargalhadas e diferenças culturais. Uma tarde, convidámos Noah para jogar ténis connosco, e o americano, por sua vez, convidou Clarke, o inglês que vivia duas casas abaixo da moradia dos Walsh. Clarke era um britânico muito tradicional, de faces rosadas e uma barriga de cerveja, que vivia com a mulher, Trudy, no Algarve durante metade do ano. Para meu enorme espanto, descobri que eu e o meu pai éramos muito melhores no ténis do que Noah e Clarke: fiz par com ele e, das cinco às sete da tarde, fomos vencendo partida atrás de partida. Éramos mais rápidos e mais leves; a raquete, nas mãos de Noah, parecia uma raquete de pingue-pongue, e Clarke era verdadeiramente desajeitado. Quando, após um serviço do meu pai, o inglês falhou uma direita que deveria ter sido simples, foi a primeira vez que vi Noah perder as estribeiras.

«Bolas, Clarke!», gritou ele, no seu vozeirão. «Até uma criança de cinco anos teria chegado àquela bola!»

Ficou vermelho de raiva e ordenou a Clarke que trocassem de lado no campo. O inglês, que devia ter quase sessenta anos e suava como se estivesse prestes a morrer, obedeceu sem dizer uma palavra. Eu troquei um olhar preocupado com o meu pai — de repente, parecia que o gémeo de McEnroe tinha entrado no campo —, mas, passados alguns minutos, Noah acalmou-se e regressou ao seu temperamento tranquilo, moderado e sorridente.

«Tens um valente serviço», disse-me o americano, no final, apertando a minha mão magrinha na sua enorme manápula.

«*Thank you*», tornei a dizer.

«As minhas filhas gostam de vocês», disse ele. «De ti e da tua irmã.»

Estávamos sentados no banco lateral do *court* enquanto o meu pai e Clarke apanhavam as bolas espalhadas pelo relvado sintético.

«Eu também gosto dela», respondi, cometendo um lapso. «Aliás, delas», emendei. «Da Laura e da Levi.»

Noah sorriu e respirou fundo. O suor escorria-lhe do cabelo grisalho; tinha o rosto de um marinheiro acabado de embarcar no *Pequod*, a pele tisonada, um brilho intenso no olhar.

«Sabes o que é que a minha mulher me disse quando nos conhecemos, Pedro?»

«Não, senhor.»

«Disse que não queria que eu a beijasse, para não estragar uma bela amizade.»

Eu não sabia por que razão ele me contava aquilo, mas escutei-o com uma atenção nervosa, como se o homem fosse capaz de me ler por dentro, saber aquilo em que eu pensava antes de eu próprio o ter pensado.

«E eu beijei-a. Passados vinte anos, ainda estamos juntos.»

Bateu-me na perna com a mão e disse:

«Bom jogo, miúdo.»

Dois dias depois, foi a vez de Noah nos convidar para um jogo de golfe. Assim que o convite chegou, o meu pai meteu-

me no carro e fomos à cidade mais próxima comprar um conjunto de tacos. Eram caríssimos, e o meu pai fez um esgar de tormento ao pagá-los, mas disse-me que não podíamos aparecer sem os tacos e que era até conveniente fingirmos que os tínhamos desde sempre, que o golfe era um hábito da família.

«Porquê?», perguntei. «Já lhes ganhámos ao ténis.»

«Tu não percebes, mas o ténis, na América, é um jogo recreativo», respondeu enquanto contornávamos uma rotunda no *Renault* que guinchava a cada guinada do volante. «O golfe, pelo contrário, é um desporto de trabalho. Se o Noah nos convidou para jogar, é porque quer falar de negócios.»

«Mas quais negócios?», perguntei, confuso.

No fundo, eu entendia o meu pai. Tinha visto quanto ele trabalhara para que a nossa família tivesse uma vida decente, uma vida acima da média. Era dono de uma empresa de ar condicionado e, secretamente, alimentara a esperança de que o magnata Walsh tivesse uma proposta mirabolante para ele; que desejasse investir na empresa ou, no mínimo, nos quisesse convidar a visitá-los em Nova Iorque, quem sabe passar umas férias em Montauk (que o meu pai pronunciou *Montáque*). Mas o jogo de golfe acabou por ser a demonstração clara de que, no que respeitava àquele «desporto de trabalho», a nossa modesta família encontrava-se a anos-luz de distância da sofisticação dos americanos.

Laura, Levi e eu servimos de *caddies* ao meu pai, a Noah e a Clarke. Noah apareceu no campo com um equipamento incrivelmente sofisticado: pólo, calções e sapatos de golfe da *Nike* e uma luva na mão esquerda, como se estivesse pronto para o Torneio de Masters; Clarke, embora sem luva, também

parecia saber o que fazia no que dizia respeito à vestimenta e encarregou Laura de transportar o seu pesado saco de tacos. Eu fiquei com o saco de Noah, e o meu pai — que só tinha três tacos — ia entregando aqueles que não usava a Levi, mas a miúda esquecia-se constantemente do saco e, a cada buraco, o meu pai tinha de o ir buscar mais atrás.

A primeira tacada do meu pai foi gloriosa. Fez o movimento de *swing* tal e qual o havia ensaiado estoicamente nos dias anteriores e, quando a cabeça do taco varreu a relva, levou a mão à testa, em prancha, para fitar o céu azul, vazio e inerte.

«Acho que a bola foi um bocado para a esquerda», comentou.

«A bola não saiu do sítio», disse-lhe Clarke, apontando para o chão.

Foi o princípio de uma tarde embaraçosa. O meu pai não acertava na bola e, quando conseguia acertar-lhe, ela ia invariavelmente parar às copas das árvores ou ao lago. Guardo a imagem dele, de calças mergulhadas num charco, a tentar encontrar uma bola perdida enquanto, no magnífico relvado da Quinta dos Pateiros, Noah e Clarke discutiam a melhor posição para as suas tacadas. Foi uma humilhação completa e, pela primeira vez, senti-me verdadeiramente solidário com o meu pai e comecei a detestar o sorriso condescendente de Walsh — cujas tacadas eram perfeitas, tanto em força como em movimento, a bola descolando da relva à velocidade de um cometa — sempre que tínhamos de esperar por mais uma tentativa fracassada ou procurar uma bola perdida.

A minha irmã Júlia também tinha vindo e, como de costume, raptara a atenção de Laura. As duas conversavam

enquanto o jogo ia avançando pela paisagem verdejante. Falavam de rapazes e da escola, das bandas de música de que gostavam, de filmes e de roupa, do futuro brilhante que duas raparigas adolescentes tinham pela frente naquela idade de ouro, plena de abundância e de esperança. A minha irmã era mais baixa do que Laura, mas igualmente bonita (morena, olhos escuros), e atraía a atenção dos rapazes. Eu reparava na maneira dissimulada, embora lúbrica, como Clarke lhe prestava atenção sempre que Júlia se movia pelo campo, as nádegas a agitarem-se dentro dos calções brancos, os seios desprotegidos. *Velho porco*, pensei, e imaginei-o a masturbar-se a pensar na minha irmã.

A certa altura, o meu pai atirou uma bola para um arvoredor denso e fimos — quatro pessoas — à procura dela. Enquanto eu praticamente rastejava pelo chão coberto de folhas de árvores, cruzei-me com Laura. Ela estava de quatro, o rabo espetado, a espreitar junto às raízes de uma árvore.

«Não encontro nada, John Cusack», disse ela.

«Eu também não.»

Laura levantou-se e sorriu, limpando as mãos uma na outra.

«Diz-me uma coisa», perguntou num tom doce. «Como é que eu sou à distância?»

Fiquei tão atrapalhado que gaguejei alguma coisa imperceptível. Repeti:

«À distância?»

Fingi que olhava interessadamente para o chão, à procura da bola de golfe perdida.

«Mera curiosidade», disse ela. «Sabes como é que tu és à distância?»

«Não», respondi, procurando esconder o rubor no meu rosto, grato por estarmos à sombra das árvores.

«És parecido com o Alf, só que ainda mais querido.»

Debruçou-se sobre mim, que estava meio agachado a fingir que remexia as folhas que cobriam a relva, e enfiou os dedos no meu cabelo.

«Com esse cabelo todo.»

A tarde prosseguiu cálida, monótona. Os erros disparatados do meu pai deixaram de ter graça e passaram a ser simplesmente um embaraço. Noah aperfeiçoava as tacadas a cada buraco, utilizando, com grande charme, o *putt* nas zonas planas; e Clarke, embora distante do talento do americano, ia conseguindo acompanhar. Julgo que o meu pai desistiu ao nono buraco. O trabalho de recuperar as bolas perdidas era tanto — e o tempo e os golpes castigadores do taco na areia, na relva, nas folhas, na água —, que ela acabou por entregar os pontos e juntar-se a nós, os *caddies*, arrastando os seus três tacos pelo relvado, de cabeça baixa, resmungando para dentro.

«Não desanimes», disse Noah ao meu pai depois de enfiar a bola no décimo-oitavo buraco. Pôs-lhe a mão no ombro e, baixando um pouco a cabeça para o encarar (a diferença de alturas era enorme), afirmou: «O golfe é um desporto de paciência. O fundamental é nunca, mas nunca, perdermos a compostura.» Eram palavras dúbias, ao mesmo tempo simpáticas e humilhantes.

Nessa noite, ao jantar, enquanto eu e Júlia praticamente adormecíamos à mesa por causa do longo dia no campo de

golfe, o meu pai não conseguia parar de falar do assunto.

«Vou ter aulas, Magda», dizia ele à minha mãe enquanto fumava um cigarro. «Como é que se chama aquele clube de golfe ao pé de Lisboa? Como é que se chama?»

«Não faço ideia», respondeu a minha mãe. «Acho que o mais próximo fica no Estoril, ou em Oeiras.»

«Agora já tenho os tacos», insistiu ele.

«Só te falta o jeito», disse a minha avó.

«E o *carcanhol*», disse Lucília enquanto levantava os pratos com as nossas refeições meio comidas.

Era uma noite de Verão absurdamente quente e estávamos a ser devorados por mosquitos no alpendre. Ensonado, fui para dentro de casa. Subi as escadas que conduziam ao segundo andar e, antes de ir para a cama, passei pela açoteia. A piscina dos Walsh encontrava-se iluminada, o azul-fluorescente a brilhar no negrume da noite. Encostei-me ao muro de pedra e fiquei a olhar para as estrelas, os milhares de pontos brancos que decoravam o céu. Percebi que estava apaixonado. A sensação era maravilhosa e, ao mesmo tempo, metia-me medo.

Depois, ouvi um dos mastins ladrar e olhei para baixo. A pequena Levi perseguia o cão em volta da piscina. Às tantas, o animal decidiu atirar-se à água, e ela, completamente vestida, lançou-se à piscina atrás dele. Leah veio a correr de parte incerta e foi salvar a filha, enquanto o cão se debatia para conseguir manter-se à tona, agitando as patas da frente. Foi então que Noah surgiu e, na sua voz de trovão, começou a gritar com Levi. Esta, encharcada, era acolhida pelos braços da mãe. Eu não conseguia distinguir as palavras, mas o tom era severo, demasiado duro para uma criança de seis anos. A mãe

protegia-a da fúria do pai. Cedo todas estas personagens desapareceram de cena, deixando visível apenas o triângulo de piscina iluminado. Fui deitar-me com a secreta esperança de que, na casa ao lado, Laura também adormecesse a pensar em mim.

Na semana seguinte, a família Walsh decidiu oferecer um jantar à vizinhança. Uma tarde, Leah ajoelhou-se na areia, ao lado da minha mãe, que aceitou de bom grado o convite e nos transmitiu a novidade imediatamente. Preparámo-nos para o jantar em família, improvisando como podíamos, uma vez que nenhum de nós trouxera roupas minimamente formais para as férias e nunca tínhamos sido convidados para uma festa no Lagoeiro. Magda foi a mais queixosa e mudou de roupa três ou quatro vezes, indo, de cada uma delas, ao espelho da casa de banho e mostrando-se insatisfeita com o resultado.

«Que vergonha aparecer de calções em casa deles», dizia a minha mãe.

Eu achei que ela estava bonita e simples, com uma camisola branca aos ombros por cima de um pólo cor-de-rosa. Maquilhara-se e penteara cuidadosamente o cabelo, ao contrário de Júlia, que cultivava um visual muito mais desleixado, como se tivesse acabado de sair do banho ou da prisão: o cabelo molhado, as calças de ganga de cintura subida, a *T-shirt* esburacada. A avó foi a última a sair de casa, fechando o portão atrás de si; da entrada da garagem, Niki ladrava-nos em despedida. Em grupo, demasiado cheirosos e demasiado rígidos, com os nervos à flor da pele, percorremos os cinquenta metros que distavam entre as casas. Eu usava uma camisa de manga curta aos quadrados e, sem saber porquê, calças de veludo e uns sapatos horríveis com berloques. A minha mãe deixava-me fazer a minha própria

mala quando vínhamos de férias e eu não tinha a mínima noção de estilo. Ainda não caminhara vinte metros quando percebi que ia ter muito calor dentro daquelas calças. Mas, antes que pudesse queixar-me ou voltar atrás, já estávamos diante do grande portão. O meu pai avançou e tocou à campainha. Tínhamos chegado precisamente à hora combinada (oito e meia) e quem abriu foi Levi, acompanhada dos mastins. Eram um par de cães grandes e feios — um deles cinzento, o outro castanho-escuro — e protegiam a menina que, no meio deles, surgia de vestido branco, como uma fada de bandolete, da qual pendiam duas estrelas.

«É uma festa privada», anunciou ela.

Havia alguma coisa estranha em Levi, como se estivesse ausente da realidade. Ou *desta* realidade. Via-nos todos os dias na praia e, agora, talvez porque estávamos vestidos de maneira diferente — ou simplesmente vestidos —, era como se o seu pequeno cérebro tivesse apagado a nossa família da memória.

«Olá, Levi», disse a minha irmã, acenando-lhe.

A miúda sardenta pareceu reconhecer Júlia, mas não sorriu.

«Fomos convidados», insistiu Júlia, «deixas-nos entrar?»

«Tenho de perguntar ao Grande Líder», respondeu ela.

«Quem é o Grande Líder?»

«Sou eu.»

«Ah, então pergunta-lhe.»

Levi fechou os olhos e pareceu concentrar-se muito em qualquer coisa. Depois abriu os olhos, aparentemente satisfeita, e limitou-se a voltar-nos costas e a subir a correr a rampa da garagem, com os mastins aos saltos atrás dela. Leah

apareceu da porta lateral da enorme casa e, ao ver-nos a todos, fez um esgar de surpresa.

«Tão cedo», disse a mulher com um ar atrapalhado. Ainda não se tinha vestido. Usava um roupão branco e uma toalha enrolada na cabeça. O meu pai olhou para o relógio e perguntou baixinho à minha mãe se nos tínhamos enganado nas horas, ao que Magda respondeu, em surdina, que a mulher lhe tinha dito oito e meia. Foi Leah quem nos convidou a entrar, desaparecendo depois no interior da casa com uma expressão de desagrado, chamando por Laura. Esta veio à porta receber-nos. Trocámos um olhar envergonhado, mas cúmplice. Ela deve ter reparado que eu penteara o cabelo e vestira uma camisa, e eu reparei no vestido preto que ela usava e no colar com um pendente em forma de lua que trazia ao pescoço. Pusera sombra nos olhos, o que realçava o verde-azulado ou o azul-esverdeado (nunca soube dizer) dos seus olhos; estava muito bonita, e isso fez-me perceber, pela primeira vez, o que eram as tais borboletas no estômago de que as pessoas falavam.

Fomos conduzidos por um corredor longuíssimo, esparsamente iluminado, e depois desembocámos numa sala enorme, decorada como num filme: grandes sofás de cabedal; luzes que pendiam do tecto por fios; dois enormes vasos chineses ao lado de uma lareira por acender; um televisor de grandes dimensões e paredes de vidro altíssimas que davam para o jardim exterior, onde a piscina reluzia. Havia uma mesa comprida, cheia de canapés e garrafas de vinho, a ser preparada por dois empregados de fatos brancos e lacinhos pretos. Entre as duas enormes palmeiras do jardim estava pendurada uma rede onde devia ser agradável dormir em noites de muito calor e, ao lado da rede, um braseiro, onde um

terceiro homem, com um chapéu de cozinheiro, começava a preparar carnes para o jantar.

«Sentem-se», disse Laura. «Nós já voltamos.»

Num dos cantos do sofá, estava sentado um rapaz que nenhum de nós vira até então. Por um momento, julguei que os Walsh tinham um terceiro filho, que, por razões obscuras, nunca saía de casa.

«Ah, aquele é o Artie», acrescentou Laura antes de subir a escadaria que conduzia ao andar superior da casa. «É filho do sócio do meu pai, que chegou hoje dos Estados Unidos.»

Laura desapareceu e ficámos sozinhos naquela sala enorme, algo atrapalhados. A minha avó e a minha tia-avó sentaram-se juntas no centro de um dos grandes sofás e começaram a rir em surdina da exagerada opulência. O meu pai, fingindo-se entendido, foi acariciar os jarrões, murmurando alguma coisa absurda sobre o imperador Ming.

Eu e Júlia sentámo-nos ao lado de Artie. Era um miúdo de dez ou onze anos, muito magrinho, os olhos tristes como a noite, sem sobrancelhas (ou talvez as tivesse, mas o cabelo era tão ruivo e a sua penugem tão clara, que parecia não as ter). Eu disse-lhe *olá* em inglês e ele respondeu com um resmungo, num tom monocórdico. Ficámos todos em silêncio durante uns momentos, ouvindo passos e o som de vozes distantes vindos do andar de cima.

«Eu disse-te que era demasiado cedo, que os americanos dão pelo menos meia hora de tolerância», refilou o meu pai.

«Tu não percebes nada de americanos», respondeu a minha mãe. «Nem de vasos chineses.»

De repente, Levi entrou na sala, apressada, o que pareceu despertar a atenção do sonâmbulo Artie. O Grande Líder irrompeu pelo meio dos sofás com uma boneca de trapos na mão e desapareceu pela porta que dava acesso à piscina. Artie levantou-se e, como se pedisse desculpa com o seu olhar pesado, foi atrás dela. Não demorou muito até ouvirmos a porta da frente bater e o vozeirão de Noah ressoar pela casa. Ao ver-nos, cumprimentou-nos a todos efusivamente (deu-me um abraço tão apertado, que quase me esmagou) e perguntou por que raio não estávamos no jardim, a apreciar a noite quente, em vez de ficarmos ali sentados como se fizéssemos parte da mobília.

«Não me digam que a minha mulher os deixou aqui sozinhos!»

Dissemos todos que não, que estávamos ótimos, e fomos conduzidos por Noah para o exterior. Ao contrário de nós, o homem não estava bem vestido nem perfumado; usava o equipamento de golfe, os calções sujos e a camisola com manchas de suor e estava despenteado, a barba por fazer. Lá fora, no enorme jardim, os três empregados trabalhavam arduamente para que tudo ficasse impecável. Havia garrafas de champanhe e caviar em cima da mesa comprida paralela à piscina. Cheirava a carne a grelhar, a louro e pimentos, às madressilvas que ornamentavam o muro coberto de heras que separava a propriedade da estrada. Um homem muito alto — tão alto quanto Noah — encontrava-se parado junto à mesa das bebidas, de braços cruzados, com um cigarro pendurado no canto da boca. Vestia-se como um explorador colonial: camisa de manga curta bege, calças abauladas, botas castanhas. O empregado preparava-lhe um *cocktail*.

«Este é o meu sócio, Matthew Pinkus», disse Noah.
«Matthew, apresento-te a família *Tab-eur-da*.»

«Taborda», corrigiu o meu pai, em voz baixa, enquanto apertava a mão a outro americano com dois ou três palmos de vantagem sobre ele e pelo menos quinze ou vinte quilos a mais de peso.

«Mas que encanto!», disse Matthew, olhando para nós.
«Uma verdadeira família portuguesa.»

«O que é que ele disse?», perguntou a tia Lucília.

«Estes americanos são todos enormes, como os dinossauros», comentou a minha avó.

Meia hora mais tarde, começaram a chegar outros convidados. Aprendemos que a etiqueta, nos Estados Unidos, era chegar *fashionably late*, com trinta minutos ou uma hora de atraso; as únicas pessoas que chegavam a horas eram os empregados. Depressa o jardim dos Walsh ficou cheio de gente. Eu conhecia algumas pessoas de vista, vizinhos com os quais nos cruzávamos ao longo dos anos desde que os meus pais haviam decidido construir a casa naquele terreno abandonado. Quando fui buscar um prato de frango no churrasco, cruzei-me com um homem gordo e muito bronzeado, conhecido por «Maria» — o que causava imensa confusão aos americanos —, que, algo embriagado, me agarrou pelos ombros e me sacudiu.

«Ei, estás mesmo crescido!», gritou Maria, um ricaço de Portimão que ganhara uma fortuna com barcos de pesca e que eu conhecia desde os oito anos de idade. «Isto é que é um banquete, não achas? O que é que tens aí? Camarão? Frango? Tens de experimentar o caviar, puto. Não sabes o que perdes, é dos bons, de esturjão e tudo.»

«Achava que todo o caviar era de esturjão», respondi.

«Não sejas parvo. Há o de esturjão e o *beluga*. Este é de esturjão, não lhe vêes a cor?»

«Mas *beluga* é um tipo de esturjão», argumentei, exibindo o meu conhecimento enciclopédico e inútil.

Maria ignorou-me e deu-me uma cotovelada pouco discreta.

«Ei, olha para aquilo.»

Apontou na direcção da mesa das bebidas, onde Leah conversava com o explorador Matthew Pinkus.

«Já viste aquele mulherão? Só te digo, estes americanos são gajos com sorte. Cá não há mulheres como aquela.» Olhou-me fixamente, como se me avaliasse. «Espera lá. Tu já... ou não?» Fez o gesto de se masturbar com a mão direita, o que me deixou envergonhado.

«Esteja quieto», pedi-lhe.

«Tenho uma filha», anunciou ele. «Vive lá para os teus lados, no Cacém. Pronto, é um bocadinho mais velha do que tu, faz dezoito anos em Outubro. Quantos é que tu tens? Quinze ou dezasseis?»

«Sim», menti.

«Se quiseses, ponho-te em contacto com ela. É uma miúda porreira e sente-se um bocado perdida na cidade grande.» Piscou-me o olho com um ar indecente. «Tem um belo par de mamas, igual à mãe.» E começou a rir-se, mostrando uma dentadura desalinhada e o caviar meio mastigado dentro da boca.

Embora Maria fosse um brutamontes, não podia deixar de concordar com ele. Era evidente de onde vinha a beleza de Laura. Noah era um belo exemplar de americano, e Leah era uma mulher muito elegante, na qual eu nunca tinha reparado até essa noite, quando, depois de a termos visto à entrada, de roupão, surgiu na festa com um vestido azul muito justo, que lhe realçava as formas e fazia sobressair o cabelo comprido e louro, carregado de madeixas, os lábios grossos pintados de um vermelho-escuro. O pai Walsh, pelo contrário, nunca foi mudar de roupa e ficou com o equipamento de golfe a noite inteira. O que o entusiasmava era ajudar no grelhador, servir as bebidas, ir falando um bocadinho com todos os convidados. Estava constantemente a chamar por Laura, pedindo-lhe ajuda para isto e para aquilo — embora houvesse três empregados e um cozinheiro —, e os dois formavam um par que entretinha as pessoas e, ao mesmo tempo, se assegurava de que ninguém passava sem comer ou beber. Éramos uns trinta convidados na propriedade deles, mais os mastins que se iam passeando entre nós, apanhando, aqui e ali, pedaços de carne que um convidado ou outro deixava cair do prato, para delícia de ambos. Lembrei-me de Niki, sozinha na nossa casa bastante mais singela.

«Ei, marujo», chamou Laura. «Em que é que estás a pensar?»

«Estava a pensar que devia ter trazido a nossa cadela.»

«Péssima ideia.» Laura riu-se. «O Ben e o Bill devoravam-na num segundo.»

«Os cães chamam-se Ben e Bill?»

«Sim», respondeu. «É a homenagem do meu pai ao Benjamin Franklin e da minha mãe ao William Shakespeare.»

Laura, que não bebia nem comia, tinha as mãos unidas junto ao ventre e agitava-se ligeiramente de um lado para o outro. Para a festa, apanhara o cabelo no cimo da cabeça, em carrapito, o que lhe exibia o contorno do rosto bem definido, o queixo rectilíneo com uma minúscula covinha no centro — que Noah também tinha, bastante vincada —, tão diferente das criaturas da minha família: o meu pai era um indivíduo de queixo fraco, pouco saliente; só a minha irmã Júlia escapava a esta maldição, e eu mal podia esperar que a barba me aparecesse em força para poder esconder a deficiência do meu maxilar de Taborda.

«Por falar em Shakespeare, queres ir ver uma coisa?»

Laura levou-me pela mão e entrámos dentro de casa. Ela fechou a porta de vidro, abafando o som dos convivas. Fazia um calor insuportável na sala. Atravessámos o espaço na direcção das escadas. Subi cada um dos degraus na sua esteira, o perfume dela inebriando-me; ao chegarmos ao largo corredor do andar superior, percorremo-lo debaixo de luzes que alongavam as nossas sombras. Havia seis portas, uma delas aberta para o quarto de Noah e Leah, do qual vi apenas uma enorme janela recortada na escuridão pelo brilho da piscina. Laura levou-me até à última porta do lado esquerdo e abriu-a. Entrámos numa espécie de escritório, com estantes praticamente vazias de ambos os lados; no centro havia uma secretária na qual se encontrava pousada uma máquina de escrever, uma resma de folhas de um lado e um conjunto de folhas dactilografadas do outro. Uma janela de sacada dava para o jardim. A divisão era abafada, e Laura apressou-se a abrir a janela de par em par: consegui discernir, por entre as conversas dos vizinhos, o riso sardónico de Maria.

«É aqui que o meu pai trabalha», disse ela.

«O teu pai escreve?»

«Que estupidez», riu-se Laura. «O meu pai tem pessoas que escrevem por ele. A máquina pertence à minha mãe, mas quem a usa é a Levi.»

«A tua irmã sabe escrever à máquina?»

«Está a aprender. Acho que vai ser escritora, é o que mais gosta de fazer. Está sempre a pedir ao meu pai se pode vir para aqui e passa horas a martelar as teclas. Olha.»

Laura pegou nas folhas espalhadas do lado direito da máquina. Não era propriamente escrita, mas palavras perdidas na página, algumas delas com gritantes erros ortográficos, outras estranhamente perfeitas, apesar da sua complexidade.

Makaroni and chize

Today mother saide I am red

Need to see doctor eye

Uma das páginas tinha um título:

The Kiling of Mother Lamb

«Isto é um bocadinho sinistro», disse eu.

«É uma história que a Levi está a escrever com a minha ajuda», respondeu Laura, arrancando-me a página da mão. Com a festa a decorrer lá em baixo, encostámo-nos à balaustrada da pequena varanda, o calor da noite nos corpos, nem um sopro de vento para agitar as palmeiras. Ela leu: «‘Um dia, a mãe acordou e morreu, e ninguém *sabeu* porquê. O pai ficou com duas filhas, e uma delas não chorou.’»

Comecei a rir, e Laura também.

«Tens razão, é um bocado sinistro», concordou. «Mas queria mostrar-te outra coisa.»

Pousou a folha na mesa e foi buscar um livro de entre a meia dúzia que se encontravam numa das estantes. Foi a primeira vez que peguei num volume de Gary List: *The Betrayal of Mabeline C.*

«Não conheço», disse eu.

«Lês bem em inglês?»

«Acho que posso tentar.»

«É o meu livro favorito.»

«Porquê?»

«Lê primeiro, depois falamos do assunto.»

Fiquei a olhar para a capa, que tinha o nome do autor e as palavras impressas a branco sobre um fundo escuro que representava uma faixa de mar ou de horizonte; era difícil dizer, naquela penumbra. Uma cinta, roída pelo tempo, indicava a quinta edição do romance.

De repente, Laura pareceu ter uma ideia genial e foi abrir as gavetas da secretária. Enquanto o fazia, dobrando-se para a frente, pude ver-lhe, debaixo do vestido preto, os seios generosos, bem sustentados pelo *soutien*, e senti um frémito de excitação. Nunca tinha tocado nuns seios. Tentei fingir que não olhava, mas Laura parecia adivinhar quase sempre aquilo em que eu estava a pensar. Enquanto remexia os objectos na gaveta, devolveu-me um olhar sedutor.

«Encontrei», disse ela.

Tirou da gaveta um maço de cigarros fininhos.

«São da minha mãe. É o seu prazer secreto.»

Havia também um isqueiro dentro da gaveta, um *Zippo* antigo e ferrugento. Foram precisas três ou quatro tentativas antes de o isqueiro funcionar, largando um odor agradável a gasolina. Laura puxou umas passas do cigarro e, depois, ofereceu-mo.

«Nunca fumei», confessei.

«É bom», sugeriu ela. «Experimenta.»

Levei o cigarro aos lábios e puxei. Desprevenido, o fumo entrou-me directamente pela garganta e comecei a tossir. Laura tapou-me a boca com a mão e começou a rir-se baixinho, levando-me para dentro do escritório.

«Tu és incrível», disse ela.

Estávamos muito próximos, encostados à estante, e trocámos um olhar demorado. Apeteceu-me tanto beijá-la, mas, como nunca tinha beijado uma rapariga, não sabia como o fazer. Aproximei ainda mais o rosto do dela, e Laura percebeu de imediato as minhas intenções.

«Não vamos estragar uma bela amizade, pois não?», perguntou.

Tirou-me o cigarro dos dedos e deu uma passa prolongada. Depois levou-o à minha boca e eu fiz o mesmo. Uma vez mais, o fumo desceu-me directamente para os pulmões e tornei a tossir. Quando terminámos o cigarro, Laura apagou-o numa folha de papel e, dobrando-a em quatro, atirou-a para o lixo.

«É impressão minha ou estás vestido com calças de Inverno?», perguntou ela, e começou a rir-se.

Apagámos as luzes e descemos para o relvado, onde a festa estava ao rubro. Levei o livro comigo e, ao encontrar a minha mãe, pedi-lhe que o guardasse na carteira. Maria estava embriagado e ruidoso e encetava uma conversa com Clarke num inglês muito pobre, sobre as virtudes da pesca no Atlântico, enquanto outros vizinhos se passeavam entre o braseiro e a mesa das bebidas — havia uma família australiana, um casal com três crianças pequenas, todos muito louros e bronzeados; um grupo de alemães que também frequentavam a Praia dos Carneirinhos; e meia dúzia de famílias portuguesas daquela vizinhança, tudo gente com dinheiro e claramente fascinada com o estilo de vida americano.

O que Laura me dissera sobre a nossa *bela amizade* ficara a ressoar na minha cabeça, mas o fumo do cigarro dera-me náuseas. Olhei na direcção da rede, que pendia entre as palmeiras, onde Levi e Artie se sentavam, em silêncio, como se fossem um casal de velhinhos sem nada para dizer. Encaminhei-me para lá e, sem conseguir conter-me, vomitei atrás da palmeira.

«Que cheiro horrível», disse Levi quando eu emergi, limpando a boca com a bainha da camisa lavada.

Levi levou os dedos ao nariz e tapou-o. Artie, por sua vez, não mexeu um músculo. Era definitivamente o rapazinho mais estranho que eu alguma vez conhecera, e a ausência de sobrancelhas não ajudava, pois conferia-lhe o aspecto de um alienígena infiltrado no corpo de um ser humano. De vez em quando, olhava para Levi, que brincava com um cubo mágico, mas era tudo o que fazia: permanecia imóvel e indiferente, um enorme vazio rasgando-lhe o olhar.

«Senhoras, senhores», chamou, à distância, o poderoso Noah. A voz de trovão ecoou pelo grande jardim, e até os empregados pararam de servir. As pessoas começaram a reunir-se em torno dele. Juntei-me à minha família; Leah e Laura, abraçadas, juntaram-se a Noah.

«Que bonitos que eles são», disse a minha tia Lucília. «Parecem feitos de porcelana.»

«Como a princesa Diana», confirmou a minha avó.

«Chiu», ralhou o meu pai, que sacara da câmara *Sony* e filmava o discurso.

Noah começara a falar depois de bater com um garfo num copo de champanhe. Agradeceu a presença de todos, proclamou quanto amava a sua família. A nós, os portugueses, aquele tipo de declarações provocava um sentimento de vergonha alheia, que nascia do embaraço de nunca dizermos uns aos outros que nos amávamos. Vi quanto aquilo incomodava o meu pai, que, na sua pose típica de homem resguardado, cruzou os braços sobre o peito.

«Ei, tu, chega aqui», disse Noah, e chamou pelo sócio, o Matthew-colonial. O homem chegou-se à frente e o outro abraçou-o: eram da mesma altura, dois grandes americanos com enormes caixas torácicas e braços bojudos, embora Matthew fosse ligeiramente mais magro e mais pálido, tal como o filho Artie. «Quero agradecer profundamente a este homem. Chegou hoje de Miami, dêem-lhe um desconto se nem sequer perceber onde se encontra. É um amigo dos bons, conhecemo-nos desde os tempos de Columbia. Ou não é verdade?» O sócio sorriu em confirmação. «E, tal como éramos então, continuamos a ser hoje: melhores amigos,

parceiros de negócios. Quem é que disse que não se mistura prazer e negócios? Quem foi esse idiota?»

«Alguém pobre, que nunca teve prazer nem dinheiro», gritou Clarke, e toda a gente se riu.

Depois de a risota geral terminar, Noah disse, em tom mais grave:

«Estamos a expandir-nos a enorme velocidade. Graças a este homem que está aqui ao meu lado, as empresas Walsh vão entrar finalmente no mercado asiático, através dos nossos intermediários e parceiros em Hong-Kong. Certo, Matt? Por isso, para o ano que vem, prometo uma festa aqui mesmo, nesta casa, por enquanto alugada, mas que queremos tornar nossa: uma casa de família, como a que temos em Nova Iorque. Prometo uma festa de tema oriental. Vai haver *sushi*, samurais e lanternas no céu!»

Noah ergueu o copo num brinde. A mulher e a filha olhavam-no com admiração, o braço de Leah enroscado na cintura de Laura. Nenhum dos portugueses sabia o que era *sushi*, mas celebrámos na mesma.

«Obrigado a todos por terem vindo, sobretudo aos portugueses, por aturarem os novos vizinhos americanos, grandes e barulhentos», afirmou Walsh no momento em que, confirmando aquela declaração, um dos mastins irrompeu, majestoso, pelo meio da multidão, dirigindo-se determinadamente às calças abauladas de Matthew e começando a mordê-las com violência. A princípio, toda a gente achou que aquilo era uma piada encenada, e houve até alguns risos na fila da frente, mas cedo se percebeu que Ben (ou seria Bill?), não ia largar as calças do pobre homem, que

se debatia com o animal. Foi preciso a intervenção de Noah para que o cão desistisse.

A festa continuou durante mais umas horas. Clarke e Maria acabaram muito embriagados, os dois a entoarem canções de marinheiros debaixo de uma das palmeiras, até o português se deixar cair na rede e adormecer e Trudy vir resgatar o marido e o levar para casa. A certa altura, vi o meu pai e a minha mãe sozinhos numa clareira no relvado — ela mais baixinha, com um prato quase vazio na mão, ele a cofiar o bigode com os dedos, a outra mão no bolso das calças caqui, a câmara ao ombro — e apercebi-me de quanto destoávamos daquela opulência. A minha avó e a minha tia-avó, cansadas, tinham ido sentar-se nos grandes sofás de cabedal, a minha avó sempre desperta, muito direita, a segurar a carteira ao peito como se estivesse num autocarro cheio de gente. Como Laura não descolava da mãe e iam rodando pelos convivas que restavam, também me encontrei sozinho e fui ter com os meus pais.

«Está na hora, não?», perguntou o meu pai, a bocejar.

«Por favor, vamos», rogou a minha mãe.

Nesse momento, Leah, Laura e Júlia vieram ter connosco. Leah estava um bocadinho embriagada e Laura tinha um copo de champanhe na mão; vinha de braço dado com a minha irmã.

«Oh, não se preocupem», disse Leah, referindo-se ao champanhe. «Só a deixo experimentar em ocasiões especiais.»

Todos sorrimos, embora eu tivesse a certeza de que os meus pais censuraram imediatamente aquela ideia.

«Na América, os miúdos só podem beber aos vinte e um anos. É muito tarde, não acham? Por isso, todos arranjam cartões de identidade falsos e embebedam-se continuamente.»

«Pois, é uma vergonha», disse o meu pai.

«Acho melhor assim», disse Leah, segurando a mão da filha. «Que se vá habituando. A lei portuguesa é tão agradável nesse aspecto...»

Leah terminou o seu copo de champanhe. Não havia sinais de Levi, mas Artie estava encostado ao muro do grelhador, sozinho, a olhar para as estrelas, os braços magrinhos a penderem da *T-shirt* que dizia *Star Wars*.

«Por falar em divertimento, a Laura tem uma proposta», continuou Leah. «Não é, filha?»

Laura sorriu. Tinha um sorriso magnético, a mesma expressão do pai. Levou os dedos da mão direita ao pendente em forma de lua.

«Hoje foi a vez dos adultos», disse ela. «Amanhã é a vez dos mais novos.» Olhou para mim e para Júlia. «Porque é que não vamos todos sair? Há pelo menos dois bares na vila. E uma taberna com péssimo aspecto, mas podemos evitá-la.»

«Parece-me uma bela ideia», disse a minha mãe, dando-me uma cotovelada, como se fosse a oportunidade de uma vida. Eu nunca tinha saído à noite — na verdade, nunca tinha entrado num bar — e a ideia deixava-me ansioso, porque nem sabia o que beber. Ainda enjoado do cigarro, acabei por concordar com um aceno de cabeça e um encolher de ombros.

«Está bem», respondi.

«Então está combinado», disse Leah. «Eu própria me encarrego de os levar e de os ir buscar, nunca mais tarde do que as onze.»

«Podemos ir sozinhos», contrapôs Laura. «É só descer a rua.»

Leah olhou para o meu pai.

«Parece-lhe bem?»

O meu pai resmungou alguma coisa em tom de aceitação forçada. Via-se que não estava contente com a noite, talvez porque Noah, normalmente tão solícito e atencioso com ele, passara o serão a entreter outras pessoas, e agora o Sr. Taborda sentia-se excluído. Fomos buscar as avós e, quando a festa já esmorecia, atravessámos a sala na direcção da porta que dava acesso à rampa e ao portão. Distraído, olhei para a espaçosa cozinha, do nosso lado direito, e vi, nesses escassos segundos, os dois homens da festa — Noah e Matthew — encostados à bancada, lado a lado, cada um deles com uma cerveja na mão. O pai de Laura perdera o semblante feliz com que nos dera as boas-vindas, e o sócio, de calças meio rasgadas pelos dentes do mastim, gesticulava como se estivesse a tentar convencer o outro de qualquer coisa inaudível. Julguei que, provavelmente, estava chateado por ter sido atacado por um dos animais em frente daquela gente toda; ou então falavam de negócios, as tais conversas que eram reservadas para os jogos de golfe.

Um braço pesado caiu-me sobre os ombros. Era Maria, que também deixava a festa.

«Grande farra, puto», disse ele, inundando-me com o seu bafo alcoólico. «Os americanos é que a sabem toda... E aquela filha do Walsh? Com as grandes mamãs? É o sonho de

qualquer homem. Infelizmente, já não tenho idade nem tusa para tanto. Faz-te ao piso, pá.»

Embriagado e nojento, Maria piscou-me o olho e desapareceu na noite.

Em casa, no quarto, deitado ao lado da minha irmã (que eu julgara ter adormecido imediatamente), senti-me excitado ao pensar em Laura. Finalmente, o meu pénis respondia ao sentimento que crescia dentro de mim, àquele instante em que o meu coração batera tão rápido, na antecipação do beijo falhado. Lembrei-me das palavras de Noah, de como as mulheres tantas vezes diziam *não* quando queriam dizer *sim*, e senti-me também frustrado com a segurança e arrogância de Laura, com a sua rejeição.

No dia seguinte, o céu escureceu e não fomos à praia. Choveu um pouco durante a tarde e, por isso, fiquei no quarto a ler enquanto a minha irmã tinha um ataque de asma.

«Ai, que a minha menina ainda morre aqui!», gritava Lucília, agarrada, com as duas mãos, a um par de cuecas do meu pai. «Valha-nos Deus, vamos levá-la ao hospital!»

Ela estava a tirar a roupa seca do estendal com a minha avó quando Júlia começou a respirar com dificuldade. A minha mãe foi buscar a bomba da asma, mas, a meio da tarde, quando já não aguentava mais os lamentos apocalípticos da minha tia-avó, o meu pai resolveu meter a minha irmã no carro e levá-la ao hospital de Portimão. Era um cenário recorrente, que acontecia muitas vezes em Lisboa, e, portanto, nenhum de nós se preocupava muito. O diagnóstico era sempre igual, a cura sempre a mesma.

Passei o dia deitado na cama a ler o livro que Laura me emprestara. Era uma história estranha e fascinante acerca de

uma mulher, nascida no Estado da Carolina do Sul, que migrava para Nova Iorque nos anos trinta do século XX e se casava com um milionário, um dos raros homens que fizera fortuna à conta do épico *crash* da Bolsa de valores. Depois de umas férias em Nova Inglaterra, o marido (um homem baixinho e rezingão chamado John Jack Beltram) aparece morto num lago. Mabeline herda todo o seu dinheiro e constrói um sórdido império em Manhattan, ajudada pelo irmão, o parasita e violador Gus, cuja libertação da cadeia é inteiramente orquestrada e paga por Mabeline. Era uma história terrível e sórdida, e Mabeline uma personagem duvidosa, cruel e, no entanto, incrivelmente sedutora, sobre a qual pairava o espectro da suspeita de ter assassinado Beltram. A segunda parte do romance era tão intensa e tão cheia de descrições sinistras — de prostituição a bares ilegais durante a Lei Seca, e até uma arrepiante cena de incesto —, que o leitor se esquecia completamente do pobre marido, afogado num lago. O romance era relativamente curto, e terminei-o em poucos dias. Nesses tempos, eu era demasiado jovem para dar importância à forma; interessava-me mais a narrativa e nem sequer reparei que List contava tudo na segunda pessoa, como uma carta escrita a alguém no futuro, e esse alguém éramos nós, os leitores. Quando terminei o livro, fiquei com a sensação de ter tido uma experiência memorável e decidi que, um dia, haveria de ser escritor, tal como Gary List.

Porém, ainda só tinha terminado a primeira metade do livro quando a minha família decidiu (acedendo aos intermináveis apelos de Lucília) que a minha irmã — recém-chegada do hospital, onde estivera a oxigénio — não devia sair nessa noite. Júlia arfava e estava muito pálida, sem forças.

«Vai à casa deles e diz à senhora para combinarem outro dia», sugeriu o meu pai.

Saí de casa, caminhei os cinquenta metros e toquei à porta. Ouvi os cães ladrarem. Eram sete e meia da noite. Uma vez mais, foi Levi quem desceu a rampa, desta vez em fato de banho e de braçadeiras, o cabelo molhado. Trazia a boneca de trapos na mão. Um dos cães seguia-a, aspirando o chão com o focinho. Fazia um calor tremendo, as cigarras ensurdeciam-nos.

«O que é que tu queres?», perguntou Levi, mal-educada como sempre.

«Diz à tua irmã que não podemos sair hoje, a Júlia está doente», disse eu.

«Não percebi nada do que disseste», respondeu Levi.

Olhava para alguma coisa atrás de mim; para a rua ou para o céu, era difícil perceber.

«Quero falar com a Laura. Chamas a Laura, por favor?»

«O que é que eu recebo em troca?»

«E que tal se eu não contar a ninguém que estás a escrever uma história que começa com a morte da tua mãe?»

Levi contraiu o rosto, indignada.

«Andas a espiar-me, estúpido?»

«Sim. Agora vai chamar a Laura.»

«Não é preciso gritares», respondeu a miúda, embora eu não tivesse sequer levantado a voz.

Subiu a ladeira da garagem com o cão no seu encalço, o rabo de seis anos, já curvilíneo, bamboleando a cada passada.

Laura veio à porta, também em fato de banho. Ainda estavam na piscina àquela hora, coisa que, em nossa casa, era impensável: a partir das seis da tarde, era hora dos duches, de começar a preparar o jantar. Laura usava um fato de banho preto e os mamilos sobressaíam, bem como a forma dos seios. As pernas longas e bronzeadas eram demasiado grandes para o resto do corpo, um pormenor que o tempo trataria de consertar. Contei-lhe de Júlia, do hospital, da asma; sugeri, como me aconselhara o meu pai, que saíssemos noutra dia.

Laura abraçava o tronco, fazendo sobressair os seios (não sei se o fazia de propósito, mas eu esforçava-me por não olhar). No cimo da rampa surgiu Matthew Pinkus, agora em calções e tronco nu, com uma cerveja na mão. Hesitei entre acenar-lhe e não fazer nada; como o homem se limitou a ficar ali parado, a observar-nos, também não o cumprimentei.

«Então vamos nós», ripostou Laura. «Tu e eu. Vou só tomar um duche e vestir-me. Vai avisar os teus pais.»

Com isto, voltou-me costas e começou a subir a rampa. Sem esperar por uma resposta, tomara a decisão pelos dois. Correu para dentro de casa. Mais acima, junto do *Jeep* de Noah, o americano explorador continuava parado, a garrafa numa mão, a outra enfiada no bolso dos calções de ténis. Olhava-me como quem olha para um objecto desconhecido. Virei-lhe costas, voltei a casa e dei a novidade aos meus pais.

«Porta-te bem», respondeu o meu pai, sentado no sofá, quase a dormir, enquanto na televisão passava uma série qualquer. Estendeu-me uma nota de cinquenta escudos. A minha mãe olhou-me e sorriu.

«A filha dos Walsh é tão bonita», disse ela.

«Parece a princesa Diana», repetiu a minha avó, que estava no alpendre a coser um par de meias.

Eu respirei fundo e enfiei a nota no bolso das calças.

«Volto cedo», respondi.

Decidimos ir a pé até à vila. Laura caminhava ao meu lado, de mãos enfiadas nos bolsos dos calções. Vestira um *top* branco sem mangas e, pela primeira vez desde que a conhecera, parecia algo tímida, como se aquela situação — só nós dois, com horas pela frente — lhe fosse também algo constrangedora.

Contei-lhe que já tinha lido metade do livro.

«E então?», perguntou ela.

«É interessante.»

«Achas que a Mabeline o matou?»

«A quem? Ao marido?»

«Claro. Quem mais?»

«Por acaso, não tinha pensado nisso.»

Ela riu-se.

«Tu és incrível», disse, e deu-me o braço.

Fomos a um *pub* inglês chamado Old Lantern. Estava cheio de britânicos, todos eles rosados do sol, saturados de cerveja e de cigarros *Pall Mall*. Sentámo-nos num canto junto da janela. Laura foi ao bar e trouxe duas limonadas.

«Achava que tu bebias», disse eu.

«Só bebo para fazer a vontade à minha mãe», respondeu.
«Detesto champanhe, não gosto de álcool. Ontem à noite, na

verdade, fui-o deitando para a relva, e depois fingi que estava muito animada, para ela não ficar triste.»

«Porque é que ela haveria de ficar triste?»

«Porque, em nossa casa, quem nos educa é o meu pai. E ela deve sentir-se posta de parte. Ou inútil, não sei. É o meu pai que sabe de Literatura e de Arte, é ele que me ensina a conduzir e que nos mostra como gerir o dinheiro. Ora, a minha mãe deve ter pensado que, para contrabalançar isto, faria o papel da mãe *cool* e liberal, que oferece champanhe à filha de catorze anos.»

«Na minha família é o contrário», expliquei. «A minha avó tem pavor de que eu comece a beber e fique igual ao meu avô.»

«Como é o teu avô?»

«Como *era*», corriji, e provei a limonada, que era de garrafa, demasiado doce. «Já morreu. Morreu do tabaco e da bebida, como a minha mãe costuma dizer.»

«Nos Estados Unidos, ninguém morre do tabaco e da bebida. Quando isso acontece, diz-se que tiveram um *ataque cardíaco*.»

Ri-me do comentário e olhei em redor. Éramos as pessoas mais jovens ali dentro. Os ingleses e os alemães que jogavam dardos faziam uma barulheira enorme e, por isso, eu e Laura falávamos muito perto um do outro, as bocas nos ouvidos, o cabelo dela a roçar no meu rosto. Não demorou muito até Laura me perguntar:

«És virgem?»

Sorriu-me, como se a pergunta fosse um desafio.

«E tu?», respondi, profundamente atrapalhado.

«Estás a fugir à pergunta», disse ela.

Estávamos sentados num sofá e, do lado oposto do bar, havia um inglês pançudo e meio careca, de camisa de manga curta às flores, ao lado de uma mulher mais jovem, de olhos azuis rasgados.

«E aqueles?», perguntou Laura. Chegou-se mais perto e senti a perna dela roçar na minha. «Pai e filha é que não são, garanto-te.»

O inglês segurava um copo de cerveja com a mão direita e, com a esquerda, acariciava a perna da rapariga, que usava uma saia muito curta e parecia desinteressada de tudo o que se passava em seu redor.

«Como é que achas que eles fazem?», perguntou Laura.

Estremeci por dentro.

«Como é que fazem o quê?», perguntei, genuinamente confuso.

«Achas que ela prefere ficar por cima, ou ele? Com aquela barriga nojenta a roçar no umbigo dela.»

Encolhi os ombros e respondi:

«Talvez ela por cima? Não sei... Ele parece-me um bocado pesado.»

Laura começou a rir-se. Nesse momento, o inglês olhou para nós e eu desviei o olhar, achando que suspeitava de que falávamos deles. Laura parecia completamente à vontade, como se o ambiente de um bar cheio de europeus embriagados lhe fosse perfeitamente familiar.

«Então, vais responder-me?»

«O quê?»

«Se és virgem ou não.»

«Sim, sou virgem», respondi, enchendo-me de coragem.

Os olhos dela brilharam.

«Eu também.»

O inglês levantou-se e aproximou-se da nossa mesa.

«Ei,» disse ele, a mão direita a segurar o copo meio cheio de cerveja. «A minha amiga e eu estávamos a olhar para vocês e a pensar que podíamos passar um bom bocado juntos. O que dizem?»

«Sim», respondeu Laura, sorridente.

«Não», disse eu, entredentes.

O tipo chamava-se Frank ou Hank, não percebi bem. A rapariga apresentou-se com um nome de sonoridade eslava que eu não compreendi. Fiquei sentado ao lado da desconhecida, na extremidade de um sofá circular, e Laura sentou-se na outra ponta, junto de Frank ou de Hank, que não descolava o olhar desavergonhado do corpo dela. A música tinha subido de volume e eu não conseguia ouvir a conversa deles, por isso, deixei-me ficar ali a beber a limonada devagarinho enquanto a rapariga de nome impronunciável fumava um cigarro com o mesmo ar de enfado de antes e sem nenhum interesse em conversar comigo.

«Ei, escuta só isto», disse-me Laura do outro lado da mesa. «Aqui o Frank é realizador de cinema!»

«Hank», corrigiu o homem.

«Que filmes é que fizeste?», perguntei, só para dizer qualquer coisa.

«De certeza que nunca os viste», respondeu ele.

Mantinha a mão esquerda na perna da mulher silenciosa ao meu lado, cujo perfume, demasiado forte, começava a incomodar-me — um daqueles cheiros que anulam tudo o resto.

«Devem ser filmes pornográficos», sugeriu Laura.

Fez-se silêncio à mesa. Por um momento, achei que Hank ia sacar de uma arma e matar-nos a todos, mas depois pensei que, vestido como estava — camisa toda aberta, calções, chinelos —, não havia sequer lugar para esconder uma arma.

«Então e se forem?», provocou ele. «Alguma coisa contra?»

Dirigia a pergunta a Laura.

«Nada», respondeu a americana. «Aliás, adorava ver um dos teus filmes.»

«E que tal *entrar*es num dos meus filmes?», sugeriu o inglês com o seu sotaque malicioso.

Aquela conversa deixava-me perturbado. De repente, apeteceu-me fugir dali e correr para casa, enfiar-me na cama ao lado da cama onde a minha irmã sofria de asma e esquecer-me de Laura Walsh e dos seus modos intrépidos, da vontade que ela parecia ter de rasgar as fronteiras, de passar das marcas.

«E que tal um milhão de dólares?», sugeriu Laura. «É o meu preço.»

«Por um milhão de dólares, arranjo cinquenta iguais a esta», afirmou ele, apontando com o polegar para a escrava

aborrecida que fumava cigarro atrás de cigarro.

«Acredito», disse Laura. «Mas, como podes ver, eu sou especial.»

«Vocês, os americanos, são todos especiais», disse Hank. Sem qualquer espécie de vergonha, passou o braço direito por cima dos ombros de Laura. Ela pareceu não se importar. A seguir, deixei de conseguir ouvir a conversa. Perto de nós, um grupo de alemães encostara-se ao balcão e falava ruidosamente. A minha limonada terminara e soergui-me para ir buscar outra quando senti a mão da mulher no meu braço, puxando-me para baixo.

«Aonde vais?», perguntou num português com um sotaque carregadíssimo.

«Buscar uma bebida», respondi.

«Traz-me cigarro», pediu.

Fiquei a olhar para ela: não tinha dinheiro para cigarros.

«Que marca?», perguntei, finalmente.

«Qualquer», respondeu.

Com o dinheiro que tinha, fui ao balcão e comprei a marca mais barata de cigarros que tinham. Sobraram-me umas moedas, que não chegavam para a limonada. Dei-lhe o maço. A eslava desembrulhou-o do plástico e depois levou um cigarro à boca. Era a primeira vez que eu a olhava de frente e, à luz artificial do Old Lantern, reparei na quantidade de maquilhagem que tinha: os lábios excessivamente pintados de roxo, os olhos demasiado escuros por causa da sombra e do rímel. Aquela mulher, a quem, à distância, eu não daria mais de vinte e cinco anos, aparentava agora quarenta.

«És bom menino», disse ela.

«Obrigado», respondi. «A minha avó também acha.»

Enquanto Laura e Hank discutiam qualquer coisa que eu não conseguia ouvir — a americana, empertigada, provocava o inglês —, a eslava aproximou-se de mim e perguntou-me:

«Já te fizeram broche?»

«Não», respondi, o meu sangue a congelar.

«Broche é bom», disse ela. «Homem gosta. Eu tenho boca boa para broche, se queres.»

«Não, obrigado», respondi.

Passou-se algum tempo e, de repente, Laura gritou-me do outro lado da mesa:

«Ei, Pedro. Sabias que há um clube de *strip* no Lagoeiro?»

«Sabia», respondi.

Não fazia ideia nenhuma; na verdade, nem sabia muito bem o que era um clube de *strip*.

«O Frank dá-me cem dólares se formos com eles.»

«Hank», tornou ele a corrigir. «E eu não disse cem dólares, disse cem *escudos*.»

«Cem escudos para cada um», regateou Laura.

«Está bem», concordou ele.

«Pagamento adiantado.»

Passado pouco tempo, saímos do bar. Quando emergimos para a noite quente de Agosto, senti-me imensamente aliviado por estar fora do *pub* barulhento. Aparentemente, o clube de *strip* era mesmo na esquina, ficava na reentrância de um

prédio, ao lado de uma loja de revistas, uma pequena porta com uma tabuleta que dizia Adega. Eu já passara por ali centenas de vezes com os meus pais. À noite, um néon, invisível durante o dia, exibia as palavras *Clube Privado*. Um porteiro indiferente olhou para mim de cima a baixo e perguntou-me que idade tinha.

«Ele tem dezoito», respondeu o inglês. «É meu sobrinho.»

O porteiro, todo vestido de preto, abriu-nos a porta. Do interior chegou-nos um aroma quase insuportável a baunilha. Laura agarrou o braço do inglês e segredou-lhe alguma coisa ao ouvido. O homem resmungou e, depois, tirou a carteira do bolso dos calções e passou-lhe duas notas de cem escudos. Continuámos a descer as escadas, mas, de repente, a americana voltou-se para trás e, agarrando-me o braço, gritou:

«Corre!»

Subimos as escadas aos trambolhões. Abrimos a porta de rompante, e o porteiro, que fumava um cigarro debaixo de um candeeiro de rua, olhou-nos sem compreender o que se passava.

«Adeus, Frank!», gritou Laura, e desatámos a correr rua acima.

Eu tinha o coração aos saltos. Era como se tivéssemos roubado um banco ou assaltado uma joalheria. Enquanto corríamos, ouvi a voz rouca do inglês a gritar do fundo da rua, a chamar-nos nomes. Olhei para trás, por cima do ombro, e vi a sua figura gorda e desmazelada ao lado da eslava trôpega nos saltos altos. Fugíamos de mãos dadas, ofegantes, o vozeirão do homem a diluir-se na quietude da noite. Sabíamos que Hank nunca correria atrás de nós, que estava bêbedo e era demasiado

preguiçoso para nos perseguir pelas ruas solitárias do Lagoeiro por causa de duzentos escudos.

Ainda assim, continuámos a correr.

Quando, finalmente, subimos a colina e as luzes da vila desapareceram na distância, o breu tomou conta da estrada. O *top* branco de Laura era a única coisa visível, e os seus olhos claros reflectiam a escassa luminosidade da Lua. Estávamos os dois suados, ofegantes.

«Achas que ele vem atrás de nós?», perguntei.

«Toma», disse ela, e passou-me uma nota de cinquenta escudos.

«Então não eram cem para cada?»

«A golpada foi minha», respondeu ela.

Tinha razão. Eu não fizera grande coisa senão assistir e correr. Perguntei-me que razão teria ela para dar uma *golpada*, tendo em conta que o pai era rico.

«A minha família não é milionária», disse, adivinhando os meus pensamentos. «O meu pai é um enorme sovina disfarçado de mãos-largas. Quando eu era miúda, recebia uma única prenda no aniversário e no Natal. E o meu aniversário é no princípio de Novembro.»

«Mas o teu pai ofereceu uma festa à vizinhança inteira. Tem um carro enorme. E empregados de lacinho a servir as pessoas.»

«Ele tem dinheiro, mas é só por agora», disse ela. «Para a semana que vem, as coisas podem mudar abruptamente. Aconteceu muitas vezes ao longo da nossa vida. Já vivemos no Upper West Side, mas também já vivemos no Bronx.»

«Qual é a diferença?», perguntei, sentindo que o ritmo do meu coração finalmente abrandava quando chegámos à bifurcação da estrada. Para a esquerda, a rua onde ficavam as nossas casas; para a direita, um aldeamento fantasma, construído nos anos sessenta e que, com as décadas, perdera clientes e transformara-se num lugar decrepito.

«Queres ver uma coisa?», perguntou ela, pegando-me novamente na mão.

Fomos na direcção do aldeamento. Durante um minuto, tudo o que ouvimos foi o som dos nossos ténis a rasparem na gravilha.

«O Bronx é um bairro degradado, sobretudo a parte Sul», explicou Laura. «Quando eu tinha seis ou sete anos, o meu pai foi à falência e tivemos de ir viver para lá. A minha mãe chorava todos os dias porque tinha medo de sair à rua e, portanto, fazíamos tudo de táxi, que, nesses tempos, ainda eram baratos em Nova Iorque. Passei um ano dentro de táxis, a ir e a vir da escola, a viver num prédio onde havia gritos todas as noites e, às vezes, tiros de revólver.»

Entrámos no aldeamento fantasma.

«Passado esse ano, de repente, tudo mudou», continuou ela. «Fomos viver para a Quinta Avenida, num apartamento com janelas enormes que davam para o Central Park. Passei a ter o meu próprio quarto, e a minha mãe pôs-me numa escola de miúdos ricos. Apareci na escola cheia de tiques do ano passado no bairro... Falava de uma maneira esquisita para uma rapariga com o meu aspecto e tive dificuldade em adaptar-me.»

«Onde vamos?», perguntei.

Laura arrastava-me para dentro do aldeamento onde os prédios eram de dois andares, com grandes chaminés mouriscas nos telhados. Havia poucos carros; as luzes que deveriam iluminar as ruas estavam quase todas fundidas e uma atmosfera de displicência e descuido geral pairava sobre aquele lugar. Virámos à esquerda no primeiro bloco de apartamentos e infiltrámo-nos no interior, onde uma escada em caracol conduzia ao terraço. Eu estava receoso por causa da transgressão — e se alguém nos visse? Alguém conhecido, que fosse contar aos meus pais? Ao mesmo tempo, era incapaz de resistir à energia de Laura.

O telhado era magnífico, cheio de chaminés mouriscas que serviam cada um dos apartamentos, uma grande extensão de terracota debaixo de um céu cheio de estrelas. Fomos até ao final, junto ao beiral, de onde se via a rua principal, completamente deserta. Sentámo-nos lado a lado, de costas para a pedra do beiral. O ombro de Laura tocava no meu.

«Por isso é que os meus amigos são todos rapazes», disse Laura. «Porque a minha família foi sempre inconsistente: um dia estávamos aqui, no outro acolá. Por alguma razão, os rapazes não se importam de ser amigos apenas durante um tempo. As raparigas não, têm maior dificuldade em dizer adeus; querem amizades duradouras.» Olhou para o céu. «Não me lembro muito bem, mas, na minha infância, consta que passámos uma temporada em Porto Rico e outra na Guatemala, onde o meu pai tinha *negócios*. Não me perguntes que género de negócios, ele nunca fala do assunto... Só sei que, antes do Bronx, passámos pelo Upper East Side, por Queens, Long Island e vivemos algum tempo na casa de família em Chatlam, quando a minha avó ainda era viva.»

«Nós vivemos sempre na mesma casa», disse eu.

«A sério?» Laura riu-se.

«Sim. Só tive um quarto em toda a minha vida. E a Júlia o quarto dela. Há uns anos, decidimos trocar. Ela preferia a janela que dá para as traseiras e eu gostava mais da janela que dá para a rua. Foi o apogeu das minhas aventuras.»

Laura riu-se, talvez surpreendida (ou assim gosto de pensar) com a facilidade do meu inglês, que aprendera com os livros e os filmes.

«Foi uma noite divertida», disse ela.

Perscrutei o meu coração à procura de uma resposta adequada; encontrei, em vez disso, um longo suspiro de anseio.

«Pois foi.»

«*Broche é bom*», disse ela, imitando o sotaque da mulher.
«*Homem gosta.*»

Começámos os dois a rir. Laura ria-se muito alto, a boca muito aberta. Eu só lhe via a silhueta; encontrávamo-nos iluminados pela Lua numa açoteia de chaminés que pareciam criaturas de pedra, imóveis e expectantes. Aproximei o rosto do dela e tentei beijá-la outra vez. Não aguentava mais.

Laura afastou-me devagarinho.

«Eh lá», disse ela. «Então e a nossa amizade?»

A decepção foi enorme. Senti-me afundado em tristeza. Apeteceu-me levantar-me e partir, despedindo-me dela para sempre — alguma coisa dramática, típica da adolescência —, quando, de repente, Laura levou as mãos à minha braguilha.

«Mas lá por sermos só amigos...»

E começou a desapertar-me o cinto.

O que aconteceu em seguida deixou-me tão perplexo que mudou para sempre a minha compreensão das mulheres e do sexo; da dimensão que um mal-entendido podia tomar.

A vida era um enorme mal-entendido.

14 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

«Não desligue o telefone, Sr.^a Mullens», pediu a telefonista.

«Ele está morto», chorou Doris ao telefone.

«Como sabe que é o seu patrão?»

«Trabalho aqui há muitos anos», respondeu Doris. «Acho que sei reconhecê-lo.»

«A Polícia já está a caminho», garantiu a telefonista num tom tranquilizador. «Disse-me que o assassino está dentro de casa. A senhora encontra-se em perigo?»

«Não.»

«Onde é que ele está, Sr.^a Mullens? O assassino?»

Doris respirou fundo, incrédula.

«Não sei se a palavra *assassino* é a mais correcta.»

Do outro lado, a telefonista fez uma pausa, ela própria confusa com a descrição.

«Diga-me, então, o que vê exactamente.»

O escritório estava na penumbra, apenas iluminado pela claridade da Lua, cujo brilho penetrava as grandes janelas de vidro que davam para o pátio.

«Vejo uma sala quase às escuras e o meu patrão deitado no chão, ao lado da secretária onde costuma trabalhar. A filha está sentada a um canto.»

«O que é que a filha está a fazer?»

«Está a tremer. Tem uma faca na mão, cheia de sangue.»

«Tem a certeza de que é a filha do seu patrão?»

«Tenho.»

«Porque é que não acende as luzes, Sr.^a Mullens?»

E Doris respondeu exactamente o que sentia:

«Porque não a quero assustar, minha senhora.»

14 de Setembro de 1998

Brooklyn, Estado de Nova Iorque

Eram seis da madrugada quando o telefone tocou. Acordei estremunhado. Só uma pessoa me ligava àquelas horas e, portanto, atendi sem olhar para o ecrã.

«Professor List, em que posso ajudá-lo?», perguntei.

Do outro lado, o silêncio, apenas entrecortado por uma respiração ofegante.

«Sou eu», disse a voz de uma mulher. «Aconteceu uma desgraça.»

Durante uns instantes, o meu cérebro, sequestrado pelo sono, não registou o timbre da voz, a inflexão tão característica que ela dava às palavras.

«Laura?», perguntei, enfim, e levantei-me de imediato.

Amanhecia. À distância, ouvia-se o barulho do tráfego na Bedford Avenue.

«Podes vir ter comigo?», perguntou. «Estou em casa, mas tenho de ir para Chatlam imediatamente, e acho que não consigo ir sozinha.»

Eu não via Laura Walsh há quase três meses, desde o princípio do Verão. Entretanto, tinham acontecido muitas coisas, e aquela era a manhã em que eu debateria, perante o comité da New York University, a minha proposta de tese —

ou a novela que escrevera durante o primeiro ano do Programa[1] de Escrita Criativa e que desejava transformar num romance. Era o dia da minha avaliação.

«O que é que queres dizer com *desgraça?*», perguntei.

«O meu pai morreu», disse ela.

Tinha a porta do quarto entreaberta e, pela fresta, vi Mookerjee, ensonado, a entrar para a casa de banho.

Fiquei mudo, sem saber o que dizer. Era uma notícia chocante ao despertar.

«Lamento muito», balbuciei. «Ele morreu em Chatlam? É por isso que precisas de lá ir?»

«Preciso mesmo de ti», insistiu ela. «Vens ou não?»

Respirei fundo e comecei prontamente a inventar desculpas para faltar à defesa da proposta de trabalho final. Da estrada, talvez conseguisse ligar ao professor List da estrada. Saí do quarto e bati à porta da casa de banho; por vezes, Mookerjee demorava horas no duche. Do interior, ouvi-o gritar: «Vai-te embora!» A água corria, estava a tomar banho. Voltei para o quarto e olhei pela janela, para o saguão entre os prédios, onde espreitava uma nesga de céu azul. O ar condicionado estava ligado, estivera ligado a semana inteira, porque o calor em Nova Iorque tornara-se insuportável nessa terceira semana de Setembro — um Verão húmido e desgastante. Mookerjee saiu do chuveiro e encontrou-me sentado na cama, de *boxers*, com uma toalha em cima dos joelhos. Com a toalha enrolada à cintura (a pele tisonada e dourada da luz que entrava pela janela da sala), tinha vindo à porta do meu quarto no seu caminhar desajeitado. Espreitou para o interior e apanhou-me de cabeça baixa, ensonado.

«Ei, boa sorte, meu», disse ele.

Olhei para Mookerjee. Exibia o sorriso do costume, a felicidade matinal que eu tanto lhe invejava. Daí por uma hora, ele estaria sentado diante do terminal de um computador a fazer programação para uma das maiores empresas do mundo. E eu estaria na estrada com Laura, os olhos a doerem-me do sono perdido.

«Obrigado.»

«Com a defesa da tua cena hoje», insistiu ele. «Tenho a certeza de que vai correr bem.»

«Eu também», menti.

«Já podes usar a casa de banho.»

«Eu sei.»

«Não estejas com medo. Como dizia o meu pai, o medo é um capricho dos nervos.»

«Vou tentar lembrar-me disso.»

Mookerjee afastou-se e, depois, voltou para trás e tornou a enfiar a cabeça na porta.

«Quando puderes, deixa o dinheiro da renda em cima da mesa da sala. É até dia quinze, já sabes.»

Tomei um duche rápido e saí. Ainda não eram sete e já se sentia o calor infernal que brotava das profundezas da terra e consumia a cidade. As estações do metropolitano tornavam-se intransitáveis; caminhar pelas ruas era um suplício. Laura vivia no East Village, na esquina da 1st Avenue com a 4th Street, e em menos de vinte minutos apareci à porta dela. Toquei à campainha e ela assomou à janela, a cabeça

esgueirando-se entre o beiral e a moldura, o cabelo louro e comprido surgindo primeiro do que o rosto.

«Vou descer», gritou.

A rua estava quase deserta, à excepção de um homem negro que, vestido num uniforme azul, apanhava, com uma cana, papéis largados no chão, e um bêbedo sentado numas escadas que davam acesso a um prédio de apartamentos, que ressonava com a cabeça tombada sobre a pedra. Laura apareceu num vestido preto, uma mochila a tiracolo. Demos um abraço rápido; havia passado algum tempo desde o nosso último encontro e as coisas não tinham acabado da melhor maneira. No rosto dela, porém, não havia espaço para mais nada: era urgente partir.

«Consegues conduzir um carro com mudanças automáticas?», perguntou-me.

«Nunca tentei.»

«Bom, deve ser como os vossos, só que sem complicações.»

O carro estava estacionado muito perto da porta do prédio. Era um velho *Ford* azul com matrícula do Estado de Nova Iorque. Entrámos. Sentada no lugar do passageiro, as mãos dela tremiam ligeiramente.

«Já ouviste as notícias?», perguntou-me.

Abanei a cabeça, em negação. Enquanto eu arrancava, Laura ligou o rádio. Sintonizou várias estações à procura de qualquer coisa, mas tudo o que havia eram as informações do trânsito. Desligou-o. Laura foi-me dando indicações para sairmos de Manhattan e, quando chegámos ao Bronx e metemos pela estrada 87 no sentido norte, em direcção a

Albany, não consegui conter a curiosidade e perguntei-lhe o que acontecera, que urgência era aquela, como é que o pai tinha morrido.

«Não sei quase nada», respondeu Laura, roendo as unhas da mão direita. «Recebi uma chamada às cinco da manhã. Era a Sr.^a Mullens, a governanta da casa em Chatlam. A mulher estava desesperada, entre a histeria e o choro, e disse-me que tinha feito um enorme disparate, que cometera um erro gigantesco... Demorei alguns minutos a conseguir acalmá-la, perguntei-lhe repetidamente o que sucedera e ela respondeu que o erro tinha sido chamar a Polícia, porque levaram a minha irmã para a esquadra, algemada, e agora a casa está cheia de agentes em volta do corpo do meu pai.»

«Meu Deus», pronunciei, baixinho.

Eu não via Levi desde aquele Verão em 1987, e a imagem que tinha dela continuava a ser a da menina de seis anos, arrogante e ousada — a Grande Líder —, que um dia anunciara à Praia dos Carneirinhos, aos gritos, que o pai ia comprar aquela praia só para eles. Agora, Laura contava-me que ela tinha sido presa.

«Mas eles suspeitam de quê?», perguntei.

«Não faço ideia», respondeu. Olhava pela janela, algo ausente, contemplando a paisagem desolada e industrial da estrada que avançava para norte, os carros ultrapassando-nos pela esquerda. Eu tinha ligado o ar condicionado, mas, mesmo assim, e apesar de ainda não serem oito da manhã, o calor que entrava pelas frinchas da janela era intolerável, como se estivéssemos dentro de uma fornalha acesa; a humidade atingira o seu pico e nesses dias o Estado de Nova Iorque era

muito parecido com o Inferno. «Eu sei que a minha irmã não andava bem nos últimos tempos, mas isto é inconcebível.»

Continuei a conduzir, imaginando todo o tipo de cenários. Era evidente que havia a sugestão de culpa, de um provável assassinato. Levi matara o pai? A ideia provocou-me um arrepio na espinha. Mexi-me no assento, desconfortável, enquanto ao nosso lado passava um enorme camião da Esso. Vi no camião o reflexo do nosso *Ford* azul, a mancha que éramos naquela estrada movimentada, e imaginei, dentro da cisterna do camião, a gasolina a borbulhar devido ao calor. De súbito, lembrei-me do professor List e perguntei a Laura se podíamos parar numa estação de serviço.

«Eu enchi o depósito há poucos dias», disse ela.

«Preciso de fazer um telefonema urgente», expliquei.
«Prometo que serei rápido.»

«Está bem.»

Parámos na bomba seguinte, uma estação da Chevron. Fui ao interior da loja, onde um indivíduo gordo, vestido com a farda da empresa, enchia um frigorífico com latas de cerveja. Avistei um telefone público a um canto, enfiei cinquenta cêntimos na ranhura e marquei o número. Gary demorou muito tempo a atender.

«O quê?», resmungou.

«Sou eu, professor List.»

Houve um silêncio do outro lado.

«Taborda», confirmou ele. «A que devo o prazer de uma chamada tão matutina? Sente-se angustiado?»

«Angustiado?»

«Por causa da nossa *audiência* de hoje.»

List gostava daqueles jogos de palavras. A expressão correcta para o que ia acontecer era *defesa de proposta de tese*, mas ele insistia em chamar-lhe coisas diferentes. Uma tarde, sentados no seu gabinete enquanto ele lia as últimas páginas do meu *magnum opus*, chamou-lhe *intervenção*, como quando uma família ou um grupo de amigos intervém para impedir a autodestruição de um dos seus membros.

«É disso que lhe quero falar», continuei, engasgando-me.
«Não vou poder comparecer.»

Houve uma pausa e, depois, ouvi Gary dizer:

«Isso é impossível, Taborda. Está tudo planeado para hoje. Vem um professor da Universidade de Iowa, o Ed Nowalski, de quem já lhe falei... Foi o cabo dos trabalhos convencê-lo a ler a sua novela. Além disso, já temos a sala reservada, dois outros docentes para contra-argumentar, etc. O que quer dizer com isso de *não poder comparecer?*»

Pigarreei e comecei a sentir que a minha vida recuava a uma velocidade louca. De telefone na mão, observando a loja vazia, uma vertigem apoderou-se do meu corpo e julguei que ia desmaiar ali mesmo, de ansiedade e calor.

«É um assunto complexo», respondi. «Peça desculpa ao professor Nowalski, mas, neste momento, já não posso voltar atrás. Tenho de ajudar uma pessoa.»

«Ajudar uma pessoa?» List riu-se. «E que tal ajudar-se a si próprio, Taborda?»

«Lamento, professor List.»

E lamentava mesmo — era quase insuportável ouvir o meu herói literário censurar o meu comportamento.

«Bom», respondeu ele, parecendo começar a acatar a decisão tomada. «Você é que sabe. Não sei quando poderemos marcar outro *interrogatório*. Vai depender de muita coisa. Só espero, para seu bem, que isto não seja um problema de saias. Entende o que lhe quero dizer?»

«Não é um problema de saias», respondi.

Desligámos. Regressei ao carro. Laura observou-me, consternada. Disse-lhe que não se preocupasse, que não era nada que eu não pudesse resolver mais tarde, mas depois percebi que a sua consternação dizia respeito a outra coisa. Quando fechei a porta, dei conta de que ela mudara de estação de rádio.

... voltamos à notícia de última hora que está a causar ondas de polémica em Nova Iorque e arredores. Segundo informações da Polícia de Chatlam, o corpo do milionário Noah Walsh, dono do império Walsh, foi encontrado esta madrugada, sem vida, na casa de família. Embora ainda não exista confirmação por parte das autoridades, suspeita-se de homicídio e que o assassino possa ser alguém das relações mais próximas do magnata...

Laura desligou o rádio. Continuámos na auto-estrada por alguns quilómetros, até que, sem aviso prévio, ela me pediu que parasse o carro com urgência. Estacionei na berma, e Laura, abrindo a porta, vomitou no alcatrão. Uma, duas vezes. Depois afastou o cabelo da cara e prendeu-o atrás com um gancho que tirou do bolso do vestido. Pela porta aberta entrava o calor mortífero daquele Verão.

«Já estou bem. Podemos seguir», pediu.

Fizemos o resto da viagem em silêncio.

Chatlam é uma pequena cidade com menos de quatro mil habitantes, nas margens do rio Hudson. Tem uma rua principal, que bifurca numa torre com um relógio e um cata-vento, e uma série de lojas tipicamente americanas, de fachadas coloridas, que vão do café mais cosmopolita à velha loja de artigos de pesca. Uma geladaria, uma cervejaria, uma loja de vinhos produzidos na região. Os nova-iorquinos frequentam Chatlam com assiduidade durante o Verão, oriundos das povoações próximas: Catskill, Hudson, Saratoga Springs, Poughkeepsie. Durante a época de veraneio, a pequena cidade transforma-se numa metrópole em miniatura, com turistas em calções, camisas de manga curta e havaianas cruzando as ruas, ajudando o comércio local a sobreviver aos penosos Invernos.

Mas a maior atracção de Chatlam é o lago. A cerca de dois quilómetros do centro, voltado a norte, na direcção de Albany, as águas do Hudson e de uma barragem local escoam num enorme reservatório. O lago Juniper é uma miragem no meio do deserto, que reflecte o enorme céu azul do Verão, cercado de vegetação luxuriante. Tem dezenas de docas para barcos e passadiços que se estendem meia centena de metros para o interior das águas e alguns cafés e esplanadas demasiado caros. De Junho até ao final de Setembro, as margens são diariamente invadidas por famílias da região e, embora o nível médio de vida dos habitantes de Chatlam não seja espectacular, a cidade ganhou uma reputação sólida durante os anos oitenta e noventa do século XX por ser um lugar para onde os artistas nova-iorquinos — muitos deles falidos e sem possibilidades de viver em Manhattan — se mudaram em número considerável. Gary List tinha uma casa nos arredores de Chatlam; bem como inúmeros pintores, artistas gráficos e

até alguns músicos de renome. Embora, até 1982 ou 1983, fosse apenas mais uma típica povoação americana adormecida pelo tempo, a sua transformação em refúgio artístico começou a atrair os novos-ricos e os *limionários* (que, por algum motivo, gostam de se rodear de artistas e comprar-lhes as obras, mesmo quando estas não valem nada). Chegou a existir em Chatlam uma loja de material de pintura, que fechou em 1995 para dar lugar a um café moderno, que servia *frapuccinos* e *macchiatos*, bebidas que os habitantes mais antigos da cidade desconheciam e tinham até algum receio de experimentar.

Um desses habitantes era Bernie Ditmas, o chefe da Polícia. Tinha sessenta e quatro anos, estava à beira da reforma e nunca lidara com um caso semelhante. Que se recordasse, nunca houvera sequer um homicídio em Chatlam. Ali, as pessoas morriam de morte natural ou de *ataque cardíaco*. E, agora, um homem era esfaqueado de maneira tão brutal que o deixara desfigurado. Isso nunca acontecera antes, era uma novidade completa e punha a Polícia local em alvoroço, sem saber o que fazer, ainda por cima tratando-se do patriarca de uma das famílias mais conhecidas da região.

«Os Walsh compraram terra aqui em 1940, ou coisa que o valha», disse Bernie Ditmas enquanto caminhávamos pela rua que escaldava com o sol a pique. «O seu avô, Menina Laura, foi ele que construiu a vossa casa. Com as suas próprias mãos.»

«O avô Walt», confirmou Laura.

«Walt Walsh. Era um nome estranho e diferente», continuou Ditmas. «Um homem recatado. Metia-se na sua vida, falava pouco, mas foi sempre afável comigo. Nunca o vi

caminhar mais depressa nem mais devagar, caminhava sempre ao mesmo passo, o velho Walt.»

«Ele morreu quando eu tinha dois anos», disse Laura. «Não me lembro da sua passada.»

Fomos ao café que ficava mesmo em frente da esquadra, na rua principal de Chatlam. Ao fundo, a torre do relógio, o cata-vento imóvel sobre o tijolo avermelhado; à porta do café, uma bandeira americana murchava sob a intensidade da canícula. Um sino tocou quando entrámos no café. Bertie, de uniforme, tinha manchas de suor debaixo dos braços. Era um homem simpático, de bigode e bochechas altas, o cabelo ralo, cor de mel, puxado para trás com uma qualquer espécie de brilhantina. Sentou-se com dificuldade, arfando; perguntei-me se ele alguma vez correrá atrás de alguém, se algum dia perseguirá um bandido ou sacará da pistola para disparar um tiro.

«E você, quem é?», perguntou-me o chefe Ditmas.

«Chamo-me Pedro», respondi.

«Pedro», repetiu ele. «É mexicano, ou assim?»

«Bernie», pediu Laura, «preciso mesmo de saber o que aconteceu ontem.»

«E eu preciso de saber com quem estou a falar», ripostou o polícia, «qual a identidade do seu namorado.»

Eu e Laura entreolhámo-nos.

«Não somos namorados», respondeu ela. «O Pedro é um amigo da família que fez o favor de me trazer até aqui. Como deve imaginar, estou um bocado abalada.»

«Há quanto tempo não via o seu pai?»

Laura demorou um instante a responder.

«Não sei exactamente. Há oito ou nove meses. Vimo-nos pouco tempo depois do Natal e do Ano Novo, almoçámos juntos em Manhattan.»

«Lamento a morte do Noah, Menina Laura.»

«Obrigada.»

Uma empregada de rosto enrugado, chamada Merle, veio ter à mesa. O café estava vazio; ainda era cedo e devíamos ser os primeiros clientes. Pedimos café para todos. Da janela, via-se a esquadra da Polícia, um edifício estreito ao lado de uma loja de *bagels* e de outra chamada Spiritual, que parecia vender vinhos e bebidas espirituosas.

«Então confia neste rapaz?»

O chefe da Polícia apontava para mim com um dedo gordo.

«Confio plenamente», disse Laura.

Merle regressou com um tabuleiro e três chávenas de café americano, escuro e aguado, e pousou-o sobre a mesa.

«Aqui têm», disse com um sorriso ténue.

«Obrigado, Merle», respondeu Bernie.

A senhora lançou-me um olhar fugidio, como se também se perguntasse que raio estava eu ali a fazer. Ditmas sorveu um pouco de café e começou a falar:

«Recebemos a chamada às quatro da madrugada. Era a sua governanta, estava muito nervosa e algo incoerente. Disse à telefonista que o patrão se encontrava morto no chão do escritório e que a sua irmã estava sentada a um canto com uma faca de cozinha na mão.»

Percebi que Laura absorvia o choque daquela revelação com dificuldade. Sentada a meu lado, o corpo dela ficou tenso, quase paralisado.

«O Bernie não acredita que a minha irmã...»

Ditmas levou a mão ao pulso de Laura.

«Ainda não chegámos a conclusão nenhuma», garantiu ele. «Entretanto, a Menina Levi está detida na nossa esquadra para interrogatório. Aguardemos.»

«Quando é que a posso ver?»

Ditmas fez uma longa pausa e fungou.

«Eu mando avisá-la assim que for possível.»

«Então, acredita que ela pode ser culpada.»

O chefe largou o pulso de Laura e recostou-se na cadeira.

«Quando chegámos à casa, o cenário era digno de um filme de terror», disse Bernie. «Eu nunca tinha visto uma coisa assim e duvido que algum dia torne a ver semelhante carnificina. O seu pai estava deitado de costas no chão, esfaqueado inúmeras vezes no tronco e no rosto.»

Debaixo da mesa, Laura pegou-me na mão e apertou-a com muita força.

«Completamente desfigurado, deitado numa poça de sangue», continuou Ditmas. «Quanto à sua irmã, encontrámo-la tal como a Sr.^a Mullens a descrevera: encostada a um canto, junto às estantes ao lado da lareira, com a faca na mão, muda e quieta, como se nem sequer ali estivesse. Foram precisos dois polícias para a tirar daquele lugar; ela não largava a faca e não tirava os olhos do cadáver do seu pai.» Bernie tornou a confiar

o bigode. «Era como se estivesse possuída, ou coisa do género.»

Laura cravava as unhas na minha mão.

«A minha irmã não é nenhuma assassina, chefe Ditmas», disse Laura. «Isso posso garantir-lhe eu. Ela não faz mal a uma mosca.»

«É possível que esteja em estado de choque», disse Bernie. «Há pessoas que sofrem de doenças que não lembram ao Diabo. Ataques psicóticos, esquizofrenia, surtos psicopatológicos que as levam a fazer coisas inimagináveis.»

«A Levi não é psicótica», defendeu Laura. «Pode ser uma peste e uma irmã difícil de aturar, mas nunca demonstrou qualquer sinal de loucura.»

Bernie sorveu o resto do café.

«Ouça, há que trabalhar com o que temos. E, neste momento, o que temos é uma rapariga com a arma do crime na mão, manchada com o sangue do seu pai, detalhe que já foi confirmado pelos técnicos forenses no local.» Ditmas tamborilou com os dedos no tampo da mesa. «Diga-me uma coisa, confia na Sr.^a Mullens?»

«Claro que confio», respondeu Laura. «Ela trabalha para a nossa família desde sempre. Desde antes de eu ter nascido.»

O chefe tirou um bloco de notas do bolso do casaco.

«Bom, segundo o depoimento da Sr.^a Mullens...», Bernie foi voltando as páginas, «... ela dormia no anexo quando ouviu gritos histéricos provenientes da casa principal. Vestiu-se rapidamente e foi a correr para onde lhe parecia estar a origem dos gritos, no piso inferior. Reconheceu a voz da

Menina Levi e pensou tratar-se de um assalto, que alguém tivesse entrado na casa a meio da noite com a intenção de roubar. Por isso, entrou de mansinho e dirigiu-se logo à cozinha, onde há um telefone na parede. Mas os gritos cessaram de imediato. As luzes estavam apagadas e, de repente, não havia um único som dentro da casa. Silêncio total. A Sr.^a Mullens percorreu o corredor até ao escritório, onde sabia que, habitualmente, o patrão trabalhava até tarde. E foi então que os encontrou.»

«Mas a casa estava às escuras?», perguntei.

Bernie olhou-me como se eu tivesse acabado de aterrar ali, vindo do espaço.

«Sim», respondeu.

«Como é que ela conseguiu ver isso tudo se a casa estava às escuras?», insisti.

«Porque era noite de lua cheia», disse Ditmas. «A seguir, usou o telefone do escritório para ligar para a central telefónica, que nos chamou sem demora.»

Laura recostou-se na cadeira e, largando-me a mão, começou a apertar os joelhos, um gesto habitual quando se sentia ansiosa.

«E, agora, o que é que acontece?», perguntou ela.

O chefe Ditmas fechou o caderno. Ainda tinha a testa suada, apesar de o ar condicionado no interior do café estar ligado no máximo. Usou um lenço de bolso para secar a testa.

«Bom, isso depende.»

«Depende de quê?»

«Do testemunho da sua irmã. Dos elementos da perícia... Se alguém saiu ou entrou na casa durante aquela hora, por exemplo. Se havia uma terceira pessoa no lugar do crime.»

«Há alguns indícios de uma terceira pessoa?»

«Por enquanto, ainda nada. Mas temos a nossa melhor equipa a trabalhar no assunto.»

«A melhor equipa de perícia de *Chatlam* a tratar do assunto?», ironizou Laura.

«A melhor equipa de Chatlam, Albany e arredores», respondeu Bertie. «Vieram peritos de outras partes do Estado. E, se o caso for considerado homicídio, teremos com certeza o FBI, tendo em conta a importância do seu pai na comunidade e em Nova Iorque.»

Bernie tornou a pigarrear. Tinha o rosto muito marcado, cheio de vincos e dobras.

«Talvez a Menina Laura me possa ajudar com alguns pormenores.»

«Como por exemplo?»

«Sobre o seu pai. Como era a vida dele nos últimos tempos?»

«Já lhe disse que não o via há muitos meses.»

«Porquê?»

«Porquê o quê?»

«Porque é que não via o seu pai há tanto tempo?»

Laura respirou fundo. Embora o seu rosto tivesse mudado um pouco com a idade, continuava a ter o mesmo corpo de quando eu a conhecera: os braços magrinhos e pálidos, os

ombros muito direitos, as mãos bonitas, de dedos longos, sem quaisquer sinais do tempo.

«Ele nunca estava por cá», revelou ela. «Ou, pelo menos, era o que me dizia. Andava pelo Brasil, pelo México...»

«E pela Ásia.»

«Pela Ásia?»

«Sim», respondeu Ditmas. «Encontrámos notas de muitos países nas gavetas da secretária, a maior parte delas de países asiáticos. China, Japão, Coreia do Sul, Malásia...»

«Ouça, Sr. Ditmas», interrompeu Laura, «eu não sei nada sobre os negócios do meu pai. Toda a vida o vi sair porta fora e regressar, passados dias ou semanas, com um sorriso no rosto ou então profundamente deprimido. Nos últimos anos, andava muito abatido, sobretudo depois de a minha mãe se ter ido embora.»

«Ela deixou-o?»

«Sim.»

«Quando?»

«Em 1996. Foi viver para Paris com um artista visual.»

«É assim que lhes chamam hoje em dia?», perguntou o chefe com um trejeito de escárnio. «*Artistas visuais?*»

«Quero ver a minha irmã.»

«Vai ter de esperar.»

«Quanto tempo?»

«Pelo menos, até amanhã. Ainda estamos a recolher provas do local do crime.»

«Ah», disse Laura como se o tivesse apanhado numa armadilha. «Já considera que a morte do meu pai foi um *crime*?»

«A menos que se tenha esfaqueado a si próprio, foi de certeza», retorquiu Bernie. «Por isso lhe perguntava pela vida dele nos últimos tempos. Com quem andava, como corriam os negócios. Não é incomum acontecerem este tipo de crimes por motivos passionais mas também sucedem por motivos financeiros. Aliás, se quer que lhe diga, essas são as duas únicas razões para as pessoas cometerem actos desta natureza: amor ou dinheiro.»

«Como lhe disse, não sei de nada», tornou Laura. «Vivo em Nova Iorque, a algumas horas daqui. O meu pai, por sua vez, vivia em toda a parte. Ora em Manhattan, ora aqui, ora do outro lado do mundo, a vários fusos horários de distância. A mensalidade que continuei a receber dele, mesmo depois de lhe dizer que tinha um emprego e que não precisava do dinheiro da família, era a relação que mantínhamos nos últimos anos. E um ou outro almoço, de vez em quando.» Laura riu-se, mas sem vontade. «Acho que a grande pena do Noah foi nunca ter tido um filho com o qual pudesse jogar golfe aos fins-de-semana. Em vez disso, calharam-lhe duas filhas na rifa, cada uma com menos jeito para o desporto do que a outra.»

Bertie fez um gesto a Merle, pedindo a conta.

«E a sua irmã?», perguntou. «Que tipo de relação é que tem com ela?»

«A Levi estuda na mesma escola onde eu estudei, a Grace Willard. Nos últimos anos, víamo-nos, sobretudo, nas férias de Verão...»

«Desculpem interromper», disse eu. Depois, sussurrei a Laura: «Não achas que era melhor ligares a um advogado antes de responderes a este tipo de perguntas?»

«Meu rapaz», disse Bertie num tom ligeiramente agressivo, «não sei como é que as coisas se passam no México. Aqui, em Chatlam, temos relações de confiança.» Olhou para Laura. «Conheço esta menina desde que nasceu, e a irmã dela também.»

«No México há a presunção de inocência», respondi, irritado com a sobranceria de Ditmas, disfarçada de familiaridade. «Está a começar a parecer-me que anda à procura de um culpado muito depressa.»

«É isso que a lei faz», replicou Ditmas. «Encontra os culpados pelos crimes que são cometidos.»

«O senhor considera a Levi culpada?»

«Ninguém foi acusado até ao momento.»

«E, no entanto, a Laura está impedida de a ver. Quer explicar-nos porquê?»

«Procedimentos», justificou ele.

«Quais procedimentos?», perguntou Laura.

«Não posso adiantar mais nada.»

Merle chegou com a conta. Tinha o cabelo pintado de louro, apanhado num carrapito, e um ar pesaroso que a acompanhava como uma sombra.

«Aqui tem, chefe.»

«Só mais uma coisa», disse Laura. «Posso ir a minha casa ou também estou proibida de o fazer?»

Bertie suspirou e exalou longamente, como se estivesse farto de tudo aquilo.

«Tenho uma equipa de gente no local, a vasculhar todas as divisões, à procura de impressões digitais, indícios, pegadas, todo o tipo de minudências», respondeu. «Tire as suas próprias conclusões, Laura. Parece-lhe o cenário ideal para passar o dia?»

O chefe da Polícia saiu do café. O sino badalou. Laura ficou muito quieta, de mãos sobre os joelhos, a olhar em frente, para a cadeira vazia. Naquele momento, lembrei-me da Laura das férias de Verão, quando se sentava na areia da praia a contemplar o mar e o horizonte com os seus olhos de água. Depois voltou-se para mim e perguntou-me se eu podia ficar até ao dia seguinte.

«Já dei cabo da minha carreira académica», respondi. «Mais uma noite não vai fazer grande diferença.»

Passámos a noite na pensão da Sr.^a Winifred, que ficava naquela mesma rua, junto da torre do relógio, ao lado da loja de artigos de pesca. Ao passarmos em frente da loja, um homem sorridente e magricelas, com um chapéu dos Hartford Whalers, veio à porta e cumprimentou Laura com um aceno.

«Menina Walsh», disse ele. «Os meus pêsames.»

«Obrigada, Sr. Springfield», respondeu.

«Está em todas as rádios e televisões», adiantou Springfield. «Esta gente não tem vergonha na cara, já acamparam em frente da sua casa e tudo. Quer ver?»

«Dispenso», disse Laura, e abriu a porta ao lado, o que fez soar outra campainha — parecia que todas as portas em Chatlam tinham personalidade.

Entrámos na pensão. Havia um televisor junto do tecto, à esquerda da recepção, na qual uma *pivot* das notícias locais falava, com um microfone na mão, em frente de uma grande casa de aspecto colonial, pintada de branco, com três colunas em frente de um alpendre e uma varanda no andar superior; uma bandeira dos Estados Unidos pendia da balaustrada. O televisor estava sem som. Uma senhora na casa dos setenta emergiu de um escritório atrás do balcão. Quando viu Laura, soltou um gritinho de espanto e veio segurar nas mãos da rapariga com as suas mãos engelhadas de velha.

«Oh, minha querida, tenho tanta pena. Que grande tragédia!»

«Obrigada, Wini», disse Laura.

«Que grande tragédia», insistiu ela.

«Precisamos de ficar aqui durante uns dias», anunciou Laura.

«Claro que sim. Tudo o que precisarem.»

A senhora olhou-me de soslaio.

«Este bonito rapaz é o seu namorado?»

«É só um amigo.»

«Ah», repetiu ela, sugestiva. «Um *amigo*. Entendo.»

Laura respirou fundo, cansada.

«Para si, a estada é por conta da casa, minha querida», disse Winifred, afagando as mãos de Laura. Depois olhou-me, sorrindo. «São setenta e cinco dólares por noite.»

«Eu pago», disse Laura.

Subimos ao segundo andar, onde, num corredor digno de uma casa de bonecas, encontrámos duas portas. O nosso quarto ficava à direita e parecia o cenário de um conto de fadas: colchas debruadas, cortinas cor-de-rosa e *bibelots* por todo o lado, incluindo dois ursos de peluche em cima da cama e uma colecção de bichos de madeira numa estante. Havia duas camas de solteiro. Laura sentou-se na cama mais próxima da porta e levou as mãos ao rosto. Começou logo a chorar. Sentei-me ao lado dela e passei-lhe a mão pelas costas, mas Laura afastou-me.

«Preciso de estar sozinha. Por favor.»

A morte do pai tinha finalmente encontrado o centro nevralgico do seu corpo e Laura entrara numa espécie de preâmbulo de luto que eu não podia compreender, porque nunca tinha perdido ninguém importante. Saí do quarto e, descendo as escadas, que rangiam muito alto, acenei discretamente a Winifred e saí para as ruas de Chatlam. Havia agora mais movimento, estávamos a meio da manhã que mudaria para sempre a história daquela pequena cidade. Caminhando pela rua principal, ouviam-se rumores vindos dos habitantes, do interior das lojas. O nome mais repetido era *Walsh*. Mais à frente, junto do Café Albatross — o tal que servia *frapuccinos* —, encontrava-se uma equipa de reportagem de um canal diferente do que o ecrã do televisor da pensão emitia. Vi, no logótipo impresso na carrinha, que se tratava de um canal do Estado de Nova Iorque, o WNYT, e que uma *pivot* loura, de roupa demasiado justa, se preparava para entrevistar alguém à porta do café. Juntei-me à pequena multidão que se reunia em torno da câmara e que murmurava entre si; alguns turistas de passagem perguntaram aos locais o que estava a suceder.

«Um homicídio», respondeu um homem gordinho que trazia o *Chatlam Herald* debaixo do braço. «O milionário Walsh foi brutalmente assassinado ontem à noite.»

Os turistas, que aparentavam ser escandinavos, denotaram surpresa e sussurraram uns para os outros; depois seguiram o seu caminho.

«Era bom homem, um homem de família», dizia uma mulher à *pivot* do WNYT. «Não percebo como é que uma coisa destas pôde acontecer aqui, numa cidade tão pacífica. Estamos todos em choque.»

«Fala-se dos negócios obscuros da família Walsh», insistiu a *pivot*, naquele jeito cruel dos repórteres. «Há quem diga que Noah estava envolvido em esquemas de pirâmide e outras ilegalidades. O que tem a dizer sobre isso?»

«Não sei o que é um esquema de pirâmide», respondeu a mulher. «Tem alguma coisa a ver com o Egipto?»

A *pivot* olhou para o rapaz entroncado que segurava a câmara e suava abundantemente, porque a temperatura já subira acima dos trinta graus e a humidade era devastadora.

«Corta», disse ela com um gesto da mão no pescoço.

«Disse alguma coisa errada?», perguntou a mulher.

Aparentemente, a história de Levi ainda não tinha sido divulgada e tudo o que se sabia era que o milionário fora assassinado. Contornei a carrinha das notícias e entrei no café. Era um lugar demasiado moderno para uma cidade tão pequena, com mesas de fórmica e sofás; atrás do balcão, dois rapazes vestidos de baristas assistiam à comoção lá fora. Havia um homem sentado ao balcão, um velho que sorvia lentamente

uma chávena de café com leite. Sentei-me a duas cadeiras de distância dele e pedi um café duplo.

«Se eu fosse a si, pedia um *mocaccino*», disse o velho numa voz muito rouca. «Eles desenham-lhe o que quiser na superfície, ora experimente.»

Vestia um fato-macaco com uma *T-shirt* por baixo e usava botas enlameadas.

«Está bem. Quero um *mocaccino*», anunciei a um dos rapazes atrás do balcão, de rosto coberto de acne.

«Prefere uma palmeira ou uma estrela?»

«O quê?»

«No café», insistiu o rapaz. «Hoje desenhamos uma palmeira ou uma estrela na espuma.»

«Ah!», exclamei. «São as únicas opções?»

O rapaz hesitou e trocou um olhar com o outro barista, que já mexia na máquina do café, que exalava vapor. O segundo abanou a cabeça em negação.

«Vou desenhar uma palmeira», disse.

Sentei-me e aguardei pelo café ilustrado. Imaginei Laura deitada na cama, a encher de lágrimas a colcha debruada. Lembrei-me da última vez que eu tinha estado com Noah, no princípio de Fevereiro desse ano. Laura convidara-me para a inauguração da exposição de um amigo, em Chelsea, mas pediu-me que fosse ter com ela primeiro à Gramercy Tavern. Era um restaurante chique, um dos estabelecimentos mais conhecidos da cidade. Quando entrei, deparei-me com Laura a terminar um almoço muito tardio na companhia do pai. Eu não via Noah desde o Verão de 1987 e quase não o reconheci:

emagrecera bastante, perdera alguma massa muscular e tinha agora uma cicatriz da testa até à bochecha — resultado, explicou-me a filha mais tarde, de um acidente no golfe, quando foi atingido com a cabeça de um taco, o que implicou uma intervenção cirúrgica e quase vinte pontos de sutura. Continuava, no entanto, a ser o mesmo tipo acolhedor de sempre. Ao ver-me, deu-me um abraço apertado. Tinha olheiras profundas, mas cheirava à mesma água-de-colónia que eu recordava e exibia o mesmo sorriso sem mácula, de dentes brilhantes e muito direitos.

«Não sei se se lembra de mim...», disse eu.

«Claro que me lembro, John Cusack!», disse ele em voz alta. «Um dos melhores Verões de sempre.»

Puxou uma cadeira para eu me sentar e, logo em seguida, anunciou que tinha de ir embora, mas que eu podia pedir o que quisesse; estava por conta dele.

«A minha Laura, nestes anos todos, não fez outra coisa senão falar de ti. O *Paedroh* isto, o *Paedroh* aquilo. Hoje em dia, é fácil uma pessoa manter-se em contacto, com a Internet e isso tudo. Mas o que vocês fizeram foi muito mais precioso.»

Referia-se à nossa troca de cartas, que durara anos.

«Tenho de ir, biscoito», disse ele à filha. Depois tornou a abraçar-me. «Toma bem conta dela, que eu não duro para sempre.»

Não me lembro do resto desse dia (fomos à exposição e depois jantámos num lugar qualquer em Chelsea, creio), mas recordo o impacto que teve em mim a presença de Noah, aquela personagem maior-do-que-a-vida que eu conhecera em adolescente e que agora reencontrava, passada uma década.

Era o mesmo homem, só que muito mudado, ou talvez tivesse sido eu que crescera e mudara e, portanto, o meu ponto de vista era outro. Noah não era mais o pai da rapariga por quem eu me apaixonara naquele Verão, mas o pai de uma amiga de longa data, um homem a quem a vida roubara uns quilos e, claramente, enchera de preocupações.

Não sabia que Leah o deixara, mas Laura contou-me a história nessa noite.

«Aqui tem», disse o barista.

Olhei para o café. O desenho na espuma parecia-se, de facto, com uma palmeira. Lá fora, na rua, o entretenimento continuava, com a *pivot* a entrevistar pessoas ao acaso, transeuntes.

«No meu tempo, isto era ilegal», disse o velho. «Nenhum jornalista se atreveria a abordar uma pessoa a propósito da morte de outra, sobretudo enquanto o cadáver ainda estivesse morno. Mesmo que o morto fosse um patife. Os repórteres respeitavam a morte. Escreviam obituários. Redigiam epitáfios. A tragédia em directo é o maior flagelo dos nossos dias, não acha?»

«É possível», respondi.

«De onde é que você vem, com esse sotaque?»

«Sou de Lisboa», informei-o. «Mas vivo em Nova Iorque, de momento.»

«Lisboa é a capital de... Não me diga, eu sei esta. Eu sei esta.» O velho, que tinha o cabelo oleoso, fechou os olhos e levantou o dedo indicador, como se isso o ajudasse a recordar. «Panamá», desferiu. «Tenho razão?»

Eu estava demasiado cansado para o contrariar.

«Acertou em cheio.»

«A única coisa que sei sobre o seu país é que tem um canal. O canal do Panamá. Liga o Atlântico ao Pacífico, se não me engano.»

«Precisamente», respondi. «E o senhor? De onde é?»

Orgulhoso, o homem bateu com a mão no balcão.

«Nascido e criado em Chatlam. Sou o habitante mais antigo desta vila.»

«Para além da Sr.^a Kearne», disse o rapaz que me servira o *mocaccino*.

«A Sr.^a Kearne não é de Chatlam», vociferou o homem.

«Ela diz que é.»

«A Sr.^a Kearne perdeu um parafuso há muito tempo, e a memória já não lhe serve. Eu lembro-me de quando chegou a Chatlam, era eu um miúdo. Os pais dela vieram de Saratoga e mudaram-se para aqui, foram uma das primeiras famílias a explorar as concessões do lago Juniper no final dos anos trinta. Agora, gosta de se declarar a mais antiga, reclamar o seu título indevido, qualquer coisa vale para que as pessoas não se esqueçam dela.» O velho bufou e abanou a cabeça. «Cabra», terminou.

«Como é que se chama?», perguntei-lhe.

«Milton», respondeu.

«Se é o habitante mais antigo da cidade, deve conhecer a família Walsh», sugeri.

Milton olhou para mim de soslaio. Havia, de repente, no seu olhar uma maldade que era inusitada, quase demasiado súbita.

«Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Pablo», respondeu. «Isto que está a acontecer ali fora não é nada que não se adivinhasse há muito tempo. Há décadas.»

«O que é que isso significa?»

«Algures no tempo, na maldita cronologia desta vida, essa malfadada família Walsh haveria de encontrar um inimigo à altura, a sua némesis.»

«Porque é que diz isso?»

«O avô Walsh roubou a casa ao Sr. Milton», confessou um dos baristas enquanto limpava a máquina, claramente farto de ouvir a mesma lengalenga.

«Walt Walsh! O maior filho da puta que alguma vez passou por estas bandas», vociferou Milton. «Vou contar-lhe a história, e não pense que estou senil ou em delírio. Estou lúcido, ouviu? Lúcido! Isto aconteceu em 1945, no último ano da guerra, aquela guerra suficientemente grande para acabar de vez com todas as outras. Walt tinha chegado à cidade havia uns anos, com uma mulher lindíssima e muda que nem um ratinho. Nunca ninguém lhe ouviu a voz, e não me admirava nada que o marido lhe tivesse comido a língua ao jantar com um belo copo de vinho tinto, como o maluco naquele filme, como é que se chama...?»

«*O Silêncio dos Inocentes?*», sugeri.

Milton estalou os dedos da mão esquerda.

«É isso mesmo. Toda a gente se impressionava com o porte de cavalheiro, com as suas camisas engomadas e os seus sapatos engraxados, sempre impecável, aquela pose garbosa dos actores de Hollywood, os Gables e os Stewarts e mais-não-sei-quem. A mim, nunca me enganou. Percebi imediatamente, desde o primeiro momento, que esse Walsh era um patife; que ele e a mulher silenciosa chegaram a Chatlam com más intenções.»

«Como é que justifica isso?», perguntei.

Milton passou os dedos sujos de óleo pelo cabelo ralo e continuou a olhar em frente, para a máquina de café.

«Isto aconteceu há muitos anos, jovem. Mas eu lembro-me como se fosse ontem. Uma noite, acordei com a sensação estranha de que o mundo estava a chegar ao fim, um pânico no estômago, o coração esmagado por uma mão invisível.» Levou a mão direita ao peito, como se contivesse ali uma dor. «A minha querida mulher, que Deus a tenha, acordou comigo e perguntou-me o que se passava, porque é que estava tão agitado. O quarto estava às escuras, o silêncio era total, mas eu sentia um calor inexplicável, como se alguma coisa me queimasse por dentro. Peguei na arma que tinha guardada no armário, a minha fiel *Winchester 37*, e descí à cozinha; depois atravessei a casa e fui ao quintal das traseiras. Foi quando abri a porta que dava para o pátio e vi as chamas. Era o inferno, Pablo... O inferno. Eu nunca tinha visto uma coisa assim: as labaredas eram da altura de um prédio, o fumo subia até ao céu. O milharal inteiro estava a arder. O milharal inteiro, a minha propriedade, que eu tinha comprado com o dinheiro que o meu pai me deixara. Portanto, ali estava eu, um homenzinho ridículo perante o monstro do fogo que devorava a plantação que era o nosso sustento, estupidamente armado com uma

Winchester. Subi para ir buscar a minha Nelly e fomos os dois a correr ao quartel dos bombeiros, ela em camisa de noite e chinelos, e eu quase despido. Éramos jovens e conseguíamos correr, queríamos lá chegar antes que as chamas também devorassem a casa onde vivíamos. Foram os bombeiros que a salvaram, contiveram o fogo a tempo. Mas o milharal desapareceu. A terra estava toda queimada, levaria anos a recuperar. Dezoito hectares ardidos.»

Provei finalmente o *mocaccino*, que entretanto esfriara. A palmeira desfez-se.

«E então o Walt entrou em cena», adivinhei.

«Ora, vê como é esperto?», disse Milton. «Sim. Apareceu o Walt Walsh, cheio de boas intenções. Comprou-nos a propriedade por um preço ridículo, mas que dava para eu e a Nelly alugarmos uma casinha modesta nos arredores da cidade e começarmos do zero. Eu estava devastado pelo incêndio e era ingênuo que nem um passarinho... Vendi-lhe o terreno por tuta e meia. O terreno que é hoje em dia a casa senhorial dos Walsh, à qual só faltam escravos para compor um ramalhete perfeito de sobrançeria.»

«Como é que recomeçaram a vida?», perguntei.

«Tornei-me bombeiro», respondeu Milton. «Em menos de cinco anos, já era o chefe dos bombeiros de Chatlam e Ghent, Red Rock, Spencertown. A nossa estação serviu toda esta área durante quase cinquenta anos, até chegar o reino dos Democratas, com a porcaria da burocracia e das liberdades civis, e sermos considerados obsoletos, porque cada cidadezinha desta maldita província se queria orgulhar de ter a sua estação de bombeiros, que só entrava em actividade uma

vez por ano com voluntários que nem uma mangueira sabiam dobrar.»

Olhei para os tufos de pêlos dentro da orelha esquerda de Milton e imaginei-o jovem, vestido de bombeiro, a combater um fogo dentro de um celeiro, com cavalos espavoridos a galopar em debandada.

«Alguns meses depois do incêndio, descobri, através do-Norman, um dos bombeiros da estação, que entretanto já morreu, que o fogo tinha sido *comprado* pelo Walt. Era o que se dizia na cidade, toda a gente o sabia, menos eu. Num acesso de raiva, jurei à minha Nelly que o ia matar com as próprias mãos. Mas a minha mulher estava grávida de sete ou oito meses e, por isso, tomei a decisão de não fazer nada. De não arruinar a minha vida com um acto irreflectido. Engoli um sapo do tamanho de um elefante, Pablo. E agora, finalmente, o Senhor permite-me rir por dentro.»

Pensei em Laura.

«Parece-me um pouco cruel rir do que aconteceu ao Noah Walsh», respondi, bebendo o resto do café.

Milton encolheu os ombros.

«Ele cobra a iniquidade dos pais nos filhos», afirmou o velho. «É o que está escrito no Deuterónimo.»

Paguei, levantei-me e saí da cafetaria. Lá fora, a comoção continuava, embora as câmaras de televisão se tivessem mudado para o outro lado da rua e se posicionassem agora em frente da esquadra da Polícia. Continuavam rodeadas de populares e de alguns turistas e preparavam-se para entrevistar alguém que eu não conseguia ver.

Enquanto caminhava pela rua principal, de regresso à pensão de Winifred, reparei num rapaz — ou num homem, não consegui dizer ao certo — que, algo afastado da multidão, se encontrava estacado no meio do passeio, de braços cruzados, a falar sozinho. Tinha o cabelo cortado à tigela e o aspecto demasiado compenetrado das pessoas que sofrem de um atraso mental. Olhava para o chão e murmurava, os lábios movendo-se; depois olhava para as pessoas que rodeavam a carrinha da WNYT e parecia ter vontade de se aproximar, mas, sempre que avançava uns passos, acabava por recuar.

Viu-me cruzar a rua no sentido contrário e veio na minha direcção.

«Por favor, senhor», disse ele, e reparei que era meio vesgo, ou que trocava os olhos. «Sabe onde está o meu pai? Estou à procura do meu pai.»

«Não faço ideia nenhuma», respondi, quase com pena daquele adulto que fazia uma pergunta característica de uma criança. «Como se chama o teu pai?»

«George», respondeu. «Chama-se George.»

Sem saber como o podia ajudar, e com a entrada da esquadra barrada pela televisão, acabei por encolher os ombros, pedir-lhe desculpa e seguir caminho.

Quando regressei ao quarto, encontrei Laura a dormir em cima da colcha debruada, as mãos juntas debaixo do rosto, as pernas dobradas em posição fetal. Fui à casa de banho e, depois, ouvi a voz dela chamar-me:

«Anda para a minha cama», pediu. «Abraça-me só um bocadinho.»

Sentei-me na cama. Tirei os sapatos e, voltando-me para ela, abracei-a, sentindo o seu perfume e também os vestígios de um ligeiro suor. O quarto estava quente e ambos transpirávamos. Acabámos por adormecer assim, o corpo dela encaixado no meu, a tremer ligeiramente do choro, do luto inicial pela morte violenta do pai.

22 de Dezembro de 1985

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Nessa tarde, Laura chegou mais cedo a casa. Tinha passado o dia com as amigas que fizera na Grace Willard — raparigas que, como ela, também regressavam a Nova Iorque para passar as férias do Natal com a família. A cidade estava enfeitada de uma ponta à outra, as luzes coloridas decoravam as árvores, as ruas e as avenidas, e os nova-iorquinos pareciam ter sido contagiados pelo espírito natalício; toda a gente dizia bom dia e boa tarde e as raparigas da idade dela andavam livres pelas ruas.

Ao fundo do quarteirão onde os Walsh viviam, na esquina com a West 8th, uma loja de renome mandara instalar um pinheiro gigante que iluminava o bairro. Durante a hora que faltava para o jantar, leu mais algumas páginas do romance de Jane Austen que a professora lhe recomendara e depois adormeceu no sofá. Acordou com a voz da mãe a chamá-la para a mesa. Ao juntar-se à família, pressentiu imediatamente que seria mais uma daquelas noites. Levi recusava-se a comer; o pai estava em roupa de trazer por casa e tinha a barba por fazer, com o aspecto desleixado que o caracterizava nos últimos tempos; Leah insistia para que a filha mais nova comesse. Era uma criança demasiado franzina e, embora ainda só tivesse quatro anos, mostrava já uma vontade de ferro; era, em todos os aspectos da sua teimosia, idêntica ao pai, e até ao

avô: na maneira como tomava uma decisão e nunca abdicava dela, nem perante a ameaça de punição física. Se nessa noite decidira não comer, então não comeria mesmo.

Laura reparou que a sua mão direita começara a tremer enquanto levava as ervilhas e as cenouras à boca. A qualquer momento, aguardava um grito do pai, ordenando a Levi que obedecesse imediatamente ou então... A grande sala onde jantavam, sob a luz de um lustre demasiado brilhante, que projectava exageradamente as sombras nas paredes despidas, transformara-se, nos últimos tempos, num lugar de sofrimento. Se ao menos Levi respeitasse as ordens do pai, pensava Laura, as noites seriam muito mais fáceis para todos. Uma, duas, três vezes, a mãe pediu-lhe que começasse a comer. Em vez disso, a irmã brincava com a comida, afastando as ervilhas todas para um lado, as cenouras para o outro, empilhando numa torre os pedaços de bife cortado. Noah, pelo contrário, comia com a voracidade de quem não via um prato de comida há anos. Laura adivinhou que ele passara mais um dia sem sair de casa, fechado no escritório, afogado em papelada e a fazer telefonemas intermináveis, em inglês ou no seu espanhol deficiente, por vezes gritando com os interlocutores. Segundo as contas da filha, já partira três telefones, atirando-os ao chão ou contra as paredes. No dia seguinte, a companhia dos telefones vinha entregar um novo, e o processo recomeçava.

«Come», ordenou Noah, finalmente, na sua voz grave e troante.

Laura assustou-se e pousou o garfo. Leah olhou para baixo, para as mãos pousadas no colo. Também ela esperava que o marido explodisse.

Levi continuou a brincar com a comida.

Até que o pai se levantou e, caminhando pesadamente até ao outro lado da mesa, arrancou a miúda da cadeira por um braço. Levi começou a contorcer-se, debatendo-se contra a força bruta do homem.

«Noah, vais magoá-la!», suplicou Leah.

Noah arrastou Levi para fora da sala. O cabelo da miúda, tão claro que se confundia com a cal das paredes, agitava-se nos gestos de resistência. O pai rebocou-a sem clemência pelo corredor e levou-a para o quarto dos fundos, fechando a porta atrás de si.

«Mãe!», suplicou Laura.

Lá fora, começara a nevar. As luzes intermitentes de Nova Iorque, celebrando a época natalícia, contrastavam em absoluto com o negrume que se instalara na Quinta Avenida dos Walsh.

«Por favor, não digas nada», suplicou Leah à filha. «Não faças nada.»

Terminaram de jantar em silêncio. Laura esforçava-se por conter as lágrimas, pois temia que também ela fosse castigada pela sua fraqueza. Levantaram a mesa. A mãe recolheu ao quarto, onde adormeceria à custa de comprimidos. Laura, por sua vez, ficou no seu quarto à escuta, ansiosa pelo regresso de Levi. Embora cada uma tivesse um quarto individual no grande apartamento, as irmãs gostavam de dormir na mesma cama, abraçadas. Olhou para o relógio. Dez e meia. O tempo demorava a passar, e nada de Levi.

À meia-noite, incapaz de adormecer, levantou-se da cama e, discretamente, aventurou-se pelo corredor escuro. Ouviu os passos da vizinha de cima, uma velha que vivia com muitos

gatos; escutou, à distância, as sirenes de uma ambulância, depois um carro da Polícia. Aproximou-se, pé ante pé, do quarto dos fundos, a tremer de medo por causa das sombras que a noite projectava nas paredes, e encostou o ouvido à porta de madeira. Não se ouvia nada. Depois, de súbito, o ranger de alguma coisa no interior do quarto. Assustou-se, recuou, foi esconder-se na penumbra, na esquina do corredor. À espreita, viu a porta do quarto abrir-se, o tronco corpulento do pai a emergir. Estava despenteado; naquela escuridão, não lhe conseguia ver o rosto, mas a energia que a sua figura emanava era de crueldade. Trazia Levi ao colo. A miúda, adormecida, foi levada até ao quarto, onde o pai a deixou em cima da cama coberta com a colcha dos Peanuts, na qual dormia uma boneca de trapos.

No corredor, Laura tremia.

15 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Laura tremia quando desceu as escadas para a morgue.

Nessa manhã, a Sr.^a Winifred batera-nos à porta muito cedo e anunciara que havia uma chamada em linha do chefe da Polícia. Ainda não eram sete da manhã, mas Bernie Ditmas pedia que Laura fosse fazer o reconhecimento do corpo enquanto a cidade ainda dormia, enquanto os jornalistas ainda não rondavam a esquadra como abutres. Perguntei a Laura se queria que eu a acompanhasse e ela disse-me que não, que preferia ir sozinha.

Como em todas as cidades pequenas, a esquadra da Polícia de Chatlam tinha poucos funcionários — um chefe, um ajudante e dois polícias de giro, mais uma secretária, chamada Marybelle, que tratava da burocracia. Todos conheciam Laura desde pequena, e Marybelle ofereceu-lhe um café e um *donut*, desfazendo-se em condolências pela morte do pai.

Das duas irmãs Walsh, Laura sempre fora a mais popular, sobretudo naquele meio tão pequeno, em que os feitos de cada um eram minuciosamente escrutinados e comentados, mesmo os que só apareciam de veraneio, como era o caso delas. Levi fora sempre uma rapariga mais introspectiva, menos dada a sorrir nas ocasiões em que devia sorrir, mais propensa a suscitar interrogações por parte dos habitantes de Chatlam que, em contrapartida, viam em Laura a filha perfeita — bonita,

simpática, sempre disposta a perder um minuto para perguntar a Marybelle, por exemplo, como estavam as coisas em casa, como andavam a família e o marido, que, tantas vezes, tinha ido pescar com Noah no lago Juniper.

«Estamos todos bem, minha querida», respondeu Marybelle. «Oh, que amor que tu és, mesmo nesta hora tão difícil.»

Marybelle abraçou Laura, perante o olhar solene do chefe Ditmas e dos ajudantes. Depois, Bernie conduziu-a por um braço, gentilmente, pela porta que separava a secção central da esquadra de um longo corredor que desembocava numa espécie de pátio inundado pela luz da manhã. À esquerda havia um lanço de escadas e uma placa afixada na parede anunciando a morgue. Um dos ajudantes tinha-os seguido e colocara-se atrás do chefe com os dois polegares enfiados no cinto, o uniforme cinzento-acastanhado demasiado justo para conter a barriga volumosa.

«Que caloraça, chefe», disse o ajudante, limpando o suor da testa.

«O que é que estás aqui a fazer, Moon?», perguntou Bernie. «Volta lá para dentro.»

O ajudante ficou atrapalhado com a ordem. Em voz baixa, respondeu:

«Vinha ajudar.»

«Ajudar a fazer o quê? A levantar os mortos?»

O polícia baixou a cabeça e, dando meia-volta, encaminhou-se para o corredor acabado de percorrer, o rabo volumoso ameaçando rebentar as costuras das calças.

«Peço-lhe desculpa, Menina Laura», disse Bernie. «Os rapazes não estão habituados a estas coisas.»

«Quais coisas?», perguntou Laura, nervosa. «Trabalho de polícia?»

«Cadáveres», respondeu Ditmas. «Nunca vemos cadáveres por aqui. Só nas séries de televisão. Há muitos anos que a morgue não era utilizada. Habitualmente, as pessoas que morrem em Chatlam são levadas para o hospital e seguem logo para a funerária. A seguir, vão a enterrar. Tivemos de chamar um médico-legista de Albany para tratar do corpo.»

Bernie indicou as escadas e desceu à frente da rapariga.

«Por favor, não fique perturbada com o médico», disse ele, olhando-a por cima do ombro. «É uma criatura um bocadinho estranha. Estes indivíduos que passam o dia a mexer nos mortos são todos...»

Ditmas não terminou a frase. A temperatura diminuiu consideravelmente assim que entraram na morgue. Era uma sala muito pequena, de paredes de azulejo. No centro, havia um corpo deitado numa marquesa, completamente coberto por um lençol branco; do lado esquerdo, uma bacia para lavar as mãos e, do lado direito, uma bancada em metal na qual repousavam vários instrumentos. Ao fundo, um frigorífico para cadáveres, com três portas abertas.

Um homem muito alto e magro, de mãos grandes e venosas, misturava um líquido num recipiente de vidro com a ajuda de uma colher de plástico. Usava uma bata branca comprida e praticamente não tinha ombros. Quando avistou Laura e o chefe Ditmas, voltou-se para eles e ficou a olhá-los como quem observa um cardume de peixinhos dourados dentro de um aquário.

«Este é o Dr. Pleasant», anunciou Bernie. «Apresento-lhe a filha do Noah Walsh.»

Pleasant não esboçou qualquer reacção, embora continuasse a misturar o líquido amarelado. Cheirava a uma mistura de éter com um outro odor, forte e pungente; instintivamente, Laura levou a mão ao rosto, tapando o nariz e a boca.

«O que é isso?», perguntou ela, as palavras abafadas.

«Líquido de embalsamar», respondeu o perito em tanatopraxia num tom de indiferença.

«Agradecíamos que nos deixasse a sós», pediu Ditmas.

«Com certeza», respondeu o médico-legista. Com enorme vagar, pousou o recipiente na mesa de metal e subiu as escadas com a lentidão de um morto-vivo.

«Eu avisei que ele era estranho.»

Ditmas e Laura aproximaram-se do corpo. A rapariga tremia. Usava o mesmo vestido preto do dia anterior, que lhe deixava ombros e braços à mostra, e a penugem loura eriçou-se por causa do frio ou do nervosismo de ver o cadáver.

«Vamos a isto?», perguntou Bernie.

«Sim», concordou Laura.

Com um gesto rápido, Bernie destapou a cabeça do morto. Laura levou a mão à boca. As lágrimas caíram-lhe em silêncio. O rosto do pai estava irreconhecível. Os lugares que a lâmina da faca penetrara — o olho direito e parte da cana do nariz, a bochecha, a boca — exibiam feridas profundas, que o desfiguravam completamente. Pareceu-lhe que Noah tinha menos cabelo do que da última vez que o vira, mas nada disso

importava, porque a cicatriz estava lá, do lado esquerdo, correndo, sinuosa, da testa até à bochecha, exactamente como Laura a recordava.

Não foi capaz de olhar durante mais de uns segundos; voltou a cabeça para o lado e, por um instante, julgou que ia vomitar, mas conteve-se, fechando os olhos. Chegou-lhe uma imagem inesperada: a de Noah na praia, durante aquele Verão de 1987 que tinham passado no Algarve, o sol a iluminar-lhe o cabelo, o sorriso magnífico no seu rosto.

O chefe Ditmas apressou-se a tapar a cabeça do cadáver com o lençol. Quando Laura tornou a abrir os olhos, reparou que as pessoas pareciam mais pequenas quando estavam deitadas daquela maneira, numa marquesa, inertes. Mas, pela dimensão da caixa torácica, era definitivamente o pai, a envergadura dos seus 1,92 metros de altura diminuída pela estranha tradição ocidental de ocultar os mortos.

«É o meu pai», confirmou Laura, que, naquele momento, se sentia mais agoniada do que triste.

«Obrigado», replicou Ditmas.

O médico-legista aguardava-os no pátio, a testa reluzente, os óculos aumentando-lhe os olhos, o queixo retraído; fazia lembrar um peixe muito feio. A ausência de ombros sugeria uma impressão de raquitismo.

«Podemos prosseguir com a autópsia», disse-lhe Bernie.

«Autópsia?», questionou Laura.

«É o procedimento normal em casos de homicídio.»

«Quando é que posso falar com a minha irmã?»

«Veremos», disse o chefe.

«Ela está aqui?»

Bernie cofiou o bigode, claramente cansado. Não eram dias normais em Chatlam, e ele, provavelmente, temia que o pior dos casos tivesse ocorrido a poucos meses da reforma, obrigando-o a trabalhar o triplo do habitual quando tudo indicava um final de carreira pacífico.

«A Menina Levi está numa das nossas celas», revelou. «Não quero que se preocupe. Está a ser bem tratada, servem-lhe as refeições a tempo e horas, a situação está controlada. Estamos à espera de ordens superiores, de Nova Iorque, para darmos seguimento ao processo. Não há mais nada que possamos fazer por agora.»

«De Nova Iorque? Porquê?»

«Ordens superiores», insistiu Ditmas.

«Achava que o senhor era o chefe da Polícia», contestou Laura enquanto percorriam o corredor de regresso à esquadra.

Bernie estacou. Na penumbra, levou os polegares ao cinto e olhou para o chão, mostrando a careca a Laura. Respirou fundo antes de falar.

«Laura, somos uma povoação de quatro mil pessoas. E este é um caso que se pode tornar muito complicado, que ultrapassa as nossas capacidades.» Ergueu o rosto e olhou para ela. «Digo-lhe isto para a avisar, a ver se consigo acalmar a sua urgência. Os processos judiciais podem levar meses, por vezes, anos, a resolver-se... Entretanto, vai aparecer muita gente a reclamar saber a verdade.»

Laura sentia-se revoltada. Apetecia-lhe gritar, pegar em Bernie pelos colarinhos e encostá-lo à parede.

«Não pareciam ter grandes dúvidas quando prenderam a minha irmã», retorquiu Laura.

«A sua irmã foi encontrada na cena do crime com a arma na mão.»

«A minha irmã tem dezasseis anos, Bernie. É uma adolescente.»

«Aos olhos da lei, a Levi é inimputável», confirmou ele. «Se as coisas tomarem um caminho mais pedregoso, e rezemos para que tal não suceda, não poderá ser condenada por homicídio. Mas o caso pode ser entregue ao Tribunal de Menores e então ela poderá ser acusada pelo Estado de criminalidade. Já vimos isso acontecer noutras situações. E, se for esse o desfecho, o tribunal terá poder absoluto sobre a vida de Levi.»

Laura suspirou e cerrou os olhos por um momento. Sempre que ganhava coragem para auscultar o seu coração, recusava-se a acreditar em tudo o que estava a suceder, desejando despertar daquele pesadelo a qualquer instante. Quando abriu os olhos, o chefe da Polícia ainda estava à sua frente no corredor exíguo.

«Vá para casa», aconselhou o polícia.

«Não tenho casa, lembra-se?»

«Volte para a pensão. Eu mando chamá-la ainda hoje ou, no máximo, amanhã de manhã. Há-de falar com a sua irmã. Prometo-lhe.»

Bernie aproximou-se dela e tocou-lhe no braço com os dedos calejados e quentes.

«Laura, eu não sei exactamente como a coisa funciona, mas, se fosse a si, começava a pensar rapidamente no futuro. No *seu* futuro. A menina é maior de idade e tem direitos.»

«Não percebo o que quer dizer com isso», contestou Laura.

«O que eu quero dizer com isto é que o seu pai pode ter, digamos... *acautelado* o seu futuro. E o da sua irmã. Financeiramente.»

«As pessoas, quando são assassinadas, não costumam deixar testamentos.»

«Tem razão. Mas as pessoas abastadas, como o seu pai era, costumam ter seguros de vida que beneficiam aqueles que ficam para trás. Acautele-se, Laura. Aja depressa. Se isto atingir certas proporções, os tubarões vão chegar para comer os despojos. E então será tarde demais.»

E, com isto, Ditmas começou a afastar-se pelo corredor. Laura acompanhou-o e, depois de receber um novo abraço de Marybelle, saiu para o calor opressivo daquele dia de Setembro que prometia ser tão difícil como o anterior.

Quando Laura regressou da esquadra, disse-me que não queria sair, que não queria comer e que só lhe apetecia dormir. Preocupado, insisti para que fôssemos, ao menos, dar um passeio; escolheríamos as ruas mais recôndidas para evitar os jornalistas ou então eu iria buscá-la de carro à porta da pensão e iríamos a uma povoação próxima, onde o caso ainda não fosse conhecido.

«Não vale a pena fugir», lamentou-se Laura. «Para onde quer que vamos, vou ter esta memória na cabeça. Pelo menos por agora.»

«Lamento que tivesses de ter sido tu a fazer isso.»

«Não há mais ninguém.»

«A tua mãe já sabe?»

«Não sei. Não me apetece ligar-lhe.»

Ficámos uns segundos em silêncio. Laura deitara-se na cama, novamente em posição fetal.

«Todos sabemos que, um dia, os nossos pais vão morrer», disse Laura. «Que, provavelmente, estaremos vivos para assistir à morte deles. Mas o meu pai... O rosto dele estava desfeito, Pedro. Reconheci-lhe o cabelo, a cicatriz. O tronco forte debaixo do lençol. E depois pus-me a pensar na maldade que é preciso para fazer uma coisa destas... A tentar imaginar quem poderia detestá-lo a ponto de o querer matar de uma maneira tão cruel.»

«Vai ter de ser a Polícia a descobrir isso, Laura.»

«O Bernie Ditmas avisou-me que estes casos podem demorar muito tempo.»

Sentei-me na cama, perto dela.

«Não estou a insinuar nada», disse eu, cuidadoso. «Só quero lembrar-te de que, nos últimos anos, tu própria o disseste, passavas muito pouco tempo com o teu pai. Não sabias quase nada da vida dele, sobretudo depois de a tua mãe se ter ido embora. Já pensaste nisso?»

«Em quê?»

«Não sei bem. Que ele podia estar envolvido em coisas mais obscuras do que dava a entender.»

Laura, que estava deitada, voltou a cabeça na minha direcção.

«De que é que estás para aí a falar?»

Fiquei um pouco aflito com o tom de voz dela.

«Comecei por dizer que não era uma insinuação.»

«Deixa-te de merdas.»

«Objectivamente, a Polícia encontrou a tua irmã com a arma do crime na mão.»

«Não foi a Levi.»

Apeteceu-me dizer-lhe: *Não podes saber isso*. Mas não disse nada.

«Se o meu pai tinha inimigos, isso já é outro assunto», concordou Laura. «Claro que tinha. Quem tem muito dinheiro tem sempre inimigos, certo? O que eu sei é que, não obstante o que ele fez ou deixou de fazer, ninguém merece morrer assim. Ninguém.»

Levei as mãos aos joelhos e senti o peso daquele dia no corpo. Laura encontrava-se em negação a respeito do pai e, portanto, qualquer conversa, naquele momento, era perfeitamente inútil.

«E se fôssemos dar um passeio?», sugeri.

«Talvez mais tarde», respondeu ela, e voltou a cabeça para a parede.

Fui à casa de banho e, do interior, ouvi-a chorar de rosto enterrado na almofada. O ar condicionado estava ligado (finalmente, eu percebera como pôr o raio da máquina a funcionar) e o quarto fresco e agradável, mas sentia que ela precisava de privacidade e saí para o calor abrasador. Como não sabia o que fazer, dei um passeio por Chatlam. Aparentemente, a cidadezinha estava tranquila, mas ainda era

cedo e reparei que, junto da esquadra da Polícia, havia agora outras duas carrinhas de estações de televisão, para além da WNYT.

Cruzei-me com um grupo de turistas alemães que, alheados da tragédia, tiravam fotografias junto da torre do relógio, onde a rua principal bifurcava, e atravessei para o outro lado. Avistei uma livraria e entrei. Ao cruzar a soleira da porta, fiquei à espera de um som qualquer, mas nada aconteceu. Não havia ninguém atrás do balcão. Estava fresco no interior, o que era um alívio da inclemência daqueles dias de Setembro. O suor colou-se ao corpo, que começou a esfriar. Do lado direito, havia uma estante cheia de livros e, do lado esquerdo, os jornais do dia e muitas revistas.

A notícia vinha na capa do *The New York Times*, uma chamada no canto inferior direito. *Magnata nova-iorquino assassinado; Polícia local oculta informações*. Peguei no jornal e abri-o na página correspondente.

«Não pode ler o jornal aqui dentro», disse uma voz feminina. «Isto não é uma biblioteca.»

Fechei o jornal. Atrás do balcão surgira uma senhora de cinquenta anos, com o cabelo espavorido e vestida com uma espécie de tenda amarela que mal disfarçava a sua obesidade. Usava uns óculos de massa preta, quadrangulares.

«Eu compro o jornal», respondi.

Ela grunhiu alguma coisa e sentou-se numa cadeira alta. Fui à estante dos livros só para fazer tempo e, por curiosidade, corri a lista dos autores, em busca de alguma coisa que me interessasse para matar o tempo naquela pasmaceira. A selecção era absurda. Goethe misturado com Stephen King, um romance perdido de Auster enfiado entre Jackie Collins e o

insuportável livro de Nicholas Sparks que aterrara na lista dos *bestsellers* há uma infinidade de meses; um livro de cozinha ao lado de uma biografia do general MacArthur. E, de repente, quando estava prestes a desistir, encontrei um romance de List. Era uma curiosa coincidência — Gary não era um autor *bestseller*, nem nada que se parecesse —, porque era o livro dele a que eu prestara menos atenção e encontrava-o agora naquela cidadezinha. Peguei no exemplar de *Joining Heaven*, algo maltratado, e levei-o, juntamente com o *The New York Times*, até à senhora resmungona atrás do balcão.

«Doze dólares e noventa e nove», disse ela.

Entreguei-lhe uma nota de vinte. Ela carregou num par de botões e a gaveta da máquina registadora abriu-se com um tilintar. Passou-me o troco com indiferença enquanto bocejava.

«Posso fazer-lhe uma pergunta?», arrisquei.

A mulher, que parecia ter estado a dormir antes de eu entrar na loja, limitou-se a fitar-me.

«Conhece alguém chamado George?»

Ela franziu o sobrolho.

«Claro que conheço», respondeu. «Conheço o George-Washington, o George Clooney. O George Lazenby, que era um pedaço de homem, mas um James Bond medíocre. Deixe ver de quantos mais é que me consigo lembrar.»

«Okay, esqueça», disse eu, e voltei-lhe as costas.

«Espere lá,» adiantou ela. «Desculpe. É que estamos no final da época balnear e os turistas invadem-me a loja todos os dias, é um inferno. Só querem comprar mapas e porcarias.

Mexem em tudo, viram a loja do avesso. Deixam qualquer pessoa à beira de um ataque de nervos.»

«Não tem problema», respondi, forçando um sorriso.

«De que George é que anda à procura?»

«Não sei. Encontrei um rapaz no meio da rua, que me pareceu meio perdido e que andava à procura do pai. Dizia que ele se chamava George.»

A mulher começou a rir-se. Tinha os dentes pequeninos e desalinhados, quase tão escuros como a armação dos óculos.

«Ah, encontrou o Dan!», exclamou. «É o nosso maluquinho de serviço, o pateta da aldeia, por assim dizer.»

Começava a perceber que uma característica dos habitantes de Chatlam era serem cruéis com os seus conterrâneos.

«Mas o pai dele foi-se embora? Deixou-o sozinho?»

«É uma história antiga», respondeu a mulher. «Eu não sei muito dessas coisas, não sou de me meter na vida dos outros... O que sei é que, um belo dia, o George Saunders desapareceu de Chatlam e nunca mais foi visto. Aliás, nunca chegou a conhecer o filho, que já nasceu assim, meio apanhadinho. Alguém lhe deve ter dito que toda a gente tem um pai, e ele anda há mais de trinta anos à procura dele.»

«E o Dan tem onde viver?»

«Vive em casa do avô, creio eu. Mas passa lá pouco tempo, porque a maluquice não deixa as pessoas estarem quietas. Anda por aí na rua, a fazer perguntas estranhas a toda a gente, a assustar os turistas. Às vezes, encontram-no a dormir no bosque ou nas margens do lago. Nunca se lava, é um porcalhão... Mas é inofensivo.»

«Obrigado», respondi. Sentia pena do pobre tipo.

«E você?», perguntou ela. «O que o traz a Chatlam?»

Estive prestes a dizer-lhe que me encontrava ali de passagem, mas, num lugar tão pequeno, o mais provável era vir a encontrá-la novamente.

«Sou amigo da Laura Walsh. Vim acompanhá-la, porque...»

«... eu sei, eu sei», interrompeu a mulher. «Toda a gente sabe, não precisa de explicar.» Cruzou os braços gordos em redor do tronco. «Ele era bom homem, sabe? O Sr. Walsh. Olhe, nem por acaso: foi das poucas pessoas aqui da cidade que tentou ajudar o pobre Dan. Durante uns tempos, ofereceu-lhe trabalho, biscates de ferragens e de construção, pagava-lhe para ele limpar a piscina. Mas o rapazinho estava destrambelhado de todo e não conseguia concentrar-se em nada. Uma desgraça.»

«Eu conheci o Noah», respondi.

«Então sabe do que estou a falar.» Ela fez uma pausa e, depois de respirar fundo, o seu enorme peito descaído movendo-se debaixo da tenda, afirmou: «A mim não é a morte que me assusta, sabe? É a crueldade com que algumas pessoas morrem. Esfaqueado na sua própria casa, que horror.»

«Sim, é terrível.»

A mulher escrutinou o meu rosto, como se eu tivesse alguma pista escondida dentro do nariz.

«Já se sabe de alguma coisa?», perguntou. «Sobre o caso.»

«Que eu saiba, não», respondi.

«Pode contar-me, sabe? A minha boca é um túmulo.»

Ela fez o gesto de selar os lábios com dois dedos.

«Tenha um bom dia», disse eu.

Saí da livraria com uma impressão desagradável, como se tivesse acabado de ter uma conversa com uma bisbilhoteira. Fazia tanto calor na rua que achei que podia desmaiar; senti-me zozzo por alguns segundos. Encostei-me à parede de um prédio e fechei os olhos por um momento. Escutei as vozes dos transeuntes, o rumor distante do sino da igreja. Precisava de sair dali.

Fui à pensão buscar as chaves do carro. Laura dormia profundamente. No veículo, estudei o mapa que estava no porta-luvas, enquanto o ar condicionado trabalhava para me salvar da canícula, e localizei o lago Juniper com facilidade. Ficava a menos de dois quilómetros a nordeste de Chatlam. De caminho, passei de novo pela rua da livraria, onde, numa esquina, uma equipa de televisão entrevistava um senhor barrigudo que gesticulava muito. Era possível que o caso começasse a tomar grandes proporções, sobretudo se fosse divulgada a informação de que Levi, a filha da vítima, tinha sido encontrada com a arma do crime na mão.

Em menos de três minutos, saí da localidade. Apanhei a 295, passei por baixo do Taconic State Parkway — o trânsito, por aqueles lados, era quase inexistente — e virei à esquerda num cruzamento, onde uma placa de madeira indicava a direcção do lago. Percorri cerca de quinhentos metros numa estrada de terra e, a seguir, a beleza do Juniper revelou-se. Talvez por ainda ser cedo, as margens estavam relativamente desocupadas. Um grande café com esplanada, na outra margem, aguardava os primeiros clientes. Estacionei onde a estrada terminava, junto do declive que conduzia ao lago

(havia três ou quatro carros por ali, não mais do que isso) e, assim que abri a porta, suspirei de alívio. A temperatura era mais suportável ao abrigo dos enormes plátanos, dos arbustos rasteiros, das magnólias e dos salgueiros, cujos ramos e folhas roçavam a superfície das águas.

Desci a ladeira e sentei-me à sombra, a cerca de cinquenta metros de um casal que dormia. Tirei os sapatos e encostei a cabeça ao tronco de um salgueiro. Oculto pela folhagem, contemplei as águas cristalinas do lago e um barquinho que, no centro do Juniper (tão pequeno àquela distância), era manejado por um homem solitário. O lago tinha o formato de um ovo e, de vez em quando, alguns peixes saltavam à superfície, para logo voltarem a mergulhar nas profundezas. Cheirava a água doce e à fragrância das flores. Era a primeira vez, desde que Laura me ligara, às seis horas da madrugada do dia anterior, que eu tinha um momento de descontração, e o meu corpo respondeu cedendo ao cansaço.

Antes de adormecer, abri o *The New York Times* na página dedicada ao assassinato de Noah Walsh. O repórter obtivera, junto da Polícia de Chatlam e de outras fontes, a certeza de que Walsh tinha sido «brutalmente assassinado» na casa de família, referindo, porém, que a identidade do perpetrador do crime era ainda desconhecida, embora as autoridades tivessem detido um suspeito. Na verdade, o artigo era mais um obituário do que uma notícia. Falava da importância da família Walsh em Nova Iorque, onde Noah reinara durante os anos oitenta e noventa, proprietário da famosa revista *Varsity* (que acabara gloriosamente ao chegar ao número cem), de alguns restaurantes de luxo comprados, em 1995, por um milionário da Arábia Saudita (e que os transformara em versões luxuosas de casas de hambúrgueres) e de um hotel — o Walsh Hotel —

que ainda se mantinha em actividade, embora o repórter do jornal garantisse que a família já só detinha uma quota minoritária do estabelecimento.

Nos últimos sete ou oito anos, Noah Walsh deparou-se com inúmeras dificuldades de gestão: foi, ao mesmo tempo, vítima da mudança dos tempos, uma vez que a sua marca foi perdendo força na transição para os anos noventa, e da gestão danosa do seu património com investimentos duvidosos em países estrangeiros, sobretudo na Ásia, o que serviu para consolidar a sua reputação de investidor desabrido e mal-aconselhado.

O mais interessante da reportagem, no entanto, era a fotografia que o editor do *The New York Times* escolhera. Mostrava um Noah muito jovem, na casa dos trinta, ainda antes de o termos conhecido no Lagoeiro, na companhia de Matthew Pinkus, o seu sócio e parceiro de negócios. A fotografia, a preto e branco, datava de 1985. Nela, o pai de Laura surgia abraçado a Matthew, ambos de fato e gravata, à frente da fachada do Walsh Hotel. Dois jovens empreendedores com sorrisos nos lábios; dois gigantes americanos, altos e corpulentos, confiantes num futuro que parecia promissor.

Fechei o jornal. Era evidente que nenhum repórter deixaria a história ficar por ali e que era do interesse público saber a verdade sobre o que acontecera a um homem com a importância de Noah. Também parecia inevitável que, mais cedo ou mais tarde, as irmãs Walsh acabassem nas páginas dos jornais e que os segredos da família fossem virados e revirados na esfera pública, até fazer ruir o património moral da família — caso, entretanto, a Polícia confirmasse a história que se afigurava como a mais provável.

Para me distrair, peguei no livro de Gary List. Na badana aparecia uma fotografia dele, muito mais jovem do que era agora, sem barba, os óculos redondos ocultando os olhos

pequenos, e um ligeiro sorriso no rosto oval, o cabelo, ainda arruivado, penteado com risco ao meio. Dos seis romances de List, era aquele que mais me intrigava, por ser o único pelo qual eu não me apaixonara imediatamente. Lera-o em Agosto de 1997, antes de viajar para Nova Iorque, um ano antes da morte de Noah, e fizera-o com a urgência de, uns dias mais tarde, vir a conhecer o homem que eu procurava como mentor literário, o escritor que — acreditava eu — faria de mim escritor. Só que *Joining Heaven* não era um romance fácil de assimilar nem tão viciante como *A Traição de Mabeline C.* — era, pelo contrário, um livro um tanto deprimente, contado na primeira pessoa, que começava com uma frase magnífica:

*Quando eu tinha doze anos, soube que ia ficar cego antes dos vinte.
Aos quinze, fiquei cego, e aos vinte a minha vida já tinha terminado.*

Contava a história de Fred Kepler, um miúdo de Nova Jérsia a quem, nos anos setenta, foi diagnosticada uma doença de visão, ficando a saber que lhe restavam poucos anos até cegar completamente. Das atribulações da juventude e das vicissitudes da sua condição — incapaz de ler os manuais escolares ou o que os professores escreviam no quadro, passava dias inteiros com uma nuvem esbranquiçada a cobri-lhe os olhos, nuvem que, de repente, desaparecia, oferecendo-lhe esperança, e depois regressava sem piedade — até aos acidentes mais grotescos (a certa altura do romance, Kepler é atropelado porque não vê um carro avançar numa rua deserta em pleno dia e passa três meses no hospital), as desventuras mais cruéis recaem sobre o protagonista. Os colegas, cientes da sua cegueira quase total, enganam-no e dizem-lhe que a miúda pela qual está apaixonado também o deseja; quando Kepler tem catorze anos, e praticamente já só vê sombras, acaba a beijar a rapariga mais feia da escola, que sofre de

paralisia cerebral. Era um livro extremamente cruel, mas, apesar disso, sentado à sombra das árvores, lendo os infortúnios de Fred Kepler, não consegui evitar rir-me dos disparates causados por aquela forma imaginada de cegueira tão precoce. Pela primeira vez, dei conta de que List podia ser um escritor divertido, que conseguia transformar as formas mais pesadas de humilhação em anedotas, que as suas personagens eram tão verdadeiras que quase pareciam caricaturas de seres humanos, e aí residia o segredo do seu talento literário.

Quando acordei, a tarde ia avançada. Adormecera com o livro no colo, as páginas do *The New York Times* levadas pelo vento. Despertei estremunhado e confuso. Apanhei as folhas do jornal que consegui e reparei que, entretanto, chegara muita gente às margens do lago. Havia famílias a fazer piqueniques, miúdos a nadar nas águas tranquilas e uma grande quantidade de barcos atravessando a planura azul. O sítio onde eu deixara o carro transformara-se num parque de estacionamento. Eram quatro da tarde. Regressei a Chatlam e estacionei perto da geladaria, onde havia uma fila de turistas desejosos de provarem os famosos cones de gelado da cidade, com *chantilly* polvilhado de *smarties* e pepitas de chocolate. Antes de ir ao encontro de Laura, passei pelo Café Albatross. Um dos baristas cumprimentou-me com um aceno; o café estava quase vazio, com excepção de um par de velhos que, sentados num dos compartimentos, comiam *scones* e bebiam chá.

«*Mocaccino?*», perguntou o rapaz.

«Não, obrigado. Precisava de fazer um telefonema.»

«Há um telefone nas traseiras, junto da casa de banho.»

«Obrigado.»

«Ah, espere», disse o rapaz, lembrando-se subitamente de qualquer coisa. Procurou debaixo do balcão e depois pôs um envelope castanho em cima da mesa. «Isto é para si.»

Devo ter feito uma expressão de enorme surpresa, porque ele adiantou:

«Foi o velho Milton.»

No envelope estava escrito o meu nome: *Pablo*. Agradei e enfiei o envelope no bolso das calças, sem ter ideia nenhuma do que Milton poderia ter para me oferecer. Depois fui às traseiras, encontrei o telefone e enfiei cinquenta cêntimos na ranhura. O sinal de chamada tocou várias vezes. Deixei tocar. Sabia que, por vezes, ele demorava algum tempo a atender. Finalmente, atendeu. Pela voz sonolenta, calculei que estivera a dormir; não era incomum que o professor List fosse encontrado a ressonar no gabinete.

«Estou a ligar-lhe de Chatlam», disse eu.

Havia interferências na linha e as palavras dele surgiram entrecortadas.

«Está a ligar-me de onde?»

«Queria pedir-lhe desculpa. Novamente.»

Gary deve ter demorado a perceber que era eu.

«... e saber se podemos combinar outra *audiência*.»

«Ah», respondeu, finalmente. «Ontem obrigou-me a ir jantar com o professor Nowalski. Tive de o levar ao Katz's Deli, que eu detesto, mas que ele adora, comer aquelas sanduíches nojentas de *pastrami*. Bebemos mais que a conta, cheguei a casa às três da madrugada.»

«Lamento, professor List.»

«Para a próxima, não me minta.»

«O quê?»

«Não tente convencer-me dos seus *problemas*, Taborda. Ou dos seus assuntos urgentes. É óbvio que tem um problema de saias, e não há mal nenhum nisso. Também já fui jovem. Sei perfeitamente o poder que um rosto decente, umas pernas jeitosas e umas mamas grandes, no devido lugar, têm sobre um homem.»

«Garanto-lhe que não é isso.»

«Começo a achar que é um mentiroso compulsivo», disse List.

Fiquei a pensar naquilo durante um momento, escutando o crepitar das interferências na linha.

«Estive a ler um dos seus livros esta tarde», confessei.

«Qual deles?»

«*Joining Heaven*. Era o único que havia disponível na livraria local.»

«Já é um milagre ainda haver um livro meu numa livraria deste país», comentou ele. «Onde é que você está? No Connecticut?»

«Em Chatlam.»

«E o que é que está a achar do livro?»

Olhei pela janela. Do outro lado da rua, passava um homem com um rádio de pilhas encostado ao ouvido.

«É um livro estranho. Tem tudo para ser deprimente, mas a verdade é que me deu vontade de rir.»

«Ora, que bom sinal!», exclamou List. Imaginei-o no gabinete, sentado à secretária, com as pernas em cima da mesa; talvez chovesse em Nova Iorque, aquela chuva quente que amiúde caía no final do Verão. «Sempre achei que toda a gente levou demasiado a sério a história de Fred Kepler. Tem razão, é uma comédia, sempre foi, e fico feliz por ter percebido isso.»

«E então?», insisti. «Há hipótese de remarcarmos a audiência?»

Ouvi List suspirar profundamente.

«Penso que sim. O Nowalski ainda não deve ter acordado, o homem estava com uma bebedeira monstra. Raramente sai do Iowa... Quando muito, faz uma excursão anual ao Illinois com a mulher, para não enlouquecer. Depois chega a Nova Iorque e porta-se como um delinquente juvenil. Mas vou tentar.»

«Obrigado, professor», disse eu, aliviado. O telefone emitiu um sinal sonoro e enfiiei outra moeda na ranhura. «Posso perguntar-lhe uma coisa? De onde é que lhe veio esta história do Fred Kepler? Da cegueira? A ideia de transformar uma coisa tão trágica numa coisa tão patética?»

«Veio do mesmo lugar de onde nasceu a ideia do seu romance», disse ele. «Todas as histórias nascem do mesmo lugar, Taborda. Ainda não percebeu isso?»

«Que lugar é esse?»

Ele tossiu e, depois, numa voz muito grave, respondeu:

«Da nossa necessidade de mentir.»

De súbito, tive vontade de confessar, de contar ao meu mentor que o conto que tinha submetido ao comité para entrar no programa não era meu, que eu era um logro. Mas fiquei calado. Sentia-me frágil e sabia que tudo o que dissesse naquele momento me podia prejudicar.

«Seja o que for que anda para aí a fazer», advertiu ele, «lembre-se de quem é. Do que o espera aqui. Não se perca, Taborda. Um escritor precisa de experiências, é certo, mas também precisa de saber estar quieto.»

«Certo», respondi, e desligámos.

Regressei à pensão de Winifred. O calor chegara ao seu pico. Não se via ninguém na rua — habitantes e turistas tinham a sensatez de procurar refúgio àquela hora mortal. Na recepção, Winifred adormecera sentada atrás do balcão, com a televisão ligada. Uma espreitadela chegou para ver que, no canal público do Estado de Nova Iorque em que o televisor estava sintonizado, se falava da família Walsh. Um repórter de fato e gravata, o cabelo excessivamente penteado, segurava um microfone em frente da casa dos Walsh, onde o suposto crime acontecera. Subi ao quarto. Laura estava acordada, sentada na cama, as mãos em cima das pernas e os olhos fechados.

«Estou a fazer exercícios de respiração», disse ela, baixinho.

Fui à casa de banho. Tinha olheiras carregadas, o cabelo despenteado e um ar geral de desalinho. Sentei-me na tampa da sanita e tirei o envelope castanho do bolso. No interior, havia um recorte de um jornal muito antigo. *Chatlam Herald*, 13 de Agosto de 1965. A notícia vinha acompanhada de uma fotografia a preto e branco do lago Juniper: miúdos lançavam-

se à água, de um pontão, e uma família sentava-se na margem, em cima de uma toalha quadriculada e um cesto de piquenique. A imagem idílica contrastava com a notícia:

Rapaz de quinze anos quase morre afogado no Juniper

Era um artigo breve acerca de um rapaz que tinha sido salvo por um homem anónimo que, numa noite de Agosto, o avistara no meio do lago, a debater-se com as águas. Lançando-se intrepidamente ao resgate, salvara o pobre miúdo, que se afundava sem piedade. Segundo o jornalista, o adolescente disse ao *Chatlam Herald* que não sabia nadar e que, sem querer, se afastara da parte menos profunda do Juniper, acabando naquela situação desesperada. Como era apanágio das notícias daquela época, terminava com uma nota positiva: *Tudo está bem quando acaba bem!*

O nome do rapaz, dizia o artigo, era George Saunders.

Atirei fora o envelope e guardei o recorte no bolso. Saí do quarto e encontrei Laura de *soutien*. Sem saber o que fazer, voltei o rosto para o lado.

«Não sejas parvo», disse ela. «Nunca viste uma mulher seminua?»

Continuava a ter os seios grandes para o corpo, que não mudara muito desde que nos conhecêramos, havia mais de uma década. O cabelo estava diferente: encaracolara um pouco e Laura costumava agora prendê-lo no cimo da cabeça. Vestiu uma camisa aos quadrados e calças de ganga azuis.

«Vamos?», sugeriu. «Preciso de sair deste quarto, antes que enlouqueça.»

Quando descemos, Winifred continuava a dormir. Felizmente, as notícias haviam terminado e agora o canal

transmitia um concurso qualquer. Quando chegámos perto do *Ford*, Laura pediu-me as chaves, porque queria conduzir. A cidade continuava paralisada pelo calor. Passámos em marcha lenta à porta da livraria, onde a mulher gorda se sentava num banco defronte da montra, a fumar um cigarro, exibindo as suas coxas enormes. Na esquina com a torre do cata-vento, vi Milton sentado ao balcão do Café Albatross, decerto bebendo o seu café com leite.

«Qual é o destino?», perguntei a Laura.

«Tens fome?»

«Alguma.»

À saída de Chatlam, parámos numa estação de serviço que tinha uma hamburgueria e pedimos comida para levar. Pousei o saco de papel no chão do carro e o cheiro a batatas fritas propagou-se instantaneamente pelo interior. A estrada escurecia; os faróis do *Ford* formavam duas pirâmides invertidas à nossa frente. O único som era o das rodas no asfalto e o chilrear dos pássaros que anunciavam a noite. Conduzíamos de janelas completamente abertas; o ar estava morno, quase húmido. Uma placa indicava a direcção de Spencertown. Pouco tempo depois, Laura meteu por uma estrada secundária. O carro galgou a terra batida e chegámos a um planalto relvado no centro do qual se erguia uma grande torre de água. Laura estacionou na berma da estrada e saiu; eu segui-a, levando o saco dos hambúrgueres.

«Tinha medo de que isto já não existisse», disse ela, olhando para a torre.

Era uma construção muito velha e enferrujada, com longas escadas que conduziam a um silo e a um varandim redondo, com balaustrada. Laura subiu as escadas. Passei-lhe o saco e

também subi — as escadas eram instáveis e o corrimão tinha um toque áspero, coberto de ferrugem. Lá em cima, sentámo-nos lado a lado no varandim, encostados à torre vazia, com as pernas a balouçar no vazio. A noite caíra e o céu enchera-se de estrelas. Enquanto comia o hambúrguer, visivelmente esfaimada, Laura avistou uma estrela-cadente. O céu lembrava-me o do Alentejo, na sua vastidão e formato de abóbada, os pontos brilhantes a debruarem o horizonte.

«Lembras-te de quando éramos miúdos e tu me espiavas à distância?», perguntou ela, dando-me uma cotovelada.

Ri-me, de boca cheia. Sorvi um pouco de *Coca-Cola* por uma palhinha.

«Isso é um boato sem fundamento», respondi, mastigando.

Laura continuou a comer enquanto olhava para o céu.

«Quando eu era miúda, este era o meu lugar favorito. E o da Levi também», contou ela. «Sabes que foi aqui que vi pela primeira vez um pénis?»

Quase me engasguei. Por mais anos que passassem, não me conseguia habituar ao à-vontade com que Laura falava de sexo, como se falasse de culinária ou decoração de interiores.

«Era bastante pequeno», continuou. «Pertencia a um colega de escola que passava férias numa povoação próxima. Como é que ele se chamava? Tinha o nome de um cientista. Acho que era Newton. Não, espera; Newton era o da maçã, certo? Então não era o Newton. Era Maxwell, isso mesmo! Como o James Clerk Maxwell, sabes quem é?»

«Não faço ideia nenhuma.»

«Inventou a teoria do electromagnetismo. Não é muito interessante. Seja como for, o miúdo chamava-se Maxwell. Tínhamos onze anos, estava um dia como este, muito quente e carregado de humidade. Estávamos aqui em cima, como tu e eu agora, e ele despiu os calções. Perguntei-lhe se podia tocar-lhe no pénis. Eu tinha imensa curiosidade por mexer naquilo, parecia-me um brinquedo espectacular. Ele concordou e, assim que eu lhe pus a mão no sexo, começou a ficar duro. Mas não se veio... Na verdade, acho que ele nem sequer estava excitado... ou, se estava, nem sabia o que isso era.»

Ficámos em silêncio durante algum tempo.

«Agora é suposto eu contar-te da primeira vez que vi uma vagina?»

Laura riu-se e encostou o ombro ao meu. Cheirava a champô. O decote da camisa expunha-lhe a pele do peito. O dia inteiro a dormir parecia tê-la reanimado. Quase sorria ao olhar para as constelações que se iam desenhando no céu, centenas de estrelas mortas dispostas em formações que os homens procuravam interpretar há séculos.

«A Levi vinha aqui sozinha muitas vezes», disse Laura. «Quando não a conseguíamos encontrar ou a minha mãe começava a chamar-nos para o jantar e ela não aparecia ou o meu pai se queixava de que ela não estava em lado nenhum, eu já sabia onde é que tinha ido. Montava a bicicleta e vinha buscá-la à torre de água. Meia hora de caminho... A paciência que temos quando somos miúdos! E a Levi aqui sentada, a olhar para a vastidão das planícies, esquecida de si própria. Tu lembras-te de como ela era, ou não?»

«Não vejo a tua irmã desde aquele Verão», respondi. «A imagem que tenho dela é a de uma miúda cheia de

personalidade, sempre agarrada a uma boneca de trapos. A Grande Líder. E com um dos mastins sempre atrás, a cheirar-lhe constantemente os pés. O cão era muito maior do que ela, mas obedecia aos caprichos da tua irmã.»

Laura terminou o hambúrguer e limpou a boca com as costas da mão. Um vento morno atravessou a planície, fazendo dançar as searas próximas.

«Caprichos. Sim, a Levi sempre foi caprichosa», concordou ela. «Fazíamos bem o nosso papel, não achas? Eu era a menina bem-comportada sempre que estava perto dos meus pais, a menina dos olhos da minha mãe. A filha que ela gostava de apresentar à sociedade. E a Levi... A Levi era um furacão. Intempestuosa, imprevisível. Caprichosa, claro. Devias ter visto a cena que ela fez quando o meu pai anunciou que a ia matricular na Grace Willard. Atirou-se ao chão, partiu um prato, gritou o dia todo e depois fechou-se no quarto e recusou-se a comer. Para ela, era impensável frequentar uma escola só de raparigas; estavam a condená-la ao pior dos infernos. E o meu pai e a minha mãe tiveram uma discussão de semanas por causa disso, a estúpida da miúda quase provocou uma separação, com a sua teimosia.»

«Mas acabou por ir.»

«Acabou por ir. Fez o mesmo percurso que eu, embora o dela tenha sido muito mais atribulado.»

Vi uma estrela-cadente atravessar o negrume. Lembrei-me do feitio estranho e esquivo de Levi com seis anos: da sua solidão na praia; da maneira como olhava, desconfiada, para toda a gente.

«Fez muitos disparates?», perguntei.

«Alguns», respondeu Laura. «Enquanto eu fingia ser a estudante perfeita, ela envergonhou a família e a escola uma e outra vez. Foi apanhada a fumar e a beber. Faltava às aulas, desaparecia da escola. Quando voltava, a minha mãe era obrigada a ir falar com a directora para ela não ser expulsa. No meio de tudo isto, havia um rapaz.»

«Quem era?»

«Não sei, ela nunca me disse. Não contava a ninguém. Mas eu desconfiava de que ela tinha um namorado. Ou, pelo menos, alguém com quem se encontrava quando fugia, a quem ligava durante o Verão, a altas horas da noite, quando estávamos juntas em Chatlam.»

«Segredos», disse eu.

«São a pior coisa que a Humanidade inventou.»

Laura suspirou e voltou a repousar a cabeça no meu ombro. O meu coração disparou, exactamente como da primeira vez que a sentira perto de mim. Os anos tinham passado, mas eu nunca esquecera o cheiro dela, a maneira subtil e insidiosa que Laura Walsh tinha de se infiltrar debaixo da minha pele.

«Tenho andado a passear por aí», confessei. «Conheci algumas personagens caricatas. Elas próprias cheias de segredos. Hoje, um homem deixou-me isto no Café Albatross.»

Tirei o recorte de jornal do bolso das calças e mostrei-o. Era difícil de ler à luz da Lua e de um lampião à beira da estrada.

«Quem é que quase morreu afogado?», perguntou Laura, sem conseguir ver o artigo com nitidez. Expliquei-lhe que era

um jornal muito antigo e perguntei se ela ouvira falar de George Saunders.

«O filho do velho Milton?», perguntou.

«Sabes alguma coisa dele?»

«Que se saiba, desapareceu há décadas, muito antes de eu ter nascido. Porque perguntas?»

A brisa cessara, deixando apenas a envolvência morna da noite, de uma quietude quase absoluta. Ouvimos, à distância, no meio do bosque, o piar de uma coruja.

«Não sei exactamente», respondi. «Conheci o tal Milton. E ele deixou-me isto, depois de ter dito coisas pouco elogiosas a respeito do teu avô e do teu pai.»

«Que tipo de coisas?»

«Acho que ele culpa o teu avô pelo incêndio que lhe destruiu a propriedade e que o obrigou a vender a casa», acrescentei. «E agora este recorte. Fiquei com a impressão de que a tua família deve ter alguns inimigos por estas bandas.»

Laura soltou o cabelo, que desceu pelas costas. Abanou a cabeça durante um instante, libertando as madeixas encaracoladas. Tinha a testa brilhante do suor.

«Claro que temos inimigos», confirmou. «Somos os espertalhões da cidade. Os meninos-ricos. Os burgueses. O velho Milton anda por aí há anos a espalhar estas coisas sobre nós. Inclusive, acusa o meu pai de ter tido alguma coisa a ver com o desaparecimento do filho. Quando a verdade é que esse tal George abalou de Chatlam e deixou uma criança recém-nascida para trás, e o Milton é incapaz de cuidar do próprio neto.»

«... o Dan Saunders.»

«Também o conheceste?»

«Encontrei-o no meio da rua, é difícil não dar por ele.»

«É uma personagem, não é? Um homem com cara de criança. Nunca chegou a terminar o ensino primário. Sabes onde é que ele vive? Em parte nenhuma... Anda por aí a dormir pelos cantos, a assaltar caixotes do lixo e a fazer perguntas idiotas a todas as pessoas que encontra. Tudo porque o Milton, o teu novo amigalhaço, que vive afundado em ressentimentos, não se quer dar ao trabalho de cuidar dele e, portanto, finge que o neto não existe e passa os dias a difamar os outros.»

De repente, Laura parecia irritada, como se eu tivesse aflorado um assunto incómodo. Havia ali alguma coisa mal contada, mas, fosse qual fosse a verdade, tudo o que eu não queria era melindrá-la naquele momento difícil. Bebi um último gole da *Coca-Cola*.

«Olha, vi uma estrela-cadente», disse Laura. Apontou para o céu nocturno. «Ali.»

«Também vi uma.»

Laura começou a apanhar o cabelo num carrapito.

«Só é pena que as estrelas-cadentes não sejam estrelas», afirmou ela.

«Então são o quê?»

«São fragmentos de meteoritos que entram na atmosfera da Terra e, por causa do atrito, pegam fogo.»

Fiquei a pensar na descrição enciclopédica.

«Mas é mais bonito pensarmos que são estrelas», sugeri.

«Também era mais bonito que o meu pai não tivesse sido assassinado», disse Laura com uma estranha frieza. «O facto é que foi.»

«Tens razão», aceitei. «É cruel.»

Ali, no cimo, as nossas vozes produziam um eco curioso, por causa do espaço oco dentro da torre de água.

«Lamento», disse-lhe. «Lamento mesmo muito. O teu pai não merecia isto, e tu também não.»

Laura soltou uma gargalhada curta.

«Não me parece que tu acredites nisso, nem qualquer outra pessoa que tenha conhecido o meu pai.»

Hesitei antes de responder.

«O que eu quis dizer é que ninguém merece morrer daquela maneira.»

«Esfaqueado?», perguntou ela. Olhava-me intensamente, como se testasse a minha inteligência. «Teria sido melhor se o envenenassem ou se morresse numa queda de avião? Faria alguma diferença? Foste tu que o disseste: a família Walsh tem inimigos e, se os tem, isso deve-se ao meu pai.»

«E se não tiver sido o teu pai a fazer esses inimigos, mas sim o teu avô?», perguntei-lhe.

«O que é que tu sabes sobre o meu avô?»

Hesitei antes de falar.

«O velho Milton acredita que ele lhe pegou fogo ao milharal», revelei.

«Outra vez o velho Milton», bufou Laura. «Portanto, tu acreditas em qualquer maluco que se sente ao teu lado nesta vilória e te conte umas quantas histórias da carochinha.»

«Desculpa», disse eu, e afaguei-lhe o ombro. Ela afastou-se. De repente, o clima entre nós recordou-me a última vez que nos tínhamos visto, no princípio desse Verão. «Tens razão», admiti. «É imprudente e estúpido da minha parte estar para aqui a opinar sobre coisas das quais não sei nada.»

Laura olhava para o lado contrário, escondendo o rosto. Tinha os dedos fincados nos joelhos e abanava as pernas na beira da plataforma. Quem ali estava era a mesma miúda de dez ou onze anos que escolhia a torre para se esconder do mundo, a menina que, ainda presa aos sonhos da infância, desconhecia o pesadelo em que a vida se podia transformar. Durante um minuto de silêncio, várias estrelas-cadentes — ou pedaços de meteoritos em combustão — cruzaram o vasto céu da planície americana.

«Como está a tua Anne?»

Sorri com a pergunta dela. Sabia que era uma espécie de provocação ou vingança por eu ter falado demais.

«Como está o teu grego?», repliquei.

Laura voltou a cabeça. Tinha os olhos ligeiramente molhados e os lábios trémulos. Continuava a ser a mulher mais bonita que eu algum dia conhecera e, naquela penumbra, senti vontade de a abraçar. Mas também me era familiar o seu desencanto com as coisas, a maneira que ela tinha de ser independente, orgulhosamente só — e sabia que gestos consoladores como esse podiam afastá-la, sobretudo naquela altura.

«O Spiros está ótimo», disse ela. «Estamos cada vez mais distantes, o que é um alívio, para ser sincera.»

«Bom, já que confessas, a Anne também está excelente», avancei. «Deve andar contentíssima por eu ter desaparecido da cidade. Se eu desaparecer completamente, é até capaz de dar uma festa.»

«Não sejas aldrabão», disse Laura. «Ela adora-te.»

Não era inteiramente verdade, mas havia alguma coisa de assustador naquela afirmação. Eu só vira o grego um par de vezes, e Laura tinha-o apresentado como um *amigo*, o que deixara Spiros descontente. Passara a noite inteira a tentar provar o contrário, abraçando-se a Laura e cobrindo-a de beijos, até que, com a quantidade suficiente de álcool, ela acabara por ceder.

«O que é que te agrada mais nele?», perguntei. «No Spiros?»

Laura riu-se e respondeu:

«Tem um pénis grande.»

«Ah. Bem me parecia. A Anne também tem uma vagina funda.»

Ficámos calados durante um longo momento, escutando as corujas, os grilos, os animais do bosque próximo. A certa altura, senti a mão esquerda de Laura apertar a minha mão direita, os dedos dela — frios, quase gelados — envolvendo os meus sempre mornos.

«Tu espiavas-me à distância», recordou Laura.

«É verdade», admiti.

«Nunca ninguém voltou a fazer isso por mim.»

«Ainda bem.» Ri-me.

Ela sorriu e apertou-me a mão.

Metemos os restos da refeição no saco de papel e descemos as escadas ferrugentas. Entrámos no carro. Laura pediu-me que conduzisse e, de janelas abertas, percorremos lentamente a estrada de regresso a Chatlam. A temperatura deliciosa daquela noite contrastava com o nosso estado de espírito. Estávamos ansiosos e perturbados, aguardando por notícias, à espera de que alguma coisa acontecesse. Ao mesmo tempo, o peso da dor que Laura sentia, a realidade do homicídio, assentavam no seu corpo, no lugar mais profundo de si mesma.

Quando chegámos à pensão, Winifred ainda estava acordada, a ler uma revista. Na capa aparecia Bill Clinton e, numa fotografia paralela, o advogado Kenneth Starr, que, poucos dias antes, acabara de publicar o seu relatório sobre o presidente dos Estados Unidos, dando lugar a uma enorme polémica. Embora no relatório constasse o caso de Whitewater e o acesso impróprio aos ficheiros do FBI e o despedimento dos agentes de viagens da Casa Branca, tudo o que importava ao público era o escândalo de Monica Lewinsky.

«Minha querida», disse Winifred, ensonada.

«Olá, Wini», cumprimentou-a Laura. «Desculpe interromper-lhe a leitura. Vamos subir para o quarto.»

«Não faz mal», respondeu Winifred, tirando os óculos da cana do nariz, presos por um fio ao pescoço. «Estava a ler sobre este nosso presidente levado da breca.» Olhou-me com interesse. «Lá no seu país têm desta gente? Estes políticos que não conseguem estar quietos, sempre a meterem a mão onde não devem?»

«Acho que não foi propriamente a mão que ele meteu», gracejou Laura.

Winifred começou a rir-se. Tinha uma dentadura perfeita, de dentes branquíssimos e falsos que contrastavam com o rosto cravejado de rugas.

«Menina Walsh», ralhou em tom de fingimento. «Isso é coisa que se diga?»

«São os factos», disse Laura.

«O meu país é de brandos costumes», expliquei a Winifred. «Mesmo que essas coisas aconteçam, as pessoas não querem saber. Gostam é de futebol e de telenovelas.»

«E os políticos lá no seu país não prevaricam?»

«Tenho a certeza que sim, mas ninguém lhes liga nenhuma.»

Winifred abanou a cabeça, sentada na sua fiel cadeira atrás do balcão, onde repousava o livro de hóspedes e uma sineta.

«Isso deve ser o paraíso», comentou ela. «Um lugar onde ninguém se mete na vida dos outros.»

«Receio que a indiferença seja bem mais complicada.»

«Os homens americanos são todos iguais», disse a velhota, ignorando-me. «Acho que não existiu nenhum americano, desde o *Mayflower*, que não tivesse molhado o bico fora do matrimónio.» Olhou para Laura. «O que acha, minha querida?»

«Parece-me que tem razão.»

«Só o Kennedy é que era fiel», insistiu Winifred, «e veja o que lhe aconteceu.»

Subimos os dois andares até ao quarto. Encostado à nossa porta estava um envelope com o nome de Laura Walsh. Entrámos no quarto, ligámos as luzes e ela abriu-o. O papel, que tinha o cabeçalho da Polícia de Chatlam, era uma mensagem escrita à mão.

«É do chefe Ditmas», disse Laura. Olhou-me, ao mesmo tempo assustada e esperançosa. «Diz-me que posso ir amanhã de manhã à esquadra falar com a Levi.»

Outubro de 1997

Nova Iorque

Não demorei muito a descobrir que viver em Nova Iorque era duro.

Eu tinha vinte e três anos e nunca morara noutra lugar que não no apartamento dos meus pais, numa zona tranquila de Lisboa. Agora, de um dia para o outro, vivia em Brooklyn, num bairro latino onde, da meia-noite às quatro da madrugada, os vizinhos tocavam música em altos berros, batiam panelas e faziam festas barulhentas por toda e qualquer razão. Ora era o dia de Porto Rico ora a celebração da Independência da Guatemala ora a noite de St Patrick's ora o Quatro de Julho ou a restauração da República Dominicana.

Durante o tempo que ali morei, num quarto minúsculo voltado para um beco, foram raras as noites de sossego, de tal maneira, que fui forçado a reconsiderar a minha relação com o sono: dormia quando podia e quase nunca quando desejava. Contudo, a minha determinação de me tornar escritor era tão grande, que aproveitava as horas de barulheira infernal na South 2nd, em Williamsburg, para trabalhar e tentar alinhar um primeiro romance, aquele que eu acreditava que faria de mim um autor falado e reconhecido no meu país e, logo depois, na Europa e no mundo.

Nessa altura, era muito jovem e não me questionava demasiado sobre a origem das minhas ambições. Hoje, estou

convencido de que teve a ver com a minha mãe, com a sua excessiva preocupação comigo e com Júlia — que fôssemos excelentes alunos, os melhores das nossas turmas. Enquanto o meu pai servia amiúde como a válvula de escape da pressão que se vivia em minha casa, não era raro que as mulheres se juntassem na cozinha para decidirem os nossos futuros, sobretudo aos fins-de-semana, quando a minha avó e a minha tia-avó tomavam chá com a minha mãe e calibravam as nossas existências.

«Ela vai ser advogada de certeza», dizia Lucília a respeito de Júlia. «Tem o dom da oratória, consegue safar-se de todas.»

«Já ele...», lamentava-se a minha avó.

«Ele gosta de escrever», dizia a minha mãe. «Quem sabe ainda dá em professor.»

«Ou em desempregado, como o avô.»

«Vais ver que se safa», garantia a minha mãe. «Já na escola primária era assim, caladinho que nem um rato. E depois fazia sempre as melhores redacções da turma.»

«O pior é se lhe dá para escrever coisas contra o Governo», disse a minha tia-avó.

«Sim, ainda vai preso», confirmou a minha avó.

«Nesse caso, a Júlia tira-o da cadeia.» A minha mãe riu-se.

Alinhar as nossas intenções com as intenções que elas tinham para nós era o objectivo daquelas reuniões na cozinha, daquele triunvirato que depositava em mim e em Júlia a esperança de salvação de uma família academicamente modesta, em que ninguém tinha ido à faculdade ou obtido qualquer espécie de diploma. A minha irmã, como a minha tia-

avó previra, foi estudar Direito (e, mais tarde, tornou-se uma advogada de renome num escritório em Bruxelas, ligado à União Europeia) e eu fui para a faculdade estudar Jornalismo, o que se revelou uma opção desastrosa, uma vez que a minha paciência para o trabalho de repórter era a mesma que tivera para escrever o conto de admissão à New York University: preferia copiar ou facilitar a dar-me ao trabalho de ser original ou exaustivo. Era um preguiçoso consumado, porque percebera que a indolência me afastava da necessidade de ser eu próprio e correr o risco de ser rejeitado. Sabia que traduzir o brilhante conto daquele escritor português seria o suficiente para me garantir um lugar nas aulas de Gary List e, quando aconteceu o incidente no jornal (e troquei o *três* pelo *trinta*), roguei aos meus pais que me ajudassem a frequentar a NYU. Quando o meu pai viu a tabela de preços da faculdade para estudantes estrangeiros, ficou pálido como a naftalina.

«Nós não temos quarenta mil dólares», disse ele.

E eu expliquei-lhe, frenético, o sistema de financiamento das faculdades americanas. Justificando a nossa situação financeira com a declaração de IRS do meu pai, a universidade tinha um programa bastante eficaz de empréstimos e de bolsas para estudantes *carenciados*. A minha mãe argumentou imediatamente que não éramos uma família *carenciada*, que não precisávamos da boa-vontade de ninguém, mas eu convenci-a de que aquele curso era a salvaguarda do meu futuro, e até as minhas avós contribuíram para o orçamento inicial da minha viagem para os Estados Unidos.

«Deus queira que não se desgrace», ouvi a minha tia-avó dizer, uma tarde, no corredor de nossa casa.

«Os sonhos desgraçam sempre as pessoas», concluiu a minha avó, tragicamente.

Foram todos levar-me ao aeroporto. Mãe, avó, tia-avó, Júlia; eu e o meu pai íamos no banco da frente. Era ilegal conduzir com tanta gente no carro, mas nenhuma delas quis ficar em casa enquanto o rapaz da família partia em direcção ao desconhecido. Eu desconfiava se Júlia, no fundo, torcia para que a minha ambição fosse a minha hecatombe; para que, finalmente, eu percebesse que não era diferente dela nem de qualquer outra pessoa da família, ciclicamente destinadas a uma mediocridade perfeitamente satisfatória.

Na noite anterior, entrara no meu quarto e perguntara-me:

«Sabes que nunca serás tão conhecido como o teu querido List, não sabes?»

«Isso é derrotismo», disse-lhe eu enquanto enfiava mais um par de peúgas na mala a abarrotar.

«E se, afinal, não tiveres jeito para a escrita?»

Ri-me entredentes. O que é que ela sabia? Não passava de uma advogada estagiária numa firma de segunda categoria.

«Eles acham que eu tenho», respondi. «Como pensas que entrei no curso?»

Júlia fez um esgar de descrença.

«Para além disso, só lêes romances policiais.»

«Que treta. Leio Kafka e Dostoievsky.»

Ela olhou para a minha mesa-de-cabeceira, onde havia uma pilha de romances policiais, enquanto os livros de Kafka e Dostoievsky ganhavam pó nas prateleiras do quarto.

No aeroporto, senti-me o mais idiota dos viajantes, com a família toda atrás de mim até ao ponto em que só eram permitidos os passageiros. A minha avó tinha os olhos húmidos; Lucília comprara-me um iogurte e um pacote de bolachas para eu me alimentar durante a viagem.

«Isto não vai passar na segurança», reclamei.

«Adeus, filho, vai-te embora», ordenou o meu pai, pondo um fim naquela choradeira e empurrando-me para a frente. De mochila às costas, olhei para trás e, pela primeira vez na vida, ao atravessar para a zona de embarque do aeroporto, olhando para as cinco pessoas que me observavam a desaparecer, senti um alívio enorme, como se me tivessem tirado um peso de cima dos ombros (embora a mochila estivesse bastante cheia). Por entre meia dúzia de coisas inúteis, levava comigo o *bestseller* de List, o seu primeiro romance, que, mais tarde, quando me instalei em Brooklyn, ocupou um espaço de destaque na pilha de livros que acumulei na secretária do meu quarto.

Na verdade, tinha apenas uma aula por semana com List, e a turma era tão concorrida que temi, nas primeiras sessões, que ele nunca desse pela minha presença. Havia sessões e seminários com os grandes da literatura americana — incluindo Joyce Carol Oates, Anne Carson, DeLillo e o jovem Terence Hayes, que era, segundo diziam, o *protegido* de Gary List naquela época — num edifício da West 12th Street, um prédio tipicamente nova-iorquino, em tijolo castanho, no centro de Greenwich Village, onde tinham vivido e trabalhado génios como James Baldwin, E. E. Cummings ou Mark Twain, numa sala maravilhosamente decorada com retratos de escritores (eu ficava sempre sentado num canto da longa mesa

rectangular, voltado para a fotografia de Virginia Woolf na parede oposta).

Amiúde, porém, as aulas de List não aconteciam na sala nobre, mas na salinha que ficava logo a seguir à recepção (onde se sentava diariamente a Sr.^a Clements, o anjo-da-guarda dos alunos), composta por uma lareira e vários sofás cinzentos onde os estudantes se acomodavam como podiam, alguns sentando-se no chão e outros passando a aula inteira de pé, encostados às janelas que davam para o pátio interior e deixavam entrar a luz morna daquele mês de Outubro. Eu andava sempre com olheiras, naquele estado de sonambulismo diurno por que passam as pessoas com privação de sono; e tudo me parecia um sonho, um acontecimento bizarro com a banda sonora de uma orquestra de *merengue*.

Em retrospectiva, posso afirmar que detestei quase todos os minutos que passei naquele bonito edifício da West 12th. Os meus colegas, que eram sobretudo americanos — excepto uma rapariga francesa, tão pálida como a neve, e um panamense que escrevia em *spanglish* —, competiam narcisicamente pela atenção dos professores, e vivia-se dentro daquelas paredes uma atmosfera de luta feroz. Percebi rapidamente que não era o único com grandes ambições; que os dezanove ou vinte estudantes daquela turma eram, quase todos, ainda mais ambiciosos do que eu (até a rapariga francesa, quase sempre silenciosa, aproveitava todos os minutos de exposição para se vangloriar das suas conquistas, de um conto publicado na *Paris Review*, de como a sua escrita atraía a atenção dos professores na Sorbonne); muitos deles eram, também, mais talentosos. Na verdade, todos os meus colegas pareciam ter um *pedigree* muito superior ao meu, escritores que já tinham publicado, pelo menos, um par de

contos em revistas importantes; todos eles estavam convencidos do seu valor, da necessidade urgente de serem lidos e ouvidos.

A única coisa que eu tinha para mostrar era uma minúscula carreira (fracassada) em jornalismo, um conto (que não escrevera) e uma veneração transcendental por Gary List. Passava as aulas escondido, temendo que fosse a minha vez de opinar sobre determinado tema, certo excerto ou, pior ainda, que fosse obrigado a ler em voz alta o trabalho dessa semana. Entre a insónia e o desespero provocado pelo barulho que cercava o apartamento de Brooklyn, só conseguia escrever fragmentos. Na quinta semana de aulas, List faltou e mandou o seu protegido Hayes substituí-lo. Hayes deu a sessão na sala principal e sentou-se numa das cabeceiras da mesa enquanto a turma se acomodava nas cadeiras. Era um homem com cara de rapaz, menos de trinta anos e cabelo à escovinha, magríssimo, camisa de manga curta e suspensórios, óculos de aros grossos e gestos bruscos e destrambelhados. Passou metade da aula a falar de um escritor que eu não conhecia, chamado David Foster Wallace, a elogiar-lhe o génio e a ler trechos da sua obra; a seguir, como se tivesse adivinhado o meu nervosismo no meio das duas dezenas de alunos, pediu-me para ler o que tinha escrito nessa semana.

Apeteceu-me explicar à turma que, devido às festas das nações mexicana ou costa-riquenha, a música estridente e os tachos e panelas tinham-me mantido acordado noites a fio e que existia, portanto, uma excelente desculpa para a mediocridade da minha prosa, mas Hayes olhava-me sem piedade. Levantei-me e comecei a ler um conto no qual eu vinha trabalhando, acerca de um homem que encontrava o seu sócia em Veneza, uma narrativa desconjuntada e trôpega que

começava com um encontro no Harry's Bar (onde Hemingway tinha sido o primeiro cliente a pedir um *Montgomery*). Quando terminei de ler as duas páginas e me sentei, perante o silêncio do resto da turma, senti que me afundava lentamente em água escura e turva.

«Obrigado pela leitura, Sr. *Tabourda*», disse Hayes.

O tom de desprezo era notório. De orgulho ferido, atrevi-me a perguntar se ele não ia oferecer a sua opinião, ou, de alguma maneira, criticar o que eu escrevera. Hayes olhou-me com sobranceria, escondido atrás das suas lentes de génio. Em vez de responder, passou a palavra à turma.

«Eu não achei mau», disse a rapariga francesa. «Só não acreditei muito no protagonista.»

«Falta motivação», disse outro.

«Eu gostei», comentou Anne, uma rapariga do Wisconsin que era a pessoa mais simpática da turma. «Achei o diálogo no bar engraçado.»

«Às vezes, faz lembrar Borges», disse um colega, «mas apenas no tema. Achei a prosa...»

«Sim?», insistiu Hayes.

«Insípida.»

Grande parte dos meus colegas concordou com acenos de cabeça.

«O que é que costuma ler?», perguntou-me Hayes.

«Borges», respondi imediatamente. «Também Kafka e Dostoievsky.»

«Alguém vivo, Taborda?»

Permaneci uns segundos em silêncio, sentindo o olhar da turma em mim.

«Gosto do David Foster Wallace», menti.

Hayes fez uma expressão duvidosa. Arreganhou os lábios, qualquer coisa entre o espanto e a incredulidade.

«Então leu *The Infinite Jest*, presumo?»

«Claro que li», respondi.

«Pode então explicar à turma de que trata o livro?»

Eu tinha o coração a duzentos à hora. Os contornos da sala esbateram-se. Lá fora, a noite caía sobre Manhattan.

«É sobre um escritor», arrisquei, sabendo que os escritores conceituados escreviam sempre sobre outros escritores.

«Exacto», concordou Hayes. «E depois há o desastre de carro...»

«Sim, o desastre», repeti. «E depois a...»

«... a mulher que o salva do desastre e o leva para sua casa.»

«Isso mesmo», prossegui, lembrando-me subitamente do enredo de um livro que não lera. «E ela obriga-o a escrever um novo livro.»

«... para resgatar da morte a heroína que o escritor matou no livro anterior», prosseguiu Hayes.

«... e termina num banho de sangue», completei.

Hayes fechou o livro que tinha nas mãos e começou a bater palmas, devagarinho.

«Parabéns, Sr. Taborda», disse ele. «Acabou de resumir o enredo de *Misery*, de Stephen King, um autor de segunda categoria.»

A turma inteira começou a rir, à exceção de Anne. Do outro lado da mesa, olhava-me com comiseração enquanto o meu rosto ficava da cor dos tijolos na fachada do prédio. Hayes chegou-se à frente e, pousando os cotovelos na mesa, entrelaçou as mãos debaixo do queixo.

«Diga-nos lá, então, o que é que verdadeiramente gosta de ler?», perguntou, provocador. «Se é que lê alguma coisa.»

Respirei fundo. *É só o professor substituto*, pensei; List nunca me trataria daquela maneira.

«Para ser franco, gosto de policiais.»

«E isso consta da sua ficha de candidatura a este programa? Ou limitou-se a referir Kafka e Dostoievsky?»

O *limitou-se* era um acrescento dele, mas eu sabia, no meu íntimo, que Hayes tinha razão. No entanto, era preciso negá-lo a todo o custo. Eu nascera para ser um escritor importante, e raramente um escritor de policiais chegara a ser importante. Convenci-me de que Hayes era o inimigo, de que ele queria destruir os meus sonhos, humilhando-me publicamente.

«O professor List escolheu-me depois de ler o meu conto», disse eu.

Hayes abanou ligeiramente a cabeça, como se discordasse por completo da decisão de List. A aula continuou e, durante a hora seguinte, imaginei secretamente as múltiplas maneiras de assassinar Hayes, culminando com uma queda aparatosa de trezentos e oitenta metros do topo do Empire State Building. Senti-me tão humilhado que saí antes de a aula terminar e

regressei a Brooklyn envolto numa nuvem de frustração e repúdio que me faziam querer desistir da New York University e voltar para Lisboa.

Foi Mookerjee, o meu companheiro de apartamento, que me tirou do fundo do poço. Viu-me chegar a casa furioso, a bater com as portas e a amaldiçoar Terence Hayes; disse-me imediatamente que eu precisava de sair, de apanhar ar fresco, em vez de me enfiar no quarto minúsculo e endoidecer com a festa cubana que acontecia algures no edifício. Mookerjee era um indiano com sotaque britânico que trabalhava em informática e cuja ideia de diversão era passar quarenta e oito horas na sala a jogar computador com viciados noutras partes do mundo, ligando-se remotamente ao mesmo servidor. Nessa noite, porém, convenceu-me a irmos a um concerto no Arlene's Grocery, um famoso bar no Lower East Side por onde tinham passado as melhores bandas da cidade. Não me lembro do nome da banda que ouvimos, mas eram quatro tipos que faziam muito barulho enquanto, no meio da multidão, éramos empurrados para um lado e para o outro pelos movimentos pendulares do público que frequentava aquele lugar. O palco era minúsculo, o bar exíguo, e o cheiro a suor e a cerveja, combinados com a noite quente de Outubro, deixaram-me rapidamente com vontade de fugir dali.

«Toma», gritou Mookerjee, passando-me um *shot* de uma bebida azulada.

«Não quero», respondi.

«Bebe essa merda», gritou-me aos ouvidos. «Vai fazer-te bem.»

«Nenhuma bebida desta cor faz bem a ninguém», respondi.

Mookerjee levantou-me a mão pelo pulso e obrigou-me a beber. Estávamos ao balcão do bar enquanto, ao fundo, a banda berrava uma canção sobre uma rapariga chamada Loreen que tinha abandonado alguém numa estação de serviço.

«Obrigado pela tentativa», disse eu a Mookerjee, com o sabor horroroso da bebida na boca, «mas não estou nos meus dias.»

Ele espetou-me um indicador no peito.

«Meu, sabes qual é o teu problema? É que levas tudo demasiado a sério. Que importância é que tem o que esse professorzinho assistente acha da tua escrita? Ou o que ele acha de ti?»

«Eu entrei no programa com um conto que não era meu», confessei.

Mas a música estava demasiado alta para Mookerjee me conseguir ouvir. Deduzi, pela expressão de incompreensão dele, que não entendera uma única palavra.

«Tens razão», confirmei, aos gritos. «Que se lixe.»

«Sabes o que é que eu faço aos professores que não gostam de mim?»

Enquanto temia a resposta, pedi mais uma cerveja ao empregado atrás do balcão.

«Entro no *email* deles», revelou Mookerjee, «e mando fotografias pornográficas às mulheres. Às vezes, às filhas.»

«E consegues fazer isso de casa?»

«Até consigo fazer daqui, se houver um computador no escritório desta espelunca.»

E foi no meio dessa conversa que senti uma mão nas costas. Voltei-me e vi uma rapariga muito bonita a olhar para mim, a sorrir. Por causa da penumbra no interior do Arlene's Grocery, não a reconheci imediatamente. Havia sete anos que não falávamos; tinha passado uma década desde que nos tínhamos visto pela última vez. Porém, assim que o meu olhar assentou, percebi de imediato que era ela. Fiquei tão estupefacto que não tive reacção.

«O que é que estás aqui a fazer?», gritou. «Em Nova Iorque? E não me dizias nada?»

Laura abraçou-me. Foi como se tivesse regressado ao Verão de 1987, ao último abraço que déramos antes de a família Walsh regressar aos Estados Unidos no final do mês de Agosto, à dor que sentira quando dei por mim apaixonado — pela primeira vez, a paixão mais dolorosa — por uma rapariga que, provavelmente, nunca tornaria a ver, a despeito das promessas de Noah de que regressariam no Verão seguinte e no outro e no que viria a seguir a esse.

«Não sabia como te contactar», gritei, tentando sobrepor-me, rouco, à música. «Só cheguei há umas semanas, estou na New York University.»

Ela levou a mão direita às minhas costelas.

«Estás mais magro», disse Laura. Depois, aproximou-se muito, colocando as mãos nos meus ombros, e quase me lambeu o ouvido. «Mas continuas a ser um miúdo muito giro.»

Senti-lhe o hálito doce, misturado com o álcool.

«Obrigado», respondi. Estava incrédulo. A minha cabeça e o meu corpo regressavam ao mesmo lugar onde tinham ficado em 1987. Olhei para cima e vi um rapaz alto e forte, de cabelo

encaracolado. Laura pegou na mão dele e apresentou-mo. Era um *amigo*, disse ela, um americano de ascendência grega com uma voz nasalada e um sotaque duro, nova-iorquino; a pele tismada, os olhos negros, o queixo quadrado e heróico de uma personagem helénica denunciavam as suas origens. Apertou-me a mão com demasiada força e ignorou Mookerjee.

No meio da confusão, Laura aproximou-se do balcão e, esticando-se, em bicos de pés, chamou imediatamente a atenção do empregado. Pediu um guardanapo e uma caneta, escreveu o seu número de telefone e entregou-mo.

«Liga-me», disse ela.

O grego levou-a pela mão e, num passe de magia, transportou a mulher dos meus sonhos para o meio de uma multidão que urrava ao som de uma canção sobre estações ferroviárias abandonadas.

Quando saímos do Arlene's Grocery, perto da meia-noite, ébrios, Mookerjee pôs-me o braço sobre os ombros.

«Estás a ver?», disse ele. «Nada como uma noitada para um gajo se esquecer da mais recente humilhação.»

Eu não respondi. Enquanto descíamos a Orchard Street em direcção ao metropolitano, cruzando-nos com os noctívagos do Lower East Side, ele perguntou-me quem era a miúda loura que viera cumprimentar-me.

«Alguém que conheci há muito tempo», respondi. «É só uma rapariga.»

«*Só uma rapariga*», imitou-me. «Daquelas que te deixa em silêncio durante o resto da noite. Sabes qual é o teu problema?»

«Levo tudo demasiado a sério, já sei.»

«Esse é o teu *outro* problema. Este é ainda mais grave.»- Mookerjee caminhava de mãos nos bolsos, o cabelo muito negro e brilhante preso num pequeno rabo-de-cavalo. «É que tens um fascínio sobrenatural pelas pessoas, como se elas viessem de outro planeta. Esse teu professor, o Gary-Não-Sei-das-Quantas... Falas dele como se fosse *Shiva*. E, agora, esta é *só uma rapariga*. Depois de ela vir cumprimentar-te, ficaste com o cérebro feito em merda.»

«Não foi nada disso», contestei, dando um empurrão a Mookerjee. «Só não nos víamos há muitos anos. Nunca ficas nostálgico, tu? Ah, espera, não tens esse tipo de sentimentos, porque todos os teus amigos são virtuais.»

Mookerjee deu-me um pequeno soco no ombro.

«Golpe baixo, pá!», gritou quando já avistávamos a boca do metropolitano de Delancey Street.

Passei metade da noite acordado, a relembrar o Verão dos Walsh no Lagoeiro. Esse tempo marcara o princípio de uma dolorosa adolescência. Nos anos que se seguiram, tendo jurado um ao outro que nunca perderíamos contacto, eu e Laura trocámos muitas cartas. Tornámo-nos *pen pals*: entre o final de 1987 e 1990, correspondemo-nos com muita regularidade, quase dois anos de cartas escritas à mão. Eu escrevia em folhas brancas, ela em folhas de várias cores, geralmente com linhas e perfumadas; páginas maravilhosas que tinham sido tocadas pela rapariga que eu adorava.

Era possível que Mookerjee tivesse razão e existisse em mim a tendência de construir um fascínio desmesurado pelos outros e de os colocar em lugares indevidos. Lembrava-me de passar horas deitado na cama do meu quarto em Lisboa a

tentar decifrar os sentidos ocultos nas cartas de Laura. Por vezes, ela desenhava nas margens — florzinhas, corações, bocas com um balão que diziam *Sou uma boca*, um homenzinho enforcado com a língua de fora, um coração atravessado por uma seta que retilava: *Ui!*. A minha família sabia que, nos dias em que eu recebia correspondência dos Estados Unidos, a minha atenção ao mundo real reduzia-se ao mínimo; ao jantar, praticamente não falava, e fechava-me no quarto muito cedo, passando horas a reler aquelas páginas, começando a rabiscar mentalmente a minha resposta.

Sobre o que é que falávamos? É difícil lembrar-me com precisão. Sobre as aulas, os amigos, a vida em Lisboa e a vida em Nova Iorque. Em 1989, a família Walsh passou uma pequena temporada no Brasil, por causa dos negócios de Noah, e Laura contou-me que estava a tentar aprender português. Escrevia-me frases como esta: «*Cara, eu gosto tanto de você*»; ou, então, palavras que aprendera nos últimos tempos, como *folia*, *caipira*, *jagunço* e *boquete*. As cartas de Laura faziam-me rir e, por vezes, deixavam-me terrivelmente excitado, sobretudo quando ela falava abertamente de sexo. Era capaz de descrever um dia normalíssimo na Grace Willard e, subitamente, confessar qualquer coisa parecida com isto: «*Estava tão excitada que tive de me meter na cama e masturbar-me. Nunca te acontece? Teres tesão a meio da tarde, por nada, por razão nenhuma?*» E assim por diante. Eu imaginava que, na América, a vida dela era épica e aventureira, muito mais próxima dos filmes do que da vida real e da sua insuportável repetição. Imaginava — como podia ser de outra maneira? — a vida dela em lampejos de momentos importantes, doces e tristes, acompanhados de banda sonora. A vida em Lisboa, em casa dos meus pais, com mãe, avó e tia-

avó a darem-me cabo do juízo, e ainda Júlia, que, na sua pose de rapariga prendada, obediente e estudiosa, tentava rebaixar-me e humilhar-me constantemente, parecia-me um inferno quando comparada com a vida de Laura. Nas cartas, assinava sempre o seu nome com um arabesco na letra final e, a seguir, colocava a data e o lugar de onde me escrevia.

Ao longo daqueles dois anos de trocas intensas, recebi cartas de lugares tão diferentes como a Biblioteca Pública de Nova Iorque, o Starbucks da Quinta Avenida, a Zona Sul do Rio de Janeiro, o refeitório da Grace Willard, a casa de praia de Montauk ou a geladaria de Chatlam (durante o Verão). Eu escrevia-lhe sempre do mesmo lugar: da secretária do meu quarto — que já fora de Júlia —, com a janela a mostrar sempre o mesmo cenário, a rua de uma cidade adormecida e com pouco movimento.

No entanto, sempre que o fazia, na calada da noite, quando a casa sossegava e podia ouvir os discos do Chet Baker no gira-discos que pertencera ao meu avô, sentia-me o adolescente mais feliz do mundo, pois era atravessado por uma sensação de esperança. Permanecia ainda em mim, passado tanto tempo, a vívida memória daquele Agosto. Depois, discretamente, as cartas de Laura tornaram-se menos frequentes. Entre Junho e Setembro de 1990, trocámos apenas duas cartas — era ela quem ditava a frequência, uma vez que eu nunca sabia exactamente para onde devia escrever-lhe —, até que, no final desse ano, recebi somente um postal de Natal. Era uma missiva impessoal, dedicada a toda a família Taborda e assinada por ela, por Levi e pelos pais, idêntica ao postal que havíamos recebido no ano anterior. Só que o postal do ano anterior viera acompanhado de uma carta manuscrita de Laura; o de 1990, contudo, surgiu sozinho e triste na nossa caixa de

correio. Quando o encontrei, entendi que alguma coisa tinha chegado ao fim. Mas, por essa altura, com dezassete anos, conheci a minha primeira namorada e fui-me esquecendo da rapariga americana que vivia a milhares de quilómetros de distância.

«Telefona-lhe», insistiu Mookerjee. «Ela quer que tu lhe ligués.»

«Como é que tu sabes o que *ela quer?*», perguntei enquanto entrávamos no apartamento demasiado quente. Apressei-me a despir o casaco e a ligar o ar condicionado.

«Pela maneira como olhava para ti», respondeu ele.

«E o que tens a dizer do apêndice que ela trazia, por sinal com um metro e noventa?»

Moojerkee encolheu os ombros, atirou-se para o sofá da sala e começou a enrolar um charro.

«O apêndice não te diz respeito. Por acaso, és cirurgião?»

*

Demorei algum tempo até ganhar coragem para ligar a Laura; havia coisas mais importantes no horizonte. Tinha agendado para a semana seguinte o meu primeiro encontro a sós com Gary List (cada aluno tinha direito a três destes encontros por ano, que ocorriam num gabinete do edifício da West 12th Street) e desconfiava de que a minha desonestidade na aula de Hayes já teria chegado aos ouvidos do meu mentor. Entrei cabisbaixo no edifício, convencido de que ia ouvir uma reprimenda ou de que, no mínimo, seria admoestado por List para não usar o seu nome como escudo ou prova de que merecia um lugar naquele programa.

Quando, no corredor poeirento, bati à porta do gabinete, depois de ter atravessado a salinha, banhada de luz matinal, onde costumávamos ter aulas com o chefe do departamento, o lugar estava ainda deserto. Ouvi, do outro lado da porta, um resmungo. Abri-a ligeiramente e vislumbrei Gary List deitado em dois sofás colados um ao outro, tapado por um cobertor cinzento. O ruído de fundo provinha de um pequeno rádio de pilhas que, pousado numa estante, emitia música clássica.

«Porra», disse List, acabado de acordar. «Que horas são?»

Olhei para o relógio de parede.

«Oito e cinquenta», respondi.

List soergueu-se e, tacteando, encontrou os óculos que estavam em cima da mesa.

«Quem é você?», perguntou, pondo os óculos na cana do nariz.

«Pedro Taborda», respondi.

Ele demorou algum tempo a registar a informação.

«Ah, Taborda», confirmou, finalmente. «O aluno brasileiro.»

«Português», emendei.

List sentou-se. Era um homem calvo e magricelas, que usava camisas de flanela aos quadrados e botas castanhas. Abriu uma das gavetas da secretária e tirou, do interior, um frasquinho de metal. Desenroscou a tampinha e bebeu.

«Gosta de Mozart, Taborda?»

«Não costumo ouvir música clássica.»

List fez-me sinal para entrar. Dentro do gabinete havia um cheiro desagradável a corpo por lavar. Sentei-me na cadeira confortável em frente da secretária e fui agraciado pelos feixes de luz morna que entravam pelos estores.

«Não sabe o que perde», disse ele. «O *Concerto para Piano Número 4* de Mozart fez-me escrever um livro.»

«Um dia, vou experimentar», garanti.

«Ainda não tem idade para isso.»

Bebeu outro gole do frasquinho e eu observei discretamente o gabinete, um espaço desarrumado onde despontavam livros, cinzeiros cheios de beatas e revistas antigas espalhadas por todo o lado, todas da mesma índole: *American Crime*, *True Detective*, *Factual Detective* e até uma chamada *Headquarters Detective*.

«As minhas revistas policiais», confirmou ele. «São o meu escape. Quando o dia não corre bem, que é uma coisa que sucede quase diariamente, fecho-me aqui dentro e leio estas histórias antigas. São todas fictícias, claro: crimes de paixão, esposas traídas, vinganças, assassinatos por dinheiro, extorsão e sequestro.» Acendeu um cigarro. O fumo começou a dissolver-se nas faixas de luz. «Enfim, são uma merda.»

«Então porque é que as lê?»

«Para me sentir melhor comigo. Você é jovem, por isso, só deve ler literatura da boa. Portanto, sente-se pessimamente. Quem é que não se sente pessimamente a ler Faulkner? Por isso, prefiro estas porcarias. São previsíveis e monótonas, não há cá surpresas nem espertices. Confirmam aquilo que eu já sei. O meu cérebro gosta disso. Do meu ponto de vista, só há três razões para cometer um crime: sexo, ambição e inveja.

São os três pecados capitais, absolutamente presentes na vida de qualquer homem, variáveis que se entrelaçam na nossa cabeça e que, por vezes, dão péssimo resultado.»

«Gosto muito de ler romances policiais», avancei, secretamente satisfeito por List partilhar daquele prazer que eu me esforçava por ocultar.

«Nos policiais aprendemos muito sobre a arte de contar», confirmou ele. «Todas as narrativas, até mesmo as que foram escritas pelos génios da literatura, labutam na mesma matéria. Sexo, ambição e inveja. Senão, veja: *Madame Bovary*; *Moby Dick*; *Crime e Castigo*; *Hamlet*. Cervantes, Shakespeare e Conrad; Roth, Dostoievsky e Nabokov. Depois chegou a pós-modernidade e deu cabo destes princípios.» Grunhiu e ajeitou-se na cadeira, como se estivesse muito dorido. «A partir de meados do século XX, muitos escritores decidiram sacrificar o ofício em favor do significado e começaram a debruçar-se sobre o absurdo da existência humana, culminando nestas coisas intragáveis que abundam nas livrarias e recebem críticas elogiosas do *The New York Times*, cujos escribas não conseguem evitar repetir-se e usam sempre os mesmos epítetos. Um livro que espelha a *condição humana*. Profundamente *original*. Uma *nova voz*.»

List encolheu os ombros e deu uma passa longuíssima no cigarro.

«Uma *nova voz*.» Riu-se. «Centenas de idiotas que leram demasiado Kafka e se esmifram para que os seus livros sejam incompreensíveis, ilegíveis e chatíssimos.»

Eu estava algo chocado com aquele discurso.

«Está surpreso?», perguntou ele.

«Não», menti.

«Ninguém o avisou de que eu sou um reaccionário?»

«Não.»

«Eu adoro Kafka, sim?»

«Está bem.»

«Se disser o contrário sobre mim, vou atrás de si e mando-o prender, como n' *O Processo*.»

Por um momento, achei que ele estava a falar a sério.

«O problema é que escritores como Kafka são maiores do que a vida, maiores do que tudo», prosseguiu ele. «Contaminam com facilidade quem os lê e quem os admira. Como estou há muito tempo neste departamento, vejo demasiados fulanos entrarem aqui convencidos de que aquilo que escrevem é directamente pertinente à *condição humana* e que encontraram uma *nova voz*, que são *originais*, e aí começa a displicência. É como se o escritor já estivesse morto antes de ter começado.» Fez uma pausa e apagou o cigarro num cinzeiro já cheio. «Você é um desses fulanos, Taborda?»

«Acho que não.»

O homem observou-me durante uns instantes. Levou os dedos ao queixo e depois estalou-os.

«Já sei», recordou-se. «A história do homem que dorme na berma da auto-estrada. É sua, não é?»

«É», menti.

«Foi o conto que mais gostei de ler de todas as candidaturas que recebemos este ano.»

Corei ligeiramente.

«Obrigado.»

«Conhece algum dos meus livros?»

Quis dizer-lhe que os conhecia a todos, que tinha lido e relido as suas obras, que era o meu escritor de eleição. Mas limitei-me a responder:

«Sim, já li alguma coisa.»

«O que é que leu?»

«Li *A Traição de Mabeline C.*»

«É o meu melhor romance», disse List.

Não fui capaz de me contrariar:

«Na verdade, li todos os seus livros», confessei, «excepto *Joining Heaven*, que não está traduzido em português e não consegui arranjar em Lisboa. Sou o seu maior fã, professor. Vim de Portugal só para ter aulas consigo, porque creio que o senhor, e só o senhor, poderá ajudar-me a ser escritor.»

List recostou-se na cadeira.

«Você é estúpido ou faz-se?»

«Estúpido?»

«Acha mesmo que alguém consegue fazer de outra pessoa um escritor? O que é que eu sou, uma espécie de neurocirurgião do futuro que vai modificar a sua química cerebral de maneira a torná-lo prestável para a literatura?»

«Não, eu...»

«Se fosse neurocirurgião», interrompeu ele, «fazia-lhe uma lobotomia para lhe tirar a estupidez, isso sim. E a ambição. E não apenas a si, mas a metade do corpo docente e discente desta maldita faculdade.» Rosnou qualquer coisa

incompreensível. «Além disso, alguém que escreve um conto como o seu já é quase escritor. Precisa é de trabalho... Já perdeu algum tempo a pensar num possível romance?»

«Era disso que lhe queria falar. O professor Hayes...»

«Professor-*assistente* Hayes», corrigiu-me.

«... o professor-*assistente* Hayes, na última aula, fez algumas críticas bastante duras ao meu trabalho.»

List bateu com a palma da mão na mesa, fazendo estremecer tudo o que nela se encontrava. Dei um salto na cadeira com o susto.

«Mas isso é o melhor que lhe podia ter acontecido!», gritou ele, e levantou-se para começar a abrir as persianas. Tinha a braguilha aberta. «Quando o professor-*assistente* Hayes critica alguém, é porque tem *inveja* do trabalho dessa pessoa. E o que é que nós dissemos sobre a inveja, meu jovem?»

«É uma das três variáveis absolutas...», repeti, tentando lembrar-me.

«Os três princípios fundamentais», interrompeu List, «as forças motrizes do conflito. Aprende-se muito com os policiais, digo-lhe eu.»

«Isso significa que o professor Hayes vai matar-me?», graciei.

List tornou a sentar-se. A luz abarcava agora todo o espaço do gabinete, e reparei que a carpete estava sujíssima, coberta de nódoas.

«É possível», respondeu List. «Aliás, seria ótimo se ele o matasse, porque finalmente eu teria uma razão para tornar a escrever um livro.» Gary afundou-se na cadeira. Reparei que

ele parecia algo embriagado. «Também tenho inveja de si, sabe?», disse, olhando-me.

«Inveja? De mim?»

Fingiu que me imitava, e à minha estupefacção juvenil.

«Invejo a sua juventude idiota. A sua paixão pela escrita. Há muito tempo que perdi tudo isso. Enfie-me aqui, neste manicómio de frustração, nos labirintos da universidade, das reuniões académicas e da burocracia... De um dia para o outro, comecei a esquecer-me de quem era.»

«Eu acho que tem um talento enorme.»

Pareceu quase comovido, mas logo disfarçou.

«Há sete ou oito anos que não escrevo nada. Nada de nada. Nem uma linha que se aproveite.» Pegou numa das revistas, a *Headquarters Detective*, com a ilustração de uma mulher seminua na capa, de grandes seios, tapada por um lençol azul. «Por isso é que leio estas merdas. Para voltar às raízes. A ver se a literatura me agarra pelos colhões e me põe em frente da velha máquina de escrever.»

«Tenho a certeza de que isso vai acontecer», disse eu.

Ficámos em silêncio durante uns segundos. List tornou a beber do frasquinho e, depois, parecendo restabelecido da noite mal dormida no gabinete, juntou os dedos das duas mãos debaixo do queixo e perguntou-me:

«Então, vamos a isso. O que é que o traz aqui?»

Com o passar do tempo, eu e List fomos perdendo a formalidade — ou *eu* fui perdendo as inibições — e tornámo-nos amigos. Descobri, para meu grande espanto, que éramos muito parecidos: dois indivíduos tímidos e inseguros, receosos

de, a qualquer momento, sermos denunciados como a fraude que intimamente julgávamos ser. Embora eu tivesse apenas vinte e três anos e List já houvesse ultrapassado os sessenta, parecíamos fruto da mesma colheita. A diferença de idades não nos impediu de nos tornarmos próximos, e começámos a conversar com alguma regularidade, mesmo fora do horário das aulas e do edifício da West 12th Street.

Descobri que Gary List era um homem incrivelmente solitário. Tinha-se casado e divorciado duas vezes e mantinha contacto esporádico com o único filho, que vivia na Califórnia. Chamava-se Holden — uma homenagem que Gary decidira prestar a J. D. Salinger e ao protagonista de *Catcher in the Rye* — e nascera com cataratas, o que precipitara o pai a escrever o romance *Joining Heaven*, que eu lia no Verão seguinte, sentado à sombra de uma árvore nas bonitas margens do lago Juniper.

A minha relação com List ultrapassou todos os meus sonhos mais audazes, foi além de todas as ilusões com que eu partira de Portugal para estudar na New York University. Uma coisa era ter aulas com o escritor que eu mais admirava — já de si, um sonho cumprido; outra era ter esse mesmo escritor a ligar-me para casa, ir beber umas cervejas com ele ao McSorley's na East 7th e ver o meu trabalho acompanhado de perto pelo meu ídolo da juventude.

«Tens a certeza de que ele não é maricas?», perguntou a minha avó, ao telefone.

«Por amor de Deus, avó.»

Eu estava na cabine telefónica do costume, em frente do meu prédio, ao lado do *deli* dos hondurenhos que vendia

tamales e carne assada.

«Vê lá no que te metes», disse a minha avó. «Olha que o teu avô...»

A minha mãe deve ter-lhe arrancado o telefone das mãos, porque tornei a ouvir a voz dela enquanto as da minha avó e da tia Lucília continuaram a conversar em ruído de fundo, provavelmente acerca das probabilidades de eu ser sodomizado em Nova Iorque. Imaginei-as na cozinha, a minha mãe encostada à parede com o telefone na mão, enquanto as duas velhotas preparavam o jantar de domingo.

«Adivinha quem é que encontrei», disse à minha mãe.

«O Bill Clinton», respondeu ela, entusiasmada.

«Claro que não.»

«O Robert de Niro!», gritou ela, ainda mais excitada.

«Não, mãe...»

«Então?»

«Encontrei a Laura Walsh», respondi.

Houve um silêncio do outro lado.

«Qual das irmãs era a Laura?», perguntou.

«Oh, mãe, por amor de Deus. Era a mais velha.»

«Já foi há tanto tempo», ouvi-a dizer.

Nesse momento, o auscultador, do outro lado da linha, mudou de mãos.

«Encontraste a Laura?», perguntou a minha irmã.

«Olá, Júlia.»

«E vais tornar a vê-la?»

«Talvez», respondi, sentindo-me muito excitado com a ideia; o meu coração dava saltos de alegria. «Mas nunca se sabe, Nova Iorque é muito grande...»

«Se a encontrares, pergunta-lhe se ela se lembra de mim.»

«Duvido.»

«Ainda estás apaixonado por ela?»

Escutei o cacarejo de um coro de risos atrás de Júlia.

«Passa o telefone à mãe.»

«Adeus, idiota», disse a minha irmã.

Júlia tinha vinte e cinco anos, mais dois do que eu, mas continuávamos a tratar-nos como se fôssemos os mesmos miúdos da Praia dos Carneirinhos, insultando-nos a cada oportunidade e espicaçando a raiva alheia.

«Não achas que está na hora de a meteres na rua?», perguntei eu à minha mãe.

«Que parvoíce», respondeu ela. «A tua irmã fica em casa o tempo que quiser.»

«Uau. As quatro a envelhecerem juntas. Que tragédia.»

«Tragédia é tu, com essa idade, ainda não teres namorada», disse a minha mãe.

E a conversa prosseguiu neste tom, até que o meu pai veio ao telefone e, na sua voz cansada, disse-me:

«Era bom que regressasses depressa, que eu não aguento isto sozinho.»

Atrás dele, a minha mãe começou a refilar, mas não houve mais tempo porque a chamada caiu. O meu cartão telefónico tinha chegado ao fim; entrei na loja dos hondurenhos e

comprei outro. A seguir, fui para casa e enviei um *email* a Anne. Na semana seguinte, fomos jantar fora. Ela era dos arredores de Milwaukee, uma rapariga de rosto coberto de sardas e cabelo cor de palha. Não era muito vistosa, tinha um corpo algo roliço, mas sorria muito e era fácil estar com ela; ao pé de Anne, eu não sentia nenhum dos incómodos que Laura me provocava — nenhuma angústia nem qualquer espécie de ansiedade. Tão-pouco paixão. Acabámos a dar um beijo na esquina da Broome com a Crosby depois de um jantar num restaurante italiano: ela com vontade, e eu sem muito desejo. Escapei ao sexo que deveria ter acontecido a seguir dizendo-lhe que tinha de ir para casa (julgo que inventei alguma coisa sobre um compromisso na manhã seguinte); quando entrei no apartamento e encontrei Mookerjee com um amigo asiático, a fumarem *haxixe* no sofá da sala e freneticamente entretidos com um jogo cujo ruído de explosões e tiros invadia o meu quarto, concluí que não tinha outra opção senão telefonar a Laura. Enquanto ela permanecesse na minha cabeça, eu não teria descanso nem vontade de estar com nenhuma outra mulher, e parecia-me que a minha mãe tinha razão: estava na hora de eu arranjar uma namorada.

Na manhã seguinte, enchi-me de coragem e peguei no telefone. Sentei-me na cama e, com as mãos suadas, marquei hesitantemente o número que ela escrevera num guardanapo. Ao levar o telefone ao ouvido, dei conta de que tremia da mão direita.

E então, do outro lado da linha, surgiu uma voz de mulher, uma gravação automática anunciando que aquele número não estava atribuído.

16 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Segundo a autópsia do médico-legista Troy Pleasant, do Departamento de Homicídios do Distrito de Columbia, Noah Walsh faleceu na madrugada do dia 14 de Setembro, entre as 03h30 e as 04h30, vítima de múltiplas lacerações na zona do abdómen, tórax e pescoço, que provocaram perfuração de órgãos vitais e, por consequência, uma abundante perda de sangue, acelerada pela profundidade dos golpes. Apresentava o rosto desfigurado por facadas desferidas com o mesmo objecto, uma faca de cozinha com uma lâmina de 23 centímetros. À altura da morte, o sujeito tinha quarenta e sete anos, noventa e oito quilos de peso, insuficiência cardíaca e diabetes de tipo I.

Laura saiu da cama, ansiosa. Dormira a espaços, os sonhos contaminados por imagens fantasmagóricas da irmã e do pai: Levi num corredor muito escuro, chamando por ela, sussurrando o seu nome, o som abafado como se alguém lhe tapasse a boca; o corpo do pai a boiar numa piscina de água negra, de rosto voltado para o fundo, os braços abertos em cruz.

No sonho de Laura, tudo flutuava. Na vida real, tudo era pesado, demasiado carregado de tristeza e de sombras para o conseguir suportar sozinha. Preferiu não acordar Pedro, que ainda dormia, ressonando baixinho. Eram seis e trinta da manhã. Desceu as escadas e encontrou Winifred de cabeça tombada para o lado esquerdo, em cima do ombro, adormecida; o pequeno televisor estava ligado num canal que emitia uma missa em directo, o som quase inaudível. Laura debruçou-se sobre o balcão e desligou o aparelho. Wini

pareceu não dar por nada e continuou a dormir, o cabelo todo branco cobrindo-lhe parcialmente o rosto de velha. Pobre senhora, pensou Laura; conhecia-a desde que era criança e viera provar os seus primeiros gelados. Nesses tempos, Winifred passava os dias na rua e conversava com toda a gente. Levava a família a fazer piqueniques no lago. Depois, o marido morreu e a filha mudou-se para Boston. E ela ficou sozinha na pensão, que era o único sustento que tinha. Parecia ter adormecido para sempre naquele lugar, na sua cadeira de balouço atrás do balcão, e hoje em dia raramente era vista nas ruas de Chatlam.

Ao sair da pensão, Laura reparou que a loja de pesca de Springfield ainda estava fechada, mas que o jornal já tinha sido largado à porta. Era o *The New York Times* daquela quarta-feira. Na coluna do lado direito, surgia a escandalosa notícia:

Filha suspeita do assassinato do milionário Walsh; investigações continuam.

Laura sentiu o coração apertado, oprimido. Teve raiva do chefe Ditmas, de toda a Polícia de Chatlam, por terem deixado escapar aquela informação. Como teriam conseguido os repórteres chegar tão rapidamente àquele cabeçalho? Haveria alguém a vender-se para que o *The Times* pudesse avançar com aquela notícia? Ocorreu-lhe imediatamente a figura do bizarro médico-legista, Troy Pleasant. No entendimento de Laura, tinha sido ele o delator — era suficientemente mórbido e estranho para não querer saber do impacto emocional que uma informação daquelas podia provocar numa família inteira. A caminho do café, no entanto, lembrou-se do que Bernie lhe dissera: parte da equipa de perícia viera de Albany. Eram já muitas as pessoas envolvidas na investigação para poderem ser

controladas, e talvez o verdadeiro milagre fosse a história ter demorado tanto tempo a chegar aos jornais.

O café acabara de abrir. O barista serviu-lhe um *latte* denso, com a textura de uma sopa. Era saboroso e aromático. Não sentia fome, mas obrigou-se a comer um *bagel*. Quando o relógio bateu as sete, atravessou a estrada e entrou na esquadra. Marybelle estava no corredor da entrada, a servir-se de um café na máquina automática. Quando viu Laura, o semblante da secretária transformou-se numa careta de condolência, e abraçou-a com força, mexendo-lhe no cabelo com a mão livre.

«Oh, minha querida», disse Marybelle.

«Estou bem», assegurou Laura. «O chefe Ditmas está por cá?»

«Teve de ir tratar de uns assuntos a norte do condado», disse Marybelle. «Mas o Moon vai levar-te à tua irmã.»

«Obrigada», disse Laura.

A esquadra estava vazia àquela hora. Além de Marybelle, apenas Moon estava de serviço. Ensonado, o ajudante do chefe encontrava-se sentado a uma secretária, onde repousava um computador e um monte de papéis, e escrevia alguma coisa à pressa.

«Ah, antes que me esqueça», disse Marybelle, e foi à mesa, abrindo uma das gavetas do seu arquivo, do qual tirou um saquinho de plástico transparente. «O meu marido quis que ficasse com isto.»

Marybelle entregou a Laura um conjunto de chumbos de pesca, cada um deles com o formato de um peixe. Nos chumbos, alguém inscrevera as iniciais NW.

«Eles iam muito à pesca juntos, tu sabes...», contou Marybelle com lágrimas nos olhos. «O meu Lou achou que talvez gostasses de ficar com eles.»

Laura olhou para os chumbos e imaginou o pai, ainda muito jovem, a inscrever neles as suas iniciais com o canivete suíço que trazia sempre no bolso; o seu ar descontraído, de pólo e calções, o cabelo num desarrumo por causa dos caracóis, a preparar-se para uma manhã no lago.

«Obrigada», disse Laura, e guardou o saquinho de plástico no bolso do casaco de malha.

Moon conduziu-a por uma passagem adjacente à sala principal. Depois, tirou um molho de chaves do cinto (presas num aro de metal) e, escolhendo uma, abriu a porta de grades que conduzia ao corredor das celas. Havia seis celas no total e cinco estavam desocupadas. Na última cela, do lado direito, estava Levi Walsh.

«Têm quinze minutos», anunciou Moon.

Quando entrou na cela, Laura viu uma figura deitada de lado no catre, de costas para a porta — um estrado de ferro que nascia da parede, com um colchão muito fino e uma almofada suja. Laura ajoelhou-se junto dela e afagou-lhe o ombro. Tinha o cabelo muito curto, estava magríssima. Por um momento, sentiu um estranho alívio: tinham-se enganado, aquela não era Levi, pensou, sentindo-se ridícula. A rapariga permaneceu voltada para a parede durante uns instantes e, depois, cedendo à pressão da mão de Laura, voltou-se. Embora tivesse os olhos embaciados, cobertos por uma película de sofrimento, era indubitavelmente a sua irmã. Laura ficou incrédula. Não estavam juntas desde a Páscoa, altura em que Levi, regressada da Grace Willard para umas curtas férias,

passara uns dias no apartamento de Manhattan. Nessa altura, era ainda a miúda que Laura sempre conhecera — uma adolescente com o rosto coberto de sardas e o cabelo muito claro; cinco meses depois, a pessoa que encontrou dentro daquela cela parecia-se muito pouco com essa miúda: envelhecera, o rosto marcado por olheiras muito fundas, uma mistura de desespero e apatia no olhar.

Laura abraçou-a, sentindo-lhe a protuberância, até então inexistente, dos seus ossos.

«O que te aconteceu, meu amor?», perguntou Laura com a voz abafada pela vontade de chorar.

Levantou-se e, de rajada, saiu da cela e atravessou o corredor, dirigindo-se a Moon, que, ao vê-la aproximar-se com uma expressão furiosa, pareceu ter medo da rapariga.

«Recuso-me a falar com a minha irmã ali dentro, Moon», afirmou Laura num tom irado. «Com certeza há uma sala onde podemos estar mais confortáveis.»

Moon levou os polegares ao cinto, como sempre fazia quando ficava nervoso.

«Menina Walsh, eu tenho ordens para...»

«Quero lá saber das suas ordens», interrompeu Laura. «A Levi precisa de sair daquela cela deprimente, nem que seja por quinze minutos.»

«A sua irmã é suspeita num caso de homicídio», contrapôs Moon, hesitante.

«E por acaso já foi julgada?»

Moon abanou a cabeça.

«Bom, ainda não...»

«Então arranje-nos uma sala onde possamos conversar», insistiu ela. «E café. E qualquer coisa para ela comer, por amor de Deus!»

Foram conduzidas à sala polivalente da esquadra, que era muito pequena e cuja janela gradeada enfrentava um beco fedorento. Mas era incomparavelmente melhor do que a cela. Marybelle trouxe-lhes duas chávenas de chá e um pacote de *donuts*, no qual nenhuma delas tocou. Levi, vestida com um fato-macaco cor de laranja e uma *T-shirt* cinzenta por baixo, parecia um pássaro ferido. Dobrou as pernas na cadeira e abraçou os joelhos. A farda da prisão tinha debruadas, à altura do peito, as palavras Chatlam Police Dpt. Laura perguntou-se se aquilo estaria correcto; se o procedimento normal seria vestir um suspeito com aquelas roupas sem ter sido formalmente acusado de coisa nenhuma. Estendeu a mão sobre a mesa e esperou que Levi lhe desse a dela, que estava gelada. O cabelo muito curto realçava-lhe o formato bonito da cara, as maçãs-do-rosto muito salientes, cobertas de pintas castanhas; os olhos amendoados e tristes.

«O que aconteceu, Levi?», perguntou Laura.

Levi abanou a cabeça. Ainda não dissera uma palavra. Laura repetiu a pergunta com delicadeza, em voz baixa.

«Não sei», respondeu Levi, por fim, tremendo, soltando-se da mão de Laura e tornando a abraçar as pernas. Pousou o queixo nos joelhos.

«O que é que estavas a fazer em Chatlam?», perguntou Laura.

«Vim de surpresa, o pai não sabia.»

«Ele contou-me que tu estavas numa colónia de férias em Sag Harbor.»

Levi abanou a cabeça afirmativamente. Não olhava para Laura; tinha o olhar perdido algures, nas paredes esverdeadas, na mesa de fórmica, nas chávenas de chá fumegante.

«Acho que tive saudades do pai, e vim visitá-lo.»

«Há quanto tempo é que tinhas chegado?»

«Não sei», respondeu Levi, fechando os olhos, deitando a cabeça nos joelhos. «A minha memória está estragada, Laura.»

«*Estragada?* O que é que isso significa?»

Levi ergueu o rosto, abarcou a sala vazia com o olhar e tornou a pousar a cabeça nos joelhos.

Laura debruçou-se sobre a mesa, aproximando-se da irmã.

«Levi, olha para mim.»

A irmã abriu os olhos lentamente.

«Há quanto tempo tinhas chegado? Um dia? Dois?»

«Talvez dois dias, não tenho a certeza.»

«De que é que te lembras, então? Conta-me.»

Levi limpou o nariz, que pingava, com as costas da mão. Demorou muito tempo a responder.

«Lembro-me de jantar com o pai», respondeu ela. «Comemos sopa e frango. Sim, acho que foi isso: sopa e frango. Depois lavámos a louça e ele disse que ia para o escritório, que precisava de tratar de qualquer coisa importante.»

«E mais quê?»

Ela encolheu os ombros.

«Lembro-me que me deu um abraço muito apertado no patamar das escadas, e eu subi para o meu quarto.»

«Para o *nosso* quarto», lembrou-lhe Laura.

Desde miúdas que partilhavam o quarto na casa de Chatlam, embora houvesse outros disponíveis, habitualmente vazios.

«Sim», concordou Levi, mas sem o vislumbre de um sorriso. «Fui-me deitar e, a seguir a isso, não sei o que aconteceu.»

«Faz um esforço, por favor.»

«Não consigo», disse ela. «É a minha memória, está...»

«... *estragada?*», completou Laura. «Isso é ridículo, tens dezasseis anos. Ninguém com essa idade fica com a memória estragada.»

«Fico eu», disse Levi.

«Porque dizes uma coisa dessas?»

«Porque sou diferente das outras pessoas», sussurrou Levi. «Sou diferente, para pior.»

Laura tentou alcançar o braço da irmã, mas esta afastou-o devagar.

«Faz um esforço. É tudo o que te peço.»

Levi engoliu em seco e fechou os olhos.

«Lembro-me de luzes», disse Levi. «E de alguém a falar comigo, um polícia. Lembro-me das luzes vermelhas e azuis. Lembro-me do sangue, Laura. Havia imenso sangue, por toda

a parte. Lembro-me de ter os pés cobertos de sangue, empapados em sangue.»

«A Polícia diz que tu tinhas a faca na mão, Levi.»

A irmã olhou para o lado, para o canto da sala, onde não havia nada a não ser a sombra da mesa que as separava.

«Acreditas neles, Laura?»

Laura procurou novamente a mão de Levi e respondeu com lentidão:

«Claro que não», respondeu num tom firme.

«Eu acho que acreditas», lamentou-se Levi. «Toda a gente vai achar que eu sou culpada. Que fiz aquilo. Ele vai achar que eu sou culpada.»

«*Ele?*», perguntou Laura, confusa. «Quem é ele, Levi?»

A irmã tornou a retirar a mão, voltando a abraçar os joelhos.

«Ele está à minha espera», insistiu.

Laura pousou os cotovelos na mesa e, abrindo os dedos, pousou as mãos no tampo.

«De que é que estás a falar? Quem é que está à tua espera?»

Pela primeira vez desde que ali tinham entrado, Levi olhou para Laura directamente. A irmã assustou-se com o que viu nos olhos dela; a expressão de uma pessoa transtornada, praticamente enlouquecida.

«Ele é a única pessoa que gosta de mim. Que verdadeiramente gosta de mim.»

Laura tentou outra táctica.

«Ele é o pai? Estás a falar do pai, Levi?»

Levi abraçou os joelhos com mais força, como se se fechasse em si própria.

«Tens um namorado? Alguém que conheceste entretanto?»

Mas a irmã devolveu-lhe apenas silêncio. Laura suspirou; um suspiro de desespero, de impotência. Não entendia a irmã e não sabia como fazê-la continuar a falar do que acontecera naquela noite.

«Tomaste alguma droga, Levi?», perguntou Laura.

Levi abanou a cabeça em negação.

«Daqui a nada, a Polícia vai regressar», insistiu Laura. «Vão aparecer os médicos, os advogados, os juízes. O tribunal. A tua cara vai estar em todos os jornais do país.» Quase se estendia sobre a mesa, numa tentativa de a alcançar, de a fazer compreender a urgência e a gravidade da situação. «Tens de lhes dizer que não és culpada, entendes? Que a culpa não é tua.»

Levi encolheu os ombros como se não se importasse.

«Eu não sei se sou culpada», respondeu.

Naquele momento, Laura voltou a sentir na garganta o aperto que precede o choro.

«Claro que não és!», insistiu. «Eu conheço-te desde sempre, somos irmãs. Estamos juntas desde que nasceste. Podes ser uma peste e uma miúda rezingona, mas nunca farias uma coisa daquelas. Como é que podias, mesmo que quisesses? O pai tinha o dobro do teu tamanho. Era impossível. Nunca ninguém vai conseguir provar o contrário.»

Levi permaneceu em silêncio durante um longo minuto, o rosto aninhado nos joelhos. De cabelo tão curto e vestida com aquelas roupas, dir-se-ia uma paciente de um hospital psiquiátrico.

«Eles podem provar o que quiserem», disse Levi. «O ser humano é terrível, Laura. E tem de haver sempre um culpado... Porque não eu?»

«Porque és uma miúda e tens a vida toda pela frente. E porque tu não fizeste *aquilo*.»

«Disseram-me que o pai ficou sem rosto, desfigurado.»

«Foi uma coisa muito cruel», admitiu Laura, «feita por alguém muito cruel também.»

«Disseram-me que ele levou seis facadas», disse Levi.

«E então?»

«É o meu número favorito.»

Laura levou as mãos ao rosto; não conseguia acreditar no que estava a ouvir.

«Levi, por amor de Deus. Tenta lembrar-te de alguma coisa, qualquer coisa, que nos possa ajudar.» Respirou fundo. «Faz um esforço.»

Levi roía as costas da mão com os dentes pequeninos.

«Lembro-me daquilo que o pai me disse enquanto lavávamos a louça.»

«O que é que ele te disse?»

«Disse-me que sabia que, na sua vida, tinha feito coisas muito feias», contou Levi. «Mas que as tinha feito por nós. Por mim e por ti.»

«Vamos escolher acreditar nisso, então», disse Laura.

Levi não disse mais nada e voltou a roer as costas da mão.

Eu estava à porta da esquadra quando Laura saiu. Tinha acordado mais tarde — por volta das sete — e, quando percebi que ela já tinha saído do quarto, entendi que preferia falar com Levi sozinha.

Mais tarde, haveria de me contar ao pormenor a estranha conversa que tivera com a irmã; a sua apatia, a sua confusão mental, as incógnitas que, entretanto, tinham surgido. Fui esperá-la à porta da esquadra. O instante em que Laura saía da esquadra coincidiu com o exacto momento em que o chefe Bernie estacionava o carro da Polícia — o único veículo da Polícia de Chatlam — e, do interior, saía Doris Mullens.

Doris era uma mulher de setenta anos, cabelo grisalho, vestida como uma mulher dos anos cinquenta, as mãos segurando firmemente a carteira. Lembrou-me de imediato a minha avó. Assim que avistou Laura, foi a correr para ela em passinhos pequenos, os saltos a picarem a calçada. Eram oito da manhã e o dia já fervia. Da carrinha da WNYT, estacionada do outro lado da rua, em frente ao café de Merle, a repórter e o operador de câmara vieram a correr na nossa direcção, mas a passos largos — ela com o microfone na mão e o *cameraman*, um tipo gordo, de *T-shirt*, atrás dela, com o material ao ombro.

«Laura!», gritou a repórter. «Viu a sua irmã? Falou com ela?»

Tentei pôr-me em frente da mulher, mas ela passou por mim como se eu fosse invisível e o operador de câmara atravessou-se no meu caminho sem piedade. Laura e Doris encontravam-se abraçadas na calçada, com o chefe Ditmas a tentar afastar a repórter, que não se calava — *Viu a sua irmã?*

Falou com ela? É verdade que ela assassinou o seu pai? Não restou outra opção senão separar Doris e Laura.

«Não acredite em nada do que lhe disserem», advertiu Doris. «Tenho a certeza de que a sua irmã está inocente.»

Bertie separou-as e, pegando em Doris pelo cotovelo, levou-a para o interior da esquadra. Entretanto, aparecera uma outra equipa de televisão e um homem fininho, de fato e gravata, com um microfone na mão e um leitor de cassetes, que dizia ser jornalista do *Chatlam Herald*.

«Fale comigo, Laura», disse o homem. «Quero saber a verdade.»

«Já falou com a sua irmã?», continuava, aos gritos, a repórter da WNYT. «Ela está louca?»

Peguei no braço de Laura e atravessámos a rua. Entrámos no café em frente da esquadra e sentámo-nos a uma mesa distante da janela enquanto as câmaras filmavam a fachada e os dois repórteres faziam mais um directo da pequena cidade assombrada por um crime hediondo. Merle veio ter connosco e perguntou se estava tudo bem; ternamente, afagou o ombro de Laura, que parecia exausta. Trouxe-nos dois cafés. Quando olhei para a televisão na esquina do tecto, vi que o velho Milton estava a dar uma entrevista em directo à WNYT. Levantei-me e aproximei-me do televisor para conseguir ouvir o que o homem dizia.

«... que for que lhe aconteceu, é bem merecido», dizia Milton. «A família Walsh, pais e filhos, todos eles, sem excepção, são uns aldrabões e uns assassinos.»

«O que quer dizer com isso, aldrabões e assassinos?», insistiu a repórter, apontando o microfone à boca enrugada de

Milton.

«Saquearam as nossas terras, levaram o meu filho...»

Pedi a Merle que baixasse o som. Era demasiada loucura para uma manhã que ainda agora começava. Naquele momento, a Sr.^a Mullens encontrava-se na esquadra, provavelmente a depor, contando à Polícia a sua versão dos acontecimentos. Tornei a sentar-me, beberriquei da chávena de café. O rosto de Laura era dominado pelas olheiras e pelo desalento; nunca a tinha visto tão desnorteada.

«Queres falar do assunto?», perguntei.

«Dá-me um minuto», respondeu Laura, e voltou o rosto para a janela, os olhos claros reflectindo a luminosidade do dia. «Dá-me um minuto», repetiu.

Nesse instante, o sino da porta tocou e um dos homens que eu vira na rua entrou, o jornalista do *Chatlam Herald* que parecia uma personagem de outra era: sapatos pretos engraxados, fato escuro, chapéu, que tirou e pendurou num cabide junto da porta. Aproximou-se da nossa mesa e perguntou-nos se podia sentar-se. Eu preparava-me para enxotar o homem, mas Laura pegou-me no pulso.

«Faça favor», disse Laura.

O jornalista sentou-se ao lado de Laura e cumprimentou-a com um aperto de mão. Fez o mesmo comigo. Chamava-se Patrick Nolasco.

«Trabalho no *Chatlam Herald*.»

«Já sabíamos», disse eu.

«Tem um sotaque interessante, amigo. Deixe-me adivinhar: é italiano?»

«Sou português.»

«Ah, Portugal!», exclamou o homem com entusiasmo. «Fernão de Magalhães. *Magellan*, como lhe chamamos por aqui. A primeira circumnavegação da Terra.»

«Precisamente», respondi. «O que é que quer?»

Nolasco olhou para Laura. Tinha um nariz enorme, como um tucano.

«Quero propor um acordo à Menina Walsh.»

«Que espécie de acordo?», perguntou Laura.

Nolasco aclarou a garganta.

«Sou um homem prático», afirmou. «Não tenho nada a ver com aqueles abutres das televisões. A minha vida são as notícias, mas as verdadeiras... as que fazem sentido, que se podem provar. Detesto escândalos e abomino celebridades. Escrevo a verdade. Acredite em mim.»

«Foi você que informou o *The New York Times* de que a minha irmã é suspeita?»

Nolasco ergueu as duas mãos, declarando inocência.

«Nunca, Miss Walsh! No *Chatlam Herald*, só lidamos com factos, nunca com rumores.»

«Bom, na realidade, trata-se de um facto», disse Laura. «A minha irmã está presa preventivamente.»

«Eu sei», confessou Nolasco. «Vai sair na nossa edição da tarde.»

A contradição pairou no ar durante uns momentos.

«Que tipo de acordo?», perguntou Laura.

«*Quid pro quo, Clarice*», disse ele.

Era a segunda referência a *O Silêncio dos Inocentes* que eu ouvia em menos de um dia.

«Deixe-se de gracinhas e diga lá o que quer», insistiu Laura, impaciente.

Ele tirou um papel dobrado do bolso interior do casaco. Pôs a folha em cima da mesa e empurrou-a para a frente de Laura.

«O que é isto?», perguntou ela.

«É a apólice de seguro de vida do seu pai», respondeu Nolasco. «A Laura e a sua irmã valem, neste momento, cinco milhões de dólares.»

Laura pegou na folha e leu-a rapidamente. Era uma fotocópia de um *fax* que datava de Julho de 1989; o cabeçalho indicava a companhia de seguros Great American Insurance.

«O seu pai fez esse seguro há quase dez anos. Pagou por ele um total de um milhão, seiscentos mil e oito dólares. Está a ver aí?» Nolasco apontou para os números na página. «Cento e sete mil e duzentos e sessenta e quatro dólares por ano, mais os prémios, e *blá-blá-blá*.»

«E este seguro é válido em caso de homicídio?»

«É uma excelente pergunta, Miss Walsh», respondeu o jornalista, cujos olhos, muito negros, e o nariz pronunciado lhe davam a aparência de um corvo. «Há um período de impugnação em caso de homicídio. Pode durar até dois anos, não mais do que isso.» Ergueu três dedos da mão direita. «Existem três razões de peso para a seguradora não avançar

com a compensação financeira pela morte. Fraude, suicídio ou actividade criminosa.»

«Que tipo de fraude?», perguntou Laura.

«Mentir à seguradora, por exemplo. O seu pai nunca lhes revelou que sofria de diabetes tipo 1.»

«Eu não sabia que ele sofria de diabetes», disse Laura.

«E insuficiência cardíaca», adiantou Nolasco. «Está tudo na autópsia feita pelo Troy Pleasant. A boa notícia é que não existe qualquer registo médico ou exame que aponte para estes problemas, ou seja, se o seu pai sabia, conseguiu escondê-lo na perfeição.»

«Portanto, a seguradora nunca poderá provar que...»

«... que ele cometeu *fraude*», interrompeu-me Nolasco. «Certo. Também sabemos que não foi suicídio, a menos que o seu pai conseguisse esfaquear-se a si próprio, o que seria um feito notável e digno do sobrenatural. Por isso, resta a actividade criminosa.»

Um manto de silêncio caiu sobre a mesa.

«O que quer que eu lhe diga?», perguntou Laura, irónica, ao cabo de uns instantes. «Que éramos os Sopranos de Manhattan?»

O homem riu-se alto.

«Vim aqui apenas para a informar dos seus direitos, Miss Walsh. Quando tiver feito o luto, entre em contacto com a companhia de seguros. O seu pai deixou-lhe uma fortuna, e seria uma pena se esse dinheiro servisse para encher os bolsos de uns espertalhões quaisquer.»

«Qual é o preço que tenho de pagar por esta informação, Nolasco?», perguntou Laura.

«Diga-me alguma coisa que eu ainda não saiba.»

Laura tamborilou na mesa com os dedos da mão direita. Fez um compasso de espera e olhou-me como se eu devesse tomar a decisão por ela. Sem saber o que dizer, encolhi os ombros. Depois Laura soergueu-se e tirou uma folha de papel do bolso das calças de ganga.

«Se eu lhe mostrar isto, tem de me prometer que não usa a informação contra a minha irmã», disse Laura.

Nolasco franziu o sobrolho e levou o dedo indicador à ponta do enorme nariz, coçando-o umas quantas vezes.

«A minha missão é dizer a verdade», garantiu ele. «Desconheço o que realmente aconteceu naquela madrugada. Mas pode ter a certeza de uma coisa: usarei a informação que me der com parcimónia e no contexto adequado, *se* esse contexto surgir. Não sou repórter de tablóides, considero-me um jornalista sério.»

Laura passou a folha a Nolasco por cima da mesa. O jornalista desdobrou-a e leu.

«Muito interessante», declarou, sorrindo. «Importa-se que tire uma fotografia?»

«Esteja à vontade», disse Laura.

Nolasco pegou na pequena máquina que trazia ao ombro e fotografou a página. Depois tornou a dobrá-la, empurrou-a sobre a superfície da mesa na direcção de Laura e, despedindo-se de nós, entregou-nos dois cartões com o seu nome e telefone, carimbados com o logótipo do *Chatlam Herald*.

«O que está nessa folha?», perguntei quando o jornalista já tinha saído.

«A análise de sangue que fizeram à minha irmã na noite do crime», respondeu Laura.

«Onde é que conseguiste isso?»

«Roubei-a da esquadra.»

Devo ter arregalado os olhos, porque Laura esboçou um sorriso. Pousou os cotovelos sobre a mesa e inclinou-se para a frente, a boca entreaberta, exibindo os dentes brancos.

«Deves estar a pensar: ‘Como é que ela conseguiu?’ Nós, as mulheres, sabemos ser extremamente ardilosas e manipuladoras. Garanto-te que o Moon nem deu por nada enquanto eu soçobrava, abraçada a ele, a chorar que nem uma Madalena no ombro da sua farda malcheirosa.»

Peguei na folha e desdobrei-a de novo. Havia o nome de um laboratório no cabeçalho e o nome da irmã de Laura — *Levi Wallace Walsh*; logo em seguida, o relatório de toxicologia:

O paciente apresenta no sangue uma dose igual ou superior a 38mg/L de tartarato de zolpidem administrado por via oral.

«O que é tartarato de *zolpidem*?», perguntei.

«É isso que vamos descobrir.»

*

Pedimos a Merle que nos deixasse sair do café pela porta das traseiras. Pouco tempo depois, estávamos dentro do carro, a caminho de Ghent. Observei, do lugar do passageiro, o café Albatross ainda vazio e a dona da livraria a abrir as suas portas, o corpo elefantino provavelmente a pingar debaixo da

roupa larguíssima. Deixámos a cidadezinha e dirigimo-nos para sul. Na minha cabeça ainda ecoavam as palavras de Nolasco acerca do seguro de vida e, pela primeira vez, ocorreu-me a possibilidade de um homicídio encomendado. E se Noah desejasse morrer para que as filhas herdassem cinco milhões de dólares? Esta hipótese, contudo, não batia certo com o homem que eu conhecera — grande, forte, vaidoso, inchado daquele orgulho próprio dos americanos de boa casta. Percorremos uma estrada bonita, ladeada de cedros e carvalhos, a luz e as sombras brincando com as curvas do asfalto exíguo, até que uma placa indicou a chegada a Ghent.

Laura, de mãos no volante, olhou-me.

«Desculpa», disse ela.

«O quê?», perguntei, perdido em pensamentos.

«Tudo isto. Tirar-te da tua vida desta maneira.»

Mas é isso que tu fazes melhor, Laura, pensei. Tirar-me da minha vida, seja de que maneira for.

«Que pretendente a escritor é que não gosta de se ver envolvido na investigação de um crime?»

Laura riu-se baixinho enquanto curvávamos à direita, atravessando uma rua frondosa habitada por casas típicas daquela região, construídas com ripas de madeira branca e cinzenta, com alpendres cuidados. Passámos por uma lavandaria, um *deli* de portas abertas para a rua e, num cruzamento com semáforos, voltámos à esquerda.

«Hoje, quando vi a minha irmã, tive dúvidas pela primeira vez», confessou Laura, estacionando o carro em frente de uma casa.

«Dúvidas de quê?»

«De que ela não matou o meu pai.»

Laura disse *o meu pai*, como se elas já não fossem irmãs.

«Não me parece possível», repliquei.

Continuava a segurar o volante com as duas mãos, o carro ainda a trabalhar.

«Se tu a visses... Parecia outra pessoa, não te sei explicar. Era como se a Levi que eu conheço não estivesse lá. Tinha uma expressão de animal ferido, de alma vazia.» Laura rodou a chave e o motor morreu. «Resta saber se essa mudança aconteceu naquela noite ou se já tinha acontecido antes.»

«Era uma boa ideia falarmos com a Doris Mullens», sugeri. «Para sabermos exactamente o que ela viu.»

Sáímos do carro e subimos as escadas que conduziam ao pequeno edifício. Por cima da porta havia um letreiro: Biblioteca Municipal de Ghent. Entrámos num espaço abafado, uma divisão atapetada, com estantes a toda a volta e dois terminais de computador. Atrás de um balcão havia uma senhora sorridente, de meia-idade, com óculos de aros metálicos, que nos cumprimentou afavelmente; a um canto, um velhote fazia as palavras cruzadas do *The New York Times*. Sentámo-nos a um terminal de computador. A Internet era lenta e demorámos a encontrar a informação de que *tartarato de zolpidem* era a substância activa de uma droga conhecida como *Ambien*, um poderoso hipnótico e indutor de sono.

Depois, Laura dirigiu-se à senhora dos óculos e requisitou um Prontuário Médico. Era um volume enorme, do tamanho de uma enciclopédia. Ela correu as páginas finas com os

dedos, procurando avidamente até encontrar a entrada para *tartarato de zolpidem*.

«Estás a ver aqui?», perguntou-me, baixinho.

Li a entrada. Além da descrição química, havia uma lista de efeitos secundários que iam das palpitações cardíacas às alucinações. *Esta droga pode causar alterações de comportamento (...), pode provocar alucinações, sonambulismo, a sensação de se ver fora do seu corpo. Pode também levá-lo a fazer, durante o sono, coisas das quais não se lembrará mais tarde (...) O tartarato de zolpidem pode agravar os sintomas da depressão ou induzir pensamentos de suicídio, agitação, ansiedade, paranóia, histeria ou amnésia.*

Laura foi à máquina de fotocópias e, com dificuldade, por causa do tamanho do livro, tirou uma cópia da página em questão. Pagou à senhora e saímos da biblioteca; o velhote parecia ter adormecido de caneta na mão e roncava baixinho. Ela desceu as escadas a correr e entrou no carro com um semblante furioso. Arrancámos a grande velocidade, os pneus a chiarem no asfalto, e em pouco tempo fazíamos o caminho de regresso a Chatlam.

«Reparaste na dose recomendada?», perguntou. «Cinco a dez miligramas. A análise do sangue da Levi diz que ela tinha quase quarenta miligramas no sangue.»

«Sabes se ela costuma tomar *Ambien* para dormir?»

«Claro que não!», respondeu Laura. «A Levi tem dezasseis anos e sempre dormiu que nem uma pedra. Tenho a certeza de que não o tomou de livre vontade.»

«Portanto, alguém a drogou.»

Laura não respondeu, os olhos fixos na estrada. Eu pressentia que, a cada minuto que passava, o corpo dela estava mais esgotado e a mente mais confusa, que ela tentava lutar com todas as forças contra uma tempestade.

«Falaste com a tua mãe?», perguntei.

«Sim. Há-de chegar de França, hoje ou amanhã.»

«A Polícia não a contactou imediatamente?»

«Os meus pais estavam divorciados há dois anos», respondeu Laura. «Há dois anos que não se falavam, há dois anos que a minha mãe cortou toda a espécie de comunicação com o meu pai. Eu e a minha irmã éramos a família que lhe restava.»

«Porque é que isso aconteceu? Esse corte tão radical?»

Laura encolheu os ombros enquanto percorríamos a rua principal de Chatlam, na direcção da torre do relógio. Olhei pela janela: o cata-vento apontava para oeste, na direcção do lago Juniper.

«Sei lá. As pessoas fartam-se umas das outras, não é?»

«Ela casou-se outra vez?»

«Sim, com um rico francês. Um dos principais investidores da *Figaro* e do *Le Monde*. Uma versão francesa do meu pai, com menos cabelo e fatos mais caros. Provavelmente, usa água-de-colónia, fuma *Gitanes* e gosta de ostras com champanhe.»

«Imagino que o teu pai não fosse grande apreciador de ostras.»

Laura não respondeu. Saíamos de Chatlam, agora pela outra ponta da cidade, na direcção do nordeste. Ainda não

eram onze da manhã. Apetecia-me perguntar-lhe quão bem conhecia o pai; qual era o seu grau de certeza a respeito da inocência dele no que dizia respeito aos negócios ou à família e as verdadeiras razões pelas quais Leah se afastara tão abruptamente, mudando de país e de continente. Mas era demasiado cedo para perguntas tão difíceis. Passámos debaixo do Taconic State Parkway e, depois, o velho *Ford* voltou à direita e começou a subir uma estrada ensombrada por antigos bordos e plátanos de folhas amareladas e castanhas. Abri a janela e levei uma bofetada do calor esgotante, quase palpável, e da humidade extrema. Fechei os olhos e imaginei que a frescura do bosque me enchia os pulmões. De olhos fechados, pensei no primeiro parágrafo de *Joining Heaven*, de List:

Aos quinze, fiquei cego, e aos vinte a minha vida já tinha terminado.

Laura também abriu a janela do seu lado e desligou o ar condicionado. Passámos por um conjunto de casas de aspecto sólido, algo afastadas da estrada, em clareiras inundadas de sol, algumas delas para venda — as placas na berma indicavam a imobiliária Berkshire Country Estates; depois, chegámos a um carreiro que conduzia a uma casa maior do que as outras, os seus contornos delicadamente debruados contra o céu azul. Laura estacionou em frente da propriedade. Três colunas brancas, que partiam do alpendre, sustentavam a varanda do segundo andar, de onde pendia a bandeira americana enfunando à brisa morna. Laura contemplou a casa durante um longo momento; em torno do edifício havia uma fita amarela da Polícia, onde se lia *police line do not cross*.

O sol estava alto no céu quando ela levantou a fita para eu passar. Depois foi a sua vez.

«Não me vão impedir de entrar na minha própria casa», disse Laura.

Entrámos pela porta principal. A casa de férias dos Walsh era, como se previa, decorada com gosto, com uma sala ampla onde abundavam as fotografias de família em cima das estantes e sobre a cornija da lareira: Noah, sorridente, em tronco nu, com um grande peixe na mão, ao lado de um homem que eu não conhecia, provavelmente, o marido de Marybelle; fotografias de Laura e de Levi em várias idades; Laura, na idade em que eu a conhecera, olhava directamente para a câmara e sorria, atraindo a lente com o seu charme; atrás dela, Levi, de língua de fora, fazia uma careta, o corpo mais redondo meio escondido atrás da irmã. Havia fotografias dos três — Noah e as filhas — num barco, com o lago Juniper como cenário; e várias imagens de Noah a jogar golfe com Matthew Pinkus, os dois no meio de um relvado com tacos na mão ou dentro de um carrinho de golfe. Não havia qualquer fotografia de Leah.

«Quando a minha mãe se foi embora, o meu pai *eliminou-a*», justificou Laura. Reparei que transpirava da testa, o cabelo em desalinho; nunca antes a tinha visto tão despida de aparência, tão cruelmente exposta. Até o seu cheiro era diferente. Cheirava ligeiramente a suor, sem resquícios de perfume. E, apesar de tudo isto (ou por causa de tudo isto), atraía-me cada vez mais. Apetecia-me pegar-lhe pela cintura e beijá-la; dizer-lhe baixinho, ao ouvido, que tudo se ia resolver, que Levi estava inocente. Apetecia-me mentir-lhe, para que a minha presença ali fizesse sentido.

Atravessámos a sala e percorremos o corredor até à cozinha, onde havia um fogão enorme, com panelas e tachos antigos e usados pendurados na parede, o *arsenal* de Doris

Mullens. Da janela, via-se o anexo, a casinha mais pequena onde a governanta se instalava três meses por ano, durante a temporada de férias em Chatlam; uma porta abria da cozinha para o pátio, onde, ao lado do anexo, os azulejos azuis e carcomidos de uma enorme piscina vazia eram fustigados pelo sol. Na penumbra, Laura percorreu um corredor após o qual se encontrava o escritório de Noah. A porta estava selada pela fita amarela da Polícia, várias tiras impedindo o acesso à divisão.

«Acho que é melhor não passarmos daqui», sugeri.

Como se eu tivesse dito precisamente o contrário, Laura começou a arrancar a fita amarela do caminho. Arrancava-a com raiva, como uma leoa a desfazer uma gazela na savana.

Entrámos no escritório.

Era uma divisão espaçosa, com uma grande parede de vidro que dava para o canto leste do pátio exterior. No centro havia uma mesa de trabalho na diagonal, que parecia ter sido deslocada para fora do seu lugar habitual (as marcas no chão assim o indicavam), em cima da qual repousavam livros e papéis. Do lado esquerdo, atrás da secretária, uma pequena lareira, uma estante com mais fotografias de família e, na parede, uma reprodução de uma pintura de William Turner, *The Disaster at Sea*[\[2\]](#). O quadro era um excelente complemento para o resto do cenário. No chão estava desenhado o contorno de um corpo a giz, a evocação do cadáver de Noah, no lugar onde tinha sido encontrado por Mullens, rodeado ainda de sangue seco, que manchava o soalho de madeira clara. O lastro de sangue prolongava-se até junto da lareira, onde havia uma pilha de troncos em desordem, uns quantos aticadores de lenha e um cesto de

papéis tombado. Junto da parede, a mancha de sangue aumentava de tamanho, e foi aí que imaginei Levi, sentada no chão, com a faca do crime na mão. Era um cenário macabro, no centro do qual ainda se sentia, quase palpável, a energia do crime violento.

«Vamos contaminar o cenário do crime», adverti Laura.

Ela ignorou-me, foi até à secretária e começou a remexer os papéis de Noah.

«Tem de haver aqui alguma coisa», disse.

«Alguma coisa?»

Laura olhou-me, resoluta.

«Alguma coisa que justifique tudo isto», continuou. «Uma carta, um recado do meu pai. Ele não ia morrer assim, sem se despedir de mim. Sem dizer adeus.»

Aproximei-me dela e pus-lhe as mãos nos ombros. Laura tentou sacudir-me uma vez, mas eu insisti. Sentia-lhe a tensão nervosa a brotar da pele, como uma descarga eléctrica. Então, ela abraçou-me. Não foi um abraço apertado, foi uma espécie de encosto, como alguém que desfalece.

«Estou tão cansada», disse ela.

«Eu sei.»

De súbito, dei um salto. Laura assustou-se, afastando-se de mim, os olhos arregalados pelo susto.

«O que foi?»

Apontei para a parede de vidro. Ela voltou-se. Do outro lado, encontrava-se um homem de fato cinzento e óculos escuros, de mãos na cintura, afastando a bainha do casaco para

os lados. Sorria-nos como se fosse um velho conhecido ou um inimigo que encontrava o seu alvo. Era uma figura funesta, ali parada, meio desfocada pelo vidro, um fantasma à luz do dia. Laura cravou os dedos nos meus braços. Depois afrouxou o aperto; saiu do escritório a correr e atravessou a casa. Atrás das escadas que conduziam ao piso superior, havia uma porta que dava para o pátio. Laura abriu-a com violência e saímos para o exterior, onde o calor (que devia rondar os trinta e oito graus) nos atingiu como um soco. As cigarras enchiam o ar com o seu trinado ensurdecedor. O homem estava ao lado da piscina vazia.

«Quem é você? O que faz aqui?», perguntou ela num tom agressivo. «Está a transgredir, isto é propriedade privada.»

O homem ergueu as duas mãos. Devia estar a ferver dentro daquele fato, embora não existisse uma gota de suor na sua testa larga, o cabelo puxado para trás, o olhar penetrante de quem está prestes a lançar um repto.

«Não se lembra de mim, pois não?», perguntou ele num sotaque de Brooklyn.

Laura, de punhos cerrados, observou-o por um momento.

«Não.»

«Chamo-me Fred Lombardi», disse o homem. «Sou o advogado do seu pai.»

«Lombardi», repetiu Laura, claramente familiarizada com aquele nome.

Fred tirou os óculos escuros. Tinha uns olhos pouco comuns, muito verdes e luminosos. Deu um passo em frente e cumprimentou Laura com um aperto de mão, depois fez o mesmo comigo. Eu disse-lhe o meu nome.

«*Buenos días*», respondeu Lombardi.

Ficámos os três a olhar-nos durante um momento.

«O seu cliente foi assassinado», disse Laura. «O que é que está aqui a fazer?»

«O que é que *você* está aqui a fazer?», perguntou Lombardi, e começou a caminhar em volta da piscina. «Se a Polícia souber que está aqui, tudo o que for encontrado na *cena do crime* e que favoreça o caso da sua irmã pode ser anulado pela acusação. Sabia disso?»

«Imagino», respondeu Laura. «Mas, como pode ver, as únicas pessoas que estão preocupadas com a *cena do crime* somos nós.»

«Oh, não tenho dúvidas de que a perícia já tirou as suas conclusões. Mas há outros riscos», sugeriu o homem, caminhando compassadamente junto dos azulejos, as mãos unidas atrás das costas. «Pode ser acusada de fabricar provas, por exemplo. Ou ser considerada cúmplice da sua irmã ou até impedida de testemunhar em tribunal. Enfim, há um rol de problemas jurídicos que podem surgir da sua simples presença aqui e sobre os quais me sinto obrigado a adverti-la antes que as coisas piorem.»

«Não consigo imaginar como podem piorar.»

Lombardi deteve-se e olhou para o céu, parecendo satisfeito com o dia.

«Preciso da sua ajuda, Laura. E você precisa da minha.»

«Explique lá isso melhor.»

«É simples», prosseguiu ele. «Só posso defender a sua irmã com a sua autorização. É a parente mais próxima, é

adulta, necessito que me dê poder de procuração. Se não o fizer, o tribunal irá escolher um advogado para Levi, nomeado pelo Estado, que fará da vida dela um inferno de intermináveis burocracias e demoras, processos em cima de processos, recursos atrás de recursos no Tribunal de Menores, até que a Levi acabe nas mãos do juiz e num centro de detenção até ter vinte e cinco anos ou mais.»

Laura cruzou os braços, na defensiva.

«Está a partir do princípio de que a minha irmã é culpada.»

O homem tornou a pôr os óculos escuros e enfiou as mãos nos bolsos das calças. Começou a caminhar na nossa direcção, parecendo ter ficado satisfeito com a inspecção à piscina vazia.

«Eu sou advogado, Miss Walsh», disse ele. «Parto do princípio de que todos os meus clientes são inocentes. O Estado é que tem o ónus da prova. Que a sua irmã *parece* culpada, não há como negá-lo... Estava no lugar certo à hora certa, com a arma do crime na mão. Os advogados da Procuradoria adoram estas situações. Os jornalistas dão um braço e uma perna por uma história assim, sobretudo quando se arrasta durante anos a fio.»

«O que sugere fazer de diferente?», perguntou Laura.

Lombardi aproximou-se na sua passada larga. Ficou à distância de um metro de nós e sorriu, confiante.

«Eu conheço intimamente os negócios do seu pai. Sei quem eram os seus inimigos, estou a par de todos os problemas que teve ao longo dos últimos vinte anos. Também estou a par da história da família. Creio que sou capaz de provar que a sua irmã, com dezasseis anos e quarenta e dois

quilos de peso, seria incapaz de dominar um homem do tamanho de Noah, bem como relacionar o homicídio com algumas pessoas que não se importariam nada de ver o seu pai na cova.»

«Quem são essas pessoas?», perguntou Laura.

«Isso é informação privilegiada dos meus clientes», afirmou Lombardi, voltando a tirar os óculos escuros e fuzilando-nos com os seus olhos tão claros. «Quer ser minha cliente, Miss Walsh?»

Laura e eu trocámos um olhar discreto. Embora eu estivesse de manga curta, começara a suar copiosamente à torreira daquele sol cruel. Encolhi os ombros, sem saber como podia ajudá-la. Desconhecia o sistema judicial americano, não percebia nada de advocacia. Lombardi parecia-me um tipo corajoso e, ao mesmo tempo, dono de uma enorme petulância. As suas palavras e a sua postura soavam mais ardilosas do que sinceras.

«Não sei o que lhe dizer, Lombardi», respondeu Laura.

Ele levantou as duas mãos, de palmas voltadas para nós, em sinal de aquiescência.

«Não se preocupe», respondeu. «Tem tempo para pensar. Quero dizer, na verdade, não tem assim muito. O processo contra a sua irmã já está em marcha, e cada dia que passa é mais uma linha na sentença dela. Só consigo imaginar o que já deve ter dito à Polícia sem sequer saber que tem direito a representação legal e que pode simplesmente permanecer calada, entregando a sua defesa a outrem.»

Lombardi tirou um cartão do bolso do casaco e entregou-o a Laura.

«Faça-se esta pergunta, Miss Walsh», sugeriu. «Onde é que anda o sócio do seu pai neste momento?»

«Está a falar do tio Matthew?»

«Sim, o *tio Matthew*», respondeu com sarcasmo. «Onde é que ele se encontra? Como sócio minoritário da empresa do seu pai, não seria normal que já tivesse aparecido por aqui, para consolar a família ou pôr-se a par do homicídio do Noah?»

«Não tive tempo de pensar nisso», respondeu Laura.

«Pois é», sorriu Lombardi. «Mas eu tive. E sabe onde é que ele está? Desaparecido. É isso mesmo, Laura: o seu *tio* está em parte incerta, ninguém sabe dele. Curioso, não acha? Que, na mesma altura do assassinato do seu pai, Matthew Pinkus ande perdido pelo mundo, o telefone desligado... *Puf!*, desvaneceu-se, como num passe de magia.»

Nenhum de nós abriu a boca enquanto Lombardi passava ao nosso lado, de mãos na cintura, afastando a bainha do casaco.

«Até à vista», disse ele, e desapareceu atrás da esquina da casa.

Um minuto passado, ouvimos o carro dele arrancar pela estrada.

A aparição do advogado deixou um lastro de desconfiança e medo em Laura. Onde, até então, não houvera qualquer influência exterior — como se aquele crime estivesse confinado à esfera íntima de Chatlam e dos seus quatro mil habitantes —, existia agora um intruso. Um espertalhão de Brooklyn que chegava com promessas e ameaças veladas, abrindo a porta àquilo que o chefe Bernie avisara Laura que ia

acontecer: muita gente interessada naquele caso, pessoas de fora que tentariam aproveitar-se, sem remorso, da morte do ex-magnata. Cedo, o caso atingiria proporções irracionais e todos falariam do milionário assassinado pela filha de dezasseis anos.

Subimos ao segundo andar, onde ficavam os quartos. Era um longo corredor com cinco portas, todas elas abrindo para uma divisão diferente. Enquanto Laura avançava, abri uma das portas e entrei numa espécie de arrecadação espaçosa, cheia de toalhas coloridas enfiadas em estantes, equipamento de mergulho, tacos de golfe, raquetas de ténis, uma bicicleta antiga sem uma roda, duas botijas de oxigénio, um barco insuflável, colchões de piscina coloridos e vários pares de barbatanas de muitos tamanhos, que imaginei terem servido nos pés de Laura e Levi em diferentes idades. A arrecadação cheirava a praia e a mar e transportou-me para o Verão na casa do Lagoeiro, onde, na garagem, havia um espaço parecido com aquele, no qual o meu pai guardava objectos semelhantes, que faziam de Agosto o mês mais especial do ano. Saí da arrecadação, fechando a porta com cuidado. Passei por uma divisão grande (provavelmente, o quarto de Noah Walsh, com uma cama de casal e uma janela que dava para a piscina) e fui encontrar Laura num quarto mais pequeno, decorado com duas camas cobertas por colchas coloridas e uma mesinha de madeira a separá-las, acima da qual alguém colara, na parede, um cartaz do filme *Die Hard*, com Bruce Willis; à esquerda, um armário de portas abertas mostrava meia dúzia de cabides onde estavam pendurados alguns vestidos e biquínis.

Laura estava de pé, à entrada do quarto, a olhar para as camas.

«Era aqui que costumávamos dormir», disse ela. «Eu na cama do lado esquerdo, ela na cama do lado direito.»

«Talvez fosse boa ideia aceitar a ajuda do Lombardi», sugeri.

«Porquê?»

«Porque a tua irmã precisa de um advogado. O tipo tem mau aspecto e é um espertalhão, mas a Levi está sozinha e desamparada. Se for formalmente acusada, vão cair-lhe em cima que nem lobos.»

«Não confio naquele homem», disse Laura.

«E confias no chefe Bernie? Ou no Moon? Ou naquele médico assustador, o Nosferatu das autópsias?»

Laura levou as mãos ao rosto, escondendo-o.

«Pára, por favor. Deixa-me pensar. Preciso de pensar nisto tudo.»

Saiu do quarto. Ouvi-a percorrer o corredor e descer as escadas. Demorei-me mais um pouco e comecei a passar revista ao quarto, cautelosamente. Debaixo da cama, dentro das almofadas, no interior do armário. Fora naquele quarto que, supostamente, Levi dormira na noite da morte de Noah; era ridículo pensar que a Polícia não passara tudo a pente fino, mas a impotência levava-me a ser obsessivo. Havia uma mochila caída a um canto, com roupa suja no interior, dois livros (um romance de Harper Lee e uma gramática de francês) e uma bolsa com uma escova de dentes, pasta dentífrica, dois tampões e cera para os ouvidos. Não havia nenhum vestígio de comprimidos ou de drogas.

Finalmente, descí. Laura esperava-me à entrada e saímos da casa de férias dos Walsh pela porta principal. Havia uma tensão e um silêncio assustadores — porventura ela sentia, como eu, que estávamos a prevaricar, a meter-nos por um caminho que podia ser pedregoso ou até mesmo fatal.

*

Almoçámos num restaurante à beira da estrada 295, que corria a leste de Chatlam. Laura passou o almoço em silêncio e eu senti-me agradecido por aquela hora de tranquilidade. Limitámo-nos a comer, sem termos muita fome, e a olhar pela janela do *diner* para o parque de estacionamento onde os veraneantes, quase todos em calções e bonés, paravam para atestar os carros de gasolina; pessoas que chegavam e partiam, indiferentes ao drama da família Walsh. Entravam no restaurante, pediam café para levar (ou água ou um *six-pack* de cerveja) e seguiam caminho em direcção aos lagos, às praias fluviais e aos bosques do condado de Columbia.

Enquanto pagávamos a conta, Laura perguntou-me:

«Como é que ele sabia que nós estávamos ali?»

«O Lombardi?»

«Sim. Como é que ele sabia?»

Saímos do *diner*.

«Provavelmente, seguiu-nos», sugeri.

Não tinha pensado no assunto. Subitamente, pareceu-me assustador ter uma sombra atrás de nós, alguém que nos observava à distância, que registava todos os nossos passos.

«E isso é legal?», perguntou Laura, algo irritada, enquanto entrávamos no carro. «Andar a seguir as pessoas. Não há

nenhuma lei contra isso?»

«Ele é advogado», lembrei-a. «Se houver, saberá dar-lhe a volta com certeza.»

Seguimos pela 295 até Richmond, uma pequena cidadezinha de beira de estrada onde Doris Mullens vivia. Embora a tivéssemos visto nessa manhã, em Chatlam, o mais provável era que já tivesse regressado a casa. Laura conhecia a sua casa porque, na infância, passara ali algumas tardes, quando os pais a deixavam ao cuidado da Sr.^a Mullens enquanto faziam programas que não incluíam crianças (não me atrevi a perguntar que programas eram esses, mas imaginei festas em veleiros de luxo ou praias secretas de nudistas nas margens ocultas do Hudson). Richmond não era propriamente um lugar; era um conjunto de casas aqui e ali, em cruzamentos meio escondidos pela vegetação luxuriante, com um posto dos Correios a uma esquina e uma tabacaria na esquina oposta. Ao pé daquele cenário, Chatlam era uma grande metrópole.

«Já não estamos em Nova Iorque», disse Laura. «Atravessámos a fronteira para o Massachusetts há cinco minutos.»

Estacionou o *Ford* em frente de uma casa de dois pisos, de ripas de madeira azul-claras desgastadas pelo tempo. Na entrada da garagem encontrava-se uma velha carrinha. A habitação era bem cuidada, com gerânios e rosas a crescerem nos canteiros laterais e um alpendre onde havia uma cadeira de balouço. Na torneira da parede nascia uma mangueira verde que se perdia em curvas pelo meio dos arbustos. Saímos do carro e Laura subiu as escadas. A campainha era musical e reproduzia uma escala em tom maior. O sol batia-nos nas costas, menos forte do que naquele princípio de tarde; do

bosque próximo, chegou-nos o som agradável do vento atravessando as copas das árvores. Doris Mullens abriu a porta. Estava vestida como nessa manhã, com exceção dos sapatos, que havia trocado por umas pantufas de andar por casa. Ela e Laura olharam-se durante um momento.

«Olá, Doris.»

A senhora avançou para Laura e abraçou-a com muita força, à semelhança do que fizera à porta da esquadra. Laura emocionou-se e vi que as lágrimas lhe caíam pelo rosto. Doris convidou-nos a entrar. Vivia sozinha, sem marido e sem filhos; havia uma televisão ligada na sala, com o volume no mínimo, e várias estantes com livros. A Sr.^a Mullens tinha uma predilecção pela ficção romântica, e as estantes estavam repletas de lombadas coloridas, com nomes de romancistas de que eu nunca ouvira falar e títulos tão sugestivos como *Wanderlust*, *A Kingdom of Dreams* ou *As Long as We Both Shall Live*. No entanto, enquanto a conversa decorreu, consegui descortinar nas estantes (porque os livros estavam arrumados por ordem alfabética do nome do autor) um exemplar de *A Traição de Mabeline C*. Naquela zona do país, Gary List parecia ser um nome onnipresente nas livrarias e nas bibliotecas pessoais.

Doris regressou da cozinha com um bule de chá e três chávenas. Sentou-se ao lado de Laura e agarrou-lhe na mão. Havia dor no seu olhar enquanto observava o perfil da filha de Noah. Encarreguei-me de servir o chá, que estava quentíssimo, procurando não o entornar — era estranho beber algo tão quente num dia daqueles, mas no interior da casa estava fresco.

«A minha Laura sempre gostou de chá», afirmou Doris, olhando-me. «Ao contrário da Menina Levi, que dizia que o chá era para pessoas velhas e cheias de rugas.» Doris riu-se, com os seus dentes sujos de pessoa idosa. «Lembro-me tão bem de quando a Levi nasceu», prosseguiu como se lhe tivessem feito uma pergunta. «A Laura tinha oito anos e ansiava ter um irmão. Não era assim? Quando soube que era uma menina, passou um Verão inteiro a teimar com a mãe que queria um irmão, se eles não podiam mudar, se não era possível trocar uma menina por um menino! E a D. Leah, tão grávida, sempre com a Laura à perna, a chateá-la...»

«Oh, Doris, por favor», disse Laura.

A Sr.^a Mullens continuou sem nunca largar a mão de Laura.

«Eu entendia-a perfeitamente. Tive duas irmãs mais velhas, que já morreram. As mulheres são muito competitivas, sabe? Amam-se muito mas também são capazes de fazer enormes maldades umas às outras. Para ser sincera, sempre quis ter um irmão, tal como a Menina Laura. Mas depois a Levi nasceu, e era um bebé tão bonito... A coisa mais linda que Deus pôs nesta maldita Terra.» Olhou para Laura. «Era linda, não era?»

«Continua a ser», confirmou ela.

«Uma vez, o Sr. Walsh levou-nos a acampar. A Levi tinha três anos, e a Laura aí uns onze. O seu pai alugou uma caravana enorme, daquelas *Volkswagen* antigas, com portas de correr. Atravessámos o Estado de Nova Iorque e acabámos nas Cataratas do Niágara, na fronteira com o Canadá. O mais engraçado era que o veículo não tinha lugar para todos, e o Sr. Noah alugou-me um quarto numa pensão perto do lugar onde estacionou. Como se fosse o meu anexo na casa de

Chatlam! Todos os dias eu acordava pela fresca e ia ter com a família. Preparava o pequeno-almoço, fazia sanduíches para todos e passávamos o dia nos lagos do parque estadual, a fazer piqueniques na companhia de outras famílias. As miúdas adoraram essas férias. Lembra-se, Laura?»

«Claro», respondeu ela. «Eu e a Levi dormíamos num beliche, era uma excitação enorme.»

«E o seu pai tinha acabado de adoptar os cães, que eram cachorros e não paravam quietos um segundo.»

Doris levou a chávena de chá à boca e sorveu um bocadinho. Nesse momento, surgiu, na esquina de uma porta, um gato que nos observou com os seus olhos riscados, escrutinando o ambiente na sala.

«Só que, uma tarde, perdemos a Levi», continuou Doris. «A D. Leah tinha ficado na caravana porque lhe doía a cabeça e eu e a Laura fomos dar um passeio pelo bosque. Deixámos a Levi com o Sr. Noah. Encontrámos um riacho cheio de tartarugas pequeninas, e a Laura quis adoptar uma e trazê-la para casa. Voltámos com o animalzinho dentro de um saco de plástico cheio de água... Lembra-se, minha querida? Que ideia mais doida! Quando voltámos ao lugar do piquenique, encontrámos o seu pai adormecido à sombra de uma árvore, e a sua irmã tinha desaparecido. Entrámos logo em pânico. Ela era muito pequena e estávamos no meio da Natureza, rodeados de animais e buracos, árvores e folhagem no chão. Até havia piscinas naturais, que eram fundíssimas. Quando acordámos o Sr. Noah, ele tentou acalmar a nossa angústia, mas logo também se pôs aos gritos pelo bosque fora, à procura da filha. Foi a pior hora da minha vida.» A Sr.^a Mullens fez uma pausa. «Quero dizer, até há uns dias.»

Doris parecia querer conter as lágrimas, e percebi que Laura lhe apertava a mão com mais força.

«Andámos cada um para seu lado a gritar pela Levi, a vasculhar tudo, a levantar pedras e a bater os arbustos, todos a chamar por ela, até que, quando o Sr. Noah já começava a desesperar e pensávamos em chamar a Polícia, a Menina Laura encontrou-a.» Encarou Laura com os olhos molhados, cheia de orgulho. «Se visse a felicidade no seu rosto naquele momento... Abraçada à sua irmã, agarradas uma à outra como se não existisse mais ninguém neste mundo.»

«Onde é que ela estava?», perguntei eu.

«Estava dentro de uma árvore», respondeu Laura.

«*Dentro* de uma árvore?»

«Sim, dentro do tronco oco de uma árvore muito velha, daquelas que só se encontram nas florestas. Lembro-me de que andava por ali a sussurrar o nome dela e, de repente, ouvi a voz da Levi a chamar por mim. *Laura*, ouvi, *Laura*, um murmúrio que vinha de algum lado, mas eu não sabia de onde. Por instantes, julguei que estava a ficar maluca. Depois encontrei-a dentro da árvore e ela fez-me sinal com o dedo para que me calasse. Aproximei-me, ajoelhei-me na terra coberta de folhas e puxei-a para fora do tronco. Ela abraçou-se a mim e disse-me alguma coisa ao ouvido. Foi então que a Doris e o meu pai nos encontraram.»

«O que é que ela te disse?»

Laura largou a mão de Doris e segurou na chávena de chá com as duas mãos. Tremia ligeiramente.

«Que nunca mais a deixasse sozinha.»

Houve um momento de silêncio. Reparei no sofrimento que, entretanto, assomara ao rosto de Doris Mullens.

«Tive de ligar para a Polícia naquela noite, não sabia mais o que fazer», disse Doris como se implorasse perdão.

«Eu sei», respondeu Laura, tranquilizando-a.

«O que aconteceu nessa noite?», perguntei.

«A Menina Levi apareceu em Chatlam uma tarde, de surpresa», começou Doris. «Chegou de mochila às costas e com o cabelo muito curto, por pouco não a confundi com um rapazinho. Foi uma surpresa tão grande vê-la ali, à porta da cozinha, porque o Sr. Noah me tinha dito que ela estava numa colónia de férias. Isto foi no dia doze de Setembro. Eu preparava-me para voltar a casa no dia quinze, no fim da época balnear... com a Menina Laura ausente, não havia muito para fazer. Na manhã seguinte, quando deixei o anexo, fui ao andar de cima acordar a Menina Levi para tomar o pequeno-almoço, mas ela não estava no quarto. A cama estava feita, nada tinha sido mexido. Eu não contei isto à Polícia, Menina Laura... Só lhe conto a si, porque sei que fará o melhor com a informação que eu lhe puder dar. Fiquei com a certeza de que a sua irmã não tinha dormido em casa nessa noite.»

«E o meu pai, onde é que estava?», perguntou Laura.

«O carro não estava na garagem, por isso, imaginei que também tivesse saído. Mas era normal, porque ele andava a sair para pescar quase todas as madrugadas. Excepto naqueles dias...»

Doris calou-se por um momento e levou a chávena de chá à boca. Parecia que esperava por um de nós, por uma instrução

ou um incentivo para continuar a falar.

«Quais dias?», perguntou Laura, por fim.

Doris alcançou o pulso de Laura e apertou-o.

«... aqueles dias em que, na noite anterior, o seu pai se fechava no escritório a falar ao telefone. Às vezes, gritava tão alto que eu ouvia-o do anexo. Uma noite, no princípio do mês, achei que os berros dele eram tão desmesurados que fui, pé ante pé, no escuro, até à porta da cozinha. Pareceu-me muito zangado. Eu nunca tinha ouvido o seu pai usar semelhante tom de voz. Mas nunca consegui descortinar o teor da conversa. Nas manhãs seguintes a estas discussões, ele não saía para ir pescar.»

«E na madrugada em que ele morreu?», perguntou Laura.
«O que aconteceu?»

«Com excepção da cama feita no vosso quarto e da ausência da Menina Levi ao acordar, foi um dia normal», respondeu Doris. «Ela regressou a meio da manhã, pouco depois do seu pai, e conversámos um bocadinho enquanto preparávamos o jantar. Não lhe perguntei onde dormira e ela não falou do assunto. Fizemos uma sopa deliciosa, temperámos um frango e ela contou-me sobre o campo de férias. Pretendia ficar em Chatlam uns quantos dias, e então regressaria a Sag Harbor. Confessou-me que estava cheia de saudades de casa e eu fiquei contente por a ver, por ter outra pessoa por companhia que não apenas o seu pai. Quero dizer, não me entenda mal, eu sempre gostei do Sr. Noah, Menina Laura, mas...»

«Entendo-a perfeitamente», tranquilizou-a Laura. «Às vezes, ele não era a melhor companhia.»

«Sobretudo nos últimos anos», confessou Doris. «Talvez nos últimos quatro ou cinco anos... O seu pai mudou bastante e havia alturas em que parecia andar com o peso do mundo em cima dos ombros.»

«Eu sei», confirmou Laura.

«Nessa noite, deixei a sua irmã e o seu pai a jantarem em paz e fui deitar-me cedo. Adormeci que nem uma pedra. Deviam ser umas quatro da manhã quando acordei com os gritos. Não pareciam gritos humanos, Menina Laura... Era como se um animal qualquer da floresta estivesse a ser sacrificado. Acordei na escuridão do meu quarto, no anexo, e tive medo. Nunca tinha sentido medo à noite, sabe? Mesmo aqui, neste lugar tão isolado, nunca receei estar sozinha. Mas, naquela noite, os gritos deixaram-me aterrorizada. Levantei-me e acendi as luzes. Pensei que alguém podia ter entrado na casa, um assaltante ou coisa do género, e não tinha nada para me defender. O único telefone que havia era o da cozinha. Quando saí do anexo, os gritos já tinham parado, mas o eco deles persistia no ar, na minha cabeça. Saí de pijama e descalça, a relva estava húmida, e entrei pela porta da garagem, procurando não fazer barulho. Percorri o corredor a tremer. Tremia de tal maneira que tinha receio de atirar alguma coisa ao chão sem querer. A casa encontrava-se na penumbra, mas a Lua estava em quarto minguante e permitia distinguir os contornos das coisas. A porta do escritório estava aberta e, mesmo antes de entrar, percebi imediatamente que havia alguma coisa diferente. Era a secretária do seu pai que estava fora do lugar, na diagonal. Aproximei-me e, quando olhei para o chão...» Doris fitou Laura atentamente. «Tem a certeza de que quer ouvir isto?»

«Tenho», respondeu Laura, convicta.

«O corpo do seu pai estava deitado de costas. Havia sangue espalhado pelo chão, mas eu não conseguia ver muito bem, a única luz era a do candeeiro de presença. O que eu vi logo foi que a camisa branca do Sr. Walsh estava coberta de manchas escuras. Só podia ser sangue. Pensei que alguém tinha entrado na casa e dado um tiro ao Sr. Walsh, ou coisa parecida, mas depois ocorreu-me que, se tivesse sido um tiro, eu teria ouvido o disparo.»

«Porque é que não acendeu as luzes?», perguntei.

«Porque a parede de vidro estava aberta», respondeu Doris. «Não muito, apenas um bocadinho, o suficiente para alguém sair ou entrar por ali. Isso significava que a pessoa que fizera aquilo podia ainda estar dentro da casa, e se eu acendesse as luzes...»

«... podia ser a próxima vítima», concluí.

Doris abraçou o próprio corpo, apertando o casaco de malha, que, naquela estação do ano, parecia completamente despropositado.

«Foi então que dei por ela. Primeiro, só ouvi uns gemidos, como os de um cãozinho ferido. Eu estava paralisada de medo. Mas, depois, quando os meus olhos se habituaram à penumbra, vi a Levi sentada a um canto, ao pé da lareira.»

«E tem a certeza de que ela segurava a faca?»

«Sim», respondeu Doris, engolindo em seco. Ergueu o braço direito e, com o cotovelo dobrado a noventa graus, fingiu que segurava alguma coisa. «Assim. Como quem oferece um ramo de flores.»

«E foi então que ligou à Polícia?», perguntei eu.

«Foi», confirmou. «Não sei quanto tempo passou exactamente entre dar-me conta da presença da sua irmã e fazer a chamada... Não me lembro. Um minuto, talvez?» A Sr.^a Mullens quis voltar a pegar na mão de Laura, mas esta retirou-a, cruzando os braços. «Sentia-me tão perdida, Menina Laura. Ali sozinha, com o seu pai morto no chão do escritório, sem saber o que fazer.»

«E tentou falar com a minha irmã?», perguntou Laura.

A Sr.^a Mullens pareceu ficar confusa por um instante. Pegou na chávena de chá, mas as mãos tremiam-lhe. Imaginei-a sentada precisamente naquele sofá, a ler romances de amor e a imaginar que a sua solidão de solteirona nunca acontecera, que, algures no tempo, na sua juventude, tinha conhecido o homem da sua vida, depois de muitos dramas e contratempos.

«Aproximei-me dela, mas estava com muito medo», confessou. «A sua irmã estava como se fosse uma estátua, com a faca na mão. Era a faca que eu usava para cortar quase tudo, a maior de todas as que havia na cozinha. E a expressão no rosto dela...»

Doris baixou a cabeça e começou a chorar.

«... parecia que estava possuída por alguma coisa, Menina Laura.»

«Possuída?», repetiu Laura.

«Não sei», disse Doris num lamento. «Foi tudo muito confuso. Aquelas noites com o seu pai a gritar ao telefone, a chegada da sua irmã de surpresa, a ausência da Levi naquela noite. Pensei que podia haver ali alguma coisa que me ultrapassava: uma grande discussão entre os dois, drogas... Não sei dizer, não sei dizer!»

«Fez bem em ligar para a Polícia», garantiu Laura. «Eu teria feito o mesmo. Mas há uma coisa que ainda não entendi.»

«O quê, minha querida?»

«Eu li a transcrição da sua chamada na esquadra de Chatlam», informou ela, revelando um facto que eu também desconhecia. «Na chamada, a telefonista pergunta-lhe o que está a ver e a Doris responde como se estivesse a olhar para a cena do crime. Certo?»

Doris fez uma expressão baralhada.

«Não me recordo. Juro-lhe que não.»

«O que me faz confusão», insistiu Laura, «é que o telefone mais próximo se encontra na cozinha, do outro lado do corredor. Foi desse número que a Doris ligou para a Polícia.»

A mulher juntou as mãos no colo, abanando ligeiramente a cabeça. Fixou o olhar na mesa.

«Isso é uma acusação, Menina Laura?»

Laura levou a mão ao ombro da Sr.^a Mullens.

«Não, Doris, de maneira nenhuma», garantiu Laura, confortando-a. «É apenas uma tentativa de compreender o que aconteceu naquela noite. Acha que pode ter confundido as coisas? Por exemplo, ter dito ao telefone que estava a ver o escritório quando, na verdade, se encontrava na cozinha?»

Doris assentiu com a cabeça, como se Laura tivesse feito o diagnóstico correcto.

«Eu posso ter dito as coisas de maneira errada ao telefone», admitiu a Sr.^a Mullens. «Como se as estivesse a ver. Sim, é possível. Posso ter dado a entender à telefonista que estava no escritório, embora estivesse na cozinha. Mas

também posso ter levado o telefone até ao escritório, tem um fio bastante comprido. Não me lembro, menina. O que sei é que aquelas imagens não me saíam da cabeça... ainda vejo o cadáver do seu pai sempre que fecho os olhos, ainda vejo a pobrezinha da sua irmã no canto da sala, a tremer, segurando aquela faca enorme cheia de sangue.»

Laura parecia pensativa. Não comentou.

«Dou-lhe a minha palavra de que nunca faria nada para magoar nenhuma de vocês», disse Doris em tom de súplica. «São a minha família há tantos anos, Menina Laura. E a sua irmã, eu vi-a crescer, tive-a nos meus braços desde que nasceu. Cuidei dela como se fosse minha filha.»

«Eu sei.»

«Tudo o que eu quero é que a Polícia descubra o assassino do seu pai», disse a governanta. «Tenho a certeza de que não foi a Menina Levi.»

Laura respirou fundo. A conversa tinha ido por um caminho inesperado e era visível o sofrimento no rosto de Doris, a mais improvável das criaturas a participar num homicídio tão brutal.

«Só quero o vosso bem», repetiu ela, chorosa.

«Doris, a Levi falou-lhe de alguém?», perguntou Laura, mantendo a sobriedade. «Ela recebeu algum telefonema? De um namorado, por exemplo?»

«Um namorado?»

«Quando a fui ver à prisão, a Levi disse-me que alguém a esperava.»

«Quem?», perguntou Doris.

«Não faço ideia, por isso lhe pergunto. Fiquei com a sensação de que era um assunto romântico, porque a Levi disse que *ele* era a única pessoa que gostava verdadeiramente dela. Como se não tivesse família ou nenhum de nós existisse.»

«Que eu saiba, ninguém a visitou nem lhe ligou», respondeu Doris. «Mas, como já lhe disse, a sua irmã andava estranha. Desde o ano passado que eu vinha reparando nisso, que ela já não parecia a mesma rapariga de sempre. Pensei que era da adolescência. Nessa altura, a vida prega-nos tantas partidas. Não posso dar-lhe inteira certeza do resto... Mas creio que foi a primeira vez que reparei que ela não tinha dormido em casa.»

«E o meu pai?», perguntou Laura.

«O seu pai?»

Laura respirou fundo e, inclinando-se um pouco para a frente, fez a pergunta num tom de voz mais suave.

«O meu pai estava a ter algum comportamento estranho, Doris?»

«Que tipo de comportamento?»

«Refiro-me à minha irmã», adiantou Laura. «Se o viu ter algum gesto mais agressivo com a Levi ou ameaçá-la de alguma maneira.»

«Credo, menina!», replicou Doris, e afastou-se no sofá como se rejeitasse fisicamente aquela ideia. «O seu pai sempre foi um bom homem. Um homem íntegro, honesto. Nunca o vi sequer levantar um dedo a nenhuma das filhas. E, se tivesse visto, teria sido a primeira a censurá-lo por isso.»

«Está bem», concordou Laura.

«Ele amava-as muito», insistiu Doris. «Acredite em mim.»

Laura fez um sorriso amarelo e deixou que o interrogatório ficasse por ali. Despediram-se com um abraço, porventura menos sentido do que o que haviam dado à porta da esquadra. Parecia ter ficado entre elas a sensação de alguma coisa por revelar, um segredo que contaminava a atmosfera. No que dizia respeito a Doris, talvez houvesse sobrado o ressentimento de ser submetida a perguntas difíceis por parte de uma rapariga que ela ajudara a criar.

«Não bate certo», afirmou Laura enquanto conduzia de regresso a Chatlam. Era o final da tarde e um bando de corvos esvoaçava por cima de uma linha telefónica que corria ao longo da estrada; o calor parecia ter aumentado, acelerando em direcção a um pico de temperatura antes de a noite se instalar definitivamente e trazer consigo alguma frescura. Laura tinha a testa luzidia. O cansaço e a dor podiam tomar-lhe conta do corpo, mas a sua mente permanecia desperta como sempre. «A Doris disse às autoridades que não acendeu as luzes para não assustar a Levi. Agora, diz-nos que não o fez porque tinha medo de que o assaltante ainda estivesse dentro de casa.»

«A mulher já tem uma certa idade», retorqui. «É possível que tenha ficado confusa com tudo o que aconteceu naquela madrugada.»

Laura fez um desvio abrupto à direita e, travando bruscamente, com os pneus a chiarem no asfalto, encostou o carro à berma da estrada. Depois, com as mãos no volante, o pó a formar uma nuvem lá fora, olhou-me com aquela intensidade que me assustava.

«Quando eu era pequena, o meu pai fazia coisas estranhas à minha irmã», confessou ela.

Fitei os seus olhos verdes e vi mágoa neles. Senti que a minha garganta bloqueava, que o ar quentíssimo daquele Verão insuportável me sufocava.

«Que tipo de coisas?», retorqui, a custo.

«Não sei», continuou Laura. «Não sei mesmo. Lembro-me de vivermos no apartamento de Manhattan e de ele a levar à força para o quarto dos fundos. Ficavam fechados no quarto durante muito tempo e, a seguir, ele trazia-a para a cama, a dormir. Isto durou quase um ano. Acontecia quando o meu pai andava zangado e a Levi fazia alguma cena. Ele passou grande parte desse ano zangado com tudo. Os negócios não lhe corriam bem, nem a relação com a minha mãe. A Doris não sabia de nada disto, porque, quando as férias chegavam e vínhamos para Chatlam, tudo mudava. De repente, éramos uma família normal outra vez, e os problemas que nos atormentavam durante o resto do tempo deixavam de existir.»

Lembrei-me da minha própria família e de como o meu pai também mudava quando chegávamos ao Lagoeiro: tornava-se mais brando, mais gentil; deixava a casmurrice de lado e perdia aquele ar sórdido e ensimesmado com que tantas vezes se apresentava à mesa do jantar, em Lisboa.

«Houve outras ocasiões em que o teu pai tenha tido um comportamento estranho com a Levi?»

«Por vezes, obrigava-a a cumprir tarefas de uma maneira quase desumana», respondeu Laura sem nunca largar o volante. «Se ela tinha más notas, ele forçava-a a estudar até às tantas da madrugada, por exemplo. Se ela não queria comer, o meu pai enchia-lhe o prato até transbordar e não a deixava

levantar-se da mesa até ela ter comido tudo. A minha irmã era teimosa, de uma teimosia quase masoquista, e às vezes acabava a dormir com a cabeça tombada na mesa do jantar. E também era capaz de ficar acordada a noite inteira antes de um exame, mas tinha notas ainda piores do que se não tivesse estudado.»

«Alguma vez o teu pai lhe bateu?»

«Acho que não», respondeu Laura. «Se o tivesse feito, eu teria visto as marcas, certo?» Era uma pergunta à qual eu não podia responder. «Mas já não tenho a certeza de nada», concluiu.

«Então era severo com ela?», insisti. «Ou autoritário? Era isso?»

Laura virou a cabeça, olhando para a janela semiaberta. «Às vezes, tratava-a como se ela fosse um rapaz», respondeu. «Queria que aprendesse a jogar basebol e levava-a a ver os jogos dos Knicks, embora a minha irmã nunca tivesse mostrado o mínimo interesse por desporto. E eram competitivos um com o outro, de uma maneira que ele nunca foi comigo. Quem corria mais rápido, quem era o mais forte, quem era o mais teimoso. Claro que o meu pai era muito alto e grande, e ela é uma miúda franzina, e a competição era desequilibrada, quase ridícula. O meu pai ganhava sempre. E usava as vitórias como uma lição de moral, como quem diz: *Aprende.*»

«Ou *obedece*», sugeri.

Nesse momento, passou uma furgoneta por nós a buzinar, certamente a refilar por estarmos parados na berma. Laura, irritada, buzinou também e lançou um palavrão ao condutor pela janela aberta.

«Calma», disse eu.

«Tem tu calma», respondeu ela, «quando o teu pai for assassinado.»

Laura fechou os olhos; depois pediu desculpa pelo que acabara de dizer.

«Não faz mal. Só quero que não entres em desespero.»

«Já estou em desespero.»

Nesse momento, a furgoneta vermelha apareceu novamente ao nosso lado. Tinha feito marcha-atrás antes de dobrar a curva. Senti a pulsação acelerar. A carripa transportava dois homens corpulentos. Ouvi as portas a bater, sinal de que os homens acabavam de sair do veículo, bloqueando-nos o caminho. Sem que eu conseguisse impedi-la, Laura abriu a porta e saiu do carro. No seu corpo, nos seus movimentos, era visível a raiva que agora começava a brotar pela morte do pai. Também saí do carro e fiquei algo aliviado quando percebi que quem conduzia a furgoneta era o velho Milton, com o seu fato-macaco encardido. Ao lado, Dan, o neto, estava de calças de ganga e uma camisa de flanela aos quadrados, muito larga, demasiado quente. Não demorou um segundo até Laura e Milton começarem a discutir sobre o estacionamento indevido do *Ford* naquela estrada.

«... devia ter vergonha de ter o carro aí parado...»

«... o senhor é da Polícia de Trânsito?...»

«... uma senhora não devia dizer palavrões...»

«... você devia era meter-se na sua vida...»

Passou um outro carro por nós, que contornou a furgoneta e as quatro pessoas paradas na estrada e que também buzinou.

Decidi interferir antes que a cena escalasse.

«E que tal fazermos as pazes?», sugeri. «Foi apenas um mal-entendido.»

«Esteja mas é calado, Pablo», ripostou Milton, na sua voz rouca, de mãos na cintura, postura agressiva. «Acha que eu não sei quem é esta sua amiguinha? A filha do magnata, essa corja da Humanidade.»

Laura olhou para mim.

«Pablo?» E, a seguir, para Milton: «Proíbo-o de falar assim do meu pai, velho porco.»

«O seu pai era uma víbora», cuspiu Milton, de punhos cerrados. Havia no ar um odor intenso a álcool; era evidente que o homem tinha bebido. «E o seu avô era a encarnação do demónio, só que ainda mais feio.»

Laura ficou muito vermelha e, de repente, sem aviso, cuspiu no rosto do velho.

«Cabrão!», gritou ela.

Num gesto rápido para um homem daquela idade, Milton levou o braço atrás e atingiu Laura no rosto com uma chapada que ficou a ressoar na atmosfera pesada e húmida. Houve um instante de incredulidade entre todos — nem Laura acreditava que Milton tinha feito aquilo, nem o próprio Milton, que reagira daquela maneira. Pela primeira vez, perdi as estribeiras; também eu começava a acusar o nervosismo e a tensão daqueles dias. Num gesto insensato, atirei-me ao velho, levando as mãos ao seu pescoço.

«Dan!», gritou Milton quando sentiu os meus dedos a apertar-lhe a garganta.

Quando dei por mim, estava a ser atirado contra a porta da furgoneta vermelha. Dan — que, aparentemente, tinha uma doença mental, mas parecia inofensivo — arrastara-me para longe do avô e, com a força dos braços, lançara-me com enorme violência contra a carripa. Bati de costas contra a porta e, depois, caí no chão, mastigando a terra seca e perdendo momentaneamente os sentidos.

«Pára, animal!», berrou Laura, e interpôs-se entre o meu corpo estatelado e Dan, que se preparava para me pontapear.

«Chega», disse Milton.

Dan obedeceu e, num segundo, regressou à postura habitual: os ombros descaídos, um meio-sorriso idiota no rosto. «Vamos embora», ordenou-lhe o avô.

Entraram na furgoneta e seguiram caminho enquanto Laura me ajudava a sentar de costas contra a porta do *Ford*. Sentia que tinha sido varrido por um ciclone e, pela primeira vez, arrependi-me verdadeiramente de estar ali, naquela cidadezinha perdida no tempo, a meter-me num assunto que não me dizia respeito, a levar uma sova de um anormal em vez de estar em Nova Iorque a escrever o meu romance, preparando-me para dar uma alegria aos meus pais por verem o seu investimento recompensado. As palavras da minha avó («Vê lá no que é que te metes!») ressoaram na minha cabeça enquanto tentava ajustar-me novamente à realidade.

Laura segurava o meu rosto com a palma da mão.

«Pedro», dizia ela, repetidamente. «Estás bem?»

«O que é que foi aquilo?», perguntei com uma súbita vontade de vomitar. Um condutor parou ao nosso lado e abriu a janela do passageiro, perguntando-nos se precisávamos de

ajuda. Laura agradeceu e disse que não; o homem seguiu caminho.

«Aquilo foi o passado», respondeu ela.

Nos dias seguintes, o calor diminuiu, mas a situação tornou a complicar-se. Na madrugada do dia dezassete de Setembro, acordei com uma dor tão aguda nas costas, que quase não me conseguia mover e tive de morder o lábio para me impedir de gritar. A escuridão, o ressonar leve de Laura e a consciência de que Winifred dormitava na recepção e decerto ouviria os meus gritos travaram o meu desejo natural por alívio. Quando o relógio do corredor bateu as sete, Laura acordou e encontrou-me de pé, dobrado a noventa graus (ou quase), a mão esquerda na base da espinha, a tentar ir à casa de banho.

«Oh, meu Deus.»

Ajudou-me a sentar na sanita e, depois, fechou a porta e deu-me privacidade. A dor era tão intensa que julguei que ia partir-me em dois. Com enorme esforço, ergui-me, levantei a *T-shirt* e olhei o tronco ao espelho. Tinha a base das costas completamente negra, parecia pintada a carvão. Não fazia ideia da gravidade da situação — se havia alguma fractura, se era necessário ir ao hospital ou se bastaria simplesmente repousar. Assolaram-me os mesmos sentimentos do dia anterior, as dúvidas que agora me irritavam; a sensação de que, ingenuamente, me enredara num problema que não era meu. Quando regressei ao quarto, dobrado e pálido do esforço, Laura quis levar-me ao hospital, mas eu implorei-lhe que não fôssemos. Pedi-lhe, em vez disso, que me comprasse medicamentos para as dores, anti-inflamatórios ou o que quer que ela conseguisse encontrar para me livrar daquele suplício.

Laura vestiu-se e saiu do quarto. Enquanto esteve ausente, eu adormeci em posição fetal, a única que conseguia suportar. Sonhei, uma vez mais, com Noah Walsh, o seu corpo a submergir lentamente de um lago cujo fundo, de um dourado glorioso, emanava uma luz plácida que emergia das águas. A dor trouxe-me de regresso à realidade no momento em que Laura entrava com um saco de papel castanho. Sentou-se na beira da minha cama e passou-me uma garrafa de água; a seguir, abriu dois frascos e pôs-me três comprimidos na mão.

«Dois destes e um destes a cada seis ou oito horas», disse ela.

Tomei os comprimidos e bebi a água fresca. Tornei a deitar a cabeça na almofada, grunhindo do esforço.

«Vou à Polícia fazer queixa daqueles dois animais», disse ela.

«Por favor, não faças isso», respondi. «Isto passa. Já temos demasiados problemas.»

Laura respirou fundo. Usava uma *T-shirt* azul algo apertada e os seus seios subiam e desciam ao ritmo da respiração. Quase me bati por reparar neles, apesar das dores.

«Quero-os todos presos», afirmou ela com raiva nas palavras. «O maldito Saunders e o neto. Aquele médico-legista sinistro. A Polícia de Chatlam e de Albany.»

«Quem é que vai prender a Polícia?», perguntei.

«Sei lá. O FBI. A CIA. Qualquer uma dessas agências que operam acima das leis locais. O Supremo Tribunal! Seja quem for... E, já agora, que prendam também os repórteres da puta da estação de televisão que me persegue no meio da rua.»

«Voltaram?», perguntei.

«Voltaram? Nunca daqui saíram. Estavam só à espera do escândalo. *Filha do milionário é a culpada*. O que é que julgavas que ia acontecer? Está nos jornais todos, nas televisões, passa em rodapé nos noticiários. É assim que se forma a opinião pública, é assim que os júris são influenciados antes mesmo de chegarem ao tribunal. É assim que se inocentam os culpados e se culpam os inocentes. Com boatos e rumores. *Factos* que não são factos. O boca-a-boca.»

Laura levou as mãos ao rosto, em desalento. Logo a seguir, como se recuperasse a coragem, puxou o longo cabelo atrás e começou a atá-lo num rabo-de-cavalo.

«Assim que saí da farmácia, a repórter da estação Não-Sei-das-Quantas veio a correr ter comigo. Sabes que pergunta é que me fez? Se eu acreditava nas notícias que ela própria e toda a comunicação social tinham divulgado, de que a Levi era culpada do crime. Tive vontade de lhe cuspir na cara.»

«E cuspiste?»

«Não. Exibi o meu melhor sorriso e adverti-a de que ainda existem leis neste país, de que as pessoas não são culpadas até prova em contrário e de que a estação dela era responsável pela disseminação de rumores que podiam arruinar a vida de uma miúda de dezasseis anos.»

«Acho que foste muito sensata», comentei.

«A idiota da repórter limitou-se a ignorar o que eu disse e perguntou-me, com a câmara apontada à minha cara, se eu estava a par dos últimos desenvolvimentos.»

«Quais desenvolvimentos?»

«Que a Levi estava metida em drogas, que o relatório médico assim o provava.»

«Meu Deus», comentei.

«Foi então que empurrei o operador de câmara», confessou Laura.

Patrick Nolasco, pensei. O jornalista traíra a confiança de Laura e, provavelmente, vendera o relatório de toxicologia aos outros repórteres. A acusação era fácilíssima, porque a grande maioria dos americanos não distinguia, em termos de discurso corrente, o que era uma droga ilícita de uma droga legal. Que Levi tivesse tomado drogas para as insónias ou porque era uma *junkie* representava o mesmo na cabeça de quem consumia as notícias; a simples menção de narcóticos fazia dela uma jovem rebelde e insubmissa que, de repente, passava a parecer muito mais suspeita aos olhos da opinião pública. Deixei cair a cabeça na almofada, em desespero por não me conseguir levantar, ansiando por que os comprimidos fizessem efeito rapidamente.

«Não percebo nada do que está a acontecer», disse Laura, sentada na cama, as mãos sobre os joelhos, as costas muito direitas. «Quem é que está a fazer isto? E onde anda o tio Matthew? O Lombardi tinha razão... Tentei ligar-lhe há pouco, mas o telefone está desligado e a caixa de mensagens cheia. E o que a Doris nos contou ontem, que sentido é que faz? Com quem é que o meu pai gritava à noite? E porque é que o depoimento dela é tão inconsistente?»

«Não confias na Sr.^a Mullens.» Laura fitou-me. Tinha os olhos húmidos, embaciados. Toquei-lhe no braço. «Talvez tenhas razões para não confiar.»

«Ontem defendeste-a.»

«Disse só que é velhota e pode ter-se baralhado ao telefone», argumentei. «Mas entendo que aches que ela te esconde alguma coisa. Ou talvez sintas que a própria Doris está comprometida com a versão mais consensual dos acontecimentos.»

«Que versão é essa?»

«O que os jornais e as televisões andam a dizer: que o teu pai foi assassinado pela tua irmã.»

«A Doris não acredita nisso.»

A custo, ergui a cabeça e encostei-a à cabeceira da cama.

«Foi ela que ligou à Polícia.»

«Não tinha outra opção, *Pablo*.»

«Claro que tinha», argumentei. «Podia ter esperado que a manhã chegasse, que a Levi voltasse a si, que saísse do transe que ela descreveu. Podia ter tentado conversar com a tua irmã, compreender o que tinha acontecido. Era o que eu faria. Era o que *tu* farias. Mas a Sr.^a Mullens fez o contrário: apressou-se a ligar à Polícia e deu um testemunho que apresenta algumas incongruências.» Fiz uma pausa, sentindo que os comprimidos começavam a fazer efeito. «Não te parece óbvio que há alguma coisa difícil de aceitar nesta atitude, tendo em conta o tempo que ela trabalhou em vossa casa?»

Laura levantou-se da cama. Foi até à janela e olhou para o exterior; na rua principal de Chatlam, escutavam-se as vozes dos primeiros turistas e veraneantes tardios.

«Estás a tentar implicar a Doris nisto?»

«Estou a tentar dizer-te que o caso é mais complexo do que imaginamos e que, até prova em contrário, não há muita gente

em quem possas confiar nesta cidade.»

Ela olhou-me e, finalmente, riu-se.

«Obrigada, Sherlock. Mas vê se entendes uma coisa. Nós, os americanos, não somos como os europeus. A partir do momento em que a coisa dá para o torto, é cada um por si. Portanto, o mais natural é que a Doris, com setenta e seis anos de idade, chame a Polícia quando encontra o patrão assassinado no escritório, quer isso coloque a minha irmã em causa ou não.»

«Isso não abona muito a favor dos americanos.»

«*Give me your tired, your poor / Your huddled masses yearning to breathe free*», citou Laura. «E, entretanto, desde que a pobre da Emma Lazarus escreveu este poema, passou-se um século e nunca houve tantos homicídios, tantos crimes, tanto racismo e tantas deportações nos Estados Unidos da América.» Laura voltou-se e encarou-me. «Muito pouca coisa abona a nosso favor. Sobretudo aqueles vampiros ali em baixo, de câmaras e telefones e blocos de notas nas mãos, à espera de sangue.»

«E o que é que fazemos agora?», perguntei, inundado pelo alívio dos medicamentos.

Laura deitou-se na cama dela.

«Não fazemos nada», sugeriu. «Por hoje, descansamos. Dormimos. Tu precisas, e eu também. O Estado há-de pronunciar-se sobre o caso, o gabinete do procurador, etc. Talvez amanhã haja novidades.»

«Vais aceitar a proposta do Lombardi?»

Laura não respondeu. Colocou-se também em posição fetal e, em poucos minutos, adormecemos. Despertámos horas depois, transpirados, no quarto abafado, com o telefone a tocar. Laura atendeu, estremunhada. Ouvi-a resmungar alguma coisa e, depois, levantou-se a custo e foi à casa de banho.

«Quem era?», perguntei enquanto a luz do princípio da tarde entrava pela janela. O quarto estava impregnado do cheiro de Laura, do seu perfume delicado. Eu cheirava a suor.

«É o tenente Moon», respondeu. «Está lá em baixo e quer falar comigo.»

Laura saiu da casa de banho com o cabelo apanhado e anunciou que voltaria em breve. Enquanto esteve ausente, tentei levantar-me. Apesar do grande hematoma nas costas, não devia ter partido nenhum osso: fui capaz de caminhar devagarinho até à janela. Na rua, em frente da esquadra, permaneciam duas carrinhas de televisão; vi, à porta do edifício, a silhueta de Marybelle, a simpática recepcionista cujo marido era amigo de Noah Walsh, à conversa com Nolasco. Quase sem dar conta, comecei a abanar a cabeça, censurando toda a população de Chatlam. Aquele lugar parecia estar infestado de cobiça, inveja e conluio.

Coxeei até à casa de banho e, com algum esforço, tomei um duche. Vesti a única roupa lavada que me sobrava e, depois de me sentar na cama durante uns minutos, algo atordoados dos medicamentos, decidi que precisava de ligar novamente a Gary List, de saber se Nowalski concordara com um novo *interrogatório*. Um escritor precisa de experiências, dissera Gary; não havia dúvida de que eu estava a tê-las, como, por exemplo, levar uma sova de um rapaz meio atrasado. Saí para o corredor exíguo e descí as escadas, sempre em câmara lenta.

Winifred não se encontrava na recepção. Saí para a rua, onde chuviscava ligeiramente, um chuveiro morno e impertinente, água de Setembro. Onde estaria Laura?, perguntei-me. E depois concluí que, se Moon queria falar com ela, só existiam duas opções para o fazer: ou a esquadra ou o café de Merle. Encontrei-a no café, sentada num dos compartimentos com assentos de vinil, a conversar com Moon. Assim que entrei, o polícia levantou-se e, com um ligeiro toque na aba do chapéu, cumprimentou-me, saindo do café a arrastar o rabo invulgarmente grande.

Sentei-me em frente de Laura e, acenando a Merle, pedi um café. Ela sorriu-me como se eu já fosse um cliente habitual. Laura rodava uma colher dentro de uma chávena vazia, produzindo um barulho enervante. Havia uma sombra a atravessar-lhe o rosto, como se Moon tivesse acabado de lhe declarar o próprio óbito.

«Queres falar do assunto?», perguntei enquanto Merle pousava uma chávena de café fumegante na mesa.

«Ainda não é oficial, mas temos mais um cadáver», disse Laura.

«Quem?»

«O tio Matthew. Foi encontrado dentro de um carro desfeito, o corpo carbonizado, no fundo de uma falésia próxima de East Greenbush, a cerca de trinta quilómetros daqui. As marcas de pneus na estrada indicam a possibilidade de um despiste, mas ainda não se sabe nada ao certo.»

«Quando é que o encontraram?»

«Ontem à tarde.»

«E porque é que só te contaram agora?»

«Porque o caso pertence à Polícia de Albany, uma jurisdição diferente.»

Olhei para a chávena: o café, negro e espesso, largava um aroma pungente.

«Isto complica-se», disse eu, porque não sabia o que dizer.

«É um inferno», confirmou ela, os olhos húmidos. «É um autêntico inferno.»

Nesse momento, o sino da porta tocou. Uma mulher espavorida, vestida de vermelho, empoleirada nuns saltos agulha, entrou no café. Tinha o cabelo pintado de preto e usava demasiada maquilhagem, os lábios vermelhos, da mesma cor da roupa. Trazia uma carteira *Chanel* ao ombro.

«Meu amor!», gritou ela ao avistar Laura, e veio na direcção da nossa mesa.

Laura soergueu-se e a mulher abraçou-a durante longos segundos, apertando-a muito, dando-lhe beijos no rosto, que iam deixando marcas de batom. Depois voltou-se para mim e, de súbito, surgiu uma centelha de reconhecimento entre nós.

«Lembras-te da minha mãe?», perguntou-me Laura, de lágrimas nos olhos.

«Claro que me lembro», respondi.

Embora quase não a reconhecesse, apertei-lhe a mão, sentindo os seus dedos frios, que mal tocaram nos meus.

Verão de 1987

Lagoeiro, Portugal

Na terceira semana que os Walsh passaram no Lagoeiro, a nossa cadela Niki envolveu-se numa luta renhida com os mastins de Noah. Nunca ficou inteiramente claro o que tinha acontecido e, porque sucedeu durante a noite, quando toda a gente dormia — menos eu, que passava as noites acordado a pensar em Laura —, nenhum de nós foi capaz de reconstruir uma versão aceitável da história. Os cães tinham passado o dia a ladrar, isso sabíamos: a nossa cadela junto do portão trancado, os mastins de Noah no grande jardim que rodeava a casa alugada dos americanos.

Nessa noite, ao jantar, o meu pai reparou na inquietação da cadela. Enquanto comíamos sardinhas na brasa, ele disse:

«Deve estar com o cio.»

«'disparate», respondeu a minha mãe. «Ela quer lá saber daquelas bestas que o americano tem para ali.»

«A Niki tem mais classe do que isso», confirmou Júlia, que, nos últimos dias, andava ressentida comigo porque eu me tornara muito próximo de Laura. «Não é uma vendida qualquer, resiste ao toque de Midas.»

Olhou-me com um misto de provocação e desprezo. Eu revirei os olhos, mas acabei por ignorar o comentário; a minha

paixão por Laura, acreditava eu, era mais forte do que os ataques de cinismo da minha irmã.

«Olhem que a coisa ainda acaba mal», advertiu Lucília, e contou a sua história de solteirona, de quando tivera um cãozinho (um *poodle* desengraçado que alguém lhe oferecera) e de como, um dia, ele tinha sido atropelado numa rua da Estrela. «A culpa foi dos cães do vizinho, aquele idiota do Horácio. Lembras-te, Eduarda?», perguntou ela, mastigando uma sardinha, de boca aberta.

A minha avó, que tirava sempre a placa quando comia peixe (e ficava, portanto, sem metade dos dentes), assentiu com a cabeça enquanto mastigava ruidosamente um tomate.

«Foi uma autêntica tragédia», respondeu Eduarda num tom entre o cinismo e o cansaço de aturar a irmã todos os dias.

«Os outros cães assustaram-no tanto, aterrorizaram-no durante meses», queixou-se Lucília. «Todas as tardes, apareciam no quintal do Horácio e punham-se a ladrar lá para cima, para o meu andar... O coitado do Periquito ficava a tremer de medo.»

«O cão chamava-se Periquito?», perguntou o meu pai, incrédulo, dando uma garfada no feijão.

A teoria do suicídio do Periquito era tão válida como a teoria do cio da Niki. Às três da manhã (ou perto disso), depois de uma sucessão de latidos tão altos que despertaram a vizinhança inteira — três cães numa luta feroz pelo domínio da rua —, a nossa Niki voltou para casa derrotada e ensanguentada, deitando-se a gemer baixinho no pequeno relvado que rodeava a piscina. Fui o primeiro a descer do quarto, mas logo a família inteira estava reunida em volta da

cadela, a minha mãe a abraçar a pobre Niki, que se envolvera numa luta desigual com os mastins.

«Eu bem vos avisei», disse Lucília, e, algo revoltada, voltou para o quarto que partilhava com a minha avó.

«Açam que precisa de veterinário?», perguntou o meu pai.

Levámos Niki para dentro de casa e concluímos que não. Tinha sido mordida no pescoço, mas as dentadas não eram demasiado profundas. A minha mãe tratou-lhe das feridas com álcool e *Betadine*, depois passou-lhe uma pomada cicatrizante e fechou Niki na cozinha depois de a encher de mimos e de alguns biscoitos. Durante o resto da noite, ouvimos a cadela a ganir, lamentando a sua triste sorte.

No dia seguinte, Noah e Leah apareceram em nossa casa com os mastins presos por um açaimé. Era cedo, ainda antes das nove, e já os americanos subiam a rampa da nossa garagem, Noah segurando vigorosamente as trelas dos dois cães enquanto a mulher caminhava ao seu lado, de braços cruzados. A primeira pessoa que viram foi Lucília, que já estava a pé, a varrer a cozinha. Como a minha tia-avó não falava inglês, fez uns gestos bizarros e foi chamar o meu pai. Acabámos por descer todos — eu e Júlia ainda em pijama — para cumprimentar os Walsh.

«Lamentamos profundamente o que aconteceu», disse Noah com uma expressão de verdadeira tristeza no rosto, em contrição.

«Sim», concordou Leah. «Queríamos saber como está a pobrezinha.»

Nesse momento, Niki entrou na cozinha, medrosa. Vinha de focinho baixo, a roçar o chão de azulejos quadriculados, e hesitou um pouco quando viu os dois mastins ao lado de Noah. Pensei no que os americanos julgariam da nossa casa, que era três vezes mais pequena do que a deles, e fiquei contente por Laura não ter vindo, uma vez que eu estava todo despenteado e ainda usava um pijama dos heróis da Marvel que me ficava demasiado curto nas pernas.

«Está assim, como podem ver», disse a minha mãe. «O que é que aconteceu?»

«Bom... Eu não falo *canês*, mas julgo que passaram o dia a provocar-se», disse Noah. «A certa altura da noite, a vossa cadela deve ter ido até à nossa casa, e o Ben e o Bill saltaram o muro. Calculo que tenha havido uma pequena batalha no meio da rua.»

«Saltaram o muro?», perguntou a minha mãe no seu inglês muito esforçado. «E vocês não fecham os cães dentro de casa durante a noite?»

«Isso seria uma crueldade com os animais», respondeu Leah, defensiva.

«Além disso, tenho a certeza de que a Niki não iria meter-se com eles», insistiu a minha mãe, olhando para Ben e Bill. «Sempre foi um animal muito...» Disse a palavra «domesticado» em português, olhando para o meu pai, à procura de ajuda para a tradução.

O meu pai encolheu os ombros.

«*Housebroken*», disse eu, secretamente orgulhoso por servir de ponte na comunicação.

«Seja como for», interveio Noah, acalmando o atrito. «Aqui estão eles, açaimados e tranquilos, prontos para fazerem as pazes.» Olhou para os cães. «Não é assim, rapazes?»

Os cães olharam para o dono sem entenderem. Com aquelas geringonças no focinho, ficavam ainda mais feios; o pêlo cinzento-escuro muito diferente da pelagem branca e castanha do nosso *beagle*. Nesse momento, Niki aproximou-se de Ben e de Bill e começou a cheirá-los suavemente, o seu focinho delicado vasculhando o chão em torno dos mastins.

«Ora aí está», disse Noah do alto dos seus quase dois metros, os ombros larguíssimos a esticarem uma *T-shirt* antiga, a parte visível do peito coberta de pêlos brancos e pintas vermelhas do sol. E o assunto parecia ter morrido, as pazes feitas, quando um dos mastins começou novamente a ladrar. Niki respondeu com um salto atrás, assustada, e, de repente, o inferno instalou-se na cozinha, com Noah lutando por conter os seus cães enquanto a minha mãe agarrava em Niki e a arrastava para fora da cozinha, indo fechá-la na garagem. Os americanos foram-se embora com os dois mastins num pico de raiva assustador, aparentemente prontos a esfacular a nossa Niki e comê-la ali mesmo, à nossa frente.

«Malditos americanos», disse o meu pai quando fechou a porta da cozinha.

Receei que aquilo fosse um péssimo sinal. Que, por causa da luta nocturna dos animais (e de nova desfeita matinal), Noah e Leah proibissem as filhas de conviver connosco, uma vez que os respectivos cães, aparentemente, se detestavam.

Desde que eu saía à noite com Laura, deixara de observar a moradia dos Walsh do meu lugar preferido na açoteia. Por um lado, não fazia sentido — eu e Laura tínhamos chegado a

uma intimidade com que eu apenas sonhara; por outro, sabia que ela me tinha visto e envergonhava-me de ter estado ali, em calções e tronco nu, encostado à parede morna, a observar um triângulo de piscina enquanto esperava que ela aparecesse. Mas, nessa tarde, tornei a subir à açoteia. Era um dia ventoso, atípico do mês de Agosto, e as águas da piscina dos Walsh agitavam-se como um mar picado. Não havia ninguém em volta da piscina. Sentei-me no lugar do costume e, pela primeira vez nesse Verão, senti-me verdadeiramente triste. Tinham-se passado dois dias desde aquela noite no telhado de chaminés mouriscas e, desde então, não mais ouvira falar de Laura. Faltava-me coragem para lhe ir bater à porta. Na tarde anterior, na Praia dos Carneirinhos, a família Walsh pontificara pela ausência.

Tendo experienciado o arrebatamento da paixão, era agora impossível para mim dormir em paz, comer, descansar ou distrair-me daquele sentimento tão poderoso, que parecia engolir tudo o resto. Sem saber como, o objecto da minha paixão desaparecera, sendo substituído por uma luta inglória entre três cães. Esperei durante uma hora, talvez mais. A certa altura, quando o tempo abriu, Laura apareceu em *topless*, o que me deixou num estado de excitação que se misturava com a vontade de a esconder dos olhares indiscretos (eu, portanto). Praticamente deitado no chão da açoteia, como um soldado a rastejar pela vida ao entrar no espaço do inimigo, observei-lhe o corpo perfeito, dourado. Depois, para meu enorme choque, vi que não estava sozinha. Matthew Pinkus surgiu na nesga de piscina que eu conseguia ver. Tinha um tronco imponente, o peito coberto de pêlos escuros, os músculos dos braços salientes.

Laura preparava-se para mergulhar e ele foi sentar-se na beira da piscina, os tornozelos submersos na água azul-turquesa. Pareceu-me que sorriam um para o outro; contudo, àquela distância, podia ser só imaginação minha. Então apareceu Levi, com as suas braçadeiras e o seu ar reguila. Aproximou-se de Laura por trás e empurrou-a para dentro da piscina. Em vez de um mergulho de nadadora, Laura caiu de lado na água, desastrada. Levi riu-se muito e desapareceu de vista; a cabeça de Laura emergiu, o cabelo louro, molhado, a cobrir-lhe o rosto. Cuspiu um pouco de água. Imaginei-lhe os seios nus abaixo da superfície, e essa ideia provocou-me uma erecção dolorosa. Depois nadou devagarinho até junto do *tio Matthew* e repousou os braços, em cruz, sobre as coxas do homem, que usava uns calções pretos demasiado justos. Os seios dela encostados às pernas dele. Como se isto não fosse suficiente, Laura deitou a cabeça em cima dos braços e, sorridente, esticou as pernas e pôs-se a chapinhar com os pés à tona da água. Pinkus, que segurava uma garrafa de cerveja na mão direita, bebeu um longo gole ao mesmo tempo que o sol lhe batia de chapa no rosto de maxilares largos, o cabelo castanho, salpicado de branco, puxado atrás. Era, sem dúvida, um homem atraente, embora com idade para ser pai de Laura e de Levi; ela parecia completamente confortável naquela posição, repousando o seu corpo incrivelmente desejável no colo do sócio do pai.

Perdi a erecção. Entrei em casa e passei o resto da tarde e da noite no quarto, recusando-me a descer para o jantar. Queria que Niki fosse um cão em vez de uma cadela, que tivéssemos uma matilha de cães raivosos para soltar no relvado dos Walsh e que um deles devorasse os olhos de Matthew Pinkus durante a noite. Encontrei refúgio no meu

walkman. Ouvi incontáveis vezes *The Power of Love*, de Huey Lewis, e *Against All Odds*, de Phil Collins, e várias canções dos Marillion e dos Dire Straits. Adormeci com a cama coberta de cassetes por rebobinar. Quando a noite chegou, a minha mãe bateu à porta do quarto e entrou com um copo de leite e bolachas.

«Tens fome?», perguntou-me.

«Não», respondi, decidido a fazer jejum.

A mãe pousou o copo e o prato na mesa-de-cabeceira e sentou-se na cama da minha irmã. O quarto era pequeno e abafado e a janela dava para as traseiras, onde havia uma máquina de lavar e um estendal; o quarto cheirava sempre a uma mistura peculiar de detergente e alfarrobas.

«Então, como vão as coisas?», perguntou ela, tentando iniciar uma conversa que não me apetecia ter.

«Está tudo incrível», respondi. «O melhor Verão de sempre.»

«A tua irmã foi sair», disse a minha mãe.

«Com quem?»

«Com os filhos do Maria», respondeu ela.

A noite plantara-se no mundo, uma noite triste do Verão de 1987, que já ultrapassara o pico e iniciava o trajecto descendente; entrávamos, lentamente, na decadência das noites de calor, em direcção a um Outono que, brevemente, chegaria. Cedo regressaríamos a Lisboa, e eu às aulas, à vida quotidiana, à melancolia dos dias de chuva.

«Porque não convidas a tua amiga para sair?», perguntou a minha mãe.

Encolhi os ombros e voltei-me ao contrário na cama. Olhei a parede branca. Pensei no que podia dizer-lhe que escondesse a minha desilusão, mas a única coisa que me saiu foi:

«Detesto os americanos.»

«O teu pai também», disse ela. «Tudo por causa do golfe, coitado.»

«Têm a mania que são especiais.»

«Achei que gostavas da Laura.»

Tornei a voltar-me na cama e alcancei uma das bolachas. Não tinha fome, mas morde-a na mesma, porque, se não o fizesse, a próxima visita seria da minha avó.

«É-me indiferente», menti.

«Que estranho», disse ela, «julgava que era precisamente o contrário. Via-te tão feliz, tão sonhador. Parecia que andavas nas nuvens.»

«É bonita, mas não temos muita coisa em comum.»

«Nem eu e o teu pai», confessou. «Da primeira vez que o vi, achei-o um perfeito idiota.»

«A sério?»

«Sim. E da segunda e da terceira. Não sabia comer à mesa, contava anedotas sem graça nenhuma, era um trapalhão. Sempre a querer parecer mais inteligente do que era, mais jeitoso, mais atlético. De onde é que achas que vem esta coisa do ténis? Porque é que achas que lhe deu tanto gozo ganhar ao americano?»

«Foi humilhado no golfe», contrapus.

«Claro. E sabes porquê? Porque tem o complexo da inferioridade. E as pessoas que têm este complexo só ficam contentes quando ganham aos outros, quando os humilham.»

«Tens a certeza de que estás a falar do pai?»

«Claro. E também estou a falar do Noah. Eles é que têm muito em comum, embora nem se apercebam. Deviam casar-se. O Noah é apenas a versão americana do teu pai. Mais alto, mais bonito, mais convencido. Menos *português*.»

«Então como é que te conquistou?»

«Quem, o teu pai?»

Magda olhou para o tecto por uns segundos. Parecia estar a pensar com muita força, como se a pergunta não tivesse resposta.

«Conquistou-me porque foi mais teimoso do que os outros», respondeu ela.

Fiquei a pensar naquela conversa durante muito tempo. Depois adormeci, triste e cansado. Acordei a meio da noite com Niki a entrar no nosso quarto, sorrateira, ganindo ligeiramente. Ainda estava ferida do ataque dos mastins e procurava consolo. Ensonado, cheio de remelas nos olhos, afaguei-lhe o focinho e deixei que ela se deitasse aos pés da minha cama, agradecida pelo calor. Olhei para a cama de Júlia, que continuava feita, vazia, e depois tornei a adormecer.

O incidente com os cães escavou um fosso entre as nossas famílias. Sem outra explicação, o meu pai deixou de combinar programas com Noah, e o americano deixou de aparecer à porta de nossa casa para sugerir um jogo de golfe ou de ténis; simultaneamente, o meu pai largou a obsessão das primeiras semanas de férias — agradar e competir com o americano por

quaisquer meios —, e Noah deixou de procurar a companhia do meu pai na Praia dos Carneirinhos, cada família remetendo-se ao seu canto: a nossa à sombra dos chapéus, a deles à sombra da falésia. Limitávamo-nos a ensaiar uns acenos desconfortáveis, a dizer *Bom dia, Como têm passado?* e a procurar refrear a vontade que Niki tinha de arranjar mais problemas com Ben e Bill.

Uma tarde, ao sairmos da praia, perguntei ao meu pai por que razão ele e Noah já não eram amigos, ao que respondeu, com um resmungo, que nunca tinham sido amigos.

«A vida é assim, filho», limitou-se a dizer enquanto ajudava a minha tia-avó, que era a mais gordinha de todos, a não escorregar pela ribanceira abaixo.

Entretanto, eu observava Laura na praia, à distância, sem ter coragem para me aproximar dela ou iniciar uma conversa. Tinham passado cinco dias desde aquela noite nas chaminés mouriscas e eu sentia que cada hora que passava era tempo que se esgotava, que nunca poderia recuperar. Culpava agora a pobre Niki por se ter envolvido numa rixa desnecessária com os mastins. *Estúpida da cadela*. Ao mesmo tempo, sabia que dependia apenas de mim, mas não aguentava o vexame de arrastar o meu corpo escanzelado de adolescente desengonçado pela areia escaldante e ir sentar-me ao lado dela, admitindo a derrota; o contraste da minha fraca figura com os troncos torneados e volumosos dos americanos — tudo isto me deixava aterrorizado e incapaz de desenterrar a cabeça da toalha durante as tardes nos Carneirinhos e armar-me em herói.

Talvez o mais difícil fosse tentar adivinhar por que razão Laura se tornara tão distante; por que motivo deixara ela de me

procurar, de sorrir quando me via, de me dar um beijo no rosto, como sempre fizera desde que nos conhecêramos naquela tarde. A minha única opção era pedir a Júlia que fizesse a ponte entre nós, mas isso era impensável. Eu não seria capaz de suportar a vergonha e, além disso, a minha irmã parecia feliz com as novas amigas, um grupo de portuguesas e espanholas com as quais passava as tardes na praia e as noites na vila.

«Vais ter de ser tu a dar o primeiro passo», sugeriu a minha mãe, em voz baixa, num final de tarde em que, ao sairmos da praia, eu já não conseguia esconder a minha desilusão.

«E se ela não quiser?»

«Já te disse. Tens de ser teimoso.»

Junto do carro, a minha avó sentiu-se mal depois de ter subido a íngreme encosta que era a única saída da praia. Lucília começou a chorar de imediato, gritando que a sua querida irmã ia desta para melhor, obrigando o meu pai a mandá-la calar-se para darmos assistência à senhora. Era apenas uma baixa de tensão, e a minha avó recuperou rapidamente do susto. Ao observar o comportamento de Lucília — o desespero e a ansiedade instalavam-se nela com a rapidez de um *sprint* de Carl Lewis —, compreendi (embora, naquela idade, ainda não o conseguisse expressar) que eu herdara aqueles genes familiares: à nossa família faltava o dom da coragem, o arrojo de enfrentar as situações difíceis em vez de fugirmos delas ou entrarmos em pânico ou desistirmos. Faltava-nos a capacidade de saber encaixar uma derrota e continuar em frente, não deixar que essa nota negativa fosse o fim do caminho. Nesse Verão, o facto de o meu pai ter desistido dos Walsh, misturado com o meu medo de ser

rejeitado a toda a linha, ditaram que, a certa altura, o copo haveria de transbordar da pior maneira.

Ao sexto dia de silêncio, e vendo o mês de Agosto aproximar-se rapidamente do seu fim, acordei determinado a mudar aquela situação. Na casa de banho de ladrilhos azuis, olhei-me ao espelho. Tinha duas novas borbulhas no rosto. Disse para mim próprio que era tudo ou nada. *Tudo ou nada*, repeti, incansavelmente, enquanto tomava um duche, *Tudo ou nada*. Estava uma manhã enevoadas e a temperatura descera bastante; a minha mãe decidiu que, nesse dia, não iríamos à praia, que podíamos perfeitamente passar o dia na piscina. Eu estive a manhã inteira fechado no quarto, a seguir ao duche, a escrever uma carta a Laura Walsh. Era um texto dramático, a puxar ao sentimento, e não me lembro do que escrevi, mas julgo que era uma declaração de amor que combinava autopiedade e raiva; um daqueles arrebatamentos tipicamente adolescentes.

A minha primeira ideia foi deixar-lhe a carta na caixa do correio. Depois concluí que isso era perigoso, uma vez que, se alguém da família Walsh me visse (pior ainda: Matthew ou Artie), queria certamente saber por que motivo deixava eu cartas no correio quando podia, simplesmente, entrar e falar com Laura. Quando a minha mãe me chamou para o almoço, já eu tinha escrito dez ou quinze versões da mesma carta no bloco de papel pautado que o meu pai costumava guardar no escritório. Descontente com o conteúdo e temendo estar a fazer pior do que melhor, vesti-me a preceito — sapatos com berloques, calças de ganga, camisa de manga curta azul-clara —, penteei o cabelo revoltado e, a tremer dos braços e das pernas, saí pela porta das traseiras, determinado a mudar o presente e o futuro.

Dei duas ou três voltas ao quarteirão antes de conseguir ir a casa dos Walsh. Estou certo de que os meus pais me viram, da mesa do almoço — comíamos sempre ao ar livre, no alpendre, ao lado da piscina —, a passar várias vezes pela rua vestido como se fosse a um baptizado e que a minha irmã se riu da minha figura hesitante; que a minha tia-avó comentou que eu parecia maluquinho; que a minha avó afirmou que eu estava a ficar igual ao meu avô; que o meu pai abanou a cabeça, consumido pela sua própria derrota; que a minha mãe, secretamente, desejou que eu tivesse coragem.

Suado e nervoso, toquei à campainha dos Walsh. A casa estava estranhamente silenciosa. Passou muito tempo até eu ouvir os passos de alguém a descer a rampa da garagem. Depois, o portão verde abriu-se. Era Artie.

«Olá», disse eu, contente por ser o miúdo a abrir a porta. «A Laura está?»

Artie ficou a olhar-me inquisidoramente. Era, de facto, um espécime raro: o cabelo ruivo muito despenteado denunciava que tinha estado a dormir, mas, na realidade, parecia que acabava de regressar de outro mundo. Tive de fazer a pergunta uma segunda vez para ele reagir.

«Vou chamar o meu pai», respondeu.

Não, pensei, de imediato, *não faças isso*. Mas Artie já subira a rampa, desajeitado, os pés virados para fora, as pernas demasiado longas e fininhas, calçado numas havaianas que faziam *clac-clac*. Pouco tempo depois, Matthew Pinkus apareceu na rampa. Ao ver-me, acenou discretamente e convidou-me a entrar. Contrariado, subi a rampa e entrei na casa. À luz do dia, sem convidados, era ainda maior do que parecia. Os grandes sofás, os enormes vasos, o maior televisor

que eu algum dia vira. A imensidão azul da piscina. Apesar do dia tristonho, a casa parecia irradiar a sua própria luz. Pinkus cumprimentou-me. Tinha os olhos avermelhados, como se também ele tivesse acabado de acordar. Acercou-se do móvel que sustentava o bar, equipado com dezenas de garrafas, e serviu-se de um copo de *whisky*. Estaria embriagado?, pensei. A casa parecia vazia, o silêncio era enorme. Nem sinal dos Walsh ou dos mastins.

«Foram todos num passeio de barco», explicou Matthew, e sentou-se num dos sofás, acendendo um cigarro. «O Artie não é grande adepto do mar.» Olhou para o filho, que estava de pé, junto da parede de vidro, de mãos enfiadas nos bolsos dos calções, as costas ligeiramente curvadas. «Não é verdade, Artie?»

O miúdo abanou a cabeça afirmativamente.

«Ficas enjoado com as ondas, certo?»

Artie repetiu o gesto.

Matthew olhou para o copo que tinha na mão.

«Desculpa, não te ofereci nada. Queres um?»

Recusei com um aceno. O homem fez sinal para que me sentasse no sofá. Eu queria ir-me embora, mas não sabia como. Sem vontade, sentei-me na ponta do sofá oposta à dele e cruzei os braços sobre o tronco magrinho.

«O que é isso que tens a sair do bolso?», perguntou ele.

Fiquei imediatamente coberto de vergonha. Era uma flor, uma rosa vermelha que colhiera durante as três voltas que dera ao quarteirão, arrancando-a sorrateiramente do quintal da D. Olga, a vizinha das traseiras.

«Nada», respondi, e esmaguei a rosa na palma da mão, enfiando-a dentro do bolso. Entretanto, Artie desaparecera, mudo como sempre. Matthew deixara crescer a barba, que era uma espécie de tapete perfeitamente grisalho estendido sobre o seu rosto esculpido. Tinha o cabelo puxado para trás e, com físico de nadador, parecia um modelo de anúncios. Era fácil perceber a atracção que Laura sentiria por ele, ainda que ele tivesse — ou assim calculava eu — o triplo da sua idade.

«Ah, o amor da juventude», gozou. Parecia estar a fazer pouco da minha situação. «Também tive as minhas paixonetas de Verão. Cresci na Carolina do Sul, portanto, passava os Verões em Myrtle Beach. Havia uma roda gigante, uns quantos casinos. Hotéis enormes voltados para o mar. Às vezes, durante duas semanas, aparecia uma Feira Popular na cidade e eu e os outros miúdos juntávamos moedas e íamos jogar ao tiro e comer algodão doce.»

«Também temos uma Feira Popular em Lisboa», disse eu.

«A minha primeira paixão foi por uma rapariga índia», continuou ele, ignorando-me. Bebeu um gole de *whisky*. «Trabalhava na feira, ajudava o pai na Casa dos Horrores. Conheci-a num desses Verões, devia ter a tua idade, ou coisa parecida.» Deu uma passa no cigarro e, fechando ligeiramente o olho esquerdo por causa do fumo, confessou: «A quantidade de punhetas que eu bati à conta dessa miúda, nem te conto...»

Comecei a corar, como se tivesse sido eu o autor da confissão.

«Uma vez, fui à feira só com o intuito de a convidar para sair», continuou. «Assim que cheguei à Casa dos Horrores, o pai dela apareceu. Disse-me que me deixava sair com a filha se eu, em troca, andasse com um daqueles cartazes de corpo

inteiro pela cidade, a anunciar a sua diversão. E eu, que ainda acreditava nessas parvoíces do amor, submeti-me àquela provação. Fiquei conhecido em Myrtle Beach como o *rapaz do cartaz*.»

«Acho que tenho de me ir embora», avancei e soergui-me.

«Já vais?», perguntou ele, arrastando ligeiramente a voz. «Ainda agora começámos a conversar.» Fez-me sinal para que me sentasse, e eu obedeci. «De que é que queres falar, então? Escolhe tu o tema. Espera, deixa-me adivinhar. As irmãs Walsh. É um bom tema, não achas?»

Reflecti durante um segundo.

«Desculpe, mas vou-me embora», tornei a dizer.

«Deixa-me adivinhar outra vez, miúdo. Essa rosa que tens no bolso é para a Laura.» Matthew começou a rir-se. «Não precisas de responder. É tão óbvio que até um ceguinho te topava.»

Levantei-me e, sem jeito, caminhei na direcção da porta.

«Ainda não acabei a minha história», disse ele. «Com a miúda índia.»

Estaquei antes de chegar ao corredor. Voltei-me para Matthew e, de repente, a ilusão de que ele parecia um modelo de anúncios ou o protótipo de um nadador — alguém a roçar a perfeição — estilhaçou-se: o tipo que ali estava era um homem prematuramente grisalho, com rugas e pés-de-galinha, um sorriso trocista e cruel, que se embriagava a meio do dia e pouco ligava ao filho alheado que falava por monossílabos.

«Usei o cartaz durante algumas semanas», prosseguiu. «O pai dela disse-me: Volta cá no dia X, que eu deixo-a sair

contigo. Fiz o que me pediu. Quando voltei, no dia combinado, a Casa dos Horrores acabara de fechar e tinham mudado a diversão para outra cidade. Chorei a noite toda. Não apenas pela miúda, mas porque sabia que estragara a minha reputação para sempre naquele lugar de veraneio. Eu ia ser o *rapaz do cartaz* para o resto da vida.»

Não percebi onde ele queria chegar com aquela história e, por isso, acenei-lhe e voltei costas.

«Eu digo à Laura que tu passaste por cá», rematou Pinkus.

Nessa noite, a seguir ao jantar, fui ajudar o meu pai a limpar a garagem. O ritual repetia-se todos os anos: na semana anterior à nossa despedida do Lagoeiro, eu e ele fechávamos-nos durante umas quantas horas na garagem e arrumávamos tudo aquilo que, durante as três ou quatro semanas anteriores, tinha sido posto fora do sítio.

«Anda lá», disse-me quando terminámos a refeição. «Vai fazer-te bem, sempre te distraís um bocado.»

Não especificou porque é que eu precisava de me distrair, mas, por aqueles dias, em nossa casa, havia o sentimento generalizado de que eu atravessava o deserto do final do primeiro amor, e até a minha avó (quase sempre seca e sarcástica) se ofereceu para me descascar a fruta, juntando-lhe uma bola de gelado de baunilha.

«Era assim que o teu avô gostava», disse ela. Levei o prato para a garagem e fui comendo os pedaços de pêra enquanto o meu pai começava a organizar a trabalhadeira que se seguia.

Esvaziámos colchões que já não íamos usar, limpámos os equipamentos de caça submarina do sal e da areia, dobrámos dezenas de toalhas coloridas e arrumámo-las nos armários,

pusemos as correntes das bicicletas no lugar, guardámos os equipamentos de golfe e de pesca, as raquetes de ténis. Aquele era um ritual do meu pai que eu não entendia. Ainda faltava uma semana para deixarmos a casa e, no entanto, insistia em arrumar a garagem com sete dias de antecedência. Como se o processo de despedida das férias de Verão fosse mais fácil para ele daquela maneira, pondo todas as coisas no seu lugar e passando os últimos dias a evitar desarrumar o que quer que fosse, para que a tristeza não se instalasse toda de uma só vez e pudéssemos fazer o luto com tranquilidade.

Estávamos a esvaziar os pneus da bicicleta da Júlia (que ela quase não usara) quando a minha mãe veio chamar-me.

«A Laura está ali à porta», disse numa voz muito calma.

O meu pai nem me olhou, as mãos sujas em torno do pipo.

«Vai», disse ele. «Desampara-me a loja.»

Encontrei-a de cabelo molhado, com um vestido branco por cima do fato de banho húmido. Ainda não tinha tomado duche e, provavelmente, passara o dia no mar. Estava junto do portão a fazer festinhas à pobre Niki, que, desde o incidente, não ultrapassava as fronteiras da nossa casa.

«Pobrezinha», disse ela. «Está cheia de medo.»

«Houve uma luta na outra noite», disse eu.

«Eu sei», respondeu Laura, e sorriu-me. Pôs-se de pé e trocámos um beijo no rosto. Cheirava a mar. Tive a sensação de que, em apenas cinco dias, alguma coisa acontecera que me deixara para trás, atolado num lugar doloroso.

Laura seguira em frente e eu ficara para trás.

«Ouvi dizer que andavas à minha procura», disse ela.

«Queres ir dar uma volta?», perguntei. «Estou farto do meu pai, obrigou-me a limpar a garagem outra vez.»

Fechei o portão, deixando Niki deitada, a rosnar baixinho. Começámos a caminhar na direcção da vila.

«Folgo em ver que continuas a vestir-te como um *gentleman*.»

Olhei para a minha roupa. Era a mesma dessa tarde, as calças de ganga e a camisa azul, embora agora estivesse cheio de nódoas do óleo das bicicletas. Encolhi os ombros, sem saber o que responder.

«E então?», perguntou Laura. «O que me querias?»

Pela primeira vez, ela parecia algo frágil. Hesitou antes de fazer a pergunta, olhando para o chão de gravilha.

«Não sei», respondi. «... deixámos de falar, assim de repente.»

«Estava à espera de que tu disseses alguma coisa», respondeu Laura.

«E eu estava à espera de que tu disseses alguma coisa», retorqui, aliviado por ouvir aquelas palavras. Era uma noite morna, dolente. A roupa de Laura secou rapidamente, o cabelo entrançado com sal.

«Foi um dia bom», contou ela. «O meu pai alugou um barco e fomos explorar as grutas. Tudo cheirava a mar, a sargaços. Mergulhámos num lago natural, no meio das rochas... A água é tão fresca aqui no Algarve. E tão salgada», disse ela, mexendo no cabelo. Reparei no seu rosto muito bronzeado, na cor dourada da sua pele, e fui atravessado por uma dor que até então estranhava, a antecipação da perda.

Quando passámos em frente da rua que conduzia ao aldeamento fantasma, foi a minha vez de baixar o rosto.

«A tua irmã já acabou a história que estava a escrever?», perguntei, sem me lembrar de mais nada para dizer.

«Ah! *The Killing of Mother Lamb*», respondeu ela, rindo-se. «Digamos que não chegou assim muito longe. Acabou por ter apenas meia página. Depois da morte da mãe, o pai também morre, uma das irmãs mata a outra, e a irmã que sobra suicida-se.»

«Que horror», comentei.

«A Levi tem uma imaginação algo preocupante», justificou Laura. «Desde miúda que fala da morte como se fosse uma brincadeira. Para ela, não passa de um jogo. A minha irmã não tem uma sensibilidade normal, é diferente das outras pessoas.»

«Porque é que achas que ela é assim?»

Era domingo à noite. A estrada que conduzia ao Lagoeiro estava deserta; tudo o que se ouvia era o som dos nossos passos e o rumor do vento nas copas das árvores; aqui e ali, ao longe, o latido de um cão, o piar de um mocho.

Laura hesitou antes de responder.

«Ser a filha mais nova é tramado», concluiu. «Os meus pais sempre me viram como a criatura perfeita, sem razão para isso. Mas ela era um bebé difícil, queixoso, e depois uma criança teimosa. Foi, sobretudo, uma desilusão para o meu pai, que achava que a Levi seria a segunda parte de mim. Enganou-se.»

«E a tua mãe?»

«A minha mãe sempre foi mais distante. Tem a cabeça nas revistas de decoração, nos *chalets* da Suíça. Nas estâncias de esqui dos Alpes. Caso ainda não tenhas reparado, nós somos meninas do papá. Foi ele que nos educou. A Leah...» Laura chutou o cascalho do caminho. «... a minha mãe só se interessa por alguma coisa se houver dinheiro à mistura. De preferência, muito dinheiro. Como educar duas filhas é uma coisa que lhe *custa* dinheiro, ela tende a evitar essa situação o mais possível.»

Voltámos à esquerda, em direcção à Encosta da Sereia, onde havia um pequeno parque de estacionamento sobre uma escarpa de rochas que desciam em direcção ao oceano, no meio das quais havia um restaurante que, aos fins-de-semana, se transformava em discoteca e cujo barulho incomodava os moradores mais pacatos daquele lado da vila. Descemos até ao parque e, depois, Laura trepou por cima do pequeno muro de pedra que separava o passeio das rochas.

«Anda», chamou ela.

«Não é muito seguro», respondi. «Já morreram pessoas aqui à noite.»

«Quando?» Riu-se.

«Sei lá. Há alguns anos.»

Do outro lado do muro, Laura puxou-me pela camisa.

«Foi isso que a tua mãe te contou para te manter em casa?»

Passei por cima do muro e começámos a caminhar pelas rochas.

«Tem cuidado com as pedras soltas», sugeri.

Laura olhou-me, divertida, e riu-se.

«És incrível, tu», disse ela. Deu-me o braço. Parecíamos dois velhos; um casal idoso que, ao fim de muitos anos de casamento, apreciava os passeios nocturnos, mas, de vez em quando, ousava tentar alguma coisa mais arriscada.

Lá em baixo, à nossa direita, viam-se as luzes intermitentes do Restaurante Sereia, as mesas escassamente iluminadas, embora eu suspeitasse de que, ao domingo, tivessem poucos clientes. De resto, escuridão; era noite de Lua Nova e, quanto mais nos afastávamos dos candeeiros de iluminação pública, menos eu conseguia ver o rosto de Laura e mais alto e ameaçador parecia o som das ondas que batiam na rocha com a violência do Atlântico.

«Que estrondo», comentou ela. «Na América, o mar é diferente.»

«É o mesmo oceano.»

«Mas aqui é como se a água quisesse furar a terra.»

Sentámo-nos numa rocha. À distância, a linha do horizonte era indistinguível da escuridão do mar. Caímos em silêncio. Fechei os olhos e desejei secretamente nunca esquecer aquele momento, manter aquela recordação viva para sempre. Foi então que Laura encostou a cabeça ao meu ombro.

«Eu disse-te que íamos estragar uma bela amizade.»

Fiquei calado, sem saber o que responder.

«Tinha medo de ir falar contigo», confessei.

«Eu também.»

«Não acredito em ti.»

Ela desencostou a cabeça.

«Porquê?»

«Porque tu não és o género de pessoa que tem medo.»

Laura suspirou e tornou a encostar a cabeça.

«Toda a gente tem medo. Até as pessoas que parecem não ter medo de nada, essas são as que têm medo do próprio medo.» O cabelo dela roçou no meu rosto. «Devias ter vindo falar comigo. Não teríamos perdido tanto tempo.»

«Foi nisso que pensei. Que estava a perder tempo, que nunca mais o poderia recuperar.»

«E teríamos esclarecido as coisas.»

«Esclarecido?»

«Sim», murmurou ela. «Teríamos assumido, desde logo, que isto que podia ter acontecido entre nós é impossível, é uma ilusão. Uma ideia bonita, mas que não tem futuro.»

As palavras dela magoaram-me tanto que quase comecei a chorar ali mesmo. Uma espécie de raiva substituiu a dor que vinha sentindo — se é que a raiva não era precisamente isso: uma enorme dor, disfarçada da vontade de destruir o mundo.

«Eu vi-te com o Matthew», ripostei, sem saber o que dizia. «Foi por isso que não fui ter contigo mais cedo.»

Laura remexeu-se na rocha e abraçou os joelhos.

«Com o Matthew?»

«Na piscina. Tu estavas quase nua e abraçaste-te a ele.»

Demorou uns segundos até Laura começar a rir.

«Oh, Pedro! O tio Matthew é precisamente isso: uma espécie de *tio*, que eu conheço desde que nasci.»

«Eu também tenho tias e não me abraço a elas todo nu.»

Laura levou as mãos ao rosto, como se não pudesse acreditar nas coisas que eu lhe estava a dizer.

«Eu sabia que isto ia acontecer», afirmou. «Por isso é que não queria que se passasse nada entre nós. Tu és um miúdo muito giro e bastante inteligente, mas a vida americana é completamente diferente da vida aqui. Nós não vivemos com os nossos pais até aos trinta anos. Vamos para longe das nossas famílias muito cedo; aos dezoito, a maioria dos adolescentes americanos vai estudar para uma faculdade a milhares de quilómetros de casa. Na grande maioria dos casos, nunca mais regressam à cidade onde nasceram. Emancipamo-nos muito mais cedo do que vocês, com tudo o que isso tem de bom e de mau.»

«O que é que isso tem a ver?», perguntei, irritado.

Laura fez uma longa pausa antes de responder. Com a mão esquerda, remexia na terra e nas pedrinhas.

«Para mim, o que aconteceu naquele terraço, contigo, não é nada de especial», explicou ela. «Não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. Entendes?»

Abracei as pernas dobradas e olhei para o chão.

«Entendo», respondi.

«É como estar na piscina em *topless*... e não *nua*, como tu disseste... enquanto os meus pais estão fora e abraçar o tio Matthew com as mamas de fora. É uma coisa normal. *No pasa nada*.»

«Está bem», respondi. «Podemos ir embora, por favor?»

Laura suspirou novamente. A força das vagas contra a parede de rocha era avassaladora. Eu sentia-me tão derrotado que só queria levantar-me e desatar a correr, embora não soubesse para que lado: se para casa, se pela escarpa abaixo, desfazendo-me em pedaços antes de chegar ao mar bravo.

«Não queria que disséssemos adeus desta maneira», afirmou Laura, triste.

Eram os últimos dias, e arrependi-me da minha impetuosidade.

«E se eu for muito chato?», perguntei.

«Chato?»

«Sim, se eu for muito insistente. Se continuarmos a falar, mesmo quando tu tiveres regressado aos Estados Unidos.»

Laura riu-se, os dentes brancos cortando a escuridão.

«Estás a sugerir o quê? Escrevermos cartas um ao outro?»

«Porque não?», concordei, subitamente esperançado.

Laura pensou durante um momento e depois estendeu-me a mão.

«Combinado», concordou. «Seremos *pen pals*.»

Eu nunca tinha ouvido aquela expressão, mas Laura explicou-me rapidamente o que significava. Depois, lembrando-me dessa tarde, enfiei a mão no bolso das calças e encontrei a rosa desfeita, esmagada. Tirei-a do bolso e, discretamente, deixei-a em cima da rocha. Regressámos a casa mais animados (eu, pelo menos, abandonara momentaneamente a neurose), voltando também ao registo de provocação e sarcasmo que pontuava as nossas conversas.

Eram dez da noite quando nos aproximámos da casa dos Walsh e avistámos o carro da GNR estacionado à porta. Laura, preocupada, correu para Noah, que conversava atabalhoadamente com um polícia que falava inglês com dificuldade.

«O que aconteceu?», perguntou Laura, mas Noah ergueu a mão direita para que ela se calasse e ele fosse capaz de comunicar com o polícia. Quando me viu, chamou-me.

«Anda cá», gritou. Aproximei-me. «Explica lá a este tipo que a Levi e o Artie desapareceram», pediu Noah, pegando-me no braço direito com demasiada força. Olhei para o rosto confuso do polícia e fiz uma descrição sucinta dos miúdos desaparecidos, e as respectivas idades.

«Quando é que isso aconteceu?», perguntou o GNR, de mãos na cintura.

Noah compreendeu a pergunta.

«Agora», disse ele. «A seguir ao jantar. Não estão em parte nenhuma, nem em casa nem no jardim.»

«Acha que podem ter ido dar um passeio?», perguntou o polícia.

Nesse momento, apareceu Matthew, que aparentava estar bastante embriagado, acompanhado de Leah. Traduzi a pergunta do GNR para inglês.

«Passeio? Que passeio? Isto é uma rua de asfalto, aqui só há casas. Para onde é que uma miúda de seis anos ia passear a esta hora?»

A confusão instalou-se rapidamente, com Noah a barafustar com o polícia enquanto Laura e Leah procuravam

acalmá-lo e Matthew, despenteado, a camisa aberta por cima do tronco nu (parecia acabado de sair de uma festa de arromba), perguntava pelo filho. Segundo Leah, a seguir ao jantar, por volta da hora a que Laura foi bater à nossa porta, Levi e Artie estavam sentados na rede e Matthew adormecera numa das espreguiçadeiras da piscina. Quando Pinkus despertou, nenhum dos miúdos ali estava — nem em parte nenhuma. Noah foi dar a volta ao quarteirão com os mastins e não os encontrou.

Pedi-me que fosse a minha casa perguntar aos meus pais se os tinham visto. Pus-me a caminho, quase a correr. Encontrei o meu pai ainda na garagem, a separar os três baralhos de cartas que usávamos para jogar *king* e bisca lambida a seguir ao jantar; a minha mãe estava no alpendre, a ler uma revista, enquanto a minha avó e a minha tia-avó dormitavam sentadas. Eu devia parecer muito afogueado, porque a minha mãe me perguntou logo se me sentia bem. A minha avó, por sua vez, quis saber se eu tinha bebido. Disseram que não sabiam nada dos miúdos desaparecidos, que a rua estivera perfeitamente tranquila. Saí de casa a correr e descí até à moradia dos Walsh. Foi então que, enquanto o polícia já anotava a ocorrência e se preparava para chamar reforços com o *walkie talkie*, vimos um grupo a subir a ladeira que dava acesso às casas. No meio do grupo estava Júlia, com um vestido branco que realçava a sua pele morena do sol, acompanhada de três amigas — uma espanhola deslumbrante e duas portuguesas. Atrás delas, como num séquito, vinham Levi e Artie: ela, agarrada à sua boneca com o mesmo vigor com que a minha avó transportava a carteira de praia; Artie ligeiramente atrás de todos os outros, arrastando lentamente os pés pela estrada de gravilha.

«Olha quem nós encontrámos, idiota», gritou-me Júlia ao ver-me parado no passeio. Mas, depois, o carro da Polícia tornou-se visível e Júlia abrandou o passo.

«São eles?», perguntou o polícia num inglês deficiente.

«São», respondeu Noah.

Assim que o grupo se juntou a nós, a minha irmã e as amigas dispersaram, depois de Júlia explicar que os tinham encontrado na estrada, a caminhar na direcção da vila. Artie seguia atrás de Levi, que parecia determinada a chegar a qualquer lado. Agora, ali, de regresso a casa, os dois pareciam alheados da preocupação dos demais. Assim que o polícia desapareceu no carro da GNR, Matthew foi o primeiro a intervir. Avançou dois passos, agarrou Artie por uma orelha e arrastou-o para dentro de casa, o miúdo a soltar gemidos de incompreensão enquanto o Pinkus mais velho, embriagado, lhe ralhava por ter desaparecido daquela maneira. Quanto a Levi, não houve nenhuma cena ali, mas a maneira como Noah a observava era assustadora.

«Vai para o teu quarto», murmurou Noah, entredentes, tentando mascarar a raiva.

Levi ficou parada na estrada, a olhá-lo. Foram segundos de uma tensão insuportável, e achei que Noah castigaria a filha com a fúria dos deuses, invocando um raio que lhe cairia em cima da cabeça. A sua ira era quase palpável; as mãos fechadas em punho, os músculos do largo pescoço bronzeado retesados. Nessa altura, Leah interveio e, pegando na mão de Levi, levou-a para dentro de casa. Já então, nesses dias, a estranha relação de Noah com a filha mais nova era evidente, marcada por uma invulgar intensidade; mas eu era demasiado novo para me dar conta e vi nele apenas um pai furioso.

Laura disse aos pais que já voltava e foi comigo até ao portão de minha casa. Niki veio receber-nos. Laura ajoelhou-se para afagar o bicho, que devia sofrer da mesma nostalgia que atacava o meu pai antes das férias; ou que, então, ainda não recuperara da luta com os mastins.

«Vou buscar o livro para te devolver», disse eu a Laura.

Ela hesitou um momento e, depois, pegou-me no braço.

«Não. Fica com ele», decidiu.

«Tens a certeza?»

«Tenho. Fica bem entregue. Um dia, ainda hás-de escrever alguma coisa tão boa como *A Traição de Mabeline C.* Tenho a certeza.»

Eu nunca lhe tinha dito que queria escrever nem que o meu sonho era tornar-me escritor. Na verdade, só mais tarde descobriria esse desejo plenamente formado. Talvez as palavras de Laura, naquela noite, tivessem ajudado a regar essa semente — que, muitos anos depois, me levaria a Nova Iorque e me enredaria no caso do homicídio de Noah; como se tudo aquilo fizesse parte de um plano previamente estabelecido. Nessa noite do final de Agosto, porém, tudo em que eu conseguia pensar era em Laura. E talvez tudo o que veio depois tivesse realmente começado ali, no momento em que ela me abraçou com uma força inaudita — como alguém se agarra a uma rocha para não cair de uma falésia —, apertando-me e encostando o corpo ao meu, tentando (ou assim me pareceu) gravar-se em mim, inscrever-se na minha frágil figura para sempre. Eu, por meu turno, tentei guardar na memória o seu cheiro, a suavidade do seu toque, a firmeza do seu corpo, o aroma e a textura do seu cabelo salgado no meu rosto.

Mas nada se fixava, tudo parecia perdido de antemão.

Uns dias depois, quando a família Walsh partiu, Niki apareceu em casa com a boneca de Levi na boca. Foi o que nos restou dos americanos. Quanto a Laura, chorei prolongadamente a sua ausência. Chorava também por descobrir que a memória era uma coisa tão frágil; por, pouco tempo passado, já não me conseguir lembrar do seu cheiro nem do seu toque nem, tampouco, dos traços do seu rosto.

18 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

O carro de Matthew Pinkus tinha sido encontrado por um casal, Ron e Mary Blige, proveniente do Massachusetts, que viajava em direcção a Nova Iorque. Tinham estacionado para descansar umas horas quando, no fundo de uma ravina, avistaram os restos de um automóvel. Chamaram a Polícia e, algumas horas depois, os bombeiros de East Greenbush e uma equipa de Albany resgatavam o carro das profundezas. Porque havia um cadáver no interior, juntou-se-lhes a perícia e o chefe da Polícia de Albany, Douglas Mitchell.

No dia seguinte à chegada de Leah a Chatlam, todos os pormenores já tinham ido parar aos jornais, com honras de primeira página no *The New York Times*: segundo os relatórios dos especialistas, o veículo encontrava-se no fundo da falésia havia cerca de setenta e duas horas; o cadáver, embora carbonizado, tinha sido identificado como Matthew Pinkus pelo filho Artie. O carro pertencia a Matthew, bem como o relógio de pulso, um *Rolex* que sobrevivera, quase intacto, ao incêndio. A hora aproximada da morte foi calculada entre as quatro e as seis da manhã de catorze de Setembro — exactamente a mesma madrugada em que Noah Walsh fora encontrado morto na casa de férias de Chatlam.

Chatlam e East Greenbush distam trinta quilómetros, o que fazia de Matthew um dos suspeitos de envolvimento na morte

do ex-magnata nova-iorquino. Nos tablóides começaram a levantar-se todo o tipo de rumores e teorias da conspiração. A mais repetida tinha origem numa *fonte próxima da família* (que, pensei eu, só podia ser a Sr.^a Mullens), segundo a qual Noah andava de cabeça perdida nas primeiras semanas de Setembro por causa dos negócios; ao confrontar Pinkus, o sócio, este último perdera as estribeiras e assassinara o parceiro, fugindo em seguida, derrapando ao fazer a curva da Estrada 90 e despenhando-se ravina abaixo dentro do seu *Chevrolet* descapotável, o automóvel pegando fogo após uma queda de trinta metros. Esta teoria, avançada pelo *American Star* — que não era propriamente um jornal, mas uma sucessão de mentiras impressas —, não contemplava tudo aquilo que, no caso de Noah Walsh, era inexplicável: a arma do crime na mão de Levi e a sua estranhíssima amnésia a respeito do que acontecera nessa noite.

Mas regressemos à chegada de Leah. Assim que apareceu, quis tomar a rédea aos acontecimentos. Infelizmente para Laura (e para mim), também se instalou na pensão de Winifred. Depois de nos encontrar no café, na altura em que soubemos da morte de Pinkus — Moon, que avançara essa notícia, informou-a do paradeiro de Laura —, regressámos à pensão e Leah alugou um quarto ao lado do nosso; a seguir, invadiu o nosso quarto e, de braços cruzados, os saltos altos a enterrarem-se na carpete, pôs-se a caminhar de um lado para o outro como se estivesse a pensar arduamente na solução imediata de todo aquele imbróglio.

«O que se passa consigo?», perguntou-me ao ver-me sentado no chão, encostado à parede.

«Estou com um problema nas costas», respondi, cheio de dores.

Leah olhou para Laura, revoltada.

«... não sei o que é que ele está aqui a fazer...»

«Mãe, por favor. O Pedro é o meu amigo mais antigo.»

«*Okay*, está bem», concordou a mulher. Na década que entretanto decorrera, mudara de visual e de atitude. A antiga Leah, que eu recordava mais recatada e discreta, era agora uma mulher arrogante e mal-encarada, vestida de *Chanel* e com um peito falso por demais evidente. «Se fazes questão, ele pode ficar.»

«O Lombardi apareceu por aqui», disse Laura.

Leah parou de caminhar e quase rosnou.

«Esse crápula. Disseste-lhe alguma coisa?»

«Não.»

«Fizeste algum acordo com ele?»

«Não.»

«Graças a Deus», disse, bufando. «Provavelmente, a esse aldrabão, cheiraram-lhe os milhões do seguro, e agora quer uma parte para ele.»

«Ele fez referência a isso», avançou Laura.

«Claro que fez», comentou Leah, satisfeita com a sua argúcia. «Falaste com alguém da Great American Insurance?»

«Não», respondeu Laura.

«Ótimo», disse Leah, e recomeçou a picar a carpete com os saltos. «Não fales com ninguém, deixa-me tratar de tudo. Se bem conheço as seguradoras americanas, a primeira coisa que vão fazer é arranjar um advogado e montar um caso contra o teu pai.»

«O seguro pertence-nos. A mim e à Levi.»

Leah pareceu alarmada com aquela afirmação.

«Claro...», disfarçou. «Claro que sim. Eu disse alguma coisa em contrário?»

«Vou usar o dinheiro que for preciso para defender a minha irmã», disse Laura.

Leah veio ajoelhar-se junto de Laura, que estava sentada na beira da cama.

«Minha querida. É essencial... *essencial!*... que a tua irmã seja considerada inocente. Se não for, o seguro nunca pagará um tostão daquilo que vos deve, nem a ti nem a ela.»

«Não me parece que esse seja o principal problema», disse eu.

Leah olhou para mim como se tivesse acabado de me descobrir.

«O quê?», perguntou-me.

«Encontraram o Matthew Pinkus no fundo de uma falésia», respondi. «Ou muito me engano ou os jornais... os tablóides, a televisão, enfim, toda a gente... vão associar uma morte à outra. Quais são as probabilidades de dois sócios de negócios morrerem na mesma noite, em lugares diferentes, mas próximos, se não existir alguma coisa muito séria e grave entre eles?»

Laura voltou-se para trás e olhou-me. Leah segurava as mãos da filha.

«Continuo sem perceber», disse Leah.

«O Lombardi disse que as companhias de seguros têm três motivos para não pagar a compensação financeira. Fraude, suicídio ou actividade criminosa. Se eu fosse advogado da Great American Insurance, começaria de imediato a investigar os negócios do Noah e do Pinkus. A Levi seria a minha última opção.»

Laura trocou um olhar com Leah.

«Acho que o Pedro tem razão», concordou Laura.

«E então? O que é que podemos fazer?», perguntou Leah.

«Que conhecimento tem dos negócios do seu marido?», indaguei.

«Ex-marido, *s'il vous plait!*», corrigiu ela. E repetiu: «Ex-marido.»

Nesse final desse Verão, as borboletas tornaram a invadir a cidade, pela primeira vez em trinta e três anos. Dei pela chegada dos insectos quando, ao fim da tarde, fui buscar *bagels* com queijo-creme e café com leite ao Albatross, enquanto Laura e a mãe punham a conversa em dia. Encontrei o repórter a atravessar a rua principal em direcção ao jornal, no seu fato escuro e sapatos engraxados, enquanto eu atravessava em sentido contrário. Nolasco ia tão distraído, que tive de o puxar por uma manga.

«Oh», disse ele, surpreso por me ver. «É você. O português.»

Ele sorria como se fôssemos velhos amigos. Uma borboleta pousou-lhe em cima do chapéu, e outra ainda veio incomodar-lhe o nariz enorme; Nolasco afastou-a com um piparote.

«O que é que lhe aconteceu?», perguntou, reparando na minha postura de corcunda.

«Caí das escadas», menti. «O que fez não foi muito elegante.»

«A que se refere?», perguntou-me, curioso.

«O relatório de toxicologia da Levi», sugeri, baixinho. «Não demorou muito até chegar às televisões e aos tablóides, pois não, Nolasco?»

O homem franziu o sobrolho enquanto a borboleta, pousada na aba do seu chapéu, agitava as asas sem voar.

«Não está a sugerir que fui eu, pois não?», respondeu ele.

Encontrávamo-nos na curva do passeio, à mercê do calor persistente.

«Além da Laura, só você é que tinha o relatório», insisti. «Ela confiou em si.»

Nolasco tirou o chapéu com ar empertigado.

«Meu caro amigo, eu posso ser um repórter, mas não sou um *deles*.» Apontou na direcção das carrinhas de televisão estacionadas ao longe. «Nunca trairia a confiança de uma fonte nem nunca a entregaria aos lobos dessa maneira.»

«Então, como é que justifica a notícia?»

«Há muitas maneiras diferentes de conseguir informação», respondeu Nolasco. «Grande parte dos tablóides e das cadeias televisivas trabalham com investigadores privados ou são alimentados por polícias corruptos ou outras classes de gente sem escrúpulos.»

«Não me parece que haja muitos desses em Chatlam.»

Nolasco riu-se muito alto.

«Você é mesmo ingênuo, não é?», perguntou. «Este é um caso de proporções nacionais. Chatlam pode parecer-lhe uma vilória, mas está cheia de rixas familiares ancestrais, de segredos e ódios muito antigos. Atrás de cada uma destas portas esconde-se um passado. Agora, por causa da morte do Walsh, as portas vão começar a abrir-se.» Aproximou-se de mim; pude ver-lhe o cinzento dos olhos cansados, as olheiras vincadas. «E isso mete medo a muita gente, portanto, há que arranjar um culpado, e depressa.»

«Está a falar da Levi?»

«Claro que estou. O Estado fará tudo para fechar o caso com celeridade, antes que outros *podres* venham ao de cima.»

Hesitei.

«Então, se não foi você, peço-lhe desculpa.»

Nolasco olhou demoradamente para o chão, como se os nossos sapatos fossem deveras interessantes.

«Gosto de si», disse ele, abanando a cabeça. «*Magellan*. Que grande homem, um dos maiores.» Respirou fundo e disse: «Entretanto, fiz alguma investigação. Não existe historial clínico de insónias por parte do Noah Walsh nem nenhuma receita em seu nome para a droga que aparece no relatório.»

«O *zolpidem*.»

«Sim. Na América, é conhecida por *Ambien*. Mas há uma pessoa ligada à família que toma esses comprimidos com regularidade.»

«Quem?», perguntei.

«Doris Mullens», revelou. «Conhece-a?»

Fiquei surpreso, e devo tê-lo mostrado.

«Não se espante. Os mais velhos são os grandes consumidores de hipnóticos neste país.»

«No meu país também», respondi.

«E então?»

«O quê?»

«Conhece-a? Já falou com ela?»

«Sim, conheço-a», respondi. «Falámos com ela.»

«O que pode dizer-me acerca desse encontro?»

«O que é isto?», perguntei. «*Quid pro quo*, outra vez?»

«Um para si, um para mim.»

«Porque é que não faz o seu trabalho e vai falar com ela?»

«As pessoas com a idade da Sr.^a Mullens não falam com jornalistas», justificou Nolasco.

Fiz um compasso de espera e tentei medir as palavras.

«Ouça, Nolasco. Tudo o que lhe posso dizer é que, na noite anterior ao homicídio, a Levi não dormiu em casa. Foi o que a Doris nos contou. A Laura suspeita de um namorado, de um desconhecido que entrou na vida da irmã e que pode estar metido nisto.»

O repórter voltou a pôr o chapéu. Reparei que olhava para o meu ombro. Esticou o braço e deu um piparote numa borboleta cor de laranja e preta que voou para longe.

«São as monarcas», disse ele. «Acabadas de chegar. É a primeira infestação que temos desde os anos sessenta. São venenosas, sabia?»

«Desconhecia que existiam borboletas venenosas.»

«Enganam-nos facilmente com tanta beleza, não é? Mas, enquanto ainda são larvas, alimentam-se de asclépias, e é nessas plantas venenosas que vão largar os ovos quando já são borboletas. Veneno por cima de veneno.»

Ficámos um momento em silêncio. Perguntei-me se ele já saberia da morte de Pinkus e julguei que ia abordar o assunto, mas Nolasco despediu-se e afastou-se.

Quando usara a palavra *infestação*, não exagerara. Havia borboletas por toda a cidade, esvoaçando pelo ar, pousando em todos os recantos, formando no céu manchas em movimento. Os rumores disseram, mais tarde, que a invasão se concentrara no lago Juniper, que era fértil em asclépias; era quase impossível uma pessoa sentar-se nas margens sem ser imediatamente assolada pelas monarcas, que se metiam nos cabelos, nos cestos de piquenique, nas roupas dos veraneantes. Daí, os insectos tinham migrado até Chatlam, e a pequena cidade foi, durante aqueles dias de Setembro, o refúgio de milhares de insectos em fuga das regiões mais frias do Canadá.

No dia seguinte, enquanto jornais e televisões se concentravam na morte de Matthew Pinkus, ficámos a saber, através do chefe Ditmas, que o gabinete do procurador do Estado de Nova Iorque decidira avançar com a acusação contra Levi Walsh. Embora ela fosse menor — e, se o caso chegasse a julgamento, tivesse de ser julgada no Tribunal de Menores —, os indícios eram suficientemente fortes para mover os advogados do Estado. Ainda por cima, era um caso mediático, que atraía a atenção dos *media* e o resto da *intelligentsia* (muito pouco inteligente) de que era constituída a sociedade civil americana.

«Eu recomendava que arranjassem um advogado rapidamente», disse Bernie. Estávamos em frente da loja de pesca de Springfield; o dono da loja, curioso com a reunião à porta do seu estabelecimento, veio espreitar. Olhou, curioso, para Leah e levou algum tempo a reconhecê-la.

«Sr.^a Walsh!», disse Springfield, finalmente. «Meu Deus, como está diferente!»

«Olá, John», respondeu Leah. «Agora sou a Sr.^a Saint-Jacques.»

Springfield pareceu confuso e olhou para Laura.

«Esta manhã lembrei-me de si, menina», disse ele. «Das manhãs em que o seu pai aparecia por cá, na companhia do Lou, para virem buscar linha e anzóis antes de irem pescar no lago. Às vezes, o Noah trazia-a com ele, lembra-se?»

«Lembro-me», respondeu Laura.

«... e a menina gostava tanto da minha loja! Das canas mais pequenas, dos baldes cheios de isco, das redes.»

«Não temos tempo para isto agora», interrompeu Leah.

«Pois sim. Que corra tudo bem», desejou Springfield e, depois de fazer continência ao polícia, tornou a fechar a porta.

Bernie parecia cansado e corria os dedos pelo bigode suado enquanto falava, as suas bochechas rosadas denunciando que passava muito tempo ao ar livre.

«Vou tratar do advogado», confirmou Leah, que desistira do fato vermelho e dos saltos altos e vestira calças de ganga, um *top* preto e ténis. «Entretanto, gostava de ver a minha filha.»

«Isso pode arranjar-se ainda hoje», respondeu Ditmas. «Antes de ela ser transferida.»

«Transferida?» perguntou Laura. «Para onde?»

«Bom», respondeu Ditmas, «assim que o processo der entrada, o Estado vai levá-la para o Centro de Detenção de Menores do Distrito, que fica perto de Albany. Cerca de quarenta e cinco minutos de carro.»

«Não podem levá-la assim, sem mais nem menos», disse Laura.

«De facto, podem», respondeu Ditmas. «A Levi Walsh é agora um assunto da Procuradoria, e eles saberão melhor o que fazer com ela do que nós.»

«A minha filha vai para a prisão?», perguntou Leah num tom de exagerada indignação. «Jamais!»

«A sua filha está detida numa cela há vários dias», argumentou Ditmas. «Oficialmente, já está na prisão.»

«Sem menosprezo para a Polícia de Chatlam, a vossa *esquadrazinha* não é propriamente uma penitenciária, ou é?», refilou Leah. «Todos nos conhecemos há muitos anos, Bernie. Para ela, é praticamente como estar em casa, mas de castigo, sem regalias. Agora, uma *prisão*?» Leah abraçou Laura numa manifestação algo encenada de desespero maternal. «O que vai ser dela?»

«As circunstâncias não serão muito diferentes daqui», tranquilizou-a Bernie. «Não vai estar misturada com os outros detidos. Existe uma ala particular para os que estão presos preventivamente, e terá um tratamento adequado a uma pessoa que ainda não foi formalmente acusada de um crime.»

«E como é a comida nesse lugar, chefe Ditmas?», perguntou Leah.

Bernie hesitou antes de responder.

«Não faço ideia, Sr.^a Walsh.»

«Não me torne a chamar Sr.^a Walsh, por favor.»

«Peço desculpa, é por força do hábito», disse ele.

«*Tant pis!*», disse a mulher.

Bernie olhou para Laura.

«Soubemos que a menina e o seu amigo mexicano foram visitar a Sr.^a Mullens.»

«Ele não é mexicano», respondeu Laura.

«A Sr.^a Mullens ligou-me», revelou Bernie. «Disse-me que se sentiu incomodada, que a menina levantou suspeitas a respeito dela. Isto é verdade?»

«Não. Limitámo-nos a ter uma conversa.»

«Mas acusou-a de alguma coisa?»

«Chefe Ditmas, eu conheço a Sr.^a Mullens desde que nasci», respondeu Laura. «Nunca a acusaria de nada sem ter provas.»

«Peço-vos que deixem o trabalho da Polícia para a Polícia», pediu ele, olhando para mim antes de voltar a pôr o chapéu na cabeça quase careca, sem reparar que nela pousara uma borboleta. Imaginei a borboleta a morrer sufocada.

À tarde, fomos ao café de Merle para um almoço tardio. Pedimos ovos mexidos com *bacon*, um hambúrguer, uma sanduíche de peru. Nenhum de nós tinha fome, e a comida permaneceu em cima da mesa, quase intocada. Laura e Leah

começaram a discutir por causa do advogado — a filha achava que Lombardi era uma excelente opção, já que fora o advogado de Noah durante tantos anos, mas a mãe opunha-se com veemência.

«É um patife», argumentou Leah. «Foi por causa dele e de outros como ele que o teu pai foi à falência várias vezes. Incluindo esta última, quando perdemos o barco, o avião privado e, por fim, o hotel.»

«O que é que achas que aconteceu, mãe?», perguntou Laura. «Primeiro o pai, a seguir o tio Matthew. E a Levi no meio disto tudo. Não faz nenhum sentido.»

Leah acabara de dar uma garfada insípida nos ovos mexidos e ficou a olhar para o tampo de fórmica. O calor começara a desbotar-lhe a maquilhagem, e o rosto parecia estar a esboroar-se lentamente.

«Há quase dois anos que eu não falava com o teu pai», respondeu. «Quando vinha visitar-te a Nova Iorque, evitava-o. Embora ele, por vezes, me telefonasse, eu nunca atendi, nunca.»

«Porquê?»

«O teu pai nunca foi o homem que tu julgavas que ele era.»

«Eu não julgava nada.»

«Tinhas uma imagem dele, com certeza», insistiu Leah. «De um homem forte e protector. Que vos amava acima de tudo. Acima dos negócios, da própria mulher. De si próprio. Dessa parte, eu não duvido. Mas, ao mesmo tempo, o teu pai era um cabrão manipulador, um tipo sem escrúpulos...»

«Não é altura para estas coisas», disse Laura, interrompendo-a.

Leah bateu na mesa com a mão direita, chamando a atenção de Merle. Depois voltou o rosto para a janela. Continuava a ser uma mulher bonita, apesar da idade, do excesso de maquilhagem, do cabelo pintado de um preto demasiado escuro. Uma lágrima aflorou-lhe aos olhos, que ela secou com as costas da mão.

«Mas devia ser», disse Leah com a voz a tremer. «Tu já és uma mulher, sabes tomar conta de ti e deverias saber a verdade das coisas. Mas eu nunca devia ter deixado a tua irmã em Nova Iorque, à mercê das loucuras do pai. Devia tê-la levado comigo para Paris.» Agarrou com força a mão de Laura, que estava visivelmente desconfortável com aquela exibição de sentimentalismo por parte da mãe. «Sabes alguma coisa que eu não saiba? Sobre o teu pai e sobre esta história toda? Conta-me, por favor.»

Durante os minutos seguintes, Laura pôs a mãe ao corrente do que tinha acontecido. Da nossa chegada a Chatlam, do estado da casa, da conversa que tivera com Levi na esquadra da Polícia, do nosso encontro com Doris Mullens.

«O que é que a Levi te contou?», perguntou Leah.

«Muito pouco», disse Laura. «Falar com ela é como falar com alguém que caiu num buraco muito fundo. Disse-me que tem a memória estragada. Que o pai lhe contou que tinha feito coisas terríveis. Fala de uma pessoa... um *ele*... que está à espera dela, mas não me diz quem é. Perguntei à Sr.^a Mullens se viu alguém nos dias anteriores à morte do pai, se a Levi recebeu alguma visita, mas ela não sabia de nada.»

«Quem será esse *ele*?»

«Bom, ela vive oito meses por ano na Grace Willard», respondeu Laura. «Eu passei cinco anos naquela escola, conheço perfeitamente o lugar. Só há raparigas e tutoras; os únicos homens que ali existem são professores, velhos catatónicos, e um reitor do tempo das múmias. Portanto, tem de ser alguém de fora da escola.»

Leah suspirou.

«Embora eu e o teu pai nos tenhamos divorciado, eu achava que sabia tudo o que se passa nas vossas vidas», lamentou-se. «Falei com a tutora Marjorie quando vim aos Estados Unidos, e ela contou-me dos cigarros, do álcool. Das vezes todas em que a Levi desapareceu da escola.» Fixou o olhar em Laura, como se estivesse chocada. «Mas um *homem*? A tua irmã é tão nova!»

«Não foi isso que eu quis dizer», contrapôs Laura. «Quando muito, se calhar, havia um namorado. Mas nem isso é certo.»

Leah cruzou os dedos das mãos, as unhas impecavelmente pintadas de vermelho.

«Estás a protegê-la, eu entendo», disse a mãe. «Mas escusas de tentar defender a tua irmã, eu conheço-a de ginja. É uma rebelde, sempre foi. E todos sabemos como são os primeiros amores. Deixam as pessoas de cabeça perdida. Desvairadas, loucas.»

«Ao contrário dos amores tardios», ironizou Laura, «que fazem com que as pessoas se divorciem, mudem de continente e comecem a vestir-se como se fossem uma capa da *Vogue*.»

«Não sabes o que dizes, tu!», contestou Leah, agitada.

«Achas mesmo que a Levi enlouqueceu?», perguntou Laura. «E logo por causa de um rapaz? E que, por esse motivo, matou o pai?»

«Proíbo-te de meteres palavras dessas na minha boca...»

Estalou uma discussão. Assim que pressenti que não devia ouvir aquela conversa, levantei-me discretamente e fui até ao balcão. Merle, de avental, fumava um cigarro junto da porta dos fundos. Os jornais do dia estavam em cima de uma mesinha. Pela primeira vez em muitos anos, vi uma imagem de Levi. Vinha na capa do *The New York Post*, na edição da tarde, onde a notícia de destaque era o assassinato de Noah Walsh e o corpo de Matthew Pinkus encontrado no fundo da falésia. O título era: *O Triângulo da Morte*. Havia uma fotografia de Noah, em calções, a entrar para um carro desportivo; uma fotografia de Pinkus, sisudo, com o braço sobre os ombros de alguém que ficara fora de plano; e uma fotografia de Levi com o uniforme da escola, o cabelo muito claro cortado pelos ombros, um sorriso delicado no rosto; os mesmos olhos espertos daquele Verão no Lagoeiro.

Pela primeira vez desde que chegara a Chatlam, senti plenamente o impacto do que estava a acontecer. A luz que atravessava as grandes janelas cegou-me por instantes, enquanto a conversa acesa entre mãe e filha se transformava num rumor longínquo; sentei-me ao balcão e abri o jornal na segunda página, onde havia uma fotografia do *Chevrolet* destruído a ser retirado da ravina pelas autoridades. Comecei a ler.

O Triângulo da Morte

Chatlam, 18 de Setembro

Quando as coisas já se apresentavam complexas, eis que o caso de homicídio que envolve a família Walsh, antigos proprietários de um hotel

e alguns restaurantes em Nova Iorque, cujo patriarca foi, em tempos, considerado um magnata das finanças, conhece um novo desenvolvimento. Ao final da tarde de dezasseis de Setembro, o Chevrolet de Matthew Pinkus, sócio de Noah Walsh, foi encontrado no fundo de uma ravina com o corpo do proprietário no interior, quase completamente carbonizado, menos de setenta e duas horas depois do telefonema que despertou a Polícia de Chatlam, às quatro da madrugada do passado dia catorze, e que dava conta do homicídio de Noah Walsh. [...] Após buscas preliminares, a equipa de perícia de Albany apurou que o carro estaria no fundo da falésia desde a madrugada de dia catorze, precisamente a mesma em que Walsh foi encontrado morto no chão do seu escritório, e a arma do crime na mão da sua filha de dezasseis anos, Levi Walsh, que se encontra em prisão preventiva. Há relatórios ainda não confirmados de que a adolescente estava sob o efeito de narcóticos, e uma fonte não oficial disse ao NYP que, na noite do homicídio, houve uma terrível discussão entre pai e filha, os únicos ocupantes da casa de veraneio da família em Chatlam, cujas vozes conseguiam ser ouvidas da estrada [...]

Angustiado, fechei o jornal. Os boatos, os rumores e as «fontes não oficiais» iriam, a partir de agora, encher as páginas dos jornais e os noticiários, até que a opinião pública se virasse contra a família Walsh e, sobretudo, contra Levi. Era a história mais chocante e, ao mesmo tempo, a mais conveniente. Falava de tudo aquilo que a América se preocupava em esconder desde a sua fundação. Ao invés de ser o lugar que acolhia as pobres massas de que falava Emma Lazarus no seu poema, era o país onde praticamente só os brancos gozavam de grande poder económico e prestígio social, prosperando no mundo dos negócios, conquistando lugares privilegiados, colocando os filhos nas melhores escolas privadas, enriquecendo cada vez mais às custas dos desfavorecidos — dos negros, dos latinos, dos asiáticos —, de todos aqueles que apanhavam boleia para o trabalho e, naquele dia de Setembro, liam o *The Post*, ficando desde logo predispostos a detestar aquela jovem de famílias ricas, caprichosa e mal comportada, que a Procuradoria

transformaria num exemplo, ao condená-la severamente para que as *pobres massas* tivessem provas de que os ricos também eram castigados. Nolasco e Lombardi tinham razão. Era preciso agir, e depressa, ou o caso cedo se tornaria numa bola de neve.

Laura, naturalmente, seria também engolida pela avalanche.

A discussão abrandou. Laura ficou em silêncio por um tempo, olhando pela janela para o dia enevado. O calor da semana anterior parecia ter abrandado, mas, lá fora, as monarcas esvoaçavam, descontroladas, de um lado para o outro, perseguindo os transeuntes, pousando nos toldos das lojas, nas varandas dos prédios, rodeando os cabos telefônicos. Leah anunciou que ia começar a tratar do assunto do advogado e saiu do café. Laura, ainda sentada, olhou-me e, cerrando os dentes, disse que precisava de sair dali antes que o instinto prevalecesse sobre a razão. A vontade dela era estrangular a mãe e juntar mais um cadáver ao lote.

«Para onde é que queres ir?»

«Tenho uma ideia», disse ela.

Metemo-nos no carro e atravessámos a cidade enxameada de borboletas. No caminho, parámos perto do lago Juniper.

«Olha», disse ela, apontando.

A infestação começara ali. De onde nos encontrávamos, na berma da Estrada 295, conseguíamos ver a barragem e abarcar a dimensão do lago, meio oculto pela folhagem densa. Não havia qualquer sinal de gente. O terreno de areia onde, habitualmente, os veraneantes estacionavam os carros encontrava-se vazio, pois do centro do lago até às margens

voavam milhares de borboletas, dançando no ar, formando uma espessa cortina de asas inquietas, uma nuvem de criaturas alienígenas.

Regressámos à estrada. Foi então que Laura começou a olhar pelo espelho retrovisor com um ar preocupado.

«Temos companhia», anunciou.

Olhei pelo espelho lateral. Estava sujo de poeira, mas consegui discernir a furgoneta vermelha de Milton atrás de nós, a uma distância de dez ou quinze metros. Era difícil ver com nitidez, mas havia duas pessoas lá dentro, o condutor e alguém no lugar do passageiro. Calculei que fossem Milton e Dan e lembrei-me da dor nas costas. Infelizmente, Laura não estava pelos ajustes e, lentamente, foi tirando o pé do acelerador até parar completamente na berma. Em poucos segundos, a furgoneta alcançou-nos e parou ao nosso lado, o motor a roncar altíssimo. Milton esticou-se por cima de Dan e abriu a janela do lado do passageiro.

«O que é que quer?», perguntou Laura. «Desapareça.»

«Você deve-me dinheiro», grunhiu o velho.

«O quê?»

Milton apontou para a parte de trás da furgoneta.

«Tenho uma moessa no carro que foi feita pelo seu amigo, esse aí», disse ele, apontando. «O arranjo vai custar duzentos dólares. Quem é que me compensa pelo estrago?»

«Que tal o seu neto?», ripostou Laura. «Uma vez que foi ele quem atirou o meu amigo contra a merda da sua carripa?»

«Tem calma», pedi. «Não vale mesmo a pena.»

«Hão-de pagar até ao último cêntimo!», gritou Milton. «Hão-de pagar por tudo o que a sua família me tirou. E espero que a sua irmã apodreça na cadeia!» Cuspiu na direcção do nosso carro e gritou: «Filhos da puta!» Depois, deu meia-volta, os pneus a chiarem no asfalto, e a furgoneta desapareceu na direcção de Chatlam.

Laura e eu seguimos caminho, metendo pela 90 na direcção de Albany. O dia escurecera; o Verão parecia começar a declinar abruptamente naquela parte do Estado de Nova Iorque. De repente, já se podia andar de carro com as janelas abertas, sem o calor medonho e húmido dos dias anteriores a colar-se à nossa pele. Nenhum de nós fez comentários ao encontro com Milton e Dan. Eram dois tristes: o velho tinha a cabeça cheia de ódio, e era impossível dizer o que ia na cabeça do pobre Dan — que, provavelmente, não pensava em coisa nenhuma excepto na falta que o pai lhe fazia ou nas ordens que o avô lhe dava. Ao metermos pela Estrada 90, compreendi o objectivo de Laura e perguntei-lhe se ela achava que era boa ideia continuarmos a interferir nas investigações da Polícia.

«Qual Polícia?», perguntou, os olhos na estrada. «A de Chatlam? Ou a de Albany? Ou preferes confiar nos corruptos da Procuradoria e nos advogados? Que tal nos jornalistas?»

Fiquei sem resposta. Não percebia nada do sistema judicial americano, só o que lera nos livros e vira nas séries de televisão, mas tinha a impressão de que era complexo e cruel; de que a opinião pública tinha enorme influência nas decisões dos júris e dos juízes.

«Esquece», respondi. «Fazemos como quiseres.»

Laura respirou fundo. Tinha o cabelo por lavar, e a brisa que entrava pela janela sacudia-lhe as madeixas loiras e espessas. Os olhos cansados, tão parecidos com os de Noah, eram tão claros que pareciam quase translúcidos.

«Esta é a história da minha família. Para o bem e para o mal, é a história daqueles que me trouxeram a este mundo. Se eu a deixar nas mãos de outros, sou apenas uma testemunha. Entendes?»

«Entendo», respondi enquanto atravessávamos a paisagem monótona: lotes vazios e complexos industriais entrecortados por bosques de pinheiros-bravos. «Há muita coisa por explicar.»

De repente, chegou-me uma memória muito antiga.

«Uma vez, escreveste-me uma carta... Quando é que terá sido? Em 1990, acho. Foi uma das nossas últimas cartas. Antes de passarmos a comunicar através de postais de Natal e depois deixarmos de falar por completo.»

Laura riu-se.

«Não me podes culpar por isso. Tu também desapareceste do mapa.»

«Arranjei uma namorada», justifiquei.

«Eu também arranjei uma namorada», disse ela.

«A sério?»

«Digamos que andava numa altura em que me apeteceu experimentar. Foi o único ano em que estive numa escola pública, depois de sair da Grace Willard, antes de ir para a faculdade. Estava com dezassete anos e tinha passado os

últimos cinco rodeada de raparigas. Sentia-me mais à vontade com elas do que com os rapazes. Daí que, tu sabes...»

Tentei desviar a atenção daquela ideia e regressei à carta.

«Naquela carta, disseste-me uma coisa que nunca me tinhas dito antes.»

«O quê?»

«Que as pessoas com quem vivias não eram as mesmas pessoas com quem tinhas crescido.»

«Eu escrevi isso?», perguntou, afastando os olhos da estrada por um momento.

«Qualquer coisa parecida com isto», garanti. «Tinhas acabado os estudos na Grace Willard e, ao voltares a casa, sentiste que estava tudo diferente. O teu pai, a tua mãe, até mesmo a tua irmã. Que idade teria a Levi nessa altura?»

«Em 1990? Uns nove anos, por aí.»

«Também falavas dela nessa carta. Dizias que a Levi tinha crescido, que já não era uma criança e que já não te imitava. Já não andava sempre atrás de ti. Dizias que ela ganhara vida própria.» Fiz uma pausa. «E que isso te assustava.»

Laura agarrou no volante com mais firmeza.

«Sim. Metia-me medo», acrescentou. «Os meus pais não tratavam a minha irmã como me tratavam a mim. Quando te escrevi que eles não eram as mesmas pessoas, era verdade. Agora lembro-me bem. Quando regressei do colégio, encontrei uma casa arruinada. O meu pai estava sempre fora, em viagem. Quando parava em casa, fechava-se no escritório e não falava com ninguém. A minha mãe tinha-se refugiado num mundo de ilusões: férias na Europa, comprimidos para a

ansiedade. E a Levi transformara-se numa pré-adolescente revoltada, magoada. Era como se eu fosse a cola que mantinha a família unida. Na minha ausência, tudo se desmoronou.»

«Mas, quando dizes que a Levi não foi tratada da mesma maneira, o que queres dizer?»

Com a desenvoltura das mulheres (dos gestos muitas vezes repetidos), Laura pegou num elástico e fez um rabo-de-cavalo enquanto conduzia.

«Quero dizer que cresci num ambiente feliz, de grande abundância», explicou. «Pelo menos, é o que me lembro dos meus primeiros anos de vida. A Levi, pelo contrário, cresceu no meio de uma guerra silenciosa entre os meus pais e de problemas financeiros cada vez mais graves. É verdade que o Noah já tinha estado nas lonas um par de vezes... aquela altura em que vivemos no Bronx, por exemplo, quando o meu pai declarou falência em 1979..., mas ele permanecia sempre confiante, chamava-lhes ‘percalços’, dizia-nos todos os dias, a mim e à minha mãe, que íamos recuperar e que fundaria um império. E tinha razão. Na transição do Jimmy Carter para o Reagan, o meu pai ganhou muito dinheiro. Investiu com cabeça, tornou-se um magnata. A Levi nasceu no mesmo mês em que foi inaugurado o Walsh Hotel, o *ex-libris* da família, em Agosto de 1981. Dez anos depois, o meu pai lutava novamente para se manter à tona. Na altura em que tu e eu trocámos as últimas cartas, foi quando o meu pai começou a perder seriamente o pé aos negócios. E a Levi...»

Fiquei à espera de que ela continuasse. Senti que as palavras lhe saíam com esforço, que lhe era difícil recordar tudo aquilo.

«... a Levi assistiu ao processo de decadência dos meus pais. Cresceu num ambiente de silêncio e de conflito, durante nos anos oitenta. O que tu viste no Algarve era o teatro da família, que já começara a desgastar-se. Lembras-te da história que a Levi escreveu nesse Verão?»

«*The Killing of Mother Lamb*. Claro que me lembro.»

«Ela tinha apenas seis anos», disse Laura. «Agora acho que aquela história era um presságio.»

«Um presságio?»

«Do que podia vir a acontecer um dia. Da decadência, da morte.»

A estrada escurecera ainda mais, toldada pelas nuvens cinzentas que formavam um tecto opressivo sobre South Schodack, a povoação mais próxima. Hesitei antes de fazer a pergunta.

«Acreditas que a tua irmã matou o teu pai?»

Ela permaneceu em silêncio durante algum tempo.

«Acho que não», respondeu. «Mas, caso o tivesse feito, eu não a julgaria.»

A sentença de Laura deixou-me estupefacto, sem conseguir dizer palavra. Não podia sequer imaginar o que acontecera que pudesse justificar que uma rapariga de dezasseis anos esfaqueasse o próprio pai. Mas percebi, pelo longo silêncio que se seguiu, que Laura não queria falar mais do assunto.

Perguntei-lhe como era a namorada que ela tivera no último ano do liceu.

«Chamava-se Gale», respondeu com um sorriso. «Era do Minnesota ou do Wisconsin. Aqueles lugares de céu imenso e

campos cheios de rolos de feno. Tinha o cabelo muito claro, como a palha, muitas sardas, e era assim para o gordinha.»

«Gordinha? A sério?»

«Eu não disse *gorda*. Tinha curvas. Por alguma razão, a boca dela sabia a lareira. Tinha uma pele linda, muito macia. Acho que foi com ela que entendi o encanto das mulheres ou a razão pela qual os homens as perseguem com tanta avidez.» Fez uma pausa. «Tens um cigarro?»

«Não», respondi. «Não sabia que fumavas.»

«E não fumo. Habitualmente. Mas a conversa deu-me vontade.»

Parámos numa bomba de gasolina à beira de estrada e Laura comprou um maço de *Lucky Strike*. Ofereceu-me um cigarro e eu aceitei. Passámos uns minutos dentro do *Ford*, de janelas abertas, a fumar, a ver o fumo ser sugado pelo vento que corria no exterior.

«E tu?», perguntou ela num tom malicioso.

«Queres saber se alguma vez estive com um homem?»

«Sim.»

«Nunca», respondi.

«Tens curiosidade?»

«Não.»

«Nunca foste muito curioso, pois não?»

«Cresci com pais que nunca mudaram. Isso fez de mim um tipo bastante certinho.»

«E agora eu desviei-te do caminho. O que é que a Anne vai achar de tudo isto?»

«Só terá opinião sobre aquilo que eu lhe contar.»

«Gostas dela?»

Demorei a responder, dando passas sôfregas no cigarro. À semelhança daquele que fumara no Lagoeiro, há tantos anos, durante a festa em casa dos Walsh, este também estava a deixar-me maldisposto.

«Isso importa?», perguntei. «É boa miúda. Nunca se atrasa, gosta dos mesmos restaurantes que eu. Fazemos companhia um ao outro; não temos planos nem perspectiva de futuro. O sexo é razoável, embora ela não goste de certas coisas.»

«Que coisas?», apressou-se Laura a perguntar.

Arrependi-me imediatamente de ter dito aquilo.

«Que coisas?», repeti.

Laura apagou o cigarro no cinzeiro do carro.

«De que coisas é que ela não gosta na cama?», tornou ela.

«De sexo oral, por exemplo», respondi.

Laura começou a rir-se.

«Não gosta de fazer ou que tu lhe faças?»

«Nem uma coisa nem outra.»

«Claramente, a tua Anne nunca teve uma namorada.»

«Claramente.»

«Não disseste que ela era judia?»

«Sim.»

«Isso é muito estranho», comentou Laura. «As judias são conhecidas pelo sexo oral como maneira de satisfazer os

seus pretendentes, porque a penetração é proibida até ao *ketubah*.»

Ela tornou a rir-se e acendeu outro cigarro enquanto arrancávamos.

«Só arranjas tipas complicadas», acrescentou enquanto prosseguíamos em direcção à ravina onde o carro de Matthew Pinkus se despenhara.

Agosto de 1986

East Hamptons, Estado de Nova Iorque

Nunca mais me deixes sozinha.

Foi com estas palavras que Laura despertou. Tinha adormecido com a cabeça em cima da mesa de piquenique, a toalha de plástico colara-se-lhe à testa. Estava suada, o cabelo pegado ao rosto, as mãos gordurosas. Mais abaixo, no princípio da duna, a mãe adormecera ao sol, deitada numa toalha amarela sobre a areia. Estava de óculos escuros e com o biquíni preto que Laura a ajudara a escolher no Macy's de Herald Square. Em cima da mesa de plástico, os restos do almoço: um *tupperware* com pernas de frango fritas; um outro com restos de batata-doce e brócolos. Três garrafas de cerveja e uma garrafa de vinho, todas vazias, enterradas na areia.

Era a primeira vez que iam àquela praia. Tinham chegado na noite anterior por insistência de Leah. Durante a maior parte do mês, a mãe declarara em voz alta o enjoo que Chatlam lhe provocava. Era nos Hamptons que estavam as pessoas que interessavam — os nova-iorquinos abastados, as famílias importantes, os banqueiros, os tipos de Wall Street. Era estúpido, se não mesmo contraproducente, passarem o Verão escondidos numa cidade que só atraía veraneantes pouco interessantes e turistas, quando podiam passar a época banhar na companhia dos seus pares. Noah oferecera grande resistência a esta ideia de Leah. *Detesto os Hamptons,*

afirmara, durante um jantar, para grande incómodo da mulher, que fizera uma cena e o acusara de viver abaixo das suas possibilidades. Não tinham lutado a vida inteira para agora, que eram ricos, passarem o mês de Agosto rodeados de campónios e burgessos.

A mãe dormia a sono solto, de costas para o Sol. Eram cinco ou seis da tarde e a pele da mulher estava vermelha, irritada pelo calor. Laura pensou que devia acordá-la; mais tarde, a mãe ia sofrer com a queimadura. Em vez disso, cobriu os olhos com a mão e olhou para ambos os lados, à distância. Viu as casinhas de praia azuis e brancas, as cadeiras na areia, as estacas que simulavam o caminho, os chorões-das-praias, os lírios-das-areias e dois ou três casais que passeavam, de mãos dadas, pelo enfiamento da duna. Mas não viu o pai nem Levi.

Nunca mais me deixes sozinha.

Ao passar pela mãe, reparou que ela dormia de boca aberta, os lábios ainda pintados de vermelho, da mesma cor das unhas; a pele, outrora muito lisa, começava a perder alguma da sua elasticidade, ainda que Leah fosse uma mulher jovem, nos seus trintas, que se casara demasiado cedo. «Nunca me casarei», disse Laura a si própria, sentindo a melancolia daquela tarde invadi-la. Só queria estar em Chatlam, onde conhecia toda a gente. Onde o pai a levaria à geladaria ou a comer uma tarte de maçã no café de Merle. Os Hamptons não lhe agradavam; tudo aquilo não passava de um enorme areal com pessoas muito mais velhas do que ela, quase nenhuma crianças, casas dispersas voltadas para o mar, vento e dunas, finais de tarde tristes e solitários.

Ao descer a duna, Laura viu, primeiro, o mar, de um azul-escuro impenetrável, picado, a linha do horizonte estendendo-

se sob um tecto de nuvens que se aproximara da costa, denunciando uma noite de vagas. Já tinha saudades do lago Juniper, com a sua água fresca e mansa, sem nenhuma daquela volatilidade do Atlântico. Fechou os olhos e imaginou que estava nas suas margens, os barquinhos brancos e azuis (que se podiam alugar numa das esplanadas) deslizando sobre o plano liso e seguro do lago; o som das abelhas, dos mosquitos, dos pássaros; as vozes das famílias, o riso das crianças, as advertências das mães.

Ali, na enorme praia dos Hamptons, quase deserta de gente, o som era o mesmo que o dos seus sonhos mais aterrorizadores, o som de um rumor contínuo e ensurdecedor que engolia tudo o resto.

Foi então que viu o pai, e depois Levi. Primeiro, somente as cabeças à distância — as duas dentro de água, não muito longe da margem. Depois, quando caminhou mais um pouco (os seus pés de treze anos a enterrarem-se na areia), viu as roupas molhadas pela maré que, entretanto, subira: os calções de banho do pai, o pólo cor-de-rosa; e o fato de banho de Levi, às cornucópias coloridas, virado do avesso, como alguém que se despe com muita rapidez ou sem jeito.

Laura sentou-se na areia ao lado das roupas. Observou as cabeças do pai e da irmã, ligeiramente para a sua direita, no sentido das ondas que os iam arrastando para sul. Perguntou-se o que fariam dentro de água àquela hora e por que razão se teriam despido por completo. Já não fazia calor, o céu mudara subitamente de cor e anunciava-se um final de tarde tormentoso, talvez uma chuvada nocturna.

Noah e Levi saíram da água de mãos dadas. Estavam ambos nus. Era a primeira vez que Laura via o pai sem roupa.

Tinha um pénis grande, reparou ela, que pendulava enquanto caminhavam, de mãos dadas, à procura do lugar onde tinham deixado as roupas. Levi era uma menina de cinco anos, branca como a neve, o cabelo ainda mais claro do que a pele.

Nunca nadámos nus, pensou Laura. Sentiu uma estranha inveja da irmã mais nova; não compreendia a relação do pai com Levi. Tinha ciúmes, embora não soubesse o que eram, nunca antes os sentira — ciúmes que, naquela tarde, a fizeram voltar costas e subir a duna a correr, antes que o pai e a irmã, meio perdidos na beira da água, à procura das roupas, a avistassem sentada na areia, quase a chorar.

Setembro de 1998

Estrada 90, Estado de Nova Iorque

«Não», afirmou Laura.

O sol a pique batia-lhe no rosto com a dureza do princípio da tarde. Estávamos encostados ao *Ford*, à porta do lado do pendura, e olhávamos para a ravina.

«Não?»

«Não há hipótese nenhuma de o tio Matthew se ter despenhado nesta curva.»

À distância, as habitações desordenadas de East Greenbush e a comprida chaminé de uma fábrica que largava uma coluna de fumo branco no céu azul, livre de borboletas.

«Porquê?», perguntei. «Lembro-me perfeitamente de que ele costumava beber.»

«Sim, bebia. Mas também era o melhor condutor que algum dia conheci», disse Laura, de braços cruzados. «Quando o meu pai bebia um copo a mais ou quando havia necessidade de fazer viagens mais longas, era sempre ele quem conduzia. Embriagado ou sóbrio, tinha um domínio impecável do carro.»

«Eram quatro da madrugada quando isto aconteceu. Ou mais tarde ainda. Com a idade, as pessoas perdem qualidades. E os acidentes acontecem a toda a gente. Olha o Ayrton Senna.»

«Quem?», perguntou ela.

«Foi um dos melhores pilotos de Fórmula Um do mundo. Espetou-se numa curva, contra um muro.»

Laura descruzou os braços e aproximou-se da ravina. Havia um cordão da Polícia, uma barreira feita com traves de madeira e a habitual fita amarela, indicando que aquele era o cenário de uma investigação em curso. Contornou a barreira e ficou a uns passos do abismo. Depois ajoelhou-se e, num gesto rápido, pegou numa pedra e atirou-a para o vazio. O som da pedra a bater na rocha fez eco ao nosso redor e logo desapareceu, dando lugar ao silêncio daquela curva da Estrada 90. Laura levantou-se.

«Imagina um carro a despenhar-se por aqui abaixo às quatro da madrugada», sugeriu ela. «Se uma pedra faz este barulho...»

«O que é que estás a insinuar?», perguntei, fazendo uma pala com a mão para me proteger do sol.

«Há casas ali ao fundo. Ninguém ouviu nada? Levaram dois dias a encontrar o carro destruído, com o corpo lá dentro? Não percebo.»

Laura contornou a barreira no sentido contrário e veio encostar-se ao *Ford*. Mordia as unhas da mão direita, compenetrada nalgum pensamento.

«A Doris disse que tinha ouvido discussões», lembrei-a. «Que o teu pai discutia com alguém ao telefone, durante a noite, na casa de Chatlam. Imagina que uma das discussões foi ao vivo, que o teu pai e o Pinkus se pegaram. Que o homem saiu de vossa casa furioso, se fez à estrada no descapotável,

provavelmente embriagado, de certeza cheio de raiva, e que , ao chegar a esta curva, perdeu o controlo do automóvel.»

«Claro», ironizou ela. «E, a seguir, a minha irmã desceu do quarto, sonâmbula, e matou o meu pai com uma faca de cozinha.»

«Não estou a dizer que foi isso que aconteceu.»

«Então?»

«Estou a sugerir que o caso é demasiado complexo para poderes tirar conclusões baseadas no que sabias sobre cada um deles.»

«O tio Matthew conhecia estes caminhos como a palma da mão», insistiu. «Nunca se despistaria numa curva destas. Nunca na vida! E quanto à sugestão de uma discussão entre eles... O meu pai e o tio Matthew não faziam outra coisa, era a maneira como se relacionavam, era um conflito constante. Ao mesmo tempo, eram os melhores amigos.»

«Onde é que isso nos deixa?»

Laura abriu a porta do lado do condutor.

«Deixa-nos onde estávamos antes», respondeu ela. «Sem respostas. Com toda a gente a querer crucificar a minha irmã.»

Seguimos para norte, em direcção a Albany e a Troy. A ideia de Laura era ir à escola da irmã — a sua antiga escola — tentar descobrir mais acerca da vida de Levi antes da noite de catorze de Setembro.

«Não era melhor irmos ao campo de férias em Sag Harbor?», perguntei.

Laura abanou a cabeça, concentrada na estrada.

«Quem quer que a afectou daquela maneira já estava na vida dela antes das férias», respondeu Laura. «Temos mais hipóteses se formos directamente à fonte, ou seja, ao lugar onde as coisas podem ter começado.»

De East Greenbush à Grace Willard eram pouco mais de vinte minutos. A estrada passava sobre o rio Hudson, por uma pequena ponte, e prosseguia paralela às águas, transformando-se na 787, que, alguns quilómetros depois, tornava a atravessar o rio para o lado oriental. Passámos junto do grande cemitério de St Joseph e, em seguida, chegámos à escola.

Fundada em 1814, era uma instituição no Estado de Nova Iorque, uma catedral de conservadorismo que oferecia às filhas dos ricos uma educação de prestígio, sem a incómoda presença do sexo oposto para as distrair do seu crescimento físico e intelectual. Embora, nos folhetos de admissão, a filosofia da Grace Willard estivesse definida como *empowerment* — teoricamente, as alunas eram encorajadas a desenvolver-se em todas as áreas da vida, perseguindo as suas paixões e aprendendo a viver em comunidade —, a verdade é que muitas raparigas, assim que abandonavam aqueles portões, procuravam desesperadamente tudo o que ali não havia.

«Sexo, drogas e *rock'n'roll*», disse Laura quando o carro cruzou os portões para o interior da escola.

Era uma instituição em regime de internato, com turmas pequenas e muitas estudantes estrangeiras. Apenas catorze por cento das candidaturas eram aceites e, dado o elevado valor das propinas (acima de cinquenta mil dólares por ano), só uma pequena percentagem das alunas recebia uma bolsa de estudos. Aquele era, acima de tudo, um colégio para raparigas de famílias abastadas, a nata da sociedade americana. O *campus*

era um imenso relvado, o verde-vivo contrastando com a cor monótona dos vários edifícios de pedra cinzenta e chaminés vermelhas, mais um campo de ténis e outro de *lacrosse*.

Laura estacionou o *Ford* perto da entrada do edifício principal. Parecia não haver ninguém por ali, excepto um jardineiro que tratava do relvado fronteiro ao edifício. Laura saiu do carro e atravessámos as portas castanhas.

«Miss Walsh», disse, em voz alta, uma sessentona grisalha sentada atrás de uma secretária. «Oh, é mesmo você?»

«Sou eu, Georgina», respondeu Laura.

As duas abraçaram-se. A mulher olhou-me com curiosidade.

«É o seu namorado?»

«Sim», respondeu Laura.

Georgina pareceu lembrar-se de alguma coisa e, num gesto súbito, tornou a abraçar Laura. O interior do edifício era gelado, como se a pedra secular de que era feito impedisse a entrada do calor.

«Lamento muito tudo o que aconteceu», disse a senhora. «Como está a sua irmã?»

«Nada bem», respondeu Laura. «E vai ficar pior, a menos que encontremos alguma resposta.»

«Presumo que venha falar com a Marjorie», avançou Georgina, e foi até à secretária onde repousava um telefone de disco. Marcou um número e anunciou a presença de Laura Walsh. Fomos conduzidos por um corredor repleto de fotografias de turmas antigas e velhas equipas de *lacrosse*, os rostos bonitos de raparigas americanas das primeiras décadas

do século XX, muitas delas provavelmente já mortas. Ao fundo do corredor, entrámos por uma porta do lado direito.

Uma mulher muito magra, de aspecto nervoso, levantou-se da secretária à qual estava sentada e tirou um lenço do bolso.

«Aqui estão eles, Marjorie», disse Georgina, e retirou-se.

Sentámo-nos em duas cadeiras no pequeno gabinete. A janela alta dava para a praça principal, onde estacionáramos o carro; plátanos de folhas vermelhas decoravam o centro da rotunda. Marjorie, que tinha a compleição de uma pessoa doente, assoou-se com muita força.

«Continua com alergias?», perguntou Laura.

«Este lugar está cada vez pior», queixou-se a tutora. «Ácaros. E aranhas por todo o lado. E carrapatos e carraças.»

Imaginei-a uma solteirona carrancuda e infeliz, que ensinava naquela escola há demasiado tempo. Laura confirmou, mais tarde, que Marjorie era precisamente assim, para além de ser hipocondríaca e cronicamente insatisfeita.

«Lembro-me muito bem de si, Laura», disse ela. «Apesar de não ter sido sua tutora, a Menina Richmond disse-me sempre que foi das jovens mais brilhantes que por aqui passaram.»

«Obrigada», respondeu Laura.

«Infelizmente, os tempos são outros.» Marjorie tornou a assoar-se e foi para junto da janela, olhando para o pátio deserto. «O que a traz até aqui no período de férias?»

Em cima da secretária repousavam dezenas de candidaturas de alunas à escola. Devia ser a altura do ano em que se

tomavam as decisões finais acerca das candidatas que se encontravam em lista de espera. Laura remexeu-se na cadeira.

«Vou ser directa, Miss Marjorie», começou Laura. «Preciso de falar consigo sobre a minha irmã.»

Marjorie desviou o olhar para o chão de madeira.

«Não posso ajudá-la, lamento.»

«Porquê?»

«A única razão pela qual permiti que subisse ao meu gabinete foi porque o seu pai... que Deus o tenha... foi um grande patrono desta escola.»

«Eu sei.»

«Mas a sua irmã é suspeita de um crime.»

Laura riu-se.

«A minha irmã é suspeita de ter assassinado o seu grande patrono», disse Laura. «Não é irónico?»

«Não vejo onde possa estar a graça.»

«Não me diga que acredita que foi a minha irmã que matou o meu pai.»

«Disso, nada sei.»

«Com certeza que sabe da história. Está tudo nos jornais, nas notícias.»

«Sim. Hoje em dia, não há segredos», disse Marjorie, e espirrou. «Mas a política desta escola é não termos opinião sobre assuntos alheios. Desejo que tudo se resolva pelo melhor.» A tutora veio sentar-se à nossa frente. «De resto, em que posso ajudá-la? Acaso terá outra irmã que queira frequentar a nossa instituição?»

«Sabe bem que não», afirmou Laura, que parecia ter ficado irritada. «Deixe-me então reformular a pergunta. O meu pai morreu. E a sua morte está a ser investigada pelo Gabinete do Procurador do Estado de Nova Iorque. Digamos que, a certa altura, as investigações trazem a Polícia até à Grace Willard... porque vão certamente trazer. O que é que a senhora dirá, nessa altura, tendo sido tutora da minha irmã durante cinco anos? Que a escola *não tem opinião sobre assuntos alheios?*»

«Que eu saiba, a Menina Laura não é da Polícia», respondeu Marjorie, subitamente nervosa. «Nem lhe cabe investigar coisa nenhuma.»

Foi então que, diante da relutância de Marjorie, me lembrei de um truque que tinha enorme possibilidade de falhar — embora pudesse dar resultado. Procurei no bolso do casaco e encontrei o cartão. Soergui-me na cadeira e entreguei-o à professora.

«*Patrick Nolasco*», leu ela. «*Chatlam Herald*.» Olhou-me. «O que é isto?»

«Sou jornalista», disse eu, fingindo um sotaque americano. «Estou a fazer a cobertura do homicídio e tenho acompanhado a Laura Walsh na sua própria investigação ao que sucedeu na noite de catorze de Setembro.»

Marjorie olhou alternadamente para Laura e depois para mim.

«Isto é para intimidar, Sr. Nolasco?»

«Não. É para lhe dar a oportunidade de nos ajudar a compreender o que, de facto, sucedeu», respondi. «Antes que os tubarões da Procuradoria e das televisões cheguem aqui e

construam uma história artificial, empolada e sensacionalista. E essa história vai incluir a Grace Willard, não tenha dúvidas.»

Marjorie olhou pela janela, onde um pássaro cinzento bicava o vidro com insistência, como se quisesse chamar a nossa atenção.

«Sinto que estou a ser chantageada», disse Marjorie.

Laura inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo sobre as mãos cruzadas.

«Conhecemo-nos há muitos anos, Menina Marjorie. Embora a minha tutora tenha sido a Miss Richmond, sempre fomos honestas uma com a outra.» Laura respirou fundo. «Nos últimos anos, a senhora passou muito mais tempo com a minha irmã do que eu. Perante o que aconteceu, e sem uma defesa apropriada, a Levi arrisca-se a passar anos na prisão, nos tribunais, a menos que alguém a ajude. E eu sou a única pessoa que quer ajudá-la. Entende isto?»

Marjorie voltou a tirar o lenço do bolso do casaco de malha e assoou-se.

«Está bem», concedeu. «Posso contar-lhe aquilo que sei, com uma condição.»

«Qual?»

«Que seja *off the record*», disse, e olhou para mim.

Recostei-me na cadeira e assenti com um aceno de cabeça.

«De que é que se lembra?», perguntou Laura. «Destes anos que a Levi passou aqui. Sobretudo as coisas menos boas, é dessas que estou à procura.»

A tutora recostou-se na cadeira, o nariz vermelho e inchado de tanto se assoar.

«É difícil saber por onde começar», respondeu. «Foram muitas coisas menos boas. A sua irmã é muito diferente de si em termos de comportamento. No princípio, tive a impressão de que detestava estar aqui. Parecia odiar a escola, as colegas. Ter de partilhar o quarto com uma desconhecida. Sobretudo, dava-se mal com as outras raparigas. Não gostava de participar em desportos colectivos, era uma desgraça no *lacrosse* e no basquetebol. Tinha algum jeito para o ténis, mas, até aí, no *court*, era extremamente competitiva e tinha acessos de raiva sempre que perdia um ponto. Resumindo, a sua irmã ganhou, rapidamente, uma *reputação* na Grace Willard, mas presumo que saiba disso através dos seus pais.»

«Não sei», respondeu Laura. «A minha mãe vive em Paris e o meu pai, nestes últimos anos, transformou-se numa pessoa reservada, para não dizer silenciosa. Víamo-nos muito pouco.»

«E a Levi não falava consigo? Nem na altura das férias?»

«Falava e dizia-me sempre que estava tudo bem», respondeu Laura. «Eu imaginava que ela estava a viver uma experiência parecida com a que eu tivera. Além disso, eu andava demasiado ocupada para lhe prestar muita atenção. Primeiro a faculdade, depois o trabalho. Sabe como é a vida em Nova Iorque.»

«Conheço-a bem. Ensinei durante muitos anos na Academia de Mount St Ursula, no Bronx. Lembro-me perfeitamente desses tempos, do que eu sofri com a maldita cidade.»

«Mas falava-nos da reputação da minha irmã.»

«Todos os anos há uma aluna na escola que se distingue, não pelo mérito ou aproveitamento escolar, mas pela sua capacidade de destabilizar as outras alunas.»

«A Levi era assim?», perguntou Laura, incrédula.

«Não propriamente», respondeu a tutora. «A sua irmã era uma solitária, até mesmo na rebeldia. Mas a Rebecca Caulfield não era. Chegou no ano seguinte e, dada a reputação difícil da Levi, as duas tornaram-se amigas muito depressa. Só que a Menina Becca, que provém de uma família muito abastada de New Hampshire, cedo formou o seu grupinho de delinquentes juvenis. Chamavam-se a si próprias *Donzelas*... certamente uma ironia, porque havia muito pouca delicadeza ou elegância entre elas. Foi depois de o grupo estar formado... quatro ou cinco raparigas com mania das grandezas, se quer a minha opinião... que as parvoíces começaram a acontecer.»

«Que tipo de parvoíces?», perguntou Laura.

«Quer as mais sérias ou as menos?»

«As duas.»

«Bom, para começar, faltavam às aulas. Traziam cigarros e álcool para dentro da escola, duas coisas completamente proibidas, como sabe. Uma vez, encontrámos a Menina Addison desmaiada no patamar das escadas de caracol que conduzem aos quartos da residência B, quase afogada no seu próprio vômito. Doutra vez, as *Donzelas* deixaram uma colega, que não pertencia ao grupinho, fechada num cacifo do ginásio a noite inteira, e a rapariga pediu para sair da escola, porque já não aguentava a perseguição constante movida por Becca Caulfield.»

«E porque é que não puniram essa tal Becca?», perguntei.

«Porque o pai da Becca Caulfield, Sr. Nolasco...»

«... é um dos *grandes patronos* da escola», completou Laura.

«É o maior patrono, de momento», confessou Marjorie. «A Menina Becca é a quarta geração dos Caulfield a frequentar o nosso colégio. Calhou ser um diabinho, uma miúda possuída por instintos de maldade e de crueldade que extravasam todas as regras da convivência social. Mas o pior não foi isto.»

«O que foi, então?», perguntou Laura.

Marjorie tornou a levantar-se e levou o lenço ao nariz. Assoou-se ruidosamente, sentando-se na beira da secretária.

«Malditos ácaros», queixou-se. Depois de uma pausa, prosseguiu: «O pior era que a Becca e as *Donzelas* tinham contacto frequente com rapazes, coisa estritamente proibida no regime de internato em que as nossas alunas vivem.» A tutora olhou para Laura. «Há uma razão para isso, e a Laura sabe perfeitamente qual é.»

«O sexo», disse Laura.

«Sim, o sexo», confirmou Marjorie. «Não há coisa pior do que a mente de uma rapariga desfocada dos estudos, dos seus objectivos pessoais e da comunidade em que vive, porque o sexo exerce uma atracção implacável no seu corpo e na sua mente. Tivemos muitos casos desses ao longo dos anos. Normalmente, raparigas inocentes que, a seguir às férias de Verão, regressavam à escola fixadas num rapaz qualquer, numa obsessão que as alheava dos estudos e as punha a sonhar acordadas o dia inteiro.»

«Mas esse não era o caso da Becca e das *Donzelas*», propus eu.

«Não, Sr. Nolasco. O caso da Becca e das *Donzelas* era permanente e crónico. Nos anos em que a Becca aqui esteve,

houve inúmeras fugas da escola e histórias sobre os rapazes provenientes da academia de St Raymond que visitavam os nossos terrenos às escondidas para namorarem com as raparigas.»

«Isso já acontecia no meu tempo», disse Laura. «As raparigas daqui e os rapazes de St Raymond encontravam-se às escondidas nas grutas ou no arvoredor por trás do campo de *lacrosse*. Faz quase parte da tradição desta escola.»

«Claro», disse Marjorie, irritada. «Só que, no seu tempo, nenhuma das raparigas apareceu grávida.»

Eu e Laura entreolhámo-nos.

«Quem foi?», perguntou Laura.

«A própria Becca Caulfield», respondeu Marjorie. «E, segundo os rumores, a Menina Addison, mas os pais trataram imediatamente do assunto, se é que me entendem. Nos anos das *Donzelas*, os encontros subversivos com os rapazes de St Raymond assumiram proporções dantescas. Havia álcool, drogas e...»

«E o quê?», insistiu Laura.

Marjorie desviou o olhar para a janela, como se as palavras a repugnassem.

«... e histórias de orgias. De relações sexuais entre as nossas alunas e esses rapazes, muitas vezes em grupo. Houve, inclusive, uma história de violação, que foi silenciada a tempo pela directora da escola, antes que a notícia se propagasse e arruinasse a reputação desta instituição quase bicentenária.»

Laura tapara a boca com a mão, chocada com aquela revelação.

«Não foi a Levi, pois não?», perguntou.

«Tranquelize-se. Foi uma rapariga do décimo ano que conheceu um rapaz através da Becca Caulfield. Conta-se que saiu com ele uma noite, em Dezembro de 1996, antes das férias do Natal. Nos dias seguintes, os professores notaram que estava pálida, apática. Não queria levantar-se da cama nem participar nas actividades normais. Chamaram o psicólogo da escola e, depois de algumas consultas, a rapariga acabou por confessar que tinha sido abusada sexualmente.»

«Oh, meu Deus», disse Laura.

«E a responsabilidade era da Becca, que convencia as colegas e promovia este género de encontros.»

«Sabe se a Levi fez alguma coisa semelhante?», perguntou Laura.

Marjorie cruzou os braços e respirou fundo. Olhou-me.

«Prometa-me que isto é tudo *off the record*.»

«Prometo», respondi.

«A sua irmã tinha uma espécie de namorado», contou a tutora a Laura. «Não me pergunte quem era, porque eu não sei. Juro-lhe. O que lhe posso contar é que a Levi desapareceu da escola várias vezes durante a noite. Eu própria a vi regressar às escondidas, uma madrugada. Atravessou o relvado deserto às cinco da manhã e entrou na residência B por uma janela que deixara aberta intencionalmente. E reparava nas suas olheiras constantes, na distração permanente. Passava as aulas a trocar papelinhos com as outras ‘donzelas’ e, apesar de a Levi ser a mais discreta de todas... por discreta, entenda-se tímida... via-se que andava confusa. Que não era a mesma rapariga que aqui chegou no Outono de 1992.»

«A minha irmã sempre foi um bocadinho estranha», disse Laura. «Ou diferente das outras pessoas. Podia mudar de feitio várias vezes no decorrer de um só dia, e isso não significava nada. Como é que sabia que ela tinha um namorado? E que ia encontrar-se com ele à noite?»

«Porque, uma tarde, apanhei um desses papelinhos que elas trocavam», justificou Marjorie. «E tinha umas frases escritas: *Vou ter com ele mais logo* e *Ele ama-te*, entre outras parvoíces semelhantes. Não se tratava somente dos encontros casuais que a Becca e as amigas mantinham com os rapazes de St Raymond. Havia, claramente, uma intenção romântica naquilo. De tal maneira assim era, que, neste último semestre, a sua irmã afastou-se um pouco das *Donzelas*. Comecei a vê-la mais sozinha, mais metida consigo própria. Mais parecida com a rapariga que era antes de conhecer a Miss Caulfield. De repente, ficou à mercê de estados de espírito bastante voláteis. Ou a via muito feliz e aplicada nos estudos... passávamos muito tempo aqui mesmo, neste gabinete, a trabalhar juntas nas matérias mais difíceis... ou, então, via-a muito deprimida, como se tivesse sido abandonada. Sinais típicos dos desequilíbrios da paixão, não lhe parece?»

«Não sei», disse Laura. «Chegou a perguntar-lhe?»

«Esse não é o meu papel», afirmou Marjorie. «Fui tutora da sua irmã, mas não sou mãe dela, nem psicóloga. Nem irmã. Cabe à família olhar mais de perto para os seus mais novos, vigiar a vida privada deles. Nem eu nem a escola temos essa responsabilidade.»

«Pensava que aqui se estimulava o espírito de comunidade», ripostou Laura. «Quando vivemos em

comunidade, os problemas alheios são também os nossos, certo?»

Pegando no *dossier* de candidaturas que estava em cima da secretária, Marjorie pôs-se de pé.

«A comunidade presume a participação activa, Menina Walsh. A sua irmã nunca quis fazer parte de nada, nunca pertenceu a nenhuma associação dentro do colégio. E, quando fez parte de alguma coisa, escolheu as companhias erradas.» Eu e Laura também nos levantámos, seguindo o exemplo de Marjorie. «Agora, permita-me, mas preciso de trabalhar. A Georgina leva-os até à saída.»

«Obrigada», disse Laura. «Posso fazer-lhe uma última pergunta?»

Marjorie suspirou, evidentemente cansada do interrogatório.

«Onde é que posso encontrar a Rebecca Caulfield?»

Voltámos à Estrada 90, no sentido de onde viéramos. Julguei que Laura queria regressar a Chatlam, mas percebi que estava enganado, que a sua investigação pessoal estava longe de se encontrar terminada.

«Nolasco?», perguntou quando saímos do *campus* da escola.

Encolhi os ombros.

«Foi o que me ocorreu.»

«Não te fica mal», disse ela.

Conversámos durante algum tempo sobre as *Donzelas*. Primeiro, ela riu-se do nome, coisa que não pudera fazer no gabinete de Marjorie. Devagar, conforme adensávamos as

hipóteses, o riso deu lugar à apreensão e, depois, a um estranho silêncio quando tornámos a falar da irmã.

«A Levi foi sempre uma rebelde», disse Laura. «Nunca foi miúda de seguir as outras. É a única adolescente que conheço que não tem ídolos. Nenhum músico, nenhum actor, nenhuma celebridade, nada. Para ser sincera, ela detestava a idolatria.»

«Estás a dizer que é inverosímil que ela tivesse seguido os passos da tal Becca?»

«Estou a dizer que é inverosímil que ela se tenha juntado a um grupo.»

Mas Laura também não acreditava que Matthew pudesse ter-se despenhado numa curva da estrada. Sugeriu que talvez ela não conhecesse a irmã, ou o sócio do pai, tão bem como julgava. Dei o exemplo de Júlia.

«O que é que se passou com a tua irmã?»

«Nada», respondi. «O mistério é esse. Todos pensávamos que ela ia ser uma mulher aventureira, daquelas pessoas que partem à descoberta do mundo e só regressam passados dez anos, como o Ulisses.»

«O Ulisses levou vinte anos a voltar para casa. Só o cerco de Tróia durou uma década.»

«Dez ou vinte, tanto faz. Em vez disso, a Júlia formou-se em advocacia, quase nunca saiu de Portugal e é completamente dedicada à carreira, muito certinha e cumpridora.»

«Já não usa *jeans* pretos apertados e sombra nos olhos?»

«Não.»

«Que pena. Ficava-lhe tão bem.»

«As pessoas mudam. Às vezes, a mudança é tão rápida que não conseguimos acompanhá-las.»

«Portanto, o Matthew deixou de saber conduzir e a minha irmã deixou a personalidade à porta da escola», gracejou Laura.

«Tu ouviste o que a tutora disse», contestei. «O grupo da Becca não era propriamente um coro de igreja: havia sexo, álcool e sabe-se lá que mais. A tua irmã pode ter imensa personalidade, mas não é de ferro. Estás a subestimar o poder que a dinâmica de grupo pode ter numa miúda de catorze ou quinze anos.»

«Está bem», retorquiu Laura enquanto o carro deslizava novamente paralelo ao rio Hudson, agora à nossa esquerda, com o Sol a declinar lentamente no horizonte. «Digamos que isso aconteceu. Onde é que nos deixa?»

«Não sei. Talvez ela tivesse mesmo um namorado. Um desses rapazes do St Raymond.»

«E que tem isso a ver com o meu pai?», perguntou ela.

«Se eu te pudesse dar essa resposta, não estávamos aqui.»

«Tudo o que eu quero é ilibar a minha irmã», afirmou Laura, que conduzia com os braços muito direitos, uma leve película de suor afluindo-lhe à testa. «E, para o conseguir, tenho de pensar assim: que ela é inocente. Que não teve nada a ver com o homicídio. A imprensa vai ser manipulada pelos advogados e pela Procuradoria até torcerem a opinião pública, voltando-a contra a Levi. Se o caso for a julgamento, todos quererão ver a justiça feita, e estas histórias, que tu agora achas *verosímeis*, vão passar a ser *verdadeiras*. Já consigo ver as manchetes: *Levi Walsh e as orgias no colégio...* Como um

livro do Harry Potter para adultos. Daí rapidamente chegarão às drogas e depois ao maldito *zolpidem*, e, num piscar de olhos, condenam-na por um crime que não cometeu.»

Olhei para a estrada, para as árvores cujas copas se agitavam com o vento, para os esquilos que corriam na margem do bosque. Havia pouco trânsito e acendiam-se os primeiros faróis na penumbra do final da tarde.

«Pensemos assim, então», concordei. «Que, mais do que tudo, é preciso ilibar a tua irmã.»

«Ou seja, arranjar-lhe um álibi», disse Laura. «Verdadeiro ou falso.»

A certa altura, a estrada bifurcou e metemos pela 787 na direcção de Albany. Eu nunca tinha estado ali, mas não diferia em nada de uma típica cidade semi-industrial do Estado de Nova Iorque, uma espécie de Nova Jérсия em miniatura. Passámos pela Câmara Municipal, por alguns edifícios altos e iluminados — uma Baixa pouco movimentada, as ruas quase desertas — e, depois, avistámos uma placa que indicava a direcção da Esquadra da Polícia. Compreendi então as intenções de Laura e, embora achasse que era péssima ideia (porque uma coisa era uma tutora de um colégio, e outra, bastante diferente, era interrogarmos um polícia), sabia que ela o faria independentemente da minha presença ou opinião. E, como eu abandonara a minha vida por algum tempo, o melhor era ficar para ver o que acontecia.

Estacionámos à porta da esquadra. Era um edifício rasteiro, em tijolo castanho; uma enorme bandeira americana esvoaçava do pórtico, como se assegurasse a presença da autoridade numa cidade sem lei. Assim que entrámos, senti que os olhares se deslocavam todos na direcção de Laura. Havia um polícia

de serviço, gordo e suado, atrás do *guichet* da recepção, e vários homens fardados, alguns a tomar café junto de uma máquina, outros debruçados sobre o balcão, claramente à espera de serem chamados por um despacho. Laura dirigiu-se ao balcão sob o olhar expectante, e algo impudico, de alguns dos agentes; ela estava de calções de ganga, e as suas pernas longas atraíam facilmente a atenção naquele ambiente carregado de testosterona. Um dos polícias, de café numa mão e um polegar enfiado no cinto, seguiu indiscretamente o corpo dela ao vê-la debruçar-se sobre a janelinha que a separava do polícia gordo.

«Quero falar com o chefe Mitchell», anunciou Laura.

«Não está», grunhiu o polícia. «Qual é o assunto?»

«É um assunto privado», respondeu ela. «Quando é que ele volta?»

«Não lhe sei dizer», respondeu o polícia. E repetiu: «Qual é o assunto?»

«Acabo de lhe dizer que é privado.»

Finalmente, o polícia ergueu os olhos para a fitar.

«Como é que se chama?», perguntou num tom ameaçador.

«Laura Walsh.»

Houve um momento de silêncio, como se Laura o tivesse ofendido. O polícia parecia não saber o que fazer e olhou de soslaio para os colegas; um deles fez-lhe uma indicação enigmática com o dedo.

«É a filha do...»

«... sou a filha do Noah Walsh.»

E, com isto, o gordo levantou o auscultador do telefone e fez uma chamada. Falou em voz muito baixa; um minuto depois, estávamos no gabinete do chefe da Polícia de Albany.

Douglas Mitchell não era um polícia qualquer. Em vez da farda, usava fato e gravata, escuros, de bom corte. Era um tipo relativamente novo quando comparado com Bernie Ditmas — não mais de cinquenta anos; e, embora o fato indicasse estatuto, o cabelo prematuramente grisalho mostrava, por sua vez, algum cansaço. Recebeu-nos com um cumprimento de mão e convidou-nos a sentar, embora houvesse apenas uma cadeira em frente da secretária atulhada de papéis e *dossiers*. Douglas gritou o nome de uma senhora; numa questão de segundos, uma mulher baixinha, solícita, entrou no gabinete com uma cadeira desconfortável, daquelas onde se sentam os suspeitos durante um interrogatório. Sem outra escolha, sentei-me nela.

«Conheci o seu pai», disse Mitchell. «Éramos da mesma geração, ou coisa que o valha.»

«Quando é que o conheceu?», perguntou Laura.

Mitchell olhou para o tecto enquanto cruzava as pernas, as mãos unidas no colo, os polegares a mexerem um no outro.

«Algures em 1991 ou 1992», respondeu. «O Noah Walsh tinha pedido uma licença de importação e exportação ao condado, porque adquirira uma frota de barcos que traziam produtos do Quebeque. Julgo que era cerveja importada e outras bebidas alcoólicas. A mercadoria vinha do Canadá e, em Troy, era metida nos barcos e transportada até Nova Iorque, de onde seguia para outras paragens nos Estados Unidos.» Douglas pigarreou, uma tosse irritante de fumador; em cima da secretária havia um maço meio vazio de

Marlboro. «De maneira que eu e o Pete, que já se reformou, fomos fazer a inspecção, porque se tratava de uma frota grande, doze barcos, demasiado frete para passar despercebido. Nesse dia, conheci o seu pai. Pareceu-me um homem às direitas, Miss Laura. Foi a impressão com que fiquei dele. Convidou-nos para experimentar uma daquelas cervejas do Quebeque, de fabrico artesanal, na vossa casa de Chatlam. Nós recusámos, por questões profissionais.»

«Claro», disse Laura.

«Na altura, fiquei também com a sensação de que o seu pai atravessava algumas dificuldades.»

«Foram tempos difíceis.»

«Já o sócio do seu pai...»

«O Matthew estava lá nesse dia?»

«Sim», respondeu Douglas, acendendo um cigarro. Atrás dele havia um aviso, a letras vermelhas, que proibia o fumo dentro de portas. «Eles eram muito próximos?»

«O tio Matthew foi sempre muito próximo da nossa família.»

«Tio?», perguntou o polícia. «Ele era seu parente?»

«Não. Eu e a minha irmã chamávamos-lhe *tio*. Foi assim que o nosso pai nos habituou. Sempre que falava do Pinkus, referia-se a ele como o *tio Matthew*.»

«Hum», reflectiu Mitchell. «Bom, o seu *tio* era uma criatura de índole muito diferente da do seu pai. Calado, reservado. Nada propenso a conversa de circunstância. Não olhava ninguém nos olhos. Aqui, temos um nome para esse tipo de pessoas. Chamamos-lhes *suspeitos à nascença*,

indivíduos que, só pela maneira como se comportam, fazem disparar os alarmes de qualquer agente da autoridade, sejam ou não culpados.»

Mitchell fez uma pausa e observou-me.

«Ainda não sei quem é você», disse ele.

«É o meu noivo», adiantou-se Laura.

«Parabéns.»

A óbvia mentira ficou a ressoar na atmosfera pesada do gabinete.

«O que veio aqui fazer, Menina Laura?», perguntou Douglas.

«Venho perguntar-lhe sobre o *suspeito à nascença*», respondeu ela. «Eu sei que a Polícia de Albany está a tratar do caso dele. Mas, daqui a nada, o Gabinete do Procurador vai enfiar a morte do Matthew no mesmo saco da morte do meu pai e, a partir daí, vou deixar de conseguir fazer perguntas ou obter respostas. Sobretudo, se o FBI se meter no caso.»

«Porque é que acha que o FBI quererá meter-se neste caso?», perguntou Douglas, chegando-se à frente.

«Não é o que acontece sempre que alguém com um perfil público, ou de *interesse público*, aparece assassinado?»

«Depende das circunstâncias», respondeu Mitchell, fumando. «O seu pai violou alguma lei federal?»

«Não conheço as leis federais.»

O chefe da Polícia de Albany pousou os cotovelos na mesa e, de cigarro na mão direita — o fumo empestava o gabinete

sem janelas, de porta fechada —, olhou directamente para Laura.

«Deixe-me reformular a pergunta. O seu pai estava envolvido em terrorismo, corrupção, crime organizado ou crimes de colarinho branco?»

«Que eu saiba, não.»

«Era terrorista, espião, pedófilo, líder de um gangue, assassino em série ou *hacker* informático?»

Laura nem se deu ao trabalho de responder.

«Faça as contas», concluiu Douglas. «A menos que a Procuradoria o acuse de algum destes crimes... ou venha a descobrir-se que quem matou o seu pai foi o Hannibal Lecter... não há razão nenhuma para o FBI intervir.»

Era a terceira vez em poucos dias que alguém invocava o mesmo filme, pensei eu.

«Mas certamente que os dois crimes estão relacionados», sugeriu Laura.

Foi nesse momento que Mitchell, apagando o cigarro, se recostou na cadeira e, com um movimento da perna, a afastou da secretária. As rodinhas chiaram no chão de madeira.

«Quem lhe disse que o que aconteceu a Matthew Pinkus foi um crime?»

Laura olhou-me de soslaio, como se tivesse acabado de dizer alguma coisa que a comprometia.

«Estivemos no lugar onde o carro se despenhou», explicou ela. «Não acho possível que o tio Matthew tenha sofrido um acidente ali, numa estrada que conhecia tão bem. Tenho a certeza de que foi assassinado, tal como o meu pai.»

Douglas levantou-se da cadeira e, passando por nós, saiu do gabinete, deixando a porta aberta.

«Achas que vou presa agora mesmo?», perguntou-me Laura.

«Se fores, por favor, dá-me as chaves do carro antes.»

Passado um minuto, Mitchell voltou com um dos polícias que estavam à entrada da esquadra, o homem de bigode fininho e farda que tinha olhado para Laura sem dissimular o desejo.

«Este é o agente Cochran», anunciou Mitchell, sentando-se na beira da secretária, de braços cruzados.

«Olá», disse Cochran, levantando a mão direita como se estivesse a jurar perante um tribunal.

«Cochran, quantos anos tens de profissão?»

«Vinte e dois, chefe.»

«Quantas vezes percorreste a Estrada 90 entre Albany e, digamos, Chatlam, num carro da Polícia ou no teu próprio veículo?»

Cochran olhou para Douglas com espanto, depois para nós.

«Chefe, não sei... Centenas, milhares de vezes.»

«Dirias que é uma estrada fácil?»

«De maneira nenhuma», respondeu, levando as mãos ao cinto. «Tem curvas e contracurvas, ventos laterais, e parte dela corre ao lado de uma ravina, é preciso conduzir com cuidado.»

«Portanto, dirias que, mesmo com experiência, a hipótese de uma pessoa se despistar é alta?»

«Eu conduzo sempre com cuidado, chefe.»

«Não estou a falar de ti», disse Mitchell. «Imagina um indivíduo embriagado ao volante. Um tipo cheio de raiva, a conduzir ao dobro da velocidade permitida.»

«Vai logo dentro», afirmou Cochran.

«Não é isso, merda», disse Mitchell, impaciente. «Quais achas que são as hipóteses de ele se despistar às quatro da madrugada, nestas condições, mesmo conhecendo bem a estrada?»

Cochran revirou os olhos como se estivesse a pensar com muita força.

«Hum... Sete em dez, diria eu.»

«E quantos acidentes viste tu na Estrada 90?»

«Este ano?»

«Nos teus anos de serviço.»

«*Pfff*. Centenas, chefe. Quase sempre no mesmo troço.»

«A curva de East Greenbush.»

«Precisamente.»

Douglas mandou Cochran sair e tornou a sentar-se atrás da secretária.

«E agora, Laura? Já podemos mandar a sua teoria às urtigas?»

«Obrigada pela demonstração», respondeu Laura. «Talvez da próxima vez possa arranjar-nos um balde de pipocas.»

Douglas olhou para ela muito sério, sem pinga de humor.

«Ainda assim, acho que tem razão. O seu *tio* não se despistou naquela estrada.»

Laura inquietou-se na cadeira.

«O quê?»

«Segundo a nossa equipa de perícia, ele já estava morto antes de o carro cair pela ribanceira», afirmou Mitchell. Apontou para o peito. «Um tiro no coração, à queima-roupa.»

«Pensei que o corpo estava carbonizado», disse Laura.

«E estava. Irreconhecível, ou perto disso. Mas tinha o *Rolex* no pulso. O filho dele esteve aqui ontem e atreveu-se a olhar para o cadáver. Rapaz corajoso. Identificou-o como sendo o pai. Na autópsia, descobriram uma bala alojada no coração, que certamente já tinha parado de bater quando o carro se despenhou e pegou fogo no fundo da ravina.» Fez uma pausa para tossir. «Ora, a menos que o Sr. Pinkus tenha dado um tiro em si próprio com o pé no acelerador, temos de facto um homicídio em mãos.»

«Era o que eu dizia. Suspeitam de alguém?», perguntou Laura.

«Por enquanto, não temos suspeitos. Como é evidente, não existem impressões digitais, o carro ficou todo queimado. Seja quem for que fez isto teve o cuidado de tentar simular uma derrapagem, deixando marcas de pneus na estrada. Foi uma coisa planeada e, ao mesmo tempo, incrivelmente amadora.»

«Amadora?»

«Porque era evidente que, na autópsia, a bala seria descoberta, eliminando a hipótese de acidente ou suicídio.»

«Compreendo.»

«Agora responda-me a esta pergunta, Laura», disse Mitchell, acendendo outro cigarro. «O seu pai tinha uma

arma?»

«Que tipo de arma?»

«Uma espingarda, um revólver? Alguma vez o viu manejar uma arma em casa?»

Laura parecia pensativa.

«Que eu me lembre, nunca», respondeu.

Douglas abriu a gaveta da secretária e, do interior, tirou um envelope castanho dos Correios, com a morada da esquadra de Albany no lugar do destinatário, escrita a letra de imprensa maiúscula muito carregada, com traços grossíssimos — a caligrafia de alguém que procura disfarçar a sua caligrafia —, e sem remetente.

Passou o envelope a Laura.

«O que é isto?», perguntou ela.

«Chegou-nos hoje pelo correio», respondeu ele. «Havia um revólver no interior, calibre .22. É uma arma muito comum, de trazer por casa, que muitas pessoas compram para defesa pessoal.»

Laura ficou a olhar para Douglas sem dizer nada.

«Possivelmente, é a arma do crime», continuou ele. «O revólver de onde saiu a bala que matou o Matthew Pinkus.»

«Como é que sabe isso?»

«Ainda não sei. Mas a equipa de perícia e de balística está a tratar do assunto. Cedo teremos os resultados e também quaisquer impressões digitais que possam existir no revólver.»

Laura pareceu subitamente agitada. Levei a mão ao seu braço, tentando tranquilizá-la.

«Está a tentar sugerir que o meu pai matou o tio Matthew?», perguntou ela, irritada.

«Não estou a sugerir coisa nenhuma», respondeu ele. «Sabe quantas vezes é que as armas registadas como propriedade de uma pessoa são utilizadas por outra para cometer um crime? A maior parte das vezes. Como lhe disse, a nossa equipa fará essa despistagem.»

«O meu pai era, certamente, um homem polémico. Mas você conheceu-o. Apesar de tudo, dos problemas económicos e familiares, do seu *feitio* particular... era um homem pacífico, incapaz de matar alguém.»

«A experiência diz-me que as pessoas raramente são o que julgamos.» Mitchell apagou o segundo cigarro. «Quase nunca. E é preciso estarmos preparados para isso, caso venhamos a descobrir coisas de que não gostamos.»

«Então explique-me como é que essa hipótese se conjuga com o que aconteceu ao meu pai», contestou Laura. «Primeiro, matou o tio Matthew e empurrou o carro pela falésia abaixo. Depois, regressou a casa a pé... mais de trinta quilómetros!... a tempo de ser assassinado com uma faca da cozinha pela minha irmã sonâmbula.»

«Essa teoria é sua, não é minha...»

«... tudo isto sem nenhum motivo, sem nada que o justifique», insistiu Laura, demasiado enervada. «E agora? Já podemos mandar a sua teoria às urtigas, chefe Mitchell?»

«Laura», disse o polícia em tom de aviso.

«Desculpe», disse ela, respirando fundo.

Douglas levantou-se. O *blazer* abriu-se, revelando a pistola enfiada no coldre por baixo do casaco. Estendeu a mão para Laura.

«Vamos mantê-la informada, *okay?*»

«Quero falar com o Artie», disse Laura.

«Quem é o Artie?»

«O filho do tio Matthew.»

O chefe da Polícia vasculhou os papéis que tinha em cima da secretária.

«Ah, *Artie*. Arthur Bernard Pinkus. Deve ser o seu primo, calculo.»

«Não o vejo há muitos anos», disse Laura. «Conhecemo-nos em miúdos e chegámos a passar algum tempo juntos durante as férias. Mas depois o tio Matthew separou-se da mulher e nunca mais vi o Artie.»

«Ele esteve aqui», garantiu Mitchell. «E pertence à mesma estirpe do pai, é um *suspeito à nascença*. Soturno, calado, ombros descaídos. Não derramou uma lágrima, não demonstrou nenhuma espécie de sentimento ao ver o cadáver do pai.»

«Ele foi sempre assim», explicou Laura. «Nós achávamos que ele sofria de autismo emocional.»

«Não necessita da permissão da Polícia para falar com o Artie.»

«Eu sei que não preciso de permissão. Mas preciso que me dê uma morada», disse Laura. «Não sei onde ele vive.»

Douglas recostou-se na cadeira e cruzou os braços. Olhou atentamente para Laura e depois para mim.

«Você está a ajudá-la nisto? Nesta investigaçãozinha de carácter pessoal?»

«Sou amigo da família», respondi. «Não quero interferir no seu trabalho. Acho que a Laura pensa o mesmo.»

Mitchell aguardou uns momentos. Olhava-nos como se tentasse descortinar os verdadeiros motivos das nossas acções. Ainda assim, descolou um papelinho amarelo de um grosso bloco e escreveu nele. Depois entregou-o a Laura.

«Tenha cuidado», disse Douglas. «E, se acontecer alguma coisa que lhe pareça estranha, não hesite em pedir ajuda. São as coisas mais pequenas que acabam por tramar-nos a vida.»

Quando saímos da esquadra, a noite caía. Estávamos exaustos. Ofereci-me para conduzir de regresso a Chatlam, mas Laura insistiu que ficássemos por aquela zona, porque os lugares aonde ela queria ir no dia seguinte ficavam mais próximos de onde nos encontrávamos.

«Conheço um sítio simpático em Troy onde podemos dormir», anunciou e fizemo-nos à estrada.

Foi nessa noite, na terceira semana de Setembro de 1998, que, pela primeira vez, pus em causa a legitimidade da nossa empreitada. A energia de Laura era palpável; a sua determinação de chegar ao fundo daquela história era uma corrente eléctrica que a atravessava, que a fazia mover-se, que não a deixava parar. Se o mais apropriado, naquela altura, seria o luto pela morte do pai, era provável que a vontade de salvar Levi do cadafalso fosse ainda mais forte do que a tristeza, mais poderosa do que a mágoa.

Chegámos rapidamente a Troy, uma cidade pequena nas margens do Hudson. Laura conhecia perfeitamente aqueles caminhos — fruto dos anos que passara na Grace Willard — e, manobrando pelas ruas onde pontificavam os edifícios de tijolo castanho e as filas de carros estacionados à sombra de árvores frondosas que decoravam os passeios, encontrámos rapidamente a River Street. Deixámos o carro ao abrigo das árvores e entrámos num pequeno *bed and breakfast* chamado Old Ville, onde uma mulher de cabelo pintado, magra como um galgo, sorriu ao avistar Laura.

«Há quanto tempo!», disse a senhora, que veio receber-nos à porta.

«Olá, Tina», disse Laura.

Perguntei se havia um telefone de onde eu pudesse fazer uma chamada. Eram quase dez da noite. Tina mostrou-me um corredor na penumbra, onde havia um telefone de moedas. Liguei o número de Gary List. Ele não atendeu à primeira, por isso, tentei uma segunda vez. Ao fim de sete ou oito toques, finalmente levantou o auscultador do outro lado.

«Professor?», perguntei.

Do outro lado, uma voz feminina repetiu:

«*Professor?*»

Ouvi uma mulher a rir-se. Depois, o cacarejar diminuiu de intensidade e a voz de List surgiu, roufenha.

«Sim?»

«Professor. Sou eu.»

«Ah, Taborda!», exclamou com estranho entusiasmo.

«Desculpe, não sabia que tinha companhia.»

Pareceu-me ouvir, do outro lado da linha, um novo cacarejo e o som de um isqueiro.

«Como é que podia saber?», disse ele. «É a minha prima Ophelia.»

List arrastava as vogais, como um homem embriagado.

«Ah. Estou a ligar-lhe porque...»

«... a defesa da sua tese é amanhã», interrompeu ele. «Falei com o Ed Nowalski. Ele tem de vir a Nova Jérсия pela manhã, ao médico do coração, o pobre coitado tem um *pacemaker*, e faremos a sua audição da parte da tarde. Às quatro está bom para si?»

De repente, não conseguia pensar.

«Taborda? Está aí?»

Ouvi o som de beijos e chupões.

«A sua irmã chama-se Ophelia?», perguntei, tentando empatar a conversa.

«O meu pai era fanático por Shakespeare.»

«A mesma Ophelia que morre afogada em *Hamlet*?»

«O sacristão diz que ela se suicidou», respondeu List. «Está a tentar dar a volta à conversa, rapaz?»

«Pode ser às quatro», respondi. «Lá estarei.»

«Não tenha medo», disse List. «O pior que podia acontecer já aconteceu.»

«Não tenho bem a certeza disso», repliquei. «Estou metido numa história muito estranha.»

Ouvi um barulho estranhíssimo de sucção. List parecia conter-se para não gemer.

«Seja qual for a situação, lembre-se de que tudo nasce do mesmo lugar, Taborda.»

«Sexo, ambição e inveja.»

«Isso.»

Desliguei e regressei à recepção. Tina informou-me de que Laura já tinha subido. Sorri sem vontade e subi as escadas até ao andar superior. A perspectiva do dia seguinte começava a preocupar-me; não tínhamos, sequer, uma muda de roupa.

Quando entrei no quarto, Laura estava de cuecas e despia a camisa azul-escura, amarrotada e húmida do longo dia de viagem. Usava um *soutien* preto, e, por mais esforço que eu fizesse, não consegui evitar lançar um olhar indiscreto ao seu corpo pálido e perfeito. Só havia uma cama no quarto, de casal, com um quadradinho de chocolate sobre cada uma das almofadas.

Sentei-me na beira da cama e fiquei de costas para Laura. Apreensivo, descalcei os sapatos, grunhindo do esforço.

«O que foi?», perguntou ela.

«Nada», disse eu, mentindo. «Não sei. Parece que quanto mais insistimos, mais confuso tudo se torna. Como se não bastasse termos um velho louco e o neto brutamontes atrás de nós para pagarmos uma dívida, agora a Polícia de duas cidades julga que somos uns chicos-espertos armados em investigadores.»

«A quem é que foste ligar?», perguntou Laura enquanto fechava as cortinas da janela que dava para a rua principal de

Troy e pela qual entrava uma luz azulada.

«Ao meu professor», respondi. «Tenho de voltar para Nova Iorque amanhã.»

«Já devias ter voltado», disse Laura, e deitou-se na cama. «Desculpa ter-te mantido tanto tempo aqui.»

«Foi um telefonema esquisito», confessei. Talvez fruto da ansiedade, comecei a rir baixinho, deitando-me por cima dos lençóis enquanto ela se metia debaixo deles. «O Gary disse que estava com a irmã, mas às tantas parecia que ela...»

«O quê?», perguntou Laura.

«Ouvi uns sons esquisitos. Parecia que estava a fazer-lhe um broche.»

Laura começou a rir-se, rebolando-se nos lençóis.

«O teu professor é o maior!»

«Não, a sério. Parecia mesmo.»

Quando acabámos de rir, o quarto caiu numa estranha quietude. O primeiro momento de autêntico silêncio desde que o dia começara, desde que estivéramos à beira do penhasco onde Matthew Pinkus morrera.

Laura suspirou e voltou-se para mim.

«Não te vais meter dentro da cama?»

«Estou bem assim.»

«Uma treta é que estás», disse ela, e começou a desabotoar-me a camisa. Fiquei em cuecas. Laura ergueu o lençol e o cobertor para me tapar. Dentro da cama, o cheiro dela: um resto de perfume com um traço de suor, adocicado.

Permaneci do meu lado da cama, voltado para a parede daquele quarto monótono.

«No meu tempo, era para esta pensão que as alunas da Grace Willard vinham com os rapazes», contou Laura. «Depois das grutas e do campo de *lacrosse*, claro. Quando as coisas avançavam.»

«Estiveste aqui muitas vezes?»

«Algumas.» Riu-se. «A minha primeira vez foi aqui mesmo.»

«Aqui? Nesta cama?»

«Num destes quartos, não me lembro qual. Mas, sim, pode ter sido nesta cama.»

«Que idade tinhas?»

«Catorze.»

«Isso quer dizer que quando eu te conheci...»

«... eu já não era virgem. Bingo.»

Voltei-me na cama e olhei para ela, na penumbra. Só lhe via o contorno do rosto.

«Mentiste-me.»

«Éramos uns miúdos. O que é que eu te ia dizer? Tu eras tão frágil, tão confuso com tudo. Não me interpretes mal. Senti ternura por ti. Mas também senti que, para que a nossa relação se mantivesse saudável, era preciso que estivéssemos ao mesmo nível. Ou seja, que tu achasses que o sexo, para mim, também era um mistério.»

«Agradeço-te a preocupação», disse eu, ligeiramente desiludido.

Laura perguntou-me a que horas tinha eu de partir no dia seguinte. Respondi que precisava de apanhar o comboio para-Manhattan pela hora do almoço e ela pediu-me se antes de ir eu podia ir a Nassau falar com Artie, enquanto ela ia a Saratoga Springs em busca de Becca Caulfield. Hesitei. Não fazia ideia do que haveria de dizer a Artie, caso o encontrasse — ou sequer se o reconheceria, tantos anos depois —, mas, uma vez mais, cedi ao pedido de Laura.

«Podes levar o carro», sugeriu ela. «Eu apanho um comboio e encontramos-nos à hora do almoço em Chatlam. Levo-te à estação.»

O silêncio regressou. Vi as sombras moverem-se à medida que os faróis de um carro, de passagem, projectaram luz na nossa janela. A seguir, a rua ficou-se silenciosa. A brisa que entrava pela frincha da janela aberta roçou-me o braço.

Já começava a adormecer quando senti os dedos de Laura na minha cintura.

Novembro de 1997

Manhattan, Estado de Nova Iorque

«Tem de lhe dar uma sova», gritou Gary, ao meu ouvido.

«O quê?», perguntei.

«Uma sova!», repetiu ele.

Estávamos sentados ao balcão do McSorley's e o meu professor tinha bebido muito. Não estou a falar de uns copos a mais nem de uma alegria excessiva — List estava seriamente embriagado. Arrastava as palavras, era incapaz de erguer a cabeça e olhar em frente. Eram quase oito da noite e estávamos ali desde as quatro, o espelho do outro lado do balcão reflectindo os copos de cerveja vazios à nossa frente e a figura decrépita de List. Por cada três cervejas que ele bebia, eu bebia apenas uma; a certa altura, comecei a fingir que bebia, levando a caneca aos lábios mas sem engolir, porque começava a ficar agoniado. Uma nuvem de fumo de cigarros engolia-nos.

«Está a sugerir que eu bata ao professor Hayes?», perguntei.

List tirou o cigarro da boca e apagou-o no balcão, falhando o cinzeiro.

«Gary!», gritou o empregado, tirando-lhe o cigarro da mão e atirando-o para o lixo. Olhou-me como se eu fosse

responsável pelo homem, erguendo um dedo indicador em sinal de advertência.

«Ele humilhou-o», balbuciou List. «Em *pelna* aula. Uma vergonha pública! Sabe como é que as pessoas tratavam destes assuntos noutros tempos?»

«Como?»

«Aos tiros», gritou List. «Em 1712, houve um caso *litiginoso* entre dois nobres, que passou uma década no tribunal. Como estavam ambos fartos de esperar, um dos homens sugeriu ao outro um duelo. Morreram os dois, e o caso ficou *relsovido*.»

Tive dificuldade em convencer List a deixar o bar. Era a primeira vez que tomávamos um copo (ele convidara-me no final da nossa segunda reunião de trabalho) e eu não podia imaginar que ele bebia daquela maneira. Levantou-se, cambaleante, enquanto vestia o casaco, com um cigarro por acender a pender do lábio inferior. Dirigíamo-nos à porta quando, de súbito, Gary deu uma volta de cento e oitenta graus e anunciou:

«Tenho de ir fazer uma coisa.»

Calculei que fosse à casa de banho. Depois, comecei a ouvir um burburinho na sala contígua. Avancei pelo bar, tentando afastar os corpos do caminho, e então percebi que se tratava de uma luta. Dois empregados tentavam separar Gary e um homem magrinho, a quem o meu professor puxava o cabelo com muita força. Tentei interferir, mas um mastodonte de duzentos quilos empurrou-me para trás — um tipo careca com corpo de dinossauro, que segurava uma caneca enorme de cerveja.

«Não te metas», disse ele.

Os empregados separaram-nos e levaram List até à porta do bar. Tinha o casaco subido até aos ombros, estava desgrenhado e sangrava do lábio, onde o rival lhe acertara um murro.

«Estás banido até ao final do mês», disse o *barman*. «Desaparece!»

Sáímos para a rua fria de Novembro enquanto o meu professor acendia um cigarro depois de limpar o sangue com as costas da mão. Descemos a East 7th em direcção à Segunda Avenida.

«O que aconteceu?», perguntei, finalmente.

«Avistei um crítico», disse ele, «e tive de lhe dar uma lição.»

List parecia ter ficado quase sóbrio; talvez o choque de adrenalina o tivesse posto no lugar.

«Quem era o crítico?»

«Um tipo da *New Yorker* que, em 1988, desfez um dos meus livros. Disse que *Joining Heaven* parecia uma série de televisão de baixo orçamento, realizada por alguém com uma trombose. Armou-se em engraçadinho. Andava há que tempos para o encontrar e lhe dar porrada.»

«É assim que lida com os críticos?», perguntei. «Batendo-lhes?»

«Habitualmente, não leio as críticas. Mas o meu filho enviou-me aquela pelo correio. Ele vive na Califórnia, e não é grande leitor... Talvez tenha sido a mulher dele.» Puxou do cigarro, que protegia do vento com a mão em concha. «Eu

aturo tudo, rapaz. A indiferença, o esquecimento. Anos e anos de bloqueio criativo, da página em branco. Tudo! A única coisa que me deixa fora de mim é fazerem pouco dos meus livros. Gozarem com o esforço de um homem. Sabe o que é que o cabrão do crítico disse do Fred Kepler? Que era uma espécie de Michael Landon com problemas de visão. O cabrão do Michael Landon! Compará-lo ao Kepler, que é um perdedor sem fé, talvez o maior perdedor da História da Literatura Americana, maior do que Addie Bundren, do que o Gatsby. Maior do que o filho da puta do Chinaski.»

Por alguma razão que eu não entendia, começámos a subir a Segunda Avenida. O vento era gelado, mas não o sentíamos tanto por causa do álcool. Havia pouca gente nos passeios (era segunda-feira), os nova-iorquinos pareciam estranhamente recolhidos, como se a proximidade do Inverno os remetesse ao conforto dos lares. Quando passámos pela East 12th, compreendi a razão: a noite arrefecera brutalmente e um indicador de temperatura marcava 37° Fahrenheit. Apenas com um sobretudo por cima da camisa, pensei que ia ficar doente. List, no entanto, parecia indiferente ao frio cortante enquanto retilava e esbracejava contra os críticos americanos.

«Tem de lhe dar nos cornos, ouviu?», insistiu.

«Não é moralmente errado tentar convencer-me a bater no seu professor assistente?», perguntei, algo divertido com aquele discurso belicista.

«Tem razão», respondeu. «Mas a Madame Bovary também estava *moralmente errada*. E a Lady McBeth. E a minha própria Mabeline, lembra-se? O romance que tanto elogiou na sua candidatura. Ora, como é que nos familiarizamos com a corrupção moral, Taborda? Se, a certa altura, não conhecermos

o dissabor do fracasso, da tentação? Dessa mesma corrupção? De cedermos aos nossos instintos, ao chamamento mais selvagem das nossas almas?»

List agitava os braços, os óculos pequenos meio torcidos sobre a cana do nariz. O lábio começara a inchar, mas as palavras saíam-lhe agora nítidas, sem vestígio da confusão entaramelada ao balcão do McSorley's.

«Não tenha medo de errar», pediu. «Nada do que fizer agora será permanente, é demasiado jovem para viver com cuidado. Dê uma sova no Hayes, se lhe apetecer. Meta-se com uma miúda e faça-lhe a vida negra.»

«Isso é simplesmente maldoso.»

List estacou e voltou-se para mim no meio da avenida, espetando-me o dedo no peito.

«Eu digo-lhe o que é maldade. É sermos tão educadinhos e cordiais a vida inteira que nunca chegamos a saber quem verdadeiramente somos. Os homens não foram feitos para a bondade, idiota! Foram feitos para sobreviver, e a regra fundamental da sobrevivência é que, nesta vida, cada um cuida de si.»

De repente, List estacou em plena rua e deu-me uma chapada, tão forte que me pareceu ficar a ressoar no ar por instantes.

«Sentiu isto?», perguntou.

«Senti.»

«Ótimo», concluiu ele. «Era essa a intenção.»

Como podia eu explicar-lhe que receber uma estalada dele era como ser tocado pelo dedo de um deus benevolente?

Prosseguimos a caminhada. List parecia ter caído novamente num estupor alcoólico e balbuciava palavras que eu não entendia. Quis dizer-lhe que precisava de ir para casa, que era muito tarde, mas não tinha coragem de o abandonar. Chegámos junto de um edifício alto e redondo, que, no pórtico, dizia *Mount Sinai Beth Israel*.

«Eu fico por aqui», disse ele. «Adeus.»

«Num hospital?»

«Conheço um médico nas urgências que me passa uma receita de benzodiazepinas», respondeu. «Preciso delas para dormir. Ah, e desculpe a chapada, acho que exagerei na força.»

E deixou-me ali, no meio da rua, a milhas de Brooklyn, a meditar no significado da bondade e da existência, a matutar nisso de ser tão cuidadoso e comedido, a censurar-me por não viver completamente, por não arranjar coragem para dar uma sova em Terence Hayes.

No princípio desse mês, os vizinhos porto-riquenhos que moravam no prédio em frente ao nosso resolveram fazer uma festa que durou três ou quatro dias. Mookerjee parecia não se importar com o barulho — julgo que, por causa do haxixe, os seus sentidos estavam menos apurados do que os meus —, mas as janelas da sala dos vizinhos ficavam voltadas para a janela do meu quarto e, durante esses dias, dormi pouquíssimo. O meu sono era constantemente invadido por panelas a bater, gritos histéricos, *salsa* e *bomba*, a explodirem de colunas de má qualidade, e sirenes da Polícia sempre que os outros vizinhos reclamavam do barulho às autoridades. As coisas acalmavam durante umas horas e, depois, a festa retomava, dia afora, noite adentro.

Exausto, fui bater-lhes à porta num domingo. Abriu-a uma rapariga de oito anos, o cabelo encaracolado feito em tranças, a pele de um castanho-dourado. Perguntei-lhe se podia falar com os pais e ela desapareceu no interior da casa; surgiu então um indivíduo gordo e suado, numa camisola sem mangas. Não falava inglês, por isso, conversámos em espanhol. Eu presumira que a barulheira fosse a celebração de uma festa porto-riquenha, mas ele negou-o imediatamente.

«O dia nacional de Porto Rico é só em Junho», afiançou o homem. «Aí, sim, temos festa da grossa. Então qual é o motivo da barulheira?», perguntei.

«Bom» disse ele, afastando a menina para dentro da casa, «a mãe dela morreu. Estamos a celebrar a vida da minha Dolores» rematou o homem, e, com um sorriso triste, fechou a porta.

Ao descer as escadas sombrias daquele prédio, em que se misturava o odor metálico da cidade com cheiro a galinha frita, percebi que me apetecia partilhar aquela história com Laura. Era o tipo de história de que ela gostaria. Desde o telefonema falhado, uma semana antes, que eu ficara em dúvida. Teria ela escrito de propósito um número errado naquele guardanapo? Ou, quem sabe, na confusão do Arlene's Grocery, depois de uma bebida ou outra a mais, talvez se tivesse enganado? Afinal, o que havia a dizer entre duas pessoas que não se viam há uma década? Duas pessoas que se tinham visto pela última vez ainda adolescentes, numa aldeia algarvia, no Verão em que haviam trocado inconfidências e um momento de intimidade — e que, agora, se sentiam na incómoda obrigação de reviver o passado?

Duas semanas antes de eu ter partido para Nova Iorque, a minha irmã proclamara (em alto e bom som, durante o jantar) que eu ia para os Estados Unidos atrás de Laura. Fez o comentário descontraidamente, enquanto engolia um espargo. Corei até à raiz dos cabelos. A minha mãe ficou confusa (não se lembrava de Laura), o meu pai ficou calado e a minha avó, depois de abanar a cabeça, serviu-nos mais umas colheradas de puré de batata.

«É preciso comer tudo até ao fim, há gente a morrer à fome», disse ela.

«Quem é que está a morrer à fome?», perguntou Júlia.

«As criancinhas do Biafra», respondeu a minha avó.

«Mãe, isso é tão antigo», disse a minha mãe.

«Não é por causa da Laura que vou para lá», disse eu, sentindo o rubor instalar-se.

«Come, mas é», disse a minha avó.

Eu tinha quase vinte e três anos e era tratado como uma criança. Apeteceu-me atirar o prato contra a parede, mandar toda a gente à merda. Mas depois lembrei-me do esforço financeiro que os meus pais iam ter de fazer para que eu pudesse estudar nos Estados Unidos durante dois anos e refreei a minha raiva.

Nas semanas que se seguiram ao encontro com Laura no Arlene's Grocery, lembrei-me desse episódio muitas vezes. Será que a minha irmã tinha razão? Teria eu ido para Nova Iorque, não atrás de uma vocação, mas da possibilidade de tornar a encontrar Laura? O facto era que pensava nela muitas vezes, apesar de nunca ter tido coragem para a procurar; lembrava-me das suas cartas, da emoção que sentia sempre

que, ainda adolescente, as recebia e lhe escrevia em resposta. Em 1987, eu experimentara uma verdadeira paixão: confusa, cheia de dúvidas e desespero. O acaso pusera-nos frente a frente outra vez e, agora, o número de telefone dela não era dela. Lembrei-me das cartas, dos endereços de onde me escrevia, mas sabia que nenhuma delas tinha sido enviada do apartamento da família em Manhattan, que eu não fazia ideia de onde ficava. Era verdadeiramente trágico: vivíamos na mesma cidade, percorríamos as mesmas ruas e, contudo, não sabia como a contactar.

No dia doze de Novembro, ao chegar à recepção do departamento de Escrita Criativa da New York University, a Sr.^a Clements, ao ver-me, chamou-me e entregou-me um envelope. No interior havia um cartão branco, com o desenho de um saco de papel com dois olhos e um balão: *Porque é que não me ligas? 212-348-4623*. Devo ter sorrido com o olhar, porque a Sr.^a Clements me fitou por trás dos óculos ligeiramente descaídos e suspirou:

«Ai, o amor.»

Passei o resto do dia numa nuvem de felicidade. Laura tinha-se dado ao trabalho de descobrir onde eu estudava, encontrar o endereço da escola e enviar uma carta para o departamento; tornara a dar-me o seu número, o que significava que também ela duvidara do seu discernimento no Arlene's Grocery. Durante as aulas, evitei o olhar de Anne, que, apesar de andar quase sempre sorridente, não podia deixar de estranhar o meu desaparecimento após nos termos beijado na única noite em que saímos (no atendedor de chamadas, deixara-me uma mensagem que eu nunca retribuía). Quanto a Hayes, embora estivesse presente numa das sessões do dia — onde um professor se debruçou sobre a poesia afro-americana,

de Phyllis Wheatley a Langston Hughes —, não senti qualquer vontade de lhe dar uma sova. Limitei-me a observá-lo pelo canto do olho, os óculos a esconderem-lhe metade do rosto, os tiques nervosos, os ridículos suspensórios vermelhos a segurarem-lhe as calças que, mesmo assim, ficavam descaídas, e a atenção desmesurada que ele prestava às palavras do professor, como se naquela sala abafada se discutisse o futuro imediato da Humanidade. Cheguei à conclusão de que Hayes, em vez de raiva, dava-me pena.

Nesse final de tarde, quando entrei no apartamento, apressei-me na direcção do quarto, antes que Mookerjee me apanhasse no corredor e quisesse conversa, e fechei a porta. Sentei-me na cama. Do outro lado da rua, a festa terminara; caía uma chuva ligeira sobre Brooklyn, um vento gelado entrava pelas frinchas da janela. Levantei o auscultador e marquei o número. Atendeu uma voz de homem. Pedi para falar com Laura e a voz do outro lado respondeu, num forte sotaque nova-iorquino, que esperasse. A minha esperança começou rapidamente a definhir.

«Sim?»

«Sou eu», respondi.

Laura fez uma festa por me ouvir. *Oh my god*, repetiu, várias vezes, *I can't believe it's really you*, e por aí fora. Quis perguntar-lhe quem era o homem que atendera o telefone — embora, no fundo, já soubesse que era o grego-americano de queixo quadrado que eu vira no Arlene's Grocery. Conversámos um bocadinho sobre nada e perguntei-lhe como me descobrira.

«Ora, isso foi o mais fácil», respondeu. «Um dia, eu disse-te que ias escrever um livro tão bom ou melhor do que os

livros de Gary List. O que é que tu haverias de estudar em Nova Iorque? Física Quântica? Quando não me ligaste, fiquei com a certeza de que me tinha enganado ao escrever o meu número ou, então, de que tu o tinhas perdido.»

Mas não lhe ocorrera a possibilidade de eu não lhe querer telefonar?

«Fizeste bem», concordei. «Aqui estou eu.»

Combinámos encontrar-nos no fim-de-semana. Ela perguntou-me se eu tinha alguém em Nova Iorque. Respondi que tinha e pensei em Anne. Laura fez uma reserva num restaurante do SoHo que abrira na Primavera, um lugar francês na Spring Street chamado Balthazar, dominado por grandes espelhos e enxames de empregados de gravata preta a circular entre as mesas e os sofás corridos de couro. Era tão concorrido que se podia levar meses a conseguir uma reserva. Graças a Noah (aparentemente, bastou um telefonema da secretária do pai), conseguimos uma mesa para sábado à noite, e eu e Anne fizemos o caminho do metropolitano até ao toldo vermelho do Balthazar — cuja fachada imitava uma *brasserie* francesa — a conversar sobre o curso, os professores, o quão irritante Terence Hayes era para ambos, e outras minudências. Ela era tão simpática e gostava tanto de mim, que não me perguntou sobre o silêncio após o nosso primeiro beijo. Tinha um sotaque da Carolina do Sul que tornava as palavras melosas, mais brandas do que as dos nova-iorquinos. Era a mulher perfeita para qualquer homem que se contentasse com uma mulher perfeita.

«Como está o teu pai?», perguntei enquanto um dos empregados abria uma garrafa de champanhe.

Laura encolheu os ombros. Usava uma camisa branca com os botões abertos. Passados tantos anos, continuava a ter o mesmo pendente em forma de lua ao pescoço. Sentado ao lado de Laura, Spiros conversava animadamente com Anne.

«Basicamente, hoje em dia falo com a secretária dele», respondeu. «Está sempre em viagem, num lado qualquer, a tentar salvar a empresa.»

«Não sabia que a empresa estava em dificuldades.»

Laura riu-se e agradeceu ao empregado que lhe serviu o champanhe.

«*Dificuldades* devia ser o nosso nome do meio», respondeu ela. «Desde que a minha mãe se foi embora, o meu pai não tem grande motivo para estar em Nova Iorque, por isso, passa o tempo todo a viajar.»

«O que é que aconteceu?»

«Divórcio», afirmou Laura, erguendo o copo e sugerindo um brinde. «Acontece aos melhores.»

«Acontece sempre aos melhores», confirmou Spiros, que, entretanto, se metera na nossa conversa.

Fizemos um brinde a quatro, embora Laura não tivesse bebido o champanhe. Pouco tempo depois, chegou o vinho, os *escargots* e o *foie gras*; a sopa de cebola, as *moules frites*. Dois empregados distribuíram os pratos pela mesa e, logo em seguida, um homem de fato escuro e gravata acetinada, com um largo sorriso e um corpo reminescente de um mafioso dos *Sopranos*, veio cumprimentar-nos.

«Como está o seu pai?», perguntou o homem, dirigindo-se a Laura.

«Fenomenal», respondeu ela.

«A família Walsh e os amigos são sempre bem-vindos ao Balthazar», afirmou ele. Com uma ligeira vénia, afastou-se.

«Sempre a mesma merda», queixou-se Laura. «A reputação precede-me.»

«Se a reputação não te precedesse, não jantávamos no Balthazar num sábado à noite», lembrou Spiros.

Pensei no meu pai e no único restaurante onde era conhecido: uma tasca na Estrela que servia bitoques e caracóis e sardinhas no Verão. Os empregados tratavam-no por Taborda, davam-lhe palmadas nas costas e gozavam com ele por ser adepto do Belenenses.

«O que é que aconteceu?», perguntei, regressando ao tema do divórcio enquanto Spiros descrevia a Anne as belezas das ilhas gregas.

«O inevitável», respondeu ela. «A minha mãe fartou-se das ausências, do controlo. Das amantes. Quanto tempo é que uma mulher precisa de ser humilhada até chegar à conclusão de que é mais feliz noutro lado qualquer? Os meus pais casaram-se no tempo em que os acordos pré-nupciais eram tabu. Ela quis cinquenta por cento da fortuna, o meu pai ofereceu-lhe vinte e cinco, e a Leah aceitou. Agora tenho um padrasto parisiense, que só vi uma vez na vida... veio buscá-la a Manhattan para ajudar na mudança... e um apartamento em Paris que não tenciono visitar.»

«Quem é o tipo?», perguntei.

«Chama-se Faroud e é rico, apesar de ser artista. Aparentemente, a família provém do petróleo saudita. Ele conseguiu fugir à cultura árabe e vive em França com todas as

regalias. Os galeristas expõem-no porque os amigos sauditas lhe comprou os quadros por muitos milhares de francos.»

«É bom pintor, ao menos?»

«A única coisa que vi dele foi a pintura de uma retrete com um pardalinho pousado no tampo da sanita.»

Comecei a rir-me, e Laura também.

«Ei, lembras-te daquele inglês no Lagoeiro?», perguntei-lhe.

«O que me apalpou o rabo na praia?»

«Não, esse era o marido da Trudy.»

«Aquele que nos levou ao bar de putas?»

«Sim. O que achas que lhe aconteceu?»

«Aposto que subiu na vida e agora faz telenovelas mexicanas.»

«Ou anúncios para aparelhos auditivos num canal por cabo.»

«*Broche é bom*», disse Laura, imitando o sotaque daquela estranha mulher que o acompanhava.

Passámos meia hora nisto, recordando as férias desse ano. A seguir, cansado de falar da Grécia com Anne, Spiros voltou a atenção para mim e perguntou-me o que me trouxera a Nova Iorque. O grego, nascido na América, tinha ombros largos e olhos muito escuros e penetrantes; usava um *blazer* azul, calças a condizer e sapatos castanhos de marca. Ao lado dele, eu sentia-me um rapazola, um magricelas de camisa aos quadrados e ténis esfarrapados. Respondi que estudava na New York University, no programa de Escrita Criativa.

«Oh, um escritor!», afirmou Spiros. «Então é melhor termos cuidado com a língua, nunca se sabe o que pode ir parar a essas páginas.»

«Não me posso considerar escritor», respondi com falsa modéstia. «Nunca publiquei nada. Ando a trabalhar num conto, de momento.»

Spiros fez um compasso de espera enquanto saboreava as *moules*. Depois, pousando os cotovelos na mesa, perguntou-me sobre que era.

«O quê?», perguntei, algo confuso.

«Esse conto. É sobre quê?»

Engoli em seco. Troquei um olhar com Anne, que encolheu os ombros.

«É sobre pessoas», disse eu, sentindo-me estúpido. «É sobre um grupo de pessoas durante umas férias de Verão.»

«Um conto sobre *pessoas*», ironizou Spiros. «Parece-me fascinante.»

«Ele escreve muito bem», disse Anne, em minha defesa. «Ainda por cima, tendo em conta que a sua primeira língua não é o inglês.»

«A minha também não», revelou Spiros. «Em minha casa, falou-se sempre grego.» Tornou a encarar-me. «Mas essas férias de Verão. O que é que acontece? Podes contar-nos?»

«Ainda vou no princípio», expliquei, atrapalhado. «Mas é uma história sobre a juventude. Sim, sobre a juventude. Há um rapaz, uma rapariga. A descoberta do amor, a desilusão quando o Verão chega ao fim. O costume.»

«Uau», disse Spiros num tom impossível de decifrar.
«Gostava mesmo de ler isso.»

«Eu gosto desse género de histórias», disse Anne. «Tipo o *Verão de 42*. Viram o filme?»

«Era o favorito da minha mãe», disse eu.

«Não conheço», disse Spiros.

Laura também conhecia. Anne contou a história da mulher cujo marido vai para a guerra e do adolescente que se apaixona por ela durante um Verão em Nantucket. Entusiasmada com o relato, acabou também por contar o final — a morte do marido, a dor da separação.

«E ele perde a virgindade com essa mulher?», perguntou Laura.

«Sim», respondeu Anne. «Mas só depois de lhe contarem que o marido morreu na guerra.» Olhou para mim, em dúvida.
«É assim, não é?»

«Acho que sim», respondi.

«Portanto, o luto abre a possibilidade do sexo», reflectiu Spiros. «É uma ideia interessante. Alguns psicólogos dizem que o sexo, como maneira de mascarar a dor, é contraproducente... Consta que as pessoas, nessas alturas, estão mais vulneráveis e predispostas a envolverem-se. Por outro lado, há maior potencial de ligação emocional. Não há necessidade de conversa de circunstância nos funerais, se é que me entendem.»

Spiros soltou uma gargalhada irónica e continuou a comer. Pelo seu aspecto, eu deduzira que ele era banqueiro ou que trabalhava em finanças. Descobri, nessa ocasião, que era

psicólogo, graduado em Harvard *summa cum laude*. Na verdade, era um dos psicólogos mais em voga no Upper East Side, o que me deixava ainda mais deprimido — além de ter bom aspecto, o namorado de Laura era inteligente.

A seguir ao jantar, fomos a um bar próximo, na esquina da Spring e da Greenwich, um lugar barulhento com uma banda ao vivo que tocava *covers* dos The Police e dos Sex Pistols. Quando estávamos os quatro ao balcão a pedir bebidas, senti os dedos de Anne nos meus, os seus olhos redondos fitando-me com o mesmo tipo de admiração que eu gostaria que Laura tivesse por mim. Não afastei os dedos, mas não devolvi o carinho. Já passava da meia-noite quando, a caminho da casa de banho, me cruzei com Laura, que percorria o corredor escuro no sentido contrário. Foi a única vez que estivemos a sós nessa noite. Ela sorriu e abraçou-me.

«É tão bom ver-te outra vez», disse ela. Soltou o abraço e fitou-me com candura. «Sabes que és o meu amigo mais antigo?»

«Sei», respondi, frustrado.

«Lembras-te das nossas cartas?», perguntou ela enquanto os baixos ribombavam.

«Claro que me lembro.»

«Uma vez copiaste um poema lindo, que eu decorei.»

«Como era?»

Laura pôs-se em bicos de pés e levou os lábios à minha orelha.

«We never know, my Lydia, nor want / To know of nights before or after / The little while that we may last.»

A última palavra ficou a ecoar durante um longo momento no meu ouvido.

«Ricardo Reis», murmurei.

Laura segurou-me nos dois braços.

«Vamos beber um copo?»

E, esquecendo-me de ir à casa de banho, fui arrastado de regresso ao balcão, onde Spiros, por algum motivo, explicava a Anne a diferença entre símbolo e signo enquanto no palco a banda regurgitava uma canção de *punk rock* num volume quase insuportável. Nessa noite, dormi com Anne. A seguir ao sexo, pensei demoradamente nas palavras de Spiros acerca do desejo depois do luto. Saí do apartamento dela às quatro da madrugada e apanhei um táxi perto de Riverside Drive, em direcção a Brooklyn, com essa convicção firmemente implantada na minha mente: Anne era a minha compensação pelo luto que eu ia fazendo de Laura.

Devia ter adormecido há pouco tempo quando o telefone tocou. Despertei estremunhado de um pesadelo onde perdia os dentes todos. Por um instante, imaginei que fosse Laura. *Vem buscar-me*, dizia ela. Do outro lado, porém, ouvi a voz rouca de um homem.

«Taborda», disse Gary. Era a primeira vez que me ligava àquela hora. Soergui-me, os olhos pesados; a alvorada começava a penetrar através das venezianas. «Acho que me excedi um pouco na outra noite.»

«Professor. Que horas são?»

«Quase seis, a melhor hora do dia. Quando o cérebro está mais alerta. Devia estar a escrever agora.»

«Deitei-me tarde.»

«Valeu a pena?»

«Não sei.»

«Fez sexo?»

«Sim.»

«Com uma miúda?»

«Sim. Mas foi a miúda errada.»

Do outro lado, Gary começou a rir-se. Ouvi, à distância, um disco de música clássica a tocar; parecia ser Mozart.

«É sempre a miúda errada», disse ele. «Nunca se esqueça disso.»

Seguiu-se um silêncio, apenas cortado pela respiração ofegante do professor.

«Preciso de lhe pedir um favor», disse ele.

E fez-me o pedido mais estranho que algum dia me fizeram.

Setembro de 1998

Troy, Estado de Nova Iorque

No dia seguinte, o medo apoderou-se de mim.

Acordei de madrugada, enquanto Laura ainda dormia. Despertei ansioso, levantei-me e fui à casa de banho. Passei uma hora sentado na tampa da sanita, de mãos cruzadas, a defender o meu romance perante os imaginários List e Nowalski. Apesar disso, não conseguia deixar de pensar no que acontecera no dia anterior: todas as revelações feitas, todas as incógnitas que permaneciam.

Doris Mullens tomava o mesmo medicamento para as insónias que tinha sido encontrado no sangue de Levi. Milton Saunders perseguia-nos. A história de Becca Caulfield e das *Donzelas*. O revólver enviado à Polícia por um anónimo. A expressão com que o chefe Mitchell descrevera Pinkus — *suspeito à nascença* —, apesar de o homem ter aparecido carbonizado dentro do seu carro, no fundo de uma falésia.

Nisto, ouvi os dedos de Laura a baterem suavemente na porta.

«Está na hora de partirmos», disse ela. «Não podes chegar atrasado ao teu momento de glória.»

Tomámos um pequeno-almoço rápido no Old Ville, servido por Tina (aparentemente, éramos os únicos hóspedes da pensão naquele dia), com ovos estrelados, *hash browns*,

panquecas e café. A seguir, levei Laura à estação de Troy, onde nos despedimos. Eram oito da manhã quando entrei na Estrada 66 em direcção a West Sand Lake, apanhando depois a 150 na direcção de Nassau. Seguia as indicações que Laura me dera durante o pequeno-almoço, ajudado por um mapa do Estado de Nova Iorque que ela guardava no porta-luvas.

A certa altura do percurso, à minha esquerda, vi o lago Nassau, um reservatório de águas tranquilas e árvores coloridas na margem mais distante: plátanos, figueiras e bordos cor de fogo. Na minha semi-insónia, fiquei hipnotizado com as variações tonais daqueles portentos da Natureza, até perceber que o carro atrás de mim buzina por causa da minha lentidão. Quando cheguei a Nassau, voltei à esquerda pela Estrada 20 em direcção a Eisenman Creek, onde, supostamente, vivia Artie Pinkus. Ao fim de quilómetro e meio, a estrada terminava abruptamente, dando lugar a um descampado, uma espécie de clareira no meio de um bosque, onde se erguia uma única casa solitária, construída com troncos de madeira robustos, com um pequeno alpendre e uma chaminé de onde saía um fumo cinzento. Apesar da solidez da construção, o ermo onde se encontrava, ensombrado pelas árvores, oferecia à casa um ar desamparado; o que se esperaria da habitação de um eremita.

Estacionei o carro perto de uma carrinha azul-clara e olhei novamente para o mapa. Depois verifiquei a morada que, na tarde anterior, Douglas escrevera no papel: *Einsenman Creek, Nassau*. Só podia ser ali, onde a estrada acabava. Saí do carro e ouvi o ruído próximo de uma nascente, o restolhar das copas das árvores; um mocho esvoaçou por cima da casa. Lá no alto, no céu, as nuvens ensombreciam o dia que ainda agora nascia. Bati a porta do carro. O barulho deve ter chamado a atenção,

porque ainda me encaminhava para o alpendre e já um homem muito alto, de fato-macaco azul e botas castanhas, saía da casa e vinha na minha direcção. Tinha os ombros descaídos e caminhava com as mãos enfiadas nos bolsos, os olhos postos no chão, o cabelo tão curto que era praticamente careca.

«O que deseja?», perguntou numa voz rouca.

Assim que me aproximei, reconheci-o. Não sei dizer exactamente como — tinham passado dez anos e, fisicamente, ele havia mudado muitíssimo; era agora um homem, mas os olhos eram os mesmos de 1987: tristes e desamparados, fixando os meus sapatos.

«Estou à procura do Artie.»

«Sou eu», respondeu.

Havia alguma coisa nele que permanecia idêntica: uma espécie de vazio ou ausência de reacção à presença de um estranho, a perplexidade de alguém que acaba de aterrar de outro planeta. Percebi que nunca se lembraria de mim, que eu tinha a mesma identidade das árvores na floresta ou dos mochos que por ali passavam.

«Chamo-me Nolasco», disse eu, e mostrei o cartão do repórter. «Sou jornalista em Chatlam e tenho algumas perguntas para lhe fazer, se não se importa.»

Ele abanou a cabeça em negação. Parecia quase amedrontado pela minha presença, embora fosse um tipo grande, com, pelo menos, mais vinte quilos do que eu.

«Já disse tudo à Polícia», respondeu Artie, e voltou-me as costas.

«Conheço as irmãs Walsh.»

Artie parou e olhou-me por cima do ombro.

«... tem isso a ver comigo?»

Sussurrara as primeiras palavras da frase tão baixinho que não as consegui ouvir.

«Sei que vocês são amigos. Ou foram amigos, em tempos.»

Artie encolheu os ombros.

«... há muitos anos.»

«E, no entanto, os vossos pais morreram na mesma noite», insisti.

Era pouco mais novo do que eu — dois ou três anos, no máximo —, mas o seu rosto estava marcado por uma experiência muito diferente da minha. Era o semblante de alguém que há muito se acostumara a trilhar o caminho do sofrimento.

«... não sabe do que está a falar», disse ele.

«Porque é que não me explica, Artie?»

«Não quero o meu nome nas notícias.»

Levantei os dois braços, em sinal de boa-fé.

«Prometo que não escreverei uma linha que seja sobre si», garanti-lhe. «Só quero falar do que aconteceu.»

Ele encaminhou-se para casa sem dizer mais nada. Presumi que era um sinal de que me deixaria entrar. Debaixo do alpendre cheirava a pinhas queimadas, a lareira. Artie abriu a porta. O interior era o de uma habitação rústica, toda em madeira, uma espécie de *chalet* muito pobre e desleixado. Sobre um fogão antigo repousava uma cafeteira em metal e na pia havia vários pratos por lavar; a casa cheirava a suor e ao

peculiar odor das pessoas velhas ou doentes. Numa lareira, ardiam as últimas brasas, provavelmente da noite anterior, embora estivéssemos em Setembro.

«... muito frio durante a noite», justificou-se.

Artie apressou-se a fechar uma porta tosca que dava para um quarto, mas não antes de eu ouvir uma voz de mulher a chamá-lo.

«Quem é?», perguntei.

«A mãe», replicou, seco. «Está doente.»

Convidou-me a sentar numa mesa de fórmica meio desfeita pelo tempo. Depois serviu-nos duas chávenas de um café espesso, intragável. Olhei em volta, abarcando a pobreza daquele lugar. Era inverosímil que aquele rapaz vivesse ali, com a mãe doente, quando o pai tinha sido sócio de uma empresa que, embora várias vezes falida e ressuscitada, continuava a ser um nome sonante na vida nova-iorquina.

«Sei o que está a pensar», disse ele, sorvendo o café. Permanecia em pé, junto do fogão.

«O quê?»

«Que ela passa o dia todo ali fechada. Não é verdade.»

«Na realidade, estava a pensar em como é que acabaram a viver aqui, quando o seu pai conduzia um *Chevrolet* descapotável e era, segundo consta, um homem abastado.»

«... abastado», repetiu ele, e olhou em volta, como se seguisse o trajecto de uma mosca invisível. «De que serve o dinheiro quando somos miseráveis?»

«Está a falar do seu pai?»

«... de toda a gente. O dinheiro dá cabo das pessoas.»

Fiquei a pensar na pergunta, mas não respondi.

«O que é que lhe aconteceu?», perguntei. «À sua mãe.»

«Um acidente há três anos. Está numa cadeira de rodas»

«Há enfermeiros que podem ajudá-lo», disse eu.
«Assistentes sociais. Lares.»

«E também há filhos», respondeu Artie, continuando a sorver o café. «Um filho serve para cuidar da mãe doente.»

«E o seu pai? Costumava visitá-la?»

Artie encostou-se à bancada da cozinha, quase derrubando a pilha de pratos sujos. Era impressionante como tinha mudado em dez anos — de um miúdo franzino para um homem feito, sofrido, sem um sopro de juventude. Falava de coisas difíceis; contudo, tal como Mitchell o descrevera, era uma personagem soturna, que eu imaginava incapaz de chorar ou expressar um sentimento. Talvez se encontrasse preso àquela vida de cuidador e houvesse eliminado a sua personalidade da equação.

«... o pai foi sempre muito bom para nós», disse ele. Olhou para a minha chávena. «Não vai beber?»

Por amabilidade, levei a chávena aos lábios e fingi que bebia. Cheirava quase a petróleo.

«Quando uma pessoa convida outra para sua casa, é uma questão de educação aceitar o café», proferiu ele como se citasse um livro de etiqueta.

«Não sou grande adepto de café.»

Ele permaneceu em silêncio. Ouvia-se apenas a sua respiração.

«... não tem um bloco de notas?», perguntou.

«Deixei-o no carro», respondi.

«Achava que um jornalista precisava sempre de um bloco de notas.»

«Só quando vamos escrever um artigo», respondi. «Não é esse o caso.»

«Qual é o seu interesse nisto?»

«Digamos que estou a ajudar uma pessoa a preparar a defesa da Levi Walsh.»

Ao ouvir o nome da rapariga, Artie mudou de posição. Abriu e fechou uma das portas do armário.

«... a mais nova», comentou.

«Sim. Foi apanhada com a arma do crime.»

«Coitada», disse, com indiferença.

«Há quanto tempo perdeu o contacto com a família Walsh?»

«Lembro-me deles na infância. Só isso.»

«E depois?»

«... os meus pais afastaram-se. O pai desapareceu, nunca estava em casa.» Fez uma pausa, olhou para o dia cinzento. «Um dia, a mãe também quis desaparecer. Pôs a corda ao pescoço.»

«Tentou matar-se?»

«... o médico disse ao meu pai que ela precisava de repouso, e viemos para aqui.»

«Onde é que viviam antes?»

«Em White Plains, numa casa grande.»

«White Plains é um lugar sossegado.»

Artie pousou a chávena na bancada com ímpeto.

«Também era a casa onde ela tentou matar-se.»

«Peço desculpa», disse eu. «Quem escolheu este lugar?»

«... temos tudo o que precisamos aqui. Silêncio. Uma lareira. A vila mais próxima a menos de dois quilómetros. O pai foi sempre muito bom para nós», repetiu. «Nunca faltou dinheiro. Nunca faltou nada.»

«Sabe que vive muito próximo da casa dos Walsh em-Chatlam?», perguntei.

«Não.»

«Uns vinte ou trinta minutos de carro.»

«Não os vejo há muitos anos.»

«E a sua mãe ficou de cadeira de rodas porquê?»

«Por causa da corda», confirmou Artie. «Só não morreu porque eu entrei no quarto dela a tempo. A coluna ficou estragada para sempre.»

Entretanto, ouviram-se uma série de pancadas na porta do quarto fechado. Artie foi até lá e abriu-a ligeiramente; do interior, disparada, surgiu a mãe numa cadeira de rodas. Tinha o cabelo todo branco, uma manta cinzenta aos ombros por cima de um roupão axadrezado. Parecia furiosa, talvez revoltada por estar fechada ali dentro há tanto tempo. A

cadeira de rodas travou, estrepitosa, no chão de madeira, e os seus olhos verdes fitaram-me demoradamente. Tinha o rosto carcomido pela amargura e pelo cansaço, mas podia adivinhar-se, nos seus traços, que, outrora, fora uma mulher bela, quem sabe até lindíssima.

«Quem é este?», perguntou a mulher.

Levantei-me para a cumprimentar. Com insuspeita destreza, ela usou as rodas da cadeira para se afastar de mim e foi pôr-se junto da lareira, cujas brasas ainda aqueciam a casa.

«... um amigo do pai», anunciou Artie, e olhou para mim com uma expressão cúmplice, fazendo-me sinal para não dizer nada.

«Cabrão do teu pai», disse ela. «Onde é que ele anda?»

«Está em viagem», respondeu Artie.

A mulher começou a dar voltas à sala na cadeira de rodas, girando sem rumo.

«Em viagem, em viagem, em viagem...», repetiu. Depois olhou-me com uma mistura de desprezo e tristeza e regressou ao quarto.

A porta bateu. Artie foi atrás dela. Ouvi as vozes abafadas, vindas do interior. Um sentimento de comiseração tomou conta de mim. Aquele rapazinho estranho e diferente do Verão de 1987 era, agora, um escravo do drama da mãe, um peão no jogo cruel e insondável entre os progenitores. A mulher parecia ter enlouquecido e não saber que o marido (ou ex-marido) morrera.

Artie saiu do quarto com o ar de quem pede desculpa.

«... não está muito bem. Ficámos sem medicamentos, tenho de ir à farmácia buscar mais.»

«Desculpe estar a tomar-lhe tempo.»

«Há mais alguma coisa que queira saber?», perguntou Artie enquanto abria e fechava os armários da cozinha à procura de alguma coisa.

«Tem ideia do que possa ter acontecido ao seu pai?»

Encontrou um frasco, abriu-lhe a tampa e, mergulhando um dedo no interior, provou um molho avermelhado.

«Não foi suicídio», respondeu.

«Eu sei. A Polícia disse-me que ele foi baleado antes de morrer.»

«Sim.» Tornou a provar o molho e, depois, olhou-me com desconcertante tranquilidade. «Foi o Noah.»

Devo ter acusado perplexidade, porque ele fechou o frasco e permaneceu quieto, junto do balcão, os ombros descaídos mal sustentando o fato-macaco.

«O que foi?», perguntou, observando-me.

«Não estava à espera de que dissesse isso.»

«A Polícia vai descobrir que o pai foi assassinado pelo Sr. Walsh», afirmou com grande calma. «

Pensei no revólver.

«Como é que sabe disso?»

Artie guardou o frasco no armário. Saiu de trás do balcão da cozinha, as pesadas botas a ressoarem no chão de madeira. Enfiou novamente as mãos nos bolsos.

«... tenho provas? Não, não tenho. Mas lembro-me muito bem do Noah. Sei do que ele era capaz.» Artie sentou-se na cadeira em frente da minha, junto da mesa da cozinha. «Não sou estúpido, Sr. Nolasco.»

«Nunca disse que era.»

«... acham que eu tenho um problema mental. Sou um tipo lento. Já em criança era assim. Prestava atenção aos pormenores, mas não era capaz de ver *tudo*. Entende?»

«O cenário, quer dizer?»

Apeteceu-me dizer-lhe: *Eu lembro-me*. Mas era demasiado tarde para trair a minha nova identidade de repórter do *Chatlam Herald*.

«... o cenário, sim. Não me interessa. Gosto dos pormenores.»

«Eu não faço julgamentos», respondi. «Como lhe disse, a minha única intenção é ajudar na defesa da Levi Walsh.»

«Ela será ajudada», disse ele com uma certeza sinistra. «Não se preocupe.»

«Por quem?», perguntei. «Por si?»

Artie riu-se pela primeira vez nessa manhã. Reparei que lhe faltavam dentes laterais e que os restantes estavam amarelecidos — do tabaco ou da falta de higiene.

«Eu? Quem é que acredita em mim? Não, eu não posso ajudar a Levi. Mas ela será ajudada.»

«Disse que sabe que o Noah Walsh matou o seu pai. Isso é uma afirmação importante», sugeri. «E grave.»

«O pai esteve aqui na noite em que morreu», revelou Artie.

«A que horas?»

«Não sei ao certo. Nove e meia ou dez.»

«A sua mãe?»

«Estava no quarto, não deve ter dado por nada. Ela ouviu muito mal.»

«E como é que o seu pai se encontrava nessa noite?»

«... agitado. Nervoso. Ele e o Sr. Walsh tinham discutido e o pai disse que ia a casa dele pedir justificações.»

«Qual era o motivo da discussão?»

«Não sei. Calculo que eram os negócios.»

«É por isso que julga que o Noah Walsh o matou?»

«Não. O Sr. Walsh queria matar o meu pai há muito tempo», respondeu ele. «A discussão foi o motivo para o fazer.»

«Mas tem de haver uma razão», contrapôs. «Uma pessoa não mata outra só porque lhe apetece. As consequências são demasiado pesadas. O Noah Walsh era um homem respeitado, um pai de família...»

«Era um canalha», interrompeu Artie sem subir o tom de voz.

«Explique-me porquê.»

«O pai queria separar-se dele há muito tempo. Deixar a empresa, seguir o seu caminho. Mas o Sr. Walsh não deixava. Ele era assim, queria controlar as pessoas. Como fez com a mulher e as filhas. Mas o pai tinha encontrado uma saída.»

«Qual saída?»

Artie olhou para as próprias botas, que eu reparava agora estarem enlameadas.

«... um negócio qualquer na Arábia Saudita, ou num desses países dos árabes», explicou. «Um negócio que ele andava a esconder do Noah. Talvez o Sr. Walsh tenha descoberto que o meu pai queria sair da empresa. E ele não suportava que as pessoas o abandonassem. Preferia vê-las mortas.»

Do quarto, ouviu-se um grito estridente e, a seguir, um lamento prolongado. Imaginei que a mãe tivesse caído da cadeira de rodas e agora estivesse no chão, cheia de dores.

«Não quer ir ver o que aconteceu?», perguntei.

«... faz isto todos os dias. Nisso, é parecida com o Walsh, quer ser sempre o centro das atenções.»

Ficámos um segundo em silêncio, escutando os gemidos da mulher abafados pela porta. «Já lhe contei tudo o que sei. Agora precisava que se fosse embora.»

O rapaz levantou-se e estendeu-me a mão. Apertei-a, sentindo-lhe a pele húmida, a grande mão fechando-se em torno da minha. Levou-me à porta e, sem me olhar, fechou-a atrás de mim.

No carro, de regresso a Chatlam, encontrava-me tão perplexo com aquele encontro que fiz o trajecto da 66 em piloto automático. Não conseguia deixar de pensar na semelhança entre as histórias das duas famílias: um pai ausente, obcecado com os negócios e a fortuna; uma mãe egoísta e enlouquecida; o ónus de dois assassinatos recaindo sobre os filhos. Ao mesmo tempo, era evidente que Artie só conhecia um lado da história — o lado que o pai lhe contava,

uma vez que não convivia com a família Walsh desde que era miúdo. E, ao mesmo tempo, sentia-me incrédulo com aquele cenário: uma mãe e um filho fechados numa cabana miserável, isolados de tudo, o pai carbonizado no fundo de uma ravina. Dei por mim a desejar que tivessem maneira de sobreviver, que nada lhes faltasse.

Cheguei a Chatlam por volta das onze da manhã. Laura ainda ia demorar uma hora e, depois de estacionar o carro em frente da papelaria, propus-me caminhar até ao café de Merle (não me atrevia a ir ao Albatross, porque tinha medo de encontrar Milton). Assim que saí do carro, olhei para os jornais pendurados à porta da papelaria. O *The New York Times* e o *The New York Post* davam precisamente a mesma notícia — o primeiro com discrição, o segundo em letras garrafais. Entrei na papelaria. A dona estava sentada atrás do balcão, o corpo escondido, desta vez, por uma espécie de sari indiano. Suava bastante enquanto jogava a um jogo qualquer num *Game Boy* que segurava com ambas as mãos. Quando me viu, pousou a pequena consola no balcão.

«Continue», disse eu.

Ela não se fez rogada e prosseguiu. A máquina emitia barulhos primitivos e irritantes. Peguei no *The Times* e li a notícia da primeira página.

Walsh vale cinco milhões; Seguradora disputa pagamento

A tragédia da família Walsh ganhou novas proporções ontem quando, depois do homicídio, ainda por resolver, de Noah Walsh e de o corpo do seu sócio, Matthew Pinkus, ter sido encontrado carbonizado no fundo de uma ribanceira, a seguradora Great American Insurance contratou o advogado Bernard Sloane para investigar o caso do ex-magnata, por suspeita de fraude ou comportamento criminoso por parte do cliente. Com uma apólice de cinco milhões de dólares e um caso rodeado de incógnitas — a filha mais nova dos Walsh, Levi, está detida preventivamente por

possível envolvimento no homicídio do pai —, a seguradora quer garantir, segundo fonte oficial, que «o caso é devidamente esclarecido no que diz respeito ao comportamento e carácter de Noah Walsh». Esta declaração aponta para uma forte suspeição, já levantada pelo Ministério Público e pelo procurador do Estado de Nova Iorque, de que Noah Walsh pudesse estar envolvido em negócios obscuros ou em fraude fiscal, o que será investigado doravante por Sloane, que terá, segundo a lei, até ao final de Outubro para apresentar um requerimento ao Ministério Público, caso contrário, a seguradora será obrigada a pagar a apólice às descendentes de Walsh.

A notícia continuava com pormenores que eu já conhecia. No *The New York Post*, as coisas assumiam contornos mais obscuros e escabrosos, e quase que tive medo de ver a primeira página. O título da notícia era o seguinte:

O caso Walsh: Drogas, Sexo e Corrupção

Era a primeira vez que um jornal usava palavras tão constrangedoras para falar daquele assunto. Lembrei-me de tudo o que Laura me contara sobre o pai; de todos os rumores que, segundo Nolasco e Lombardi, iam começar a surgir, numa tentativa de tramar Noah Walsh e de tornar aquela história o mais perversa e chocante possível, de maneira a que a opinião pública se voltasse fortemente contra a família. Era preciso arranjar um culpado — ou, melhor ainda, *culpados*: não somente Levi mas também Noah. Os dois juntos pagariam a factura dos jornais, o papel e a tinta em que os seus nomes eram impressos. No *The New York Post* aparecia também o nome de Bernard Sloane, o advogado da seguradora, e ainda algumas declarações de colegas de escola de Levi que, para protecção das próprias, permaneciam anónimas. Segundo estas fontes, as duas irmãs (tinham frequentado a mesma escola) eram diabos à solta: sobretudo Levi, que, desde o primeiro ano, era conhecida por fumar erva, beber e fugir com regularidade do *campus*, quebrando as regras mais

elementares. Uma das professoras, também por identificar, afirmava que Levi se encontrava com rapazes e incitava as colegas a fazerem o mesmo. «Levi era líder de um grupinho dentro da escola», dizia essa fonte. «Eram as piores influências aqui dentro.» Pensei imediatamente na conversa com Marjorie, nas *Donzelas*, em Becca Caulfield, que, segundo a tutora, era a verdadeira líder.

Quanto a Noah Walsh, as suspeitas adensam-se à medida que a investigação prossegue. Agora entregue à Procuradoria, o caso envolve os negócios da família, que declarou falência duas vezes — em 1991 e em 1996 — e cujo sócio principal, Matthew Pinkus, foi encontrado morto dentro do seu carro, que, segundo a Polícia, caiu de uma ravina na mesma noite do homicídio em Chatlam. Com um seguro que ronda os cinco milhões de dólares, não é de surpreender que se instalem as suspeitas em redor das duas mortes. O The New York Post sabe, de fonte segura junto da Great American Insurance, que Sloane procura indícios de fraude fiscal e branqueamento de capitais (...) Ao mesmo tempo, o Ministério Público e o procurador investigam também as suspeitas de que a vida íntima de Walsh foi ensombrada por vários casos extraconjugais. Separado da ex-mulher desde 1996, Walsh era conhecido pelo estilo de vida extravagante, e existem rumores de relações com outras mulheres durante o casamento e até de envolvimento com prostitutas (...) A serem provadas algumas destas suspeitas, o antigo magnata nova-iorquino poderá ver a sua reputação arrasada já depois de morto, e a sua filha — caso venha a ser formalmente acusada pelo MP — arrisca-se a passar muito tempo nas garras do lento e inescrutável sistema judicial americano.

Apeteceu-me pegar nos três exemplares do *The New York Post* que restavam e queimá-los. Aquele era o exemplo típico do jornalismo sensacionalista americano: rumores, suposições, fontes anónimas. Nada tinha sido provado e, no entanto, o jornal já começava a transformar Noah Walsh num monstro, e a filha numa devassa. Perguntei-me se Nolasco teria alguma coisa a ver com as notícias. Embora me tivesse parecido um tipo decente, isso não significava que não precisasse de ganhar a vida. Vender informações (ainda que falsas) ao *The New*

York Post era seguramente mais lucrativo do que escrever no *Chatlam Herald*. A história da droga encontrada no sangue de Levi — supostamente, uma informação que apenas Laura e a Polícia teriam — chegara aos jornais demasiado depressa; e, agora, o passado de Noah e de Levi também começava a ser desbaratado. Era difícil acreditar que o *The Times* ou o *The New York Post* não trabalhassem com um informador, provavelmente disfarçado de repórter de um jornal local.

«Vai levar algum desses?», perguntou a mulher sem descolar os dedos do *GameBoy*.

Escolhi o *The New York Times* (mais por sentir culpa de estar a mexer nos jornais sem os comprar do que por desejo de os ter) e levei-o ao balcão. Mantendo os olhos no jogo, que soltava *bips* intermináveis, a mulher comentou:

«Coitados, estão bem tramados. Os Walsh, quero eu dizer. A sua amiga está a sobreviver a tudo isto?»

«A Laura é uma pessoa forte», respondi.

Ela fez um esgar e, a seguir, largou o aparelho no balcão com irritação.

«Pronto, perdi. Merda.»

«Que jogo é?»

«É dos *Flintstone's*», respondeu. «Somos o Fred Flintstone e andamos para ali aos saltos, na Pré-História. Também há um dinossauro que se pode montar e que lança bolas de fogo.» A mulher olhou-me com curiosidade. Tinha o rosto tão largo, que os olhos eram dois berlindes negros afundados em gordura atrás dos óculos. «Acha que são todos culpados, como dizem nos jornais?»

«Todos, quem?»

«A família inteira, os Walsh.»

«Não me parece», respondi.

«Eu lembro-me bem delas, sobretudo da Levi. Às vezes, aparecia por aqui, com o pai ou a mãe, e punha-se a ver os livros, como você fez no outro dia. Ainda era uma miúda e já gostava muito de livros.»

«De quais é que ela gostava mais?»

A mulher fez uma cara pensativa.

«Lembro-me de que o primeiro livro que a mãe lhe comprou foi um daqueles escritos pelo inglês, com os duendes e os dragões... Como é que se chama?»

«Está a falar do Tolkien?»

«Isso mesmo. Uma edição antiga, de alfarrabista. Ela leu-o muito depressa e gostou tanto, que, na semana seguinte, veio perguntar-me se eu tinha mais. Infelizmente, só tinha aquele, mas recomendei-lhe outras coisas. Policiais e afins.»

«Policiais? Que idade é que ela tinha?»

«Uns dez ou onze anos», respondeu a mulher, aceitando a minha nota de cinco dólares para pagar o jornal. Devolveu-me o troco e o recibo da máquina. «Depois começou a ler os livros de terror... os do Stephen King, ela gostava muito desse género.»

Ela passou-me o exemplar do *The New York Times*.

«Faça-me um favor», pedi-lhe. «Se aparecer alguém por aqui a fazer perguntas sobre o caso, não conte o que acabou de me contar.»

A mulher franziu o sobrolho; depois, sozinha, concluiu alguma coisa.

«Ah, porque...»

«... não é bom para a imagem da Levi Walsh.»

«Percebo», respondeu ela.

Fui ao café de Merle. Fora lá que combinara encontrar-me com Laura. Sentei-me num dos cubículos e esperei que Merle viesse ter comigo. Por causa da falta de sono dos últimos dias, o brilho do Sol reflectido nas janelas dos carros cegou-me, e franzi muito os olhos; tanto, que Merle me fitou de maneira curiosa.

«Está tudo bem consigo?»

«Só preciso de café», respondi, procurando um sorriso.

Olhei para o outro lado da rua e vi Leah. Estava novamente vestida como no dia em que chegara — casaco e saia vermelhos, os saltos altos fazendo dela a pessoa mais alta do trio que caminhava pela rua principal de Chatlam em direcção à esquadra da Polícia: Leah, Bernie Ditmas (muito mais pequeno e redondo) e um homem de estatura média, de fato preto e gravata dourada, com o cabelo puxado para trás e uma mala de advogado na mão direita. Acompanhei-os com o olhar enquanto Merle me trazia uma chávena de café e eu tentava esconder o *The New York Times* no banco por baixo da mesa, ocultando a parangona que dizia respeito à família Walsh.

«É um trio curioso, não acha?», ouvi uma voz dizer, de um lugar invisível. Por um momento, julguei que a insónia me deixara louco e que tinha começado a ouvir coisas. Do cubículo em frente ao meu, surgiu a careca de Fred Lombardi, os olhos escondidos atrás dos óculos escuros que reflectiam o

meu rosto lívido. Devo ter feito um ar tão espantado que Lombardi começou a rir-se. Levantou-se e veio sentar-se à minha frente. Usava uma camisa branca com as mangas arregaçadas, os botões do colarinho abertos, exibindo o peito peludo. Tirou um maço de cigarros do bolso e acendeu um. «Posso fazer-lhe companhia?», perguntou.

«Já se sentou», respondi.

«Leu os jornais de hoje?»

«Li.»

«Eu não lhe disse que as coisas iam complicar-se?»

Bebi um gole do café insípido e aguado. Lombardi percebeu o meu desagrado e, pegando no açucareiro que estava em cima da mesa e num pacote pequenino de leite, deitou-os na minha chávena e pôs-se a misturar tudo com a colher.

«Experimente assim», sugeriu.

Ele tinha razão: era bem mais suportável.

«Quem é aquele homem da gravata dourada?», perguntei.
«É o advogado que a mãe da Laura contratou?»

«Não», respondeu ele, fumando.

Lombardi tinha um sorriso matreiro no rosto.

«Lombardi, foram dias esgotantes», suspirei. «Se me vai dizer que quer informação em troca, digo-lhe já que não estou com paciência.»

«Não precisa de me dizer nada», respondeu ele. «Pedro, não é?»

«Sim.»

«Só me sentei aqui para o relembrar do meu aviso. Toda a gente vai querer um pedaço desta história, e o tempo corre contra a irmã da sua namorada.»

«Nós não somos namorados.»

Ele ergueu a mão direita.

«Escusa de se justificar.»

Continuei a beber o café leitoso e açucarado.

«Então, o que é que quer?», perguntei.

«Quero o meu pedaço, claro», respondeu. «O pedaço certo: aquele em que a Levi Walsh sai em liberdade e o Noah é exonerado dos crimes que esta ridícula imprensa está a tentar imputar-lhe.»

«Você tinha razão numa coisa», concedi. «De facto, o sócio do Noah estava desaparecido.»

«Quer dizer morto.»

«Na altura, ainda não se sabia.»

«Era uma coisa ou outra», disse Lombardi. «Conhecendo-os como os conheci, sabia perfeitamente que, mais cedo ou mais tarde, a história terminaria assim.»

«Assim, como?»

«Ora. Não consegue perceber o que aconteceu?»

«Não. Não percebo coisa nenhuma.»

Ele apagou o cigarro no cinzeiro e acendeu outro logo a seguir. Recostou-se no assento de vinil vermelho, abrindo os braços.

«O Matthew Pinkus é o culpado de tudo isto», respondeu. «A inveja que ele tinha do Noah... Era uma coisa de bradar aos Céus. Tenho dezenas de *emails* trocados entre eles que provam precisamente isso.» Lombardi chegou-se à frente na mesa, pousando os cotovelos no tampo. «Era um jogo do gato e do rato, meu amigo. O Noah era o fundador da empresa, responsável pelos grandes negócios, as aquisições, os clientes estrangeiros, o hotel, os restaurantes. O Pinkus era um empresário de segunda, um esbirro com demasiadas ambições. Olhava para o Noah e via o homem que ele gostava de ser, mas que não conseguia, e deixou que a inveja tomasse conta dele nestes últimos anos. A inveja é capaz de corroer os homens até à medula.»

«Está a dizer que foi ele que matou o Noah Walsh?»

Lombardi sorriu e tirou os óculos. Tinha uns olhos amedrontadores, muito claros, com olheiras fundas e escuras.

«Se não foi ele, foi alguém por ele. Não tenho dúvidas.»

«Nesse caso, quem matou o Matthew Pinkus?»

«Meu amigo, esse é o grande segredo deste caso.»

Hesitei antes de lhe contar o que quer que fosse, mas acabei por ceder. Havia alguma coisa em Lombardi que, embora sinistra e misteriosa, parecia honesta. Fosse por que razão fosse, eu confiava que ele tinha um desejo sincero de cuidar da verdade.

«Fomos a Albany ontem», revelei. «Aparentemente, o Pinkus foi morto a tiro antes de o carro cair na ravina.»

«Interessante», respondeu ele, tamborilando na mesa. «Portanto, há um terceiro elemento neste caso que é

desconhecido. O terceiro homem! A incógnita que nos falta para que a equação faça sentido.»

«Tem alguma ideia?»

«Por enquanto, não. Mas tenho várias pistas. E sei que, com algum tempo e o dinheiro necessário, posso tirar a Levi Walsh da prisão, para que depois possamos avançar para a descoberta do verdadeiro culpado.»

«Eu não posso tomar qualquer tipo de decisões», respondi. «Ao contrário do que possa parecer, também não tenho nenhuma influência sobre a Laura. Sobretudo agora, que a mãe dela chegou e parece estar metida a fundo no caso. Só estou aqui para dar apoio emocional, se for caso disso.»

«É por isso que foi falar com o filho do Pinkus esta manhã?», provocou-me ele. «Para dar *apoio emocional* à Laura?»

«Anda a seguir-me?», perguntei, indignado.

Lombardi riu-se.

«Acha que eu ando aqui a brincar, amigo? O Noah Walsh era o meu maior cliente. E vai continuar a ser, porque, mesmo morto, não há ninguém melhor equipado do que eu para o defender e à sua família.» Apontou um dedo para o meu peito. «Faça chegar essa mensagem à sua amiga.»

Fred já se levantava quando lhe perguntei:

«Quem era aquele homem de gravata dourada?»

«Chama-se Bernard Sloane, é o advogado da seguradora.» Lombardi vestiu o casaco, ajeitando-o ao corpo robusto. «Agora tire as suas próprias conclusões.»

Deixou uma nota de dez dólares em cima do balcão e saiu, fazendo tocar o sino da porta. Pouco tempo depois, Laura chegou de táxi. Entrou no café e abraçou-me, e a seguir caminhámos na direcção do carro. Perguntei-lhe se tinha conseguido encontrar Rebecca Caulfield em Saratoga Springs e ela respondeu que estávamos sem tempo, porque o meu comboio para Manhattan partia dentro de catorze minutos; mais tarde, falaríamos das respectivas experiências.

«Por agora, quero que termines a porcaria do curso», disse ela, o cabelo preso num carrapito, exibindo um pescoço maravilhosamente delgado e liso. «E que te tornes finalmente escritor.»

Atravessámos a povoação e voltámos à esquerda, na rua que conduzia à estação. Pela primeira vez desde o princípio de Agosto, as nuvens cobriam o céu; o calor pegajoso dera lugar àquela temperatura amena do Outono nova-iorquino, que chegava como uma bênção depois de um Verão insuportavelmente húmido.

«Vi a tua mãe com o advogado da seguradora», revelei.

«Como é que sabes que era ele?»

«O Lombardi disse-me.»

«Ele ainda anda por aqui?»

«É o caso da vida dele. Dificilmente irá embora tão cedo.»

Laura estacionou no parque em frente da estação quando faltavam três minutos para o comboio.

«Outra coisa», adiantei antes de sair. «Se a perícia descobrir as impressões digitais do teu pai naquele revólver, eu não me espanto.»

«O que é que estás a dizer? Achas que o meu pai matou o tio Matthew?»

«Não», respondi. «Mas acho que alguém o quer tramar, e à tua irmã também. E falsificar impressões digitais não é assim tão difícil.»

«Estou preparada para tudo», disse Laura.

«Ainda bem.»

«Mais alguma coisa urgente? Antes de partires?»

Num gesto impulsivo, tentei beijá-la. Mas Laura afastou-se ligeiramente e agarrou-me as mãos. Olhámo-nos por uns momentos: ela encostada à porta do carro, eu com o tronco ridiculamente debruçado sobre ela.

«Desculpa», disse eu, recuando.

«... desculpa eu», respondeu ela. «Não posso.»

«Claro», concordei, e abri a porta.

«Não te zangues comigo», pediu.

Tentei sorrir, mas devo ter feito uma expressão atrapalhadíssima. Laura fez-me prometer que lhe ligaria mais tarde e, dois minutos depois, eu estava dentro do comboio em direcção a Manhattan. Adormeci durante a viagem; um sono breve, durante o qual sonhei com Levi Walsh, a miúda de cabelo quase branco que eu não via há mais de uma década. Que era ela dentro do carro em vez de Laura e que aceitava o meu beijo, devolvendo-o com paixão. A ansiedade por causa da *audiência* dessa tarde despertou-me, e fui o resto do caminho com as pernas a tremer, pensando e repensando se teria tempo para ir a casa mudar de roupa antes de seguir para a faculdade. Algures entre White Plains e New Rochelle, o

comboio da Amtrak ficou parado durante mais de vinte minutos (sem qualquer aviso ou alerta da parte do condutor) e, quando chegámos à Penn Station, faltavam dezoito minutos para as quatro da tarde.

Amaldiçoei os serviços rodoviários americanos e apanhei um táxi. Havia bastante trânsito. Passei a viagem inteira a conduzir o táxi na minha cabeça, fazendo ultrapassagens proibidas e acelerando pela Sétima Avenida abaixo, ignorando todos os semáforos. Quando entrei no edifício da West 10th, a Sr.^a Clements olhou-me de cima a baixo — estava todo suado, a roupa amarrotada, o cabelo desgrehado — e perguntou-me, quase a medo, se estava tudo bem comigo e depois disse que o professor List estava à minha espera na sala de aula.

Não era apenas List. Ao seu lado direito, sentava-se Terence Hayes; ao lado esquerdo, um homem de cabelo curto e óculos redondos, que se parecia muitíssimo com Walter Benjamin. Os três fumavam, os três tinham um exemplar do meu romance inacabado à sua frente. O sócia de Benjamin tinha colocado *post-its* amarelos em quase todas as páginas; quanto a Hayes, sorriu maliciosamente ao ver-me entrar. Era o tipo a quem List sugerira, praticamente um ano antes, que eu desse uma sova.

«Ora que bela surpresa», disse Gary ao ver-me entrar com uma pequena mochila cheia de cuecas e meias sujas. Apontou para o homem dos óculos redondos. «Apresento-lhe o professor Nowalski, da Universidade do Iowa, embora nativo de Nova Iorque.»

Nowalski acenou com os dedos da mão direita, sem levantar os olhos, praticamente indiferente à minha presença.

«Onde é que eu me sento?», perguntei.

«No lugar do réu», respondeu List, apontando para a cadeira no topo da mesa comprida. Enquanto me sentava, entrou na sala uma rapariga de aspecto oriental com uma mochila colorida às costas. «Ah, Janice», disse Gary. Era estudante do curso de Escrita Criativa e vinha contra-argumentar a minha proposta de tese. A rapariga não devia ter mais de dezoito ou dezanove anos, usava uns óculos de lentes muito fundas e parecia totalmente alheada da realidade. Sentou-se ao lado de Hayes, abriu a mochila e, do interior, tirou um exemplar do meu texto e um pequeno estojo colorido com lápis de cor e uma borracha. List apagou o cigarro e deu início ao interrogatório.

«Bom, diga-nos lá», começou ele. «Qual era a sua ideia ao escrever isto?»

Fiquei paralisado, mudo. Tinha a cabeça tão cheia de conjecturas sobre outras coisas, que praticamente não era capaz de me lembrar do que escrevera.

«A ideia era escrever sobre a fraternidade», respondi após um enorme esforço de memória. «E os conflitos que daí resultam. Onde existe fraternidade existe amor, mas também existem as questões do sexo, da ambição e da inveja. Foi essa complexidade que me propus explorar.»

Estava a citar List. O meu manuscrito chamava-se *Da Natureza dos Homens* — um título pomposo para uma história que falava de dois irmãos, gémeos idênticos, ambos com a mesma profissão (pintores), na qual um alcançava o sucesso e o outro nunca passava da mediocridade. Não era, contudo, uma história de rivalidade; os irmãos associavam-se para criar uma fraude que enganava toda a gente (incluindo o público, os galeristas e os mecenas que compravam as pinturas ao

desbarato), uma vez que o verdadeiro artista era um misantropo antissocial que detestava o mundo, enquanto o irmão sem talento era precisamente o contrário, sendo capaz de enganar até as pedras da calçada com os seus dotes de oratória.

«Bom, a verdade é que...», começou Nowalski num tom vagaroso.

«Não vejo aqui nada de revelante sobre a fraternidade», interrompeu-o Hayes, com os seus suspensórios ridículos. «Quando muito, é sobre a alteridade. Eu acho que os irmãos se detestam, se invejam tanto, que a colaboração entre os dois é inverosímil.» Levou a mão ao queixo em sinal de reflexão profunda. «Enfim, parece-me que a sua intenção fracassou», concluiu, suspirando como se tivesse pena de mim.

«O professor Hayes tem irmãos?», perguntei.

Hayes levantou o sobrolho como se eu lhe tivesse perguntado pelo tamanho do pénis.

«Não vejo a relevância dessa pergunta», esgrimiui. «Uma narrativa ou faz sentido ou não faz, independentemente da condição de quem a lê. Se vai escrever livros só para quem tem um gémeo, o seu público será bastante restrito.»

«Deixe-o explicar-se», pediu List.

«Os irmãos, quando são muito próximos, tendem a ganhar características do outro e, ao mesmo tempo, começam a detestar essas mesmas características. É uma relação mais complexa do que pode parecer», expliquei sem ter a certeza do que dizia. «A minha ideia era escrever uma história na qual...

«

«... ah, como n'*A Traição de Mabeline C.*», interrompeu Janice, a quem só faltava usar uma *T-shirt* da Hello Kitty. «Mabeline detesta Gus, mas as acções dele falam mais alto e ela acaba por o usar. Ele transforma-se um pouco na irmã, torna-se mais astuto, mais manipulador. E ela, ao mesmo tempo, ganha a crueldade do irmão, que a responsabiliza pela morte do pai.»

«Eu conheço o livro», respondi, irritado com a vozinha estridente da estudante pré-graduada.

«Agora que já sabemos onde foi buscar as suas ideias», sugeriu Hayes. «Resta saber se consegue levá-las à página com competência. O que, pelos vistos, não aconteceu.»

Continuaram a falar da novela (ou do romance inacabado) durante quinze minutos. Eu permaneci quase sempre em silêncio, remetido à condição de espectador, permitindo que Terence fosse destruindo a complexidade da narrativa enquanto Janice a colocava à sombra das obras de List e de outros escritores pós-modernos, fazendo sempre questão de frisar que a minha literatura era de imitação, de segunda categoria. Perante o meu silêncio cansado, List interveio e, passando-me a palavra, pediu-me que contra-argumentasse ou defendesse o meu trabalho. Eu olhei para os três e, do fundo da mesa, sentindo-me como um rato de laboratório, exausto, farto de ser cobaia de experiências científicas, respondi que não desejava defender-me.

«Acho que têm razão», respondi. «Tanto o professor Hayes como a Justine.»

«Janice», corrigiu ela, baixinho.

«É um manuscrito falhado. As personagens não têm a espessura necessária, o enredo é incongruente. Em poucas

palavras, é uma grande merda.»

«Parece-me que está a ser demasiado duro consigo, Taborda», afirmou List, que me observava com um misto de surpresa e compaixão.

«Não estou», respondi. «A verdade é que, nos últimos tempos, a minha cabeça não tem estado na escrita... Achei que era isto que queria fazer na vida, ser escritor. Mas talvez esteja enganado, já existem demasiados escritores no mundo. Grandes autores, nomes de referência, monstros sagrados. O Universo não precisa de mais um pretendente com pouco talento.»

Os três ficaram a olhar-me. List com apreensão, Hayes com um secreto regozijo de vitória, e a estudante com curiosidade para ver o que eu faria de seguida. Nowalski mantivera os olhos na mesa.

«Bom, não é preciso ir tão longe...», começou este último.

«Desculpe se o desiludi, professor List», interrompi, olhando para Gary. Depois levantei-me e, arrastando-me até à porta, saí da sala. Com aquela partida súbita, estava a hipotecar as minhas possibilidades de terminar o curso e a gravar uma imagem de derrota prematura. No momento, essa desistência sem luta não me pareceu muito desfasada da imagem que eu alimentara de um escritor. Julgava que List me entenderia — ele, que já experimentara o sucesso e agora experimentava o esquecimento. Secretamente, ansiei que o meu mentor viesse a correr atrás de mim para me convencer a não atirar a toalha ao chão.

Nada disso aconteceu. A Sr.^a Clements desejou-me um bom resto de dia e saí do edifício para a tarde ensombrada de Manhattan, o tempo ameaçando a primeira chuvada do

Outono. Quando cheguei a Brooklyn, fiz o caminho do metropolitano até casa em passo rápido, na esperança de que Gary tivesse deixado uma mensagem no meu atendedor de chamadas. Também não aconteceu. Às oito da noite, Mookerjee bateu à porta do meu quarto. Eu tinha adormecido — desmaiado em cima da cama — e acordei estremunhado, ainda com a roupa dos dias anteriores.

«Estás com péssimo aspecto», disse Mookerjee quando eu abri a porta. «E cheiras mal. Mas já tinha saudades tuas.»

Obrigou-me a tomar um duche, a mudar de roupa e a jantar com ele. Mookerjee sabia cozinhar e, em pouco tempo, havia um caril a borbulhar no pequeno fogão da cozinha que separava os dois quartos. Enquanto comíamos, contei-lhe o que acontecera nessa tarde, durante a defesa do manuscrito. Ele abanou a cabeça ao ouvir que eu tinha saído da sala antes do fim, que não suportara as críticas de Hayes e da estudante asiática. E depois ficou indiferente quando, finalmente, lhe confessei que entrara na faculdade com um conto de outro escritor.

«Sabes qual é o teu problema, meu?»

«Não me digas que sabes», ironizei.

«Sei. E tu também sabes», respondeu ele. «Estás condenado ao fracasso porque tomaste a decisão de fracassar, mesmo antes de vires para Nova Iorque.»

«Explica lá isso melhor.»

«Esse conto que usaste para te candidatares à faculdade... Metade dos estudantes americanos pagam para que tipos como eu lhes escrevam os ensaios de admissão, achas que se sentem minimamente culpados? Tu, pelo contrário, não acreditas que

mereces estar aqui, no grupo selecto de protegidos desse escritor que tanto admiras, porque, como quase toda a gente, aldrabaste um bocadinho. Como é que achas que o Bush entrou na faculdade? E o Clinton? Porque são *inteligentes*?» Comeu uma garfada do caril e bebeu um gole de vinho branco. Falou com a boca cheia: «Por isso, estás condenado a falhar. Preparaste cuidadosamente o teu fracasso, mesmo antes de aqui chegares. És o Messias negativo.»

«Adoro a tua psicologia de algibeira», repliquei, embora sentisse que as palavras dele, no fundo, estavam certas.

«Então continua assim», disse Mookerjee. «Vemo-nos em Portugal, quando eu voar até lá no meu jacto privado e tu me servires um hambúrguer no McDonald's.»

«O que é que sugeres, génio?»

Ele pousou os talheres e sorriu, os seus dentes perfeitos e muito brancos.

«Que digas a verdade ao teu professor», sugeri. «Se isso te incomoda assim tanto, então livra-te dessa carga negativa, dessa pedra que carregas às costas. Senão, nunca mais consegues levantar a cabeça, meu.»

Recostei-me na cadeira e respirei fundo.

«Ao fim de um ano de curso? Era um enorme tiro no pé.»

«Tiros no pé é a tua especialidade», afirmou Mookerjee. «A correr atrás de uma miúda rica e a lixar a tua carreira universitária com chorinhos.» Mookerjee começou a enrolar um charro. «De que é que estás à espera? Que Jesus desça à Terra e declare o teu talento aos pobres de espírito?»

«Se eu contar ao List que o conto não é meu, posso ser expulso. Os meus pais matavam-me.»

«Já te disse que o medo é um capricho dos nervos?»

«E eu já te disse que pareces um daqueles gurus de auto-ajuda que salvam as donas de casa do desespero?»

Mookerjee pôs-se a fumar a erva com enorme satisfação, recostando-se na cadeira.

«Ei, queres jogar um bocado? Podes atropelar velhinhas e comprar drogas pesadas, ficas logo a sentir-te melhor.»

Não me apetecia jogar. Em vez disso, fui para o quarto a pensar nas palavras de Mookerjee. Olhei para a secretária, onde repousava o meu computador e um exemplar do manuscrito, e apeteceu-me pegar-lhe fogo. Esquecer o passado, começar outra vez. Talvez a sugestão dele fizesse sentido: dizer a verdade, enfrentar a ira de List e, caso ele me expulsasse do curso, aceitar essa realidade. Era seguramente melhor do que aquilo — fingir que era um escritor que não era; que tinha um talento que não tinha; que me interessava perdidamente por literatura quando, na verdade, quase só lia romances policiais e Laura ocupava todo o meu espaço mental. Derrotado, adormeci vestido; acordei de um sono profundo com o telefone a tocar. Atendi quase sem me mover, apenas o braço estendido num gesto automático.

«Acordei-te? Desculpa...», disse Laura.

Ligava-me de Chatlam. Como eu não sabia que horas eram, respondi que não e endireitei-me na cama. Apesar da janela fechada, chegava-me da rua o rumor distante de uma festa.

«O meu dia foi horrível», disse ela. «E, depois, ficou ainda um bocadinho pior.»

Setembro de 1998

Saratoga Springs, Estado de Nova Iorque

Laura chegou a Saratoga Springs às nove da manhã. Na estação, apanhou um táxi para Morgan Street, uma das ruas tranquilas e verdejantes que ladeavam o campo de golfe. Saratoga era uma das vilas mais afluentes do Estado de Nova Iorque. Durante a curta viagem de táxi, Laura reparou como as pessoas que passeavam nas ruas eram tão diferentes dos americanos de Chatlam. Em Chatlam, imperava o ar de enfado das cidadezinhas esquecidas pelo tempo; em Saratoga, os habitantes tinham melhor aspecto. Os carros estacionados nas ruas eram de marcas de luxo, havia canteiros de flores à porta das lojas, bandeiras americanas por toda a parte.

Na Morgan Street, o taxista parou junto de um enorme relvado com um coreto branco, octogonal, e um lago de nenúfares. Laura pagou e saiu do carro. A mansão, que ficava no meio do relvado, tinha quatro colunas de pedra branca. Subiu as escadas que conduziam ao alpendre e tocou à campainha. Abriu-lhe a porta uma mulher magra, que fumava um cigarro com boquilha. Tinha olhos castanhos, amendoados.

«Sr.^a Caulfield?», perguntou Laura.

«Sim?»

«Estou à procura da Rebecca.»

A mulher levou os dedos às têmporas, agitando o cigarro.

«Não me diga que é mais uma daquelas raparigas adventistas do sétimo dia...»

«Não, nada disso», respondeu Laura. «Sou irmã de uma amiga da sua filha.»

«Qual amiga?»

«A Levi Walsh. Chamo-me Laura.»

A mulher abriu muito os olhos.

«Diabos me levem», reagiu, revelando um sotaque do Sul. «É a filha do homem que foi assassinado, não é?»

Laura não soube o que dizer.

«Oh, que estupidez a minha», proferiu a mulher, tentando corrigir o deslize. «Entre. Por favor, entre. Eu sou a mãe da Becca.»

Laura entrou.

«... é que o caso está por toda a parte, nos jornais, nas notícias. Vir alguém bater-nos à porta é uma coisa. Outra é ser uma das irmãs Walsh.»

De súbito, a mulher estacou a meio caminho do corredor. Voltou-se para Laura de repente e quase a atingia com o cigarro aceso na boquilha.

«A minha filha não está de maneira nenhuma envolvida nessa história, pois não?»

«Não se preocupe», garantiu Laura. «Só preciso de lhe fazer algumas perguntas sobre a minha irmã.»

A mulher deixou Laura numa sala sumptuosamente decorada e foi chamar a filha, gritando o nome dela enquanto subia as escadas. Passados uns minutos, uma rapariga da idade

de Levi entrou na sala. Era extraordinariamente bonita, o rosto coberto de sardas, o cabelo arruivado, olhos castanhos, iguais aos da mãe; em contraste com a beleza vistosa, vestia uma *T-shirt* largueirona e uns calções de ganga.

«Vamos lá para fora», pediu Becca.

Caminharam em direcção ao coreto octogonal.

«Como está a Levi?», perguntou Becca.

«Está presa», respondeu Laura.

«Lamento.»

Dento do coreto havia um baloiço e um banco de pedra. Becca sentou-se no baloiço e olhou tristemente para o relvado acabado de regar pelo jardineiro.

«Deixa-me adivinhar. Foi a Marjorie que te falou de mim.»

Laura não respondeu à pergunta. Em vez disso, disse:

«Preciso que me contes o que sabes sobre a Levi.»

Becca encolheu os ombros, agarrando as cordas do baloiço.

«Era uma miúda normal, igual às outras.»

«Igual a ti?»

«Sim», disse Becca. «Igual a mim.»

«Estás grávida de quanto tempo?», perguntou Laura.

Becca pareceu chocada. Corou muito e depois perguntou:

«Como é que sabes?»

«As tuas roupas», respondeu Laura. «Debaixo dessa falta de estilo, aposto que tens um corpo bestial. Só que a barriga já se nota um bocado e, por isso, usas a roupa larguíssima, para que a tua mãe não repare.»

Becca balouçava-se ligeiramente, as pernas elegantes cruzadas. Voltou a cabeça para o lado, desviando o olhar de Laura.

«Por favor, não digas nada à minha mãe», urgiu ela.

«Prometo.»

Um lágrima desceu pelo rosto de Becca, e ela limpou-a com as costas da mão.

«Às vezes, é difícil, sabes? Esta pressão toda para ser perfeita.» Olhou para Laura e esta viu-lhe o rosto adorável; sem que o soubesse, Becca era o que quase todas as outras raparigas tinham como o ideal de perfeição. «Os meus pais educaram-me para ser uma senhora. Para me portar bem em todas as ocasiões. Sou filha única. Depositaram em mim todas as esperanças.»

«Entendo-te muito bem», disse Laura. «Fui filha única durante sete anos. Deu para sentir esse peso, a expectativa que os meus pais colocavam em mim, a exigência constante para ser como eles queriam que eu fosse ou para me comportar de determinada maneira.»

«Eu nunca tive uma irmã», disse Becca. «Nunca deixou de ser assim.»

«Há quanto tempo é que estás grávida?»

«Dez semanas .»

«Ainda vais a tempo de não ter essa criança.»

«Eu sei», respondeu Becca, contendo as lágrimas. Era uma criatura sensível, pensou Laura; em tudo diferente da descrição que Marjorie fizera dela — um diabo à solta pelos corredores da Grace Willard. Não tinha mais de dezasseis anos e,

contudo, nos seus olhos havia uma sabedoria que ultrapassava em muito a sua idade. «Mas eu quero tê-la.»

«Porquê?», perguntou Laura.

«Porque é a segunda vez que fico grávida», respondeu Becca. «Não tenho o direito de matar mais um bebé.»

«E o pai?»

A miúda abanou a cabeça.

«O pai não sabe e eu não quero que ele saiba.»

Laura respirou fundo. Estava perante uma rapariga corajosa. Embora tivesse nascido em berço de ouro, a sua vida, a partir daquele momento — daquela decisão tão difícil —, seria pedregosa, cheia de contrariedades.

«Desejo-te sorte», disse Laura.

«Obrigada», respondeu Becca, e tornou a pôr os olhos no chão do coreto, onde incidia uma nesga de luz que furava por entre as nuvens. «Deves querer saber tudo sobre a Levi, não é? Se ela alguma vez se meteu num sarilho parecido com o meu.»

«Ela nunca...?»

«Não», afirmou Becca, abanando a cabeça. «A tua irmã era muito mais sensata do que eu. Quando cheguei à Grace Willard, ela já lá estava há um ano e era das raparigas mais tranquilas da turma. Muito calada, andava quase sempre sozinha. Eu apareci com vontade de fazer asneiras, porque tinha passado treze anos a ser castrada pelos meus pais. A ir à missa duas vezes por semana, a rezar todas as noites antes de dormir, a viver como se fosse uma velha beata. Quando conheci a Levi, ficámos logo amigas.» Observou Laura com candura. «Tu fazes-me lembrar dela, sabes? Tens o mesmo

olhar, honesto mas desconfiado.» Tornou a baixar os olhos. «Assim que a conheci, pensei que, juntas, podíamos divertir-nos. Ainda passámos um bom bocado dentro daquela escola. Nunca pensei que...»

Becca calou-se durante um momento. Olhou para trás, na direcção da casa. Laura acompanhou-lhe o olhar e reparou que a Sr.^a Caulfield estava encostada a uma das colunas da casa, a fumar o seu cigarro de boquilha, observando as duas raparigas no coreto.

«Nunca pensaste que...?»

«Que as coisas pudessem tomar aquele rumo.»

«Estás a falar das *Donzelas*?»

«Sim. Com quem é que falaste?»

«A Marjorie culpa-te por quase todas as coisas más que aconteceram na escola nos últimos anos.»

Becca encolheu os ombros, agarrando as cordas do baloiço.

«As pessoas precisam sempre de um bode expiatório, não é?»

«Sim», concordou Laura. «Dá uma certa dose de conforto aos espíritos mais confusos.»

Becca riu-se e tornou a suspirar.

«Quando nos juntámos, éramos um grupo de miúdas meio perdidas. Vínhamos todas de boas famílias, todas tínhamos uma educação excelente. Eu, a Addison, a Noelle, a tua irmã... Formámos o grupo porque queríamos mais da vida do que aquilo, sabes? Sentíamo-nos revoltadas por estarmos enfiadas num colégio onde o nosso futuro era limitado pela vontade dos outros: os nossos pais, os nossos professores, as

nossas tutoras. Então, começámos a inventar. Íamos para a gruta ou para o campo de *lacrosse* à noite, em pijama e samarras, com as lanternas na mão, e conversávamos sobre tudo. O que gostávamos de ser, quanto detestávamos os nossos pais e as nossas tutoras. E, sobretudo, falávamos sobre rapazes.»

«Os rapazes do St Raymond's», sugeriu Laura.

«Claro que também andaste na Grace Willard.»

«É uma tradição com muitas décadas.»

«E também com umas quantas gravidezes inesperadas.»

Incomodava Laura que, a setenta metros delas, a mãe de Becca as observasse, como se a filha precisasse de uma dama de companhia para ter uma conversa.

«No meu tempo, nunca se ultrapassavam certos limites», contou Laura. «Isto é, nós sabíamos que estávamos a quebrar as regras e, quando éramos apanhadas, protegíamo-nos umas às outras. Ficávamos quietas durante um tempo, até tudo acalmar. E o colégio preferia que certos factos não passassem aquelas portas.» Fez uma pausa: «A sensação que tenho é que, desta vez, as coisas saíram do vosso controlo. Estou certa?»

Becca levantou-se do baloiço e, percebendo que a mãe nos observava, cruzou os braços e sentou-se de costas para a casa.

«Tudo o que eu sei é que uma das estudantes voltou de um suposto encontro com um rapaz do St Raymond's e, uns dias mais tarde, disse à psicóloga da escola que ele a tinha violado.»

«A Marjorie disse que foste tu quem organizou esse encontro.»

Becca revirou os olhos.

«Essa puta de merda», disse ela.

Laura não conseguiu evitar rir-se. Marjorie era tudo menos uma *puta*, o que acentuava o efeito cómico da expressão.

«Eu não *organizei* nada», explicou Becca. «Foi uma miúda mais velha do que eu, chamada Frances LaCombe, que queria a toda a força entrar para o nosso grupo, viver as nossas ‘aventuras’. Eu acho que o que o ela queria mesmo era ter um caso com um rapaz, para apimentar a vida na escola, que era um tédio. Veio ter comigo e tudo o que eu fiz foi falar dela ao Dermot, mais nada.»

«Quem é o Dermot?»

«Dermot Myerscough. Era um dos alunos finalistas do St Raymond’s», respondeu Becca. «Um tipo divertido, com ar de actor de cinema, que era o nosso contacto na escola dos rapazes.»

«Ele e a Levi conheciam-se?»

Becca hesitou antes de responder.

«Ele e a Levi tiveram um caso», respondeu Becca. «Acho que foi o primeiro rapaz que a tua irmã beijou.»

«E depois? O que aconteceu?»

«Nada. O Dermot não se ligava a nenhuma rapariga. Gostava de *provar*, era o que ele dizia. Um bocadinho aqui, um bocadinho ali. Nunca levava as coisas longe demais e era muito concorrido, por isso, não se prendia a nenhuma miúda, sobretudo quando tinha, todos os semestres, novos *exemplares* a chegar à Grace Willard.»

«Parece-me uma excelente filosofia», disse Laura, irónica.
«Então não sabes quem poderá ter violado a Frances?»

«Não. E acho que a história nem sequer é verdadeira», respondeu Becca. «O que eu acho é que ela se deixou levar pela ansiedade da descoberta e depois percebeu que, afinal, não era aquilo que queria. Ficou a sentir-se frustrada ou deprimida ou rejeitada, que é o que acontece a muitas raparigas depois da primeira vez.»

Becca tornou a olhar para a mãe e anunciou que tinha de ir para casa. Laura levantou-se e estendeu a mão para lhe tocar no braço.

«Só tenho mais uma pergunta», disse Laura. «A tutora da Levi contou-me que, a certa altura, ela afastou-se de toda a gente e começou a isolar-se outra vez. O que lhe aconteceu, sabes?»

Becca encolheu os ombros.

«Acho que ela estava apaixonada.»

«Por quem?»

«Não sei. Não era por nenhum dos rapazes do St Raymond's. Eu conhecia-os a todos e, se fosse esse o caso, teria sabido. Era alguém de fora das escolas.» A miúda fez uma pausa e afastou o braço da mão de Laura. «É essa a pessoa que tens de descobrir se quiseses saber o que aconteceu à tua irmã.»

«Boa sorte», disse Laura.

Não foi difícil encontrar Dermot. Laura entrou num café em Van Dam Street, a pouca distância da mansão dos Caulfield, e consultou a lista telefónica da região. Havia

apenas três Myerscough na lista. Com três moedas de vinte e cinco cêntimos pousadas em cima do telefone, começou a fazer chamadas. Da primeira vez, ninguém atendeu. Da segunda, uma voz de mulher com sotaque afro-americano surgiu do outro lado da linha.

«Queria falar com o Dermot», disse Laura.

«Ele ainda está a dormir», respondeu a voz.

«Tínhamos combinado jogar ténis hoje», mentiu Laura.

Do outro lado, a mulher pareceu confusa.

«Quer que eu o acorde?», perguntou.

«Não, deixe estar. Diga-me qual é a morada, eu mesma vou aí acordá-lo.»

A casa ficava em Gansevoort, a cerca de quinze quilómetros de onde Laura se encontrava. Saiu do café depois de comprar um *donut* que atirou para o lixo — um dos preceitos da educação espartana era a obsessão de nunca incomodar as pessoas sem lhes dar algo em troca, mesmo num café — e, vinte minutos depois, um táxi deixava-a à porta dos Myerscough. Eram dez e quinze e não lhe restava muito tempo até ter de regressar a Chatlam; calculou que, de comboio, nunca chegaria a horas, por isso, combinou com o taxista para a ir buscar a Gansevoort e levá-la a Chatlam. A seguir, tocou à porta de uma habitação bem cuidada, de dois andares, numa rua tranquila. Ninguém abriu. Laura recuou um pouco e perguntou-se se estaria no lugar certo; tornou a premir o botão da campainha. Um rapaz em tronco nu surgiu numa das janelas do segundo andar. Perguntou-lhe quem ela era e o que queria.

«Sou amiga da Rebecca», gritou Laura. «Precisava de falar com o Dermot.»

«Não conheço nenhuma Rebecca», respondeu ele.

«Becca Caulfield», acrescentou Laura.

O rapaz pareceu confuso por um instante.

«Espera um momento», disse ele.

Demorou alguns minutos a vir abrir-lhe a porta. Não era muito alto, mas era musculoso, e o cabelo castanho-claro, ondulado, caía-lhe sobre o rosto moreno, de lábios carnudos e olhar penetrante. Usava *jeans* e uma *T-shirt* dos Pearl Jam. Sorriu a Laura e fechou a porta de casa como se quisesse esconder o interior.

«Importas-te de ir comigo ao Starbucks? Preciso de um café para acordar.»

Começaram a caminhar pela rua. Não parecia haver nenhum Starbucks naquela zona, nem qualquer loja nem gente nas ruas. Era um bairro muito bem cuidado, de relvados cortados e cercas brancas. Atravessaram a estrada e Laura estranhou quando Dermot meteu por um caminho de terra que parecia atravessar um pequeno bosque.

«É um atalho», disse ele.

Laura seguiu-o. As sombras das árvores cercavam-nos. Ainda não tinham caminhado um minuto pelo trilho quando Dermot se voltou para trás e, num movimento repentino, agarrou o braço de Laura e empurrou-a contra o tronco de uma árvore. Ela sentiu a força da mão a prendê-la.

«O que é isto?», perguntou Laura. «Estás doido?»

«O que é que tu queres?»

«Só quero conversar.»

«Essa atrasada mental da Becca andou a espalhar merdas sobre mim outra vez, não foi?»

«Não», respondeu ela. «Sou irmã da Levi Walsh.»

De imediato, Dermot largou-lhe o braço, que não tardaria a exhibir as marcas do aperto. Depois da expressão de espanto, franziu os olhos e observou-a atentamente.

«Ah», disse ele, mais calmo. «Estou a ver as parecenças. Sim, os olhos... E os lábios, um bocadinho.»

«Que merdas é que achas que a Becca espalhou sobre ti?»

«O que é que isso te interessa?»

Laura encolheu os ombros.

«Sou naturalmente curiosa.»

Dermot afastou o cabelo dos olhos e enfiou as mãos nos bolsos das calças; depois deu um passo atrás.

«Provavelmente, que eu sou um *playboy*», disse ele. «E que fiz mal a alguém, a uma miúda qualquer.»

«Pelo contrário», disse Laura. «Ela disse que tu és *divertido*. Neste momento, não sou capaz de concordar.»

Um esquilo passou a correr atrás de Dermot e começou a subir o tronco de uma árvore.

«Li umas cenas sobre o que aconteceu à tua irmã», disse ele. «É verdade?»

Laura ignorou a pergunta.

«É isto que tu fazes sempre que alguém vem tocar à tua porta? Trazes essa pessoa para o bosque e és violento?»

«Desculpa. Achei que vinhas acusar-me de alguma coisa.»

Laura encostou-se ao tronco da árvore. Sentia-se exausta; os últimos dias tinham-lhe roubado toda a energia e, agora, era-lhe muito penoso conversar com aquele rapaz que lhe parecia um idiota.

«Lembras-te de uma rapariga chamada Frances?», perguntou Laura.

Dermot cruzou os braços e começou a andar em círculos, chutando as folhas secas.

«Sim. Porquê?»

«Ela foi violada. Supostamente, por um rapaz da tua escola.»

«Não é a *minha* escola», ripostou Dermot. «Só andei lá.»

«Sei que tu eras o contacto preferencial das miúdas da Grace Willard com o colégio de St Raymond's», insistiu Laura. «De certeza que sabias coisas que os outros miúdos não sabiam.»

«Mas tu queres falar sobre a tua irmã ou sobre a Frances?»

Laura desencostou-se do tronco da árvore.

«Por algum motivo, acho que os dois assuntos estão relacionados.»

Dermot levou as mãos à cintura, exibindo os braços musculosos, o tronco largo.

«Eu não entrei na faculdade», disse ele. «Nem em Harvard nem em Yale. Nem na merda da Rutgers. O meu pai é muito rico e nem as doações que ele fez nem o facto de ser antigo aluno de Yale me valeram.» Cerrou os punhos. «Os comités

liberais das faculdades quiseram fazer de mim um exemplo de como o dinheiro não compra tudo, e agora tenho a vida lixada por causa da merda dos rumores, dos boatos que andaram a espalhar sobre mim.»

«Que boatos eram esses?»

«O que tu disseste ainda agora, por exemplo», respondeu. «Que eu arranjava encontros entre as raparigas de uma escola e os rapazes da outra.»

«E são mesmo boatos?»

Ele deu uma volta sobre si próprio, talvez incapaz de conter a irritação ou a ansiedade.

«No princípio, fiz alguns *arranjinhos*, não vou mentir. A Becca e eu conhecíamos-nos há muitos anos, desde miúdos. E havia uma data de raparigas que chegavam à Grace Willard com vontade de experimentar outras coisas. O tipo de coisas que os rapazes do St Raymond's podiam proporcionar: umas cervejas, uns charros.» Fez uma pausa. «Sexo.»

«E nunca te passou pela cabeça que, a certa altura, as coisas iam saber-se? Ou que algum dos teus colegas ia aproveitar-se da situação?»

Dermot parou de dar voltas e fitou Laura. Era, de facto, um miúdo bonito: o típico exemplar do «feito na América», herdeiro de uma fortuna, com bons genes. Provavelmente, o mais jovem de uma longa linhagem que se estendia até a Inglaterra dos monarcas. No entanto, ali estava ele, impedido de frequentar as universidades da Ivy League por uma reputação que deixara de ser aceitável; sentenciado, até prova em contrário, a uma vida de remorso ou vergonha.

«Nenhum dos meus colegas abusou», respondeu ele. «Pelo menos, nenhum deles fez nada que as raparigas não quisessem fazer. O caso da Frances foi diferente.»

«Diferente?», perguntou Laura. Gradualmente, ia-se aproximando de Dermot, sentindo-lhe a fragilidade.

O rapaz olhou para cima, para o retalho de céu que era visível por entre a folhagem. Respirou fundo.

«Havia alguém de fora. Uma pessoa que não pertencia à escola, mas que usava a nossa *rede*, por assim dizer.»

«Quem era?»

«Não sei. Nunca o conheci. Já se falava dele antes de eu chegar ao St Raymond's, alguns dos rapazes mais velhos já sabiam da sua existência. Digamos que o herdei de um estudante que estava de saída do colégio. Era conhecido como o *homem invisível*.»

«E o que é que esse tal homem invisível queria?»

Dermot olhou para Laura com uma falsa expressão de incredulidade e encolheu os ombros.

«O que é que tu achas? Queria o mesmo que todos nós queríamos. Uma miúda do colégio. Carne fresca, beleza, juventude. Não é o que toda a gente quer? Ser jovem para sempre? Ou *sentir-se* jovem para sempre?»

«Que idade é que esse homem tinha?», perguntou Laura.

«Já te disse que nunca o conheci», respondeu Dermot. «Ele ligava exclusivamente para o número do meu quarto. Acho que disfarçava a voz quando falava. Perguntava-me se havia alguma rapariga interessada... Por vezes, chamava-lhes *pequeninas*. Ou *minhas pequeninas*. Eu só o punha em

contacto com uma aluna da Grace Willard depois de explicar bem a situação à rapariga. Que o tipo não era um estudante do St Raymond's, que tanto podia ter vinte como cinquenta anos.»

«E elas alinhavam nisso?»

«Essa é que é a parte mais surpreendente», respondeu Dermot. «Algumas miúdas pediam para estar com ele mesmo antes de eu falar com elas. Às vezes, alunas muito novas. Mas eu só o punha em contacto com as mais velhas, as seniores. Só com as seniores. Elas falavam da experiência umas às outras. Foi assim que o homem invisível ganhou uma certa fama.»

«Só que a Frances não teve a mesma experiência das outras», adivinhou Laura.

Dermot tornou a levar as mãos à cintura. Respirou fundo, como se tivesse de aceitar um facto inaceitável.

«Não», respondeu ele. «A Frances chegou tarde à Grace Willard. Que eu saiba, só lá passou os dois últimos anos do ensino secundário. Eu conheci-a uma noite nas grutas, e ela parecia bastante segura, como se soubesse exactamente o que queria da vida.»

«E o que é que achas que ela queria?»

«Naquela altura, era experiência», respondeu Dermot. «Queria estar com um homem. Já tinha estado com miúdos da idade dela e isso não lhe interessava. Portanto, sim. Fui eu quem a pôs em contacto com o homem invisível. E esqueci-me completamente do assunto, até que, um dia, o meu colega de quarto chegou, podre de bêbedo, e começou a dizer que estávamos fodidos, que os bons tempos iam acabar, que era o

fim, porque na Grace Willard falava-se de uma miúda que tinha sido violada.»

«E acabaram mesmo?»

«Durante uns largos meses, sim. As duas escolas fizeram tudo para abafar o caso. O mundo não podia ter conhecimento de que uma coisa dessas tinha acontecido a uma aluna da Grace Willard; era impensável. Uma escola de elite, com muito prestígio... Então, uma tarde, o director do St Raymond's chamou-me ao gabinete e disse-me que sabia de tudo. Dos encontros, do álcool, das drogas. Do sexo. Contou-me que sempre tinham existido aqueles encontros entre os alunos das duas escolas, havia décadas que aconteciam, mas que, desta vez, as coisas tinham ultrapassado o limite do aceitável. Quis obrigar-me a revelar o nome do estudante que abusara da Frances.»

«E tu?»

«Recusei-me a colaborar. Como é que eu podia dizer ao director que não tinha sido um estudante? Que era alguém de fora da escola, uma voz anónima ao telefone?»

«Há uma coisa que eu não entendo», disse Laura, cruzando os braços. «O que é que tu ganhavas com isso? Com fazeres a ligação entre o homem invisível e as raparigas da Grace Willard?»

Dermot abanou a cabeça.

«Tu és mulher», respondeu ele. «Mesmo que te explique, nunca entenderás como funciona o código masculino num colégio interno. Eu nunca fui grande coisa nos desportos, sou um aluno medíocre. Detesto ler, odeio estudar e não tenho talento nenhum que me destaque dos outros.»

«Mas és rico», disse Laura.

«O meu pai é rico», corrigiu. «Sem aquele papel no colégio, eu teria passado tão despercebido como qualquer puto endinheirado de Nova Iorque. Ser o *homem do meio* tem muitas vantagens. Era respeitado pelos meus colegas, mesmo sendo uma merda no futebol e não tendo boas notas. Eles vinham ter comigo para conseguirem o que queriam, eu ajudava-os, e a recompensa era levarem-me a sério e, pelo caminho, facilitarem-me outras cenas. Não é isso que um gajo mais quer na vida? Sentir que lhe dão valor?»

Um vento frio percorreu o bosque. O Outono chegava e o aroma pungente das árvores (dos pinheiros, dos bordos) rodeava-os.

«Tenho de ir», anunciou ele.

«Espera», rogou Laura. «Não me disseste nada sobre a minha irmã.»

«A tua irmã não tem nada a ver com isto.»

«A Becca contou-me que vocês tiveram um caso.»

Myerscough olhou para o céu, como se amaldiçoasse Rebecca Caulfield.

«Sim, saímos uma vez», respondeu.

«Ela esteve com o homem invisível?»

«O que é que isso tem a ver?»

«Responde-me.»

Dermot bufou. Intranquilo, pisava as folhas sem cessar.

«Que eu saiba, nunca. Não.»

«Que tu saibas? Quem é que pode saber, senão tu?»

Ele sorriu com alguma malícia.

«Eu sou apenas um gajo *divertido*, lembras-te?»

«Então conta-me o que fizeste com a minha irmã.»

«Não te vou contar isso.»

Laura aproximou-se de Dermot até ficar a um palmo de distância do rosto dele. Viu-lhe, na superfície aquosa dos olhos cor de avelã, a presença obscura do medo.

«Conta-me», repetiu ela.

Dermot percebeu que ela não desistiria sem ter uma resposta.

«Demos uns beijos», confessou. «No carro do meu pai. Foi no fim-de-semana antes do dia de Acção de Graças de 1996.»

«Ela tinha catorze anos.»

«Tinha acabado de fazer quinze.»

«Fizeram sexo?»

«Não. Queres mesmo saber o que fizemos? A tua irmã bateu-me uma punheta. Foi isso. Estávamos a beijar-nos e, às tantas, senti a mão dela na minha braguilha. Desapertou-a, tirou-mo para fora e bateu-me uma.»

«Aposto que te vieste num segundo», disse Laura.

«Ela sabia o que estava a fazer.»

Sem se conseguir conter, Laura deu um estalo ao rapaz. O som propagou-se pelo bosque e assustou um mocho que repousava no ramo de uma árvore e voou para longe. Dermot correu as costas da mão pela boca, procurando vestígios de sangue.

«Adeus», disse ele, e desapareceu pelo caminho de onde tinham vindo.

Laura deu por si sozinha no meio da pequena floresta, cada vez mais confusa acerca daquela história que, a todo o custo, tentava deslindar. Sempre que se aproximava da verdade — ou de qualquer semelhança com a verdade —, o caminho parecia bifurcar-se e depois bifurcar-se novamente e ainda outra vez, *ad infinitum*. Becca e Dermot não lhe haviam atenuado as dúvidas nem ajudado a resolver o mistério. Pelo contrário: tinham-na deixado com mais perguntas, todas elas, aparentemente, sem resposta.

Setembro de 1998

Brooklyn, Estado de Nova Iorque

Eu e Laura falámos durante quase duas horas. Quando terminámos o telefonema, o dia começava a nascer. O meu quarto, em Brooklyn, parecia-me cada vez mais pequeno, tendo em conta tudo o que a minha mente tentava processar — todos os estranhos pormenores daquele caso que parecia tornar-se mais complexo a cada hora que passava. As paredes pareciam enclausurar-me, como se quisessem sufocar-me, e aquela história tenebrosa e funesta prendia-me, emaranhando-me numa teia habilmente urdida.

Contei a Laura sobre a minha visita à cabana de Artie e da estranha situação em que este vivia com a mãe, condenada a uma cadeira de rodas depois da tentativa de suicídio; da certeza com que Artie incriminava o pai dela pela morte do seu, denunciando o comportamento manipulador e ávido de poder de Noah.

«Aparentemente, o Matthew visitou-os, a ele e à mãe, na noite em que morreu, e o Artie disse que ele estava agitado por causa de uma possível discussão com o teu pai», expliquei.

«Ele tem alguma prova disso?», perguntou Laura do outro lado da linha. A luz, vagarosa e dourada, começava a entrar pelos intervalos das persianas.

«Que eu saiba, não. Mas o rapaz está convencido de que o teu pai é culpado.»

«O Artie sempre foi um idiota», disse ela, irritada. «Pelos vistos, não mudou. Por que carga de água é que o meu pai mataria o tio Matthew? Eles eram sócios, e muito próximos. Há uma década que discutiam por causa de negócios, não é nada de novo.»

Não tinha resposta para lhe dar. Por isso, contei-lhe do encontro inesperado com Lombardi no café de Merle e de como o advogado (ao contrário do que fazia Artie) culpava Matthew Pinkus pelo assassinato de Noah, afirmando até que tinha na sua posse *emails* que comprometiam o pai de Artie.

«Pareceu-te sincero? Acreditas nele?», perguntou Laura.

«Não sei. O homem parece bastante convencido da inocência do teu pai e afirma, sem hesitar, que pode salvar a tua irmã. Mas tu conhece-lo melhor, ou não?»

«Tenho vagas memórias do Lombardi», respondeu Laura. «Aparecia de vez em quando em nossa casa, mas nunca conversámos muito. Porque é que ele diz que a culpa é do tio Matthew?»

«Inveja», respondi. «Ele acha que o Matthew era um empresário de segunda, um esbirro que tinha a ambição de usurpar a vida do teu pai.»

«Vamos ter de esperar pelo resultado da perícia», disse Laura. «Não vale a pena tirar conclusões precipitadas.»

Laura contou-me, então, o que tinha acontecido depois de me deixar na estação de Chatlam. Aparentemente, Leah tinha-se inteirado, através do chefe Ditmas, de todos os pormenores do caso e decidira alinhar-se com Bernard Sloane, o advogado da Great American Insurance. Perguntei-lhe por que razão Leah se teria aproximado de Sloane, e Laura explicou-me que

tudo indicava que a mãe se preparava para fazer um acordo silencioso com a seguradora.

«Um acordo?»

«Qualquer coisa que pretende arruinar a reputação do meu pai», disse Laura. «Pelo menos, foi isto que percebi de uma conversa telefónica que ela tentou disfarçar.»

«E tentaste demovê-la?»

«Tivemos uma discussão horrível», confessou Laura. «Mas a minha mãe é tão astuta quanto teimosa e sabe bem o que faz. Não vale a pena.»

A mãe e o pai tinham-se tornado inimigos mortais nos últimos anos, explicou, e, se Leah tivesse a possibilidade de denegrir a imagem de Noah ao mesmo tempo que salvava Levi das malhas dos tribunais, certamente agarraria essa oportunidade com unhas e dentes. Agora restava saber o que ia acontecer: que tipo de acordo seria esse e o que implicaria para a família.

Por enquanto, a Procuradoria ainda não avançara com uma acusação formal e todas as hipóteses estavam em aberto. Laura confessou-me que o que mais lhe doía era o facto de o cadáver do pai continuar na morgue de Chatlam. O enterro só podia ter lugar quando a Polícia esclarecesse o caso — por vezes, era necessária uma segunda autópsia, e os relatórios definitivos de toxicologia podiam demorar doze semanas a ficar concluídos, uma vez que, por falta de recursos, a Polícia de Chatlam carecia de peritos externos. Além disso, se entretanto surgisse uma acusação, ambos os lados da disputa — tanto a Procuradoria como a Defesa — poderiam interpor recursos para impedir que o cadáver fosse enterrado, caso se

levantassem suspeitas de jogo sujo ou fossem detectadas incongruências na cena do crime.

«Não sei», disse Laura num tom angustiado que roçava o desespero. «É tudo tão estranho. A falta de certezas deixa-me louca. Deixa-me impotente. É o meu *pai*, foda-se. Por um lado, quero saber o que lhe aconteceu, por outro, sinto que tudo isto só serve para me abafar a tristeza, que não consigo fazer o luto.»

«Tem calma», sugeri. «Se achares que não estás aí a fazer nada, volta para Nova Iorque.»

«Não posso», respondeu Laura. «Deixar a minha mãe sozinha a tomar conta disto tudo é o mesmo que crucificar o meu pai depois de morto.» Suspirou e disse: «Entretanto, as borboletas foram-se embora para o México. Deve ser sinal de alguma coisa.»

«Talvez seja mesmo», concordei, e desligámos.

Lembrei-me dos insectos que tinham invadido a cidade durante aqueles dias e do sossego que encontrara junto do lago Juniper, quando lera o romance de List encostado a uma árvore, nas margens das águas tranquilas. Longe do idílio, o bulício e o ruído de Nova Iorque eram um outro mundo, povoado de criaturas ruidosas, onde as monarcas nunca se atreveriam a entrar. Tinham continuado a sua migração, deixando para trás a mera sombra da sua presença. A memória de lá terem estado.

*

Na cidade, não havia tempo para contemplações. Ainda assim, eu precisava muito de reflectir — ou, pelo menos, de pensar no meu futuro imediato. Recordado do conselho de

Mookerjee, saí do apartamento nessa manhã e fui passear pela cidade, acabando no Central Park, sentado nas margens do lago, a olhar a ponte pedonal debaixo da qual passavam os barcos a remos alugados pelos namorados que aproveitavam o sol do princípio do Outono. Pesei as consequências de todas as possibilidades: de enfrentar Gary List depois da maneira como eu fraquejara na apresentação do projecto final; de lhe contar a verdade sobre a minha admissão à New York University; de estar de tal maneira envolvido no caso dos Walsh, que chegava a fazer-me passar por jornalista para obter informações. E de persistir na ambição — provavelmente, uma ilusão — de ser romancista quando o mais certo era que eu estivesse fadado para não passar de um jornalista medíocre que, com algum tempo e alguma sorte, poderia almejar a uma carreira modesta.

Entretanto, o que podia eu fazer a respeito do curso? Era possível que List, depois daquela triste figura, me pusesse em provação académica, significando que não poderia transitar para o semestre seguinte, que começava em Janeiro. O meu mentor era imprevisível.

Deitado no relvado do Central Park, a olhar para o céu de Manhattan, que começava a escurecer com a ameaça de uma chuva breve, ouvi os pássaros e, à distância, as buzinas dos carros, debaixo de mim o murmúrio que vinha da terra, provocado pelos movimentos e as respirações de milhões de habitantes daquela enorme cidade no extremo oriental de um continente.

E a única coisa que via, ao fechar os olhos, era o rosto de Laura.

Dezembro de 1997

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Estava uma tarde gelada em Nova Iorque quando fui pela primeira vez ao apartamento de Gary List. O pedido dele tinha sido tão estranho, tão invulgar, que qualquer pessoa com algum bom senso o recusaria logo à partida. Eu, no entanto, não sabia dizer-lhe que não, sobretudo quando o pedido significava que o meu professor (o meu ídolo) depositava em mim uma confiança que era, no mínimo, elogiosa; talvez um dia eu tivesse a honra de escrever a sua biografia.

A escola tinha entrado em período de férias e, para professores e alunos, era altura de pensar em regressar a casa, reencontrar as famílias, celebrar o Natal. Eu tinha falado com o meu pai e combináramos que, por razões económicas, eu passaria aquele final de ano em Nova Iorque. Com recursos limitados, decidimos que era mais importante manter as finanças equilibradas do que voltar a casa por uns dias. Durante o telefonema, a minha irmã Júlia apareceu na linha e perguntou-me:

«Então? Ela lembra-se de mim?»

«Quem?»

«A Laura Walsh, idiota.»

«Acredites ou não, ainda não vieste à conversa. É terrível, não é?»

«Isso quer dizer que não andas a sair com ela.»

«Porquê?»

«Porque, se andasses, já teriam falado do passado.»

«E falámos do passado», respondi, apertando o colarinho do casaco por causa do vento gelado que varria a South 2nd, a outra mão a segurar o auscultador do telefone junto ao *deli* dos hondurenhos. «No qual tu és apenas um pormenor sem importância.»

«Vou sair de casa», anunciou ela.

«Para onde é que vais viver?»

«Para o Casal Ventoso», respondeu.

«Eu sabia.»

Imaginei a minha irmã na sua vida de solteira, num apartamento com marquise em Campolide, a ser visitada todos os domingos pela minha mãe e pelas minhas avós.

«Vou para Bruxelas», respondeu ela. «Fazer um estágio na Van Bael & Bellis, uma das maiores firmas de advocacia europeias.»

«Uau», respondi, sem querer acreditar no que ouvia.

«Julgavas que eu ia ser como *elas* a vida inteira, não era?», sussurrou Júlia. Era assim que nos referíamos ao triunvirato da cozinha: *elas*. «Pois embrulha. E, quando voltares a ver a tua amiga... *se* a voltares a ver... diz-lhe que eu sou uma advogada de sucesso.»

A minha mãe tirou-lhe o telefone da mão.

«Estou com gripe», disse ela, a voz rouca. «Está um frio de rachar aqui em Lisboa. Como é que está por aí?»

«Estão zero graus», respondi.

A minha mãe demorou uns segundos a responder.

«Bom, aqui estão treze, mas parece muito mais frio.»

De auscultador encostado ao ouvido, eu tremia. À porta do *deli*, um dos hondurenhos fumava um cigarro e esfregava as mãos, o hálito transformado em vapor. A minha mãe mudou de assunto.

«A tua avó diz que vais fazer falta durante o Natal, sempre eras o único que ainda comia as rabanadas da tia Lucília.»

Ouvi, ao fundo, a voz da minha tia-avó a cantar o *Jingle Bells*.

«É só este ano.»

«Cada vez nos ligas menos», queixou-se. «Tens comido como deve ser? E a roupa, onde é que a lavas? Não quero que andes por aí todo amarrotado.»

«Está tudo bem, não te preocupes.»

Ouvi a voz de Júlia gritar alguma coisa do outro lado da casa.

«Já tens namorada?»

«Ainda não, mãe.»

«Já encontraste alguém famoso na rua?»

«Também não.»

«Se encontrares o Bill Clinton...»

Por vezes, era penoso ligar para casa. Embora ainda só estivesse nos Estados Unidos há alguns meses, sentia que ali, no Novo Continente, tudo mudava a uma velocidade incrível.

Àquela distância, Lisboa parecia um lugar parado no tempo. Desliguei, agradecido por não ter de regressar a casa no Natal. Nessa mesma tarde, meti-me no metropolitano e, conforme combinado, fui a casa do meu professor.

Gary abriu-me a porta em roupão, a barba por fazer. Vivia na Rua 15, perto da Sétima Avenida, a curta distância da boca do metro, no segundo andar de um edifício tipicamente nova-iorquino, com as escadas de incêndio em ziguezague na fachada. O apartamento dele cheirava a roupa suja, ao odor desagradável dos pratos por lavar que se empilhavam na *kitchenette*. Encontrei-o com mau aspecto, as mãos enfiadas nos bolsos do roupão, descalço; levou-me para o seu pequeno escritório, o único lugar da casa que cheirava bem porque havia livros do chão até ao tecto, alinhados em estantes de madeira que escureciam o espaço.

Sobre a secretária, junto da janela, uma máquina de escrever moderna, da *Brother*, na qual imaginei que List tivesse escrito alguns dos seus livros. Ao lado da máquina, uma confusão de papéis, contas por pagar, livros, blocos de notas e dois exemplares da revista *American Crime*.

«Sente-se, Taborda», disse ele.

Sentei-me num sofá de cabedal com alguns buracos; ele ocupou a cadeira giratória atrás da secretária.

«É aqui que a magia acontece.» Tirou um frasquinho do bolso do roupão e bebeu um gole. «Só é pena que o mágico se tenha ido embora há muito tempo.»

«Há-de regressar um dia.»

List riu-se muito alto.

«Como é que você sabe? Tem um terço da minha idade, nunca escreveu um livro.» List acendeu um cigarro e olhou tristemente pela janela fechada e húmida da chuva. «Também nunca sofreu.»

«Estava só a tentar ajudá-lo», respondi, algo ressentido com aquelas palavras.

«Cá para mim, um escritor só percebe o que anda aqui a fazer depois do primeiro divórcio», disse Gary. «É então que abarcamos a verdadeira dimensão do que a merda da literatura faz às suas vítimas.»

«Considera-se uma *vítima*?»

«Estava a falar da minha primeira mulher», resmungou.

O fumo azul subiu em espiral. List, embriagado, parecia ter-se esquecido da razão pela qual me chamara a sua casa. Embora eu não tivesse dito nada, ele levantou uma mão para que eu fizesse silêncio. Depois tirou o frasquinho do bolso e bebeu-o todo de uma vez. Acabou de fumar o cigarro e, pondo-se de pé, titubeante, apertou o cinto do roupão. Tinha olheiras profundas, daquelas que só se conseguem quando não se dorme há dias a fio.

«Estou pronto», disse.

«Tem a certeza de que quer fazer isto?»

«Acabei de dizer que estava pronto.»

Fomos ao pequeno *hall* que dava acesso ao corredor e ele entregou-me um pequeno porta-chaves.

«Esta é a da porta de entrada, esta é a da porta do prédio.»

«Não há duplicados?»

«Existe apenas um duplicado, que está na posse do senhorio.»

«E a lista de compras?»

«Ah.» Tornou a procurar nos bolsos do roupão. «Aqui a tem.»

Entregou-me um papel branco amachucado no qual rabiscara uma lista de coisas de que iria precisar. De uma gaveta no móvel do corredor tirou duzentos dólares e entregou-mos.

«Isto deve chegar», disse. «Senão faremos contas mais tarde.»

Depois avançámos pelo corredor até à porta entreaberta do quarto de List. No interior vi uma cama desfeita, uma janela com os estores corridos, uma pilha de livros ao lado da cama.

«Porquê eu, professor?», perguntei antes de ele entrar no quarto.

Gary riu-se, exibindo os dentes amarelos.

«Porque não resta mais ninguém. É o que costuma acontecer a um tipo a seguir ao terceiro divórcio.»

Com estas palavras, Gary entrou no quarto e fechou a porta. Ouvi-o trancá-la por dentro e depois o seu corpo a cair pesadamente sobre a cama. Cedo o silêncio tomou conta do apartamento. Sentei-me no sofá da pequena sala a olhar para os pratos empilhados no lava-loiça; decidi lavá-los. Arrumei nas estantes do escritório os livros espalhados pelo chão e varri a sujidade acumulada nos cantos do apartamento, que, aparentemente, o meu professor tratava com a displicência de um universitário descuidado. Enquanto limpava e tentava dar

algun sentido ao caos, duvidei várias vezes do meu papel naquela história — talvez List estivesse, no fundo, a usar-me como medida temporária para um problema muito maior.

O que ele queria era parar de beber. Fizera um plano de quarenta e oito horas que, garantira-me, dera resultado noutras alturas. Daí a três dias, teria de viajar até ao Milwaukee porque a filha Georgia ia dar à luz o seu primeiro neto, e sabia que seria incapaz de fazer a viagem sóbrio, a menos que se desintoxicasse.

Quando, naquele Verão longínquo, li *A Traição de Mabeline C.* e, mais tarde, os seus outros livros, imaginei-o um tipo robusto, uma espécie de Hemingway com a sensibilidade literária de Faulkner; alguém que vertia nas páginas a sua luta com a realidade, sem nunca soçobrar perante os factos. Imaginava que um escritor adulto, conhecido e traduzido, um americano de gema, como List, nunca sofreria dos mesmos males que vitimavam a geração que, em Portugal, tinha a sua idade, tipos marcados pela Guerra Colonial que se afogavam em bagaço. Não: em Nova Iorque havia *glamour* e dinheiro a rodos, os escritores frequentavam psiquiatras e casas de férias em New Hampshire, a miséria nunca os atingia verdadeiramente, apenas um simulacro dela, útil para escrever ficção. E, de repente, ali estava eu, encarregado de lidar com a miséria de List, com os seus fantasmas — o homem fechado num quarto escuro, de persianas corridas, a suar uma dor terrível.

«Não me deixe sair do apartamento», advertiu-me ao prepararmos aqueles dois dias. «Sob circunstância alguma. Mesmo que eu me ponha de joelhos ou o ameace de morte, não me deixe sair. Detenha-me fisicamente, se for caso disso; estarei tão fraco que conseguirá dominar-me com facilidade.»

E acrescentou: «Irei insultá-lo horrorosamente, mas não leve a mal. É a ressaca a falar.»

Decidi aproveitar aquele tempo morto para começar a escrever o meu romance. Sentado no escritório de List — rodeado dos seus livros, das suas musas, de todas as suas fontes de inspiração —, julguei-me no paraíso dos escritores. Se Gary escrevera ali, encontrando a genialidade dos seus livros naquele lugar, também eu seria capaz de o fazer. Usei a sua máquina de escrever eléctrica. Enfie uma folha em branco na ranhura e liguei o aparelho. Era uma máquina barulhenta. Cada tecla em que eu batia fazia com que o mecanismo martelasse a letra na página. A primeira coisa que escrevi foi o título: *Da Natureza dos Homens*. E, depois de o ter escrito, passei as duas horas seguintes a caminhar pelo escritório, observando os livros na biblioteca de List, tirando os volumes do lugar e tornando a devolvê-los; vendo, das janelas, a agitação da Sétima Avenida, os táxis amarelos cruzando o asfalto, as cabeças das pessoas movendo-se em direcções diferentes, o bulício da Humanidade que, àquela distância, parecia muito fútil, simplesmente ridículo.

Sentei-me novamente à secretária e senti-me envergonhado. Algum dia eu escreveria algo tão bom como *The Bed in the Asphalt?* Provavelmente, nunca. Não havia musa, inspiração ou mentira que me salvasse. Foi quando comecei a ter este género de pensamentos negativos que ouvi os gritos vindos do quarto. Precipitei-me para o corredor. List batia à porta com força.

«Abra a porta!», gritava ele, do outro lado, a voz abafada pela espessura da madeira.

«Gary, a porta não está trancada!», respondi.

Houve um segundo de silêncio. Depois, a porta abriu-se e List apareceu, todo suado e a tremer, embrulhado no roupão.

«Preciso de uma bebida», disse ele. «Só mais uma. Uma última.»

Não era possível que já estivesse a ressacar; devia ser o pânico da ressaca vindoura a apoderar-se dele.

«Não», afirmei, e empurrei-o calmamente para dentro do quarto.

«Você é um filho da puta», insultou-me enquanto eu fechava a porta. «Um cabrão de merda, um rato de esgoto com peste!», insistiu, a voz novamente abafada pela madeira.

Eram as instruções que Gary me tinha dado: dizer-lhe sempre *não*; ser autoritário, intransigente, não ceder aos seus pedidos e ameaças.

Quando a noite chegou, saí do apartamento e, trancando a porta pelo lado de fora, fui fazer a lista de compras que List escrevera no papel. Ovos, atum, leite, pão de forma, papel higiênico, sacos de papel para o enjoo, *Tylenol* (duas caixas), ibuprofeno (uma caixa), *Valium* (duas caixas), bolachas de chocolate e o *The New York Times*. Na caixa do Walgreens, o empregado, um miúdo muito jovem com o rosto coberto de acne, vestido com uma *T-shirt* vermelha e um boné branco, disse-me que eu precisava de uma receita para o *Valium*.

«Não tenho», respondi. «É para alguém que está muito aflito.»

«Só com receita», respondeu ele.

Era mais uma das aldrabices de List, que sabia perfeitamente que aquele medicamento só podia ser vendido

com receita médica; talvez tivesse pensado que eu teria sorte e que me venderiam *Valium* sem ela. Regressei ao apartamento com as compras e ainda subia as escadas quando ouvi os barulhos vindos do interior — parecia que ele estava a destruir a mobília. Quando entrei, pousei os sacos no *hall* e fui encontrar List a vasculhar os armários da cozinha, o roupão aberto (estava completamente nu por baixo) e o suor a pingar-lhe do rosto enquanto abria e fechava as portas. Ao ver-me, rosnou e correu para a sala, onde se pôs de gatas no chão, a procurar debaixo do sofá, e depois começou a atirar as almofadas ao ar.

«Os meus calmantes?», perguntou numa voz rouca, desesperada.

«Não», respondi. «Só os vendem com receita médica.»

List aproximou-se de mim. Havia verdadeiro desespero nos seus olhos raiados de vermelho, sublinhados por olheiras profundas; a boca seca a abafar-lhe as palavras, a ansiedade a roê-lo por dentro. Agarrou-me pelos colarinhos, mas as mãos tremiam-lhe e a sua figura era patética: um sessentão a implorar a um miúdo de vinte e três por alívio.

«Peço desculpa por lhe ter chamado rato de esgoto com peste», cuspiu ele no meu rosto. «Você é o vômito do rato de esgoto antes de morrer com peste.»

Calmamente, peguei-lhe nos pulsos e afastei-os, depois segurei-lhe os braços num afago. Foi a única ocasião em que senti pena de Gary List; a única vez em que o vi tão frágil, que uma pequena brisa bastaria para o deitar por terra. «Dê-me qualquer coisa», rogou List. «Qualquer coisa.»

Fui buscar os sacos e dei-lhe a caixa de *Tylenol*.

«O que é esta merda?»

«É tudo o que lhe posso dar, professor.»

Tirou três comprimidos do invólucro e tomou-os com um copo de água. Depois voltou para o quarto, a tiritar, embora a noite não estivesse fria e o apartamento, de janelas fechadas, se parecesse mais com um forno em lume brando. Regressei ao escritório e adormeci na cadeira giratória de List, que era reclinável, ao som do burburinho de Nova Iorque. De certa maneira, estava a viver um sonho, e sabia disso: quantos pretendentes a escritores tinham a oportunidade de cuidar do autor que mais admiravam, de o ajudar a ultrapassar um período difícil da sua vida? Um dia, na biografia de List, eu descreveria aqueles dias com candura, reivindicando a responsabilidade de o ter ajudado a encontrar novamente o seu rumo e, quem sabe, a inspiração para um novo livro.

Despertei a meio da noite com os gritos. Olhei para o relógio em cima da secretária: eram quatro e dezasseis da madrugada. Fui ao quarto e abri a porta. O fedor era tremendo; julguei que ele tinha urinado nos lençóis, mas era o suor que alagava os lençóis que empestava o quarto. Aproximei-me da cama onde List rebolava de um lado para o outro, como se estivesse a ser mastigado por criaturas invisíveis. Na mesa-de-cabeceira, a lamela dos comprimidos indicava que já tinha tomado seis doses de *Tylenol*, o triplo do que seria recomendável. Guardei o que restava no bolso e fui à cozinha buscar-lhe água. List bebeu do copo que eu segurava e enterrou a cabeça na almofada, exausto.

Quando me levantei para o deixar dormir, chamou-me.

«Por que raio quer ser escritor?», perguntou, de olhos semicerrados.

Pelos interstícios das persianas corridas entravam feixes de luz azulada; longe, uma ambulância transportava alguém — vivo ou morto — para as urgências.

«Porque quero impressionar as raparigas», respondi.

Pela primeira vez desde que eu chegara ao apartamento, Gary sorriu. Era um sorriso de dor, acompanhado pela contorção do corpo; mas era, não obstante, um sorriso.

«Os escritores são todos uns miseráveis e uns infelizes. O Hemingway matou-se com um tiro de carabina, o Dostoievsky foi exilado para a Sibéria. A Virginia Woolf suicidou-se, era bipolar. O Carver e o Cheever, no Iowa, ficavam no carro a gelar, de madrugada, à espera que a loja de bebidas abrisse.»

«E houve tantos outros que não se suicidaram nem foram exilados nem enlouqueceram nem beberam até ao fim dos seus dias», argumentei, sentando-me na beira da cama, esquecendo o risco de empestar as calças com o fedor.

«Engana-se», disse ele, a voz tolhida pela rouquidão. «Até aqueles cujo sofrimento não é público são infelizes. Escrevemos para impressionar as raparigas, é verdade, mas também escrevemos para que o mundo nos ouça e nos reconheça e nos dê o mérito que achamos merecer mais do que ninguém. E o mundo responde cagando em cima de nós. Cagalhões dos grandes, malcheirosos. A culpa é nossa, Taborda. Nunca fazemos nada pelos outros, rigorosamente nada; somos parasitas intestinais no ventre da sociedade. Somos egoístas e monomaniacos, sôfregos de aplauso. A cada dia que passa, recomeçamos este processo do zero. E, a partir de certa altura, já não enganamos ninguém. Nem as putas. E será sempre assim, até ao final. Agrada-lhe a perspectiva?»

Gary tossiu e voltou-se novamente na cama. Olhou para a mesinha-de-cabeceira.

«Devolva-me os comprimidos.»

«Não pode tomar mais, vão dar-lhe cabo do fígado.»

«Filho da mãe. Ensinei-o bem. E que tal um copo? Só um, e prometo que nunca mais lhe peço nada. Um copo! O que é um mísero copo? Juro que nunca mais lhe chamo nomes. Dê-me só uma bebida e volta tudo ao normal.» Tossiu com uma rouquidão assustadora. «Não sei o que farei aqui fechado, Taborda. Vou atirar-me da janela, e a responsabilidade será sua.»

O pior já passou», garanti. «É só mais um dia. Além disso, a janela dá para a escada de incêndio. No máximo, partia uma perna.»

List soltou um grito de angústia. Depois pareceu acalmar-se. Tornou a enterrar a cabeça na almofada.

«Desista enquanto é tempo», urgiu, as palavras meio soterradas pela almofada húmida. «Faça alguma coisa da sua vida. Case-se com uma mulher decente, construa uma família. Deixe-se desta merda, a literatura só traz angústia. É isso que pode esperar da vida se não seguir o meu conselho: uma horrorosa angústia, um desespero sem fim, mitigado pela bebida. E depois uma patologia qualquer, que acabará consigo num ápice.»

«Não pode acreditar no que está a dizer», disse eu. «É um delírio provocado pela ressaca.»

«Idiota!», gritou ele. «Não hipoteque o seu futuro!»

Levantei-me da cama, incapaz de continuar a ouvir aquelas barbaridades.

«Viverá na mais abjecta pobreza», atirou List, com um berro. «Miserável que nem um rato! É isso que quer, Taborda? Viver no esgoto com as suas ilusões? Olhe para mim e pense se é isto que quer para a sua vida.»

Saí do quarto e fechei a porta, tentando manter-me indiferente aos gritos, que ainda continuaram por algum tempo. O dia seguinte prosseguiu nos mesmos moldes, com List aos berros de hora em hora, eu a levar-lhe copos de leite quente e ovos mexidos e *Tylenol* e ibuprofeno em doses regimentadas. Perdi a conta à quantidade de vezes que me insultou, bem como à quantidade de vezes que correu do quarto para a casa de banho para vomitar na sanita.

Na segunda noite, o cenário melhorou, e, quando entrei no quarto com o jantar, encontrei-o sentado na cama, a cabeça encostada à almofada, a ler um livro. Tinha os óculos na ponta do nariz e, tendo reconquistado alguma cor, continuava a parecer-se com um homem na ponta final da sua resistência, magro e exaurido por aquelas quarenta e oito horas de tortura.

«Não consigo viajar», disse ele, baixando o livro enquanto eu lhe punha o prato em cima do colo. «Teria de estar daqui a dez horas no aeroporto, não sou capaz.»

«Claro que é», contrapus. «Tem um neto a nascer no Milwaukee. Pense na sua filha, na alegria que lhe vai dar quando aparecer no hospital.»

«Ou no desgosto que lhe daria se ficasse lá internado, como ela.»

«Qual é o seu receio?», perguntei.

«Há bares no aeroporto.»

Gary adormeceu logo depois do jantar. Acordei-o às seis da madrugada. Foi extremamente penoso fazê-lo levantar-se da cama, mas, ao final de muita insistência, consegui que se levantasse e tomasse um duche. Fez uma pequena mala e apanhámos um táxi para o aeroporto JFK. Fiz o *check-in* com ele e acompanhei-o até à zona das partidas. Sóbrio, mas em visível sofrimento, Gary fitou-me antes de nos despedirmos e disse:

«Obrigado, Taborda. Não me esquecerei disto.»

Seis dias mais tarde, fui à universidade para tratar das inscrições do semestre seguinte. Na recepção, a Sr.^a Clements chamou-me e anunciou que havia uma carta para mim. Era um envelope enviado de uma localidade chamada Waukesha. Abri-o e encontrei uma fotografia de um bebé ao colo de uma mulher morena, um recém-nascido com olhos da cor do céu. Na parte de trás da fotografia vinha escrito: *Michael*.

Era o nome do neto de List.

1 de Outubro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Laura foi a última a chegar à esquadra. Esperava-a uma reunião no gabinete do chefe Ditmas. Encontrou Moon junto da máquina do café. Nas últimas duas semanas, desde que o caso começara, Moon parecia ter envelhecido um pouco — estava mais magro, a barba mais grisalha, os olhos ainda mais afundados nas órbitas. Cumprimentou Laura com um sorriso fugidio e perguntou-lhe se queria um café; ela recusou.

Era o primeiro de Outubro e, ao fim de dezasseis dias a beber o café de Winifred — a dona da pensão fazia questão de ter café decente, importado do Brasil —, sabia que a mistela que se bebia na esquadra da Polícia lhe torturaria o estômago. A mãe, Leah, já se mudara para a casa de família (com a permissão da equipa de perícia, que desmontara a cena do crime), mas Laura decidira ficar na pensão, porque era incapaz de enfrentar diariamente o lugar onde o pai tinha sido assassinado.

Havia quatro pessoas no gabinete de Ditmas. Um deles era Douglas Mitchell, o chefe da Polícia de Albany; usava o mesmo fato e a mesma gravata do dia em que Laura o conhecera, embora agora ela reparasse nos seus olhos meigos. Mitchell, de pé, encostado a um armário, fumava um cigarro enquanto um outro homem, de cabelo puxado para trás e uma gravata de cores estrambólicas, falava animadamente com

Leah. A mãe tinha mudado a cor do cabelo; em vez do negro com que chegara de Paris, usava agora um castanho-alourado, que a filha não tinha ideia de como conseguira, uma vez que não existia nenhum cabeleireiro em Chatlam. Teria ido a Nova Iorque? De facto, não a vira nos últimos dois dias: Leah parecia ter desaparecido desde que se mudara para a grande casa.

Sentado atrás da secretária, o chefe Ditmas cofiava o bigode, com o seu costumeiro ar de ausência, como se a vida conspirasse para o ultrapassar.

«Querida», disse Leah ao ver Laura chegar.

«Quem é?», perguntou Laura, apontando para o homem da gravata colorida, que, pensou ela, tinha o aspecto de um actor secundário numa série da máfia: as bochechas demasiado gordas, o rosto em forma de ovo, o cabelo empastado de brilhantina.

«Bernard Sloane», disse o homem, soerguendo-se e apertando a mão de Laura. «Encantado.»

Laura sentiu-lhe o perfume demasiado forte, o hálito a café. O chefe Ditmas apontou para a única cadeira vazia, ao lado de Douglas Mitchell, que a cumprimentou com um aceno discreto da cabeça. Em cima da secretária de Bernie, havia um revólver dentro de um saco de plástico, acompanhado de uma folha dobrada ao meio.

«Temos uma coisa para te dizer, meu amor», anunciou Leah naquele tom fingido que Laura conhecia desde a infância mas que, desde o divórcio dos pais, adquirira uma inflexão ainda mais condescendente, como se o interlocutor fosse desprovido de quaisquer faculdades intelectuais. «Chegou o resultado da perícia.»

«E então?», perguntou Laura.

«As impressões digitais no revólver são do seu pai», adiantou Douglas. «Estão por todo o lado, do cabo ao gatilho.»

«Menina Laura, sabe se esta arma pertencia ao seu pai?», perguntou Bernie, apontando com o queixo para o saco.

«Nunca a vi antes», disse Laura, que olhou para Douglas e perguntou:

«O que é que isto significa, chefe Mitchell?»

Douglas cruzou os braços. Era um homem bonito, a quem a vida de perseguição do crime havia prematuramente transformado num cínico.

«Isto significa que o seu pai pode ser acusado da morte de Matthew Pinkus», adiantou-se Bernie, pegando no revólver dentro do saco de plástico.

«É uma hipótese fortíssima», disse Sloane.

«Desculpe, quem é o senhor?», perguntou Laura. «O que é que faz aqui?»

«O Sr. Sloane é advogado da seguradora», interrompeu a mãe, feroz.

«Claro», disse Laura, batendo com a mão na perna. «E, portanto, interessa-lhe muito que o meu pai seja acusado de homicídio, mesmo depois de morto, sem se poder defender.»

«Só queremos apurar a verdade», disse Sloane, erguendo as duas mãos em jeito de quem declara inocência.

«Mãe», rogou Laura, «não consegues ver o que se passa? Ele está a manipular-te para que a seguradora se livre de pagar o seguro de vida.»

Leah olhou para Sloane e, depois, estendeu a mão para tocar na de Laura, que foi demasiado lenta a retirar o braço; quando deu por si, Leah segurava-lhe a mão entre as suas e pusera aquela expressão de piedade incondicional que deixava Laura à beira de um ataque de nervos.

«Há muitas coisas que tu não sabes sobre o teu pai», disse a mãe. «O teu pai não era um homem bom.»

«Isso não significa que fosse um assassino!», afirmou Laura, retirando o braço. Olhou para o chefe Ditmas. «É possível que as impressões tenham sido plantadas na arma, não é?»

«Claro», respondeu Bernie. «Mas, neste caso...»

«Deixem-me ver se eu entendo», interrompeu Laura. «Vocês acham que o meu pai matou o tio Matthew a tiro, empurrou o carro dele pela ravina abaixo e, a seguir, voltou para casa, onde a minha irmã o esfaqueou sem nenhuma razão aparente? Que sentido é que isto faz?»

«O caso é muito mais complicado do que parece», disse Mitchell, finalmente. «Por isso é que precisamos da intervenção de peritos que possam tirar conclusões mais alargadas, que consigam investigar para além daquilo que as Polícias local ou estadual conseguem fazer.»

«Está a falar do FBI?», perguntou Laura.

«Tal como conversámos no outro dia.»

«Portanto, há suspeita de terrorismo, corrupção ou crime organizado?», perguntou Laura. «Ou talvez o meu pai fosse espião ou líder de um gangue!»

Douglas riu-se.

«Menina Walsh, este é um daqueles casos que nunca poderá ser resolvido localmente», respondeu Mitchell. «O seu pai e o Matthew Pinkus tinham décadas de parceria em negócios dentro e fora dos Estados Unidos. É preciso averiguar essas ligações e descobrir se existiria algum motivo para o seu pai querer ver o sócio morto.»

«O senhor conheceu o meu pai, chefe Mitchell», implorou Laura. «Acha mesmo que ele faria uma coisa dessas? Ou que seria estúpido o suficiente para, caso o fizesse, deixar a arma do crime por aí?»

«Eu conheci o seu pai superficialmente», respondeu Douglas. «Não me compete decidir o carácter das pessoas que conheço. O ser humano é capaz de tudo, caso se encontre em situações de enorme dificuldade.»

«Isso é ridículo», reclamou Laura.

«Ah, sim?», perguntou Douglas. «Então conte-nos: como está o seu noivo?»

Leah olhou para a filha com um ar espantado.

«Noivo?» A mulher dirigiu a atenção para Mitchell. «Não está a falar daquele rapaz que andava por aí com a Laura...»

«O Pedro não é meu noivo», respondeu Laura, irritada.

«Ah», disse Douglas. «Mentiu às autoridades, então.»

«Foi para despachar a conversa», respondeu ela. «O que é que isso interessa para aqui?»

«São os pequenos pormenores que acabam por nos tramar», disse Mitchell.

«E a minha irmã? Como é que fica no meio desta história?»

«A sua irmã continua a ser a principal suspeita da morte do seu pai», disse Douglas.

«Quero falar com ela», disse Laura. «Hoje.»

O chefe Ditmas chegou-se à frente e pousou os cotovelos na secretária.

«A sua irmã já foi transferida», anunciou Bernie. «A Procuradoria avançou com o processo e ela está detida preventivamente na Detenção de Menores do Distrito. Neste momento, não são autorizadas visitas.»

«Porquê?»

«Questões processuais, burocracias. Mas garanto-lhe que, assim que for possível, será a primeira pessoa a vê-la.»

«*Eu* serei a primeira pessoa a vê-la, chefe Bernie», interveio Leah, indignada.

Bernie olhou para as duas — mãe e filha — e hesitou um instante. Depois disse:

«Podem ir juntas, se quiserem.»

«Fora de questão», disse Laura.

«Filha», urgiu Leah.

«*Mãe*», respondeu ela no mesmo tom indignado, e levantou-se da cadeira. «A partir de agora, não contes comigo para mais nada. Pelo menos, enquanto este homem te representar.»

«Eu não represento a sua mãe, Miss Walsh», disse Sloane. «Mas tenho direito a informação privilegiada; é o que a lei diz no caso de seguros de vida que entram em processo de litigação. Por isso, estou aqui.»

«Senhores, por favor», disse o chefe Ditmas. «Tenho a certeza de que juntos trabalharemos melhor. Afinal, todos queremos saber a verdade.»

«Ou, então, podemos *não* trabalhar juntos», rebateu Douglas. De braços cruzados, encostado ao armário, parecia quase divertido com aquela discussão. «Estive a verificar, e o poder de procuração, no caso do Noah Walsh, está com a filha mais velha, não com a ex-mulher.»

Leah voltou-se e olhou para Douglas, praticamente fuzilando-o com o olhar.

«Só pode estar a brincar.»

«O seu ex-marido deixou isso bastante claro através do advogado Fred Lombardi. Qualquer assunto legal, em caso de morte, fica nas mãos da Laura.»

Leah voltou-se para a filha. Laura sentiu que acabava de vencer uma importante batalha.

«Posso falar contigo ali fora?», pediu Leah.

No corredor, a mãe encarou-a com severidade.

«Não sabes o que estás a fazer, não podes assumir esta responsabilidade», disse Leah. «Isto é muito maior do que tu pensas.»

«E tu estás a vender-te ao Sloane», ripostou Laura.

«Um milhão de dólares», disse Leah.

«O quê?»

«É a oferta da Great American Insurance. Um milhão de dólares.»

«O seguro do pai vale cinco milhões.»

Leah cruzou os braços e começou a andar de um lado para o outro. Por cima do ombro da mãe, Laura viu o sargento Moon servir-se de água num copo de plástico e deixá-lo cair ao chão.

«Depois de concluírem as investigações, o seguro pode valer zero», argumentou Leah. «E, quando isso acontecer, vamos ficar sem nada. O Estado vai penhorar-nos tudo o que temos, Laura. A casa de Manhattan, a casa de Chatlam. Tudo.»

«Vocês separaram-se há mais de dois anos», respondeu Laura. «O que é que isso te importa, se vives com um milionário em Paris?»

Leah parou de andar e, de olhos húmidos, fitou Laura.

«O Faroud não tem onde cair morto. É tudo uma ilusão. Está tão falido como o teu pai estava. O pai dele é sultão, vive em Riade, mas fechou as portas da família ao filho por ele se ter juntado com uma infiel. Vivemos de um fundo que tem desde os vinte anos e o dinheiro mal chega para pagar a nossa renda no Décimo Bairro...»

«Não sabia», disse Laura. «Mas não vou comprometer a honra do pai por dinheiro. Nem pensar. Não contes comigo para isso.»

«Comprometer?», riu-se a outra. «O teu pai estava *comprometido* até ao pescoço, filha! Há décadas que aldrabava toda a gente.»

«Mas não era um assassino, como eles querem fazer crer.»

«Como é que sabes?»

«Porque sei», respondeu Laura.

«Eu não vou ficar sem nada», afirmou Leah, agressiva. «Só porque tu queres fazer a coisa certa, que nem sabes bem o que é. Não vou ficar de mãos a abanar!»

«O que é que o Sloane quer em troca de um milhão de dólares?»

«Quer abrir um caso contra o Noah sem contestação por parte da família.»

«E a Levi?»

«A Levi não faz parte do acordo. Por enquanto, é um caso separado.»

«E vão acusar o pai de homicídio?»

«A acusação é essa. Mas o Sloane garantiu-me que, com a nossa colaboração, é capaz de manter o caso nas malhas da justiça durante tempo suficiente para o contrato do seguro prescrever.»

«Estão a comprar-nos, portanto», repetiu a filha.

«É um milhão agora», insistiu Leah. «Se recusarmos, o mais provável é perdermos tudo.»

«Não», respondeu Laura.

A mãe correu os dedos pelo cabelo recém-pintado e olhou para o tecto do corredor da esquadra.

«És tão teimosa quanto o teu pai. Isso vai custar-te caro, sabes?»

«Então que custe», respondeu Laura, e tornou a entrar no gabinete do chefe Ditmas.

«Não», repetiu Laura, olhando para Sloane.

«O quê?», perguntou o advogado.

Leah entrou atrás da filha.

«Vamos, Bernard», disse a mãe.

Os dois despediram-se sem cumprimentar ninguém e abandonaram o gabinete. Laura sentou-se na cadeira do meio. Bernie trocou um olhar com Douglas Mitchell, que acendeu um cigarro.

«Essas coisas vão matá-lo», disse Ditmas, apontando os cigarros.

«A vida vai matar-me», respondeu Douglas.

«O que é que eu faço?», perguntou Laura. «Quero dizer, o que é que eu posso fazer?»

Ditmas abriu a gaveta da secretária e enfiou o saco de plástico no interior.

«Contrate um advogado», disse Bernie.

«E a arma?»

«Somos obrigados a divulgar toda a informação à Procuradoria», respondeu ele.

«Quer dizer que o meu pai pode mesmo ser acusado depois de morto?»

«Um julgamento póstumo é muito improvável», explicou Mitchell. «Mas sucede, algumas vezes, a acusação processar o património do falecido. Neste caso, os bens do seu pai... casas, dinheiro, propriedades, etc. Há a possibilidade de o Estado ficar com tudo o que ele tinha, caso venha a provar-se que matou o sócio.»

Laura fechou os olhos durante um momento. Não conseguia pensar; era tudo demasiado confuso, estúpido e

inverosímil.

«Mas há dois casos», disse ela. «Tem de haver dois assassinos.»

«Ou, então, um assassino apenas, determinado a conseguir que as culpas recaíssem sobre o seu pai», disse Douglas.

«Mas... e a minha irmã? Como é que ela encaixa nisso? Que interesse teria um assassino em confundir as coisas desta maneira, envolvendo-a no crime?»

O silêncio dos dois homens denunciou a falta de respostas.

«Já colocou a hipótese», perguntou Douglas enquanto fumava, «de a Levi ter, de facto, matado o seu pai?»

Laura sentiu as lágrimas chegarem-lhe aos olhos e secou-os com as costas da mão. Era preciso ser forte, pensou. Era fundamental não dar parte de fraca perante aquelas pessoas.

«A Levi é uma miúda», disse ela. «Uma miúda rebelde, é certo, mas que também adorava o meu pai. A Levi era a menina dos olhos do Noah. Faria mais sentido ter sido eu a matá-lo do que ela! E, mesmo assim, não faria sentido nenhum.»

Douglas sentou-se e, de cigarro entre os dedos da mão direita, fitou Laura com atenção.

«Nós não conhecemos os outros como gostaríamos, Miss Walsh.»

«Pois, é a sua teoria dos *suspeitos à nascença*», ironizou Laura. «Já a ouvi, chefe Mitchell. Não precisa de repetir.»

«Há cinco ou seis anos», contou ele, «vi-me envolvido num caso em Syracuse. Ficava fora da área da minha jurisdição, mas eu conhecia as partes envolvidas, porque nasci

lá, e o chefe da esquadra local decidiu chamar-me. Um homem que eu conhecia da infância, o Sr. Tyrone Brown, um negro nascido no Louisiana que trouxera a família, a mulher e os três filhos, todos rapazes, para estes lados do país, acordou uma manhã e matou os três rapazes a tiro, enterrando-os no bosque perto de casa. Enterrou cada um na sua cova. Eram homens feitos, o mais velho tinha quase quarenta anos. Depois, estrangulou a mulher e meteu-a no banco do passageiro da sua velha carrinha *Oldsmobile* e saiu da cidade. Em cima de cada uma das covas, colocou uma lápide com o nome deles. Chamavam-se Alphonse, Benton e Cyrus. A, B, C. Enviou uma carta para a Polícia de Syracuse a confessar os crimes e largou a mulher morta na berma de uma estrada secundária no Kentucky.»

«Que horror», disse Laura.

«Sabe quem era este homem?»

«Não.»

«Era o ministro da igreja a que íamos todos os domingos.»

Bertie cobriu o rosto com a mão, como se não pudesse suportar mais histórias horríveis.

«Ele foi apanhado?», perguntou Laura.

«Suicidou-se antes de a Polícia o conseguir apanhar.»

«O que é que isso prova, chefe Mitchell?»

«Que os outros são uma incógnita e que não podemos pôr nenhuma hipótese de lado. Assim que puder, fale com a sua irmã novamente. Eu sei que não acredita que ela tenha sido capaz de um crime tão brutal, mas tente, por um segundo,

olhar para ela como um ser humano igual aos outros: frágil, amedrontado, acossado por forças exteriores e interiores.»

Laura levantou-se e olhou para Ditmas, que continuava a esconder o rosto com a mão.

«Até prova em contrário, a minha irmã é inocente», afirmou Laura. «E o meu pai também. Seria conveniente que tratassem dos casos separadamente, chefe Ditmas.»

«Receio que a Procuradoria já esteja a tratá-los como se fossem um único», disse Douglas. «A ligação é demasiado óbvia, ninguém a pode negar. Agora, cabe-lhe a si escolher a defesa do seu pai, caso a acusação tente incriminá-lo pela morte do Pinkus. O poder de procuração é seu.»

«E a minha irmã?»

«Como lhe disse, ainda se encontra na fase processual», respondeu Bernie. «O Estado pode arranjar-lhe um advogado. Ou então...»

«Nada disso», interrompeu Laura. «Sei muito bem quem irá defendê-la.»

Outubro de 1998

Brooklyn, Estado de Nova Iorque

Durante a primeira semana de Outubro, não tornei a falar com Laura. Julguei que o caso chegara àquela fase em que já nada dependia de nós — tínhamos feito o possível por apurar a verdade acerca da noite de catorze de Setembro em Chatlam, e o que sobrara era um amontoado de retalhos que nunca formariam uma tapeçaria coerente.

Contudo, os acontecimentos daquelas últimas semanas não me abandonavam. Por vezes, sonhava com o velho Milton e o neto brutamontes em cenas de violência inaudita — avô e neto a atirarem-me de uma ribanceira embrulhado num saco de lixo; ou, então, sonhava com o rosto de Doris Mullens, o cabelo todo branco, a dizer sempre a mesma palavra, sem emitir um som, como se não tivesse voz. Acordava suado e inquieto; o meu subconsciente parecia andar à procura de respostas.

No mundo real, a minha vida académica ameaçava transformar-se num novelo complicado de destrinçar. Fizera um papelão ridículo durante a defesa da minha proposta de tese e, a esse respeito, alimentava dois sentimentos contraditórios. Por um lado, achava que List tinha sido injusto comigo; estava convencido de que o facto de o ter ajudado, quando mais ninguém lhe dera a mão, me garantiria imunidade, mas ele não me defendera no momento e nem

sequer me ligara a saber como eu estava, o que oferecia ao meu fracasso uma aura de irreabilidade — às vezes, acreditava que não acontecera; por outro lado, o sentimento de pânico absoluto. Perante a minha incapacidade de defender o meu trabalho, o único cenário que se afigurava era um futuro hipotecado, e não havia momento em que não desejasse poder voltar àquela sala e enfrentar as críticas de Hayes e de Janice sem entrar em colapso.

Nas piores horas dessa semana, passeando pelo Central Park ou bebendo cafés intermináveis em Brooklyn, culpava Laura por tudo aquilo. Fora ela a desviar-me do caminho. E, se havia um namorado na vida dela — um grego de queixo quadrado, ainda por cima psicólogo —, porque tinha de ser eu a fazer o papel que naturalmente lhe caberia? Nesses momentos mais negros, sentia-me usado. Laura nunca me olhara como um objecto de desejo, muito menos de amor. Provavelmente, via-me como uma figura remota da adolescência que, pelos anos de serviço, pela minha incapacidade em dizer-lhe que não, constituía um aliado de valor seguro, agora que a vida dela se transformara num inferno. Assim que acabava de formular estes pensamentos, amaldiçoava o meu lado egoísta. Laura acabara de perder o pai e, possivelmente, a irmã; eu perdera somente a glória académica, estava ressentido por ter cedido à pressão quando importava ter sido forte. Estaria eu predestinado a fracassar, tal como Mookerjee dissera? Teria eu tomado essa decisão mesmo antes de chegar a Nova Iorque?

No final dessa primeira semana de Outubro, fui jantar com Anne. Não nos víamos desde meados de Setembro, antes de o caso Walsh ter começado. Encontrámo-nos, como era hábito, em Union Square e fomos à livraria Barnes & Noble ver os

novos títulos. Eu adorava o cheiro daquela livraria — sobretudo a secção de literatura estrangeira, no quarto andar —, e passear no meio das estantes de madeira escura, forradas de livros, era um dos meus passatempos favoritos. Anne emagrecera um pouco e parecia mais bonita: o cabelo mais comprido, os olhos mais brilhantes. Contou-me que passara uma semana na casa dos pais, em Raleigh, e que apanhara bastante sol, o que fazia sobressair as suas sardas. Tinha um sorriso no rosto enquanto, cada um do seu lado, íamos atravessando os corredores à procura de livros que nunca lêramos, de autores dos quais só ouvíamos falar, mas que há muito nos despertavam a curiosidade. Ela pegou no livro *Os Detectives Selvagens*, de Roberto Bolaño, um autor chileno que recentemente começara a gozar de algum prestígio nos Estados Unidos. Eu peguei num volume igualmente grande, de um escritor chamado Elias Canetti, intitulado *Auto-de-Fé*. Ambos lemos as badanas e as contracapas dos respectivos livros.

«Acho que vais gostar deste», disse Anne.

«Pois eu acho que tu vais gostar deste», sugeri. E trocámos.

Ela olhou-me com ternura.

«Como é que ela está?», perguntou-me.

«Quem?»

«A Laura.»

Hesitei antes de responder. A um canto, um estudante asiático dormia sentado na alcatifa verde-escura que forrava todos os andares da livraria. Mais distante, no café, um grupo

de pessoas sentava-se para assistir a uma sessão com um escritor qualquer.

«Está como seria de esperar», respondi. «Porquê?»

Anne encolheu os ombros enquanto folheava o livro de Canetti.

«Tenho seguido o caso pela imprensa. Toda a gente sabe da história, e é curioso conhecer alguém que tem, por assim dizer, acesso privilegiado.»

Descemos ao rés-de-chão e comprámos os livros. Em todos os andares havia pessoas sentadas no chão junto das estantes, espalhadas pelos sofás, com livros nas mãos, todos os que não tinham dinheiro para os comprar, mas que não prescindiam de os ler. A livraria nunca expulsava leitores e, enquanto as portas estivessem abertas, uma pessoa podia voltar todos os dias, se quisesse, até terminar a leitura de um romance inteiro, por exemplo. Era uma ideia que me atraía, como se um livro necessitasse de compromisso físico, de uma deslocação no espaço e no tempo. Comentei isso com Anne enquanto caminhávamos para o Union Square Café.

«Vais mesmo ser escritor», disse ela. «Tens essa paixão romântica. A tua relação com os livros é a relação que a maioria das pessoas tem com outras pessoas.»

«Isso significa que todas as pessoas dentro daquela livraria podem ser escritores.»

«Aqueles pessoas admiram a literatura. Usam-na como escape. Ou como vício. Ou como forma de as compensar por alguma coisa que lhes falta.»

«E eu sou um caso diferente?»

Anne parou à porta do café. A noite esfriara e ela vestia um casaco de malha castanho, grosso e comprido, que lhe ocultava as formas. Usava uns ténis azuis de rapariga. Apeteceu-me pegar-lhe nas golas do casaco e aproximá-la de mim, afundar o rosto no cabelo a cheirar a champô, beijar-lhe o pescoço de pele lisa e pálida. Foi dessa maneira que entendi quão triste estava; quanto me sentia sozinho e carente.

«É a diferença que existe entre um trapezista e as pessoas que estão cá em baixo a assistir. É fácil bater palmas quando ele chega ao outro lado da corda em segurança.» Anne olhava-me com intensidade. «Outra coisa, bem mais arriscada, é pormo-nos às cavalitas do trapezista. Isso, poucos têm coragem de fazer. E tu, embora estejas cheio de medo, és capaz.»

Entrámos no restaurante, onde fomos recebidos por uma rapariga exuberante, de saltos altos e demasiado maquilhada. Era domingo. O lugar não estava cheio, por isso, tivemos direito a uma mesa com vista para a praça. Assim que nos sentámos, Anne pegou na minha mão. Senti-lhe o calor e, por um momento, tive esperança.

«O professor List contou-me o que aconteceu no outro dia», confessou ela. «Ele sabe que nós somos amigos.»

«Achei que éramos mais do que amigos.»

Ela sorriu. De repente, parecia-me lindíssima; uma autêntica jóia da Carolina do Sul.

«Queres mesmo falar nisso?», perguntou ela.

«Quero.»

Uma empregada veio trazer-nos água e deixou duas ementas em cima da mesa.

«Então escuta-me com atenção», disse Anne, «porque não sei se vou conseguir repetir. Porra, não sei mesmo.» Respirou fundo e disse: «Tu estás apaixonado pela Laura Walsh. Da mesma maneira que estás apaixonado pelo Gary List. A primeira paixão é de natureza sensual, é uma paixão básica, animal, todos sabemos como é. A segunda paixão surge da tua necessidade de seres amado e aceite. Todos temos essa necessidade. Mas, a ti, dá-te coragem, dá-te vontade de desafiar a morte, o esquecimento. Eu acredito que é isso que distingue um artista de uma pessoa normal... Um artista sofre de paixões doentias e segue incondicionalmente aqueles que admira ou que deseja imitar. Aqueles que quer vir a ser. Segue-os até ao inferno, se for preciso.»

«Não me parece que...»

«Cala-te», interrompeu Anne. Senti o coração afundar-se, cair sem freio dentro de um buraco muito escuro. «Da mesma maneira, vais atrás da Laura até onde ela te levar. E, um dia, quando olhares para trás, para esta história toda, vais ver que afinal não és muito diferente do Hermie.»

«Quem é o Hermie?»

«É o miúdo do *Verão de 42*», disse ela. «O filme é contado da perspectiva de um adulto que não consegue esquecer um momento da sua vida e, portanto, é também incapaz de seguir em frente.»

«Isso é ridículo», contrapôs no momento em que a empregada se aproximava novamente.

«Já escolheram?», perguntou ela.

«Um hambúrguer», respondeu Anne, que nem sequer tinha olhado para o menu.

A empregada fez-lhe uma série de perguntas irritantes — a temperatura da carne, os acompanhamentos, as bebidas. Não me lembro do que pedi; a única coisa que me importava era desmentir Anne, provar a minha inocência perante o perfil que ela traçara de mim, que doía tanto, por ser tão certo. Quando a empregada finalmente se afastou, descobri que estava quase sem palavras.

«Anne, a minha cabeça tem andado tão cheia ultimamente...»

Ela apertou-me a mão e sorriu.

«Eu sei», respondeu. «Está cheia de tudo, menos de mim.»

Levantei a cabeça e encarei-a. Senti, naquele instante, que, se Laura não existisse, eu e Anne poderíamos ter sido felizes.

«Foi o que eu disse ao professor List, acreditas?», justifiquei-me. «Que a minha cabeça não estava na escrita. Mas aprendi a lição, juro-te. Os últimos dias, as últimas semanas... mostraram-me o que realmente importa.»

Anne largou-me a mão e, de cotovelos pousados na mesa, com a segurança de alguém que já conhecia o desfecho daquela história, sorriu sem acreditar numa palavra do que eu dizia. Percebi então que era inútil argumentar. Passámos o resto do jantar a fazer conversa de circunstância. Ela falou-me das férias em Raleigh e do seu projecto de escrita, e eu fui ouvindo sem ouvir, ainda a remoer as palavras dela, ressentido comigo próprio por ter desperdiçado a oportunidade de estar com alguém que me sabia ler daquela maneira.

À saída do restaurante, na praça quase vazia, afundada na relativa quietude de uma noite de domingo, tentei beijá-la, mas

ela esquivou-se. Depois, abraçando-me como quem diz adeus, sussurrou-me ao ouvido:

«Espero que consigas chegar ao outro lado da corda.»

E seguiu o seu caminho, na direcção contrária do meu.

Não tive tempo para ficar deprimido. Na terça-feira, o *The New York Times* reproduzia um excerto de uma entrevista que a mãe de Laura dera ao *Chatlam Herald*, acrescentando parte da investigação do jornal nova-iorquino. Depois daquela entrevista, a Procuradoria ver-se-ia obrigada a repensar a abordagem ao caso, e a defesa de Levi Walsh parecia cada vez mais uma quimera, porque agora tudo se inclinava para dar resposta a algo muito mais sórdido. Fosse por vingança ou, simplesmente, por motivos financeiros (embora o acordo entre a Great American Insurance e Leah Walsh não fosse mencionado), a verdade é que Leah dera uma entrevista a Nolasco na qual insinuava que Noah, o seu ex-marido, pai das suas duas filhas, podia ter tido um envolvimento sexual com a filha mais nova.

No *deli* dos hondurenhos, li o título do artigo num exemplar do *The New York Times* em exposição junto dos outros jornais:

*Procuradoria quer avançar para a acusação de Noah Walsh; ex-mulher
levanta suspeitas de abuso sexual*

Um dos hondurenhos, chamado Juan — um tipo baixinho com um bigode muito fino —, reparou que eu olhava atentamente para o título da notícia. «*Bad people*», disse ele num inglês rudimentar. Depois esfregou o polegar nos outros dedos, indicando fortuna. *Bad people, many money*, concluiu na altura em que eu atirava o último exemplar do *The Times* para cima do balcão.

(...) Numa entrevista a um jornal da localidade onde Noah Walsh foi assassinado na noite de catorze de Setembro, a ex-mulher do milionário, Leah, declarou ao Chatlam Herald que «Noah manifestou sinais de disfunção sexual muito cedo, no que diz respeito à normal relação entre marido e mulher» e que encontrara, numa altura não especificada, grandes quantidades de pornografia no computador do ex-marido, toda ela relacionada com raparigas muito jovens. «O Noah tinha uma obsessão pelas filhas, mas sobretudo pela Levi, a mais nova.» Questionada por Nolasco acerca desta «obsessão», Leah Bromer (o nome de solteira) afirmou que não excluía a hipótese de o ex-magnata molestar sexualmente Levi Walsh, que permanece em prisão preventiva por ser a suspeita principal no homicídio do pai. Contactados pelo The Times, o Ministério Público e o procurador do Estado de Nova Iorque escusaram-se a fazer comentários à entrevista. Segundo o procurador Justin Vernon, o Estado de Nova Iorque está concentrado em investigar a ligação entre o assassinato de Noah Walsh e a morte de Matthew Pinkus, que ocorreram na mesma noite (...) Embora a morte de Pinkus tenha sido, aparentemente, provocada pela queda do seu Chevrolet na ravina, uma fonte junto da Polícia de Albany confirmou ao The Times que o empresário foi baleado antes da queda e acrescentou que a perícia determinou que o revólver, enviado anonimamente para a esquadra de Albany, tinha as impressões digitais de Noah Walsh, de quem Pinkus era sócio em vários negócios. Com os negócios sob investigação e a suspeita de fraude fiscal a pairar sobre as empresas de Walsh, parece cada vez mais difícil que a defesa consiga demonstrar a inocência do falecido. A idoneidade do milionário, fundamental para a que a família possa reclamar o seguro, estará definitivamente enterrada se se provarem algumas das alegações de Leah Bromer acerca do abuso sexual da filha (...) Quanto a Levi Walsh, ainda aguarda acusação. A confirmarem-se as suspeitas de abuso levantadas pela mãe, a jovem poderia ver a sua defesa complicar-se, perante a evidência de um motivo plausível para matar o pai. Se tal acontecer, o juiz terá em mãos uma decisão difícil: as circunstâncias atenuantes que poderiam garantir a Levi Walsh uma pena mínima no Tribunal de Menores podem ser as mesmas que farão o caso transitar para um tribunal criminal.

A notícia prosseguia com outros pormenores, mas o fundamental encontrava-se naqueles parágrafos. O caso estava a ser desviado do assassinato de Noah Walsh e do «acidente» de Pinkus para tudo aquilo que Laura temera: um escândalo de proporções e consequências inimagináveis. De repente, Noah

era praticamente acusado pela ex-mulher de molestar sexualmente a filha, o que colocava o putativo homicídio num outro patamar aos olhos do público: o de uma vingança, por parte de Levi, devido a anos de abuso. Aos olhos de uns, uma autodefesa justificada; aos olhos de outros, um homicídio premeditado, a sangue-frio. Tudo isto ao mesmo tempo que Noah aparecia como principal suspeito do homicídio de Matthew Pinkus.

Eu não sabia como funcionava o sistema americano, mas parecia-me evidente que a Procuradoria não podia forjar um caso imediatamente, a menos que tratassem de tudo de forma separada: o Estado *vs* Levi Walsh; Bernard Sloane *vs* Noah Walsh; e o Estado *vs* Noah Walsh no caso de Matthew Pinkus.

A isto somavam-se o depoimento pouco credível de Doris Mullens, o estranho caso de Artie Pinkus e da mãe em cadeira de rodas, as bizarras histórias do colégio Grace Willard, o ressentimento de Milton Saunders e dezenas de outros pormenores que tornavam a investigação um quebra-cabeças que nem o mais arguto dos investigadores seria capaz de decifrar. Era uma tarefa sherlockiana, pensei enquanto saía do *deli* e me deparava com a primeira chuva do Outono, gotas mornas que se desfaziam sobre o passeio.

Fui ao telefone público, tirei o cartão do bolso e liguei para o número que Patrick Nolasco me dera, o da sua extensão no *Chatlam Herald*. Ele atendeu prontamente.

«Lembra-se de mim?», perguntei-lhe.

Avivei-lhe a memória. Imaginei-o vestido de Clark Kent, com o nariz de tucano a roçar o auscultador do telefone.

«O português», lembrou-se. «Claro.»

«Julguei que no vosso jornal só publicavam factos, nunca rumores.»

«Refere-se à entrevista de Leah?»

«Sim, Nolasco. Parece-me que fez o mesmo que com o relatório de toxicologia», respondi. «Vendeu-se ao desbarato.»

«Ora. Julgava que o Nolasco era você», disse ele na voz tranquila do costume.

«Como?»

«Parece que anda alguém por aí a fazer-se passar por mim. Não saberá nada a respeito disso, porventura?» Hesitei antes de responder. «Não se preocupe», adiantou-se ele, «não é a primeira vez que alguém finge ser outra pessoa para obter informações. Agora diga-me: qual é a diferença entre aquilo que o senhor fez e aquilo que eu fiz?» A voz surgia mais grave do que ao vivo, rouca, metálica. «Eu limitei-me a dizer a verdade, Taborda. Reproduzi as palavras de Leah sem as julgar, moralizar ou tirar conclusões. Você, pelo contrário, furtou-me a identidade. Tanto quanto sei, é um crime federal.»

Fiquei sem resposta.

«Só lhe queria dizer que essas palavras que se limitou a reproduzir podem ser o princípio de mais um longo e penoso processo, muito doloroso para a Laura Walsh e para o resto da família», disse eu, finalmente.

«Qual resto? Não sobra muita gente, pois não? A Levi está presa por outro crime e a mãe alinhou-se definitivamente com Bernard Sloane e a seguradora.»

«Disse-me que o Estado ia tentar fechar o caso com rapidez. O que é que acha que vai acontecer agora?»,

perguntei, observando as gotas desfazerem-se no asfalto.

«Oh, não se preocupe com o tempo», disse Nolasco. «O que vai acontecer é que Sloane irá interpor um recurso para abrir uma investigação por causa das alegações de Leah, juntando-a ao que certamente já descobriu sobre os negócios do Walsh, e irá empatar os tribunais com papelada até o seguro prescrever ou até chegar a um acordo. Entretanto, a Levi, que já caiu naquilo a que se chama um *vazio legal*... a lei diz que um suspeito só pode ser preso preventivamente durante um máximo de noventa e seis horas antes de ser formalmente acusado... a Levi irá ser libertada sob fiança nos próximos dias.»

«Mas isso não resolve nada», argumentei. «O caso vai ficar pendente e, mais tarde, podem tornar a acusá-la, quando a situação do pai for esclarecida. Daqui a dois anos, ela terá dezoito. Em vez de ser uma miúda normal a caminho da faculdade, vai estar num *vazio legal* à espera de julgamento...»

Do outro lado, Nolasco pigarreou. Pareceu-me que acendia um cigarro, mas não podia ter a certeza.

«O que é que você quer?», perguntou. «Que tudo aconteça conforme as suas predilecções? Já se esqueceu de que a rapariga foi encontrada com a arma do crime na mão? E que a Polícia agora tem as impressões digitais do Noah na arma que matou o Pinkus? E de que ninguém percebe nada do que aconteceu naquela noite?»

Fiquei em silêncio. Embora ainda fossem quatro da tarde, o dia escurecera, as nuvens cobrindo a cidade de uma sombra tristonha.

«Que confusão», disse eu.

«Confusão é o que você arma quando se apresenta numa escola de raparigas a fazer-se passar por mim», acrescentou Nolasco. «Imagine a minha surpresa quando, ao chegar à Grace Willard, a tutora da Levi me garantiu que já tinha conversado comigo.»

«O que foi lá fazer?»

«O mesmo que você. Eu avisei-o de que este caso ia começar a borbulhar. Quando isso sucede, é preciso ir às raízes. Para mim, o segredo de tudo isto está na Levi Walsh, não no Noah Walsh nem no Matthew Pinkus. Ela é o lugar onde nasce toda esta história. Acredite em mim.»

Não respondi. Lembrei-me de que, para Lombardi, esse lugar era Matthew Pinkus e de que Artie estava convencido da inteira culpabilidade de Noah.

«Entretanto, faça o seu papel, Taborda», recomendou ele.

«E que papel é esse?»

«Dê consolo à sua namorada. Proteja-a.»

«A Laura e eu não namoramos, Nolasco.»

Ele fez um compasso de espera.

«Bom, quem perde é você, é uma rapariga e peras.»

Pousei o auscultador no descanso. Depois enfiei outra moeda de vinte e cinco centimos na ranhura. Liguei para a telefonista, que fez a conexão com a pensão de Winifred, em Chatlam. O telefone tocou três ou quatro vezes e, a seguir, a velhinha atendeu.

«Sr.^a Winifred, sou o amigo da Laura. Lembra-se de mim?»

«Qual deles?», perguntou ela.

Fiquei algo confuso.

«O que dormiu na pensão, a semana passada.»

«Ah», respondeu ela. «A Laura não está.»

«Pode fazer o favor de lhe pedir para me ligar?»

Ela concordou. Desliguei e fui para casa. Passei a noite no quarto, a ouvir os barulhos que Mookerjee e dois amigos faziam enquanto jogavam um jogo violento na consola. Quando, finalmente, adormeci, o telefone tocou. Era Laura, a voz rouca, algo sumida.

«Estou exausta», disse ela.

«Eu também», confessei.

«Esqueci-me de te perguntar como foi na faculdade.»

O cansaço tornava-a mais doce, pensei.

Contei-lhe então da defesa da minha proposta de tese, de como tudo acabara por correr mal.

«Agora sinto-me culpada. Arrastei-te para aqui, meti-te no meio desta confusão enorme.»

«Não, nada disso», tranquilizei-a. «Eu precisava de sair de Nova Iorque. Precisava de aprender alguma coisa. Sobre mim, quero eu dizer. Estava sem perspectiva.»

Durante uns segundos, tudo o que ouvi foi estática, a distância entre nós.

«E o que é que aprendeste?», perguntou Laura, finalmente.

Que continuo apaixonado por ti ao fim de tantos anos,
apeteceu-me responder.

«Que continuo a sonhar acordado», foi o que lhe disse.

«Que sorte. Pelo menos, sonhas. Já eu, estou metida num pesadelo», disse Laura. «Isto está um inferno de televisões e jornalistas, nem imaginas. Desde que te foste embora, as coisas escalaram. Há repórteres por toda a parte, até dentro dos armários.»

«Por causa da entrevista que a tua mãe deu?»

«Em parte. Há quem só queira saber do acordo com a seguradora, e o cabrão do Sloane fala a todos os microfones que lhe enfiam na boca, numa tentativa de caluniar o meu pai.» Soltou um longo suspiro. «Acho que estão tão confusos como nós, o Ministério Público e a Polícia. Ninguém sabe qual é o passo seguinte, mas parece que os dados estão na mão do Sloane, pelo menos por agora.»

«E vais ficar por aí até acontecer alguma coisa?»

«A casa é minha», respondeu. «A casa onde a minha mãe se instalou como se eles ainda fossem casados. O desprazer da mulher! Só lhe falta montar com o Sloane um quartel-general de ataque ao meu pai, no escritório dele.»

«E ela pode fazer isso?»

«Legalmente, tem vinte e cinco por cento de todos os bens do meu pai. Logo, um quarto da casa de Chatlam é dela.»

«Ah. O acordo pré-nupcial.»

Laura bufou.

«Quero lá saber. Isso é o que menos me preocupa. A Wini disse que eu podia ficar aqui o tempo que quisesse. A época balnear já terminou e os turistas foram-se embora. Agora é só carrinhas da televisão e jornalistas, escumalha da pior.» Fez uma pausa. «Porque é que ligaste?»

«Porque fiquei preocupado», respondi, ajustando a almofada debaixo da cabeça, escutando as batidas da música latina oriunda do prédio em frente. «Achei que podias ir-te abaixo com toda esta especulação sobre o teu pai.»

Desta vez, o silêncio prolongou-se durante longos segundos.

«Laura?», chamei.

«Sim», respondeu ela. «Estou aqui.»

«É só especulação, não é?»

«Não sei. Espero que sim. Mas já não sei nada. A verdade é que assisti a alguns comportamentos dele com a Levi que eram, no mínimo, estranhos. Eu era uma criança, não percebia coisa nenhuma, nunca iria imaginar que...»

«Então a tua mãe pode ter razão?», interrompi.

«A minha mãe só pensa em dinheiro. Se a seguradora lhe oferecer um milhão de dólares, a mulher é bem capaz de dizer que o meu pai é o Rambo dos pederastas. Não é nas palavras dela que penso, é em algumas coisas que vi.»

«Quando somos miúdos, fabricamos coisas que não existem», disse eu. Não conseguia imaginar o Noah Walsh que eu conhecera — o pai de família, homem de negócios, intrépido jogador de golfe, viajante, *bon vivant* — a abusar de uma criança, a molestar a própria filha. «Eu acredito que é tudo imaginação tua, e aproveitamento por parte da tua mãe.»

«Espero que tenhas razão», disse Laura. «Entretanto, estive com o Lombardi. Ele apareceu aqui de manhã com o *The New York Times* na mão. Veio bater-me à porta do quarto e

perguntou-me se ainda achava que conseguia resolver isto sozinha.»

«Ele acha que o Matthew é culpado da morte do teu pai, certo?»

«Ele quer tirar a minha irmã da prisão e ilibar o meu pai destas acusações infames.»

«À custa do Pinkus.»

«Pouco me importa», respondeu Laura. «Ele tem razão, preciso dele, não consigo enfrentar esta tempestade sem ajuda.»

Mas eu estou aqui, apeteceu-me dizer-lhe.

«Acho que fazes bem. Embora seja advogado, pareceu-me a mais esclarecida de todas as pessoas com quem falámos. Tens dinheiro para lhe pagar?»

«Tenho o fundo que o meu pai nos deixou.»

Falámos mais um pouco, mas percebi que Laura estava exausta. A certa altura, pareceu-me ouvir a porta do quarto a abrir e a fechar, mas podia ser um som oriundo do meu próprio apartamento. Despedimo-nos e, quando estávamos prestes a desligar, ela disse:

«Hoje encontrei uma borboleta. Uma monarca. Estava no parapeito da minha janela, meio morta. Já não batia as asas.»

«O que é que lhe fizeste?»

«Dei-lhe um piparote e ela caiu no jardim da Wini.»

«Deve ter-se deixado ficar para trás», comentei, «e perdeu-se das outras.»

No dia seguinte, enchi-me de coragem e liguei a Gary List. O fim da relação com Anne e a situação de Laura tinham-me abalado, mas também recordava, persistentes, as palavras do meu colega de apartamento: era preciso acabar com a sabotagem que eu vinha fazendo a mim próprio; era absolutamente necessário contar a verdade, a despeito das consequências.

Em casa dele, ninguém atendeu. Na faculdade, a Sr.^a Clements informou-me de que o professor List tinha ido para a casa de campo em Lake Carmel e que, por enquanto, não havia data para o seu regresso; o professor Hayes ficara encarregado das aulas nas primeiras semanas do semestre. Com algum esforço, consegui que a Sr.^a Clements me desse o número de List em Lake Carmel (garanti-lhe que era um assunto de extrema urgência, que eu não podia transitar para o segundo ano sem falar com ele. Com relutância, ela acedeu). Liguei a Gary. Atendeu ao primeiro toque. Eu nunca sabia se ele fingia não saber quem eu era ou se, porque estava distraído com outra coisa qualquer, não reconhecia logo a minha voz. Propus-lhe ir à sua casa de campo para resolvermos a questão da minha proposta de tese, e ele, sem pensar muito, deu-me a morada.

«Só depois das cinco, Taborda», advertiu, e desligou o telefone.

O lugar ficava a norte da cidade, no sentido de Chatlam. Aluguei um carro à hora de almoço e pus-me a caminho de Lake Carmel por volta das três da tarde. Atravessei Brooklyn e, perto de Forest Hills, apanhei a 678 na direcção de White Plains e, a seguir, a Estrada 684, que corria próxima da linha imaginária que separa Nova Iorque do Connecticut. Meia hora depois de atravessar Katonah, cruzei a ponte que passava por

cima do lago, um reservatório de águas tranquilas rodeado de árvores de cores outonais, muito parecido com o lago Juniper — talvez de menor dimensão, mas repleto de barquinhos e ancoradouros, de plataformas de madeira das quais os miúdos, no Verão, saltavam para dentro das águas frescas da costa Leste.

A casa de List ficava a oeste do lago, numa zona de baixa densidade populacional, de estradas exíguas ladeadas por denso arvoredor, com pequenas habitações em ripas de madeira branca e com caixas de correio pretas. Procurei o número 8 da Horsepound Road e estacionei em frente da casa quando faltavam doze minutos para as cinco. A habitação era pequena e desinteressante, com uma porta de garagem castanha do lado direito e umas escadas laterais que conduziam ao segundo piso. Porque ainda não eram cinco da tarde, decidi ficar no carro até à hora certa. List não era um tipo pontual, mas eu temia que, quando se tratava dos outros, tivesse a obsessão da pontualidade — a maneira como me advertira ao telefone indicava a sua inflexibilidade em receber visitas prematuras.

Para matar o tempo, liguei o rádio numa estação local enquanto tamborilava com os dedos no volante. Falava-se do caso Walsh num daqueles programas em que os ouvintes ligam para o estúdio e um locutor os instiga a darem opiniões sobre determinado tema. À luz das revelações escandalosas do dia anterior, o telefone, segundo o apresentador do programa, ainda não parara de tocar. Toda a gente queria dar a sua opinião sobre o que acontecera na noite de catorze de Setembro em Chatlam e sobre qual era o provável e justo destino de Levi e o castigo póstumo de Noah. Uma senhora de voz fininha afirmava, sem hesitação, que, se o Ministério Público não agisse contra o ex-milionário, seria uma desgraça

para todas as mulheres «deste país, abusadas, maltratadas e violadas dentro das suas próprias casas»; um rapaz novo chamava «pedófilo» a Noah Walsh e exigia a libertação imediata da sua filha, que mais não fizera do que defender-se dos ataques de um homem perigoso e narcisista. Mas também havia os defensores de Noah ou aqueles que consideravam que a grande culpada era a ex-mulher. Um tipo com voz rouca, que se identificou como «antigo combatente no Vietname», afirmava que o caso estava nas mãos da companhia de seguros e que, a partir desse momento, era como se a verdade e a justiça tivessem saído do prédio pela porta dos fundos. «Essa cabra manipuladora vai fazer o que bem entender do marido, vai encher a vida do homem de estrume», declarou o ex-soldado antes de rematar que só sentia pena da «pobre rapariga» que estava presa.

O relógio do carro já marcava três minutos depois das cinco da tarde quando uma nova voz surgiu no programa. Pertencia a um homem com alguma idade (percebia-se pelo vozeirão marcado pelo tempo), que afirmava ter conhecido Noah bastante bem. O locutor interveio para dar relevância àquele testemunho, convidando o interlocutor a apresentar-se e a explicar a sua relação com o falecido. «Eu vivo em Chatlam», anunciou o homem, «e fui muitas vezes à pesca com o Noah», explicou o ouvinte, que se chamava Lou. Repetiu que conhecia Noah e a família Walsh havia mais de trinta anos e que era um disparate as coisas que andavam a dizer sobre ele. «Aquele homem adorava as filhas como se fossem as pérolas mais preciosas do mundo. Achar que ele seria capaz de fazer mal à Levi é desconhecer completamente o carácter do Sr. Walsh.» O locutor confrontou o ouvinte com as notícias do dia anterior, com a entrevista de Leah. «Isso são

boatos e maledicência», interrompeu Lou. «Quem a Polícia precisa de investigar é a ex-mulher e o sócio. Não me admirava nada que andassem em conluio antes da morte do Noah. Ela sempre foi uma pessoa egoísta e mal-encarada e o Sr. Pinkus era um pobre coitado que só sobrevivia graças à esmola do Noah.» O locutor ia passar ao ouvinte seguinte, mas Lou ainda rematou dizendo: «Vou ter saudades dele e das nossas pescarias no lago Juniper. Mas olhe: a verdade virá ao de cima, é nisso que eu acredito.»

Quando fechei a porta do carro e me encaminhei para a casa de List, lembrei-me de que Lou era o marido de Marybelle, a secretária da Polícia. Perguntei-me por que razão teria ele ligado para o programa de rádio a defender Noah de forma tão veemente, quando os indícios contra ele eram tão fortes. Ao aproximar-me da porta, vi uma rapariga nova a descer as escadas com um alguidar cinzento entre os braços, cheio de roupa lavada. Usava uns calções muito justos e uma camisa aos quadrados; tinha cabelo castanho-claro e uns olhos bonitos, também castanhos, redondos e um pouco infantis.

«Quem é você?», perguntou.

«Sou aluno do professor List», respondi.

Ela pousou o alguidar no chão e, tirando um maço de cigarros amarrotado do bolso da camisa axadrezada, acendeu um.

«*Professor List*», repetiu a rapariga, rindo-se enquanto acendia o *Marlboro*.

«Tem piada?»

«Para mim, tem imensa.» Estendeu-me o braço. «Chamo-me Ophelia.»

«Ah. É a prima do Gary», confirmei, apertando-lhe a mão de dedos fininhos.

De cigarro na boca, Ophelia fitou-me com uma expressão estranhíssima, como se eu estivesse louco.

«Prima. *Okay*, como queira. Ele está lá em cima, no escritório.» Deu uma passa, expeliu o fumo e, com a mão livre enfiada no bolso dos calções, franziu o sobrolho. «Avisou-o? O Gary não gosta de visitas.»

«Ele sabe.»

Subi as escadas exteriores e abri uma porta cuja pintura branca já descascava. As dobradiças rangeram. Atravessei um vestíbulo onde havia uma máquina de lavar roupa e uma pia; depois de um estreito corredor, encontrei Gary List deitado num sofá, numa pequena divisão que devia ser o seu escritório: sobre uma secretária tosca, voltada para um trio de janelas que enfrentavam a Horsepound Road e o bosque, estava uma máquina de escrever com uma folha de papel enfiada no rolo; ao lado da máquina havia uma dúzia de folhas já escritas. List abriu os olhos. Usava um par de *jeans* antigos, uma *T-shirt* muito gasta e um casaco de malha; estava descalço; no seu rosto cansado triunfavam as olheiras da insónia.

«Olá, Gary», disse eu.

Ele endireitou-se no sofá e eu senti-lhe o cheiro a tabaco. No chão, em cima do tapete, havia um cinzeiro a abarrotar de beatas. Tirou um maço do bolso da *T-shirt* e acendeu um cigarro, ainda estremunhado.

«Encontrei a sua prima nas escadas», acrescentei.

«A minha *prima*?», perguntou, como se não fizesse ideia nenhuma do que eu estava a falar.

«A Ophelia?», perguntei.

«Ela não é minha prima, por amor de Deus», disse ele, e não acrescentou mais nada.

Apontou para a cadeira junto da secretária, convidando-me a sentar.

«Eu oferecia-lhe um copo. Mas, como você bem sabe, deixei de beber.»

«Obrigado», retorqui. «Como é que está o Michael?»

«A minha filha envia-me fotografias todos os meses», respondeu, fumando. «Estranhamente, é parecido comigo. Pelo menos, é o que ela diz. Só espero que a parecença seja estritamente física.»

Olhei para a secretária.

«Tem estado a escrever, professor?»

Ele ergueu-se do sofá, a barriga a esticar os limites da *T-shirt* — engordara bastante nos últimos meses —, e, de uma assentada, tirou a folha do rolo da máquina e juntou-a às outras. A seguir, pegou nas folhas todas e guardou-as numa gaveta, que logo fechou com estrépito.

«Tenho estado a torturar-me», respondeu.

«É um romance? Um volume de contos?»

«É uma merda.» Olhou-me com atenção. «Por falar em merda, você deve estar enterrado até ao pescoço neste caso de que toda a gente fala, o da família Walsh e não-sei-quem-mais, não?»

Hesitei uns momentos. Apesar das pequenas dimensões da casa, aquela divisão era, na realidade, bastante confortável, perfeita para um escritor que necessitasse de isolamento e de se confrontar consigo próprio, com as suas melhores ideias. Visível da janela, no jardim, Ophelia pendurava a roupa num estendal com molas coloridas.

«Estou envolvido, mas não estou enterrado», respondi.

«Uau. Isso deve ser amor, Taborda. Afinal, como eu adivinhei logo ao princípio, sempre era um problema de saias.»

«Eu diria que a história se tornou bem mais complicada do que isso.»

«O tanas», ripostou ele, cruzando as pernas. «Você está com tesão por essa rapariga, a filha do fulano que morreu, e agora... Como é que disse no outro dia, durante o nosso encontro? Ah, sim! Que, nos últimos tempos, a sua *cabeça* não tem estado na escrita.» List riu-se sozinho. «Não se trata da sua cabeça, homem. A sua cabeça pode estar onde quiser, que quem manda na sua vida é a outra cabeça, aquela que tem no meio das pernas. Entende?»

«Entendo. Mas, como lhe disse, é mais complexo do que parece.»

«Não é complexo porra nenhuma», gritou. «Sabe a vergonha que me fez passar? À frente do Nowalski, do insuportável do Hayes... Sair da sala daquela maneira, atirando a toalha ao chão. Cobarde!»

«Por isso é que vim cá. Para lhe pedir desculpa.»

List terminou o cigarro e apagou-o no cinzeiro. Os olhos dele concentraram-se nalguma coisa invisível. Cruzou as mãos

sobre a barriga proeminente.

«Quando escrevi *A Traição de Mabeline C.*, estava assim, tal como você se encontra agora. Sofria de uma paixão assolapada por aquela que veio a ser a minha primeira mulher. Tinha vinte e sete anos, Taborda. Nunca escrevera nada de jeito na vida, só uns quantos contos que publicara em revistas de terceira categoria. Estamos a falar de 1962 ou 1963, não me lembro bem. Nesse ano, conheci uma rapariga húngara chamada Marika, que trabalhava no mesmo departamento que eu na Companhia dos Telefones de Nova Iorque. Eu era um bom rapaz, recém-chegado do Milwaukee. Tinha lido os russos e os franceses e o *Catcher in the Rye*, mais uns pozinhos de Melville e Hawthorne e o grande Conrad, o maior de todos, e sonhava com a glória dos escritores, aquela velhaca que aparece durante cinco minutos a cada dez anos, para depois se esconder outra vez, rindo-se das nossas ridículas pretensões. A tal rapariga, a Marika, tinha, nessa altura, uma relação com um homem a quem todos na companhia telefónica tratavam por Beltram.»

«John Jack Beltram», lembrei-me.

«Escrevi o livro numa febre, Taborda. Sempre que via o Beltram, um nova-iorquino de gema, com um sotaque ríspido de Queens e uns fatos demasiado largos, pôr as mãos nojentas nas ancas da Marika, com quem saía todas as tardes a seguir ao trabalho, eu desejava-lhe a morte, ansiava por que um raio lhe caísse em cima da cabeça. Escrevi o livro apaixonado, consumido pela Marika: a beleza daquele rosto, o perfume que deixava a pairar pelos corredores. No livro, assassinei o Beltram e fiz da Marika a minha Mabeline C., uma mulher invejável e cruel que mata o próprio marido e despedaça corações, uma fêmea rude e implacável.»

«Eu conheço bem o livro, professor.»

«Cale-se, deixe-me terminar. Sabe o que aconteceu? O livro foi publicado pela Hafner & Bolt na Primavera de 1964, quando eu tinha vinte e nove anos. O Salinger já tinha trinta e dois quando publicou *The Catcher in the Rye*, por isso, eu bati-o no sucesso prematuro por uma diferença de dois anos. O meu romance inflamou a cena literária nova-iorquina e passei de mero empregado da Companhia dos Telefones a coqueluche dos críticos e dos filantropos. Despedi-me do meu emprego e recebi uma soma substancial para escrever um segundo romance. Nessa altura, viver em Nova Iorque era muito mais barato do que é hoje em dia, e um tipo como eu, solteiro e com um desinteresse completo pelas coisas materiais, podia sobreviver com pouco. Uma noite, bateram-me à porta. Fui abrir... e era a Marika. Como quase toda a gente nesse ano, tinha lido o meu livro. Perguntou-me se John Jack Beltram era o Beltram dos telefones, e eu respondi que sim. Depois perguntou-me se ela era a Mabeline da história, e eu tornei a dizer que sim, e ela lançou-se nos meus braços. Foram os anos mais felizes da minha vida.»

«Tiveram uma filha.»

«Sim», respondeu, acendendo outro cigarro. «E depois, assim que a Georgia nasceu, o inferno regressou à minha vida.»

«Porquê? A Marika deixou de o amar?»

«Não. Eu é que era incapaz de ter uma vida em família. Eram os anos sessenta em Nova Iorque e qualquer escritor que se prezasse queria viver com o máximo de intensidade possível. Havia os Beatles, os Stones, o Bob Dylan, os cafés da Village. Havia arte por todo o lado, porra! E eu estava na

crista da onda que ia varrendo os Estados Unidos, uma vaga de amor livre e de libertação das amarras do passado. O McCarthy estava morto, e a sua maldita perseguição terminara; o Kennedy representara esperança, o Johnson era um liberal e um democrata, e, de França, dos países comunistas, da América do Sul, chegavam os ecos de um mundo em transformação. O que é que queriam, porra? Que eu ficasse em casa todas as noites, de pantufas e cachimbo, a assistir a tudo isto pela televisão?»

«Então foi o professor que deixou de amar a sua mulher.»

«Digamos que a minha cabeça não estava, nesses tempos, voltada para a vida doméstica. É injusto e foi uma crueldade para com a Marika; mas foi o que eu precisei de fazer para continuar a escrever. Um escritor acomodado é um escritor morto, Taborda. Lembre-se bem destas palavras.»

«E agora?», perguntei. «Sente-se acomodado agora, que deixou de beber?»

List levantou-se e, caminhando com dificuldade, como se o corpo já não respondesse aos impulsos do cérebro, foi abrir a janela da esquerda. O cenário idílico que se estendia diante da casa deveria ser inspiração para qualquer um, mas ele parecia estar na mesma disposição de sempre — sorumbático, fatalista a respeito do ofício e do seu próprio trabalho.

«A bebida nunca foi origem de coisa nenhuma», respondeu, grunhindo enquanto abria a janela emperrada. «Foi sempre a consequência. De quê? Do sucesso. E, a seguir, do fracasso, quando *Joining Heaven* provou ser um desastre de vendas. Foi consequência do bloqueio literário e de todos aqueles anos metido numa faculdade a apodrecer o meu espírito com jovens como você, demasiado sequiosos de fama

e fortuna para compreenderem que a escrita não se compadece da vaidade. É, na verdade, o contrário de tudo isso que andam por aí a propagar. É um exercício de casmurrice, de masoquismo. E é preciso aceitar que é um milagre que alguém nos queira ler, Taborda.»

«Eu não sei nada acerca disso, professor. Nunca publiquei.»

Ele tornou a sentar-se no sofá, ofegante, exausto do gesto relativamente simples que acabara de fazer.

«Presumo que as cinco da tarde seja a hora do dia em que pára de escrever.»

«As cinco da tarde?»

«Disse-me para não aparecer antes das cinco.»

«Ah», disse List. «Isso não foi por causa da escrita, foi porque não me apetecia aturá-lo.» Quase corei com a resposta. «Não vale a pena ficar tão envergonhado», acrescentou.

List riu-se. Acendeu mais um cigarro. A brisa que entrava pela janela aberta puxava o fumo para o exterior do escritório.

«Ouvii a história que lhe contei?», perguntou-me.

«Ouvi.»

«Portanto, compreende que não escreverá quando quer, mas quando as circunstâncias da sua vida assim o permitirem.»

«Que género de circunstâncias?», perguntei, ingénuo.

«Você está mesmo apaixonado, Taborda?»

Baixei a cabeça e observei o soalho de madeira.

«Acho que sim.»

«Então aproveite-se disso, rapaz. Use essa chama que tem aí dentro para escrever alguma coisa que o arrebate. Ou alguma coisa que, pelo menos, sirva para mitigar esse demónio.»

«Eu achei que a minha proposta...»

«A sua proposta era uma merda», cortou ele, muito seco. «*Da Natureza dos Homens?* Está a brincar ou quê? Quem é que, com a sua idade, escreve um livro com um título destes? É algum iluminado das estepes ou um astrólogo de pacotilha? O que é que você sabe sobre a natureza dos homens se desconhece em absoluto a sua própria natureza?» Continuei a fitar o soalho, demasiado envergonhado para encarar List. Lá fora, Ophelia assobiava uma canção de embalar enquanto pendurava a roupa lavada. «Se tentar defender o indefensável, é natural que acabe por entrar em colapso. Por isso, não me peça desculpa a mim, peça desculpa *a si*.»

Ficámos calados durante um longo momento, e senti que podia rebentar a chorar a qualquer instante. Olhei para a máquina de escrever de List, a sua *Brother* eléctrica. Ele, ao menos, tivera (durante uma década, ou mais do que isso) o rasgo do génio.

«No fundo, não tem culpa», prosseguiu List. «No meu tempo, existia uma geração que se apoiava mutuamente. Havia um espírito de boémia saudável entre os artistas, éramos nós contra o mundo. Depois vieram os anos oitenta, Wall Street e a banca e esta porcaria toda do dinheiro. Apareceram os Warren Buffets, os Trumps, os Walsh desta vida. Sim, o pai da sua amiga. Chamavam-lhes, na era do Reagan, os *construtores* de uma nova era. Tinha um piadão: tipos cujo primeiro e último objectivo era fazer dinheiro, escavando as grandes clivagens

sociais, remetendo as classes operárias para os subúrbios, dividindo este país em ricos e pobres, brancos e pretos, eles e os outros. Sabe quem sofreu à custa do liberalismo económico desenfreado? Os noventa e nove por cento que não eram ricos. A sua Laura deve ser encantadora, Taborda... Não tenho dúvidas disso. Deve ser podre de boa. Mas lembre-se de onde ela vem. De um mundo em que os fracos não têm lugar, em que a bondade é um capricho disfarçado de filantropia, em que os artistas, os escritores, toda essa corja de inúteis, são dispensáveis, a menos que rendam dinheiro a quem os promove.»

«Sabe uma coisa engraçada? Foi ela quem me mostrou um livro seu quando eu tinha treze anos e nunca tinha ouvido falar de si», revelei. «Emprestou-me *A Traição de Mabeline C.* e eu devorei-o em dois dias.»

List apagou o cigarro, que já queimara para além do filtro. De repente, a tensão no seu rosto desapareceu, os músculos pareceram descontrair. Deitou-se no sofá como se estivéssemos numa sessão de psicanálise e eu fosse o psicanalista.

«É sempre agradável quando servimos de entretenimento para os ricos», confessou. «Gera a ilusão de pertencermos a um outro mundo que não este, o da depressão continuada.»

«Porque é que escreve, então? Se lhe traz tanto sofrimento...»

«Porque não conheço outra maneira de me salvar», respondeu. «É isto ou o suicídio.»

O meu coração batia desenfreadamente. Desde o princípio da conversa que lhe queria contar aquilo que me decidira a dizer-lhe, a confissão que me roía as entranhas. Lembrei-me

das palavras de Mookerjee — *livra-te dessa pedra que carregas às costas* — e, respirando fundo, disse, por fim, em voz baixa:

«Tenho uma confissão a fazer-lhe, professor. Desculpe começar assim, de repente, sem preparação nenhuma, mas não aguento mais. Preciso de lhe dizer que o conto com que me candidatei ao programa era a tradução de um conto de outro escritor português. Não fui eu quem o escreveu. Mas eu queria tanto entrar nesta faculdade, frequentar as suas aulas. Aceitarei toda e qualquer punição por este gesto irreflectido. Eu sei que é um terrível engano. Mas queria que soubesse, também, que estou arrependido e que daria tudo para que não me expulsasse, porque sinto que estou a aprender muito consigo.»

Ergui os olhos ligeiramente, aguardando uma resposta.

E então percebi que List adormecera estendido no sofá, ressonando ligeiramente, enquanto, lá fora, a luz declinava em direcção a uma noite de Outono nas margens do lago Carmel.

Ophelia convidou-me a ficar para a noite. Jantámos no piso inferior, numa sala de estar minúscula junto da cozinha, as divisões separadas por uma cortina. A rapariga, que não seria muito mais velha do que Laura, fez ovos mexidos com *bacon* e torradas e comemos à luz de duas velas carmesim, daquelas que se compram no supermercado. Eu não fiz qualquer pergunta acerca de Ophelia nem da natureza da sua relação com List, que passou o jantar quase em silêncio, grunhindo de vez em quando ou fazendo sons de aprovação sempre que uma garfada o contentava.

«Como ele não bebe, ninguém bebe», disse Ophelia, a certa altura.

«Já te disse que podes beber à vontade», ripostou List.

Ophelia riu-se.

«Isso haveria de resultar muito bem.»

Gary encolheu os ombros; tinha chegado àquela idade em que já nem as provocações lhe interessavam.

«Não faço questão. Água está óptimo para mim», disse eu.

«Hum», observou-me Ophelia, de sorriso no rosto. Era bonita, embora, à luz artificial da pequena sala, sobressaíssem as suas feições algo rústicas, pouco angulosas. «Achava que tu também eras escritor.»

«Sou apenas um aluno.»

«Os escritores bebem, nunca ouviste dizer?», provocou-me ela. «Os pintores fumam erva e os actores cheiram cocaína.»

«Quem é que fica com a heroína?», perguntei.

«O Burroughs», disse List. «E olha no que deu. Escreveu livros que só outros heroinómanos conseguem ler.»

«E os cantores de *rock*», completou Ophelia.

«O Keith Richards», sugeri.

«O Lou Reed», disse List.

«A Janis Joplin», disse ela.

«O Kurt Cobain», acrescentei.

Gary fitou-me.

«Quem é esse?»

Ophelia e eu rimo-nos.

«Não é do teu tempo», disse ela.

A seguir, passámos o resto do serão a ver televisão, eu afundado num cadeirão esburacado e List e Ophelia no sofá, ela de cabeça deitada no colo dele. List sugeriu que eu podia dormir no escritório — só havia um quarto — e, por isso, quando os dois adormeceram, retirei-me sem fazer barulho e subi as escadas de mansinho, levando comigo uma manta que estava em cima das costas do cadeirão. Depois de despejar o cinzeiro cheio de beatas, deitei-me e tapei-me com a manta. Devo ter adormecido muito rapidamente, porque só me lembro de acordar de madrugada, com o mundo ainda na penumbra, o som dos pássaros a chilrearem nas árvores do bosque próximo. Acordei com uma ideia fixa, sem saber por que razão ela surgira na minha mente. Levantei-me e abri a gaveta de List. Retirei o manuscrito do interior, quinze ou vinte páginas dactilografadas. Sentei-me à secretária e, sabendo que estava a transgredir, fiquei muito quieto, à escuta de barulhos na casa. Nada. Então comecei a ler.

Ao fim de dez minutos, tinha lágrimas nos olhos. List não estava a escrever um conto, uma novela ou um romance. Aquelas páginas não eram ficção. Eram um relato verdadeiro, pungente, da sua luta contra a solidão, a depressão e o alcoolismo. Às tantas, falava de mim numa parte do relato que rezava assim:

Nesse fim-de-semana, tive a ajuda de um pobre rapaz, um aluno meu que, um dia, virá a ser um escritor. Bom ou mau, o tempo dirá. É uma criatura gentil. Sei que me admira e sinto-me responsável por ele, como se fosse o filho homem que nunca tive. Que situação, List! Desintoxicar em casa, no teu apartamento imundo, de cabeça deitada no ombro de um miúdo que prometeu não te deixar cair. Com a idade dele, tu nem sabias alinhar um parágrafo, não conseguias olhar ninguém nos olhos. Admiras-lhe o atrevimento. E sabes que, um dia, ele encontrará a sua própria voz, em vez de depender da voz de outros.

Não sei exactamente porque chorei. Se foi o facto de List dizer que eu era como um «filho» (uma criança literária), se o facto de as últimas linhas sugerirem que era provável que ele soubesse da minha fraude. Talvez eu não precisasse de lhe contar nada e a minha confissão fosse um gesto inútil. Aquelas páginas consolaram-me; deram-me a esperança de que, por pior que eu me tivesse portado, Gary estaria do meu lado quando fosse preciso.

Eram seis e meia quando desci ao piso térreo. A casa permanecia silenciosa. Ouvi alguma coisa a aterrar no patamar das escadas, no exterior. O dia nascera gelado, e tremi quando abri a porta e o vento entrou. Reparei no jornal sobre o tapete da entrada, provavelmente lançado de uma bicicleta por um dos miúdos que faziam a distribuição diária. Era o *The New York Post*. Peguei nele e levei-o para dentro de casa. A primeira página era quase toda dedicada à derrota dos Yankees na noite anterior. Do lado direito, havia a fotografia de um homem de fato e gravata, semblante austero, óculos de armação transparente, que falava para um grupo de repórteres. Por baixo dessa fotografia havia outra, mais pequena, tirada a longa distância, de uma rapariga de cabelo muito curto, sentada num banco de pedra do que parecia ser uma prisão.

O título da notícia dizia:

Vernon extrai confissão a Levi Walsh; filha assassinou magnata novaiorquino

Tive de ler o título duas vezes para o meu cérebro registar o que estava ali escrito. Depois fui até à sala de estar onde havíamos passado o serão e liguei a televisão, procurando rapidamente o botão do volume para que o som não despertasse Gary e Ophelia. Apanhei as notícias das sete na WCBS, onde um *pivot* com um penteado ridículo falava sobre

o caso Walsh — era a notícia de abertura daquele telejornal. O homem falou durante uns segundos antes de a emissão passar para um directo do procurador do Estado de Nova Iorque, que, num plano fechado, com parte do edifício do Capitólio de Albany por trás (a sede do Legislativo de Nova Iorque), prestava declarações aos repórteres.

... conseguimos uma confissão por volta da meia-noite de ontem, disse Vernon, ajeitando os óculos no rosto esguio, marcado por maçãs-dorosto altas. O caso vai ser agora entregue ao Tribunal de Menores, sendo que a confissão nos garante um processo mais rápido, que poupará Miss Levi Walsh, que é ainda uma adolescente, ao penoso e traumatizante processo de um julgamento.

Ela é menor de idade, como acabou de dizer. O Tribunal de Menores é, por norma, muito mais brando e poupa os arguidos a sentenças pesadas. É uma medida de protecção habitual ou estamos a falar de favorecimento?, perguntou uma jornalista cujo rosto escapava à câmara.

Já ouviu falar de «isenção»? , perguntou Vernon à jornalista num tom arrogante. Nos casos de homicídio, e sobretudo num caso desta magnitude, os juizes do Tribunal de Menores podem abdicar da protecção que o tribunal normalmente garante aos arguidos e remetê-los para um tribunal de adultos, que, embora ofereça maiores protecções constitucionais, também tem o potencial de emitir sentenças muito mais pesadas e a possibilidade de encarceramento numa prisão. Não existe qualquer favorecimento. Estou em crer que chegámos, por acordo com a defesa, à melhor solução possível para a Levi Walsh, que será imediatamente entregue ao juiz do Tribunal de Menores para processamento efectivo da sentença.

Quem é a defesa, procurador Vernon?, perguntou um dos jornalistas. *Até agora, só ouvimos falar da Procuradoria, mas ninguém sabe quem está a representar Miss Walsh.*

A defesa foi nomeada ontem pelo Estado, disse Vernon, escapando claramente ao olhar da câmara enquanto respondia a esta pergunta. A confissão espontânea da Levi, que pediu para ser ouvida por volta das nove e meia da noite, suscitou a necessidade de um advogado presente na sala, que foi justa e reconhecidamente nomeado, de forma isenta, pelos meios legais disponíveis.

Portanto, o Estado nomeou a acusação e a defesa?, perguntou a jornalista num tom irónico.

A confissão está assinada e o caso será processado em acordo,
respondeu Vernon, e afastou-se da câmara.

Desliguei a televisão. Estava sentado no chão, de pernas cruzadas, incrédulo com o que acabara de ver. Afinal, Nolasco tinha razão: o Estado queria fechar o caso o mais depressa possível, antes que outros podres viessem à tona. A confissão e futura condenação de Levi arrumava um dos lados da história, deixando apenas em aberto a morte de Matthew Pinkus, que, por si só, não chamaria a atenção do público — o sócio de Noah era um peão naquele caso, uma figura remota sem poder mediático, desinteressante para os jornais e as televisões. A confissão também serviria para, pelo menos temporariamente, calar as especulações sobre os negócios de Walsh ou as acusações da ex-mulher, os rumores de infidelidade e de abuso sexual da própria filha, uma vez que tudo o que a América queria saber, a partir daquele momento, era em que moldes Levi Walsh tinha confessado aquele crime hediondo.

«Acordas muito cedo.»

Olhei para trás e vi Ophelia a descer as escadas, vestida com uma das camisas de Gary que mal lhe tapava o rabo. Passou por mim e perguntou-me se queria comer alguma coisa. Despenteada, sem maquilhagem, não passava de uma miúda, uma rapariga perdida, provavelmente fascinada pelos atributos intelectuais de List e pela sua fama passada. Agradei-lhe enquanto ela fazia ovos estrelados com pão escuro, que comemos acompanhados de café.

«Ele é bom homem, sabes?», disse Ophelia.

«Eu sei», respondi.

«E eu não espero nada dele, só um bocado de companhia. Gosto de o ouvir falar, gosto das suas fantasias. Se calhar, um dia ainda acabo nas páginas de um livro.»

«Porque esse é o sonho de qualquer pessoa, certo? Acabar nas páginas de um livro.»

«Que bicho é que te mordeu hoje?»

«Desculpa», respondi.

Agradei-lhe o pequeno-almoço e, depois de lavar os pratos, pedi-lhe que informasse Gary da minha partida, que lhe ligaria em breve. A seguir saí da casa e meti-me no carro, ainda sem saber para onde ia ou o que podia fazer para ajudar Laura.

11 de Outubro de 1998

Estrada 90, Estado de Nova Iorque

A viagem durava quarenta e cinco minutos, mas Laura pensou que não aguentaria sequer os primeiros cinco. O perfume de Lombardi era-lhe insuportável, deixava-a à beira do enjoo.

O fato cinzento e aborrecido. Os óculos escuros, mesmo num dia sombrio. O anel no dedo mindinho da mão esquerda, um cachucho com um brasão qualquer.

Perguntou-se, enquanto o *Chrysler* avançava pela Estrada 90 em direcção a Albany, que tipo de ligação teria o seu pai tido com aquele homem durante tantos anos — se, na verdade, Fred Lombardi era advogado ou, simplesmente, um tipo que dava jeito ter do nosso lado, um sabichão com contactos em todos os departamentos do Estado, alguém que conhecia, por dentro e por fora, os trâmites da lei e as maneiras de os contornar.

«Está desconfortável, Laura?», perguntou.

«Estou preocupada.»

Ele firmou as mãos bojudas no volante. Por causa dos óculos escuros, era difícil dizer para onde Lombardi olhava. Laura, que estava de calções, sentia-se demasiado despida dentro daquele carro.

«Não se preocupe», afirmou Lombardi. «Suspeito de que a confissão é um *bluff* da Procuradoria para acelerar o processo.»

«Um *bluff*? É possível fingir uma confissão?»

«É possível coagir um arguido a confessar», explicou Lombardi. «Eu avisei-a de que a sua irmã precisava de um advogado o mais depressa possível. Demorámos muito tempo a agir. Durante todo este tempo que a Levi esteve nas mãos da Procuradoria, devem tê-la assustado com ameaças. Polícias, psicólogos, guardas prisionais, os próprios companheiros no centro de detenção... Uma lavagem ao cérebro. Mais o advogado da Procuradoria, que deve ser um chico-esperto armado em bom samaritano.»

Laura respirou fundo. A estrada cheirava a petróleo, ao fumo dos escapes dos carros que seguiam à frente da viatura de Lombardi.

«E esse tal Justin Vernon? Quem é?», perguntou Laura.

«O procurador? É o rosto da máquina, cuja intervenção está limitada a conferências de imprensa e a reuniões de gabinete. Não se preocupe com ele. Provavelmente, nunca o verá, e é bem provável que ele nunca tenha visto a sua irmã. É um político igual a tantos outros: repete os discursos que lhe escrevem e pouco mais.»

«Então de que adianta irmos até lá? Se está tudo feito e encomendado para que ela seja culpada...»

«Não quer ver a sua irmã?»

Laura hesitou antes de responder.

«Quero», mentiu.

Na verdade, não queria. O que ela desejava era afastar-se de tudo aquilo, esquecer que algum dia nascera naquela família condenada ao escândalo. Queria começar outra vez, num lugar onde o apelido Walsh não passasse de um nome como qualquer outro.

«Ainda é possível contrariar tudo isto», disse o advogado. «Não seria a primeira vez que se provava em tribunal que uma confissão fora obtida sob coacção. Preciso que fale com a sua irmã e que a faça ter consciência das consequências desta confissão. Também gostaria de perceber o estado mental em que ela se encontra.»

«Podemos apelar insanidade temporária?»

«Ou incapacidade de produzir uma confissão», acrescentou ele. «Uma das duas coisas. Sabe qual foi a primeira vez que um americano declarou insanidade temporária, Miss Walsh?»

«Não.»

«Foi em meados do século XIX, quando um senador e congressista americano de trinta e três anos, chamado Daniel Sickles, se casou com uma rapariga de quinze. Apesar das inúmeras infidelidades de Sickles, assim que suspeitou que a mulher tinha um caso com o procurador do Distrito de Columbia, um tipo chamado Philip Barton Key, obrigou-a a assinar uma confissão na qual ela admitia ter cometido os actos de uma mulher vil, actos íntimos e impróprios, com o referido Key. A partir daí, Sickles entrou numa espiral de loucura, que terminou num duelo em praça pública e no homicídio de Key com uma arma de fogo. Sickles entregou-se e confessou, mas o advogado, na sessão de tribunal, inventou um novo tipo de defesa, alegando que o seu cliente estava *temporariamente louco* por causa da infidelidade da mulher.

Como se ele nunca a tivesse traído vezes sem conta!»- Lombardi bateu com a mão direita no volante e soltou um riso cínico. «Sabe o que é que os jornais fizeram? Apoiaram Sickles, declarando que ele, na verdade, tinha protegido outras mulheres inocentes da luxúria incontrolável de Philip Barton Key, conhecido por ser um mulherengo. E o júri absolveu-o.»

«Que ridículo», comentou Laura, olhando para a linha branca da estrada, sentindo o estômago a doer-lhe dos nervos.

«Ridículo, mas verdadeiro. Aberto este precedente, houve espaço para múltiplas absolvições ao longo da história penal americana.»

«A minha irmã não está louca.»

Lombardi não disse mais nada. Pouco depois, tendo atravessado as ruas meio desertas de Albany, chegaram ao Centro de Detenção de Menores. Era um edifício térreo, castanho, muito feio, rodeado por cercas encimadas com arame farpado. Lombardi apresentou as credenciais a um segurança que, depois de as examinar, fez subir uma cancela. Dois guardas vieram recebê-los ao carro e, depois de revistarem Lombardi e Laura, pediram que deixassem os objectos pessoais em dois tabuleiros de plástico.

«Têm trinta minutos», anunciou um dos guardas.

Caminharam por um longo corredor branco que cheirava a qualquer coisa metálica e desagradável. Depois, uma porta automática abriu-se para um pátio, onde vários rapazes e raparigas, vestidos com a farda do centro (um fato-macaco cor de laranja), se sentavam em bancos de pedra a fumar cigarros. Eram quase todos negros. O silêncio era notório, reparou Laura; nenhum deles falava e nem sequer levantaram os olhos

para os observar quando, acompanhados por um guarda, foram encaminhados para a cantina.

O refeitório estava vazio. Ao fundo, sentados a uma mesa para quatro, sentavam-se Levi e o advogado de defesa nomeado pelo tribunal. Lombardi e Laura sentaram-se em frente deles. Laura não quis acreditar no aspecto da irmã. Tinha cortado o cabelo tão curto, que estava quase careca; os olhos haviam perdido o brilho, eram agora duas esferas tristonhas, apagadas. Emagrecera muitíssimo e o uniforme laranja pendia-lhe dos ombros ossudos. Reparou ainda que Levi regressara a um mau hábito de infância e que roera as unhas até às cutículas, a ponto de deixar os dedos quase deformados.

«Levi», disse Laura, e desejou abraçá-la, mas o guarda fez-lhe sinal para que não se aproximasse da irmã.

«A sua presença está dispensada», disse Lombardi ao advogado que se sentava ao lado de Levi. O homem, muito jovem, num fato barato e com um aspecto de completa indiferença, começou a levantar-se. O guarda olhou para Lombardi à procura de explicações. «Agora sou eu o advogado da Levi Walsh», disse Lombardi, que abriu a pasta e tirou um documento do interior, mostrando-o ao guarda. «O poder representativo é meu, como pode ver.» Este fez sinal ao advogado mais jovem para se retirar; sem dizer uma palavra, e ele assim fez, levando na mão uma mala de cabedal, provavelmente vazia.

«Recebem cinquenta dólares por hora», disse Lombardi, abanando a cabeça. «Pobres coitados. Só querem pisgar-se daqui.»

Laura sentou-se em frente de Levi. Vislumbrou o prenúncio de um sorriso no rosto da irmã, que logo desapareceu.

«Como é que estás?», perguntou Laura.

Levi demorou algum tempo a responder, encolhendo os ombros.

«Estou bem.»

Era a resposta mais ridícula de sempre. Levi parecia ter sido drogada ou, no mínimo, submetida a uma terapia de choques eléctricos. Havia uma lentidão inexplicável nos seus gestos. Levou os dedos da mão direita à boca, à procura de qualquer coisa para roer: os dedos já não passavam de cotos vermelhos, massacrados.

«Porque é que confessaste, Levi?»

Fez-se silêncio no refeitório, apenas interrompido pelo tossir do guarda, que entretanto se deslocara para o lado contrário da sala, para junto da porta.

«Porque era a melhor coisa a fazer.»

«Mas tu não és culpada.»

«Eu sou culpada», disse a irmã com uma certeza de aparência inabalável.

As lágrimas brotaram dos olhos de Laura, que, num gesto instintivo, agarrou as mãos de Levi. A irmã afastou-as, devagar.

«Não, não és. Não sei que raio te fizeram neste lugar, durante estes dias todos, mas esta não és tu. Entendes isso? Estás a ser manipulada por estes cabrões e...»

Lombardi agarrou o pulso de Laura.

«O que a tua irmã está a querer dizer é que podes ser absolutamente sincera connosco», interveio o advogado.

«Quem és tu?», perguntou Levi, olhando, sem qualquer espécie de curiosidade, o rosto tisonado de Lombardi, ainda bronzeado do Verão recente.

«Sou o teu advogado», respondeu ele. «É provável que não te lumbres de mim, mas trabalhei com o teu pai durante muitos anos.»

Levi desinteressou-se do homem. O cabelo muito curto realçava-lhe a palidez, as sardas, o desencanto no olhar. Laura sentiu-se percorrida por uma tristeza avassaladora, como uma corrente eléctrica gelada, perante o estado da irmã.

«Estamos aqui para te ajudar», prosseguiu Lombardi. «Acreditamos que a tua confissão é precipitada, provavelmente, o resultado de muitos dias de pressão emocional. Queremos que saibas que a confissão pode facilmente ser anulada em tribunal.»

«Não quero anulá-la», afirmou Levi, convicta. «Prefiro que as coisas fiquem como estão.»

Lombardi coçou o pescoço; parecia desconfortável perante a rigidez de Levi.

«Quem é que te obrigou a confessar?», perguntou ele.

«Ninguém. Fui eu própria que quis.»

«Okay. Então, se foste tu que quiseste, porque é que demoraste este tempo todo? Porque é que não confessaste no momento em que foste detida pela Polícia em Chatlam?»

Levi olhou para Laura directamente pela primeira vez naquela tarde, como se procurasse ajuda para fazer face ao interrogatório. Mas Laura manteve-se impassível, aguardando uma resposta da irmã.

«Porque não me lembrava», disse Levi, finalmente.

«Não te *lembravas?*»

«Os médicos disseram que eu estava sob a influência de comprimidos para dormir, que afectam a memória a curto prazo.»

«Mas não foste tu quem tomou os comprimidos», disse Lombardi.

Levi hesitou um instante.

«Não me lembro de os ter tomado.»

«Porque não foste tu», insistiu o advogado. «Foste drogada.»

«Porque é que o meu pai haveria de me drogar?»

«Quem disse que foi o teu pai? Sabes quem é que toma esses comprimidos, precisamente a mesma droga que o relatório de toxicologia encontrou no teu sangue? A Sr.^a Mullens.»

«A Doris? Ela nunca me faria mal.»

«Portanto, assumes que não te lembras de tomar os comprimidos», assinalou Lombardi. «E, agora, de repente, temos uma confissão completa e assinada. Não te parece...?»

«O quê?»

«Incongruente», avançou Laura.

«Eu andava com insónias há bastante tempo», disse Levi. «Disso lembro-me. É provável que tenha pedido os comprimidos à Doris.»

«Ela não disse nada acerca disso», adiantou Laura.

Levi recostou-se na cadeira e olhou para o colo.

«O que é que isso importa? A culpa é minha.»

«A culpa de quê?», perguntou o advogado. «De teres sido drogada e a seguir utilizada como álibi para um crime que não cometeste?»

«Fui eu», insistiu Levi. «Eu sei que fui eu.»

O advogado trocou um olhar com Laura. Via-se que estava a ficar exasperado com a teimosia da rapariga.

«Vamos esquecer os comprimidos por enquanto», sugeriu ele. «Subitamente, recuperaste a memória dessa noite, é isso? E agora tens a *certeza* de que foste tu?»

Levi olhou para Laura, depois de novo para Lombardi.

«Não recuperei a memória por completo», respondeu ela. Voltou a levar os dedos à boca, à procura de unhas. «Mas lembro-me da faca. De estar em cima do cadáver do meu pai, ele deitado no chão. Do sangue. Lembro-me do que senti, do desespero daquele momento. Não sei explicar. Não sei dizer bem o que aconteceu. Mas sei que só posso ter sido eu.» Fez uma pausa. «Não havia mais ninguém ali, só eu.»

Lombardi pousou os cotovelos na mesa e, com a mão direita, fez girar o anel que tinha no dedo mindinho da mão esquerda.

«Em alguma altura dessa noite, ou da noite anterior, viste o Matthew Pinkus?»

Levi franziu o sobrolho, sem perceber.

«O tio Matthew? Não.»

«Tens a certeza? Ele não esteve na vossa casa nessa noite?»

«Que eu visse, não. Porquê?»

Foi a vez de Laura pôr a mão no braço de Lombardi.

«Levi, querida. Não estamos aqui para te convencer de nada. Mas é tão difícil acreditar na tua confissão. Porque é que haverias de matar o pai?» As lágrimas caíam-lhe novamente. «Que razão terias para fazer uma coisa daquelas? Alguma vez pensaste nisso antes?»

«Pensei muitas vezes», disse Levi.

«Quando?»

«Quando era criança. E até quando já era mais crescida. Às vezes, o pai era mau para mim.»

«Em que sentido?»

«Em muitos sentidos.»

«Mas tu adoravas o pai», contestou Laura. «Sempre que tinhas férias da escola, querias ir ter com ele. Dizias-me que tinhas muitas saudades do pai quando estavas na Grace Willard, sobretudo depois de a mãe ter ido embora.»

Levi ficou em silêncio.

«Podemos gostar de uma pessoa que também odiamos», prosseguiu ela. «Não podemos? Foi o que eles me disseram. Que, lá por eu gostar dele, não quer dizer que não lhe tivesse ódio.»

«Quem são *eles*?», quis saber Laura.

«... e eu sei o que é o ódio. Conheço-o dentro de mim, Laura. Conheço-o tão bem, desde que nasci. E também a morte. Desde pequena que sonho com a morte, que penso nela. Como na história que me ajudaste a escrever, lembraste?»

«Sim», disse Laura.

«Toda a gente morria nessa história», recordou. «A família inteira. E nas outras histórias todas em que pensei ao longo dos anos.» Fez uma pausa. Respirou fundo. «Sim, tenho o coração cheio de ódio.»

«O que é que *eles* te disseram mais, Levi?», avançou Lombardi.

«Disseram-me que, se eu contasse a verdade, isto acabava de uma vez por todas.»

Laura respirou fundo.

«Ameaçaram-te?»

Levi abanou a cabeça em negação.

«Só quero que isto acabe», disse a miúda, apática.

«Lembras-te de uma vez em que fomos todos às cataratas do Niágara? Tu desapareceste e eu encontrei-te dentro do tronco daquela árvore?»

Levi quase sorriu com a recordação, mas o rosto não perdeu a expressão soturna.

«Lembro-me.»

«Andavas a fugir do pai?»

Levi mordiscou os dedos.

«Fui explorar a floresta.» Olhou frontalmente para a irmã: o rosto vazio, sem cor. «Sempre gostei de explorar o

desconhecido.»

«De que maneira é que o pai era *mau* para ti?»

Levi encolheu os ombros.

«Isso agora já não importa.»

Laura baixou a voz para um murmúrio, que lhe saiu mais carinhoso.

«Levi, o pai alguma vez...?»

«O quê?», perguntou a irmã.

«Acho que talvez não seja boa ideia», advertiu Lombardi, dirigindo-se a Laura. Mas Laura ignorou-o.

«O pai alguma vez te tocou? De uma maneira imprópria?»

«O que é uma *maneira imprópria*?», perguntou Levi.

«Sexualmente.»

Levi ergueu o rosto e encarou a irmã.

«Não sei, acho que não. Mas há tanta coisa de que não me lembro bem. Às vezes, não sei se certos momentos aconteceram mesmo ou se sonhei com eles.» Olhou para Lombardi. «Isso não vos acontece? Não saberem se sonharam com certa coisa ou se a viveram?» Depois baixou os olhos para a mesa. «Mas não... Não era isso que eu queria dizer quando disse que o pai era mau comigo. Ele era cruel, por vezes, e muito rígido. Dizia-me, por exemplo, que eu nunca seria como tu, Laura. Que eu era teimosa e mimada e que nunca seria nada na vida se não mudasse de feitio. Dizia-me que devia obedecer-lhe sempre, que nunca devia contestar as suas ideias, que nunca devia pôr em causa a sua opinião. E eu

adorava-o por isso quando era criança e, mais tarde, vim a detestá-lo pela mesma razão. Entendes?»

«Seja como for», interveio Lombardi, claramente descontente com o rumo da conversa, «nada disso justifica um homicídio. Não daquela maneira, tão brutal, e sobretudo na mesma noite em que o Pinkus se despenhou de uma ravina.»

«O que é que aconteceu ao tio Matthew?», perguntou Levi.

Laura olhou para Lombardi.

«Ela não sabe», disse Laura, surpresa.

«Claro que não. Essa omissão deu jeito à Procuradoria para conseguir a confissão.»

O advogado contou a Levi o que acontecera a Pinkus.

Mas a miúda não reagiu. Limitou-se a ouvir, como se escutasse um relato anódino, distante. Então Laura estendeu o braço sobre a mesa, de mão aberta. Levi olhou para a mão da irmã durante uns momentos. Lentamente, sem vontade, estendeu também o braço magrinho, as veias azuis visíveis debaixo da pele muito pálida, e depositou a mão direita na palma da da irmã.

«Gostava que retirasses a tua confissão», disse Laura.

«Não», respondeu Levi.

«Podemos alegar coerção. Ou insanidade temporária. O Lombardi resolverá isso por ti, se estiveres disposta a colaborar.»

Levi fitava Laura sem emoção aparente.

«Não», repetiu.

Desesperada, Laura apertou a mão da irmã.

«Falei com o Dermot Myerscough», disse Laura. «E também falei com a Becca Caulfield, a tua melhor amiga na Grace Willard. Não me digas que não te lembras, Levi. Sabes perfeitamente de quem estou a falar. A Becca contou-me das *Donzelas*, do vosso esquema de encontros com rapazes do St Raymond's. A escola de rapazes já existia na minha altura, mas no meu tempo não houve nenhuma...»

Laura fez uma pausa, engoliu em seco.

«Nenhuma quê?», perguntou Lombardi, confuso.

«Lembras-te da Frances?»

Levi olhou para o colo e fez que sim com a cabeça.

«Quem é a Frances?», perguntou o advogado. «Que história é essa?»

«Quem é que lhe fez mal, Levi?», perguntou Laura.

«Não sei», respondeu a irmã.

«Pára de mentir», urgiu Laura, quase desesperada. «Por favor, pára de me esconder coisas. É para o teu bem.»

«Alguém me pode explicar que história é essa?», perguntou Lombardi.

Laura encarava Levi com lágrimas nos olhos, desconfiando de que a irmã guardava um terrível segredo. Dilacerava-a a impotência de conseguir que Levi falasse.

«A Frances era uma rapariga do último ano», respondeu Levi. «Eu não a conhecia bem, e ela teve azar. Foi só isso.»

«Ela foi violada», disse Laura.

«Não sabes isso.»

«Foi o que ela contou à psicóloga da escola após semanas a sofrer de depressão. Uma rapariga de dezassete anos não inventa uma história destas só para se divertir.»

«Não vejo o que é que isso tem a ver comigo.»

«Quem era o *homem invisível*?»

O rosto de Levi endureceu. Levantando o braço esquerdo, chamou o guarda.

«Quem era ele, Levi?», insistiu Laura, subindo o tom de voz. Levi cruzou os braços, o rosto fechado em copas. Lentamente, o guarda aproximou-se, as chaves a tilintarem no cinto.

«Era o mesmo *ele* que te vinha salvar? Aquele de que me falaste na esquadra em Chatlam?»

«Vai-te embora», disse Levi à irmã, ríspida, no momento em que o guarda chegava à mesa. «E não voltes mais.»

«Desiste da confissão, Levi. Por favor!», rogou Laura, desesperada. «Se não o queres fazer por ti, então fá-lo por mim. Por favor.»

«A conversa chegou ao fim», anunciou o guarda, pegando em Levi pelo braço enquanto esta se erguia.

Laura viu a irmã ser levada pelo guarda.

Levi nem sequer olhou para trás. Deixou-se levar pelo homem fardado e desapareceu pela porta da cantina enquanto Laura chorava com a cabeça entre as mãos, vencida pelo desespero.

No carro, Lombardi teve de desapertar a gravata, sentia o colarinho a esganá-lo. Baixou os vidros e fechou os olhos por um momento, massajando as têmporas. Chegara-lhe uma dor

de cabeça súbita, feroz. Laura pôs o cinto de segurança e depois, vendo que o advogado não arrancava, tornou a tirá-lo.

«Isto correu muito bem», disse Lombardi.

Laura olhou o seu próprio rosto no espelho retrovisor lateral: pálido, emaciado. Sentiu, com uma náusea no estômago, o perfume de Lombardi invadir de novo o carro.

«Ela está... Não sei. É como se já nem sequer a reconhecesse. Dou-lhe razão, Lombardi. Fizeram-lhe uma lavagem ao cérebro.»

Fred acendeu um cigarro, que segurou com a mão esquerda fora da janela.

«Que conversa toda foi aquela? Quem é o Dermot Myers-Não-Sei-Quê e a rapariga violada e o *homem invisível*?»

Laura respirou fundo.

«Digamos que fui descobrindo algumas coisas.»

«E não achou que seria boa ideia informar-me antes de entrarmos naquela cantina e começar a interrogar a sua irmã?»

«Desculpe. Achei que assim conseguia chegar até ela. Pelos vistos, estava enganada.»

Lombardi ligou a ignição. Resignado, disse:

«Pelos vistos, andamos todos enganados.»

Quando o carro saía do parque de estacionamento do Centro de Detenção de Menores, Laura perguntou:

«O que fazemos agora?»

«Nunca pensei ter de dizer isto, mas, neste momento, não podemos fazer mais nada. Vou interpor um recurso ao tribunal. Mas uma confissão... Uma confissão é tudo o que a

Procuradoria precisa para fechar o caso.» Lombardi deu um piparote no cigarro, que voou para longe. «E a sua irmã já lhes fez esse favor.»

11 de Outubro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Cheguei a Chatlam pouco depois das nove da manhã. Tendo estado ausente durante vários dias, compreendi imediatamente o que Laura me dissera acerca da imprensa. Onde, no princípio, tinham estado duas ou três carrinhas de canais televisivos, amontoavam-se agora como os táxis à porta de um aeroporto em hora de ponta. WNYT, WCBS, CBS, ABC, WPIX, FOX, NY1 — uma parada infindável de siglas e de operadores de câmara em calções e *T-shirts*, que fumavam cigarros encostados às viaturas, aguardando a oportunidade certa. Esperavam que a cidadezinha despertasse para, com os *pivots* armados de microfones e os dentes tipicamente muito brancos, entrevistarem os habitantes acerca do passado negro de Walsh, da confissão de Levi, das acusações de Sloane, do destino da jovem de dezasseis anos que acabara de prescindir do seu direito a um julgamento. O que aquelas estações televisivas procuravam era sangue, as vísceras e os restos mortais dos cadáveres, como abutres esfomeados esvoaçando por cima de uma tragédia.

O meu primeiro passo foi ir à pensão de Winifred. Julguei que Laura ainda estivesse por lá, mas Wini informou-me de que ela saíra há uma semana. Como não havia outra pensão na cidade, perguntei-lhe se acaso ela se mudara para a casa de família.

«Não creio», respondeu Wini, que, atrás do balcão, brincava com um baralho de cartas. «Quem é que ia querer viver na mesma casa daquela bruxa?»

Demorei um instante a perceber de quem ela falava.

«Está a falar de...?»

Wini olhou-me por detrás dos seus óculos muito graduados, equilibrados na ponta do nariz.

«Daquela mãe horrorosa», acrescentou. «Sabe qual é uma das vantagens da idade? É podermos dizer tudo o que nos apetece, sem medo de represálias. Daqui a pouco estou com os pés para a cova, o que é que me importa o que pensam de mim?

«É, de facto, uma vantagem», respondi.

«Por isso lhe digo que raramente tive um hóspede tão irritante como a Sr.^a Walsh. Que pessoa horrível. Barulhenta, maldisposta, sempre a queixar-se de tudo. Ela não era assim, sabe? Quando a conheci, era uma rapariga de vinte e poucos anos casada com o filho de Walt Walsh, mais tímida do que um texugo. Eram os dois lindos. Altos, elegantes. Mas quem mandava era ele.» Wini lambeu o polegar para conseguir distribuir as cartas. «Desde que se separaram e ela foi para França, a mulher transformou-se.»

«Não faz ideia para onde possa ter ido a Laura?»

«Não sei», respondeu. «Mas vi-a passar aqui na rua, muito cedo, acompanhada de um tipo de fato e gravata que eu nunca tinha visto. Meteram-se num carro e saíram da cidade.»

Fui para o café de Merle esperar. Dali, podia ver toda a extensão da rua principal. A meio da manhã, as carrinhas das

televisões começaram a abrir as portas e os jornalistas saíram, fazendo directos na rua principal de Chatlam e entrevistando os transeuntes. Agora, que Levi confessara, a história deixara de ser um mistério para passar a ser uma devastação completa da família Walsh, e não seria de admirar que, nas semanas e meses que se seguiriam, os repórteres continuassem a desenterrar o passado, misturando factos com boatos, números com rumores.

Fiquei a olhar pela janela enquanto fingia que lia o jornal, o mesmo que encontrara à porta da casa de Gary em Lake Carmel. Merle ia-me servindo café, depois comi panquecas e, finalmente, quando chegou a hora do almoço, pedi um hambúrguer que engoli sem vontade. Cheguei a pensar que Laura pudesse ter ido embora de Chatlam e, num impulso, fui à cabine telefónica e liguei para o número do seu apartamento em Nova Iorque. Ninguém atendeu. Paguei a conta e, dando a volta pela avenida secundária, para evitar os jornalistas, fui buscar o carro que alugara. Tinha uma ideia algo disparatada, mas que talvez fizesse sentido dentro da loucura que tudo aquilo era. Rumei a sul e, depois de me perder durante uns quilómetros, acabei na 203 rumo a Spencertown. Tive alguma dificuldade em lembrar-me do percurso que fizéramos naquela noite de Setembro, mas depois, à distância, vi a torre de água, encontrei a estrada secundária e, logo depois, o caminho de terra batida. Quando vi o carro de Laura estacionado junto de uma árvore, sorri de alívio. Ainda estava por ali.

Era o princípio da tarde e as cigarras zumbiam na planície. A torre de água perfilava-se, velha e decrepita, contra um céu azul pontuado de nuvens brancas e cinzentas, nimbos de baixa altitude que obstruíam a linha do horizonte. No cimo da torre, junto das escadas, vi a figura de Laura, sentada de costas para

mim. Abraçava os joelhos e olhava para o céu ameaçador, anunciando o princípio de um doloroso Outono e de um Inverno ainda mais duro. Lembrei-me das estrelas-cadentes, dos fragmentos de meteoritos que pegavam fogo. Imaginei que, no alto da torre, conversaríamos sobre os últimos acontecimentos, sobre o sofrimento que isso lhe provocava e como, juntos, podíamos enfrentar o que aí vinha. Juntos, seríamos capazes de enfrentar a pior das tempestades.

Dei por mim a sorrir ao caminhar. Depois, como se a realidade fizesse pouco da minha fantasia, observei um segundo vulto recortado contra o céu, que surgiu de trás da silhueta da torre. Era Spiros: muito alto, os ombros largos, o queixo proeminente. Sentou-se ao lado de Laura e, enquanto eu estacava na terra árida, os meus passos ainda demasiado distantes para serem ouvidos, passou-lhe o braço por cima dos ombros. Ela encostou a cabeça nele e assim ficaram, dois amantes a contemplar a tarde enquanto, atrás deles, o resto do mundo ardia.

Dei meia-volta e regressei ao carro em silêncio. Mais tarde, ao telefone, Laura contar-me-ia que visitara a irmã nessa manhã e que ela se mantinha firme na confissão, deitando por terra a possibilidade de um julgamento ou de exoneração perante a lei. Mas, naquele momento, ao entrar no carro alugado, sentindo-me o mais ridículo e solitário dos homens, não consegui evitar bater com as mãos no volante uma série de vezes, amaldiçoando-me pela ilusão — *estúpido, estúpido!* — enquanto as lágrimas me saltavam dos olhos. Estava zangado comigo e furioso com Laura. Egoísta como era, com o seu jeitinho velado de fazer as coisas, roubara-me à vida que eu tinha em Nova Iorque para depois me abandonar de repente.

Enquanto conduzia para norte, lembrei-me, inevitavelmente, das palavras de Anne. Eu era Hermie, o protagonista de *Verão de 42*. Sofria de uma doença por diagnosticar, a doença dos saudosistas ou daqueles que não conseguem avançar no tempo, embora o tempo avance sem eles, contra eles: uma e outra vez, repetidamente.

Em Chatlam, faltava-me fazer uma coisa importante. Estacionei o carro numa rua secundária e fui aos escritórios do *Chatlam Herald*, que ficavam próximos da papelaria. Toquei à campainha de um prédio estreito, de fachada castanha, e a porta abriu-se com um zumbido. Subi um lance de escadas muito estreito e entrei num pequeno escritório onde Nolasco se encontrava sentado em frente de um computador. Na parede atrás dele, o logótipo vermelho do *Chatlam Herald* afixado numa parede branca.

Ao ver-me, Nolasco sorriu.

«Ora, se não sou eu, numa versão mais contemporânea», respondeu. Estava em mangas de camisa e gravata; era mais magro do que o fato dava a entender, os antebraços e pulsos muito finos.

«A redacção é só isto?», perguntei.

«E a sala escura da fotografia.» Indicou-me uma porta do lado esquerdo.

«Não me diga que faz o jornal inteiro sozinho.»

«Grande parte dele», respondeu Patrick. «A outra parte é feita por correspondentes e editores de fora, o resto vem directamente das agências de notícias.» Nolasco riu-se. «Estava a imaginar o quê, homem? Um monte de Clark Kents

de óculos de massa preparados a cobrir, na hora, a fascinante actualidade de Chatlam?»

«Não sei do que estava à espera», respondi.

Nolasco levantou-se e foi buscar café. Perguntou-me se queria um. Recusei. Ele sentou-se na beira da secretária. Tinha as calças demasiado subidas, como um repórter de meados do século XX.

«Na realidade, esta é a melhor altura do jornal desde sempre», disse. «Nunca recebemos tantos telefonemas, correspondência e *emails*. O caso dos Walsh tem atraído muitas atenções e já fomos citados centenas de vezes na imprensa nacional.» Ele ergueu a chávena, como se fizesse um brinde. «Nada mau para a nossa modesta operação.»

«O caso parece estar a chegar ao fim», disse eu.

«Oh, nem pense. Isto é só o princípio.»

«O princípio? A Levi Walsh confessou. A Polícia vai suspender as investigações e o juiz vai declarar uma sentença. O caso principal está morto, enterrado. Acabou-se. *Puf.*»

«Pensei que tivesse aprendido alguma coisa com o jornalismo», observou Nolasco. «Primeira regra: nada é o que parece. Segunda regra: nunca esquecer a primeira regra.»

«Então, se não é o que parece, é o quê?»

«Está tudo relacionado com a Levi», insistiu ele. «Continuo a achar que é nela que se esconde a verdade sobre este caso tão bizarro.»

«E a confissão?»

«Coerciva. Sacada à força para a Procuradoria fazer boa figura.»

«Vai continuar a investigar?»

«*Quid pro quo*, meu caro.»

«Agora não percebi.»

«Diga-me lá o que veio aqui fazer.»

Cruzei os braços e olhei para o chão de linóleo.

«Vinha pedir-lhe desculpa por me ter feito passar por si.»

Nolasco tornou a sorrir.

«Está desculpado. Na verdade, ajudou-me bastante. *Limpou* o terreno, por assim dizer. Foi arrancando as ervas daninhas. A Marjorie? Inútil. Bem como o filho do Pinkus, outro imbecil sem nada para dizer, um autêntico atrasado mental. Não, meu caro, isto não acabou. É tudo mais profundo e tenebroso do que parece.»

«Está a falar das acusações de Leah Walsh?»

«Estou?»

«Eu não sei de nada, Nolasco.»

«A Leah Bromer está embrulhada até aos cabelos com a seguradora. Dirá o que for preciso para manchar a imagem do ex-marido. Logo, não é uma fonte segura de informação.»

«E então? Vai continuar a investigar ou não?»

«Quando chegar a altura.»

«Qual altura?»

Nolasco acendeu um cigarro e pôs-se a olhar para o tecto.

«Neste momento, há demasiados interesses envolvidos. O procurador, a seguradora, a Polícia, os tribunais. Toda a gente quer fazer boa figura. Ainda por cima, é ano de eleições

no Senado. Os Democratas não querem ver um dos seus, o grande Noah Walsh, metido numa alhada *post-mortem*. Se você soubesse a quantidade de chamadas anónimas que recebi, neste gabinete, após ter publicado a entrevista com a Sr.^a Bromer... Gente que é capaz de me cortar a cabeça para não ouvir falar de escândalos e de abusos sexuais, de comportamentos impróprios. Isto é a América, meu caro: um jogo de poder e de influências, que se estende do Capitólio à cidadezinha mais insignificante do condado de Columbia. Você, que é de fora do país, não devia andar envolvido nestas coisas. Pode custar-lhe caro.»

«Já custou», respondi.

O jornalista deve ter lido no meu rosto desiludido o que eu queria dizer.

«Desilusão amorosa?»

Encolhi os ombros.

«Mais ou menos.»

«Quer um conselho?»

«Se tiver um para me dar, não o rejeito.»

«Vá para casa», disse ele. «Ponha-se a milhas daqui. Volte para a sua vida, regresse aos seus afazeres. Neste momento, tudo o que tenha a ver com os Walsh só lhe vai trazer mais dissabores e chatices.» Nolasco apagou o cigarro num cinzeiro de metal e tornou a sentar-se atrás do computador. «Ah, da próxima vez que usar um nome falso, ao menos, seja arrojado.»

«Que tal Bill Clinton?», sugeri.

Ele riu-se enquanto eu fechava a porta e descia as escadas, pouco antes de me meter no carro e regressar a Brooklyn.

28 de Outubro de 1998

Brooklyn, Estado de Nova Iorque

Antes de o caso Walsh ser abafado pelas eleições do dia três de Novembro de 1998, ainda existiu uma última reviravolta após a qual as coisas, politicamente, se mantiveram idênticas: embora a América continuasse a ter um presidente democrata — gravemente afectado pelos escândalos que rodearam a administração de Clinton —, o Senado e a Câmara dos Representantes continuavam a ter maioria republicana. Era, sem que se soubesse ainda, o prenúncio de uma viragem à Direita que, em anos subsequentes, se agravaria com o Onze de Setembro, a invasão do Afeganistão e do Iraque e a eleição de George W. Bush como presidente dos Estados Unidos.

A reviravolta veio do lugar menos previsível. Três dias antes da sentença de Levi Walsh, a Sr.^a Mullens veio a público e, sem qualquer aviso prévio, acusou um dos habitantes de Chatlam de ser o culpado pela morte de Noah Walsh. A acusação caiu como uma bomba no *The Herald* e foi imediatamente reproduzida no *The Times* e no *The Post* (comprei os dois jornais no próprio dia). Ela acusava Dan Saunders, o neto de Milton, pelo homicídio, revelando que nos últimos tempos o vira a rondar a casa da família Walsh e que, uma vez, enquanto atravessava a rua principal de Chatlam, o rapaz se dirigira a ela e lhe perguntara insistentemente por Noah, repetindo o nome do patrão até a mulher se assustar e

fugir daquela personagem, que considerava mentalmente desequilibrada. Questionada por Nolasco, Mullens admitiu que o tempo que demorara a vir a público com aquela informação tinha a ver com a sua convicção de que a Polícia descobriria o assassino; contudo, perante a confissão de Levi, que ela acreditava ter sido forçada, não podia permanecer mais tempo calada.

A Polícia chamou Doris Mullens à esquadra para prestar declarações. Desfeita em lágrimas, a senhora pediu desculpa às irmãs Walsh, já que podia ter revelado as suas suspeitas previamente e evitado tudo aquilo. Embora o interrogatório do chefe Ditmas não aparecesse reproduzido na imprensa, Laura acabou por me ligar nessa mesma tarde e colocou-me a par dos pormenores.

«Achei que devias saber», disse ela. «Que merecias saber.»

«Como estás?», perguntei.

«Estou bem. Num hotel em Nassau.» Fez uma pausa. «O Spiros veio ter comigo, por isso, estou acompanhada.»

Contou-me que Moon e Bernie fizeram um primeiro interrogatório a Doris e que, nessa mesma manhã, Lombardi apareceu e encostou-a à parede, parecendo querer forçá-la a admitir que tinha dado os comprimidos de *zolpidem* a Levi. Embora Doris não admitisse culpa a respeito do *zolpidem* — recentemente, contudo, tinha reparado que lhe faltava uma das lamelas —, tinha a certeza do cerco que Dan vinha fazendo à casa dos Walsh.

«Via-o quase todas as noites», revelou Doris. «Sempre que ia à janela do anexo, lá estava ele, a passar na estrada ou a entrar na propriedade. Ou, então, a olhar fixamente para a parte superior da casa, onde ficava o quarto do Sr. Walsh. No

princípio, achei que ele era só maluco, mas depois concluí que, caramba!, só podia ser o responsável pelo homicídio.»

De maneira que a coisa prefigurava-se assim: Dan entrara na casa da família nessa noite, roubara uma faca da cozinha, entrara no escritório de Noah e, depois de alguma luta, esfaqueara-o sem piedade, deixando-o numa poça de sangue. Ao mesmo tempo, Levi despertara com o barulho e descera as escadas (ou, então, tivera um surto de sonambulismo provocado pelos comprimidos), encontrando a faca enterrada no peito do pai — o último dos seis golpes que matara Noah — e, em estado de choque, meio alucinada, arrancara-lhe a faca do peito e caíra a um canto, entrando em estado catatônico até à chegada da Polícia e dos paramédicos. Entretanto, Dan fugira para o bosque próximo; o rapaz conhecia como ninguém a geografia de Chatlam, e era natural que a Polícia, concentrada na casa dos Walsh, não tivesse dado por ele. Dan era capaz de desaparecer sem dar nas vistas.

«Isso não faz grande sentido», disse eu, ao telefone. «Então e os gritos que a Doris ouviu? Eram os gritos da Levi quando encontrou o corpo do teu pai? E uma rapariga sob influência de uma dose tão grande de comprimidos tem força para gritar dessa maneira?»

«Não sei», respondeu Laura.

«A Sr.^a Mullens também nos disse que ouviu o teu pai a discutir no escritório, lembras-te? E que a Levi andava estranha e que não dormiu em casa na noite anterior.»

«Gostava de ter resposta para as tuas perguntas», disse Laura. «Infelizmente, não tenho. Já não sei nada.»

«Parece-me tudo demasiado simples. De repente, atira-se as culpas todas para cima do rapaz mais estúpido da cidade, o

idiota da vila, e está o caso resolvido.»

Foi através do silêncio de Laura — ou do seu longo suspiro — que compreendi a agressividade do meu tom. Nunca falara com ela de maneira tão ríspida, como se Laura me tivesse ligado a insultar-me em vez de o ter feito porque me considerava um amigo, alguém que a ajudara quando ela precisara de ajuda.

«Desculpa», ouvi-me dizer. «Não estou nos meus dias.»

«Não faz mal.»

Sem saber porquê, imaginei Laura sentada dentro do tronco oco de uma árvore muito antiga, de joelhos dobrados, abraçada às pernas, aguardando por alguém que a resgatasse daquele lugar tão solitário.

«O que vai acontecer agora?»

«A Polícia vai investigar as alegações», respondeu ela. «Vão à procura do rapaz, provavelmente vão interrogá-lo. Duvido que sirva para alguma coisa.»

Concordei.

«E, mesmo que seja possível provar que ele andou a rondar a casa, seria impossível provar uma teoria tão rebuscada sem haver um motivo muito forte, não achas?»

«É sabido que o velho Milton nunca gostou do meu pai, nem do meu avô», acrescentou ela. «Chamou-lhe *víbora*, lembrás-te? Disse que o Walt Walsh era o demónio. A seguir, o Dan deu-te uma sova.»

«Não foi bem uma *sova*.»

«O motivo pode ser obscuro e difícil de compreender, mas a verdade é que existe um enorme ressentimento.» Hesitou.

Depois disse: «Eu sei que tudo isto é pouco provável, mas gostava tanto que fosse esta a verdade...»

Acabei por concordar com Laura. Era uma teoria rebuscada mas que, tendo em conta tudo o que acontecera nos últimos tempos, fazia algum sentido. Despedimo-nos e desliguei o telefone. Deitado na minha cama em Brooklyn, no apartamento silencioso (Mookerjee não estava em casa), ouvi as explosões de um fogo-de-artifício do outro lado do Hudson, comemorando algum evento que eu desconhecia. Ao fechar os olhos, levado pelo sono, imaginei Laura de cabeça encostada ao peito de Spiros, também ela sendo levada pelo alívio do inconsciente. Despertei a meio da noite de sonhos assustadores e, ouvindo o som de uma ambulância longínqua, lembrei-me de Nolasco, de quando me dissera para voltar à minha vida e esquecer tudo aquilo. Aparentemente, eu não era capaz de o fazer de livre vontade e acabaram por ser as circunstâncias a levar-me a desistir do caso, a desistir de Laura — na realidade, a desistir de tudo o que me trouxera até Nova Iorque.

Nos dias que se seguiram, antes das eleições de três de Novembro, os jornais e as televisões foram inundados, pela última vez, com o caso Walsh. A Polícia de Chatlam investigou as alegações de Mullens e chamaram Dan Saunders à esquadra. De acordo com os relatórios, Dan era incapaz de responder a perguntas ou de fazer qualquer sentido. Bernie chamou então a equipa de perícia e fizeram uma análise às suas roupas, contrastando-as com os elementos encontrados na casa dos Walsh na madrugada do crime e nos dias que se seguiram. Não houve qualquer correspondência — embora, curiosamente, tivessem sido encontrados resquícios de sangue nos ténis e na *T-shirt* que Dan usava diariamente, uma velha peça de roupa esburacada com um logótipo da Esso. Eu subia

a Bowery num dia frio quando, ao passar em frente de uma loja de electrodomésticos, vi, na montra, um televisor ligado na WNYT; a *pivot*, loura e bonita, acompanhava o caso e falava entusiasticamente para a câmara, de microfone na mão. A legenda que desfilava no ecrã anunciava uma *revelação*. Entrei na loja e descobri outro televisor que transmitia o mesmo canal, com o som ligado.

... descobriu o sangue de outra pessoa na roupa de Dan Saunders. O sangue pertence a Matthew Pinkus, o sócio de Noah, que também morreu na noite de catorze de Setembro quando o seu carro se despenhou de uma ravina. A Polícia ainda não chegou a qualquer conclusão, mas deverá existir um comunicado oficial nas próximas horas...

Fiquei estarrecido a olhar para o televisor. A notícia era bombástica e, porém, não fazia muito sentido. A Sr.^a Mullens acusara Dan da morte do patrão e agora era o sangue de Pinkus que aparecia nas suas roupas. Senti-me tentado a ir à cabine telefónica mais próxima e ligar para o hotel em Nassau, onde Laura se encontrava, mas refreei o impulso.

«Gosta? É o último modelo da Philips», ouvi alguém dizer. Um indiano baixinho, de camisa às riscas, observava-me com as mãos nas ancas. «Ecrã plano, como no cinema», acrescentou ele, fazendo um gesto teatral com a mão direita.

«Não vejo assim muita televisão», respondi. «Desculpe, fiquei só curioso com esta notícia...»

O homem olhou para o ecrã.

«As notícias são porcaria», disse o indiano. «Com este aparelho, pode ver tudo o que é bom em sua casa. Gosta dos *Ficheiros Secretos*? Ou a *Caçadora de Vampiros*? Até lhe arranjo um sinal de cabo secreto para filmes de Bollywood.»

Agradei sem sorrir e saí da loja. Continuei a caminhar pela Bowery acima, na direcção do McSorley's, tentando imaginar uma situação em que Dan Saunders pudesse ter tido um conflito com Matthew Pinkus. Teriam estado todos na casa dos Walsh? Teria havido uma luta entre Noah e Matthew, com Dan a entrar a meio, acabando por magoar Pinkus? Mas como era possível que tivesse o sangue dele na roupa? Dan era um bruto, um palerma desligado da realidade e manipulado pelo avô. Que motivos teria para fazer mal a Pinkus e como poderia estar relacionado com a queda do *Chevrolet* na ravina?

Enfiei as mãos nos bolsos do casaco, o vento frio a roçar-me a gola, e senti-me verdadeiramente perdido, como se todos os meus esforços (os nossos esforços) só tivessem servido para aumentar a confusão. Caminhava tão distraído, que dei um encontrão numa senhora, que refilou em voz alta. Uns minutos depois, entrei no bar. List estava ao balcão, debruçado sobre uma bebida num copo transparente com uma palhinha vermelha. Sentei-me ao lado dele. Por um momento, julguei que voltara a beber.

«É água tônica», anunciou, varrendo a preocupação do meu rosto. «A bebida dos que desistiram da vida.»

Pedi uma água tônica ao empregado. Eram cinco da tarde e o McSorley's ainda estava meio vazio.

«Eu desisto consigo, professor.»

Fizemos um brinde. Não nos víamos desde que eu o visitara em Lake Carmel, havia mais de duas semanas. Gary parecia triste e, ao mesmo tempo, eu sentia-o extraordinariamente calmo, como as pessoas que se rendem perante o inevitável.

«Tem alguma novidade, Taborda?», perguntou.

Fiquei a pensar se ele se referia ao caso Walsh ou à minha prestação académica. Escolhi a segunda — que, no fundo, tinha a ver com a primeira.

«Tenho. Quero escrever sobre o caso.»

«Qual caso?»

«O caso Walsh», insisti. «Mas irei fazê-lo de maneira disfarçada. Usarei nomes falsos, lugares que não existem. Esconderei a identidade das pessoas reais sob a máscara das personagens.»

Bebi um gole da água tônica, que estava insípida, com pouco gás. A penumbra do balcão, àquela hora, era a cor do desespero.

«Você está maluco?», perguntou List.

«Porquê?»

«Porque não é nada disso que um escritor deve fazer», contestou. «Sobretudo quando o caso ainda está a acontecer. A diferença entre as notícias e a literatura é que a literatura procura a verdade enquanto as notícias oferecem o que há no momento, satisfazem os néscios com pedaços de carne em sangue, como o McDonald's satisfaz os estômagos que se contentam com lixo.» List acendeu um cigarro e deu uma passa fortíssima. «A literatura é *haute cuisine*, Taborda. Sabe quem é que a consegue fazer? Os chefes experimentados, que digeriram tudo o que havia para digerir, que refinaram os seus pratos ao longo do tempo. Não é coisa para chefes de primeira água.»

Levei a mão ao rosto e esfreguei os olhos. Estava cansado de List, da sua conversa rebuscada.

«A diferença entre nós é que, quando o professor esteve apaixonado, escreveu uma obra-prima. Eu escrevi uma grande merda, como lhe chamou.»

«Mas eu era mais velho do que você.»

«O professor disse-me para eu usar o que sentisse», lembrei-lhe. «Que aproveitasse a paixão para criar alguma coisa. Escrever sobre o que sinto é escrever sobre a Laura e sobre a família Walsh. Lamento, mas é essa a verdade.»

Gary continuou a fumar o cigarro em silêncio. Parecia estar a reflectir ou então estava meio adormecido. Era difícil dizer.

«Seja como for, não é a mim que terá de convencer.»

List olhou-me pela primeira vez desde que eu me sentara ao seu lado. O verde-mortiço dos seus olhos denunciava enorme desilusão. Tirou o casaco — a camisa aos quadrados de flanela muito larga por cima do corpo ossudo — e pendurou-o num dos ganchos debaixo do balcão.

«Vou deixar a faculdade, Taborda.»

«Só pode estar a brincar.»

«Sim, estou a brincar. É uma piada do caraças, põe toda a gente a rir nas festas.»

«Porquê?»

Ele encolheu os ombros.

«Sei lá, as pessoas gostam de piadas estúpidas.»

«Não! Porque é que vai deixar a faculdade?»

«Porque estou cansado», bufou. «Conhece a história do Salinger?»

«Toda a gente a conhece.»

«Toda a gente conhece a história oficial, mas quase ninguém sabe a verdade. Eu passei uma noite em casa dele no Inverno de 1970.»

«Só pode estar a brincar.»

«Outra vez com isso?»

«Desculpe.»

«O Salinger teve uma intuição dos diabos», disse. «O que ele intuiu foi que o sucesso era o pior de todos os males: pior do que o exílio, pior do que a solidão. Pior do que a peste bubónica. Provou-o cedo, tal como eu. Só que eu, ao contrário do ignóbil Jerome David Salinger, sou um viciado na fama. Quanto mais famoso me tornava, mais famoso queria ser. Dia sim, dia não, ligava para o editor da Hafner & Bolt a cobrar e a controlar o resultado do êxito do meu livro. Estávamos em meados dos anos sessenta e o sucesso era a garantia da imortalidade, ou, pelo menos, assim me parecia. Depois, o meu segundo romance vendeu menos do que o primeiro; e o terceiro ainda menos do que o segundo. Era uma desilusão crescente, como uma amante que envelhece diante dos nossos olhos. Um dia, já preparado para desistir daquela carreira que me trazia mais sofrimento do que prazer, recebi, no meu minúsculo apartamento da Terceira Avenida, uma carta de J. D. Salinger.»

Eu estava incrédulo, mas não me atrevia a expressar novamente a minha incredulidade. Fiz sinal ao empregado para que me servisse uma cerveja, apontando para uma das torneiras.

«Nessa altura, eu já estava separado da Marika e só via a minha filha Georgia aos fins-de-semana. Bebia muito, e a mãe não me confiava a miúda por mais de um par de horas. Para

sobreviver, dava aulas particulares de Inglês. Quando recebi a carta do Salinger, achei que se tratava de uma brincadeira. Porquê eu? Um tipo que, aos trinta e cinco anos, já estava acabado? Bom... O Jerome David pedia-me que fosse ter com ele a Cornish, onde vivia, a cerca de quatro horas de distância de Nova Iorque. Pedia-me também que não falasse daquele encontro a ninguém e que destruísse a carta que ele me enviara assim que tivesse acabado de a ler. Eu cumpri as suas instruções. Não existe prova nenhuma de que, algum dia, Salinger me tenha escrito ou de que eu tenha conhecido o Grande Homem. E nunca conto esta história a ninguém.»

«Porquê eu?»

«Porque você é o estudante mais teimoso que eu tive e precisa de aprender.»

«*Okay*», concordei.

«Jerome David recebeu-me em roupão e chinelos. Sentámo-nos no alpendre da casa e ele disse-me que tinha lido o meu primeiro romance. Imediatamente, intuía quem eu era. Não fez qualquer apreciação ao livro, limitou-se a dizer que conhecia a razão pela qual eu escrevia e que sabia que eu atravessaria o deserto que ele atravessava havia décadas. Foi ele que me ensinou que a literatura não é o princípio, mas o fim; aquilo que só se alcança quando já estamos praticamente mortos, e as palavras são a única coisa que ainda nos liga à vida, o fio invisível que nos mantém à superfície.» List respirou fundo. «Foi uma grande lição, Taborda. Estar ali com o Grande Homem, a respirar o mesmo ar. Era tão diferente da capa da revista *Time* que eu guardava há mais de uma década... estava mais grisalho, com um aspecto terrivelmente melancólico. Vivia sozinho, tinha-se separado da mulher no

mesmo ano em que eu me separara da minha. E, segundo ele, tentara de tudo para se curar da enorme depressão que o assolava. O budismo, o *yoga*. A cientologia. A depressão levava-o a escrever *Catcher in the Rye*, e com esse livro conseguiu a fama eterna. Era essa mesma depressão que lhe garantia que, pese embora os seus melhores esforços, tudo é em vão. O sucesso contamina tudo.»

«Mas é normal que as pessoas queiram ter sucesso», ripostei. «Que a vida lhes corra bem.»

«É esse o dilema», disse List, bebericando sem entusiasmo a sua água tônica. «A literatura e o sucesso são forças antagónicas. Salinger *soube* que nunca poderia superar o seu primeiro romance e, como era um tipo violentamente honesto, retirou-se do mundo literário. Foi viver para Cornish e isolou-se do mundo sem desconfiar de que o mundo iria atrás dele. Então as histórias começaram a surgir. Dois anos depois de eu o ter visitado, meteu-se com uma miúda de dezoito anos chamada Joyce. Ele tinha cinquenta e três. Não era a primeira: Oona tinha dezasseis quando ele tinha vinte e dois; Jean Miller tinha catorze quando Salinger tinha trinta; Claire Douglas tinha dezasseis quando ele tinha trinta e um; e Colleen O'Neill tinha trinta e três quando Salinger tinha setenta e três. Está a perceber, Taborda? Está a ver a ligação? A verdadeira história da vida de Jerome David era esta: um homem desesperadamente carente, que procurava o amor de raparigas novas, incapaz de participar numa relação madura. Salinger era Holden Caulfield, o rapaz do seu único e inesquecível romance. E, porque o Grande Homem se recusou a crescer, continuou a ser Holden para o resto da vida, e tudo o que viesse a escrever depois disso seria apenas a repetição do que já tinha escrito e julgado e condenado à luz de *The Catcher in*

the Rye. Por isso é que eu devia ter ficado por *A Traição de Mabeline C.*, ao invés de me expor ao ridículo com os romances que se seguiram.»

Respirei fundo. Era uma história difícil de compreender, quase no limite do inverosímil. Pela primeira vez, perguntei-me se Gary dizia a verdade ou se tudo aquilo era produto de uma imaginação demasiado fértil, contaminada por anos de alcoolismo.

«Eu gosto dos seus romances», contrapus. «Aliás, acho que gostei mais de *Joining Heaven* do que do seu primeiro livro. É mais complexo, mais trabalhado. Mais profundo.»

Gary acendeu outro cigarro e soprou o fumo para o ar. As espirais azuis dissolveram-se debaixo das luzes que pendiam sobre o balcão.

«Não foi essa a opinião da crítica. Nem do público em geral, que ignorou o livro.»

«E isso importa assim tanto?», perguntei. «Não é mais importante o que o professor pensa do seu próprio trabalho?»

«Não», respondeu ele, lacónico. «Não é.»

Encolhi os ombros. A notícia que ele me dera — de que ia deixar a faculdade — dera o golpe final no meu mundo, já suficientemente estilhaçado.

«O que vai fazer?», perguntei. «Quando abandonar a New York University.»

«Vou viver para Lake Carmel com a Ophelia.»

Não pude evitar uma pequena gargalhada.

«É quase irónico, não acha?», perguntei-lhe. «Que o Salinger lhe tenha dado esses conselhos todos e o professor

acabe na mesma situação.»

«Também há outra teoria, Taborda. A de que um tipo só escreve para chamar a atenção das miúdas.»

Terminei a cerveja quase de um gole e pedi outra.

«Parece-me uma teoria mais honesta.»

«É o seu caso, não é?», perguntou ele num tom provocador. «Quer escrever sobre o caso Walsh na esperança de que, finalmente, a sua querida Laura o veja como aquilo que você é: um caso desesperado de rejeição amorosa.» Foi a vez de Gary soltar um riso sardónico. «O pobre coitado que amou mas não foi amado. Aquele que *merecia* ter ficado com a rapariga. O Cyrano de Bergerac de Brooklyn.»

Apeteceu-me dar-lhe um murro. Em vez disso, agarrei no copo de cerveja frio com as duas mãos.

«Vai aborrecer-se», adverti List, como se fosse uma vingança. «Assim que olhar em volta e reparar que vive no fim do mundo com uma rapariga com idade para ser sua filha, vai arrepender-se. O tédio será tão grande que talvez se ponha a escrever outra vez.»

«Já voltei a escrever.»

«Eu sei.»

Ele olhou-me com surpresa, depois o seu rosto transformou-se num esgar de desprezo.

«Você não...»

«Sim», interrompi. «Fui ler as suas páginas enquanto dormia. São brilhantes. São sinceras, sofridas e maravilhosas. Muito melhores do que o seu primeiro livro. Faça o que fizer lá no seu esconderijo, não pare de escrever.»

«Cabrãozinho de merda», disse List. «Eu devia dar cabo de si agora mesmo.»

«Só que não está bêbedo, professor List. Está sóbrio que nem um ratinho assustado.»

List bateu com o copo de água tônica na mesa.

«Diabos o levem, Taborda!» E repetiu, em voz alta: «Diabos o levem!»

A minha relação com Gary List ficou interrompida naquela tarde, e por muitos anos. Ainda trocámos alguns *emails* durante o ano que se seguiu, mas List era lacónico nas suas mensagens e demorava semanas a responder — quando se dignava a fazê-lo. A sua saída da New York University provocou um pequeno ciclone no Departamento de Escrita Criativa. A Sr.^a Clements também se demitiu; estava para além da idade da reforma e só se mantivera ali por amizade a List e porque o admirava muitíssimo, e aos seus livros. Os alunos dos quais era tutor (eu incluído) tentaram afincadamente que ele ficasse, pelo menos até ao final do ano seguinte, quando nos graduáramos, mas Gary foi inflexível na sua decisão e, em Dezembro, por altura das férias do Natal, desapareceu para Lake Carmel, onde sobreviveria com o dinheiro da reforma e da venda dos livros.

Durante a semana que se seguiu a esse encontro no McSorley's, tentei ligar a Laura duas vezes. Da primeira, disseram-me que não estava no quarto; da segunda, fui informado de que Miss Walsh já não se encontrava naquele hotel em Nassau, que saíra no dia trinta e um de Outubro, logo a seguir à sentença ditada pelo tribunal do Distrito Norte de Nova Iorque. No dia trinta, uma sexta-feira, à luz da descoberta do sangue de Matthew Pinkus na roupa de Dan

Saunders, a acusação da Sr.^a Mullens foi desconsiderada para o caso de Noah Walsh, que prosseguiu para sentença, tendo em conta a confissão da suspeita. O juiz determinou que Levi fosse transferida para o Centro de Detenção de Menores até aos dezoito anos, altura em que o tribunal tornaria a decidir o seu futuro, tendo em conta eventuais circunstâncias atenuantes e o comportamento da condenada.

Curiosamente, esta notícia não chegou sequer à primeira página do *The Post* ou do *The Times*, agora mais ocupados com as eleições da terça-feira seguinte, o clímax da guerra entre Democratas e Republicanos. A sentença de Levi Walsh era, aparentemente, um facto de menor importância quando comparada com o grande escândalo que teriam sido as investigações sobre os negócios corruptos ou o comportamento perverso de Noah — este, sim, figura pública, quase comparável a Bill Clinton nas suspeitas de traição dos bons-costumes da América. Só que Clinton era um presidente vivo e Walsh um ex-milionário morto, cujo caso era agora encerrado pela decisão do tribunal. Portanto, passara à História no minuto seguinte. O caso de Pinkus, que se mantinha aberto, era uma nota de rodapé numa história que entretivera brevemente a América, sequiosa de relatos de vingança e devassidão.

Durante a primeira metade de Novembro, liguei algumas vezes para o apartamento de Laura. O telefone tocava mas nunca ninguém atendia. Pensei que talvez a sentença de Levi a houvesse deixado tão abalada que a única alternativa tinha sido fugir de Nova Iorque. Mas para onde? Era impossível adivinhar. Se uma pessoa quisesse desaparecer nos Estados Unidos, a única coisa que tem a fazer é meter-se no carro e conduzir até que tudo o resto fique para trás. Ainda nesse mês,

a família Walsh, por intermédio de Sloane, abdicou do seguro de vida de Noah. Era uma decisão que só podia ter sido tomada com o consentimento de Laura e, portanto, calculei que a mãe lhe tivesse dado a volta para aceitar a compensação de um milhão de dólares. O mais provável, na minha cabeça, era Laura ter chegado a um acordo para que Sloane estancasse a campanha de difamação de Noah. Se Leah partilhara o dinheiro com a filha ou se ficara com tudo para si, era algo que eu só saberia se Laura não se tivesse evaporado do planeta.

Quanto a mim, as coisas foram de mal a pior. Depois da última aula de List no departamento, fui chamado por Terence Hayes ao gabinete que anteriormente lhe pertencera. Assim que entrei, reparei que as coisas de Gary — livros, cinzeiros, almanaques de histórias policiais, a máquina de escrever — se encontravam enfiadas dentro de um grande caixote de papelão e que Hayes já começara a redecorar o gabinete, colocando umas persianas na janela e arranjando uma cama ridícula para o seu cão, o único *labrador* castanho que alguma vez vi com um aspecto infeliz. Terence continuava magríssimo, e agora usava um lenço na cabeça, à semelhança do seu herói, o escritor Foster Wallace; nas prateleiras quase vazias (ainda não tivera tempo de trazer a sua biblioteca para ali), havia alguns livros de Wallace ao lado de outras coisas aborrecidíssimas: um manual de Linguística, Lacan, Heidegger. Hayes convidou-me a sentar. Apeteceu-me dizer-lhe quão ridículo aquele lenço lhe ficava, mas contive-me e prontifiquei-me a dar a melhor impressão possível.

«Não gosto de si», foram as primeiras palavras dele.

«É mútuo», respondi, abandonando a contenção.

«Agora sou director interino do departamento, até que o comité da universidade se reúna para preencher a vaga de maneira permanente.»

«Quando é que isso acontecerá?»

«Pode demorar meses. Um ano. Não sabemos.»

Comecei a erguer-me, consciente de que o meu tempo ali chegara ao fim.

«Aonde é que vai?», perguntou ele.

«Acho que a situação é bem clara, Hayes», respondi, recusando-me a tratá-lo por *professor*. «O meu tempo aqui acabou.»

«Nem me deu oportunidade de o humilhar, *Tabeurda*.»

«O meu apelido não é francês», repliquei. «Escusa de dizê-lo como se estivesse a mastigar merda. E tire esse lenço da cabeça, parece um doente mental.»

Deixei o gabinete com um misto de sentimentos. Por um lado, estava aliviado por sair da alçada de Hayes; por outro, era impossível não sentir aquilo como uma enorme derrota. Tinha passado um ano e três meses em Nova Iorque e, de repente, o meu projecto abortara; o meu plano fracassara a meio caminho e compreendi que não me restava muito mais senão abdicar, no espaço de poucos dias, daquilo que me propusera fazer. Com Terence Hayes à frente do departamento, a minha vida académica seria um inferno e eu nunca me formaria na New York University — ou, pelo menos, foram essas as justificações que dei a mim próprio para, nesse Dezembro, comprar um bilhete só de ida para Lisboa. Porventura, eu tinha razão; nunca o saberei.

A verdade foi que não deixei Nova Iorque resignado. Saí zangado com tudo. Fui para o aeroporto de Newark numa manhã gelada, com as coisas que tinha enfiadas na mesma mala com que chegara aos Estados Unidos, e o que mais sentia era raiva. Raiva de mim próprio e a sensação de que estava em fuga de um lugar que me provocara tantas desilusões. Que fugia de um sonho que não fora capaz de perseguir.

Na noite anterior à partida, Mookerjee bateu à porta do meu quarto. Quando entrou, encontrou-me a cortar em tiras as páginas do manuscrito do livro *Da Natureza dos Homens* e a deitá-las num caixote do lixo. Tinha a roupa espalhada pelo quarto, cuecas e meias por dobrar, os livros numa pilha, a mala aberta no pouco espaço de chão que restava entre a cama e a janela.

«Estás a pensar fazer uma venda de bairro?»

Olhei para Mookerjee, de pé, encostado à porta, os braços cruzados. Na sala, um dos seus amigos indianos jogava às guerras na consola, os *headphones* nos ouvidos, agitando o corpo ao ritmo do jogo.

«É tudo a um dólar», disse eu. «Leva o que quiseres.»

«Tens a certeza de que pensaste bem nisto?», perguntou ele. «Ainda tens até ao fim do mês. E eu posso dizer ao palhaço que vem ocupar o teu quarto que o hóspede anterior deixou o vírus da lepra.»

Quis rir-me da piada de Mookerjee, mas nem disso fui capaz.

«Estás a destruir o Grande Romance Americano?», perguntou ele, olhando para a tesoura.

«Não, Mook. Estou a destruir as minhas ambições ridículas.» Olhei para ele, quase de lágrimas nos olhos. «Vou voltar para casa e vou aprender a ser um homem.»

«Uau. Isso parece-me mais uma empreitada valente.»

Acabei de destruir o manuscrito, levantei-me e comecei a dobrar a roupa interior.

«Ao menos, tens imenso jeito para dobrar meias», comentou.

«Tenho-me recusado a crescer desde que conheci a Laura», disse eu, convicto de que List tinha razão, de que a lógica da sua vida era idêntica à minha, de que éramos feitos do mesmo material. Nós e Jerome David Salinger. «E agora vou ter de pagar por isso.»

«Pelos vistos, quem pagou as favas foi o teu livro», disse ele.

«A literatura é *haute cuisine*», continuei, zangado. «Precisa de tempo, de maturação. E eu sou um aprendiz, ainda nem sei descascar cebolas como deve ser. Quem é que me meteu na cabeça que eu sabia escrever? Quem sabe, um dia, esteja preparado. Daqui a muitos anos, quando deixar de ser uma criança.»

Mookerjee sentou-se na cama, os cotovelos pousados nos joelhos.

«Acho que levaste demasiado a sério o que as pessoas te disseram. Quando eu sugeri que tinhas sabotado a tua vinda para Nova Iorque, não era minha intenção...»

«Tinhas razão», interrompi. «Isto estava destinado ao fracasso desde o primeiro momento. Quero dizer, que espécie

de idiota falta à defesa de uma proposta de tese para se meter num caso de homicídio com o qual não tem nada a ver? Que mentecapto acha que uma paixão da adolescência é mais importante do que a faculdade, que, já agora, os pais se esmifram para pagar? E que imbecil se lembra de mandar à merda o director do seu departamento? Só eu é que consigo fazer todas estas coisas ao mesmo tempo. Lá nisso, sou original.»

«Já percebi que a tua decisão é irreduzível», comentou ele. «Mas fica sabendo que, se quiseres voltar, o quarto é teu.»

«Mesmo empestado de lepra?»

«Sim.»

Abraçámo-nos e, na madrugada seguinte, um táxi veio buscar-me a Brooklyn e levou-me para o aeroporto. Fiz o *check-in* e aguardei pelo voo num horrível estado de sonambulismo, porque mal conseguira pregar olho nessa noite. Tudo o que sucedera nos últimos meses regressara, em vagas, à minha consciência atormentada, e, no pouco sono que consegui, tive o mesmo sonho que tivera em Setembro, no qual o corpo de Noah Walsh submergia lentamente do fundo dourado de um lago, uma luz plácida iluminando as trevas. Ainda não sabia o que aquele sonho significava e demoraria outra década a descobrir.

À chegada a Lisboa, a minha família pensava que eu ia só para passar as férias do Natal. Quando, ainda no aeroporto, anunciei que ficaria, que não regressaria para terminar o curso, instalou-se um silêncio que se prolongou no carro. Julguei que ia levar uma reprimenda ou que o meu pai e a minha mãe começariam a discutir entre si ou que Júlia, sentada ao meu lado — tinha regressado do seu trabalho em Bruxelas para

passar o Natal em casa —, aproveitaria para gozar comigo, com o meu fracasso. Mas eu devia estar com um aspecto terrível, o aspecto de alguém que sobrevivera a uma tortura, e, pela primeira vez em muito tempo, senti que a minha família parecia entender-me e respeitar a minha dor.

Ainda em silêncio, a minha irmã pôs-me a mão no braço, e eu rebentei a chorar.

«Não faz mal», disse o meu pai, conduzindo lentamente pela Avenida do Brasil. «O teu quarto continua onde tu o deixaste.»

«Sim», concordou a minha mãe. «Amanhã é outro dia. Vais ver que tudo se resolve.»

Mas nada se resolveria. Primeiro, eu precisava de crescer.

SEGUNDA PARTE
(2008-2017)
O Homem Invisível

18 de Março de 2008

Lisboa, Portugal

No primeiro dia de Janeiro de 2007, a minha avó foi internada no Hospital de Santa Maria com problemas cardiorrespiratórios. Quarenta e oito horas depois, estava morta. Segundo a minha mãe, as suas últimas palavras foram: *Só espero não ir ter com o Zé*. «Zé» era o meu avô, que morrera quando eu era miúdo, vítima de cancro do pulmão. Fumador, jogador compulsivo e *bon vivant*, o último desejo da D. Eduarda era não se encontrar com ele no Céu. Partiu de madrugada, numa altura em que eu regressara a casa por umas horas para ver a minha mulher e o Manuel, o nosso filho de três anos, que ainda pudera conhecer a bisavó, embora, provavelmente, não viesse a lembrar-se dela quando crescesse.

Quando soube da morte, fui ao escritório da nossa casa e tirei, da prateleira mais alta da estante, uma caixa de sapatos cheia de recordações, na qual eu ia guardando, com o passar dos anos, coisas que o tempo tendia a esquecer: fotografias, bilhetes de cinema, a primeira chucha do meu filho, o rabisco que o meu sobrinho Alain fizera em Genebra dedicado ao tio que quase nunca via e outros pedaços de memórias. Depois de muito vasculhar, encontrei o que procurava: uma fotografia tirada em Agosto de 1997 pelo meu pai. Nela, surgia eu ao centro, muito mais magro do que hoje, com a minha avó ao meu lado; e também Júlia (à esquerda) e a minha mãe (à direita), na tarde da minha partida para os Estados Unidos.

Nessa altura, eu ainda não usava barba e parecia uma criança; aos meus pés tinha a velha mala de viagem que acabei por deitar para o lixo quando fui viver com Luísa. Embora estivessem quatro pessoas naquele retrato — mais os passageiros do aeroporto que faziam fila para os portões de embarque —, a estrela daquela imagem era a minha avó. De cabelo quase todo branco, sorria timidamente, os seus dentes pequenos e desalinhados a ameaçarem cair, segurando-me no braço com a força das suas mãos de dedos grandes e nodosos, aquele toque muito particular que sempre me deixara arrepiado. Sorri ao ver a fotografia. Era assim que me lembraria dela: a avó que, apesar de toda a sua obstinação e teimosia — e do medo que me incutira de, um dia, acabar desempregado, um estroina igual ao meu avô, enchendo-me de um perfeccionismo doentio —, tinha um neto preferido.

A porta abriu-se. Do outro lado, Luísa falou baixinho, como sempre fazia quando sabia que eu estava a sofrer.

«Queres comer alguma coisa?», perguntou. «O Manel ainda dorme. Somos só nós.»

«Já vou.» Sorri-lhe.

Ela devolveu o sorriso e fechou a porta. Pousei a caixa de sapatos em cima da secretária e continuei a vasculhar. Por acaso (não me lembrava de ter guardado aquilo ali dentro), deparei-me com o último postal que recebi de Laura Walsh. Datava de dezanove de Dezembro de 1998, e o carimbo dos Correios era do Canadá. Tratava-se de um postal de Natal que eu recebera já fora de época por causa dos atrasos nos Correios, uma semana depois de ter regressado a Lisboa disposto a desistir do mestrado na New York University. De alguma maneira, Laura descobrira, ou intuía, que eu voltara

para casa. No verso do postal, rabiscara um dos seus desenhos: um Pai Natal enforcado, com dois olhos em «x», e uma criança solitária a olhar para ele. Por baixo, na sua caligrafia impecável, escrevera apenas *Thank you*. Lembrei-me do final desse ano: de como eu me encontrava dormente e exausto, as emoções nubladas pela tristeza e pela desilusão. Tanto assim era que nem compreendi o verdadeiro sentido daquele postal. Representava o fim da inocência. A criança especada a olhar para o seu herói no momento em que este cai de um pedestal ilusório.

Nessa noite, Luísa dormiu abraçada a mim. Fiquei de olhos abertos durante muito tempo, decorando a luz e as sombras que os faróis dos carros projectavam no tecto do quarto. Em vez de pensar na minha avó, pensava em Laura Walsh e no ano em que a minha vida se virara do avesso. Se o homicídio de Noah não tivesse acontecido naquele ano, provavelmente, teria seguido outro caminho. Quem sabe eu me tivesse esquecido de Laura, dedicado as minhas energias ao curso e levado o meu sonho até ao fim. Talvez não tivesse regressado tão cedo a Portugal e, portanto, Luísa e Manuel não teriam acontecido. E se não tivesse conhecido Laura no Verão de 1987... Se, se, se. Não conseguia esvaziar a cabeça dos infíndáveis «ses» que assombravam a realidade dos factos.

Luísa ressonava baixinho, a cabeça deitada no meu peito. E eu percebi que, como em muitas outras noites no passado, continuava acordado por causa daquele postal. A minha avó era um assunto encerrado, mas Laura e a família Walsh continuavam a ser uma ferida aberta.

Decorreu outro ano até tornar a pensar naquele assunto. Com uma criança para cuidar e um emprego a tempo inteiro, os minutos que me sobravam eram passados a dormir ou a ler.

Não tornara a escrever ficção. Perdera todo o interesse em ser escritor, vacinado pelas duras lições do final de 1998. Continuava a ler muita ficção — sobretudo romances policiais — e não deixara de admirar os escritores pela coragem e capacidade de entrega ao ofício, a incerteza que essa dedicação trazia às suas vidas. Mas a minha grande alegria tinha sido a chegada de Manuel. Vê-lo nascer, cuidar dele, levá-lo ao jardim todos os dias, ensinar-lhe as coisas mais simples da vida; não havia nada melhor do que isso. A escrita trouxera-me angústia. O meu filho, pelo contrário, trazia-me consolo, paz.

Por vezes, no jornal, cabia-me cobrir uma qualquer história menos ortodoxa e então o fantasma da ficção voltava e eu equacionava escrever um romance a partir do tema. Por exemplo: entrevistei o homem que, durante dezassete minutos, julgou ter vencido uma lotaria de dezasseis milhões de euros — até que a estação de televisão anunciou que se tinha enganado a difundir os números. E, ao entrevistar esse homem, que vivia agora na ala psiquiátrica de um hospital (o engano levava-o a dezassete minutos de tamanha euforia que as consequências da desilusão foram desastrosas), pus-me a pensar que aquele incidente poderia ser o princípio de um romance. Mas, sempre que regressava a casa, os afazeres quotidianos varriam rapidamente essa vontade.

Em finais de Janeiro de 2008, num sábado de manhã, enquanto passeava com o Manuel pela Rua de São Bento (caía uma chuva ligeira e ambos usávamos parcas), olhei de relance para um quiosque que vendia jornais estrangeiros e vi um exemplar do *The New York Times*. O nome «Walsh» saltou imediatamente do meio de todas as palavras impressas na

primeira página e fez-me estacar repentinamente, puxando o braço do meu filho com demasiada força.

«Pai», choramingou ele.

«Desculpa», disse eu. Entrámos na papelaria e comprei o jornal.

Em casa, fechei-me no escritório e li a notícia. Era a edição de fim-de-semana, que costumava trazer reportagens sobre temas que não eram notícia. O artigo chamava-se «O Que Aconteceu a Levi Walsh?» e era um reavivar dos factos que tinham chegado às parangonas dos principais jornais no Verão de 1998, quase dez anos antes.

A história vinha brevemente retratada nos primeiros parágrafos, rematando com a decisão do Tribunal de Menores e com o encerramento definitivo do caso de Matthew Pinkus em 1999, quando a acusação e a defesa concordaram que o único suspeito (Dan Saunders) não possuía condições mentais para ser julgado. A seguir, a reportagem contava o que sucedera a Levi desde o momento em que o juiz a entregara ao Estado de Nova Iorque.

Quando cumpriu dezoito anos, Miss Walsh compareceu perante o juiz de instrução Daniel Gosling, que decretou a sua permanência, por um período de tempo não inferior a seis anos, no Centro de Detenção de Menores do Distrito de Nova Iorque. A possibilidade de transitar para o tribunal de adultos foi excluída pela existência de circunstâncias atenuantes, nomeadamente a confissão e o relatório de toxicologia. A esse respeito, o advogado de defesa Fred Lombardi alegou que, apesar de Levi Walsh ter feito uma confissão, o caso «permanecia por apurar» e que era um erro não se ter investigado «a ligação entre o homicídio de Walsh e a morte de Pinkus», apontando, em todas as entrevistas concedidas, para as incongruências «gritantes» e os «deslizes» da Polícia e do tribunal. «É inconcebível que o juiz Gosling tenha aceitado a confissão de uma rapariga de dezasseis anos que foi comprovadamente drogada e manipulada», declarou Lombardi, para depois tecer um ataque selvagem

à mãe de Levi: «Quem saiu a ganhar com tudo isto foi Leah Bromer, que se aproveitou da ingenuidade das filhas e da esperteza de Bernard Sloane para enriquecer às custas de um homicídio por resolver.» Foram estas as palavras de Lombardi à porta da Polícia de Albany em Maio de 1999, quando o caso de Pinkus foi declarado encerrado. A mãe de Levi Walsh nunca apareceu em público para se defender e, ao que o The Times apurou, voltou para Paris ainda antes deste último decreto.

Depois disto, a reportagem incluía outros pormenores do caso (que já revelei aqui) e, quase no final, tornava à pergunta que motivara a reportagem: o que acontecera a Levi Walsh? Na segunda página do artigo, surgia uma fotografia tirada num aeroporto do Canadá, que me deixou intrigado. Era o retrato de uma mulher jovem, de longo cabelo loiro-esbranquiçado e pele tisonada pelo sol, vestida como uma *hippie* dos anos 1970, a caminhar com uma mala a tiracolo, apressando-se, presumivelmente, para apanhar um avião. Usava óculos-escuros e era extremamente magra. Se eu a visse na rua, nunca a teria reconhecido — mas a legenda dizia que aquela era a última vez que alguém fotografara Levi Walsh, prestes a embarcar num avião rumo a Bombaim. A fotografia era relativamente recente, datava de Março de 2006. O jornalista contava que Levi tinha recebido um perdão oficial do juiz em Dezembro de 2005, após ter passado mais de sete anos encarcerada. Apesar de a prisão de menores ser muito diferente das prisões de adultos, era, não obstante, um lugar feio e degradado, onde a América trancava os jovens que infringiam a lei, normalmente miúdos provenientes de famílias desfeitas, com problemas de drogas ou delinquência. Aos vinte e dois anos, Levi transitou para uma prisão de média segurança — a Albion Correctional Facility, uma espécie de «casa de saída» para detidos sem perigo de reincidência —, onde passou nove meses até que o tribunal, com a ajuda de Lombardi, decretou o seu perdão oficial.

O que fazia ela, meses depois, vestida daquela maneira, a caminho da Índia? Como vivera durante aqueles anos que passara detida? A sua confissão só servira uma Procuradoria que, em ano de eleições, pretendia arquivar aquele caso, o qual, segundo o repórter do *The New York Times*, alertara o público para as perversidades dos ricos e brancos, concluindo que estes usufruíam de tratamento privilegiado diante da justiça, até quando se envolviam em homicídios. E relembrava outros casos mediáticos que tinham ficado por resolver: Tupac Shakur e Notorious B. I. G, as irmãs Grimes, o Zodiac Killer, os Alphabet Murders em Nova Iorque, o caso Black Dahlia e e ainda um outro que eu ignorava até aí, simplesmente conhecido como «O Rapaz na Caixa» e que me encheu de calafrios (o rapaz, que teria entre quatro e seis anos, tinha sido encontrado morto, em 1957, dentro de uma caixa de cartão nos bosques de Susquehanna Road, perto de Filadélfia, enrolado num cobertor. A identidade da criança permanece desconhecida até hoje e ninguém foi acusado do crime).

Nessa noite, fui deitar-me com uma inquietante sensação de terror, algo que nunca experimentara durante aquele Verão em Chatlam. Percebia que essa inquietude era consequência de, agora, eu ter um filho e de artigos como aquele me infundirem um medo terrível pela vida daquela pequena criatura que era sangue do meu sangue e por quem eu daria a vida sem pensar duas vezes. A justiça podia ser um beco sem saída; o sistema cedia facilmente às pressões e, por vezes, castigava os inocentes.

Andei inquieto durante uns dias. Luísa reparou e, durante um jantar em que Manuel não parava de chorar por não querer comer, confrontou-me acerca do meu estado de espírito macambúzio.

«Está tudo bem», menti.

«Claro que está», ironizou ela enquanto tentava enfiar uma garfada na boca do miúdo, que lhe voltava a cara, choroso. «Estás a pensar no trabalho, não estás?»

«Não.»

«Estás a pensar que te apetecia escrever um livro, mas que não tens tempo», sugeriu Luísa, que, finalmente, conseguira que Manuel abrisse a boca.

«Estou a pensar que ando cansado. Mais nada.»

«Devias escrever um livro», disse ela. «Podíamos fazer um acordo.»

«Que género de acordo?»

«Eu tomo conta do Manel durante um ano, enquanto tu escreves», respondeu, regressando à sua refeição. «No ano a seguir, tomas tu conta dele.»

«Para tu fazeres o quê?»

«Para eu ir dar a volta ao mundo.»

«Estás a gozar.»

«Claro que estou», riu-se ela. «Durante esse ano, eu faria apenas todas as coisas que não pude fazer nos últimos três. Almoçar com as minhas amigas. Passear sozinha no jardim. Ver televisão até tarde. Ignorar-te. Talvez até fosse passar uma semana a Veneza, tenho saudades de Itália.»

Também me ri. Desde os tempos em que fora aluno de Gary List que não pensava em escrever. Ou melhor: que não me atrevia a escrever. Aterrorizava-me a ideia de me sentar à secretária diante duma página em branco. E, ao mesmo tempo,

ficava deprimido sempre que imaginava um futuro em que eu nunca chegaria a escrever nada que perdurasse; um futuro em que todo o meu trabalho fosse descartável, artigos e reportagens que passavam de validade um dia depois de serem publicados.

Entristecia-me também a ideia de nunca contar a verdadeira história da família Walsh.

«Acho que é um mau negócio», disse eu. «Fico a perder.»

«Porquê?»

«Porque vou passar um ano a olhar para o ecrã sem conseguir escrever uma única palavra.»

Luísa olhou-me com carinho e pôs a mão dela sobre a minha enquanto Manuel mastigava em silêncio, rendido à refeição.

«Chegará a altura, não te preocupes.»

Eu só falara umas quantas vezes a Luísa do meu antigo sonho. Quando nos conhecêramos, em 2001, o trauma de Nova Iorque ainda estava demasiado presente em mim, até que, durante um jantar com os meus pais, Luísa descobriu que eu vivera nos Estados Unidos. *Que mais é que tu me escondes?*, perguntou-me nessa noite, depois de fazermos amor. Lembro-me particularmente bem desse momento, no pequeno apartamento que eu alugava com o salário miserável que ganhava no jornal: deitados na cama banhada por uma lua de Inverno, eu estava apaixonado e não queria falar do passado, porque julgava que podia esquecer o meu fracasso se me entregasse ao presente. Luísa insistiu, e eu contei-lhe algumas coisas sem entrar em grandes detalhes sobre Laura e a

família Walsh, centrando a história em Gary List e Terence Hayes.

«Fizeste o que podias fazer», disse ela, consolando-me. «Não eras obrigado a ficar. Para desistir, também é preciso coragem.»

Luísa sabia sempre o que dizer para mitigar a tristeza.

No dia dezoito de Março, estava na redacção quando recebi um *email* de um homem chamado Peter McDonald. Pensei que seria *spam*, mas, ainda assim, abri-o. Era, afinal, de um produtor associado da HBO — um canal americano por cabo — que se apresentava dizendo estar a fazer uma série documental sobre crimes por resolver nos Estados Unidos (o nome da série era *Cold Cases*); pretendia falar comigo a propósito do caso Walsh. Ao ler aquilo, fiquei tão nervoso que tive de sair da sala da redacção e fui ao terraço apanhar ar. Respondi-lhe uma hora mais tarde, informando-o de que não entendia a razão do *email*, uma vez que o caso tinha sido dado como encerrado, e perguntando-lhe quem sugerira o meu nome.

McDonald respondeu-me nessa madrugada. Apresentava o mesmo argumento que o jornalista do *The New York Times* avançara uns meses antes: tinham existido irregularidades processuais e havia fortes indícios de coerção psicológica por parte da Procuradoria. Ainda que Levi fosse culpada, e nem isso era certo, escrevia ele, tudo o resto ficara por explicar, incluindo a morte de Matthew Pinkus. Eu sabia todas aquelas coisas (vivia com elas há quase uma década), mas vê-las escritas era como levar uma chapada de mão aberta. *Acorda*, dizia-me. Porque o produtor não respondera à minha segunda pergunta, tornei a insistir:

Quem é que lhe falou de mim?

Um homem chamado Patrick Nolasco, disse ele. A minha equipa fez uma investigação preliminar em Chatlam e o seu nome surgiu mais de uma vez.

Desliguei o computador e amaldiçoei tudo. No dia seguinte, incapaz de me distanciar daquele assunto, acabei por perguntar a McDonald o que queria de mim. Ele respondeu uns minutos depois.

Gostava de o trazer a Nova Iorque e de o entrevistar. Se possível, levá-lo até Chatlam, a alguns dos lugares por onde passou em 1998.

E eu respondi:

Sou casado, tenho um filho e um emprego a full-time.

E ele respondeu:

Também eu.

Percebi rapidamente que, se continuasse a dizer que não iria, McDonald desistiria de mim. Deviam ser dezenas as pessoas dispostas a falar para as câmaras da HBO sobre o caso, e eu era apenas um parafuso numa enorme engrenagem que continuaria a funcionar sem mim. Nessa noite, quase não dormi. Roído pela ansiedade, dava voltas na cama; praguejava; alternava entre a raiva pelo desplane do produtor e a autocensura por estar a fugir de uma situação que, mais tarde ou mais cedo, regressaria para me atormentar. Depois, percebi que o que me enfurecia mais era ter sido Nolasco, e não Laura, a sugerir o meu nome. Estaria ela associada ao projecto? Conheceria as intenções de McDonald?

Estaria ela *viva*?

E se o caso fosse reaberto por causa deste súbito interesse mediático, provocado pela reportagem no *The New York Times*?

Devo ter feito a última pergunta em voz alta, porque Luísa voltou-se na cama e perguntou:

«São quase cinco da manhã. Não dormes?»

«Não consigo.»

Ela soergueu-se e acendeu a luz. Depois, puxou-me a orelha esquerda.

«Au», refilei.

«Só a vou largar quando me contares tudo.»

«Não há nada para contar.»

Puxou-me a orelha com mais força.

*

Nessa madrugada, contei-lhe tudo — ou *quase* tudo. Procurei centrar o meu relato no caso, mas acabei por lhe falar do Verão de 1987 no Lagoeiro, aonde eu nunca regressara, embora os meus pais ainda passassem férias na casa que continuava a ser nossa.

«É por causa disso que nunca lá fomos?», perguntou Luísa.

«Sim.»

Ao longo dos anos, eu inventara várias desculpas para não irmos ao Lagoeiro. Que preferia passar férias sozinho com Luísa; que o meu pai só tinha paciência para as crianças durante umas horas; que a minha mãe era insuportável de aturar.

«Por causa dessa Laura Walsh?», tornou Luísa com um sorriso matreiro.

Tapei o rosto com as mãos, como se estivesse insuportavelmente cansado.

«Luísa, por favor...»

Ela afastou-me uma das mãos.

«Ei. Toda a gente tem um esqueleto ou outro no armário.»

Do quarto contíguo, ouvimos Manuel a chorar. Levantei-me, grato por ter um pretexto para dar aquela conversa por terminada. Antes de sair do quarto, a minha mulher chamou-me.

«Faz o que tens a fazer, Pedro», disse ela. «Depois, volta para nós.»

Março de 2008

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Cheguei aos Estados Unidos quase no final do mês. No jornal, pedi uma licença de duas semanas, embora só contasse ficar em Nova Iorque durante cinco dias. Calculei que, com as viagens e o impacto emocional que tudo aquilo teria em mim, precisaria de algum tempo para recuperar. E, para ser honesto, sabia-me bem sair da rotina.

Peter McDonald veio buscar-me ao aeroporto. Era um homem alto, de suíças ao estilo dos anos 1970, com uma voz rouca e estranhos maneirismos. Tinha um carro antigo, de aspecto *vintage*, cujo motor ronronava baixinho.

«É um *Pontiac Firebird* dos anos sessenta», anunciou-McDonald na auto-estrada, olhando pelo espelho retrovisor.

«Não percebo nada de carros.»

«Aí está um dos segredos mais bem guardados da América, Taborda. Se queres matar alguém, mata-o com um carro. Desde que estejas sóbrio, o mais provável é nunca seres acusado de nenhum crime.»

«A sério?»

«Claro. Os acidentes de automóvel acontecem a toda a hora, matam trinta mil americanos por ano. A Polícia e os tribunais olham para esses casos como ‘inevitáveis’: danos colaterais da grande e próspera indústria automóvel.»

Acelerou quando entrámos na 495 em direcção a Brooklyn.
«Ou, então, actos divinos.»

McDonald manteve-se sempre à direita na estrada e falou desalmadamente durante toda a viagem. Eu estava ensonado por causa do voo nocturno e perdi metade da conversa. Imaginara-o um homem diferente, de aspecto mais sisudo e um discurso mais formal. Em vez disso, encontrara um pós-hippie, num casaco de camurça com franjas e uma mania das grandezas pouco camuflada.

«... dois anos no deserto de Sonora, no México. Fizemos o melhor documentário de sempre sobre a imigração ilegal para os Estados Unidos. Vivi numa caravana em Tucson. Estavam quarenta e sete graus dentro da merda da carripa, achei que ia perder a pele, como as cobras...»

Foi-se vangloriando dos projectos em que trabalhara e, quando cruzávamos a ponte em direcção a Manhattan, consegui finalmente despertar o suficiente da minha sonolência para lhe perguntar qual era o plano. Eu ia ficar pouco tempo nos Estados Unidos e não me apetecia passar mais horas do que as necessárias com a equipa de filmagem.

«O plano é irmos para Chatlam», respondeu ele.

«Quando?», perguntei.

«Agora.»

A perspectiva de uma viagem de três horas esmoreceu-me o ânimo. Olhando para McDonald, suspeitei de que o meu conforto e a minha vontade não fossem a sua prioridade. Estacionou na esquina da Avenue A com a Rua 6, próximo de Tompkins Square Park, e pediu-me que aguardasse alguns minutos dentro do carro. Entrou num edifício, e eu, sentindo o

corpo a afundar-se no assento de cabedal, adormeci quase imediatamente. Acordei com uma rapariga morena, de óculos demasiado largos para o rosto, a bater-me no vidro da janela. Abri. Ela sorriu; chamava-se Desdemona (tive de confirmar o nome duas vezes) e segurava um copo de papel com café.

«O Peter pediu-me que lhe trouxesse isto», disse, sorrindo. Depois ergueu a outra mão e entregou-me um saco de papel castanho com um *donut* no interior. «E isto também.»

«Onde é que ele está?», perguntei, ensonado.

«Ao telefone. Já desce.»

Desdemona afastou-se na direcção do edifício. Quando McDonald finalmente regressou, com uma mala na mão, vinha acompanhado de um operador de câmara, um tipo gordinho, de barba muito espessa. Eu não sabia que horas eram, mas parecia-me que tinha ficado dentro do carro durante uma eternidade. O operador de câmara entrou para o banco traseiro.

«Este é o Jessie», anunciou Peter pela janela semiaberta. «Se não te importares, ele vai filmar-nos a caminho de Chatlam.»

Peter pôs a mala na bagageira e, entrando para o lugar do condutor, arrancou. Pouco tempo depois, Jessie ligou a câmara, e foi então que compreendi a dimensão do erro que cometera ao aceitar aquela missão. Ter uma câmara a observar-me o tempo inteiro inibia-me, transformava-me num tipo tímido e envergonhado. McDonald foi fazendo conversa enquanto avançávamos pelo cenário desengraçado da I-87, que corria à esquerda do rio Hudson, passando por Harriman State Park, Woobury, Orange Lake, New Paltz, na direcção de Catskills. Era o caminho mais longo, e perguntei-me por que razão escolhera ele aquele trajecto, mas não fui capaz de

formular a questão em voz alta. Decidi imediatamente que não confiava em nenhum deles: McDonald parecia-me um diletante narcísico, dificilmente um bom documentarista; e o operador de câmara era um rapaz silencioso e sorumbático, cuja única missão na vida era segurar aquele trambolho ao ombro e não fazer perguntas. Se não tivesse recebido um par de *emails* dos produtores executivos da HBO — que marcaram o meu voo e trataram das formalidades —, acharia mesmo que McDonald inventara aquela história para me trazer aos Estados Unidos e que estaria a fazer um documentário à margem de qualquer emissora de renome.

«... tem sido um problema falar com as pessoas», confessou ele, a certa altura. «É a síndrome das pequenas cidades, não é? Como aquela canção do Lou Reed, *Small Town*. Ele diz que só há uma coisa boa numa cidade pequena: é teres a certeza de que queres sair dali o mais depressa possível.»

Perguntei-lhe quem é que ele já entrevistara, na esperança de que dissesse o nome de Laura Walsh.

«Algumas pessoas», respondeu. «O problema não é a quantidade, o problema é que estão todos velhos como o caraças.»

«Imagino. Há dez anos que não vou a Chatlam e, já na altura, a população estava muito envelhecida.»

«Ainda por cima, estão todos convencidos de que o caso está encerrado.» McDonald coçou as suíças com os dedos compridos. «Quando eu digo que o documentário é sobre *cold cases*, os entrevistados ficam pasmados.» Fez uma voz de queixinhas: «*Mas o caso foi resolvido... Blá-blá-blá*. Tu não achas o mesmo, pois não?»

Senti a presença incómoda da câmara por cima do meu ombro.

«Bom, legalmente, é verdade», respondi.

«Tretas. Isso é o politicamente correcto», respondeu ele. «Mas não te preocupes, não és o único, o politicamente correcto está na ordem do dia. As sondagens todas dizem que o próximo presidente dos Estados Unidos vai ser um negro de Chicago. Imagina só! Um negro. Isto vai virar tanto à esquerda, que, quando dermos por isso, estamos de regresso à União Soviética.»

Jessie apontava a lente para McDonald, que olhou para trás.

«Esta merda que eu disse agora é para cortar, hã?», advertiu.

Jessie fez que sim com a cabeça, abanando a câmara.

«O caso foi fechado à pressa, com base na confissão forçada de uma rapariga menor de idade, que não estava com a cabeça no lugar», disse eu, procurando alinhar-me com McDonald.

«Precisamente o que eu penso», concordou. «Quem é que achas que foi o verdadeiro culpado?»

«Não faço ideia.»

«Porra, viveste tudo em primeira mão. Alguma coisa deves ter concluído. Não tens uma opinião que seja?»

«Tenho. Foi o mordomo.»

«Engraçadinho», empertigou-se. «E que tal a *mordoma*? Ou não reparaste nas incongruências da governanta Mullens?»

«Ainda está viva?», perguntei.

«Ainda, num lar de idosos.»

«Ah. Um excelente final para o documentário era deitar as culpas todas para cima de uma anciã velhaca que vive rodeada de enfermeiras.»

McDonald olhou para Jessie pelo espelho retrovisor; o *cameraman* fechava o olho esquerdo enquanto filmava.

«Ele tem piada, este Taborda. Apanhaste isto?» Jessie voltou a assentir com um agitar de cabeça. Depois, Peter dirigiu-se a mim de novo: «Aparentemente, uma prima afastada foi visitar a velhota e encontrou-a sentada no sofá, de pijama, completamente gagá, com um romance de Jackie Collins no colo.»

«Coitada da senhora», disse eu.

«Agora a sério», tornou Peter. «Tiveste dez anos para tirar conclusões. Nada do que viveste em 1998 regressou para te atormentar?»

«Foi um final de Verão muito intenso», confessei. «E, na verdade, agora raramente penso no assunto.»

«Estás a mentir. Pensas no assunto a toda a hora.»

«Porque é que decidiste fazer este documentário?», perguntei. «Porquê agora?»

«Li a reportagem do *The New York Times*», disse ele. «Achei que era uma história fascinante e que encaixava perfeitamente nesta série da HBO. Pelo histerismo mediático que gerou e pelo esquecimento abrupto da história. São as melhores, não achas? Aquelas histórias de que já ninguém

quer falar, que ficam confortavelmente soterradas, até que um dia...»

«E falaste com a Laura Walsh?», perguntei, finalmente.

Ele fez uma pausa; o meu coração também.

«Não conseguimos encontrá-la», respondeu.

«Desapareceu?»

«A minha equipa julga que se encontra algures no Canadá. Quase não existe rastro dela... nenhuma rede social, nenhum contacto de *email*, nenhum emprego conhecido. A única coisa que temos é o registo de um cartão de crédito em vários estabelecimentos de Toronto. Enviei uma pessoa para lá para a encontrar.»

«E já tentaram a mãe dela?»

«Falei ao telefone com a Leah Bromer», revelou. «A mulher recusa-se a dar entrevistas.»

«E a irmã? A Levi?»

McDonald fez um sorriso matreiro.

«Aí é que está o busílis da questão.» Dirigiu-se a Jessie: «Desliga a câmara, meu.»

Jessie obedeceu e recostou-se no assento. Ficou a olhar, com uma expressão ausente, para o exterior do carro.

«O que é que fizeste, McDonald?», perguntei.

«Digamos que desencadeei alguns processos à margem da estrita legalidade», disse ele, nitidamente satisfeito com a sua astúcia, como um miúdo que acaba de congeminar um plano brilhante. «Consegui que um *hacker* entrasse na base de dados

de múltiplos sítios de compra de bilhetes de avião e descobri que a Levi Walsh vai regressar aos Estados Unidos.»

«De onde?»

«De Bombaim.»

«Quando?»

«Depois de amanhã.»

«Então foi por isso que me pediste para vir», exclamei, indignado. «Para recriar tudo o que aconteceu. O regresso da Levi, eu... Pode ser que a Laura saia da toca e, de repente, estamos no Verão de 1998 outra vez.»

McDonald ficou em silêncio. Mantinha os braços esticados, de mãos no volante, o *Firebird* a consumir a estrada quase vazia. Depois tamborilou com os dedos no volante. No banco traseiro, Jessie ressonava de boca aberta.

«Confesso que não sou assim tão engenhoso», disse ele. «Mas, se tu achas que é um bom plano...»

Começou a rir-se. Tinha um riso cínico, quase contagiante, e, passado algum tempo, também comecei a rir-me. Que mais havia a fazer?

Chegámos a Chatlam a meio da tarde, depois de deixarmos as malas num *bed and breakfast* em Philmont, a poucos quilómetros dali. Ao atravessarmos as ruas meio desertas — era o princípio da Primavera e a cidadezinha só se enchia de turistas em Junho —, só consegui reparar nas diferenças. Continuava a ser o mesmo lugar de província, com uma rua principal, a torre do relógio e o cata-vento. Porém, a atmosfera na rua tinha mudado. Em primeiro lugar, não era Verão; estava frio e um vento gelado atravessava a povoação. Por outro lado,

as lojas pareciam ter mudado de lugar ou, então, desaparecido. A loja dos artigos de pesca estava, agora, onde antes se encontrava o antigo café de Merle; e o café Albatross já não existia, tendo dado lugar a um Starbucks. A pensão de Winifred transformara-se numa loja de vinhos e a papelaria numa loja de chocolates e guloseimas. A esquadra permanecia no mesmo lugar, bem como a geladaria. Mas havia muito mais portas abertas — um restaurante italiano, uma nova estação dos Correios, um café que anunciava a Internet como se fosse a última novidade do mundo. Dez anos tinham servido para mudar a fachada da cidade.

McDonald olhou para o relógio enquanto estacionávamos em frente do Starbucks. Entrámos no café. Jessie carregava a câmara e, assim que o viram entrar, os baristas alarmaram-se. O produtor falou com o gerente e explicou-lhe a situação; enquanto o fazia, olhou para mim e para Jessie e piscou-nos o olho. Sentámo-nos numa mesa junto da janela. Além de nós, havia três velhos a beber café e a ler o jornal e uma rapariga nova que teclava vorazmente no seu computador portátil.

«Isto não existia em 1998», disse eu.

«Mas ele existia», respondeu McDonald, apontando para o exterior.

Olhei pela janela. Um polícia com uma barriga proeminente aproximava-se do café. Atrás dele vinha um homem magríssimo, óculos de lentes grossas e um semblante perdido. Demorei largos instantes a reconhecer o polícia.

«Senhores», disse Moon, cumprimentando-nos assim que entrou no Starbucks.

O segundo homem apresentou-se. Era o Dr. Pleasant, o médico-legista que fizera a autópsia ao cadáver de Noah

Walsh.

«Sou perito em tanatopraxia», anunciou como se a informação fosse muito importante.

Foi nesse momento que Moon me observou, uma centelha de reconhecimento atravessando-lhe o rosto cansado. Engordara muito; de acordo com o crachá que lhe ornamentava a farda, era agora o chefe da Polícia de Chatlam.

«Você não mudou nada», disse-me ele.

«Você mudou um bocado», respondi.

«Ossos do ofício», riu-se Moon, esfregando a barriga com a mão direita. «Casei-me. Sabe como é.»

Enquanto nos sentávamos todos à mesma mesa, Jessie ligou a câmara. Pleasant fez cara de poucos amigos.

«O que é isto?», perguntou.

«Desligue lá essa merda», ordenou Moon.

Jessie olhou para McDonald, que lhe deu ordem silenciosa para obedecer a Moon.

«O que aconteceu ao chefe Ditmas?», perguntei.

«Reformou-se há sete anos», respondeu Moon, e olhou em redor. «Porra, detesto este lugar. O que é feito dos velhos e bons cafés americanos onde uma empregada com mamas decentes vinha servir-nos à mesa?»

«Jessie, vai buscar cafés», pediu McDonald.

Jessie deixou a câmara em cima da mesa e dirigiu-se ao balcão.

«Além do mais, quem é que precisa de um Starbucks numa cidade que dorme nove meses por ano?», continuou Moon. «O

café é uma merda, caro que se farta, e todas as bebidas têm um nome ridículo.»

«Adorava ter filmado isto», disse-me McDonald em voz baixa. Moon debruçou-se sobre a mesa e pousou os cotovelos nela. Não fora só o seu físico que mudara nos dez anos que haviam passado; a sua atitude, antes servil, algo trapalhona, transformara-se por completo, e parecia agora um homem longamente acostumado a trilhar os caminhos do poder e da autoridade. O excesso de gordura só servia para confirmar que, naquela cidadezinha esquecida, quem mandava era ele.

«Ora vamos lá saber», começou Moon. «O que é que os senhores querem e para que serve isto tudo?»

Pela conversa que se seguiu, entendi que McDonald ligara a Moon na semana anterior a pedir uma entrevista. Embora a equipa do produtor já tivesse estado ali durante a fase de pesquisa, era a primeira vez que anunciavam oficialmente que trabalhavam num documentário acerca da tragédia da família Walsh.

«Posso dar-lhe a entrevista que quer, mas garanto-lhe que não saberá nada de novo», adiantou Moon. «Além disso, parece-me que o seu documentário está mal dirigido.» Jessie regressou e pousou à nossa frente as típicas canecas, cheias até acima de café fumegante e sensaborão. «O verdadeiro caso é o do outro tipo, aquele que morreu na ravina. Não me lembro agora do nome dele.»

«Matthew Pinkus», ajudei.

«Isso», agradeceu o polícia. Olhou para McDonald. «Esse é o caso que nunca foi resolvido. Por que raio é que os senhores querem mexer numa situação que foi investigada e esclarecida e em que a principal suspeita confessou o crime?»

«As nossas dúvidas residem precisamente aí», explicou McDonald, provando o café. «O chefe sabe que existe uma base de dados... o Registo Nacional de Exonerações... com mais de dois mil prisioneiros exonerados entre 1989 e hoje? Desde então, os testes de ADN têm sido muito utilizados para ilibar centenas de pessoas injustamente condenadas por violação e assassinato, muitas delas com pena perpétua ou destinadas à injeção letal.»

«Nunca ouvi falar de tal coisa», afirmou Moon, levando as mãos ao cinto, de onde pendia um coldre com um revólver.

«Não é o único», disse o produtor. «Mas isso não significa que o problema não exista.»

«O que é que está a dizer, McDonald? Que toda a gente se enganou? Que a pobre rapariga estava inocente? Diga-me lá, isso interessa alguma coisa, a esta altura? Teve a sorte de ser menor. Cumpriu a sua pena, está em liberdade; caso encerrado.»

«As principais causas das condenações indevidas são o perjúrio, as falsas testemunhas oculares e a má conduta por parte da acusação», prosseguiu McDonald, ignorando Moon. «Tenho os dados comigo, se quiser olhar para eles.»

«Não preciso», respondeu Moon num tom arrogante.

«No mesmo registo, descobri que cerca de quatro por cento dessas condenações são obtidas por meio de confissões f

orçadas, isto é, coerção por parte da Procuradoria e dos seus advogados, de maneira a evitar a transição dos casos em julgado e a manter a aparência de perfeita harmonia e eficácia no sistema judicial americano», acrescentou o produtor. «Ora, juntemos estes quatro por cento aos processos de má conduta e

temos uma forte probabilidade de o caso da Levi Walsh ter seguido os mesmos trâmites.»

«Como é que sabe que ela não cometeu o crime?», perguntou Moon.

McDonald olhou para Pleasant, que, aparentemente desinteressado da conversa, olhava para a rua cinzenta.

«Pleasant, você fez a autópsia ao corpo, certo?»

Troy desviou o olhar da janela e encarou McDonald como se este tivesse acabado de aterrar do espaço.

«Sim», respondeu.

«Diga-me lá uma coisa: que peso tinha o falecido?»

«É difícil lembrar-me ao certo, foi há muitos anos.»

«Noventa e cinco quilos? Cem?»

«Diria que sim, mais ou menos isso.»

«E altura? Um metro e noventa e cinco?»

«Por aí.»

«Alguma vez viu a Levi Walsh?»

«Quem?»

«A filha do falecido.»

Pleasant pareceu confuso.

«A que foi identificar o corpo?», perguntou.

«A outra filha, a mais nova, a que foi condenada.»

«Hum. Acho que nunca a vi.»

McDonald abriu a sua mala e, do interior, tirou uma pasta com documentos. Vasculhou-os rapidamente e encontrou uma

fotografia, que pôs em cima da mesa. A imagem mostrava Levi Walsh com o pai — ele em tronco nu e ela em fato de banho, abraçados.

Ao lado de Levi, Noah era um mastodonte.

«Esta fotografia foi tirada em 1997, um ano antes do homicídio», disse McDonald. «Qual é que disse que tinha sido a causa da morte, Pleasant?»

O médico-legista olhou atentamente para a fotografia. Depois, pareceu vasculhar na memória, fitou o tecto e, finalmente, com o olhar ausente, disse:

«Múltiplas lacerações na zona do abdómen e do coração. Ruptura dos órgãos. Perda de sangue acelerada. Se não me engano, na madrugada de catorze de Setembro de 1998, entre as três e as cinco da madrugada. A arma do crime foi uma faca de cozinha com uma lâmina superior a vinte centímetros.»

Ficámos todos a olhar para Pleasant, estupefactos.

«Afinal, lembra-se bastante bem», concluiu McDonald.

«Nunca me esqueço do resultado de uma autópsia.»

McDonald colocou, de forma acusadora, o dedo indicador na fotografia em cima da mesa.

«Pleasant, que altura diria que tem esta rapariga?»

Todos olhámos para a imagem. Levi, com o seu cabelo quase branco, sorria, abraçada ao pai.

«Essa pergunta é absurda», contestou Moon. «Como é que ele consegue ver isso a partir de uma fotografia?»

«Por comparação, uma vez que sabemos a altura do morto», retorquiu McDonald. «Diria que terá, no máximo, um

metro e cinquenta e sete? Talvez menos?»

«Parece-me certo», respondeu Pleasant.

«E quanto pesará?»

De repente, achei que Moon ia gritar: *Objecção!* Mas limitou-se a bebericar o café e a pronunciar, entredentes, um desconsolado *ridículo*.

«Quarenta e cinco quilos», disse Pleasant com alguma segurança.

«E acha que uma rapariga com esta altura e este peso, mais a dose cavalgar de comprimidos para dormir que tinha no sangue, conseguiria matar, com uma faca de cozinha daquelas dimensões, um homem com a altura e o peso de Noah Walsh?»

Fez-se silêncio em volta da mesa.

«Eu sou apenas o médico-legista, Sr. McDonald», disse Pleasant. «Concluo com base na observação directa dos cadáveres. Não estou interessado em relatórios de toxicologia nem em tirar conclusões desse género.»

McDonald olhou para Moon, que, entretanto, se recostara no assento, a caneca de café na mão direita.

«O que espera que eu lhe diga?», perguntou Moon.

«Acho que é evidente para qualquer pessoa que olhe para isto com olhos de ver que a justiça cometeu uma injustiça», disse McDonald. «Que ‘toda a gente se enganou’. Que pode ter existido má conduta por parte da acusação. Que havia, no mínimo, uma base sólida para dúvida razoável neste caso, se fosse levado a tribunal. Por isso, e em resposta à sua afirmação: Não, o meu documentário não está *mal dirigido*.»

McDonald pegou na fotografia e guardou-a na pasta. Eu estava impressionado com a sua capacidade de argumentação e o conhecimento que demonstrava do caso. Secretamente, rejubilei pelo facto de Moon estar a engolir a arrogância com que nos tinha cumprimentado. O chefe da Polícia terminou o café e, soerguendo-se, disse com má vontade:

«Vamos lá fazer isto, então. Não tenho o dia todo.»

No carro, McDonald estava radiante com a sua prestação, digna de um Perry Mason. Seguimos lentamente o carro da Polícia.

«Viste as caras deles?», perguntou-me, a rir. «Encavámos os gajos à grande.»

Seguimos para nordeste. Quando passámos debaixo do Taconic State Parkway, ouvi as vozes de Moon e de Pleasant na gravação da câmara de Jessie, que rebobinava a cassete.

«Estiveram sempre a gravar?»

«Claro», garantiu McDonald. «O velho truque da câmara aparentemente desligada, pousada em cima da mesa.»

«Eles nunca vão reabrir o caso», disse eu. «Ninguém está interessado nisso, muito menos a família Walsh, imagino.»

McDonald, com a mão direita no volante e o cotovelo esquerdo fora da janela, abanou a cabeça.

«Ainda não percebeste nada, pois não? Isto não é sobre a reabertura do caso. A Levi Walsh já cumpriu a sua pena, ninguém pode devolver-lhe os anos perdidos.»

«Tu é que falaste em exoneração», retorqui. «O registo nacional, as pessoas ilibadas, o ADN e mais não-sei-quê.»

«Isso só serviu para os controlar», respondeu ele. «Agora, que a Polícia de Chatlam julga que eu tenho informação privilegiada, tenho-os na mão.»

«Para quê?»

«Para poder contar a minha história.»

Veio-me à memória a última vez que ali tinha estado, naquele Verão de calor insuportável, percorrendo a estrada antiga de plátanos e bordos, no lugar do passageiro. Em 1998, era Laura quem conduzia o carro, em vez do ambicioso McDonald. O cenário mudara bastante. As casas, afastadas da estrada, pareciam ter-se deteriorado com a passagem dos anos (ou talvez fosse o aspecto invernoso das árvores despidas que contribuía para o seu aspecto algo desolador), e a placa na berma, embora permanecesse no mesmo sítio — *Berkshire Country Estates* —, fora invadida pela vegetação, as letras cobertas de verdete e de musgo. Quanto à casa, era uma sombra do que em tempos fora. As três colunas brancas que sustentavam a varanda estavam cinzentas da humidade, envoltas por heras e ervas daninhas que cresciam no terreno baldio; a bandeira americana estava feita em farripas, o símbolo esfiapado de um sonho que chegara ao fim.

«O que é que aconteceu?», perguntei, espreitando o cenário deprimente pelo vidro dianteiro do automóvel.

Sáímos do carro. A tarde punha-se fria e eu lamentei ter deixado o casaco na pensão de Philmont. Moon, que estacionara primeiro, juntou-se a nós.

«A casa está para venda desde 1999», respondeu McDonald. «Só que, aparentemente, ninguém quer viver no lugar de um homicídio.»

«E as outras casas?», perguntei. «Parece um cenário pós-apocalíptico.»

«A empresa que as alugava faliu», explicou Moon. «Ao que parece, também ninguém quer arrendar casas que fiquem próximas do lugar onde aconteceu um homicídio. Grande serviço que os Walsh prestaram à comunidade, não? Transformaram a zona mais afluenta de Chatlam num pântano.»

O chefe da Polícia limitou-se a empurrar a porta da frente, que abriu sem chave. Tinha a fechadura estragada; o abandono daquele lugar era catastrófico. Entrámos na casa, seguidos atentamente pela câmara de Jessie. O médico-legista estava sempre a olhar para trás, lançando esgares duvidosos na direcção de Jessie e mantendo-se, tanto quanto possível, fora do enquadramento. A sala de estar dos Walsh era, agora, uma divisão completamente vazia. Na cozinha sobrava o fogão, mas nenhum sinal de utensílios — nem tachos nem panelas nem pratos nem talheres. Da janela, o anexo parecia também desabitado havia muito, as heras cobrindo toda a fachada e ameaçando a porta por onde Doris entrara e saíra durante anos a fio.

Foi quando entrámos no escritório de Noah que tive a certeza de que aquele lugar já não era o mesmo. A parede de vidro tinha sido substituída por uma parede muito feia de tijolo-burro; a lareira desaparecera e o seu espaço na parede fora preenchido com estuque, uma obra mal amanhada. Nenhum sinal da secretária ou das estantes, absolutamente nada. A única luminosidade provinha do corredor, e Jessie teve de acender a luz da câmara para conseguir ver melhor o espaço. McDonald começou por perguntar a Moon onde é que o corpo tinha sido encontrado e onde estava Levi quando a

Polícia chegara à cena do crime. Talvez sentindo que o documentarista não ia desistir, Moon começou, relutantemente, a explicar o que sucedera naquela madrugada.

«... ali sentada, com a arma do crime na mão direita.» Voltou-se para Pleasant, que estava ao fundo do quarto. «Ou era na esquerda?»

«Na direita», confirmou Pleasant.

«Então, imaginemos que eu sou o Noah Walsh», sugeriu McDonald. «E você é a filha dele.»

«Porque é que eu tenho de ser a rapariga?», perguntou Moon.

«Porque eu sou mais alto.» Depois pegou no chefe da Polícia pelo braço e levou-o até junto da porta. A seguir, dirigiu-se ao centro da sala e pôs-se de lado para a entrada.

«A Levi entrou necessariamente por essa porta? Ou havia outra maneira de entrar?»

«A janela de vidro», reparei eu. «Já não existe, mas costumava ser ali e estava entreaberta nessa noite.»

«*Okay*», disse McDonald, olhando para os dois lados. «Seja como for, era quase impossível que o Noah não desse pela entrada da filha no escritório, certo? Tendo em conta que a secretária se encontrava mais ou menos ao centro, aqui mesmo, onde eu estou.»

«A menos que ele estivesse a dormir», contrapôs Moon.

«Então porque é que a secretária foi encontrada na diagonal e a cadeira fora do lugar? Se ela o tivesse matado durante sono, não teria havido qualquer espécie de luta, como indica a posição em que os móveis foram encontrados.»

Fez-se silêncio na sala. A penumbra era sinistra e a distância temporal do crime não tornava aquela tentativa de reconstituição menos grotesca.

«... se ela entrou, por um lado ou por outro, o mais natural é que ele se tenha levantado. Pode aproximar-se, chefe Moon?»

Moon aproximou-se, contrafeito.

«Agora ponha-se de joelhos.»

«O quê?»

«Já vai perceber.»

Moon olhou para Jessie, que filmava tudo. Hesitou alguns segundos e depois, contrariado, pôs-se de joelhos ao lado de McDonald.

«Era esta a diferença de altura entre eles», disse o produtor. «Quase quarenta centímetros. Experimente agora erguer o braço direito como se segurasse uma faca.»

Moon obedeceu, o braço dobrado pelo cotovelo.

«Estão a ver o que eu quero dizer?»

Eu e Pleasant abanámos a cabeça em negação.

«A mão de Levi chegaria, no máximo, ao peito de Noah», afirmou McDonald. «Se ela tivesse cometido o crime. Mas a vítima foi encontrada com golpes no pescoço e no rosto.»

«Mas também no peito e no abdómen», contrapôs Pleasant.

«Mas também no pescoço e no rosto», insistiu o outro.

«Já me posso levantar?», perguntou Moon.

McDonald assentiu.

«O Sr. Walsh pode ter caído», argumentou Moon, levantando-se. «E, com o homem no chão, a filha terminou o serviço com os golpes que o desfiguraram.»

«A perícia examinou o local do crime de uma ponta à outra», disse McDonald. «E eu li todos os relatórios. Não existem quaisquer marcas no sangue derramado.»

«O quê?», perguntou Moon.

McDonald respirou fundo, como se toda a gente ao seu redor fosse incrivelmente estúpida. Deitou-se no chão, de costas.

«Se eu fosse a vítima e tivesse caído», disse ele, a voz produzindo eco, «a pessoa que quisesse esfaquear-me no rosto teria de se colocar ao meu lado para o fazer. A menos que fosse o Homem de Plástico. Ora, não havia marcas de pés ou de joelhos no sangue em redor de Noah Walsh... e ele já estaria a sangrar abundantemente quando caiu, a julgar pela profundidade dos golpes no abdómen. Portanto, o mais provável é que, quando Walsh caiu ao chão, já tinha sofrido os golpes todos. Para além disso, a força necessária para desferir golpes com aquele impacto e profundidade num homem tão alto e tão forte não condiz com o perfil físico da Levi Walsh.»

«O derramamento de sangue pode ter coberto essas marcas», refutou Pleasant.

«Não havia uma gota de sangue nos pés de Levi», contestou McDonald. «Era o que estava escrito no relatório do exame pericial. E ela estava coberta de sangue: nas mãos, no rosto, na roupa. Na sola dos pés, contudo, não havia nada. Como é que uma miúda franzina consegue esfaquear um homem caído no chão, a sangrar que nem um animal, e mutilar-lhe o rosto sem sujar os pés?»

McDonald levantou-se. Durante uns segundos, pareceu ter sentido uma vertigem, mas logo recuperou o equilíbrio.

«Há outra hipótese», avançou Moon, descontente com aquelas conclusões. «E se o Sr. Walsh já estivesse deitado no chão quando ela entrou?»

«Claro», riu-se McDonald. «Com uma casa deste tamanho, deve ter achado boa ideia passar pelas brasas no chão do escritório a seguir ao jantar.»

«Ele sofria de diabetes e de insuficiência cardíaca», disse Pleasant, que, entretanto, se aproximara. «É perfeitamente possível que tivesse desmaiado. Uma baixa de tensão ou um pequeno enfarte.»

«E, nesse caso, podia ter sido atacado no chão, sem problemas de diferença de estatura», concluiu Moon.

De mãos nas ancas, McDonald parecia exasperado com a teimosia dos outros.

«Mas por que carga de água é que toda a gente insiste em complicar?», protestou o produtor. Olhou directamente para o chefe Moon, que enfiara os polegares no cinto. Com aquela barriga e o cabelo grisalho, começava a parecer-se com o chefe Ditmas. «Nunca ouviu falar da Navalha de Ockham?»

«Eu vou pouco ao cinema», respondeu Moon.

A luz da câmara iluminava o diálogo absurdo. McDonald levou o polegar e o indicador às têmporas.

«A Navalha de Ockham não é um filme, homem. É um princípio, também conhecido como a Lei da Parcimónia. A ideia foi atribuída a um tal de William Ockham, um indivíduo britânico que, no século XIII, sabia mais sobre o cenário de um

crime do que a Polícia de Chatlam no século XXI. Segundo este princípio, perante um problema com várias hipóteses, devemos escolher a solução mais simples, que é, geralmente, a mais acertada.»

«E qual é a solução mais simples neste caso, espertalhão?», perguntou o chefe da Polícia, claramente ofendido com o que acabara de ouvir.

«Que a Levi Walsh não matou o pai», respondeu McDonald.

A discussão continuou, mas eu perdera a paciência para os ouvir. Estava exausto da viagem e mal podia esperar pelo regresso a Philmont, para poder dormir até que o *jet lag* me despertasse a meio da noite. Subi ao segundo andar da casa. Era estranhíssimo estar ali, na antiga moradia dos Walsh, completamente vazia e decadente. As vozes foram-se dissipando e, quando dei por mim, estava a entrar no quarto das irmãs, de onde tinham desaparecido as camas de colchas coloridas e a mesa-de-cabeceira que as separava. O armário continuava no seu sítio, a madeira apodrecida e umas das portas a pender dos ferrolhos corroídos. Já não existiam vestidos pendurados nem biquínis; nenhum par de sandálias nem qualquer vestígio do aroma das coisas de raparigas, apenas um par de cabides tristonhos e esquecidos. Curiosamente, no chão, havia um par de ténis *All Star* verdes, muito gastos, uma almofada suja e o antigo cartaz de *Die Hard* na parede, marcando o espaço entre as duas camas ausentes: com o passar dos anos, o rosto de Bruce Willis amarelecera; os cantos do papel estavam dobrados, era uma relíquia apodrecida da minha geração.

Sentei-me no chão do quarto, encostado ao roupeiro. Fechei os olhos por um momento. Lá em baixo, a voz de McDonald ressoava pelos corredores desertos, pelas divisões vazias. Quando tornei a abri-los, reparei num pormenor que escaparia a qualquer um que não estivesse naquela posição. Na parede onde antes estava encostada a cama de Levi — à esquerda do cartaz do filme —, junto ao rodapé, havia qualquer coisa escrita. De gatas, fui até lá e aproximei o rosto da parede. Escrito a lápis, li:

Amphitrite

Eu não fazia ideia do que significava aquela palavra. Decorei-a, repetindo-a várias vezes. Das duas, uma: ou tinha sido escrita depois de o quarto ter sido esvaziado ou, então, quem a gravara ali teria de ter estado debaixo da cama, para poder escrever a lápis na parede acima do rodapé. Era uma caligrafia redonda, feminina.

«O que é que está aí a fazer?»

Moon subira ao segundo andar, provavelmente à minha procura.

«Nada», respondi, levantando-me. «Já encerraram o caso?»

«O caso está encerrado há muitos anos», respondeu ele. «Venha daí. Temos de sair da propriedade.»

Ao passarmos pela cozinha, reparei, pela primeira vez, no telefone de parede. Tirei-o do auscultador; não havia sinal. Depois, deixando que o polícia desaparecesse pelo corredor que conduzia à sala, avancei em sentido contrário, na direcção do escritório, com o auscultador na mão. A meio caminho, na penumbra, fiquei detido pelo comprimento da corda enrolada.

Era impossível falar ao telefone e, ao mesmo tempo, ver o que acontecia no escritório de Noah Walsh.

Quando entrei no carro com McDonald e Jessie, o produtor estava furioso.

«Cabrões do caralho. Recusam-se a ver que esta merda é o caso mais mal explicado da história da justiça americana», refilou McDonald.

Jessie filmava a ira do produtor. Ao volante, quase sobrevoando a estrada enlameada, parecia encarnar uma personagem de uma série de detectives. Ligou o rádio, onde alguém cantava uma versão infantil de *Guantanamera*.

«Temos de foder estes gajos», afirmou. Olhou para Jessie, que concordou com um aceno de cabeça, agitando a câmara. Depois desligou o rádio.

«Merda de música», disse ele.

Dormi o resto da tarde. Acordei numa poça de suor, deitado numa cama estreita, no segundo andar do *bed and breakfast* em Philmont. Começara a chover. Do outro lado da janela, o vento sacudia as copas das árvores na rua deserta. Sentei-me na cama e, esfregando os olhos, ocorreu-me que devia ligar a Luísa. Mas estava tão estremunhado que, ao olhar para o ecrã do meu pequeno telefone, senti uma náusea.

Fui à casa de banho e passei água pelo rosto. Depois regressei à cama e liguei o computador portátil. Dentro de uma série de pastas, havia um documento Word que eu intitulara, por falta de imaginação, *Laura Já Não Mora Aqui*. Vinha-o escrevendo desde que lera o artigo do *The Times* no começo desse ano e era uma compilação desordenada de todas as coisas que eu sabia sobre o caso; dos pormenores de que me

lembrava, das minhas presunções e conjecturas. Por exemplo: a história de Matthew Pinkus, que nunca tinha sido devidamente contada. Segundo Cochran, o adjunto de Douglas Mitchell (que nem sequer se dignara a prestar declarações ao jornalista do *The Times*), a Polícia de Albany decidira encerrar o assunto por «falta de provas conclusivas» e «ausência de pistas que pudessem conduzir a novos caminhos». A única razão pela qual isto sucedera, pensei, era a teimosia em não tratarem as duas mortes como um único caso — ou o jeito que dava à Procuradoria que, após a confissão de Levi, as coisas se mantivessem separadas. Durante dez anos, a imprensa calara-se sobre o assunto. Era difícil dizer se a causa eram pressões políticas ou mero desinteresse. A verdade era que tinham morrido os dois na mesma noite — sócios, amigos, companheiros de muitos anos; e que as explicações continuavam a não fazer qualquer sentido.

Se MP tivesse assassinado NW, escrevi, como teria ele executado o golpe? Matava-o no escritório à facada e depois fugia, despenhando-se da ravina? E como se explica o facto de MP ter sido baleado com um revólver que tinha as impressões de NW? Talvez, na luta, NW o tivesse baleado acidentalmente e MP, em vez de morrer ali, se tivesse metido no carro e conduzido até onde conseguira! Vendo a situação ao contrário: E se NW tivesse disparado de propósito sobre MP? Imaginemos que NW e MP tinham uma discussão no carro. NW saca do revólver e dispara sobre o amigo. Depois, manda o carro pela ravina abaixo e livra-se da arma. Regressa a casa (como?) e é assassinado pela filha (porquê?).

E quem enviou o revólver para a Polícia de Albany? E por que razão tinha Dan Saunders o sangue de MP nas suas roupas, nos ténis?

Fechei o documento e desliguei o computador. Era, resumidamente, uma confusão sem nexos. Nada fazia sentido. A Polícia podia ter capitulado perante a pressão da Procuradoria para fechar o caso de Levi Walsh, mas era realmente muito estranho ter dado por encerrado um enigma daqueles, com tantas pontas soltas e tantas perguntas por

responder. Tornei a fechar os olhos e quase adormecia novamente quando ouvi alguém bater à porta. Levantei-me a custo, grunhindo, e encontrei McDonald do outro lado.

«Então? Estás pronto?»

«Pronto para quê?»

«Está na hora de te entrevistar.»

«Agora?»

«Vamos gravando um bocadinho todos os dias, se não te importares.»

«Porque não tudo de uma vez?»

«Porque é um processo parecido ao da hipnose», respondeu ele, coçando as suíças. Parecia um homem de outro tempo, saído directamente de um concerto de Crosby, Stills & Nash. «Vamos indo mais fundo a cada sessão, até chegarmos à essência da coisa.»

«Mas são horas de jantar», refilei.

«Jantamos a seguir.»

McDonald levou-me para o quarto dele — era idêntico ao meu, à excepção de uma mesa ao centro, atafalhada de papéis (tudo o que dizia respeito ao caso), dois telefones móveis, um monte de CDs, a câmara de Jessie montada num tripé e os restos de uma sanduíche. O produtor pediu-me que me sentasse numa cadeira em frente de uma cortina grená, que ocultava as janelas.

«Vou começar a gravar», disse ele.

«E eu, faço o quê?»

«Nada.»

McDonald ligou a câmara. Eu não estava acostumado àquela situação (no meu emprego, quem fazia as perguntas era eu) e, ainda por cima, algo me dizia para não confiar naquele homem impulsivo, na urgência que tinha em que os outros concordassem com as suas teorias. Sentou-se numa cadeira de frente para mim, fora do plano, e, depois de rabiscar alguma coisa num pequeno caderno, perguntou-me com ar de completa descontração:

«Então, quem matou Noah Walsh?»

Fiquei estupefacto. E devo ter feito uma expressão estranhíssima, mas McDonald nem sequer levantou a cabeça.

«Foi o mordomo», respondi.

«Com um candelabro?»

Levantou a cabeça e fitou-me. Não estava a brincar.

«Não sei quem o matou.»

«Portanto, não tens a certeza da culpabilidade da Levi Walsh.»

Reflecti antes de responder.

«A Levi assinou uma confissão. Se é culpada ou não, não me cabe decidir. Isso compete aos tribunais.»

«Se o caso tivesse ido a julgamento, achas que a Levi Walsh teria sido condenada?»

Respirei fundo. Ele sabia qual era a minha resposta, e eu também.

«Não», respondi.

McDonald sorriu. Depois endireitou-se na cadeira e perguntou-me qual era a minha relação com a família Walsh.

Comecei por falar no Verão de 1987 e contei-lhe uma versão curta, muito abreviada, do que aqui escrevi. O produtor interessou-se por algumas partes — sobretudo as que diziam respeito à relação entre Matthew e Noah — e pediu-me mais pormenores sobre os dois sócios nesses tempos. Noutras ocasiões, dizia-me que estava a tornar-se «aborrecido» e pedia-me que saltasse à frente. As partes que ele considerava aborrecidas eram, para mim, as mais interessantes, aquelas que diziam respeito a Laura e à sua luta para encontrar a verdade.

Aquele primeiro depoimento durou quase uma hora. Quando parámos, por sugestão de McDonald, eu sentia-me completamente esgotado. Ele levantou-se e foi à casa de banho. Foi então que olhei com mais atenção para os CDs que estavam em cima da mesa. Eram CDs baratos, daqueles que servem para gravar áudio ou vídeo, marcados com caneta de feltro. Num deles estava escrito: MILTON. Peguei no CD e, num gesto instintivo, enfiei-o na parte de trás das calças, oculto pela camisa. Quando o produtor saiu da casa de banho, eu estava de pé, pronto a despedir-me.

«Que dia!», disse McDonald, subitamente reanimado. «Eu e o Jessie vamos explorar as redondezas, a missão é encontrar o único bar aberto em Philmont. De certeza que não queres vir connosco?»

«De certeza. Boa noite.»

Abri a porta do quarto para sair.

«Não és um gajo muito aventureiro, pois não?», perguntou ele enquanto acendia um cigarro.

«Já tive a minha dose de aventura», respondi. Pensava, claro, no Verão de 1998.

«É uma pena», disse ele enquanto vestia o casaco. «Porque o mundo vai continuar a ser uma surpresa a toda a hora. Não te esqueças do que eu te disse: o próximo presidente dos Estados Unidos vai ser um preto de Chicago. Um preto! Imagina só.»

Com aquelas palavras ridículas na cabeça, voltei ao meu quarto. Finalmente, liguei a Luísa, que não atendeu. Deixei-lhe uma mensagem de voz. Depois, deitei-me na cama e fiquei a olhar para o CD durante algum tempo. Não sabia se me apetecia ver aquilo. Acabei por ceder à tentação e enfiei-o na ranhura do computador. Um programa de vídeo abriu-se e o rosto do velho Milton Saunders preencheu o ecrã do meu computador. Não mudara muito na década que passara entretanto, embora os seus olhos fossem agora quase invisíveis, os cantos da boca um pouco mais descaídos e no lugar do cabelo tivesse tufo aleatórios, cinzentos e brancos. Tinha a mesma pele tisonada e a mesma expressão desagradável que eu lhe conhecera. Ao vê-lo ali, naquele quarto bafiento em Philmont, arrepiei-me, como se olhasse para um fantasma há muito desaparecido.

«... não conheço esse tal Pinkus», começava Milton, na sua voz rouca.

«Então falemos do Noah Walsh», ouviu-se a voz do produtor, fora de plano.

O cenário era um bar que eu não conhecia. Milton estava sentado num tamborete junto do balcão, um dos cotovelos apoiado na madeira.

«Sou o habitante mais antigo da cidade, sabia?», vangloriou-se.

«Parabéns», disse McDonald.

«O que quer que eu lhe diga sobre esse maldito?», perguntou Milton.

«Porque é que lhe chama assim?»

Milton passou os minutos seguintes a contar a história do pai de Noah, Walt Walsh. A história do incêndio, da compra das terras, da descoberta da sua némesis. Da situação em que a família Walsh o deixara nos tempos em que Nelly, a sua falecida esposa, deu à luz o filho, George. McDonald não o deixou avançar. Ao invés, pediu-lhe, uma e outra vez, que lhe falasse de George.

«Era um rapaz alegre», contou Milton. «Um miúdo bem-disposto, cheio de vigor físico, sempre pronto a disputar uma corrida ou um lançamento de basebol.»

Foi a primeira vez que vi alguma coisa parecida com carinho no rosto de Milton.

«Tenho uma *Winchester* modelo 37 em casa», acrescentou, logo em seguida.

«Para quê?», perguntou o produtor.

«Era para dar cabo do filho da puta que matou o meu filho», disse o velho. «Ia ser o meu último acto. Infelizmente, a vida tomou conta disso sem que eu pudesse interferir.»

Houve um momento de silêncio, durante o qual se ouviu a porta do bar a abrir e a fechar, a luz do dia penetrando de chofre a escuridão.

«Podemos voltar atrás um bocadinho?», pediu McDonald.

Agosto de 1965

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Se perguntassem a George Saunders, até aos seus treze anos, o que mais gostava de fazer, ele diria que era de ir à pesca com Noah Walsh. Não se viam com muita frequência. Noah passava uma parte do Verão na casa do pai, uma grande moradia residencial construída à medida das habitações sulistas, com colunas e pórtico, alpendre, vasos de begónias pendurados do tecto, mas estudava num colégio de rapazes perto de Nova Iorque. Não era só a distância física que os separava. Noah era rico e George era pobre. E George sabia bem disso. Viviam numa casa modesta, de um só piso, em Pond Mill Road, à saída de Chatlam. O pai, Milton, saía para trabalhar todos os dias por volta das seis da manhã, e não era raro que o chamassem durante a noite se houvesse um fogo numa plantação ou numa casa das localidades circundantes.

Quando soube que o filho era amigo do rapaz dos Walsh, Milton chamou-o, uma noite, à sua presença. O pai cheirava a álcool e emanava sempre calor, como se o seu corpo absorvesse a temperatura dos incêndios que combatia. Advertiu-o de que não o queria misturado com essa gente.

«Os Walsh são víboras», afirmou Milton, «e deves ficar longe das víboras, porque são predadores que armam ciladas. Gostam de esperar pela calada até lançarem a mordidela fatal e

injectarem o veneno. Nem deste por isso e já estás morto. Depois a víbora encontra-te, moribundo, e come-te inteiro.»

Esta descrição deixou George acordado algumas noites. Tinha apenas treze anos quando a ouviu e nunca mais foi capaz de olhar para Noah ou para Walt da mesma maneira. O pai do amigo era um homem recatado, sempre bem vestido, que o cumprimentava com um breve aceno de mão e depois parecia esquecer-se completamente dele. A mãe de Noah era uma senhora loura que raramente dizia uma palavra. Dentro da grande casa dos Walsh, Noah e George falavam em sussurros, para não perturbar o silêncio reinante.

Contudo, não passavam muito tempo dentro de portas. Em Agosto, quase todas as manhãs pegavam nas canas e iam para o lago Juniper. Sentavam-se nas margens ladeadas de chorões ou então caminhavam até ao final de um dos pontões e, de pés mergulhados na água fresca, lançavam as linhas e esperavam que alguma coisa mordesse. Havia dias em que apanhavam bom peixe, sobretudo enguias e percas, mas raramente tinham coragem de as levar para casa e comê-las. Ao fim da tarde, quando o Sol começava a declinar sobre o bosque que rodeava o lago e as famílias reuniam os seus pertences, Noah e George arranjavam quase sempre uma boa justificação para tornar a lançar os peixes à água. Alguns já estavam mortos. Ficavam a vê-los boiar à superfície, as escamas reflectindo a luz dourada antes de se afundarem irremediavelmente para serem comida de outros peixes. Nesses tempos, a conversa fluía com facilidade. Noah falava ao amigo do colégio, do tédio que sentia, da ausência de raparigas. George, que frequentava a escola local, respondia que também se sentia aborrecido; em Chatlam, nunca havia nada para fazer — nem sequer um

cinema —, e as raparigas da sua turma eram feias e desinteressantes.

Até que um dia, no Verão dos catorze anos (tinham nascido os dois em 1950, com um par de meses de diferença, sendo Noah o mais velho), Minnie apareceu na vida dos dois amigos. Ou, o que é mais certo: Minnie — que, até então, lhes parecia uma rapariga feiosa com óculos fundo-de-garrafa e um rabo-de-cavalo permanente que lhe escondia o maravilhoso cabelo castanho-claro — sofreu, de um ano para o outro, uma profunda transformação, e George decidiu, assim que a viu atravessar a porta da sala de aula da Chatlam High School, que estava apaixonado. Nesse mês de Agosto, confessou a Noah, durante uma sessão de pescaria que se provou frustrantemente infértil (um deles pescou um pneu desfeito; o outro apanhou um peixe muito pequeno de espécie incerta, cujos olhos gelatinosos eram a imagem do desespero), que estava apaixonado por Minnie. Quem é essa?, quis saber Noah, e George contou-lhe que era a filha de Winifred, casada com o dono da única pensão de Chatlam.

Um dia, George convidou-a para ir com eles ao lago Juniper. Minnie aceitou. Os três partiram da rua principal até ao lago nas bicicletas, George na frente, com Minnie ao seu lado, e Noah um pouco mais atrás, aproveitando a distância para observar a beleza subtil da rapariga, de belas formas, a saia acima do joelho e longos cabelos a dançarem ao sabor do vento morno. Sentiu uma súbita corrente de desejo.

Essa manhã anunciou um Verão difícil para Noah. Secretamente, começara a gostar de Minnie, e ela tornava as coisas mais difíceis recusando-se a aceitar os avanços românticos de George Saunders.

«Enfia-lhe a língua dentro da boca», sugeriu Noah.

Estavam os dois sentados no pontão, de costas um para o outro, segurando as canas de pesca.

«Isso é horrível», comentou George.

«Horrível é andares por aí a fingir que não é isso que te apetece fazer.»

«A Minnie é uma boa rapariga. Não se trata uma boa rapariga como se fosse uma prostituta.»

«Era o que eu faria», comentou Noah. Sentia, pela primeira vez na vida, o ardor do ressentimento. «Enfiava-lhe a língua dentro da boca, e ela que se resolvesse. Aposto que ela vai gostar.»

«Se eu fizer isso, o mais provável é perdê-la para sempre», disse George. «Que raio de ideia é essa?»

«Tu é que pediste a minha opinião», contestou Noah, zangado.

«E tu sugeres tal coisa? Que espécie de amigo és tu?»

Pela primeira vez desde que eram amigos, existia tensão entre eles.

George não seguiu o conselho de Noah. Em vez disso, continuou a encontrar-se com Minnie, mas agora sem convidar o amigo. Não fazia ideia de que, ao mesmo tempo, Noah também começara a encontrar-se a dois com Minnie, convidando-a para comer um gelado ou dar um passeio na vila à noite. A rapariga, que gostava de ambos, sentia-se elogiada pela atenção e cedia de um e outro lado, porque não conseguia escolher entre nenhum deles. Eram os dois bonitos, altos e educados. George era mais meigo e delicado; Noah era mais

atrevido e, por vezes, até roçava o grosseiro, roubando-lhe um beijo, apalpando-lhe um seio; mas esse arrojo também a atraía.

Quando o Verão terminou para Noah, foi uma última vez ao lago Juniper com George e tiveram uma discussão acalorada, que terminou com um desentendimento fatal. Após uma pescaria infrutífera em silêncio, George acusou-o de se encontrar com Minnie em segredo.

«A Minnie é livre de sair com quem quiser», replicou Noah.

«Eu disse-te que estava apaixonado por ela», disse George.

«Tu não tens coragem», insultou-o Noah. «O que é que vais fazer? Dar-lhe a mão até terem cinquenta anos?»

Numa fúria, George partiu a cana de pesca com o joelho e largou os pedaços sobre as tábuas do pontão.

«És o pior amigo que eu algum dia tive», afirmou George.

«Sou o *único* amigo que algum dia tiveste», corrigiu Noah.

Separaram-se assim no último dia daquele Verão. George ficou em Chatlam e Noah regressou ao colégio interno. Passou o ano inteiro dedicado aos desportos. Entre os catorze e os quinze, deu-se o seu grande crescimento físico; no espaço de meses, passou a ser um rapaz possante, de quase um metro e noventa, o género de miúdo que os treinadores de basquetebol e futebol americano do St Peter's cobiçavam para as suas equipas. Aos fins-de-semana, os alunos do seu ano tinham permissão para passar um dia fora do colégio, e Noah aproveitava essas folgas para ir a Chatlam ver Minnie. Combinavam os encontros por carta. Ela ia ter com Noah à estação de camionetas, às escondidas dos pais, e iam dar um passeio pelas redondezas. Duas ou três vezes acabaram a

beijar-se à sombra de um carvalho, no bosque nas margens do lago. Noah, com a voracidade da luxúria adolescente a correr-lhe nas veias, queria possuí-la ali mesmo. Minnie permitia que ele lhe apalpasse as mamas, que lhe espremesse as nádegas firmes. Um dia, demasiado excitado, Noah pediu-lhe que o aliviasse. E ela abriu-lhe a braguilha e, com um punho demasiado destro para uma rapariga inexperiente, rapidamente o levou ao orgasmo, o sémen disparando para cima das folhas secas que cobriam a terra húmida.

Quando o Verão de 1965 chegou, Noah regressou a Chatlam decidido a conquistar Minnie definitivamente. Seria a sua namorada e, mais tarde, a mulher com quem se casaria. Anunciara a novidade a Walt no início desse Verão; o pai, com a indiferença de sempre, encolheu os ombros e respondeu: *Desde que não seja uma saloia qualquer*. Não, Minnie não era saloia nenhuma. Vestia-se bem, provinha de uma família tradicional de Chatlam. Toda a gente lhe conhecia os pais, eram gente de bem. Humildes, decerto, mas pessoas íntegras e honestas.

Com a chegada de Agosto, uma onda de calor húmido, opressivo, invadiu o Estado de Nova Iorque. Ao regressar a Chatlam no carro dos pais, conduzido pela mãe (silenciosa, fumava cigarro atrás de cigarro), a primeira coisa em que reparou foi nas borboletas. Eram monarcas, conforme aprendera nas aulas de Estudos Naturais, a espécie mais comum naquela zona da costa Leste dos Estados Unidos; cor de laranja e pretas, esvoaçavam por todo o lado, pousando nos ombros dos transeuntes, nos toldos das lojas, nos chapéus dos homens, nas coxas das mulheres que se deitavam ao sol nas margens do Juniper.

«Estas coisas horríveis», suspirou a mãe, «uma autêntica praga.»

Em anos anteriores, regressando para o mês de Agosto, a primeira coisa que Noah teria feito era ir à procura de George, o velho amigo. Reencontravam-se e faziam planos para o Verão. Naquele ano, porém, Noah só conseguia pensar em Minnie. Escrevera-lhe uma carta a anunciar o seu regresso. Prometia-lhe que passariam o mês inteiro juntos, que seriam o casal mais elegante das redondezas. Sonhava com a boca desenhada, os olhos cor de amêndoa, a mão delicada mas firme que naquela tarde inesquecível lhe dera tanto prazer. Tinha a certeza de que, nesse Verão, ela finalmente se ofereceria ao sexo, depois de tudo o que já tinham feito. Apesar da confiança, Noah estava apreensivo: ela não respondera à carta, e tivera tempo para isso.

No dia em que chegou, montou a bicicleta e foi à pensão da família de Minnie. O pai não estava, mas Winifred — de quem Minnie herdara os traços elegantes — propôs a Noah que fosse até ao lago, uma vez que a filha, nessa manhã, saíra de casa com uma toalha de praia e o chapéu de palha. Noah agradeceu e pedalou vigorosamente pelas estradas de terra até às margens do Juniper. Ali, as borboletas eram aos milhares, como um enxame de abelhas descontroladas. Sobrevoavam as águas e os arbustos, colavam-se às folhas das árvores e aos cabelos dos banhistas; quem olhasse para o céu, invadido por uma luz branca, pensaria ver um bando gigantesco de minúsculos morcegos com vontade de ocultar o Sol. Mais tarde, Noah aprenderia que a migração das monarcas era um fenómeno anual: no final do Verão, as borboletas migravam do Canadá para o México, fugindo do frio, e regressavam meses depois. Habitualmente, a rota migratória passava pela costa

Oeste; nesse ano, contudo, por influência dos ventos e de outras condições meteorológicas, a rota das monarcas passava por ali, e as borboletas tinham invadido as pequenas cidades, os lagos e os bosques. Quatro em cada dez não chegariam ao seu destino por falta de alimento.

Noah deixou a bicicleta no descampado onde os veraneantes estacionavam os automóveis e desceu a ladeira que conduzia à margem sul do Juniper. As famílias aglomeravam-se junto da água, faziam piqueniques, os pais ensinavam os filhos a nadar, as mães chamavam as crianças para que não se afastassem demasiado da margem. Havia lancheiras e chapéus de sol, barcos atracados nos pontões e peixes que saltavam à superfície das águas tranquilas. E Noah imaginava o reencontro com Minnie; o coração pulava dentro do peito. Pouco depois, já estava a cruzar uma parte da margem densamente arborizada quando viu, sentados no mesmo pontão onde ele e George costumavam pescar nos longos verões, dois vultos que se recortavam contra a luminosidade do dia. Ao aproximar-se, afastando as monarcas com as mãos, reconheceu logo as formas de Minnie vestida num fato de banho preto e branco: a cintura fina, os ombros largos e torneados.

Ao lado dela estava George.

Minnie encostava a cabeça ao ombro de George, que enlaçava a cintura da rapariga com um braço. Atrás das árvores, rodeado pelas insuportáveis borboletas, Noah assistiu ao movimento que o rasgou de dor, quando Minnie voltou a cabeça para a esquerda e procurou, com a sua boca, a boca do seu antigo amigo, até acabarem por se beijar longamente à luz quente do crepúsculo.

Ela nunca o beijara assim, pensou Noah. Regressou à bicicleta em passo estugado, atravessando sem piedade a Natureza, afastando violentamente os ramos das árvores, galgando o chão coberto de folhas com a raiva aflitiva dos seus passos. Compreendeu, naquele instante, que Minnie não o amava. Agora, de repente, fazia sentido o esgar de hesitação que Noah vira no rosto dela sempre que aproximara os lábios para a beijar. Fizera-lhe um favor, pensou, possuído por uma ira nunca antes sentida, montando a bicicleta e pedalando em direcção ao centro de Chatlam; ou, então, entretivera-se com ele durante uns quantos fins-de-semana de aborrecimento, enquanto o seu amado George arranjava coragem para fazer um avanço. Chamou-lhe todos os nomes que ouvia o pai chamar à mãe quando perdia a calma se as coisas não iam de encontro à sua vontade: *cabra, puta, mentirosa*. Pedalava com tanta força, que, na rua principal, deixou a roda da frente resvalar no passeio e, após um curto voo, estatelou-se no chão, perante o escrutínio do Sr. Springfield, a quem costumava comprar os chumbos nos quais inscrevia (estranho hábito) as suas iniciais com o canivete suíço que o pai lhe oferecera.

Chegou a casa com os joelhos esfolados e sangue nas mãos, os dedos oleosos de mexer nas correntes da bicicleta. Ao vê-lo, Walt ergueu os olhos do jornal e perguntou-lhe se precisava de alguma coisa. Foi então que Noah perguntou ao pai qual era a melhor maneira de matar um homem. Walt baixou o jornal, permaneceu pensativo durante um momento e, a seguir, disse:

«Acho que a maneira mais fácil é atropelá-lo. Se não tiveres um carro, então podes pegar fogo à casa durante a noite, ou afogá-lo, de preferência num lago fundo.» Então olhou para o filho e concluiu: «Contudo, antes de uma pessoa

tomar uma decisão dessas, convém pensar duas vezes se é o melhor caminho a seguir.»

Nessa noite, Noah não conseguiu dormir. O seu corpo era uma fogueira de rancor. Com o passar dos dias, compreendeu que nunca perdoaria nem a Minnie nem a George. No dia 13 de Agosto, havia o baile de Verão do liceu de Chatlam High. Era um acontecimento importante para os jovens da vila, anunciado nos cartazes espalhados pelas montras das lojas, pelos postes de electricidade, no café de Merle. Noah não deveria ir; não era a sua escola, praticamente não conhecia ninguém. Nessa tarde, antes do baile, bebeu pela primeira vez. Foi à garrafeira do pai e abriu um vinho francês; ao fim de três ou quatro copos, ganhou coragem para fazer o que precisava de ser feito. Montou na bicicleta e foi à casa onde viviam Harry, Winifred e Minnie. Winifred abriu-lhe a porta. Surpreendida por o ver, perguntou-lhe o que fazia ali.

«Quero falar com a sua filha», reclamou Noah.

Minnie desceu do quarto. Estava vestida como uma princesa, num vestido cor-de-rosa que lhe emprestava o tom cândido das virgens. Noah queria-a tanto, que o corpo lhe doía. Minnie hesitou no patamar das escadas; ao ver que o rapaz não avançava (em vez disso, olhava-a com angústia, do lado de fora da porta), saiu de casa e levou-o pela mão para junto do grande abeto que dominava o jardim dos pais. Ele tentou beijá-la, mas ela desviou o rosto para o lado e sorriu sem jeito. A mortal rejeição das mulheres, feita com simpatia. Ou comiseração.

«O que é que aconteceu?», quis ele saber. «Pensei que gostavas de mim.»

«Oh, Noah», respondeu ela, olhando para o chão.

«Foi uma brincadeira?», perguntou, zangado.

«Foi curiosidade», confessou Minnie. «Tu não és daqui. O teu pai é rico e o teu futuro será na cidade. Em Nova Iorque ou noutro lugar qualquer, onde vivem as pessoas como tu.»

«Eu amo-te», disse ele pela primeira vez.

«Tu gostas da ideia de me amar», corrigiu ela. «Quando, daqui a uns anos, fores para a faculdade, vais conhecer uma rapariga muito mais educada do que eu, de boas famílias, e esqueces-me num instante.»

Noah estava desesperado. As borboletas sobrevoavam-nos, carregando o ar morno de uma angústia estival.

«Por favor», rogou ele, pela última vez na sua vida. «Eu não quero uma rapariga mais educada nem ir para Nova Iorque. Quero-te a ti.»

Minnie afastou-se um pouco, fitando-o com determinação. Levou a mão direita à barriga.

«Noah, eu estou grávida», anunciou ela. «O filho é do George.»

Afagou-lhe o rosto com ternura, virou costas e voltou para dentro de casa.

Noah deambulou pelas ruas de Chatlam sem noção do tempo. Por volta das onze, encontrava-se no café de Merle, sentado num dos assentos de vinil, a olhar pela janela para a escuridão da noite atenuada pelos candeeiros de rua. De vez em quando, um casal ou outro que regressava do baile passava por baixo das luzes, os rapazes a rigor — *smoking*, lacinho — e elas em vestidos ligeiros e penteados intrincados. Passavam de mãos dadas, felizes e sorridentes, saboreando a noite

quente. Era quase meia-noite quando Noah saiu do café; não tocara no batido nem no prato de panquecas. A bicicleta estava onde ele a deixara, caída no passeio. Montou-a e decidiu que iria afogar-se no lago. Ocorreu-lhe que o lugar onde passara tanto tempo com o amigo e com Minnie seria ideal para morrer.

A caminho, só com a Lua a iluminá-lo, Noah pedalou com a energia de quem não tem nada a perder. Meteu pela estrada que seguia para nordeste. Não tinham passado dois minutos quando viu os faróis de um carro que avançava na sua direcção. Desviou-se ligeiramente para a direita e, quando o veículo passou por ele, viu, sentado ao volante, o rosto sorridente de George Saunders. Travou a bicicleta e, largando-a no chão de terra, voltou para trás a correr — era o automóvel de Milton, uma furgoneta *AMC* vermelha, novinha em folha. Chegou a tempo de bater com os nós dos dedos na janela. George travou e, com uma expressão de terror, olhou para fora; a luz dos faróis quase não chegava para iluminar o rosto de Noah. Baixou o vidro ao perceber quem era.

«Noah?»

Walsh reparou que George estava de *smoking*. Do interior do carro, chegou-lhe o perfume de Minnie.

«Julguei que estavas com ela», disse Noah.

«A Minnie? Acabei de a deixar em casa. Não sabia que estavas em Chatlam.»

«Escusas de mentir», ripostou Noah, a voz a escalar de tom. «Claro que sabias que eu estava aqui.»

George olhou para o volante. Sentia-se culpado, sem saber porquê e de quê.

«Noah, eu...»

«Eu sei de tudo», interrompeu Walsh. «Do vosso namoro, da gravidez dela.»

Fez-se um longo silêncio, interrompido pelo motor do carro. Entre eles, esvoaçavam as monarcas, desenfreadas, à procura de luz e sustento.

«Vamos conversar?», propôs George.

Noah fechou os olhos e, engolindo uma dose cavalgar de orgulho ferido, concordou e entrou para o lugar do passageiro.

Março de 2008

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Milton olhava para a câmara. Apesar do relato, continuava a parecer-se com uma criatura sem vida, os olhos engolidos pelo rosto, a boca descaída, o cotovelo quase a resvalar do balcão. Houve um longo momento de interregno; o velho nem sequer piscou os olhos. Ouvi a voz de McDonald, sumida, escondida atrás da câmara:

«E o que é que aconteceu a seguir?»

Milton riu-se, mas era mais um resmungo do que um riso.

«Toda a gente sabe o que aconteceu a seguir.»

«Segundo o *Chatlam Herald*», disse a voz, «na noite do dia treze de Agosto de 1965, o seu filho foi salvo de afogamento no lago Juniper por um homem...»

«Tretas!», interrompeu o velho. «O meu filho morreu afogado naquele lago, e o culpado foi o Noah Walsh.»

«Não é o que diz a notícia.»

«A notícia foi comprada pelo Walt, amigo», acrescentou Saunders. «De facto, houve um homem que viu os dois dentro do lago, provavelmente à luta. Nada teria sido publicado se esse homem não tivesse aparecido por ali. Tinha ido dar um passeio, viu aquilo e foi à esquadra da Polícia. Devia ir com a intenção de se apresentar como testemunha de um homicídio.

Só que o chefe Ditmas — esse grande cobarde, que esteve sempre na mão dos Walsh — encobriu o caso. Convenceu o homem, deu-lhe a volta.»

«Está a dizer-me que o seu filho morreu no lago naquela noite de treze de Agosto?»

«A versão *oficial* é que ele fugiu. Que desapareceu da cidade», disse Milton. «A verdade é que o meu filho está no fundo daquele lago há quarenta e três anos, porque o Noah Walsh o afogou. E, a seguir, a Polícia comprou ou ameaçou a única testemunha, um anónimo que desapareceu de circulação.»

«É uma teoria muito rebuscada», comentou McDonald.

«É a verdade», disse Milton, tossindo. «Amigo, nesses tempos, em Chatlam, e até à morte do maldito, só havia uma autoridade. Chamava-se *Walsh*. Eles fabricavam a realidade, inventavam-na a seu bel-prazer, e ela acontecia.» Pigarreou e olhou directamente para a câmara. «O Walt deu cabo da minha vida. E o filho dele matou o meu filho.»

Seguiu-se um instante de silêncio. Imaginei que, para o produtor, aquele era o melhor momento possível no documentário: uma afirmação poderosa seguida de uma inquietante quietude.

«Mas o chefe Ditmas foi encarregado do caso do homicídio de Noah Walsh», avançou McDonald.

«E...?»

«Se, como sugere, ele era um esbirro dos Walsh, não há maneira de saber se houve manipulação de provas ou outras formas de falseamento.»

Milton voltou a rir-se, a gargalhada rouca agredindo-me os ouvidos.

«Essa foi outra fantochada», disse ele. «Toda a gente tinha pelo menos uma razão ou duas para o querer morto.»

«Incluindo o senhor.»

«Como é que sabe que não fui eu?»

«Não sei.»

«Mas culpam a filha, não foi?», disse Milton. «Pobre coitada, a pagar pelos pecados do pai.»

«Tem alguma ideia do que possa ter acontecido?»

Milton endireitou-se na cadeira.

«Seja o que for que aconteceu, só pecou por tardio.»

*

Parei o vídeo. A entrevista continuava por mais algum tempo, mas eu não era capaz de ouvir mais. A voz de Milton recordava-me o Verão de 1998, todos aqueles acontecimentos sinistros: a agressão de Dan, que me atirara contra a furgoneta vermelha do pai. A mesma que, em 1965, George conduzia depois de levar Minnie a casa. A mesma furgoneta em que, nessa noite, Noah Walsh entrara, nas margens do lago Juniper.

Fui dormir a perguntar-me por Laura. O que seria feito dela? Teria a equipa de McDonald capacidade para a encontrar em Toronto, ou onde quer que se encontrasse? E será que ainda namorava com Spiros? Talvez, como eu, tivessem uma família: uma criança, ou até mais. Secretamente, desejei que Laura vivesse sozinha, eternamente assombrada pelos fantasmas do passado. Era um pensamento egoísta, e afastei-o imediatamente, deitado na cama do meu quarto, escutando os

ruídos das águas correntes, das vozes distantes nos outros quartos. Desejei, antes de adormecer, que ela fosse tão feliz quanto possível. Acordei muito cedo, ainda de noite, por causa do *jet lag*. Ao atravessar o corredor silencioso, ouvi o ressonar de McDonald e de Jessie, oriundo dos quartos ao lado do meu. Desci à recepção e encontrei um homem barrigudo, a dormir sentado. Inadvertidamente, acordei-o; ele pôs-se logo muito direito. Perguntei-lhe qual era a melhor maneira de chegar a Chatlam. Sugeriu um autocarro que partia de meia em meia hora e fazia o trajecto por Mellenville e Ghent. Quando eu saía pela porta da frente, o recepcionista lembrou-se de alguma coisa e chamou-me.

«Por acaso, é o Sr. *Tabeurda*?»

«Sim.»

«Tenho aqui uma mensagem para si.»

Entregou-me um envelope branco com o meu nome escrito na parte da frente. Abri-o. No interior havia uma folha de papel A4, com uma frase escrita a lápis.

Dizia:

Vá até ao fundo.

«Quem deixou isto aqui?», perguntei.

O recepcionista encolheu os ombros.

«Estava na nossa caixa do correio.»

Vi o dia nascer no autocarro, ensonado, com a estranha sensação de que tudo aquilo era um sonho. A manhã pusera-se escura e húmida quando eu descia a rua principal. Um chuvisco irritante caía sobre a pequeníssima cidade. Passei em frente da esquadra da Polícia, da geladaria; do outro lado da

estrada, o Starbucks ainda se encontrava fechado, embora um rapaz com um boné verde já limpasse a montra. Fiquei contente quando vi que o *Chatlam Herald* ainda existia, paredes-meias com a loja de chocolates. Eram quase oito da manhã; e tinha esperança de que Nolasco ainda ali trabalhasse e de que estivesse como sempre o conhecera — de cabeça enfiada no computador. Toquei à porta três vezes, mas ninguém abriu. Comecei a pensar que teria de aguardar no café, mas, de repente, uma voz surgiu no intercomunicador. A porta abriu-se. Subi as escadas; no patamar, encontrei um rapaz que não podia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos. Apresentou-se como ajudante do Sr. Nolasco e informou-me de que o jornalista costumava chegar por volta das oito e meia. Dei-lhe o meu nome (na verdade, escrevi-o num pedaço de papel, temendo que ele não o decorasse) e disse-lhe que estaria no Starbucks.

Fui o primeiro cliente do café. Pedi um *mocaccino*, em honra do velhaco Milton, mas não me atrevi a sugerir ao rapaz que desenhasse uma palmeira na espuma. Aguardei. Estava tão cansado que adormeci com a cabeça encostada à janela, embalado pelo murmúrio da chuva a cair lá fora. Quando acordei, Nolasco estava sentado à minha frente com uma chávena de café preto a fumar debaixo do seu colossal nariz.

«Bela Adormecida», disse ele. «É o seu novo nome de código?»

«Desculpe», disse sem saber porquê. «Estou exausto.»

Nolasco não mudara muito, embora agora usasse o cabelo curto, talvez porque se tornara grisalho. Persistia na excessiva magreza, nas roupas anacrónicas. Usava uma gravata fininha, uma camisa branca, um sobretudo castanho.

«O que é que o traz aqui?»

«Acho que sabe perfeitamente.»

«Ah. O documentarista.»

«Ele já o entrevistou?»

«Sim», respondeu. «É um tipo curioso, não acha? Parece o David Crosby.»

«Foi precisamente o que pensei.»

«Está chateado porque eu lhe dei o seu nome?»

«Não», respondi, sincero. «Estou chateado porque, ontem, vi a gravação do depoimento do Milton Saunders e, estranhamente, acredito no que aquele filho da mãe tem a dizer sobre a família Walsh.»

Nolasco riu-se. Bebeu do café e ia acender um cigarro, mas depois lembrou-se.

«Merda», proferiu. «Aqui está uma coisa que mudou nesta última década, Bill Clinton. Agora não se pode fumar em parte nenhuma.» Guardou o cigarro no maço. «Eu disse-lhe que o momento chegaria, lembra-se?»

«O momento de quê?»

«De se saber a verdade sobre o caso Walsh», respondeu. «Agora, que não há tantos interesses envolvidos... Agora, que, aparentemente, a opinião pública está formada sobre o assunto, encerrada. É agora que aparecem as surpresas.» Continuou a brincar com o maço entre os dedos. «Mas diga-me uma coisa. O que é que o impressionou tanto no que o Milton Saunders disse?»

«Não foi tanto o que ele disse, mas a maneira como disse», expliquei. «O desaparecimento do filho, por exemplo. Alguma vez foi devidamente investigado pelos jornais ou pela Polícia?»

«Claro que não», respondeu Nolasco. «Isso aconteceu nos anos sessenta, quando eu era um miúdo. Nessa altura, uma pessoa desaparecida durante mais de setenta e duas horas era um caso arrumado pelas autoridades: ou estava morta ou queria mesmo permanecer escondida.»

«O Milton diz que o chefe Ditmas estava na mão da família Walsh. Acredita nisto?»

Nolasco bebeu o café e recostou-se no assento.

«Claro», respondeu. «O Bernie nunca foi homem de querer problemas. Queria viver despreocupado e sem grandes chatices, que são as ambições principais do chefe da Polícia de um lugarejo como este. O que grande parte das pessoas parece esquecer é que nestes lugares pequenos acontecem as coisas mais horrorosas. O Ditmas nunca se esqueceu disso. Primeiro, o desaparecimento do George. Depois, durante os anos setenta e oitenta, inúmeros casos de violência doméstica, também largamente ignorados pelas autoridades de Chatlam. Houve, inclusive, uma morte por asfixia de uma mulher de quarenta e poucos anos, que foi tratada pelo chefe Ditmas como um *acidente*. De alguma maneira, a Polícia contentou-se com a explicação ridícula do marido, que disse que a mulher tinha fantasias eróticas e que naquela noite a coisa tinha corrido mal, quando eram evidentes as marcas das mãos dele no pescoço da pobre coitada.» Nolasco encolheu os ombros. «Enfim, outros tempos. Mas a afirmação do Milton não é de todo

despropositada: se o Noah tivesse matado o George, e ele era bem capaz disso, o Bernie seria cúmplice no silêncio.»

«Eu não falei em assassinato», afirmei. «De onde é que tirou essa dedução?»

«Acha sinceramente que eu nunca falei com o Milton-Saunders sobre o assunto? E que ele não aproveitaria a oportunidade do documentário para anunciar ao mundo as suas teorias?»

«Percebo», respondi. Depois respirei fundo e olhei demoradamente para Nolasco. «É sempre assim quando há um caso destes?»

«Assim, como?»

«É preciso ir dar a volta ao mundo para depois se regressar ao mesmo sítio e chegar a conclusões diferentes?»

«Às vezes, é preciso dar duas voltas ao mundo. Considere-se um sortudo», disse Nolasco. «Se eu puder ajudar, não hesite.»

«Pode.»

«De que maneira?»

«O que é que aconteceu à filha da Winifred?»

Nolasco coçou a barba de três dias.

«A história passa por ela?»

«Sim.»

«Bom, que se saiba, a Minnie ficou grávida do George muito nova. Tinha quinze ou dezasseis anos, julgo. E teve o filho, que nasceu prematuro. Certamente já o encontrou por aí, é o coitado do Dan.»

«Lembro-me bem dele.»

«Quando a criança nasceu, o George já tinha desaparecido há cinco ou seis meses. Ninguém sabia dele. A rapariga teve o filho sozinha, sem o apoio dos pais, porque a Winifred e o marido ficaram muito envergonhados com a gravidez da rapariga e não quiseram saber do assunto. Mas o velho Milton não. Foi ele que a levou ao hospital e foi ele que ficou com o bebé quando a pobre rapariga, em estado de depressão, quis deixar a cidade e começar uma nova vida.»

«E sabe-se para onde é que ela foi?»

«Segundo o que ouvi dizer, vive nos arredores de Boston», contou Nolasco. «Não sei exactamente onde. Mas podemos descobrir, caso ela tenha mantido o nome de solteira.»

Paguei os cafés e subimos à redacção do *The Herald*. Estava tudo na mesma, com excepção dos computadores, que eram agora mais recentes. Nolasco ligou o dele e, numa questão de minutos, entrou na base de dados dos cidadãos americanos registados nos Estados Unidos.

«Isso é legal?», perguntei, sentado ao seu lado.

«Claro que não.»

«Não era mais fácil perguntar à Winifred se ela tem algum contacto da filha?»

«Era, se eu conseguisse falar com os mortos. A Winifred faleceu há três anos.»

O apelido da família era *Noller*. A base de dados apresentou vários resultados.

«Winifred Noller», disse ele. «Oito resultados.»

«*Winifred?*», perguntei. «Mas esse não era o nome da mãe?»

«*Minnie* é um dos diminutivos de Winifred. Elas tinham o mesmo nome.»

Dos oito resultados, apenas duas viviam na costa Leste dos Estados Unidos. A primeira habitava em Detroit e tinha oitenta e três anos; a segunda vivia em Quincy e tinha cinquenta e oito. A segunda era, sem dúvida, aquela que procurávamos. Nolasco imprimiu a morada e deu-ma.

«Boa sorte», disse ele.

Hesitei um instante.

«Acho curioso que você esteja a fazer isto tudo sem pedir nada em troca», comentei.

Ele riu-se.

«Estava a dever-lhe uma, porque o impliquei neste caso novamente», confessou o jornalista. «Mas, a partir de agora, estamos quites, portanto, vou andar em cima de si para saber dos seus progressos. Não pense que me vou esquecer.»

Despedimo-nos. Eu estava quase a descer as escadas quando me lembrei de um pormenor.

«Ei, Nolasco. Por acaso sabe o que significa *Amphitrite*?»

Ele olhou para o ecrã do computador e pôs-se a teclar.

«Já ouviu falar de uma coisa chamada *motor de busca*?»

«Vagamente», respondi.

«Segundo a Wikipedia, é o nome da rainha dos mares, a mulher de Poseidon na mitologia grega. Diz-lhe alguma coisa?»

«Não», respondi. «Mas obrigado.»

*

A meio da tarde, enquanto eu conduzia um carro alugado em direcção a Boston, McDonald ligou-me e quis saber onde é que eu estava.

«Aluguei um carro em Ghent», respondi.

«Então é a nossa entrevista de hoje?», perguntou. «Ontem foi apenas o princípio.»

«Estarei de regresso esta noite.»

Houve uma pausa. Do outro lado, senti-lhe a curiosidade.

«O que vais fazer a Boston?», perguntou.

«Visitar uns amigos dos meus tempos em Nova Iorque.»

«Isso é uma aldrabice descarada.»

Segurava o telefone numa mão e, com a outra, mantinha o carro na faixa direita da Estrada 90.

«Esta chamada vai custar-me uma fortuna», reclamei.

«Achas que estou a ir na direcção errada, Taborda?», perguntou McDonald, ignorando-me. Parecia duvidar de si próprio.

«Não sei», respondi. «Parece-me que levar um polícia tonto ao lugar do crime, dez anos depois, e tentar convencê-lo de que a rapariga era demasiado pequena para ter esfaqueado o pai não vai fazer com que reabram o caso.»

«Qual caso?», refilou. «Ninguém quer abrir caso nenhum. A Levi Walsh está em liberdade desde 2006. Não se trata de tirar um inocente da cadeia, mas sim de saber o que, de facto, aconteceu.»

«Sexo, ambição e inveja», respondi.

«O quê?»

«Foi o que uma pessoa me ensinou, há muito tempo. Que todos os crimes são cometidos por causa de um destes motivos. Ou de dois ou mesmo dos três. É esse o caminho que devemos s

eguir.»

«*Devemos?*», riu-se. «Não sabia que éramos uma equipa de detectives. Riggs e Murtaugh, é isso?»

«Se quiseres», respondi.

«Então escuta, Murtaugh. Eu preciso de filmar a investigação, senão o meu filme não vale um chavo. Ou seja, preciso de estar contigo quando tomares decisões como as que tens tomado.»

«Porque é que sou eu o Murtaugh?»

«Porque ele era preto.»

«Eu não sou preto.»

«És mais preto do que eu», ripostou ele. «Quando regressares da visita aos teus *amigos*, vamos ter uma conversa séria. Não te esqueças de quem te está a pagar a viagenszita.»

«É a HBO», quis eu reclamar, mas McDonald já tinha desligado.

Choveu o caminho todo até Quincy. O carro, um modelo antigo da *Honda*, deslizava suavemente na estrada regada pelo dilúvio, e os pára-brisas agitavam-se freneticamente. Ainda não recuperara completamente do *jet lag*, tinha os olhos pesados, o corpo respondia com lentidão. Pensava na

mensagem que me haviam deixado na pensão — *Vá até ao fundo* —, alguém que certamente desejava que o caso Walsh fosse reaberto, que tudo regressasse à superfície e fosse feita justiça a uma história que tinha sido fechada à pressa, mal conduzida pela Polícia, manipulada pela Procuradoria. A caligrafia era-me desconhecida. Que eu me recordasse, nada tinha a ver com a caligrafia redonda da palavra que encontrara acima do rodapé no quarto das irmãs nem com a caligrafia em letra de imprensa carregadíssima, que Laura me descrevera, presente no envelope em que o revólver chegara às mãos de Douglas Mitchell em 1998.

Quem me teria enviado aquela mensagem? Durante um momento, senti-me terrivelmente entusiasmado, sem saber porquê. E, ao mesmo tempo, sentia-me acossado. Porquê eu? Um cidadão de um país distante, onde estava a minha vida — uma mulher, um filho, uma carreira medíocre. O que esperariam de mim? Quando perscrutava as razões pelas quais me encontrava ali, estas pareciam-me menos simples do que as que eu apresentara a Luísa. Ela lia-me com facilidade, contudo; e o mais provável era que já desconfiasse de que eu não viajara para os Estados Unidos somente para oferecer um depoimento, mas para remexer num passado que ainda estava em carne viva.

A viagem até Quincy demorou duas horas e meia. Foi tão monótona, que, quando cheguei ao destino, estava prestes a adormecer ao volante, embora tivesse ligado o rádio em alto som. Todas as notícias pareciam girar em torno das eleições americanas; decorriam as primárias, e os nomes e as histórias pareciam ser sempre os mesmos, dando voltas e voltas para acabar na mesma narrativa: John McCain e o seu heroísmo de guerra; Hillary Clinton e o papel das mulheres; Obama e a sua

diferença racial, o seu discurso polido e inteligente. Quanto a Bush, tornara-se uma figura patética, um ser balbuciante que dera início a duas guerras internacionais evitáveis e liderara um país ferido no seu orgulho para uma situação ainda mais dramática.

Winnie vivia num bairro tranquilo onde abundavam os estabelecimentos asiáticos: supermercados, *delis*, restaurantes. De repente, parecia que estava na Chinatown de Nova Iorque, se não fosse pelas ruas tristes e cinzentas e pela atmosfera geral de melancolia, realçada pelo facto de Quincy ficar junto do mar, atravessada pelo cheiro salgado do Atlântico. A morada que eu tinha correspondia ao rés-do-chão de um prédio de três andares. Estacionei em frente do prédio e fui tocar à porta. Um homem na casa dos sessenta veio abrir. Tinha um olho fechado e o outro aberto (o que dava a estanha impressão de estar a piscá-los) e uma bengala na mão direita.

«Quem é o senhor?», perguntou.

«Chamo-me Patrick Nolasco», disse eu. «Sou jornalista do *Chatlam Herald*. Estou à procura da Sr.^a Winifred Holler.»

O velho ficou a olhar-me durante uns segundos e, depois, começou a rir-se, um cacarejar muito feio, expondo os dentes amarelos e velhos.

«Winifred Holler!», repetiu ele. «Que nome dos diabos.»

Apareceu uma senhora atrás dele, um pouco mais nova. Afastou gentilmente o homem da porta e encarou-me com desconfiança.

«Há muitos anos que não ouvia esse nome», disse ela. «O senhor veio de uma viagem no tempo ou coisa parecida? Digame: Chatlam ainda está no mesmo lugar?»

«Acabei de vir de lá. Winnifred Holler é o seu nome, ou estou enganado?»

«Sim», confirmou ela.

«Eu sabia!», disse o velho, todo contente.

«Jack, vai para a cozinha», ordenou Winifred.

«Cala-te, Fred», resmungou o homem, que se afastou, acatando a ordem. A mulher convidou-me a entrar. Era elegante e alta, de cabelo esbranquiçado e rosto muito delicado. Apesar das rugas que a idade lhe trouxera, aparentava ser bastante mais jovem; o homem que abrira a porta podia ser seu pai, ou um tio adoentado, enlouquecido.

«É o meu marido», explicou ela. «Esteve nos últimos dois anos da guerra do Vietname, antes do cessar-fogo em 73. Foi estacionado em Hanói, mas depois levaram-nos para a selva. Havia operações americanas no Cambodja, e o Jack acabou por ir lá parar, no meio de uma confusão tal que foi atingido por bombas americanas. Os estilhaços deram-lhe cabo da perna, e foi recambiado para os Estados Unidos sem ter disparado um único tiro. Veja só a ironia.»

«Que coisa terrível, Sr.^a Holler», lamentei.

«Se quiser, pode tratar-me por Minnie.»

«Porque é que o seu marido se riu daquela maneira?», perguntei enquanto ela me convidava a sentar numa cadeira à mesa de uma cozinha onde proliferavam calendários de todos os tipos: calendários de parede, com as páginas arrancadas; calendários de mesa, em triângulos com argolas; calendários magnéticos, colados à porta do frigorífico.

«Ele trata-me por Fred, que é o nome que eu uso desde que saí de casa dos meus pais, muito nova», respondeu a senhora. «Quer um café?»

«Agradeço.»

Winnie pôs-se a fazer café. Tinha uma presença discreta e, ao mesmo tempo, sedutora — uma voz tranquila, gestos calculados e precisos. Imaginei que, aos quinze ou dezasseis anos, ela pudesse ser irresistível.

«O que é que o traz aqui, Sr. Nolasco do *The Herald*?», perguntou.

«Precisava de falar consigo sobre o passado.»

«Sobre o passado ou sobre a Pré-História?»

«A Pré-História», escolhi. «O tempo em que os dinossauros caminhavam sobre a Terra.» Ela fez uma pausa, como se reflectisse, antes de pôr duas chávenas em cima da mesa. «Um desses dinossauros chama-se George Saunders.»

Winnie serviu-nos de café e sentou-se à minha frente. As mãos tremiam-lhe ligeiramente.

«George Saunders», repetiu. «Sabe há quantas décadas eu não ouvia esse nome?»

«Sei que se foi embora de Chatlam depois de ter tido um filho dele», disse eu. «Imagino que tenha partido com um sentimento de alívio.»

Winnie abanou a cabeça.

«Eu tinha quinze anos quando engravidei. Era uma miúda esperta, sempre fui; mas não estava preparada para aquilo», contou. «O meu pai ameaçou-me de morte quando soube que eu estava grávida. Se não fosse a minha mãe a acalmá-lo, acho

que me teria estrangulado ali mesmo. Quis ir atrás do pobre George, mas, felizmente, o rapaz já tinha desaparecido da cidade. *Pôs-se a milhas*, foi o que o meu pai disse, e eu acreditei.»

«Quando é que contou ao George que estava grávida?»

«Na noite do baile do liceu. Éramos uns garotos. Ele deve ter entrado em pânico e fugiu.»

Lembrei-me da descrição que Milton fizera, de como imaginara o filho sorridente, a conduzir a furgoneta de regresso a casa: o rosto de um homem feliz com a notícia que acabara de lhe mudar a vida.

«E se, em vez do pânico, ele tivesse ficado imensamente contente, Winnie?»

«De que é que está a falar?»

«O pai do George continua vivo. E ele tem a certeza de que não foi por causa da sua gravidez que o George desapareceu.»

«Ele tinha outra teoria, não era?», lembrou-se.

Bebemos o café. A chuva batia nos vidros da janela da cozinha. Reparei que um dos calendários, na parede ao lado do frigorífico, ficara em Dezembro de 2007, sem qualquer serventia.

«Veio cá por causa do Noah Walsh, ou estou enganada?»

«Porque é que diz isso?», perguntei, embora já soubesse a resposta.

«Ora, por que outra razão é que um jornalista de Chatlam quereria falar comigo?», respondeu. «O pobre do George nunca foi interessante para ninguém. Já o Walsh... Foi um

caso de interesse nacional. Quando é que ele foi assassinado? Há dez anos, ou coisa parecida?»

«Sim», disse eu.

«No entanto, você veio falar-me de coisas que aconteceram há mais de quarenta anos.»

«Tem razão.»

Winnie sorriu e acariciou a asa da sua chávena.

«Sr. Nolasco, eu estou quase a fazer sessenta. Os meus melhores anos já passaram. Vivo aqui, nesta cidadezinha de subúrbio, com um homem meio demente que, noite sim, noite não, desperta a gritar por causa de um inimigo que vive no nosso quarto, à espera da emboscada.» Tossiu e aclarou a garganta. «A única coisa de relevante que me aconteceu foi na adolescência... o namoro com o Noah e o George, a gravidez, o facto de ter deixado para trás um filho prematuro.»

«Tanto quanto sei, ele continua vivo», disse eu. «Chama-se Dan.»

«Eu sei. Dois anos depois de eu ter fugido de Chatlam, recebi uma carta do Sr. Milton. Não sei como descobriu onde eu vivia, mas a verdade é que descobriu... Mandava-me uma fotografia do meu filho, vestido com roupa de marinheiro, por ocasião do seu segundo aniversário, celebrado apenas com o avô. Confesso-lhe que chorei que nem uma Madalena, foram dias a fio num pranto. Depois, numa rua qualquer de Boston, enfiei a fotografia num caixote do lixo e olhei em frente, como se a minha vida tivesse começado ali mesmo e não houvesse nada para trás.»

«Mas uma pessoa nunca esquece, não é?»

Winnie sorriu. Tinha dentes bonitos, de mulher jovem.

«Você é muito esperto para a sua idade», afirmou ela. «O que é que quer saber mais, Sr. Nolasco? Ou melhor, deixe-me adivinhar: se está interessado no homicídio do Noah, quererá saber sobre o meu relacionamento com ele.»

«Na verdade, é mesmo isso», assumi.

«Toda a gente em Chatlam soube, na altura, que eu tive um relacionamento com o Walsh», prosseguiu Winnie. «Foi uma coisa breve, uns quantos fins-de-semana antes de eu assumir o namoro com o George, mas um tipo como o Walsh não passava despercebido em parte nenhuma. Ele fazia questão disso. Estava convencido de que íamos ser um casal. Os meus pais aprovavam porque ele era rico, porque era o único filho da família mais poderosa do distrito.» Respirou fundo. «Eu disse sempre à minha mãe que aquele não era o homem com quem ia casar. Ela sabia e concordava comigo. *Os ricos são gente podre*, dizia-me ela, a pobre Winifred.»

«Tornou a ver a sua mãe depois de se ir embora de Chatlam?»

Winnie baixou a cabeça. Tinha os olhos rasos de lágrimas; parecia, de repente, ter ficado muito frágil.

«Nunca mais nos vimos», respondeu. «Eu liguei muitas vezes para casa, mas, assim que um deles atendia, fosse a minha mãe ou o meu pai, desligava a chamada. Nunca me perdoaram e também nunca quiseram saber do neto.»

«Lamento.»

«Não lamente», disse ela, abanando a cabeça e limpando os olhos. «Lamente mas é os pobres coitados que querem entrar no Reino dos Céus. Se eu me preocupasse com o Céu,

não me teria casado com um homem que andou a vida toda no Inferno.» Fez uma pausa, bebeu café e continuou: «Eu e o Noah costumávamos ir para os bosques do lago Juniper. Ele estava muito apaixonado por mim e eu sentia curiosidade por ele. Nada mais do que isso. O Noah era bonito, alto e atlético. Mas havia alguma coisa nele que era...»

«O quê?»

«Sinistra», respondeu. «Não tenho melhor palavra do que esta.»

«*Sinistra?*»

«Chegou a conhecê-lo, Patrick?»

«Sim», respondi. «Conheço-o desde 1987.»

«Nunca reparou que aquele homem era capaz de mover montanhas? E que, em vez disso, preferia negociar com o Diabo?»

«Talvez a metáfora seja demasiado religiosa para mim», confessei.

«Não tem nada a ver com religião. Já ouviu falar da história de Pahom? O senhor é jornalista, escreve para ganhar a vida... Deve ter lido muito, com certeza que sabe.»

«Por acaso não sei.»

«Aparece num conto de Tolstoi que li há muitos anos, chamado *De Quanta Terra Precisa o Homem* e do qual nunca mais me esqueci. Fala de um camponês muito ambicioso, chamado Pahom, a quem o Diabo propõe um negócio aparentemente vantajoso: toda a terra que conseguir percorrer durante um dia inteiro, marcando-a com uma pá, será sua, com a condição de regressar ao ponto de partida antes de o Sol se

pôr. No dia seguinte, à alvorada, o avarento Pahom faz-se à estrada e percorre um enorme caminho, regressando a casa ao crepúsculo, numa correria desenfreada para declarar suas aquelas terras.»

«E consegue?»

«Consegue, mas morre de cansaço e é enterrado numa cova de um metro e oitenta de profundidade.»

«Toda a terra de que um homem precisa», concluí.

«Sim», concordou ela.

«Era essa a imagem que tinha do Noah?»

«Foi há muitos anos», respondeu-me. «Ele era um garoto, e eu uma rapariga mais ou menos inocente. Mas sentia no Noah uma pulsão terrível, uma vontade de posse muito voraz, que me assustava. Podia parecer que, como só ia a Chatlam aos fins-de-semana, a sua relação comigo fosse romântica ou platónica. Que ele fosse oferecer-me poemas e flores, as coisas típicas dos rapazes que fazem a corte às raparigas. Mas era uma relação muito física. Lembro-me de o Noah me encostar ao tronco de uma árvore e me tentar despir, de me encher os ouvidos de palavras sujas, de me sussurrar tudo o que queria fazer comigo. Eu nunca tinha ouvido grande parte daquelas coisas, sabe? Nos anos sessenta, as raparigas não falavam de sexo como hoje...»

Nesse momento, o marido de Winifred entrou na cozinha a coxear, sem bengala. Agarrando-se aos móveis, foi até ao frigorífico e serviu-se de uma cerveja.

«Jack», disse ela. «Já bebeste uma hoje.»

«Três é o meu máximo», respondeu ele.

«*Nenhuma* é o teu máximo.»

«Tenho as hélices dos *Mil Mi-4* na cabeça, Fred.»

Saiu da cozinha com a cerveja na mão.

«Eram os helicópteros vietnamitas», disse ela. «Usa a guerra como desculpa para tudo.»

Sorri e bebi o que restava do café já frio.

«*Minha pequenina*», disse Winifred.

«O quê?»

«Era o que o Noah me costumava murmurar ao ouvido. *Minha pequenina*. Nunca me esqueci.»

De súbito, algo tenebroso percorreu o meu corpo, uma recordação com dez anos que me gelou o sangue: a conversa de Laura com Dermot, que ela me relatara em 1998.

«E como é que lhe resistiu?»

«Não foi fácil. Tive de o afastar com a força dos meus braços e das minhas pernas. No fundo, acho que havia um lado em mim que gostava daquilo... Daquele jogo de poder, da tensão sexual, da postura desbragada do Noah.»

«Mas foi com o George que dormiu, certo?»

Ela sorriu.

«Está a perguntar-me se foi com ele que perdi a virgindade?»

«Acho que sim.»

«Foi», confirmou Winnie. «Com o Noah, nunca passámos dos preliminares. Ele era bonito, mas assustava-me. De todas as vezes que o via, voltava para casa com medo. Não

exactamente por mim, pois eu sentia-me, de certa maneira, protegida: tinha o George, tinha o meu pai, podia recorrer a eles se acontecesse alguma coisa menos própria.»

«Então por quem?»

«Pelas mulheres mais desprotegidas que se atravessassem na vida daquele homem.»

Conversámos um pouco mais, até a tarde começar a escurecer. Nuvens cinzentas ocupavam o céu visível pelas janelas da cozinha. Embora a casa estivesse aquecida, as temperaturas, naquela zona dos arredores de Boston, desciam muito durante a noite e uma corrente de ar gelado infiltrava-se pelas frinchas da porta. A certa altura, Minnie perguntou-me qual era o meu interesse naquela história e eu respondi que estava a trabalhar com um produtor num documentário sobre a morte de Noah Walsh.

«Foi uma coisa terrível», comentou ela. «Até para um homem daqueles. Nunca lhe desejaria um destino tão cruel.» Fez uma pausa, como se o que acabara de dizer não fosse inteiramente verdade. «Foi mesmo a filha que o matou?»

«É esse o propósito do documentário», confessei. «Apurar o que realmente aconteceu na noite de catorze de Setembro de 1998.»

«Espero que encontre a verdade», desejou Minnie. «Não vão pedir para eu aparecer, pois não?»

«Em princípio, está a salvo. A sua ligação ao Noah é demasiado remota para interessar ao documentarista. Por agora.»

Agradei-lhe o tempo que me dispensou e, antes de sair, tentei virar a página do calendário que ficara em Dezembro do

ano anterior, mas não havia mais meses. Lá fora, a chuva abrandava. Ao entrar no carro, liguei o aquecimento e fiquei parado naquela rua anónima de um subúrbio deprimente, a pensar no que Winnie me contara.

Minha pequenina.

Começou a formar-se uma imagem que eu só desejava apagar da cabeça, por isso, liguei o rádio e, com ajuda do mapa, regressei à auto-estrada e pus-me a caminho de Philmont. Quando, por volta das oito e meia, cheguei ao *bed and breakfast*, encontrei um recado na porta do quarto. Era de McDonald; pedia-me que fosse ter com ele a um bar em Ghent, quando tudo o que me apetecia era deitar-me na cama e tentar desligar o meu sistema sobrecarregado. Sabia, contudo, que McDonald não desistiria e viria bater-me à porta do quarto, arrancando-me ao sono.

Tornei a meter-me no carro e fui até Ghent. O lugar escolhido era uma espécie de *chalet* rústico que albergava uma hamburgueria sonolenta, no meio de uma estrada onde não passava ninguém, com um néon da Miller Lite e outro da Budweiser colados nas janelas. No interior, cheirava a carne e a cerveja, ao suor dos poucos homens que se sentavam ao balcão, bebendo silenciosamente. McDonald estava numa das mesas, a observar Jessie enquanto este deglutia um hambúrguer.

«É de alce», disse McDonald quando me viu chegar. «Este estafermo pediu um hambúrguer de alce!»

Sentei-me à mesa deles. Uma empregada loura, cuja beleza há muito se desvanecera, apareceu logo para me atender.

«Quero o mesmo que ele», disse eu.

«Alce bem passado, muito bem», disse ela, e apontou num bloco de notas, como se fosse necessário para não se esquecer do único pedido que tinha.

«Bestas quadradas», disse McDonald, que fumava um cigarro. «A comerem o animal mais elegante da América.»

«Aqui pode-se fumar?», perguntei.

«É o único bar no Estado de Nova Iorque onde ainda é permitido.»

«Isso é capaz de ser exagero.»

Ele apontou para uma placa de ardósia junto da porta, onde estava escrito:

Bale's Cove é o único bar do Estado de Nova Iorque onde ainda se pode fumar.

«Então e os teus amigos de Boston?», perguntou com cinismo.

«Estão todos bem», respondi. «E tu? Hoje fizeste alguém passar pelo tirocínio dos teus interrogatórios?»

«Oh, foi um dia interessante», respondeu. Estava sentado ao lado de Jessie, debaixo de um quadro na parede que me pareceu familiar, embora o bar estivesse demasiado escuro para perceber o que era. «Estivemos em Albany. Conheceste o chefe Douglas Mitchell, presumo.»

«Sim, ele era o chefe da Polícia naquele tempo.»

«Entretanto, reformou-se. Ou, pelo menos, foi a informação que me deram na esquadra. Um tal de Kildare ocupou o seu lugar.»

«Desse, nunca ouvi falar.»

«Falámos com o Tom Cochran, que era adjunto do chefe Mitchell em 1998. Disse-nos que o chefe Mitchell se retirou por causa de um enfisema pulmonar.» Olhou para o cigarro, fez um esgar e depois apagou-o no cinzeiro. «Durante a investigação de um homicídio. Não é estranho?»

«Durante, como?»

«O caso do Matthew Pinkus só foi declarado encerrado em Maio de 1999, no ano a seguir à morte dele. O chefe Mitchell reformou-se em Fevereiro desse ano, deixando o caso em aberto.»

«E então?»

A empregada aproximou-se da mesa e pousou à minha frente o hambúrguer de alce. Parecia delicioso.

«O homem não estava a morrer», insistiu McDonald. «Aliás, continua vivinho da silva. Vive em Miami, numa casa simpática, num bairro decente, com a reforma de um polícia de província.»

«Talvez tenha mesmo tido um enfisema.»

McDonald levou os dedos às suíças e coçou-as, insatisfeito.

«Foi o que eu pensei. Mas depois... Não, é demasiado brusco. Um caso daquele tamanho, as provas, as impressões no revólver, e o homem reforma-se uns meses antes de um ponto final abrupto no caso? Nããã...»

«A Procuradoria nunca relacionou as duas mortes», disse eu. «Provavelmente, quiseram varrer um escândalo ainda maior para debaixo do tapete.»

«A questão é: qual escândalo?»

«É o teu documentário que vai dar essa resposta, certo?», sugeri, trincando a carne succulenta e doce.

«A resposta mais simples é que o Noah Walsh deu um tiro ao sócio», disse McDonald. «Mas porquê?»

«Podiam ser várias as razões», disse eu.

«Sexo, ambição e inveja.»

«Isso.»

«O meu pai deu um tiro ao vizinho por causa de duas galinhas», disse Jessie, lambendo os dedos.

«Bom. Se achas que isto é interessante, Taborda, então vê o que a minha equipa em Nova Iorque desencantou.»

McDonald tirou do bolso a fotocópia de um extracto bancário datado de Janeiro de 1999. Era a conta de Douglas Emerich Mitchell. O ex-polícia auferia 2864 dólares mensais, depois dos impostos.

«Ali», apontou Peter.

Na linha indicada, havia uma transferência de duzentos e cinquenta mil dólares efectuada no dia três desse mês. Percorri, com o dedo, a linha para o lado direito.

«Isto não faz sentido», disse eu.

A transferência tinha sido feita da conta de Matthew Pinkus.

«E, contudo, aconteceu», disse McDonald. «O homem não se reformou, Taborda. Foi viver para a Flórida com esse dinheiro. Deve tê-lo posto a render, ou coisa parecida.»

«Mas o Pinkus tinha morrido em Setembro do ano anterior. Quem mais tinha acesso às contas dele?»

«Em princípio, apenas a família.»

«O filho, portanto. O Artie.»

Jessie arrotou. Parecia quase adormecido, como se o hambúrguer o tivesse deixado num estado comatoso.

«Fomos à procura dele esta tarde», disse McDonald. «A casa onde vivia, uma cabana no bosque, em Eisenmann Creek, estava vazia. Nem viva alma.»

«Eu estive nessa cabana. Como é que o encontraste?»

«Tenho gente a vasculhar no terreno, Taborda. Quando é que vais parar de me perguntar isso?»

«E a mãe? O que aconteceu à mãe dele?»

«Eu e o Jessie andámos pelas redondezas até encontrarmos uma bomba de gasolina que ficava a um quilómetro e meio da casa. O empregado disse-nos que aquela cabana está vazia há anos.»

«Quantos?»

«Há quase uma década.»

«Desde o tempo dos homicídios, portanto.»

«... e, porque sou um bom menino, liguei à minha equipa de investigação, que andou o resto do dia à procura de uma tal Sr.^a Pinkus, que, graças a Deus, ainda utiliza o nome de casada. Encontraram-na numa casa de repouso em White Plains, completamente alheada da realidade.»

«Ela tentou suicidar-se», lembrei-me. «Estava numa cadeira de rodas. Como é que foi parar à casa de repouso?»

«O filho deixou-a lá no dia sete de Março de 1999, juntamente com uma pequena fortuna para pagar o

internamento da mãe», respondeu McDonald. «A seguir, desapareceu.»

«O Artie?»

«Sim. Ninguém sabe dele desde então. Não teve qualquer contacto com a mãe. Nem uma visita ou um ramo de flores ou uma carta. Nada de nada.» McDonald suspirou e acendeu outro cigarro. «O que é que fazes com isto?»

«É difícil perceber», disse eu, agora ligeiramente enjoado com o sabor demasiado doce do alce. «Quando falei com o Artie, em Setembro de 1998, ele disse-me que a culpa da morte do pai era do Noah Walsh. Contou-me que o pai tinha começado um negócio paralelo, qualquer coisa de que o Noah não estava a par, e que o Walsh não suportava a ideia de perder o controlo sobre os outros. Que os preferia mortos a vê-los saírem da sua alçada.»

«Depois, o Artie suborna o chefe Mitchell para ver o caso encerrado. Isso não fazia grande sentido, se ele achasse mesmo que o pai tinha sido assassinado pelo Noah.»

«Não sabemos se foi ele.»

«Era o único outro titular da conta do pai.»

Recostei-me no assento. Regressava a mesma sensação que tivera uma década antes — a impotência perante uma história que parecia impossível de explicar.

«Estou enjoado», disse eu.

«Eu avisei-te para não comeres o alce.»

Jessie adormecera com a cabeça encostada ao assento. A empregada veio recolher os pratos e ficou a olhar para o

cameraman, um homem barbudo e tatuado que dormia como uma criança.

«Bebeu uma a mais?», perguntou ela.

Pagámos a conta quando o bar já começava a fechar. Era segunda-feira e, devido à escassez de clientes, o Bale's Cove encerrava às dez. Despertámos Jessie e levantámo-nos para sair. Foi então que, com as luzes do bar acesas (revelando o estado decrépito das mesas, a poeira e a sujidade que invadiam aquele lugar), tornei a olhar, acidentalmente, para o quadro na parede atrás da mesa. Porque era uma serigrafia bastante pequena, levei uns segundos a identificá-la, mas depois percebi que estava a olhar para uma reprodução da mesma obra que Noah Walsh tivera na parede do escritório da casa de Chatlam: *A Disaster at Sea*, de William Turner. McDonald reparou que eu observava o quadro.

«O naufrágio do *Amphitrite*», comentou.

Fiquei a olhar para ele, perplexo.

«O barco chamava-se assim?»

«Afundou-se algures no princípio do século XIX, a caminho da Austrália», disse o produtor. «Gostas assim tanto de pintura oitocentista para ficares com essa cara de parvo?»

Tive de rogar a McDonald para que não me entrevistasse nessa noite. Ele tentou contrariar o pedido, dizendo que a entrevista fazia parte do nosso acordo; que o meu depoimento era importante, que queria saber o que eu andara a fazer o dia todo. Prometi-lhe fazer uma sessão dupla de entrevistas no dia seguinte. McDonald torceu o nariz e, depois, observando o estado de cansaço em que eu me encontrava, acabou por ceder.

Fui para o quarto e deitei-me, mas não conseguia adormecer. Lá fora, a chuva regressara, uma cortina que ocultava tudo de tudo. Aquele som monótono devia ser o suficiente para adormecer qualquer pessoa exausta, mas, em vez disso, eu só conseguia pensar nos acontecimentos de há dez anos: a nossa chegada a Chatlam; as viagens que fizera com Laura em busca de uma resposta; o brilho que vira nos olhos dela, o mesmo de quando éramos adolescentes e fugimos de um inglês furibundo à porta de um bar de alterne. Pela primeira vez desde a morte de Noah, sentia que estava na iminência de uma descoberta, de qualquer coisa que regressava à superfície após tantos anos soterrada num lamaçal profundo.

Incapaz de pregar olho, peguei no telefone e fiz uma chamada para Lisboa, onde eram quatro da manhã. Luísa atendeu, ensonada.

«Finalmente», disse ela, rouca.

Trocámos algumas palavras de carinho.

«Como está o miúdo?», perguntei.

«Foi sair à noite», respondeu ela. «Levou o teu carro.»

«Deste-lhe o meu cartão de crédito?»

«Claro. Dou sempre.»

Luísa fez algumas perguntas às quais respondi distraidamente. O meu cérebro parecia ter ficado retido num lugar pantanoso.

«Só liguei para ouvir a tua voz», disse eu. «Para me certificar de que a realidade se mantém intacta, de que o mundo ainda não se desfragmentou.»

«O teu filho está a chamar por mim», disse ela. «É bem real, muito sólido.»

«Ainda bem.»

«Voltas na terça-feira?»

«Claro», respondi.

Desliguei e fiquei a pensar na promessa que acabara de fazer. A seguir, incapaz de não ceder à curiosidade — ou porque o tempo que me restava era curto —, saí da pensão, meti-me no carro alugado e fui até Chatlam. Cruzei a povoação adormecida com a chuva a ribombar no telhado do carro, os pára-brisas no seu rápido movimento pendular, e tive de prestar atenção à estrada para não falhar a intersecção. Cheguei à casa dos Walsh quando já passava da meia-noite. Estacionei o mais perto possível da porta e corri para o alpendre; a chuva transformara-se num dilúvio, soando como uma salva de palmas ensurdecadora. Encharcado, entrei pela porta principal, a da fechadura estragada. A escuridão era quase total. Lá fora, só se ouvia a chuva, e, dentro da casa, um silêncio pesado.

Era a casa dos mortos, renegada, proscrita; o lugar onde ninguém queria viver. Estupidamente, tentei acender as luzes; mas a electricidade há muito tinha sido cortada. Censurei-me por não ter pensado nisso, mas depois lembrei-me do telemóvel. O brilho do ecrã teria de servir.

Fui ao antigo escritório de Noah Walsh, votado ao abandono, abafado pela parede de tijolos que substituíra a grande parede envidraçada que dava para o jardim. Lembrei-me das reconstituições algo patéticas de McDonald e do ar de indiferença de Pleasant, um homem que não poderia ter outra profissão que não aquela. *Tanatopraxia*: a palavra derivava de

Thanatos, o deus da Morte, o assunto preferido de Pleasant, ou o *único* assunto de que sabia falar com autoridade. Na penumbra criada pelo ecrã, pus-me no centro do espaço e perscrutei a memória. O quadro encontrara-se pendurado acima da secretária, mais ou menos à altura da minha cabeça, ou um pouco mais acima. Aproximei-me da parede e tacteei-a. Não havia qualquer sinal de um prego, de um rebordo, de uma cunha onde se pudesse pendurar um quadro. Talvez, com as mudanças feitas na sala de maneira a atrair potenciais interessados em comprar a casa, todos esses detalhes houvessem sido reparados. Atravessei o corredor e fui à cozinha. Vasculhei as gavetas até encontrar o faqueiro. Regressei ao escritório com uma faca e, sem ter ideia nenhuma do que estava a fazer, comecei a esgravatar o estuque falso das paredes, que saltou com facilidade. Não sabia o que procurava, e tudo o que encontrei, ultrapassado o estuque, foram os tijolos que constituíam a parede: nenhum cofre, nenhuma passagem misteriosa. Nenhuma carta escrita para o futuro.

Frustrado, percorria novamente o corredor quando ouvi os pneus de um carro a chiar sobre o asfalto molhado. As luzes dos faróis iluminaram a cozinha. Recuei dois passos e, assustado, desliguei o telemóvel. A chuva alagava o terreno, formando poças por todo o lado, e eu não estava sozinho. A luz dos faróis desapareceu. Durante uns instantes, tudo pareceu aquietar-se. No corredor, a mão direita a segurar uma faca suja de estuque branco não conseguia parar de tremer. *Já fiz merda*, pensei: o assassino regressava ao local do crime e, desta feita, seria eu a vítima. Mentalmente, redigi uma carta de despedida ao meu filho. Pedia-lhe que confiasse na mãe, a melhor pessoa que eu conhecera na vida, cujos instintos estavam quase sempre certos. Depois, ouvi a porta da frente

abrir. De chofre, as luzes da cozinha acenderam-se. Recuei até sair do corredor, regressando ao escritório, e escondi-me atrás da porta. Ouvi passos, as solas de uns sapatos molhados no soalho e o troar da chuva. Estava encurralado: a única saída era por onde tinha vindo. Então, os passos avançaram, tornando-se mais presentes, cada vez mais audíveis. O desconhecido caminhava na minha direcção. Apesar do frio, eu suava profusamente; a mão tremia-me descontroladamente e uma fraqueza inaudita apoderara-se do meu pulso; o cabo da faca escorregava-me dos dedos. Seria sempre assim o momento da verdade? Que desgraça. E que grande merda. *Amo-te, Manel*, pensei enquanto fechava os olhos e recuava, esmagando-me contra a parede. O feixe de uma lanterna atravessou a escuridão. Três passos no soalho. À minha frente estava alguém envergando numa capa de chuva, a cabeça tapada por um capuz.

Ao dar pela minha presença, o invasor recuou um passo, apontou-me a lanterna e tirou o capuz; tremia, por isso devia estar tão assustado quanto eu..

«És tu», disse ela.

Laura tinha o cabelo pintado de preto. O rosto, apesar do capuz, pingava. Deixei cair a faca no chão e, finalmente, respirei fundo. Tive de me dobrar para a frente, levar as mãos aos joelhos para tentar não desmaiar.

Mas era tarde demais. A última coisa que vi foram os ténis *All Star* verdes que ela calçava.

Quando recuperei a consciência, Laura estava sentada ao meu lado, a fazer-me festas no cabelo. Ainda via tudo turvo, e o rosto dela era uma nuvem colorida. A única coisa que mudara em Laura fora o cabelo: mais curto, mais escuro. Mas

o cheiro dela era o mesmo, e o toque também, os dedos compridos coçando-me a nuca enquanto eu lutava por recuperar totalmente os sentidos.

«Achas que o John Cusack algum dia desmaiou durante a rodagem de um filme?», perguntou-me. Curiosamente, a voz parecia diferente: mais grave, mais adulta. «O Bruce Willis de certeza que não.»

«Por outro lado, ficou completamente careca», comentei. «Ao Cusack, ainda lhe resta algum cabelo.»

Laura riu-se, como se fosse naturalíssimo estarmos ali.

«O que estás aqui a fazer?», perguntei.

«E tu? A estas horas, ainda por cima? Não devias estar a dormir?», gracejou.

«*Amphitrite*», respondi.

«O quê?»

Tentei levantar-me, mas senti-me zozzo. Laura, com as roupas molhadas, segurou-me.

«Calma, Zorro», disse ela. «Uma coisa de cada vez.»

«Vim à procura da verdade», acrescentei. «A convite de um canal por cabo.»

Laura riu-se. De repente, o rosto dela iluminou-se: os dentes continuavam brancos e bonitos, o olhar tímido sempre que os lábios se separavam para mostrar os dentes.

«Eu sei. Também recebi esses *emails* da HBO», confessou. «Nunca respondi a nenhum.»

«Então sabias do documentário.»

«Claro. O *caso Walsh* passou ao domínio público há muitos anos. Só fiquei espantada por isto não ter acontecido antes. Mas, depois, dei por mim a pensar nisso todos os dias... que um desconhecido ou uns quantos desconhecidos iam invadir as nossas vidas, e achei bem estar presente. É uma violação dolorosa da nossa privacidade.» Levou a mão ao meu rosto e fez-me uma festa. «Resolvi vir até Chatlam. E decidi ficar nesta casa, embora as condições sejam sub-humanas. Não tem água, não tem electricidade... é triste, este lugar que foi nosso durante tanto tempo chegar a este estado.»

«Estavas aqui ontem, então?», disse eu. «Vi os teus ténis no quarto, esses que tens calçados.»

«Sim. Tinha acabado de chegar do aeroporto, um táxi deixou-me à porta. O mesmo táxi que me trouxe agora; é um velhinho simpático, hoje veio buscar-me à hora de jantar, esperou que eu comesse, trouxe-me de regresso.»

«Porque é que não alugaste um carro?»

«Pela mesma razão que não aluguei um quarto. Para não deixar rastro. Desconfio de que a equipa de produção anda à minha procura. Certo?» Olhou em redor, para o escritório na obscuridade. «Ontem, quando cheguei de Toronto, estava exausta da viagem. Apeteceu-me descansar, mas já não há camas, como pudeste ver. Mesmo assim, descalcei-me e deitei-me no chão do quarto, com uma almofada que encontrei. Soube-me tão bem estar ali, mesmo apesar do desconforto... E, de repente, quando já adormecia, ouvi o som dos carros lá fora. Escondi-me na arrecadação, mas esqueci-me dos ténis.» Sorriu-me. «Quando ouvi a tua voz, fiquei mais tranquila.»

«Ainda bem.»

«Mas estava a perguntar-te o que vieste aqui fazer a estas horas da noite.»

«Não conseguia dormir.»

«Pois», concordou ela. «Eu também não.» Levantou-se e ajudou-me a pôr-me de pé. «Já agora: o que é *Amphitrite*?»

«Está escrito no rodapé da parede do vosso quarto, onde antes estava a cama da Levi», respondi. «Entretanto, descobri que é o nome de um barco que naufragou, cheio de mulheres condenadas, e que estava representado naquele quadro...» Apontei para a parede. «... o quadro que costumava ali estar.»

«Parecemos dois malucos a correr atrás de fantasmas», disse Laura.

«Se não foste tu a escrever a palavra, só pode ter sido a Levi, certo?»

Laura encolheu os ombros.

«É possível», respondeu. «O meu pai tinha esse quadro há muitos anos. Nunca lhe prestei grande atenção. Se tinha algum significado, escapou-me por completo.»

«Descobri mais coisas», disse eu.

«Também eu», respondeu ela.

«Dez anos.»

«É muito tempo.»

Laura foi ao piso superior e regressou com uma pequena mochila. Era tudo o que trouxera de Toronto. Eu não sabia qual era o destino dela; mas como, na verdade, também não sabia qual era o meu, saímos da casa para a noite gelada sem falar do assunto.

«Não achaste estranho estar um carro à porta da tua casa?», perguntei.

«Estava pronta a matar-te com um golpe de *kung-fu* se fosses um intruso», brincou, abrindo a porta do meu *Honda* alugado enquanto a chuva continuava a abater-se impiedosamente sobre aquela parte do mundo. «Seja como for, esta já não é a minha casa. Deixou de o ser depois de o caso ter sido encerrado. A minha mãe ficou com tudo.»

«Assim, de mão beijada?», perguntei.

Fechámos as portas. Ali estávamos nós, mais uma vez, dentro de um carro, tal como no Verão de 1998. Era uma sensação estranha e surreal, como se tudo aquilo fosse encenado para satisfazer o meu desejo de ajustar contas com o passado.

«Abdiquei da casa e de tudo o resto. Fiquei só com o apartamento de Manhattan», admitiu Laura. «Estava farta. Do caso, dos tribunais, do Sloane, da minha mãe gananciosa. Tinha algum dinheiro que o meu pai depositara num fundo alguns anos antes de morrer, para mim e para a Levi, e fui viver para Toronto.»

«Sozinha?», perguntei.

Laura riu-se.

«Estás a perguntar se levei o grego comigo?»

«Claro que não», repliquei (mas, no fundo, estava).

«Fui sozinha», respondeu Laura. «Quando te digo que deixei tudo para trás, foi mesmo *tudo*.» Pôs a mão em cima da minha, que segurava o volante, embora estivéssemos parados.

«Até tu. Desculpa ter-te deixado sem dizer adeus, debes ter ficado zangado comigo.»

Desviei o olhar. Era verdade, mas não queria admiti-lo. Ela retirou a mão fria da minha.

«Entendo», disse eu. «Foi uma grande confusão. E o caso do teu pai, encerrado à pressa... Deve ter sido um golpe duro para ti.»

«O golpe mais duro foi estar sob o escrutínio público», revelou Laura. «Quando cheguei ao Canadá, senti um alívio enorme. Ali, ninguém me conhecia. Não era a filha do Noah Walsh, o magnata assassinado. Era só mais uma americana perdida nas terras do Norte, à procura de um lugar para viver, de alguma coisa para fazer da vida. Os canadianos podem ser aborrecidos, mas têm a grande vantagem de nunca se meterem na vida dos outros. Tinha duas amigas em Toronto, dos tempos da universidade. Foi o suficiente para recomeçar.»

Calou-se. Era a minha vez: contei-lhe que era jornalista, que me casara, que tivera um filho. Num gesto instintivo, tirei a carteira do bolso das calças e mostrei-lhe uma fotografia de Manuel, com três anos, sentado nas escadas de um parque aquático que costumávamos frequentar em Agosto, com uma maçã na mão direita, aparentemente abstraído de tudo excepto do sabor delicioso da fruta.

«Que bonito», disse Laura, observando a imagem à luz do carro, que preenchia o interior com o seu halo amarelado. «É parecido contigo, sabes? Tem o mesmo olhar melancólico.»

Olhei para a fotografia com atenção. Nunca me tinha ocorrido tal coisa, que uma criança pudesse ter um olhar melancólico. Mas via-me obrigado a concordar com Laura. Observando melhor a imagem que eu transportava comigo na

carteira para todo o lado, era inegável que o miúdo que olhava para o lado direito, a maçã vermelha nos dedos ainda roliços da infância, aparentava uma insondável tristeza.

«E tu? És casada?», perguntei-lhe. «Tens filhos?»

Ela devolveu-me a fotografia e observou a água que escorria pelo vidro dianteiro do carro.

«Não, estou sozinha. Vivo em Old Toronto, o bairro mais antigo da cidade, mesmo em frente ao lago. Trabalho numa loja de flores e adoro o que faço. A loja fecha de Novembro a Fevereiro, porque as temperaturas descem tanto que as pessoas não andam nas ruas. É húmido, gelado, neva muito. O céu está sempre cinzento e escuro, os dias são curtos. Sentes o frio nos ossos e só queres ficar dentro de casa enrolado num cobertor, a hibernar.»

«Parece-me uma maravilha de lugar», disse eu.

Laura esboçou um sorriso.

«Voltaste só por causa do documentário?», perguntei.

«Não! Foi porque soube que tu andavas por aqui.»

O meu coração acelerou.

«A sério?», perguntei.

«Claro que não», gracejou. «Como é que eu podia saber? Vim porque a minha irmã me enviou uma mensagem estranhíssima, informando-me de que regressa aos Estados Unidos daqui a dois dias. E, aproveitando a viagem, passei por Chatlam, para ver o que o idiota desse produtor anda a fazer com a tragédia da minha família.»

«Que género de mensagem é que ela te enviou?»

«Um *email*», explicou Laura. «Não dizia grande coisa. *Querida irmã, regresso com ele*. Qualquer coisa assim. E o dia e a hora em que o avião dela aterra.»

«Outra vez o *ele*», disse eu.

Laura suspirou, deixando o corpo afundar-se no assento.

«Quando li o *email*, pensei imediatamente no meu pai. Que, afinal, ele estava vivo. Que talvez tudo fosse um engano. Que talvez eu não o tivesse visto na morgue da Polícia de Chatlam naquele mês maldito. Enfim, as imbecilidades que a nossa cabeça inventa.»

«O que achas que ela queria dizer, então?»

«Não faço ideia nenhuma. A última vez que a vi, quando a Levi saiu da Hudson Correctional Facility em Janeiro de 2006, compreendi que a minha irmã tinha caído num poço sem fundo de ilusões. Que tinha enlouquecido. Não dizia coisa com coisa, continuava a falar de alguém que esperava por ela. Deve ser a mesma criatura com quem vem agora. Na altura, quis levá-la comigo para Toronto. Ela aceitou e passou praticamente um mês em minha casa. Mas não fazia mais nada senão deambular pelo apartamento, a murmurar coisas incompreensíveis. Punha-se à janela a olhar para o Inverno desolador. De vez em quando, pedia-me para usar o meu computador e fechava-se no quarto. Percebi que, naqueles anos todos em que estive presa, continuou a comunicar com alguém do lado de fora. Essa era a única pessoa que lhe interessava no mundo. Uma noite, entrou no meu quarto e anunciou que se ia embora. Veio ter comigo à cama, deu-me um beijo na testa e desapareceu. E eu percebi que não havia nada a fazer, que não podia dizer fosse o que fosse que a impedisse de partir.»

«Como é que ela foi? Com que dinheiro?»

«Temos uma conta conjunta, lembras-te?»

«Então podias seguir-lhe o rastro.»

«Além do bilhete de avião, quando deixou Toronto, só existe registo de um levantamento de cinquenta mil dólares. Nos dois anos que passaram entretanto, nunca mais voltou a usar a conta.»

Liguei o carro sem saber bem para onde íamos.

«O Peter McDonald acha que ela foi vítima do sistema judicial americano», disse eu. «Acredita que a confissão foi forçada e que a Procuradoria teve alguma coisa a ver com o assunto. E também tem uma teoria rocambolesca acerca da impossibilidade física de a tua irmã ter assassinado o teu pai.»

«Ele é documentarista», disse Laura, pondo o cinto. «Um documentário precisa de uma história, certo?»

«Certo.»

«Ele está a arranjar essa história.»

Ficámos calados uns momentos, o motor do carro a ronronar baixinho, abafado pela chuva.

«Onde estás hospedada?»

«Não sei», disse ela. «Podemos pensar nisso mais tarde? Dava-me jeito uma bebida.»

*

Conduzi durante algum tempo por estradas secundárias até encontrarmos um bar aberto. Era uma da manhã. Quando saímos do carro, a chuva parara. Todos os bares daquela região pareciam ser idênticos: néons de anúncios de cerveja nas

janelas, um aspecto rústico, empregadas envelhecidas. Aquele fechava às duas, portanto, tínhamos uma hora para conversar.

Embora Laura, exteriormente, permanecesse essencialmente a mesma, havia muito nela que mudara. Achei-a mais triste, ou mais resignada; como se se tivesse rendido perante as sucessivas derrotas da vida. Ou então fora a década passada no Canadá a amenizar-lhe o temperamento aguerrido, a vontade de fazer justiça e saber a verdade. Ou, se calhar, estávamos os dois muito cansados, nada mais do que isso.

Quando nos sentámos, ocorreu-me que nos conhecíamos há mais de vinte anos e disse-lhe isso.

«Estamos uns velhos», riu-se ela. «Trinta e quatro, acreditas?»

«Trinta e três», vangloriei-me. «A idade de Cristo.»

«O ano da tua crucificação.»

«Dói?»

«Um bocadinho.»

A empregada aproximou-se. Por momentos, achei que era a mesma empregada do Bale's Cove, a fazer turnos sucessivos nos bares das redondezas, mas depois reparei que esta era ainda mais velha e enrugada. Trouxe-nos duas cervejas. Ao contrário do que eu esperara, reencontrar Laura não estava a ser uma experiência transcendente — parecia-se mais com a reunião de dois velhos amigos que em tempos tinham confundido as fronteiras sempre difíceis da fisicalidade e da paixão. Não havia arrependimento nem reservas. Cada um seguira a sua vida e, agora, unia-nos uma história maior do que nós.

«Conta-me o que descobriste», pediu ela depois de beber o primeiro gole de cerveja.

«Vi a entrevista que o Milton deu ao McDonald. Parece que o teu pai, quando era adolescente, teve um caso com a filha da Winifred.»

Laura arregalou os olhos.

«Não sabia que ela tinha uma filha.»

«Pouca gente sabe. Desapareceu depois de ficar grávida e de ter um filho.»

«Do meu pai?»

«Não. Do George Saunders.»

Laura franziu o sobrolho, confusa.

«Achei que o George tinha morrido muito novo, de uma doença qualquer.»

«Fui até Boston visitar a filha da Winifred.»

«Como é que ela se chama?»

«Winifred.»

«Uau. É mesmo típico de um policial de série B.»

«Mas é conhecida por Minnie», acrescentei. «Ela confirmou tudo: a relação com o teu pai e que ficou grávida do George.»

«Então o Dan é filho dela.»

«Sim.»

«E o que é que ela disse do meu pai?»

Hesitei uns momentos. Não era fácil contar aquelas coisas a Laura. O caso morrera há dez anos e, de repente, sentia-me

um Orfeu, a vasculhar as profundezas do Inferno à procura de sarilhos.

«Fez uma descrição dele pouco abonatória.»

Laura bebeu outro gole de cerveja e fitou-me intensamente.

«Pedro, deixa-te de rodeios. Conta-me o que tens para contar.»

«Ela disse que o teu pai, aos quinze anos, era um tipo sinistro. Que lhe metia medo.» E então acrescentei: «Que a tratava por *minha pequenina*.»

Laura franziu o sobrolho. Entreabriu os lábios, como se procurasse dentro de si uma recordação.

«*Minha pequenina*», repetiu.

«Sim. Lembras-te da conversa que tiveste, naquela altura, com...?»

«... com o Dermot», concluiu ela.

Baixou os olhos para a mesa, como se tivesse vergonha.

«Já ouvimos essa expressão antes, é o que eu quero dizer. Ou tu ouviste. Não é uma expressão comum.»

Laura olhou pela janela e mordeu o lábio.

«Pode ser coincidência.»

Fiquei em silêncio durante uns momentos, em busca das palavras certas.

«É muito difícil que seja coincidência quando estamos a falar de um caso em que todos estes elementos parecem estar relacionados.»

Fitou-me com nova coragem.

«Achas que...?» Deixei-a terminar a frase. «Que o meu pai era o Homem Invisível?»

«Não me surpreenderia», respondi.

«Mas sabes o que isso significa, se for verdade? Que o meu pai gostava de miúdas do liceu.»

«Que o teu pai tinha relações com raparigas que eram menores de idade. E isso coloca a tua irmã no espectro das suas tendências.»

«Estás a insinuar que o meu pai abusava da Levi?»

«Não sou o primeiro a sugerir isso, Laura.»

Ela recostou-se na cadeira. De repente, como uma nuvem negra que invade o céu, instalou-se sobre nós o mesmo mal-estar dos últimos dias de Setembro de 1998, quando Leah chegou à cidade e Sloane voltou o caso de pernas para o ar; quando os jornais e as revistas sensacionalistas desfizeram o que restava da família Walsh.

«O velho Milton continua convencido de que o teu pai matou o filho dele», disse eu. «Que o afogou no lago Juniper.»

«Isso vai dar um episódio giro para o documentário», gracejou ela. «Imagina só: ‘O Corpo no Fundo do Lago’.»

«E se for verdade?», perguntei. «E se o teu pai tiver matado o George, por ciúmes ou por outra razão qualquer? Que fundamento teríamos, então, para achar que ele não tornaria a matar?»

«Estás a falar do revólver e do tio Matthew?»

«Estou», disse eu. «A explicação mais simples é, habitualmente, a mais acertada. Chama-se Lei de Ockham, ou

coisa do género. Para simplificarmos a história, imaginemos que o teu pai deu um tiro ao Pinkus.»

«Porque é que ele faria isso?»

«Negócios», sugeri. «Ou talvez o sócio tenha descoberto alguns *podres* da vida do teu pai e o andasse a chantagear. A Sr.^a Mullens ouvia discussões vindas da casa, lembraste? Nos dias anteriores ao do homicídio.»

«Lembro-me. Mas o meu pai não se colocaria nessa posição, a menos que...»

«A menos que o quê?»

«Que estivesse a proteger-nos», avançou Laura.

«Através da apólice do seguro», concluí.

«Claro! Eram cinco milhões de dólares, uma garantia de que eu e a Levi não teríamos qualquer preocupação na vida.»

«É uma teoria válida», disse eu. «Contudo, também descobri outras coisas um pouco mais estranhas.»

«Quais?»

«Em Janeiro de 1999, quando o caso do Pinkus ainda estava em aberto, o chefe Mitchell recebeu uma transferência de duzentos e cinquenta mil dólares da conta do sócio do teu pai. Reformou-se e foi viver para a Flórida. Em Maio, o caso foi declarado encerrado, apesar das provas circunstanciais... o revólver com as impressões digitais do teu pai, o facto de os dois terem falecido na mesma noite.»

«Cabrão do Mitchell», disse Laura. «O McDonald sabe disto?»

«Sabe. E creio que, a certa altura, irá confrontar o homem. Mas duvido que consiga alguma coisa. O caso foi encerrado, prescreveu há algum tempo. Era preciso um terramoto para tornarem a mexer nesse assunto, e o Mitchell é um ex-Polícia reformado a quem ninguém dá importância. Além disso, a transferência não foi feita pelo Pinkus, porque esse já tinha morrido há algum tempo. E o único outro titular da conta era o Artie.»

«Porque é que o Artie faria isso?»

«Não sei», respondi. «Mas, segundo consta, também desapareceu do mapa.»

Laura terminou a cerveja. Havia, agora, uma faísca antiga nos seus olhos; a conversa acicatara o seu desejo de saber a verdade.

«Façamos então o teu exercício», disse ela. «A lei de Ockham, como lhe chamas. O meu pai dá um tiro ao Matthew Pinkus. O que o coloca na cena do crime, a trinta quilómetros de casa, à beira de uma ravina. Dá-lhe um tiro com um revólver cuja existência eu desconhecia, enfia-o no carro e lança o *Chevrolet* pela ribanceira abaixo. Depois, por artes mágicas, faz, em poucos minutos, trinta quilómetros para voltar a casa e é assassinado por uma das seguintes personagens: a minha irmã, totalmente drunfada; um ladrão que julgava que a casa estava vazia e saiu sem deixar qualquer vestígio da sua presença; um assassino contratado pelo meu pai para que a seguradora nos pagasse os cinco milhões de dólares.»

Fiquei a olhar para Laura e percebi que, por mais Lei de Ockham que aplicássemos àquele caso, seria inútil.

«Na verdade, parece bastante complicado», reconheci.

«E cheio de maravilhosas coincidências», continuou ela. «O sangue nas roupas do Dan Saunders era do tio Matthew. Como é que aquele rapaz, de faculdades mentais tão diminutas, se encaixa nesta história?»

«Acho que nós é que estamos com as faculdades mentais diminuídas», disse eu. «Há dez anos que andamos nisto. Somos como uma pessoa a tentar resolver um cubo de Rubik só com uma mão.» Caímos em silêncio. «Se calhar não devíamos estar a falar nisto tão tarde», sugeri.

«Queres falar de quê?», perguntou Laura num tom de provocação. «Da tua vida maravilhosa em Lisboa, com uma mulher que deve ser incrivelmente bonita e uma criança adorável, em comparação com a minha vida aborrecida de solteirona em Toronto?»

De repente, ali estava ela: a antiga Laura, cheia de personalidade, de fúria. Quase sorri ao ouvir aquelas palavras, mas contive-me, mantendo uma expressão muito séria.

«Sabes perfeitamente que isso são tretas», respondi. «A minha vida é uma chatice sem fim. Primeiro foram as fraldas e as noites sem dormir, depois foram as discussões com a minha mulher, e a seguir o colégio, a ginástica do miúdo, os horários, as obrigações, a escola, os meses intermináveis sem fazer amor. Há um mundo de ilusões acerca da paternidade que a chegada de um filho quebra de imediato. Não é de espantar que tantos casais se separem depois de terem uma criança: é como dar à luz o bebé de Rosemary.»

«Que exagero», respondeu Laura.

«Apesar disso, vais perfeitamente a tempo de ter filhos.»

«Para transformar a minha vida nesse inferno que tu descreves? Nem pensar.»

Acabámos a rir das coisas que dizíamos. Ainda existia esse entendimento entre nós: por mais acalorada que a discussão se tornasse, ainda éramos os mesmos miúdos que corriam à noite pelas ruas do Lagoeiro perseguindo a liberdade. Pela primeira vez naquela noite, Laura riu-se com vontade. Bebemos mais uma cerveja e depois as luzes piscaram, anunciando o encerramento do bar.

Junto do carro, ainda não sabíamos onde ela ia passar a noite.

«Posso fazer-te uma pergunta mais indiscreta?», perguntei, sentindo-me algo ébrio.

«Já estás a fazê-la.»

«Porque é que nunca te casaste? Uma mulher como tu...»

Laura encolheu os ombros e, sem pedir licença, encostou-se a mim, repousando a cabeça no meu peito.

«Tens razão. É demasiado tarde para perguntas tão difíceis.» Chegou-me o seu perfume, o seu cansaço: uma mistura deliciosa que me fez esquecer de tudo por uns instantes. «Ou talvez a resposta seja demasiado fácil.» Olhou para mim. Sentia-lhe os seios, ainda duros, como na juventude, encostados ao meu peito. «Porque estou partida. Escangalhada. Não tenho conserto, Pedro. Não sou como tu, que foste capaz de andar para a frente. Eu, por mais que tenha tentado afastar-me, mudado de país, começado tudo outra vez... Eu, no fundo, fiquei aqui, nesta merda de lugar provinciano, a recriar, uma e outra vez, a história na minha

cabeça. A história da Levi. Do meu pai. Da minha mãe.» Fez uma pausa e, depois, num murmúrio, disse: «A nossa.»

Voltou o rosto para cima e beijou-me nos lábios. Foi um beijo macio, prolongado.

«Preciso de dormir», disse ela. «Só umas horas. Depois apanho um táxi e desapareço, prometo.»

Metemo-nos no carro e regressámos à pensão de Philmont. Recomeçara a chover e fizemos o caminho sem dizer palavra. Ainda tinha o sabor da boca de Laura na minha, alguma coisa salgada que me lembrava o Verão de 1987. E, ao mesmo tempo, a sensação incómoda da culpa.

«O McDonald está na mesma pensão que eu», adverti-a. «Se ele te vir, nunca mais te larga.»

«Eu sei tomar conta de mim, não te preocupes.»

O homem gordo dormia na recepção. Subimos ao segundo andar. O corredor estava silencioso, com excepção do ressonar oriundo do quarto de Jessie. Abri a porta do meu quarto rapidamente, e eu e Laura entrámos. Em silêncio, despimo-nos e metemo-nos na cama. Eu voltei-me de costas para ela, na direcção da janela.

«Boa noite», disse. Ela não respondeu. Fiquei ali durante largos minutos, o coração muito acelerado, a tentar encontrar um ritmo possível para o sono.

Depois, senti os dedos de Laura nas minhas costas, a sua mão a deslizar lentamente pelo meu corpo.

Acordei aos primeiros minutos da madrugada. O quarto ainda estava escuro, os vestígios de claridade eram ínfimos. Laura estava na casa de banho. Quando saiu, já vestida,

percebi que tomara um duche: tinha o cabelo molhado e cheirava a sabonete. Sentou-se na cama.

«Tenho de ir», disse ela. «Deixei-te o meu número.»

«Espera», pedi-lhe. «Preciso de saber uma coisa.»

«O quê?»

«Lembras-te daquela aluna da Grace Willard que, segundo a tutora da tua escola, foi violada?»

«Sim.»

«Qual era o apelido dela?»

18 de Fevereiro de 1997

Troy, Estado de Nova Iorque

Nessa tarde, depois de falar com o pai ao telefone, Frances LaCombe atravessou o pátio numa espécie de sonambulismo. Disseram coisas banais, uma conversa de rotina entre um pai em West Virginia e uma filha de dezassete anos. A cabeça de Frances estava noutro lado desde que tinha feito planos com Dermot Myerscough. Nessa noite, às dez e meia, depois do recolher obrigatório, poucos minutos a seguir à inspecção que a Sr.^a Radcliffe — a esbirra de Marjorie — faria aos corredores, para verificar que nenhuma estudante se *perdera* durante a chamada aos quartos, ela estaria atenta à janela.

Um sinal chegaria.

Frances era uma das estudantes mais velhas da Grace Willard. Entrara no décimo primeiro ano com um atraso em relação à sua idade, porque, no colégio Marymount, chumbara por faltas. Pela primeira vez na sua vida, o pai foi severo e mudou-a de escola. Ali, Frances era vista como um elemento estranho, uma vez que noventa e cinco por cento das alunas eram amigas desde o sétimo ano; imiscuir-se num grupo, fazer novas amizades ou pertencer ao clube restrito das estudantes mais influentes da escola estava fora do seu alcance.

Frances não queria saber. Continuava a falar com as colegas de Marymount pelo telefone, por carta. Além disso, soubera que a única rapariga com a qual valia a pena fazer

amizade era Becca Caulfield, e, a essa, conquistara-a desde o primeiro dia. Já tinham almoçado juntas um par de vezes, na cantina, e agora Frances aguardava um convite para fazer parte das *Donzelas*, o grupo mais radical da escola. Eram as raparigas que se metiam em sarilhos; as rebeldes, as insubmissas perante as regras rígidas e antiquadas de um colégio que, para o exterior, projectava uma fachada liberal que em nada correspondia ao que acontecia dentro de portas.

Uma noite, Becca convidou-a a ir às grutas. Foi lá que conheceu Dermot, entre outros rapazes do St Raymond's. Era um tipo bonito, de ombros largos e cabelo espesso, o queixo quadrado próprio dos americanos de boa estirpe. Ao fim de duas cervejas, Dermot beijou-a. Apalpou-lhe o rabo e as mamas, e Frances não se importou. Já tinha estado com rapazes antes, conhecia os preliminares. Mas Dermot não quis dormir com ela. Nas semanas que se seguiram, tornou a encontrar Myerscough, ora na gruta ora na extremidade sul do campo de *lacrosse*, protegidos pelas árvores. Segundo Becca, ele era o intermediário; fazia no St. Raymond's o papel que na Grace Willard lhe cabia a ela, o de juntar rapazes e raparigas. Em grupo, bebiam cerveja, fumavam erva; alguns envolviam-se fisicamente.

No entanto, Frances não se interessava grandemente pelos rapazes da sua idade. Sonhava com um homem a sério, uma experiência diferente da habitual atrapalhação juvenil, com a qual as raparigas tinham muito pouco prazer e a que só cediam por curiosidade ou estatuto. Uma noite, em conversa com Dermot, ele falou-lhe do Homem Invisível. Não era um rapaz, garantiu; era um adulto. Ninguém o conhecia nem lhe sabia a idade, mas algumas raparigas mais velhas tinham estado com ele e garantiam que era uma experiência inesquecível. Frances

consultou Becca, falou com Addison. Ambas o descreveram elogiosamente; a melhor maneira de uma rapariga daquela idade aprender o que o sexo podia ser.

A noite esperada chegara. Frances deitou-se à espreita, com a cortina da janela aberta. Tinha o coração aos saltos, a ansiedade sufocava-a. Precisava de se acalmar. Foi à casa de banho e tomou metade de um comprimido que a mãe lhe dera para os momentos mais difíceis. *Estamos a contar contigo*, dissera-lhe o pai ao telefone. A contar com ela? Para quê? Para ser a filha única e prendada, a cópia exacta da mãe? Não seria nada disso, pensou; seria uma mulher livre, com vontade própria. Seria ela a decidir o que fazer da vida. E aquela noite fazia parte da sua emancipação.

Por volta das onze, viu as luzes. Vinham do lado do campo de *lacrosse*: acenderam-se três vezes, um feixe de luz rasgando subitamente o escuro. Frances, que se deitara vestida, pegou na pequena mochila e saiu. A colega de quarto dormia profundamente. Avançou pelos corredores desertos, saiu pela porta principal sem fazer barulho e, oculta pelas copas das árvores, correu até encontrar Dermot no final do campo. Ele levou um indicador aos lábios para que ela não fizesse barulho. Dois minutos depois, estavam no carro de Myerscough. Frances segurava a mochila entre as mãos: apesar do comprimido, continuava mergulhada num poço de ansiedade e começava a duvidar de si própria.

«Não tenhas medo», disse Dermot perante o nervosismo de Frances. «Da primeira vez é mais difícil. Depois acabas por gostar. É o que dizem as miúdas que já experimentaram.»

O carro avançou pela Estrada 140 em direcção a Eagle Mills, depois meteram por um caminho secundário. Em

Brunswick Road, havia um motel de beira de estrada, com um néon que anunciava quartos vagos. Quando Dermot entrou no parque de estacionamento do hotel, Frances deu-se conta do erro enorme que cometera: aquele era o cenário de um crime, não de uma noite de prazer romântico com um homem.

«Quero voltar para trás», disse ela, em pânico.

Dermot pôs-lhe a mão no braço.

«Tem calma», assegurou. «É só por uma questão de segurança e anonimato. Imagina que estás num hotel de cinco estrelas e vai correr tudo bem.»

Saíram do carro e subiram ao segundo andar por uma escada exterior. Ao chegarem à porta do número 66, Dermot bateu três vezes. A porta abriu-se, mas não se via ninguém do outro lado.

«Venho buscar-te à meia-noite», disse ele. «Sem falta. Prometo-te.»

Frances fez que sim com a cabeça. Tremia de maneira incontrolável, mas sentia que já não havia caminho de regresso. A porta era feita de madeira tosca e rangia; do interior do quarto só chegava escuridão.

«Tens a certeza?», perguntou ela.

«Não tenhas medo», disse Dermot.

A porta fechou-se atrás de Frances. Havia apenas um candeeiro aceso, de luz avermelhada, ao lado de uma cama de casal com uma colcha branca. O quarto não era muito maior do que os quartos da Grace Willard; não existia armário, nenhuma mesa, nem televisão. Apenas aquela cama, impecavelmente feita.

«Podes deixar a mochila no chão», disse a voz grave de um homem.

Frances deu um salto com o susto. Da divisão adjacente — que ela presumiu ser a casa de banho —, saiu um desconhecido muito alto, entroncado, com o rosto coberto por uma máscara preta. Tinha o cabelo grisalho puxado para trás e exibia um sorriso tranquilizador. Usava uma camisa azul e calças brancas; estava descalço.

«Mas que encanto», disse ele, sorrindo.

Ao vê-lo sorrir, Frances perdeu algum do medo que sentia. O homem, que usava um perfume discreto, excitante, veio ao encontro dela. Suavemente, correu-lhe os dedos pelo cabelo castanho-claro, pelo corpo torneado. Depois, também com delicadeza, levou a mão à anca dela e conduziu-a na direcção da cama. Frances sentia-se hipnotizada, como se tudo acontecesse à revelia da sua vontade. Ele tirou a camisa. Tinha um tronco maciço, como o de um jogador de futebol americano. Os pêlos eram grisalhos, da cor do cabelo, e isso excitou Frances, que deixou que o Homem Invisível lhe despiasse as calças de ganga e, a seguir, as cuecas. Ela deitou-se na cama e fechou os olhos, alheando-se da feiura do tecto sujo.

O homem começou a lambe-lhe o sexo. Nunca lhe tinham feito aquilo. Enfiou-lhe dois dedos e, depois, adorando a sua vagina como se adorasse uma obra de arte valiosa, continuou a lambê-la até ela ter um orgasmo, os dois a gemer de prazer. Frances não sabia que aquilo era possível — um homem ter prazer a lambe uma mulher. A seguir, ele levantou-se e foi à divisão contígua. Regressou com um copo na mão. Parecia *whisky*. Frances continuava de pernas abertas na cama. O mascarado encostou-se à ombreira da porta.

«Mais tranquila?», perguntou.

Ela assentiu com a cabeça em sinal positivo.

«Pronta para continuar?»

«Não sei», respondeu Frances.

Era possível ter mais prazer do que aquilo?

Foi então que o homem despiu as calças. Tinha um sexo grande e muito firme, que se erguia na diagonal. Num gesto instintivo, ela recuou na cama e fechou as pernas.

«Não», disse a rapariga.

Mas ele parecia não a ouvir. Cuspiu para a mão e começou a esfregar o pénis, depois pôs um preservativo.

«Não vai doer nada», disse o homem.

«Não», repetiu Frances.

O desconhecido subiu para a cama e tentou voltar Frances ao contrário.

«Largue-me», disse ela. «Não quero.»

Frances sentiu, nesse momento, a força do tipo com quem se debatia. Os pulsos dela eram da espessura de galhos; as mãos dele, enormes e bojudas. Num instante, dominou-a, voltando-a ao contrário. Tentou libertar-se, mas ele colou-lhe os braços à cama com facilidade.

«Se colaborares, é tudo mais fácil», disse o homem. «Pode ser que te venhas outra vez.»

Mas ela não queria. De repente, aquele tipo repugnava-a: o cheiro do perfume misturado com o cheiro do sexo, o quarto horrível, a luz de motel, o tecto cheio de manchas. Compreendeu, de súbito, o papel que estava a representar. Era

uma puta adolescente, uma menina mimada que fora longe demais no seu arrojo de desafiar a autoridade.

«Largue-me!», gritou Frances.

Mas era inútil. O homem levantou-lhe as ancas e, num gesto brusco, treinado, penetrou-a. Ela não era virgem, mas nunca tivera um pénis daquele tamanho dentro de si. Após uma série de estocadas, Frances começou a chorar em silêncio. Lembrou-se de um programa que vira na televisão sobre os violadores, que se alimentavam da resistência das suas vítimas. Tentou não resistir, mas o ímpeto do homem era muito grande.

«Por favor», implorou Frances. «Pare! Deixe-me ir!»

O mascarado debruçou-se para a frente e agarrou-lhe o rosto, tentando beijá-la ao mesmo tempo que a penetrava. Ela desviou a cara e conteve as lágrimas que assomavam. O homem sussurrou-lhe ao ouvido:

«Quero que faças uma coisa por mim.»

Frances não respondeu. Tentava pensar noutra coisa, esquecer que era penetrada por aquele homem repugnante, não mostrar qualquer sentimento perante a humilhação.

«Quero que digas à Levi que estou à espera dela», disse-lhe o homem. «Quando voltares para o colégio, diz-lhe que ela será a próxima.»

O homem largou um gemido. Acabava de vir-se dentro dela. Frances sentiu o corpo pesado dele a ceder, as mãos, que lhe agarravam as ancas com força, a perderem força. Assim que deslizou para fora dela, a rapariga soltou-se e, rastejando pela cama, foi vestir apressadamente as cuecas e as calças. Estava em estado de choque e não sentia nada, excepto a

urgência de sair dali o mais depressa possível. O homem deitara-se na cama e olhava para o tecto, a máscara ligeiramente torta no rosto coberto de suor.

«Não te esqueças de transmitir o meu recado.»

Frances saiu e fechou a porta. Depois desceu as escadas e foi sentar-se na berma do passeio. Aguardou um quarto de hora pela chegada de Dermot. Já no carro, o rapaz quis saber como tinha sido a noite. Ela respondeu que tinha corrido bem. Depois disse-lhe:

«A Levi é a próxima.»

Não trocaram mais palavras durante a breve viagem de regresso à Grace Willard. A rapariga entrou à socapa e regressou ao seu quarto sem fazer barulho. Deitou-se e passou o resto da noite a chorar, cuidando para não fazer barulho.

25 de Março de 2008

Philmont, Estado de Nova Iorque

Dormi mais do que devia e acordei com alguém a bater à porta do meu quarto. Levantei-me estremunhado, abri a porta e encontrei McDonald no corredor, com uma cerveja na mão, a observar-me com ar suspeito.

«Que horas são?», perguntei enquanto ele entrava no meu quarto sem pedir licença.

«Tiveste sorte ontem, Taborda?»

«O quê?»

McDonald sentou-se no pequeno sofá a um canto. Estava de *T-shirt* e *boxers*; pela dimensão das suas olheiras, passara a noite acordado.

«Caso te tenhas esquecido, estou no quarto ao lado do teu», disse ele. «As paredes são da espessura de papel higiénico. Além disso, tresanda a perfume de mulher aqui dentro.»

Cheirei o ar. Não sentia nada.

«O que queres a esta hora?», perguntei, sentando-me na cama e começando a vestir-me. O aquecimento estava demasiado forte e a atmosfera era abafada, opressiva.

«Quem é que esteve aqui?»

«Ninguém», respondi.

«Ora, isso não abona em teu favor... Usar perfume de mulher durante a noite. Ou ganchos para o cabelo.» McDonald olhou para a mesa-de-cabeceira, onde repousava um gancho vermelho que Laura ali deixara, perfeitamente visível no tampo vazio. «Das duas, uma. Ou tens uma namorada por estas bandas ou gostas de prostitutas. As prostitutas não costumam deixar coisas para trás, por isso, vou apostar as minhas fichas na primeira hipótese.»

«Aposta no que quiseses», disse eu, cansado das gracinhas do produtor. «Que horas são?»

McDonald bebeu um gole da cerveja e largou-a no chão. Depois sentou-se ao meu lado na cama. Coçou as suíças e disse, numa voz séria, quase ameaçadora, que ainda não lhe ouvira:

«O que é que julgas que estás a fazer, meu?»

«Como?»

«Caso ainda não tenhas percebido, quem manda nesta merda sou eu. A HBO pode ter comprado os teus bilhetes de avião, mas só aqui estás porque eu te convidei.» Peter cheirava a álcool e tinha os olhos raiados de sangue. Aquela abordagem intimidatória deixou-me petrificado. «Quando vivi em Tucson, no Arizona, encontrei alguns fulanos como tu», continuou. «Tipos de boas famílias que achavam que o mundo lhes devia alguma coisa. Sabes quem é que gozava à brava com eles? Os mexicanos. Tinham acabado de atravessar a fronteira e trabalhavam como jardineiros, pedreiros, canalizadores, paus para toda a obra. E, no final do mês, rapinavam os patrões como se não houvesse amanhã. Depois seguiam para outro emprego, para casa de outro qualquer idiota privilegiado, de outro tipo iludido com a realidade.»

«O que é que eu tenho a ver com isso, McDonald?»

«Eu sou o teu mexicano, cabrão», disse ele. «Podes achar que estás aqui para a tuaaventurazinha pessoal, mas vais dar-me aquilo de que eu preciso. Entendes?»

Fiquei a olhar para ele, sem reacção. Sentia-me aturdido da noite anterior, incapaz de me defender.

«Como é que te posso ajudar?», perguntei.

«Acabou-se o jogo das escondidas. Se queres armar-te em detective, o problema é teu. Sabes as consequências que isso tem. Mas tudo o que fizeres... todas as pessoas com quem falares, aquilo que descobrires... eu também quero saber.»

«Está bem», concordei.

«E fazemos uma entrevista por dia para o documentário.»

Ele levantou-se e olhou-me com uma mistura de desdém e humor. Deu-me um pontapé nas canelas.

«Então? Gostaste da minha imitação do *Scarface*?»

«Não percebi que era...»

«É para levar a sério, Taborda», interrompeu. «Não me escondas nada.» Fingiu que ia dar-me um soco, e eu recuei na cama. McDonald riu-se. «És um caguinchas», disse ele, olhando para o relógio. «São onze e meia da manhã.»

«Porra. Devia estar mesmo cansado.»

McDonald ia sair do quarto, mas, antes de fechar a porta, tornou a enfiar a cabeça no interior.

«Ah. Da próxima vez que quiseses ver o material que eu filmei, basta pedires.»

Preparava-me para o contestar, dizer alguma coisa em contrário — continuar a mentir-lhe —, mas McDonald levou o dedo indicador aos lábios para que eu me calasse e fechou a porta com estrondo. Quando fiquei sozinho, lembrei-me de que Laura me deixara o seu número em cima da mesa. Mas o número desaparecera. Era, provavelmente, o castigo pelo meu atrevimento. Disse uma série de palavrões e, procurando acalmar-me, despi-me e fui tomar um duche.

Aproveitando o que restava da manhã, fui a Chatlam ter com Nolasco. Encontrei-o na redacção, a teclar furiosamente um artigo para a edição do dia seguinte. Os sinais da idade estavam bem patentes no seu rosto: as rugas que se acumulavam nos cantos dos olhos, os óculos para ver ao perto, e, por causa da claridade, pude ver quão grisalho o seu cabelo se pusera.

«Achei que já estava a caminho de casa», disse Nolasco ao ver-me.

«Ainda tenho dois dias. E preciso da sua ajuda.»

Nolasco parou de teclar e, levando as mãos à nuca, recostou-se na cadeira.

«E o que me dá em troca, Taborda?»

«Que tal um exclusivo?»

«Melhor do que este?»

Voltou o ecrã do computador na minha direcção e mostrou-me a edição *online* do *The New York Post*. Era uma notícia acabada de colocar na página. O cabeçalho dizia:

Levi Walsh encontrou Jesus e trouxe-o para Boston

A fotografia era caricata. Uma rapariga de cabelo loiro-esbranquiçado, muito curto, sardenta, com a pele tisonada do sol, ao lado de um homem alto e muito magro, de pele igualmente bronzeada, com o cabelo e a barba de um *hippie* dos anos sessenta, vestido com roupas indianas, os olhos vazios e doces daqueles sábios ou profetas do Oriente. Tinha sido tirada, nessa manhã, no aeroporto de Logan aonde imaginei que Laura tinha ido para reencontrar a irmã desaparecida desde 2006. Levi dava um braço ao homem e, com o outro braço, arrastava uma grande mala de viagem. Ele não transportava nada excepto a magreza do corpo, as sandálias castanhas muito gastas revelando uns pés enxutos e venosos, de unhas carcomidas e demasiado compridas para os padrões ocidentais.

«Uau», proferi, incrédulo.

«A assassina regressa de Bombaim com o seu guru pessoal depois de ter purgado a alma de todas as impurezas», brincou Nolasco.

«Quem é esse homem?»

«A notícia não diz», respondeu. «Foi tirada há uma hora, ou menos. E as autoridades nunca libertam informação sobre os nomes dos passageiros que atravessam a fronteira.» Fechou o computador e observou-me com um meio-sorriso nos lábios. «Encontrou a filha da Winifred?»

«Sim», respondi. «Descobri algumas coisas interessantes, mas precisava de continuar e não tenho tempo.»

«Ora, o tempo compra-se, nunca ouviu dizer?»

«E a informação também, certo?»

«Digamos que a primeira vez foi uma borla. A segunda já não é por conta da casa.»

«Só mais uma, Nolasco. Prometo que é a última.»

«Com a promessa de um exclusivo. Eu vou consigo.»

Respirei fundo. A última coisa de que precisava era de um repórter, cuja presença iria certamente intimidar ainda mais as pessoas com quem eu queria falar. Porém, naquele momento, Nolasco era indispensável. Aceitei o acordo. Uma pesquisa rápida na base de dados ilegal revelou que Frances LaCombe continuava a usar o nome de solteira e que vivia nos arredores de Troy, nas margens do lago Saratoga. O jornalista exigiu saber quem ela era, e eu expliquei-lhe, numa versão resumida, a história da Grace Willard, das *Donzelas* e do Homem Invisível.

«Se ela foi mesmo violada, vai querer falar», sugeri.

«Porquê seguir esse rumo de investigação?», perguntou Nolasco, colocando os pés em cima da mesa de trabalho enquanto mordida um lápis. «Parece-me uma volta demasiado larga, não acha?»

«Porque tenho a intuição de que está tudo relacionado», confessei. «Quando, em 1998, descobrimos o que aconteceu na Grace Willard, já achava o mesmo. O passado do Noah, a relação estranha com a Levi, as aventuras desta na escola, a morte do Matthew Pinkus na mesma noite... Alguma coisa me diz que tudo passa por esta personagem desconhecida, o tal Homem Invisível.»

«Essa era a teoria do Lombardi», lembrou-se Nolasco. «Que havia uma personagem oculta na história, um terceiro elemento.»

«É o que me parece.»

«Mas como é que vai fazer para chegar até ele?»

Eu estava encostado ao balcão onde a cafeteira fervia lentamente. Cruzei os braços.

«Ainda não cheguei tão longe.»

«Porque, se a Frances foi mesmo violada, e se conhece a identidade do homem, não lhe parece que, caso quisesse falar do caso, já a teria revelado?»

«Talvez.»

«O mais provável é que não saiba quem ele era.»

«O que nos deixa num beco sem saída.»

«Não necessariamente», avançou o jornalista. «É fácil esconder o rosto, mas há outras características que não é possível disfarçar. Talvez ela se recorde de certos pormenores...»

Enquanto Nolasco falava, julguei encontrar a resposta para aquele dilema.

A seguir ao almoço, liguei para os meus pais do escritório de Nolasco. A minha tia Lucília atendeu o telefone. Era o final da tarde em Lisboa, mas a senhora ficou agitadíssima ao ouvir-me; provavelmente, aparecera em casa da minha mãe cheia de planos — limpar, arrumar, tornar a limpar, arrumar outra vez —, tentando colmatar o vazio que a morte da minha avó deixara na sua vida.

«Pedrinho!», gritou ela, ao telefone. «Como é que está a América?»

Tentei acalmá-la e dizer-lhe que precisava de falar com o meu pai urgentemente, mas a minha tia-avó ignorou-me e desatou a contar que no dia anterior tinha ido buscar o meu filho à escola e a dizer-me tudo o que eu já sabia sobre ele.

«Disse-me que quer um cãozinho, imagina! Ele já te disse que quer um cãozinho?»

«Já. Agora, por favor, passa o telefone ao meu pai.»

«Mas eu tenho tanto medo de que aconteça como ao Periquito...»

Tive de implorar para ela parar de falar. O meu pai veio ao telefone, preocupado. Sabia que eu só ligaria para eles em caso de absoluta necessidade. Então, fiz-lhe o pedido. Ele sabia perfeitamente onde estava a cassete, uma vez que tinha tudo organizado por anos e meses, mas era impossível fazê-la chegar aos Estados Unidos a tempo.

«Vais ter de passar o vídeo para um ficheiro de computador», propus.

«Como é que eu faço isso?», perguntou-me.

Seguiu-se meia hora de conversa sobre ligações, cabos, reprodutores de vídeo antigos, ficheiros de vídeo digitais. De um lado, eu pesquisava por tutoriais para converter formatos VHS; do outro, o meu pai manobrava cabos e ligações enquanto a minha tia-avó e a minha mãe lhe davam instruções ridículas e tentavam ajudar como podiam. A certa altura, percebemos que seria impossível fazê-lo sem um adaptador. O meu pai anunciou que ia a uma loja num centro comercial, e desligámos. Enquanto esperava, não me saía da cabeça a imagem de Levi e do guru barbudo. Trinta minutos depois, o meu pai tornou a ligar. Estava tudo pronto. A cassete foi

transferida para um ficheiro, que ele enviou para o meu *email*. Usámos o portátil de Nolasco, mas, como a Internet era algo lenta, tivemos de esperar quase meia hora para descarregar o vídeo para o *desktop*.

Quando a operação terminou, eram cinco e meia da tarde.

«Bom, isto quer dizer que jantamos por Troy», concluiu ele.

Pegámos nos casacos e saímos.

Frances LaCombe morava em Riley Cove, mesmo nas margens do Saratoga. Vivia sozinha numa casa pequena, de um piso, toda pintada de branco, com uma balaustrada da qual praticamente se podia mergulhar nas águas tranquilas do lago. Batemos-lhe à porta por volta das sete da tarde, e a mulher abriu-a com um ar perplexo, como se não recebesse visitas há muitos anos. Nolasco apresentou-se como investigador privado; eu era o seu ajudante.

«Como se chama?», perguntou-lhe ela.

«Chamo-me Taborda», respondeu Nolasco. «E este aqui é o Bill.»

«Bill Quê?», perguntou Frances, desconfiada.

Fiquei tão atrapalhado com a súbita vingança de Nolasco que dei a resposta mais estúpida:

«Bill Clinton.»

«Como o presidente dos Estados Unidos?»

«Exacto», repliquei. «Foi uma sorte que eu tive.»

Ela deve ter estranhado tudo aquilo, mas deixou-nos entrar. Devíamos parecer demasiado parvos para sermos bandidos.

«Acabei de chegar do trabalho», disse. «Desculpem a desarrumação.»

Apesar do aviso, a casa estava impecável. Tinha um relógio na sala que marcava ruidosamente os segundos e havia dois gatos aninhados um no outro, no sofá. Era a casa de uma mulher mais velha, ou então divorciada ou eternamente solteira; não era lugar para uma rapariga com vinte e sete anos, ainda por cima bonita como Frances era — olhos azuis muito grandes, cabelo castanho-claro, magra, elegante.

Ofereceu-nos chá. Nolasco aceitou, eu declinei.

«O que querem?», perguntou, regressando com duas chávenas.

«Sr.^a LaCombe, estamos a investigar um caso que a Polícia deixou em aberto em 1998», respondeu ele. «Tem a ver com a escola onde a senhora andou e um suspeito que anda debaixo de olho desde esses tempos.»

«Sim, eu fui violada», afirmou Frances, atalhando. «Não é segredo nenhum, Sr. Taborda. Escusa de estar com rodeios.»

Ficámos os três em silêncio.

«E apresentou queixa à Polícia, na altura?», perguntei eu, finalmente.

«Você é americano?», quis ela saber. «Tem um sotaque estranho.»

«Sou sul-americano», menti.

«E chama-se *Bill Clinton*?»

«Uma enorme coincidência», disse eu, enterrando-me ainda mais naquela mentira ridícula.

«Ah», respondeu ela. Depois sorveu o chá ruidosamente, como é típico das senhoras de idade. «Na altura, eu quis apresentar queixa. Teria feito tudo para que o homem tivesse sido encontrado e preso por aquilo que me fez.»

«E porque é que não apresentou?», perguntou Nolasco.

«Porque não me deixaram. Conte à minha tutora, na Grace Willard. Conte à directora da escola. Conte aos meus pais.» Olhou para a mesa, onde repousava um vaso de cerâmica desengraçado. Um dos gatos veio aninhar-se aos seus pés. «Mas toda a gente me pediu que ficasse calada. Até o meu pai.» Ergueu o olhar para nós. «Presume-se que um pai proteja uma filha, não é?»

De relance, vi Nolasco a esfregar as mãos como se estivesse sobejamente interessado nas palavras de Frances.

«É incompreensível», concordou ele.

«Provavelmente, a Polícia chegaria à conclusão de que a culpa era minha», continuou ela. «Afinal, eu desejara aquele encontro, pedira para ter uma *experiência sexual*, aventurara-me, contra todo o bom senso, contra todas as regras, fora dos limites da escola. Disseram-me que o melhor era esquecer o assunto. Eu estava prestes a entrar para a universidade, tinha uma bolsa para Harvard, e um escândalo destes...»

«Isso não dá direito a ninguém de a violar», intervim.

«... mas eu sempre soube que, um dia, esse filho da puta acabaria por ser investigado», disse Frances.

«Estamos aqui para isso», adiantou Nolasco.

«O que estudou em Harvard?», perguntei-lhe.

Ela pegou no gato e, recostando-se, pôs-se a afagar o animal, que ronronava baixinho.

«Nunca cheguei a frequentar Harvard», contou. «O que me aconteceu deixou mazelas profundas. Deixei de conseguir dormir, de ser capaz de estudar. No ano seguinte, fui para a City Tech, em Brooklyn, onde me formei em Serviços Públicos. Trabalho no departamento de sanitização da câmara municipal de Troy.»

Nessa altura, Nolasco abriu a sua mala de tiracolo e tirou o computador do interior. Abriu-o e carregou no botão para ligar a máquina.

«O que é isso?», perguntou ela. «Eu preferia que não gravassem nada.»

«Não vamos gravar», disse Nolasco. «Quer ajudar-nos?»

«A fazer o quê?»

«A apanhar o tipo que lhe fez isso. Que fez isso a tantas outras alunas daquela escola.»

«Quero», respondeu Frances sem hesitar.

«Vou mostrar-lhe um vídeo», continuou ele. «É antigo, mas estamos em crer, eu e o Bill, que o homem que a violou se encontra algures nestas imagens.»

«Mas eu nunca lhe vi o rosto. Ele usava uma máscara...»

«Pode não o ter visto, mas ouviu-o», interrompi. «Talvez através da voz consigamos chegar a uma conclusão.»

«Passaram-se dez anos», disse ela. «Acho difícil lembrar-me da voz dele.»

«Peço-lhe apenas que tente», insisti.

Nolasco iniciou o vídeo. O segundo gato pareceu interessado no que estávamos a fazer e desceu do sofá, as suas patas matreiras arranhando o tecido barato. Eu nunca não tinha visto a filmagem e, de repente, vinte anos depois, surgiram no monitor as imagens daquele Agosto de 1987 — a data aparecia em grandes letras brancas na parte inferior direita do ecrã, e a hora também (19:38). Era a filmagem que o meu pai tinha feito da festa em casa dos Walsh, no Lagoeiro. Ouviam-se inúmeras vozes. Reconheci imediatamente a algaraviada do Maria, o vizinho tarado; a voz da minha irmã; os latidos de Ben e de Bill, agitados pela presença de tanta gente. A câmara passou rapidamente pelo rosto de Laura, que sorriu para a lente do meu pai. O plano demorou-se nela um segundo, mas foi o suficiente para eu sentir o mesmo aperto no estômago que experimentara quando era só um miúdo e não sabia nada de nada. A angústia adolescente de existir um mundo inteiro por descobrir, a convicção de que esse mundo estava inexplicavelmente ligado ao sorriso de Laura, o arrebatamento por aquela rapariga ao mesmo tempo presente e inacessível, terrena e alienígena. Ao vê-la como ela era então — menos magra, os seios entumescidos da adolescência, a pele dourada do sol — fui invadido por uma grande melancolia.

Nolasco deu-me uma cotovelada.

«É mais para a frente?», perguntou, arrancando-me ao sonho.

«Sim», respondi.

Chegámos à parte em que o meu pai filmara o discurso de Noah Walsh. Era tão estranho ver o pai de Laura naquelas imagens (tinha trinta e sete anos naquela noite), pleno de confiança, os ombros largos e os braços musculados, o rosto

sem rugas, o cabelo grisalho puxado para trás; o pólo azul-claro, o sorriso permanente. Noah abraçava Matthew Pinkus.

«Quero agradecer profundamente a este homem. Chegou hoje de Miami, dêem-lhe um desconto se nem sequer perceber onde se encontra. Este é um amigo dos bons, conhecemo-nos desde os tempos de Columbia...»

«Feche os olhos, se isso ajudar», propôs Nolasco.

A mulher fechou os olhos. Tinha os lábios entreabertos, que tremiam ligeiramente, e o gato ao colo. Noah continuou o seu discurso; fora da imagem, Clarke, com o seu inconfundível sotaque inglês, gritava alguma coisa. Depois, Noah concluía:

«... prometo uma festa aqui mesmo, nesta casa, por enquanto alugada, mas que queremos tornar nossa, uma casa de família, como a que temos em Nova Iorque. Prometo uma festa de tema oriental. Vamos ter sushi, samurais e lanternas no céu!»

A gravação prosseguiu, mas Frances abriu os olhos e abanou a cabeça em sinal de negação.

«Nada?», perguntou Nolasco.

«Sinto muito, Sr. Taborda», respondeu. «Não consigo lembrar-me. Ou, então, não foi esse homem.»

«Tem a certeza?»

Ela assentiu. Nolasco ia parar o vídeo e desligar o computador quando Frances levantou o indicador da mão direita.

«Espere», pediu ela. «Pode voltar atrás uns instantes?»

Nolasco recuou uns segundos na gravação. A câmara desviara-se de Noah Walsh e passava agora por Leah, por um Clarke embriagado e histriónico; e por Matthew Pinkus, que falava com uma mulher que eu desconhecia — uma das convidadas estrangeiras dos Walsh. A conversa era inaudível,

porque os cães ladravam e as restantes vozes abafavam quase tudo.

«Aquilo», disse Frances no momento em que uma espécie de terror lhe atravessava o rosto.

Nolasco pausou o vídeo, depois recuou mais uns segundos. Tornou a carregar no *play*. Embora a câmara estivesse a desviar-se do rosto de Pinkus, ainda o conseguíamos ouvir:

«*Mas que encanto...*»

Nolasco parou a gravação.

Ficámos os dois a olhar para Frances, cujas mãos tremiam enquanto afagava o gato.

«Era essa a voz.»

«Tem a certeza?», perguntei.

«Não tenho dúvida nenhuma.»

Jantámos num *diner* à saída de Troy: hambúrgueres, batatas fritas, salada. A revelação de Frances demorou o seu tempo a assentar. Os últimos dias tinham sido tão intensos, que eu quase não conseguia falar. Tudo continuava a fazer muito pouco sentido, mas, ao mesmo tempo, parecia-me que estava mais próximo da verdade do que nunca. O que me atormentava era isto: se Pinkus era o Homem Invisível, como Frances acabara de nos garantir ao escutar a sua voz, por que razão Dermot, em 1998, dissera que o seu interlocutor desconhecido ao telefone — o mesmo Homem Invisível, afinal — usava as palavras *pequeninas* ou *minhas pequeninas* para descrever as raparigas do colégio, palavras essas que, por sua vez, Winnie associara a Noah Walsh?

Não partilhei este pensamento com Nolasco; já era tudo demasiado confuso. Em vez disso, perguntei enquanto terminávamos a refeição e ele bebia uma enorme chávena de café:

«O que é que fazemos com isto?»

«Bom, a meu ver, existem duas opções», respondeu ele. «Ou você continua a investigar, e isso vai custar-lhe tempo e dinheiro, ou, então, procura o advogado das irmãs Walsh, conta-lhe as coisas que descobriu e deixa que seja ele a tratar do assunto.»

«Acha que reabririam o caso por causa disto?»

Nolasco abanou a cabeça.

«Nem pensar. Qual é a relação entre isto e o homicídio do Noah Walsh?»

«Está a brincar? O sócio dele envolvia-se sexualmente com miúdas da escola que as filhas frequentavam. O que faria o Noah se descobrisse isso?»

«Tem provas de que ele alguma vez esteve com a Laura ou com a Levi?»

«Não.»

«Ora aí está a sua resposta», disse Nolasco. «O máximo que você conseguiria, nesta altura, seria uma história secundária sobre um caso de abusos sexuais que aconteceu há dez anos e que envolve uma figura desconhecida do público.»

«Tem de haver maneira de relacionar os dois casos.»

«Porque é que *tem de haver maneira*, Bill Clinton? Só porque você quer que assim seja?»

De repente, senti-me irritado com Nolasco. Dava a sensação de que tudo o que eu sugeria representava um recuo que só nos levava para lugares mais complexos e indecifráveis. Levei a mão ao bolso do casaco e tirei o recado que alguém tinha deixado para mim na pensão em Philmont; mostrei-o a Nolasco.

«*Vá até ao fundo*», leu ele.

«Alguém deixou este recado para mim na pensão em Philmont.»

«O que é que significa?»

«Que, aparentemente, não sou o único que quer saber a verdade.»

O jornalista sorriu.

«Julgava que o chefe Ditmas estava reformado.»

«O quê?»

«O Bernie Ditmas. Foi ele que escreveu isso.»

«Como é que sabe?»

Nolasco terminou o café e limpou a boca com o guardanapo.

«Há mais de vinte anos que trabalho no *The Herald*. Acha que não conheço de ginjeira a caligrafia do homem que foi chefe da Polícia durante tanto tempo?»

Sáímos do restaurante e fizemo-nos à estrada. Fui o caminho inteiro a pensar no vídeo de 1987 — na voz que Frances identificara e no chefe Ditmas, que Milton afirmara ser um esbirro da família Walsh. Talvez não o fosse assim

tanto, concluí; talvez, nesta maldita história, alguém soubesse mais do que aquilo que pudera revelar dez anos antes.

Fui devolver o carro alugado a Ghent e apanhei um táxi para Philmont. Quando cheguei à pensão, fui directamente ao quarto de McDonald. Eu tinha levado a sério as ameaças dele, a história dos mexicanos em Tucson. Bati à porta levemente, a seguir com pancadas mais fortes. Uma mulher de quarenta anos abriu e disse-me que não conhecia ninguém chamado Peter McDonald. Desci à recepção, onde o homem gordo lia uma revista erótica. Perguntei pelo produtor e por Jessie. Ele hesitou e, com um grunhido, desencostou-se da cadeira lambida do seu suor e foi verificar o livro de registos.

«Foram-se embora esta manhã», disse. «E você tem de vagar o quarto até às dez horas de amanhã.»

Fiquei perplexo. Saí da pensão — estava frio e protegi-me atrás de uma árvore junto do alpendre — e liguei para o número de McDonald. O telemóvel estava desligado. De súbito, ocorreu-me o que acontecera. Voltei para o quarto e, depois de enviar uma mensagem a Luísa, tentei dormir. Sonhei com coisas absurdas: rostos e acontecimentos do passado que se misturavam com o presente; um daqueles sons intranquilos, cheios de ansiedade. Às cinco e meia da madrugada, o telefone tocou. Ainda não existia qualquer vestígio de luz, apenas os números do relógio digital na mesa-de-cabeceira. Atendi e senti-me imediatamente aliviado por ouvir a voz de Laura.

«O McDonald roubou o teu número», afirmei, ainda rouco do sono. «Estou perdido no meio de nenhures.»

«Eu sei», respondeu Laura. «Ele ligou-me ontem. Quer entrevistar a minha irmã e quer entrevistar-me a mim.»

«Isso só pode querer dizer que eu deixei de ser uma prioridade.»

«Suponho que sim. Quando voltas para casa?»

«Tenho um voo amanhã», disse eu. A sensação de alívio, de regressar a casa, era dúbia e misturava-se com o mesmo sentimento de fuga que eu experimentara em Dezembro de 1998.

«Achas que podes vir a Nova Iorque? Só por um dia. Penso que preciso de ti aqui.»

«Vou», respondi. «Seja como for, tenho de apanhar o avião no JFK.» Fiz uma pausa e sentei-me na cama, na escuridão. «Como está a tua irmã?»

«Está metida numa confusão sem tamanho. Não viste os jornais?»

«Vi. Quem é aquele homem?»

Ouvi Laura suspirar do outro lado.

«Alguns guru espiritual que ela trouxe da Índia», respondeu. «Foram os dois para o apartamento da Quinta Avenida, que esteve alugado até há pouco tempo. Não sabia onde os pôr. Fui buscá-la ao aeroporto e, de repente, ela aparece-me com aquele sujeito, praticamente descalço e malcheiroso, nem lhe consigo ver a cara por causa do cabelo e da barba tão compridos. Ela trata-o por *Bodhi* e ele trata-a por *Boonsri*. Falam numa língua que eu não entendo. E a minha irmã está tão diferente... É como se nem sequer fosse a mesma pessoa. Ainda não consegui falar com ela decentemente, parece que aterrou de outro planeta.»

«A Índia é mesmo outro planeta. Dá-lhe algum tempo.»

«Ah, lembras-te do que me perguntaste sobre o quadro?», disse Laura. «Liguei para a minha mãe em Paris. Essa cabra. Tive de o fazer, porque ela continua a ser dona de uma percentagem das propriedades, e não podia meter a Levi na Quinta Avenida sem lhe comunicar. Ela disse-me que foi o tio Matthew quem ofereceu esse quadro ao meu pai.»

«Quando?»

«Há muitos anos. Na altura em que a Levi nasceu, por volta de 1981. Pelo menos, é o que a minha mãe diz.»

«Eu apanho o primeiro comboio», prometi.

«Obrigado.»

«Entretanto, liga ao Lombardi. Ele ainda está no activo?»

«Que eu saiba», respondeu Laura «Porquê ligar-lhe?»

«Porque vais precisar dele. É o único que acredita que isto ainda está por resolver e que sempre existiu uma ligação entre os dois casos, que ficou por provar.»

«Ele e tu», acrescentou Laura.

«Mas eu tenho de voltar para casa.»

Ceguei a Nova Iorque às dez da manhã. Uma vez mais, dormira muito pouco e sentia-me um *zombie*, a tentar navegar por uma das cidades mais agitadas do mundo com a minha bagagem de mão. Encontrei-me com Laura junto do arco de Washington Square. Assim que me viu, abraçou-me longamente, afagando-me a nuca com a mão direita.

«Fizeste-me falta», disse ela.

Caminhámos até ao apartamento da Quinta Avenida, que ficava na esquina com a East 11th. Uma brisa suave percorria

as ruas, e o sol descobrira uma brecha por entre as nuvens; o tempo era um prenúncio de Primavera. contei-lhe o que acontecera no lago Saratoga e as coisas que Frances dissera sobre o vídeo que eu e Nolasco lhe tínhamos mostrado.

«O tio Matthew?», disse Laura com uma expressão de perplexidade. «Ela tem a certeza?»

«Sim», confirmei. «Foi ele que a violou.» E depois, sem saber porquê, acrescentei: «Lamento.»

«O que é que uma pessoa faz com uma notícia dessas?»

«Por enquanto, nada. A menos que consigamos relacionar os dois casos.»

Laura estacou. Tinha um cachecol verde enrolado ao pescoço e pusera um pouco de batom nos lábios, mais vermelhos do que o habitual. Perguntei-me se o teria feito por mim.

«Isso significa que o tio Matthew e a Levi...»

«... significa que ele podia ter mostrado interesse nela.»

«E que o meu pai descobriu», afirmou Laura. «E daí o conflito entre eles. As discussões nocturnas, o homicídio. Mas qual deles é que matou o outro?»

«A outra hipótese é a tua irmã ter matado o teu pai por causa do Matthew», sugeri.

«Isso é inconcebível.»

Dei-lhe a mão.

«Não podemos excluir nada. A Levi podia estar apaixonada.»

«A minha irmã não estava apaixonada», contestou. «Muito menos pelo tio Matthew. Se isso tivesse acontecido, eu teria sabido.»

«A tua irmã falava constantemente de um *ele*, Laura. Um *ele* que viria por ela, que a esperava. Etc., etc. Não pões a hipótese de esse *ele* ser o Matthew Pinkus?»

«Não.»

«E como é que *terias sabido*? Tu e a Levi não eram propriamente as melhores amigas. Viam-se umas quantas vezes por ano, não foi o que disseste? De que maneira é que ela te contaria? Ligava-te do colégio e dizia: ‘Olha, nem imaginas o que aconteceu, apaixonei-me pelo sócio do pai.’ Era assim que tu saberias de certeza?»

Laura libertou-se da minha mão.

«Estás a ser cruel.»

«Desculpa. Estou muito cansado.»

«Ela continuou a falar com alguém depois da morte do meu pai e do tio Matthew», disse Laura. «Alguém que continuava vivo. Eu contei-te.»

Sentia-me estúpido arrastando uma mala no meio da Quinta Avenida, metido numa discussão daquela natureza. Esfreguei os olhos; tudo começava a assumir contornos de irreabilidade.

«Não me parece que possamos confiar no que a Levi nos contou», acrescentei. «Ela não estava bem.»

Laura respirou fundo.

«Tens razão.»

«E também não precisamos de tirar conclusões nenhuma hoje.»

Laura ergueu o rosto e observou-me.

«Mais tarde ou mais cedo, vamos ter de as tirar. Por essa altura, já estarás em casa, junto da tua família», rematou ela, e continuámos a caminhar.

Entrámos num edifício alto, em tijolo castanho, e subimos ao 13.º andar num elevador antigo e ferrugento. Era naquele lugar que as irmãs tinham passado parte das suas infâncias, onde tinham vivido com os pais. Laura abriu a porta do apartamento. No interior, havia um silêncio sepulcral, entrecortado pelo rumor distante de vozes, que podiam vir de qualquer lado, do próprio apartamento ou de outros andares. O lugar era enorme: corredores longos, um pé-direito muito alto, esparsamente decorado, sombrio. Devia valer uma fortuna, pensei enquanto seguia Laura pelos corredores praticamente vazios. No quarto dos fundos, de persianas corridas, um homem dormia, de costas, numa cama de casal. A porta estava aberta e do interior saía um odor a suor, a corpo por lavar; no chão, uma grande mala de viagem e uma mochila, com vários objectos e roupa espalhados pelo quarto.

Laura fechou a porta devagarinho.

«Está a dormir, felizmente», disse ela.

Depois começámos novamente a ouvir vozes provenientes de uma divisão à porta fechada. Laura abriu-a e encontrámos Levi sentada numa cadeira, a ser filmada por Jessie, que montara a câmara num tripé. McDonald estava de pé, encostado a uma estante alta, onde apenas restavam meia dúzia de livros esquecidos pelo tempo.

«O que é que está a fazer aqui?», perguntou Laura. «Não foi isto que combinámos.»

McDonald levou um indicador aos lábios, fazendo-lhe sinal para que se calasse. Levi estava de pernas cruzadas sobre a cadeira; porque era pequena, conseguia sentar-se daquela maneira. Tinha os olhos semicerrados e parecia ter entrado numa espécie de transe. A atmosfera pesada era ajudada pelas cortinas que ocultavam o dia, deixando o quarto numa penumbra fantasmagórica.

A câmara filmava-a de frente, sem interrupções.

Abril de 2006

Hesaraghatta, North Tehsil, Bangalore,
Karnataka

Conhecia-o desde sempre.

Desde que nascera. Duas pessoas separadas apenas por uma ilusão.

Levi aterrou em Bangalore no princípio de Abril. A época das monções chegaria nos meses seguintes, proveniente de Kerala — os ventos ciclónicos, a chuva que nunca cessava, os trovões e as tempestades sem remissão.

Até ver, o tempo era sempre o mesmo. Trinta e poucos graus, elevada humidade, os dedos dos pés constantemente molhados. Era a mesma sensação que tivera, durante tantos anos, no Centro de Detenção de Menores. Todas as suas companheiras de prisão usavam sandálias; os espaços eram constantemente regados por baldes de água, ficando cobertos de poças. Chovia dentro do centro. As reclusas passeavam-se, depois dos duches, só de toalha, deixando o chão ainda mais húmido. Ao chegar a Bangalore, Levi teve a mesma sensação. O calor e o *jet lag* dominaram-na, deixando-a prostrada durante um dia inteiro no quarto fedorento de um minúsculo hotel de onde podia ver a rua lamacenta. Na rua, uma família inteira sobrevivia ao abrigo de uma palmeira. O pai tinha as duas pernas mutiladas; os filhos corriam de um lado para o outro, pedindo esmola, roubando fruta, garantindo a

sobrevivência dos progenitores. Nesse dia, apeteceu-lhe abrir a mala de viagem e oferecer àquela família os milhares de dólares que trouxera consigo. O resto dos cinquenta mil dólares, depositara-os na conta dele.

Aguardou quase uma semana pelo esperado contacto. Praticamente enlouqueceu: Bangalore tinha dez milhões de habitantes e, embora fosse, dentro do universo que era a Índia, uma cidade razoavelmente civilizada, o barulho era estonteante. Levi passava as noites a suar, debaixo do mosquiteiro que toscamente cobria a cama, a sonhar com a prisão de menores: sonhava que ainda se encontrava na cama estreita, num quarto partilhado com três raparigas, todas elas adolescentes detidas por tráfico de drogas, assaltos, agressões violentas. Levi era a única assassina. *Menina do papá*, como lhe chamavam, por vezes, as prisioneiras que queriam provocá-la; ou, mais exactamente, *a menina do papá que matou o papá*.

Na Índia, tudo era diferente. As pessoas sorriam-lhe. Os carros e as motas nunca deixavam de buzinar. O ruído era infernal, os cheiros nauseabundos, mas a felicidade via-se por toda a parte. Era fácil compreender a razão para ele ter escolhido aquele lugar. Ali, tudo era um paradoxo e tudo era primordial. A vida e a morte não eram criteriosamente seleccionadas e editadas; a vida e a morte eram a mesma coisa. Uma tarde, ao passear por uma rua de Bangalore, encontrou uma vaca moribunda coberta de moscas. O animal tinha uma grande ferida na barriga. Provavelmente, fora atingido por um veículo, ou atacado por um bando de mendigos esfomeados. Era impossível dizer. A vaca apodrecia naquele calor imundo. Levi aproximou-se do bicho e, primeiro a medo, depois cheia de compaixão e, finalmente, de lágrimas nos olhos, afagou a

cabeça da vaca, observando os olhos bonitos do animal a fecharem-se enquanto aguardava, quieta, pelo último suspiro. Morreria nessa tarde. Um dia, sem pressa, alguém a tiraria dali, do meio da rua de terra e onde as fezes se acumulavam junto dos canteiros.

Levi deu-se conta de que era a primeira vez, em oito anos, que tocava nalguma coisa viva com aquela intensidade, com aquele amor.

Seis dias depois de ter chegado a Bangalore, o contacto chegou. Ele escrevera-lhe, dando-lhe indicações precisas de como o encontrar. O coração de Levi abriu-se. Finalmente encontrar-se-iam, estariam juntos após tanto tempo de separação. Devia apanhar um comboio até Yelahanka e, a seguir, arranjar um táxi que a levaria pelos últimos quilómetros até Hesaraghatta. Alguém estaria à sua espera junto do velho cinema.

Hesaraghatta era uma pequena aldeia indiana com uma rua principal cheia de lojas que vendiam de tudo — de lâmpadas a tecidos raros, de cocos a frigoríficos, de telemóveis a especiarias para colorir as roupas. Viu mulheres ajoelhadas junto de um tanque, a esfregar a roupa, enroladas em saris de todas as cores; viu um grupo de crianças da escola a roubar fruta de uma loja; viu dois turistas perdidos a comprar caramelos numa doçaria de esquina; viu dois homens embriagados junto da loja de bebidas. Descobriu facilmente o cinema. Era um edifício muito antigo, com um *poster* dos anos oitenta a anunciar um filme de Bollywood. À sua espera estava um indiano sorridente e desdentado que a convenceu a entrar num riquexó que ele puxava manualmente. Era incrível que um indivíduo tão magrinho pudesse ter tanta força.

Atravessaram Hesaraghatta até saírem da povoação. Assim que chegaram aos campos circundantes, a estrada começou a desaparecer; a certa altura, era apenas lama, e as pernas e os pés descalços do homem enterravam-se fundo, mas ele sorria e nunca desistia. Passaram por árvores retorcidas, montanhas de lixo que cheiravam ao fim da Humanidade, terrenos ardidos, pobres que se deitavam para morrer à beira da estrada, com o incompreensível sorriso estampado no rosto.

Ali, a vida e a morte eram a mesma coisa.

Lembrou-se de Laura, das semanas passadas em Toronto. O mundo ocidental era uma ilusão, pensou Levi. Construído para que o Homem e a Natureza se separassem em definitivo; para que o conforto e o calor substituíssem a rudeza, a brutalidade e a essência da original experiência humana — e a sua recompensa, a união ou a simbiose entre a pele e o que estava no exterior da pele.

Fora destas realidades que ele e ela haviam falado durante todos aqueles anos. Da primeira vez que o viu, à distância, da janela do seu quarto, na Grace Willard, não teve a certeza de quem era. Escondido entre as árvores, era apenas uma sombra de contornos familiares, que surgiu para logo desaparecer. A insistência dele acabou por expor a identidade. Em Chatlam, durante os longos Verões, começaram a encontrar-se às escondidas da família de Levi. Mais tarde, nos anos que ela passou na prisão, ele escrevia-lhe quase todas as semanas. Cartas longas, manuscritas, que queimava a pedido dele assim que terminava de as ler. Depois, passaram aos *emails*, quando Levi teve acesso a um computador partilhado na prisão. Ela escrevia-lhe de manhã, e ele respondia-lhe à noite. Em Toronto, no pequeno quarto de visitas onde ela dormia, no apartamento de Laura, escreviam-se a todas as horas do dia.

Vem ter comigo, pediu-lhe ele. *Não te demores mais*. E ela assim fez.

O indiano travou à entrada de uma espécie de reserva no meio do bosque. Um portão de madeira e uma cerca isolavam o lugar. O portão era esculpido, com deuses hindus com vários braços, e humanos com tromba de elefante. O condutor do riquexó pôs-lhe as malas no chão e, sorrindo muito, desapareceu pelo mesmo caminho de onde viera, as pernas enlameadas. Uma mulher de sessenta anos surgiu ao portão. Usava um sari verde e os seus olhos brilhavam de uma maneira que Levi nunca vira. Pegou-lhe na mão e, ajudando-a com a bagagem, entraram na reserva e seguiram por um caminho que estreitava por entre vegetação luxuriante. Uns quantos macaquinhos pulavam de uma árvore para outra; cobras rastejavam pelo chão empedrado. O calor era intenso, a humidade ainda mais forte do que em Bangalore ou Hesaraghatta. Em menos de cinco minutos, chegaram a um recinto circular, com um extenso telheiro de palha, dentro do qual se sentavam vinte ou trinta pessoas em cima de almofadas coloridas. Um homem alto, de ombros largos — mas tão magro que se lhe viam as costelas por baixo da pele —, encontrava-se de pé, as mãos unidas à frente do corpo, e falava baixinho numa língua que ela desconhecia. Tinha o cabelo muito comprido, negro e espesso. A barba ocupava-lhe o rosto inteiro, a boca era invisível. A mulher murmurou a Levi, num inglês simples, que levaria as coisas dela para o quarto enquanto a rapariga ficava a ouvir o sermão matinal de Sri Anish.

«Mas eu não compreendo a língua», disse Levi.

A mulher sorriu, benévola.

«Isso não importa.»

Levi sentou-se junto do grupo que escutava as palavras de Sri Anish. O homem falava devagar, com grande cuidado, pronunciando cada palavra em sânscrito como se não fossem palavras, mas pétalas de uma flor de lótus. As trinta pessoas que o escutavam, grande parte delas indianas, uns quantos ocidentais, sorriam e abanavam as cabeças em concordância. Quinze minutos depois, todos se levantaram, uniram as mãos em frente do rosto e fizeram uma vénia ao orador. Levi imitou-os.

Depois, Sri Anish veio até junto dela quando todos os que assistiam já haviam partido. Sorriu-lhe. Tinha os dentes amarelados debaixo da barba, mas o sorriso era o mesmo.

Ela afastou-lhe o cabelo do rosto, e os olhos também eram os mesmos.

Ele deu-lhe a mão, e as suas mãos eram as mesmas, embora mais enrugadas e ásperas.

Abraçaram-se com uma ternura esquecida e Levi chorou durante muito tempo nos braços do seu *Bodhi*.

Tinha, finalmente, chegado a casa.

Março de 2008

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Jessie disse um palavrão: tinha ficado sem cassete na câmara.

Foi a um canto do quarto buscar outra cassete e, apressadamente, substituiu a usada pela nova. A luz vermelha regressou à câmara, indicando que a gravação reiniciara. Estávamos todos atrás de Jessie, a olhar para Levi, que, de olhos fechados, parecia ter terminado a sua história; ou, pelo menos, fizera uma pausa.

«Porque voltaram para Nova Iorque?», perguntou-McDonald, acendendo um cigarro.

Levi sorriu. O cabelo curto realçava-lhe as maçãs-do-rostto, que continuavam cobertas de sardas, apesar de o tom da pele ser agora mais escuro do que eu recordava.

«Porque queria ver a minha irmã», respondeu Levi.

Olhou para Laura, que, ao meu lado, abraçara o próprio tronco, como se estivesse com frio.

«O que significa *Bodhi*?», perguntou McDonald.

«Significa iluminado», respondeu ela. «Era a árvore debaixo da qual o Buda chegou ao seu despertar. Uma figueira.»

«E quem é este teu *Bodhi*, Levi?»

Ela tornou a sorrir. Mantinha o olhar no chão, nunca encarando McDonald.

«É apenas alguém que me ama e que eu amo. Essa é a forma suprema de iluminação: o amor completo, desinteressado.»

«Mataste o teu pai?», perguntou o produtor, bruscamente.

«Nem pense!», gritou Laura. Olhou para Levi. «Não tens de responder, querida.»

Levi ergueu a mão direita, indicando que estava tudo bem.

«Claro que não matei o meu pai», respondeu ela. «Ele já estava morto há muito tempo.»

«Podes elaborar mais um pouco essa resposta?», pediu McDonald.

«O meu pai era um homem perdido, sem qualquer espécie de fé», disse Levi. «O que pode haver pior do que alguém que se afastou tanto de si, da sua própria natureza, que vive rodeado de sombras, de fantasmas? De falsos ídolos?»

«E achas que alguém merece morrer só por se encontrar nessa condição?», tornou o produtor.

Laura quis avançar um passo para interromper a gravação de Jessie, mas eu segurei-lhe o braço. Já que tínhamos chegado àquele ponto, mais valia esperar para ver o que acontecia.

«A morte e a vida não são assim tão diferentes», disse Levi. «São as duas faces da mesma moeda.»

McDonald parecia começar a perder a paciência.

«Isso é um subterfúgio para não dares respostas concretas», acusou McDonald, soprando o fumo do cigarro para o ar. «Alguma vez tiveste medo do teu pai? Quando eras pequena, por exemplo?»

Levi ficou em silêncio durante muito tempo.

«Podes responder, querida?», disse Laura, suavemente.

«Sim», respondeu Levi. «Tive medo dele.»

«Lembras-te de algum episódio em particular?», insistiu o produtor.

«Estávamos numa floresta.»

«Que idade tinhas? O que estavas a fazer na floresta?»

«Não me lembro», respondeu.

De repente, ocorreu-me a história que Doris Mullens contara sobre o tronco da árvore. Levi parecia agora amedrontada; dobrou as pernas na cadeira e abraçou-as. Com aquele gesto, parecia regressar à miúda tímida e recatada que em tempos fora.

«E porque é que tiveste medo do teu pai nesse dia?»

«Não me lembro», repetiu ela.

«Talvez estivesses a fugir dele, talvez ele te quisesse fazer mal. Tocar-te onde não devia, por exemplo», sugeriu o produtor.

«Pare com isso», ameaçou Laura.

«Levi, existe uma confissão assinada por ti, há dez anos», disse McDonald, mudando de estratégia. «Nessa confissão, dizes que és culpada pela morte do teu pai. *Insistes* que és culpada. O que é que mudou entretanto?»

«Mudou tudo», disse Levi. «Eu deixei de ser quem era nessa altura, uma miúda submissa, vergada à vontade dos outros. Agora...»

«... agora vergaste-te à vontade do teu *Bodhi*?», perguntou McDonald.

«Verguei-me à vontade do Amor. Eu e ele, os dois.»

«Mas ainda sentes medo», contrapôs o produtor. «O mesmo medo que sentias então. E o amor e o medo não são compatíveis, ou são?»

«Não», concordou Levi.

«Então talvez não tenhas mudado assim tanto.» Levi pareceu encolher-se ainda mais, escondendo o rosto nos joelhos. «Se o caso estivesse a acontecer agora, terias assinado aquela confissão?», insistiu McDonald.

Houve um silêncio prolongado.

«Se fosse agora, eu saberia que não o tinha matado. Nessa noite, fui drogada, perdi a memória durante um tempo...»

«Quem te drogou?»

«Não sei.»

«Achas que pode ter sido o teu próprio pai?»

«Porquê?»

«Para fazer alguma coisa que tu não pudesses saber. Ou para morrer. E se ele quisesse morrer, Levi?», sugeriu McDonald. «Se ele quisesse organizar a sua própria morte, os comprimidos para dormir serviam para te manter longe dele. Só que, infelizmente, tu acordaste à hora errada e foste procurá-lo. Encontraste-o deitado no chão a esvair-se em

sangue. Em estado de choque, tiraste-lhe a faca do peito e caíste num canto da sala. E a Polícia encontrou-te assim.»

Laura olhava-me, furiosa.

«Fá-lo parar», pediu-me.

«Estou quase a terminar», protestou McDonald. «E se esta for a verdade, Levi? Gostavas de ilibar a tua reputação? Gostavas de ter o teu cadastro limpo? Gostavas de te livrar de uma acusação tão vil? Sabias que nos últimos vinte anos foram exonerados mais de dois mil prisioneiros que tinham sido injustamente condenados?»

«Eu não sou prisioneira», disse Levi.

«Pois eu diria que és», respondeu McDonald.

«Sou livre de fazer o que quiser.»

«Talvez na Índia», ripostou McDonald. «No teu país, és a rapariga que matou o pai. A *menina do papá que matou o papá...*»

Laura chegou ao limite com aquele comentário. Avançou um passo e desligou a câmara de Jessie. Este recuou perante a fúria dela, erguendo as mãos em sinal de rendição.

«Filho da puta!», gritou Laura para McDonald. «Quero-vos fora daqui agora.»

McDonald sorriu maliciosamente.

«*Okay*. Já tenho aquilo que queria», respondeu.

No corredor, enquanto se preparavam para sair, confrontei-o com a audácia do ardil que tecera para chegar às irmãs Walsh e acusei-o de me pôr de parte.

«Não te apoquentes, Taborda», disse McDonald enquanto Jessie arrumava o equipamento. «Achavas o quê? Que ias ser a estrela do meu documentário?»

«Deixaste-me sozinho em Philmont», protestei.

Peter largou uma risada sarcástica e apontou um dedo ao meu peito.

«Não, Murtaugh. Tu é que decidiste que ias fazer isto à tua maneira. Pensas que não sei do teu encontro com a Minnie, das tuas investigaçõezinhas com o Nolasco? Tentaste manter-me à margem, e fracassaste.» Vestiu o casaco. «Afinal, quem é o filho da puta aqui?»

Preparavam-se para sair. Antes de fechar a porta, McDonald voltou-se para trás e encarou-me.

«Boa viagem até casa», disse ele.

Nessa noite, jantei com Laura num restaurante asiático na East 10th, um lugar escuro que servia chamuças e *vindaloo*. Embora a comida fosse fantástica e os empregados tão sorridentes como os indianos que Levi descrevera, nenhum de nós tinha fome. Não obstante a arrogância e a chico-esperteza de McDonald (que irritariam qualquer ser humano), a verdade é que ele tinha razão: Levi podia ser exonerada, a reputação dela restabelecida, se o caso fosse reaberto e julgado com novas provas.

«E onde vais arranjar provas para reabrir o julgamento?», perguntou Laura.

«Há o depoimento da Frances LaCombe. Ela identificou o Matthew Pinkus como o Homem Invisível. Isso dá-nos, pelo menos, um motivo.»

«Para quê?»

«Para o Matthew querer matar o teu pai.»

«Ou o meu pai querer matar o tio Matthew.»

Engoli um pedaço de chamuça.

«Também há a transferência do dinheiro para o chefe Mitchell», lembrei. «Como é que se justifica que ele tenha recebido uma quantia daquelas da conta do Pinkus, a vítima do crime que ele andava a investigar? E aquele nome que a tua irmã escreveu na parede é o nome do barco no quadro que o Matthew ofereceu ao teu pai... É suficiente para ligar os dois casos, não achas? Um advogado decente pode levar estas novas informações ao juiz.»

Laura encolheu os ombros.

«Não sei», respondeu. «Liguei ao Lombardi e ele vem ter comigo amanhã.»

«A que horas?»

«Tu vais estar a voar sobre o Atlântico.»

Comemos em silêncio durante uns minutos.

«Achas que o velho Milton tem razão?», perguntou Laura, finalmente.

«Acerca de quê?»

«De tudo. De o meu pai ser um enorme cabrão, capaz de destruir uma vida só porque um tipo lhe ficou com a namorada quando tinham quinze anos.»

Hesitei antes de responder. O empregado indiano, cujos dentes brilhavam na penumbra, veio servir-nos água.

«Acho que é possível», disse eu. «O teu pai era um homem orgulhoso, cheio de ambição. Isso tem o seu lado negativo. A inveja, a cobiça podem transformar o homem mais sensato num selvagem.»

«E se ele matou mesmo o George?»

«O velho Milton diz que o teu pai o afogou no lago na noite do baile de Verão de Chatlam High, quando a Minnie já estava grávida. Mas o velho Milton é chanfrado, e pode ser só mais uma das suas paranóias.»

«Isso faria do meu pai um assassino desde os quinze anos», disse Laura.

«Mas não faz da tua irmã uma assassina desde os dezasseis», contrapus.

Laura esfregou o rosto com as duas mãos.

«Estou cansada desta história até aos ossos», disse. «De não saber a verdade.»

«Ela acabará por vir ao de cima, vais ver.»

Laura fitou-me com uma expressão neutra.

«Como as duas mil exonerações desde 1989.»

«Sim.»

Cruzou os braços, defensiva.

«Qual será a relação entre exonerações e injustiças? Casos que nunca foram adequadamente investigados? Pessoas acusadas e presas, vidas destruídas, tudo porque o sistema judicial falhou?»

«Não sei... Milhares.»

«Centenas de milhares», sugeriu ela.

«É possível.»

«Porque é que o caso da Levi há-de terminar numa exoneração? Para que isso aconteça, parece-me que é fundamental que a pessoa injustiçada queira muito limpar o seu nome. Ora, tu viste a condição dela, Pedro. Regressou da Índia mais estranha do que nunca, de mãos dadas com um Sri-Não-Sei-das-Quantas. Parece-te que a minha irmã é uma pessoa preocupada em defender-se? Em *exonerar-se*? Cá por mim, parece-me que ela não tem qualquer interesse nisso. Veio para aqui como podia ter ido para qualquer outro lado... só que na América tem um tecto, roupa lavada. Não tem de mijar nos arbustos nem de cagar para dentro de um buraco.» O empregado do restaurante aproximou-se com a ementa das sobremesas, mas Laura lançou-lhe um olhar tal, que o homem recuou imediatamente. «Não deixamos de ser quem somos só porque encontrámos um guru ou passámos uns anos numa prisão de menores. Ela continua a ser a mesma Levi que eu sempre conheci: alheada, incompreensível. Uma criatura de outro planeta.»

«Não me parece que tu acredites nisso», arrisquei. «Ela passou por coisas que nem tu nem eu podemos imaginar. Foi acusada de matar o teu pai. Esteve oito anos presa, Laura.»

«Em prisões de média e de baixa segurança. O Lombardi conseguiu-lhe um bom acordo, negociou com o tribunal como conseguiu. Pode ser que lhe tenham chamado *menina do papá*, que a tenham tratado mal aqui e ali, mas a Levi passou estes oito anos em estabelecimentos com bibliotecas, comida decente, passeios ao exterior. Não estive na solitária. E o que é que ela fez durante esse tempo? Andou a corresponder-se com um maluco qualquer na Índia e, entretanto, esqueceu-se de que

eu existia. Sabes quantas cartas lhe escrevi, sem nunca ter resposta?»

«Não.»

«Vinte e oito.»

«Lamento. Não sabia disso.»

Ela respirou fundo, abriu a carteira e largou uma nota de cinquenta dólares em cima da mesa.

«Quando saí da prisão, fui a única pessoa a ir buscá-la», disse Laura. «Levei-a para Toronto, quis dar-lhe uma nova vida. E ela, uma vez mais, recusou. Voltou-me as costas, como voltou sempre as costas a tudo o que lhe deram na vida, em favor das suas fantasias e delírios.»

«Tens razão, Laura. O que é que eu posso fazer para te ajudar?», perguntei.

«Gostava que, um dia, alguém fizesse estas coisas por mim», respondeu Laura, ignorando-me, começando a levantar-se. «Gostava de ter tido uma irmã.»

Nessa noite, fiquei hospedado no Memory Hotel, que ficava na Broadway, a três quarteirões da casa dos Walsh. Lembrava-me daquele lugar dos meus tempos de Nova Iorque, em 1998, porque era equidistante da livraria da New York University e da Strand (as que eu mais frequentava) e relativamente perto do McSorley's. Continuava a ser gerido pelo mesmo judeu barbudo e mal-encarado que eu vira tantas vezes à porta do hotel, sempre vestido de preto, de aspecto resmungão. Era um lugar barato, mas tinha sempre quartos vagos.

Tentei dormir, mas os sons de Nova Iorque não me deixavam sossegar. Laura viria ter comigo de manhã, para se despedir, e eu apanharia um táxi para o aeroporto. Quando olhei para o relógio, eram três da madrugada e o sono recusava-se a chegar. Corroía-me a sensação de que deixava aquela cidade no mesmo estado de inquietação de quando partira, dez anos antes. Continuaría a ser atormentado por aquela história; prosseguiria com a certeza de ter desistido do caso demasiado cedo, justamente quando a cortina parecia prestes a subir.

Tomado por um súbito ataque de pânico, pus-me a andar de um lado para o outro no quarto — tão pequeno, que só me permitia dar cinco passos em cada direcção —, até que, por volta das quatro da manhã, peguei no telefone e liguei para Lisboa. O sinal de chamada tocou três vezes. Depois, uma voz de criança surgiu.

«Pa-pá», ouvi.

Senti as lágrimas chegarem-me aos olhos.

«Olá, filho. Como estás?»

«Pa-pá», repetiu ele. «Vem p’a casa.»

«Vou», disse-lhe. «Passas o telefone à mãe?»

Escutei a voz de Luísa a falar docemente com ele.

«Estás a fazer-lhe promessas que não tens intenções de cumprir?», perguntou ela quando pegou no telefone.

«O quê?»

«De quanto tempo mais precisas?»

«Como é que sabes que preciso de mais tempo?»

«São quatro da manhã em Nova Iorque.»

Era inacreditável como ela sabia. Talvez soubesse antes de eu próprio saber.

«Mais uns dias. Uma semana, no máximo.»

«Faço um acordo contigo.»

«Já temos um acordo, lembras-te?»

«Pois fazemos outro.» Imaginei-os deitados na cama, o meu filho a brincar com a sua nave espacial e a minha mulher deitada de lado, naqueles momentos de sossego antes de o dia começar. «Quando voltares, ficas tu com ele, e eu vou a Veneza. Ou para um SPA. Ou escondo-me num hotel em Lisboa e não me pões a vista em cima durante quinze dias. Se calhar, encontras-me numa piscina, a brincar com um patinho de borracha, num estado pré-verbal.»

Comecei a rir-me.

«Nem imaginas o que está a acontecer por aqui», disse eu.

«Tu não dormes?», perguntou.

«Durmo quando regressar.»

«Quando regressares, tomas conta dele», repetiu. «É o acordo.»

Sentado na cama, escutando, ao longe, o som de uma ambulância, sorri e não tive dúvidas de que amava Luísa.

*

Quando desliguei, enviei um *email* para a companhia aérea para que remarcassem o meu bilhete. Calculei que uma semana seria suficiente, e era o máximo que eu me permitia estar longe do meu filho. Dormi quatro horas. Acordei às oito

e meia e, quando Laura chegou, anunciei-lhe que ficaria. Ela abraçou-me com muita força à porta do hotel.

«Desculpa ter-me passado ontem.»

«Tens razões para isso», disse eu.

«Tenho. Mas não contigo.»

Foi o dia em que reunimos com Lombardi. Fomos ao escritório dele, perto de Columbus Circle. Fizemos o caminho a pé enquanto Laura me contava que, na noite anterior, Levi tivera uma crise e se fechara durante duas horas na casa de banho, entre choro e gritos de raiva. Aparentemente, o interrogatório de McDonald devia ter mexido nalguma coisa que estivera adormecida dentro dela durante o tempo que passara na Índia. Por fim, já tarde, Laura convenceu-a a abrir a porta e a deixá-la entrar.

«E o Sri Não-Sei-Quantos, onde é que estava?», perguntei eu.

«O Sri Anish não fala», disse Laura. «Pelo menos, não fala inglês, não que eu tenha ouvido. Está sempre a sorrir e anda pela casa descalço, vestido com aqueles trapos. Às vezes, senta-se no chão do quarto e medita. Quando jantámos, ontem, comeu pouquíssimo, e depois foi deitar-se. Faz-me pequenas vénias sempre que se cruza comigo no apartamento. Ela parece amá-lo mais do que tudo. Abraçam-se constantemente; beija-lhe as mãos, tem uma adoração impressionante por ele, parece um discípulo de Jesus. Ele tem um pequeno livrinho de orações, em sânscrito, e é tudo o que faz: lê o livro repetidamente, murmurando as palavras muito baixinho. A certa altura, encontrei o quarto vazio, entrei e revirei as malas. E encontrei o passaporte dele. Chama-se Anish Majumdar e nasceu em 1976 em Bangalore. Tem mais ou menos a nossa

idade. Não havia qualquer visto para outro país, era um passaporte novo, com um único carimbo de admissão aos Estados Unidos. Deve ser a primeira vez que ele viaja.»

«E a Levi?»

Laura contou-me que a encontrou lavada em lágrimas, sentada na sanita. Estava em *T-shirt* e cuecas, o rosto inchado de tanto chorar. Agarrou-se à irmã, abraçou-a como quando eram miúdas e precisavam uma da outra. E Levi disse-lhe, então, que tudo o que queria na vida era ter paz e que se arrependia de ter voltado para Nova Iorque, mas que julgara que, ao fim de dez anos, tudo estaria esquecido. Que a tragédia da família era um passado remoto, que nunca mais teria de pensar no pai. «Queria tanto ver-te», disse-lhe Levi, «e recomeçar a vida aqui com o meu *Bodhi*.» «Aqui nunca terás paz», respondeu-lhe Laura, «pelo menos enquanto o teu nome for o mesmo, porque as pessoas julgam-te pelas coisas que ouvem dizer, não pelo que sabem ou pelo que é verdadeiro.» Levi encarou-a, os olhos inchados, e disse que não queria regressar à Índia, que a pobreza do lugar onde viviam a deixava dilacerada todos os dias. Estava convencida de que podia fundar uma comunidade rural com Sri Anish, para passar aos americanos a mensagem de que o Universo é um lugar benevolente e cheio de amor.

«Tremenda ambição», disse eu.

Pedi a Laura que me trouxesse o passaporte de Anish; ela não fez perguntas e concordou que, assim que tivesse oportunidade, o confiscaria do quarto.

Lombardi recebeu-nos no seu gabinete. Apertou-me a mão com força, como se fôssemos velhos amigos. Continuava a ter uns olhos muito verdes e luminosos, mas ficara

completamente careca e mais corpulento, com o porte de quem vai ao ginásio todos os dias..

«Boxe», justificou ele, talvez notando o meu olhar. «Comecei há uns anos e fiquei viciado.» Fingiu um *jab* e uma direita no ar. «Há muito canalha por aí.»

Durante uma hora, eu e Laura pusemo-lo ao corrente da situação. Lombardi ficou sentado atrás da secretária, de lápis na mão, com um *dossier* cheio de papéis à sua frente. Quando lhe contei o episódio em que Frances reconhecera a voz de Matthew Pinkus, ele interrompeu-me:

«Onde arranjou o vídeo?»

«O meu pai filmou-o há vinte anos.»

«Não devia ser suficiente para reabrir o caso?», perguntou Laura. «Ou, pelo menos, para podermos relacionar os dois casos?»

«Na verdade, é tudo circunstancial», respondeu Lombardi. «Mesmo que conseguíssemos estabelecer que o Homem Invisível era Pinkus, como é que o ligaríamos à morte do seu pai?»

«A minha irmã estudava na mesma escola.»

«Circunstancial», repetiu ele.

Olhei para Laura.

«Então, de que é que precisamos?», perguntei.

«De uma ligação directa entre uma coisa e outra», explicou Lombardi. «Entre a violação, a rede de encontros sexuais e a Levi. Quanto à história do seu pai e desse tal George Saunders, vamos esquecê-la. Foi há muitos anos e só serviria para denegrir ainda mais o carácter do Noah aos olhos do público.

O nosso ângulo é o Matthew Pinkus. Se conseguirmos provar o que essa tal Frances sugeriu, ao mesmo tempo que provamos que a Levi estava associada a isso, então eu terei material suficiente para reabrir o caso e, no mínimo, lançar uma suspeita sobre a decisão do tribunal de condenar a sua irmã.»

Laura afastou o cabelo do rosto, prendendo-o atrás das orelhas. Chegou-se um pouco à frente na cadeira e, olhando directamente para Lombardi, respirou fundo e disse:

«Se o meu pai é culpado de alguma coisa, eu quero saber.»

«O seu pai morreu há dez anos», respondeu Lombardi.

«É a minha família. A minha história. Gostava que ela ficasse esclarecida de uma vez por todas.»

Lombardi chegou-se à frente e pousou os cotovelos na mesa. Tirara o casaco cinzento, e a camisa branca ficava-lhe justa nos bíceps.

«Minha querida», disse ele, com uma voz condescendente, «conhecemo-nos a vida toda, certo?»

«Sim.»

«E eu nunca interferi em nada do que dizia respeito às decisões do seu pai. No entanto, continuo a ser o advogado da família. Agora, que o Noah já não está entre nós, é minha responsabilidade reabilitar a imagem dos Walsh.»

«Quero lá saber da imagem», ripostou Laura. «Prefiro saber a verdade.»

«Qual é a verdade?», contrapôs ele. «Que o seu pai teve uma paixoneta aos quinze anos e, por causa disso, andou a fazer a vida negra a um campónio qualquer?» Lombardi riu-se. «Acha sinceramente que alguém que tenha sido alguma coisa

na América não tem os seus podres, alguns esqueletos no armário? Deixe-me dizer-lhe uma coisa, minha querida: neste país, ninguém chega a multimilionário sem ter enterrado uns quantos cadáveres.»

«O Peter McDonald vai fazer um documentário», disse Laura. «Acha que essa história não fará parte dele, o relato de um velho ressentido de Chatlam que acusa o meu pai de lhe matar o filho?»

«Quando o documentário ficar pronto, estaremos cá para lidar com o assunto», disse Lombardi. «Se, entretanto, conseguirmos reabrir o caso, temos a possibilidade de limpar o nome da sua irmã. Uma coisa de cada vez.» Deu uma palmada na mesa. «Concordam?»

Lombardi tinha o plano definido. A primeira coisa — e, porventura, a mais importante — era falar com Dermot Myerscough. Laura tinha-o encontrado em Gansevoort durante o Verão de 1998, da primeira vez que ouvíramos falar do Homem Invisível. Pediu-me que lhe arranjasse o vídeo (o mesmo que Nolasco mostrara a Frances), e eu liguei para o jornalista, que prometeu que o enviaria de imediato para o *email* de Lombardi. Entretanto, Laura foi até casa e, uma hora depois, regressou a Columbus Circle com o passaporte de Sri Anish.

A secretária de Lombardi localizou Myerscough com bastante rapidez — exactamente na mesma cidadezinha onde Laura o encontrara dez anos antes. O advogado sugeriu irmos até lá nesse mesmo dia e fizemos a viagem no carro dele, um *Audi* topo de gama que ele conduzia como se fosse um avião a planar sobre uma estrada que as rodas apenas afloravam. Laura ia no banco traseiro e adormeceu ao som de Joni

Mitchell. No lugar do passageiro, eu via a Estrada 87 a passar por nós a uma velocidade incrível.

«Há dez anos que espero por isto, Taborda», disse Lombardi, que usava óculos escuros, embora o dia estivesse sombrio.

«Imagino.»

«Eu disse-lhe na altura, lembra-se? Que o Pinkus era o culpado. A inveja que ele tinha dos Walsh, do Noah...»

«Acha mesmo que consegue reabrir o caso?»

Lombardi agarrava no volante com a mão esquerda, o braço possante muito esticado.

«Vou entalar a Procuradoria com tanta força, que até vão ficar com hemorróidas.»

Ao dizer isto, olhou para o espelho retrovisor. Laura continuava a dormir.

Quando chegámos a Gansevoort, fomos directamente à 2nd Street. Aparentemente, Dermot trabalhava num banco, o First-Securities National. Da janela viam-se os bancários, de fato e gravata, atrás das secretárias ou a conversarem com os clientes ao balcão. Lombardi disse-nos que esperássemos à porta. Uns minutos depois, tornou a sair.

«Ele vai ter connosco ao restaurante italiano», anunciou.

Dermot apareceu meia hora depois. Eu nunca o vira, mas, pela descrição de Laura, imaginara um tipo bonito, com aspecto rebelde, cabelo louro e desgrenhado; um surfista urbano. Em vez disso, quem apareceu no restaurante foi um homem relativamente atarracado, de cabelo muito curto, com uma barriga que começava a formar-se debaixo do fato azul-

escuro. Cumprimentou o dono, um tipo de bigode, que mandou o filho à mesa para nos servir.

«Como é que te chamas?», perguntou Lombardi.

«Manolis», disse o miúdo.

«Não é um nome lá muito italiano», disse Fred.

«É grego», respondeu ele. «Somos gregos.»

«A servir esparguete à bolonhesa», riu-se Lombardi. «*À moda da minha mãezinha.*»

Dermot sentou-se ao meu lado. Ao ver Laura, estendeu-lhe a mão e cumprimentou-a.

«Tenho cinco minutos», disse ele. «O que é que querem?»

«É assim que trata os seus clientes, Myerscough?»

«Você não é meu cliente», respondeu ele, agressivo. «Escutem. Sou pai de família. Tenho três filhos. Que merda é esta? O que é que se passa aqui?»

«Há dez anos, encostaste-me a uma árvore», disse Laura.

«Não me lembro de ter feito isso», respondeu Dermot.

«Pois, mas fizeste. Não foi agradável.»

«E isto é a tua pequena vingança?», perguntou ele. «Esperaste dez anos para vir com os teus amigos dar-me uma sova?»

«Viemos em paz», disse Laura. «Só que o caso vai ser reaberto e precisávamos de falar contigo.»

«Qual caso? De que é que estão a falar?»

«Da minha irmã, a Levi.»

Myerscough recostou-se no assento e suspirou, como se tudo aquilo fosse uma enorme maçada.

«A tua irmã confessou. Foi condenada. Certo?» Dermot abanou a cabeça e levantou-se. «Não tenho tempo para esta merda. Adeus.»

Apertou o casaco e preparava-se para sair quando Lombardi, com toda a calma do mundo, lhe perguntou:

«Não se chama Myerscough, pois não, espertinho?»

Dermot estacou.

«Sente-se», disse Lombardi.

«Prefiro ficar de pé.»

«Aliás, nem sequer sabe o seu apelido. Será qualquer coisa banal? Como *Smith* ou *Jones*?»

«Cale-se», ameaçou Dermot.

«Ou o quê? Encosta-me a uma árvore? Julga que é homem para isso?» Lombardi ergueu-se; o seu tronco corpulento metia respeito. «Sente-se e a sua mulher nunca chegará a saber nada disto.»

«Isso é uma ameaça?»

«É», concluiu Fred.

O outro hesitou um instante, depois tornou a sentar-se. Lombardi tirou um bloco de notas do bolso do casaco e abriu-o.

«Foi adoptado pela família Myerscough», disse, olhando para a página. «Passou os primeiros três anos da sua vida num centro de acolhimento de órfãos, até que Emilia

Myerscough... a sua mãe adoptiva, estéril que nem a areia do deserto... o foi buscar ao orfanato, já perto da menopausa.»

«Por favor», rogou ele. «Os meus filhos não sabem de nada. A minha mulher também não.»

«A sua mulher não acha estranho que a sua mãe seja tão velha?»

«O que querem de mim?», perguntou Dermot.

«Tem uma família rica», afirmou Lombardi. «Para quê este trabalho de merda?»

Manolis chegou à mesa com um cesto de pão e azeitonas. Lombardi levou uma azeitona à boca e mastigou-a ruidosamente.

«Nunca frequentei a universidade», explicou Dermot. «Era isto ou não fazer nada na vida. E um tipo que é um indigente não é bem visto por estas bandas.»

«E não foi à universidade porquê? Terá sido porque, no colégio, só fez disparates?»

Dermot olhou para Laura.

«Eu contei-te tudo o que sabia na altura.»

«Eu sei. Mas surgiram novos dados», respondeu ela.

«Quais dados?»

«A Frances LaCombe identificou o Homem Invisível. Lembras-te dele? Aquele homem a quem tu marcavas encontros sexuais com as miúdas da Grace Willard?»

Dermot tamborilou com os dedos na mesa. Olhou para a madeira, depois ergueu os olhos para Lombardi.

«Acho que preciso de chamar o meu advogado.»

«Pois a mim parece-me uma péssima ideia.»

«Você é advogado», atirou Dermot. Apontou para Laura. «Está a representá-la, certo? Ou à irmã dela, ou que raio seja. Tenho os mesmos direitos.»

Manolis regressou à mesa com quatro ementas, que deixou no centro. Era um miúdo sorridente, de cabelo muito escuro, espetado, e sobrancelhas espessas.

«Além do que está na ementa, também temos *moussaka* e *tajini* de borrego», anunciou o rapaz.

«Claro que têm», ironizou Lombardi.

O miúdo tornou a sorrir e afastou-se. O advogado olhou para trás, para o dono do restaurante, que, apoiado no balcão, fazia contas num pequeno bloquinho, ignorando os clientes e deixando-os aos cuidados do filho, menor de idade.

«Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Dermot Jones», continuou o advogado.

«O meu nome é Myerscough», respondeu o outro, zangado.

«Vou chamar-lhe Jones, se não se importa», provocou-o Lombardi. «Se chamar o seu advogado, temos imediatamente um caso litigioso em mãos. Será difícil, quase impossível, mantê-lo longe de um tribunal, onde eu o chamarei a depor assim que as providências forem tomadas. Pode não ser hoje nem amanhã, mas um dia destes terá de ir prestar depoimento. E, aí, garanto-lhe que a sua mulher e os seus filhos... que são três, a conta que Deus fez!... vão saber quem você é.»

«Por agora, só queremos café», disse eu a Manolis, que aguardava, junto da mesa, pelos nossos pedidos.

Lombardi olhava para Dermot, que mexia nervosamente nos botões de punho do casaco enquanto ponderava as suas escolhas.

«É falarmos aqui ou falarmos no tribunal», insistiu.

«Eu não sei quem era o Homem Invisível», respondeu Dermot. «Se vocês sabem quem era, estão um passo à minha frente.»

«Chamava-se Matthew Pinkus», disse Lombardi. «O nome diz-lhe alguma coisa?»

Dermot fez uma expressão de desconhecimento, torcendo os lábios.

«Nunca ouvi falar dele.»

«A sério? Quer dizer que não acompanhou o caso da Levi Walsh?»

«Acompanhei pelos jornais. Mas não me lembro desse nome.»

«A Laura contou-me que você teve um caso com a Levi.»

Dermot bufou.

«Eu não lhe chamaria um *caso*», ripostou. «Foi uma distracção, nada mais do que isso.»

«E ela nunca lhe falou deste nome?»

«Nunca.»

Lombardi fez uma pausa. Manolis aproximou-se com um tabuleiro com quatro chávenas de café.

«Afinal, acho que vou querer uma *moussaka*», disse o advogado ao miúdo. Manolis sorriu e foi a correr dizer ao pai.

«Mais alguma pergunta?», disse Dermot. «Tenho de regressar ao trabalho.»

«Frances LaCombe.»

«O quê?»

«Ela foi violada pelo homem a quem você prestava serviços.»

Dermot olhou pela janela.

«Esse episódio foi exagerado. Além disso, ela nunca apresentou uma queixa formal.»

«A Frances identificou-o, recentemente, como sendo o-Matthew Pinkus. Sabe como é que o fez? Através da voz.»

«E então?»

«Estava aqui a perguntar-me se você poderia fazer o mesmo por nós, já que falavam tantas vezes ao telefone.»

Lombardi pôs a pasta em cima da mesa. Tirou um computador portátil do interior e ligou-o. Em menos de um minuto, o vídeo estava a passar.

«Ajude-me aqui com isto, Taborda.»

Fiz o vídeo avançar para a mesma secção que tínhamos visto com Frances: o discurso de Noah Walsh. Dermot ouviu com atenção e depois surgiu a voz de Pinkus. Às tantas, quando o meu pai desviou a câmara para outros lados da festa, parei a gravação.

«Então?», perguntou Lombardi.

Dermot abanou a cabeça. «Não consigo reconhecer nada a partir deste vídeo. Talvez a voz ao telefone fosse distorcida, não sei...»

«E também não reconhece nenhum dos rostos?»

«Reconheço o Sr. Walsh», admitiu. «Era um tipo conhecido, na altura. E a Laura e a Levi. Das outras pessoas, não sei nada.»

Manolis chegou com a *mussaka*, que pôs no centro da mesa. Fumegava em excesso, como se tivesse sido aquecida num microondas. Depois foi buscar pratos e talheres para todos, embora ninguém, senão Lombardi, tivesse fome.

«Era para isto que me queria em tribunal?», perguntou Dermot com laivos de arrogância. «Se calhar, não vale muito a pena chamar-me a depor, Lombardi.»

Dermot ergueu-se e tornou a apertar o casaco. Pediu-me licença para sair e eu dei-lhe espaço, mas foi nesse instante que o advogado se levantou e, levando as mãos ao colarinho de Dermot, o puxou para o centro da mesa, que abanou como se estivesse a haver um tremor de terra. De repente, Dermot tinha o rosto mesmo por cima da comida fumegante.

«Largue-me!», gritou Dermot.

«Largo-o quando me contar o que aconteceu depois de o seu homem ter violado a rapariga», disse Lombardi, cerrando os dentes.

Manolis, que estava sentado numa mesa ao lado da nossa a jogar numa pequena consola, assustou-se com a situação e foi ter com o pai.

«Calma», pedi eu a Lombardi. «Tenha calma.»

«Não aconteceu nada!», gritou Dermot.

Lombardi continuava a puxá-lo pelos colarinhos. O rosto de Dermot começava a ficar roxo. O pai de Manolis

aproximou-se da mesa, alarmado mas sem coragem para interferir.

«Sabe o que aconteceu àquela rapariga, seu filho da puta? A que entregou ao Homem Invisível? Lixou-lhe a vida toda, foi o que foi. Era uma estudante brilhante, e hoje em dia praticamente não sabe ler. Trabalha a recolher o lixo, cabrão. É o trabalho dela, enquanto você se passeia por esta cidadezinha de novos-ricos com a sua famíliazinha de merda, os seus filhotes prendados e a sua mulher perfeita.» Quase desatei a rir com os exageros de Lombardi, mas ele parecia determinado a quebrar a resolução de Dermot. «Ou me conta o que sabe ou faço-lhe a vida num inferno tal, que, quando acabar consigo, não vai ter um penico onde mijar!» Lombardi soltou-o e deixou-o cair no assento. «Estamos entendidos?»

O pai de Manolis recuou. Laura, que sustivera a respiração, suspirou de alívio. Dermot estava rubro de raiva e de humilhação, mas Lombardi era mais forte e tinha o poder da coerção do seu lado. Finalmente, o bancário alargou o colarinho, mostrando o pescoço vermelho. Olhou para Laura e disse, em voz baixa:

«Depois de a Frances ter estado com o Homem Invisível, disse à tua irmã que ela seria a próxima.»

«A próxima a ser violada?», perguntou Lombardi.

«Essa história da violação não é exactamente...»

«Como é que sabia que ela era a próxima?», interrompeu o advogado com agressividade.

Dermot olhava para a mesa, envergonhado.

«Porque o homem lhe disse», confessou. «À Frances. Disse-lhe para dar o recado à Levi de que a seguir seria ela. E

a Frances deu-me o recado a mim.»

«Tu juraste que ele só se encontrava com as miúdas finalistas», interpôs Laura. «A minha irmã não era finalista.»

«Pois, então abriu uma excepção. O que é que queres que te diga?»

«E a Levi aceitou encontrar-se com ele?», perguntou Lombardi.

Dermot abanou a cabeça em negação.

«Porquê?»

O bancário tamborilou novamente com os dedos na mesa.

«Responda», ameaçou o advogado, firme.

«Porque eu não permiti», disse Dermot. «Quando ele tornou a ligar, disse-lhe que não se atrevesse a pedir-me a Levi. Que se mantivesse longe dela ou eu...»

«Ou tu o quê?»

«Ou eu matava-o», confessou.

«Matava-lo?», perguntou Lombardi, incrédulo. «Porque é que haveria de fazer isso? Ele era o seu trunfo, as miúdas vinham ter consigo por causa dele, tinha construído uma reputação às custas disso.»

«Porque ele estava apaixonado pela minha irmã», avançou Laura. «Tenho razão, Dermot?»

O homem não respondeu logo. Depois, lentamente, abanou a cabeça em sinal afirmativo, confirmando o que Laura acabara de perceber.

«Apaixonado, hã?», gozou Lombardi.

«Foi há muito tempo. Éramos novos. Eu...»

«Você o quê, paspalho? Querem ver que, às custas dessa paixoneta, temos aqui o assassino do Matthew Pinkus?»

«Já lhe disse que nunca vi esse tipo na vida», contestou Dermot.

«Então, o que é que aconteceu?», perguntou Lombardi. «Discutiram ao telefone? Encontraram-se?»

«Essa foi a parte mais estranha», disse Dermot. «Quando eu disse ao homem, pelo telefone, que não podia ter a Levi Walsh, que o matava se ele se aproximasse dela, foi como se lhe estivesse a dar uma novidade. Parecia que nunca a tinha pedido, que era a primeira vez que ouvia falar daquilo. Pensei, durante um segundo, que talvez a Frances tivesse inventado aquela história toda, mas a miúda estava demasiado fragilizada para inventar uma coisa tão séria. Por outro lado, eu nunca o tinha ouvido hesitar nem um segundo. Mas, naquela conversa, fiquei mesmo com a sensação de que ele foi apanhado de surpresa pelo que eu disse. Portanto, ou a Frances estava *mesmo* a mentir ou então...»

Lombardi espetou um garfo na *moussaka* que esfriava. Provou-a. Olhou para o balcão, onde Manolis se juntara ao pai, e ergueu o dedo polegar da mão direita. Lá fora, os habitantes de Gansevoort começavam a sair à rua; a hora de almoço aproximava-se. Um casal entrou no restaurante e Manolis foi imediatamente recebê-los.

«Conte a verdade», disse o advogado enquanto mastigava. «Pode ser que saia daqui sem grandes mazelas, mais ou menos como entrou.»

Dermot recostou-se no banco. Respirou fundo. Depois pediu para ver novamente o vídeo. Lombardi tornou a abrir o portátil e eu pus a gravação a andar, parando-a no mesmo lugar do que da primeira vez.

«A voz do Homem Invisível...», disse Dermot.

Eu e Laura trocámos um olhar.

«Era alguma das vozes que ouviste neste vídeo?», insistiu Laura.

Dermot fitou-a e, engolindo o seu orgulho, confessou:

«Não era apenas uma. Nunca me tinha dado conta, porque são tão parecidas... A voz ao telefone era igual a duas das vozes que se ouvem no vídeo.»

A última vez que vi Dermot Myerscough, ele atravessava a 2nd Street de Gansevoort, de ombros descaídos e cabeça baixa, de regresso à sua vida aborrecida de empregado bancário. Entretanto, deixara no seu rastro uma revelação que abalou Laura até à raiz. O Homem Invisível não era somente um, mas dois homens: Matthew Pinkus — tal como Frances confirmara — e Noah Walsh.

O seu próprio pai.

Laura foi à casa de banho e demorou mais de quinze minutos. Entretanto, eu e Lombardi pagámos a conta.

«Não gostaram da *moussaka*?», perguntou o pai de Manolis.

«Era demasiado italiana para o meu gosto», respondeu o advogado. Deu uma gorjeta de dez dólares à criança, que olhou para a nota, perplexo, e depois para o pai. «É para ti», insistiu Lombardi. «Se eu descubro que o teu pai gastou o

dinheiro, venho cá e mando fechar o estabelecimento por exploração infantil.»

No exterior, Lombardi vestiu o casaco depois levou as mãos à cintura.

«E esta, Taborda?», perguntou-me com um ar perplexo.

«Você é que apertou com ele. Queria uma ligação directa entre uma coisa e outra, não era? Pois bem, conseguiu-a.»

«O que eu queria era foder o Matthew Pinkus.»

«Não é muito correcto foder os mortos, Lombardi.»

Ele acendeu um cigarro, deu uma passa e depois deitou-o ao chão e pisou a beata.

«Tenho de me deixar desta porcaria.» Olhou na direcção do restaurante. «Como é que ela estará?»

«Em quarenta e oito horas, o pai passou de vítima de homicídio a possível assassino e violador. Como é que acha que ela estará?»

«Assassino? De que é que está a falar?»

«Já lhe contei a história», lembrei-o. «Do Milton Saunders, aquele que o McDonald entrevistou.»

«Isso são histórias da carochinha. Ninguém quer saber de porcarias que aconteceram quando o Kennedy ainda era presidente.»

«Eu não ignoraria essas *histórias da carochinha*, sobretudo quando elas apontam para um conluio entre a família Walsh e a Polícia de Chatlam.»

«Está a falar do chefe Ditmas?»

«Estou.»

«O que aconteceu a esse tipo?»

«Reformou-se.»

«Era o que eu devia fazer, caralho.»

«Já ouviu falar da história de Pahom, Lombardi?»

«Eu não leio a Bíblia, Deus me perdoe.»

«É um conto de Tolstoi sobre um homem que quer tudo e depois percebe que a única coisa com que os homens ficam são os seus sete palmos de terra.»

Lombardi riu-se.

«Está a tentar fazer metáforas, Taborda?»

«Estou só a tentar dizer-lhe que, na ganância de encontrarmos um culpado, podemos ter-nos esquecido de que ninguém é inocente», disse eu.

Lombardi aproximou-se e falou muito perto do meu rosto. Pude sentir-lhe o hálito a *moussaka*.

«Isto não sai daqui, estamos entendidos?», ameaçou. «O que o idiota do bancário nos disse carece de provas.»

«Também é circunstancial?»

«É o que é. Um tipo ressentido, que não conseguiu levar a sua avante com a irmã da sua namoradina e que agora distribui as culpas por toda a gente.»

Foi a minha vez de rir.

«Você adora distorcer tudo, não é? Desde que o seu cliente morto saia ileso, qualquer história vale. E a Laura? Como é que ela fica no meio desta embrulhada?»

«Estão a falar de mim?»

Laura tinha saído do restaurante, os olhos inchados de quem passara os últimos minutos a chorar, mas o seu semblante era o de alguém que se recusava a aceitar a derrota.

«Estava só a dizer ao Lombardi que o que aconteceu ali dentro...»

«O quê?», insistiu Laura.

O vento frio que corria por Gansevoort levava-lhe o cabelo cor de palha, enrolava-o em espirais.

«É possível que ele não esteja a mentir», terminei.

«Eu disse-te que não me surpreenderia se o meu pai fosse o Homem Invisível», afirmou ela. «Não precisam de me proteger, não sou nenhuma criança.»

«Mas precisa de tomar uma decisão», sugeriu Lombardi. «Para reabrirmos o caso, eu terei de falar com o juiz, e a Procuradoria tudo fará para que a minha moção seja rejeitada. Se queremos ter alguma hipótese de que isto resulte, preciso de armas nucleares.»

«Ah, e o meu pai é uma arma nuclear, de repente?», perguntou Laura.

«O que ouvimos ali dentro é uma bomba prestes a explodir», disse o advogado. «Uma coisa é um tipo que ninguém conhece metido numa alhada com menores; outra é, de súbito, haver um *motivo* para o homicídio do seu pai. Se eu levar este tipo a tribunal e ele contar a história que nos contou hoje, e se conseguirmos um mínimo de provas, estou certo de que consigo estabelecer uma relação entre o assassinato do Noah e do Matthew Pinkus e a Levi.»

«E a morte do Pinkus?», perguntei eu.

«Que haja outro advogado qualquer que se encarregue disso, se alguém estiver interessado», respondeu Lombardi. «Caso contrário, o Diabo que o carregue.»

Pensei que Laura quieria regressar a Nova Iorque para ver a irmã, mas pediu a Lombardi que nos deixasse em Chatlam, que ficava em caminho. Uma hora e meia depois, o advogado deixou-nos perto do lago Juniper, junto de um barracão em madeira escondido atrás de um arvoredor. Antes de sairmos do carro, o advogado pediu a Laura uma decisão, ao que ela respondeu:

«Reabra o caso.»

«E os meus honorários?», perguntou Lombardi.

«Tire-os do nosso fundo fiduciário», respondeu ela. «Tenho a certeza de que conhece bastante bem essa conta.»

Laura tirou uma chave do bolso e abriu o cadeado do barracão. Depois, arrastou a porta para a esquerda. Era um lugar decrépito, com o tecto e as paredes furados pelos ramos das árvores; no interior, havia um velho barco a motor, um par de bicicletas de pneus vazios, com cestinhas dianteiros, e o antigo *Ford* azul de Laura.

«Quando fui para Toronto, guardei-o aqui», disse ela. «Foi o meu avô Walt que construiu este barracão. O meu pai usava-o para depositar coisas velhas.»

«E um barco a motor.»

«Foi um capricho do meu pai. Eu devia ter quatro ou cinco anos quando ele o comprou. Nesse ano, demos voltas intermináveis no Juniper e, no Verão seguinte, quando viemos de férias, o meu pai já tinha perdido o interesse pelo barco. Como perdeu interesse pelo ténis, pelo *badmington*, pela pesca

submarina, pelos cavalos...» Laura apontou para uma velha sela largada a um canto. «A minha mãe proibia-o de ter mais tralha em casa e, portanto, ele guardava aqui as coisas que já não o fascinavam.»

Como era de esperar, depois de tanto tempo ali fechado, o carro não funcionava. O motor cuspiu duas vezes e engasgou-se. Laura saiu do carro e, no meio da tralha, encontrou um carregador de baterias portátil. Abriu o *capot* do veículo e ligou os cabos; em poucos segundos, pôs o *Ford* a ronronar baixinho. Depois deu-me as chaves.

«Conduz tu», pediu ela.

«Para onde?»

«Para onde achares melhor. Para longe desta porcaria toda.»

«E a tua irmã?»

«Ela já sobreviveu oito anos sem mim. Mais uma noite não lhe vai fazer grande moça.»

Com as chaves na mão, pensei nas possibilidades. Apetecia-me meter-me no carro com Laura e conduzir até ao fim do mundo ou até a estrada acabar, atravessar as cidades e os desertos e as planícies imensas dos Estados Unidos e só parar quando chegássemos ao outro lado, onde as águas do Pacífico banhavam a costa Oeste. Abandonar tudo e iniciar uma vida nova, como, décadas antes, Kerouac e a geração *beat*, para quem o mundo começava outra vez, todos os dias, ao raiar da aurora; ou como Ray Smith em *The Dharma Bums*. Infelizmente, esses anos de despreocupação não estavam ao nosso alcance. Eu tinha um filho; Laura mudara-se para o Canadá. O nosso problema não estava em recomeçar, mas sim

em continuar o que começáramos sem transformar as nossas vidas num inferno.

Tive uma ideia algo rebuscada, mas que podia funcionar. A viagem levaria apenas uma hora e meia, mas Laura estava tão cansada que adormeceu rapidamente encostada à porta do carro, o corpo ligeiramente tombado para a direita, enquanto eu tentava não me perder nas estradas americanas, recorrendo ao mapa que havia no porta-luvas — o mesmo que usáramos dez anos antes. Embora estivesse relativamente seguro de que reabrir o caso era a melhor opção, não podia deixar de pensar no sofrimento dela. O seu pai não estava apenas morto; havia agora a possibilidade de, tal como Pinkus, ter feito coisas terríveis. Laura já fora obrigada a recomeçar uma vez, a abdicar das coisas a que tinha direito (dinheiro, propriedades, uma vida confortável na América), exilando-se no gelo de Toronto; a reabertura do caso podia ser o golpe que a deixaria incapaz de continuar.

Para mim, era evidente que a palavra *Amphitrite*, escrita no rodapé, tinha sido a maneira de Levi gritar em silêncio que o «tio» Matthew a perseguia; de deixar para a posteridade o registo de ter sido açoitada. Também era muito claro que o dinheiro que o chefe Mitchell recebera fora um pagamento para este declarar encerrado o caso de Pinkus e impedir a continuidade de uma investigação que, inevitavelmente, conduziria a Polícia àquela rede ilegal de encontros sexuais entre Matthew e as estudantes da Grace Willard.

Agora, Noah Walsh era parte dessa rede sinistra. E tudo se revestia de uma camada ainda mais tenebrosa.

Descemos pela Taconic State Parkway até Putnam County. Depois, na saída 18, prossegui pela I-84 em direcção a

Danbury. Foi então que Laura acordou. Tinha a boca pastosa, os olhos carregados de olheiras. Resmungou alguma coisa e, num gesto típico dela — inesperado, ternurento —, inclinou-se para o lado contrário e encostou a cabeça ao meu ombro. O dia declinava quando entrámos em Lake Carmel. Embora ainda não passasse muito das cinco, a escuridão aproximava-se a passos rápidos, carregando o mundo de sombras. Quando chegámos ao número 8 da Horsepound Road e vi que não havia nenhuma luz acesa, temi o pior; mas então olhei para o estendal da roupa e vi que havia dezenas de páginas estendidas a secar, presas por molas. Eram páginas dactilografadas, amareladas pelo tempo ou pela sujidade, que se agitavam ao vento com a suavidade da roupa acabada de lavar, como pequenos lençóis de camas minúsculas.

«Onde estamos?», perguntou Laura ao sairmos do carro.

«Na casa de alguém que me deve um favor.»

Subi as escadas que ficavam ao lado da porta da garagem . Bati umas quantas vezes à porta; ninguém abriu. Quando voltava para o carro, ouvi uma voz familiar:

«Raios me partam.»

Voltei-me e vi Gary List na beira da estrada, com uma barba tão grande que lhe chegava ao pescoço, meio curvado, completamente careca, um saco do supermercado na mão direita, em calças de fato-de-treino e um casaco esburacado.

«Professor», disse eu, e sorri.

Ao som de Mozart, que ele pôs a tocar na pequena aparelhagem da sala, sentámo-nos à mesa da cozinha enquanto List fazia café. Reparei que coxeava da perna direita e que os anos lhe haviam roubado o brilho dos olhos: duas esferas

baças, sem emoção. Vestia-se como um mendigo e cheirava a velho. A casa não estava desarrumada, mas uma fina camada de pó cobria os móveis: o topo do frigorífico, as esquinas das paredes, os cantos do sofá. Em cima da mesa havia as revistas policiais do costume, numa pilha desordenada.

«Caí da bicicleta na estrada para o cemitério», disse ele, agarrando a coxa direita com a mão. «Nunca fui ao médico ver isto e fiquei um bocado coxo.»

«O *cemitério*?», perguntei.

«O cemitério de Raymond Hill, onde o meu pai está enterrado», explicou. «Ele era destas bandas. Foi nele que me inspirei para escrever *Joining Heaven*, sabias? A história de Fred Kepler, o miúdo que fica cego aos quinze anos... Era a história do meu pai, John List. Desenvolveu cataratas na adolescência e casou-se com a rapariga mais feia de Brewster. A minha mãe tinha os dentes tortos e cara de cavalo, como se dizia na altura, era mais alta do que o meu pai e vinha do Milwaukee, terra de gentios e de gente modesta... pelo menos nesses tempos.»

List coxeou de regresso à mesa, com um bule de café. O aroma inundou a cozinha; no beiral da janela, do lado de fora, pousavam dois corvos que bicavam o vidro como se quisessem reclamar os nossos cadáveres.

«São a minha companhia», disse List, olhando para os pássaros.

«O que aconteceu à Ophelia?», perguntei.

Gary sentou-se com um resmungo de dor e olhou para mim.

«Quem?»

«A rapariga que vivia consigo nesta casa.»

Gary franziu o sobrolho; tinha a barba completamente branca e a pele da testa manchada por pequenos sinais escuros.

«Ah!», lembrou-se. «A Ophelia, sim. Mas isso foi há quanto tempo, rapaz?»

«Em 1998.»

«Hum, creio que ela se foi embora nesse mesmo ano, ou no ano seguinte.» Olhou para Laura. «Você deve ser a famosa Laura Walsh.»

«Acertou», respondeu ela.

«Ouvi falar muito de si.»

«Bem ou mal?»

«Aqui o Taborda era só elogios.» List tossiu e depois sorveu o café ruidosamente. «Mas eu avisei-o para se manter longe.»

«Uau», disse Laura. «Sou assim tão contagiosa?»

«Tenho a certeza de que é boa rapariga. Ainda por cima, é bonita que se farta. Mas um homem apaixonado é um perigo, para si mesmo e para os outros.»

Laura olhou para mim e sorriu, levando a mão ao meu braço.

«Estavas apaixonado por mim? Tão querido.»

«Deixe-me reformular antes que fique demasiado vaidosa», corrigiu List. «Ele estava com *tesão* por si. Até aos quarenta, a cabeça que manda num homem é a de baixo. Se é que me faço entender.»

«E depois dos quarenta?», quis saber Laura.

«A próstata», respondeu Gary. Tornou a fitar-me. «Depois da Ophelia, vieram outras. Sabe que até me apareceu aqui uma miúda chamada Mabeline? Disse que tinha lido o meu primeiro romance e veio pedir-me um autógrafo. Fizemos amor no sofá da sala. Depois mandei-a embora, como fiz com as outras todas. A seguir, parei de escrever. Há oito anos que não escrevo uma linha, Taborda. Compreendi finalmente aquilo que o Jerome David, em roupão e chinelos, me estava a querer dizer quando fui a casa dele. O que me movia não era o sucesso, era a ambição do sucesso, que é definitivamente pior do que a solidão, do que a peste bubónica, pior do que tudo. E eu consegui, aqui dentro destas quatro paredes, fazer a excisão desse tumor.» List tirou um cigarro do bolso da camisa aos quadrados e acendeu-o. «E tenho sido feliz. Ou razoavelmente feliz. Ou tão feliz quanto um tipo infeliz consegue ser.»

«Tem páginas penduradas no estendal», disse eu.

«Ah, isso!», proferiu List em voz alta. «Foi a minha filha. Ela e a mãe apareceram para me visitar há umas semanas e encontraram um manuscrito todo sujo de café dentro da gaveta do escritório. Puseram-no a secar. Eu deixei-o ali pendurado, como prova provada de que a literatura é só angústia.» Olhou-me com expectativa; tinha o rosto cadavérico e consumido, mas havia alguma coisa nele que era leveza, um homem libertado de um enorme peso. «Não me diga que, finalmente, se tornou escritor, Taborda.»

«Não me tornei escritor», respondi. «Casei e tive um filho. Sou jornalista. Nunca mais escrevi ficção.»

Gary respirou fundo e recostou-se na cadeira de plástico.

«Que alívio, homem! Não hipotecou o seu futuro.» Tossiu e fumou mais um bocado. «Fico feliz por si.»

«Não sabia que a mãe da sua filha ainda estava viva.»

«A Marika? Está viva e velha, tal como eu», disse ele. «Foi estranho reencontrá-la. Não nos víamos desde 1986, quando a Georgia fez onze anos. Foi a minha filha, que agora é uma quarentona divorciada, mais velha do que qualquer um de vocês, que a convenceu a voar da Califórnia até este desterro. Deviam achar que eu estava a morrer ou que enlouquecera. Quando vi a Marika, vieram-me as lágrimas aos olhos. Lembrei-me do Beltram, da Companhia dos Telefones, do desejo que senti por ela na juventude.» Na aparelhagem, soava o andamento *Confutatis*, e List olhava para um ponto indefinido. «O desejo vai-se, devagarinho, é como os cabelos brancos, que chegam sem quase darmos por isso. Um dia, olhamo-nos ao espelho e estamos grisalhos. Um dia, olhamo-nos ao espelho e estamos livres da tirania. A pila deixa de funcionar, as ambições caem por terra. Estamos em paz.»

«A derrota é bastante fácil de aceitar quando queremos ser derrotados», comentou Laura.

Gary deu uma passa e cuspiu um pedaço de tabaco para o chão.

«Ena. Temos uma opinadora.»

«Não sou *opinadora*, List.»

«Trate-me por Gary.»

«Conheço-o há muito tempo, desde que era miúda», disse Laura. «Li o seu primeiro livro aos treze anos, ainda nem sequer tinha período. E aprendi muito com ele. Acho que você é um grande escritor.»

Gary ficou muito sério durante uns momentos, depois começou a rir-se.

«Acha graça aos elogios?», perguntou Laura.

«Não, não...», engasgou-se ele, tossindo. «É que, por uns instantes, o meu corpo reagiu às suas palavras. Senti uma pequena erecção! Uma coisa mínima, uma pontinha de tusa, de esperança. Mas já se foi, não há crise.»

«Talvez devesse senti-la mais vezes», opinou Laura. «A ver se voltava a escrever, que, afinal de contas, é o seu trabalho.»

«Tenho setenta e três anos», disse Gary. «Há muito que ultrapassei a idade da reforma.»

«Não há reforma para os escritores», argumentou ela. «Eles são responsáveis pelo que escrevem, até à morte. Pode tentar escapar disso, mas não vai conseguir. A sua obra fica. As pessoas continuam a lê-lo, gostam de si. Admiram-no. Talvez não seja um inquestionável como o Salinger, talvez não seja um *bestseller* como o Stephen King. Mas os seus livros tocaram o coração de uma geração inteira e vão continuar a tocar as pessoas que se decidirem a lê-lo.» Laura respirou fundo. «E, no entanto, vive aqui fechado, à espera de que a solidão acabe por o matar.»

«Não estou à espera de coisa nenhuma», disse List. «Gosto da vida que tenho e vivo-a um dia de cada vez.»

«Como os Alcoólicos Anónimos», sugeriu Laura.

List olhou-me.

«Mais ou menos.»

«Eu gostava de poder fazer isso. Mas o meu pai foi assassinado. Depois, a minha irmã passou oito anos na prisão. E eu tive de deixar a América, porque este país não perdoa

ninguém que tenha sido apanhado nas malhas da justiça. Não se esquece de ninguém que tenha estado sob escrutínio público. Agora descobrimos que, afinal, talvez o meu pai fosse um criminoso e que a minha irmã pode ter estado presa injustamente. E há um tipo a fazer um documentário sobre tudo isto.» Laura pegou na chávena de café, mas não chegou a levá-la aos lábios. «Gostava mesmo de fazer como você, Gary. Esquecer tudo, deixar o mundo para trás, refugiar-me no campo, onde ninguém viesse pedir-me contas.» Pareceu-me que Laura olhou para mim como se me dissesse, sem o dizer, que eu seria o parceiro ideal para tal empreitada. «Infelizmente, ainda sou nova. E sei que fugir seria pior do que a dor de enfrentar o presente.»

Laura levantou-se, disse que se sentia exausta e perguntou se podia deitar-se um bocadinho. Gary ofereceu-lhe o seu quarto, eu e ele cá nos arranjaríamos. Havia um sofá na sala e um cadeirão suficientemente confortável para dormir umas horas. Ela despediu-se de Gary com um aceno e deu-me um beijo no rosto. Assim que a viu sair, o professor foi ao armário da cozinha buscar uma garrafa de *Jack Daniel's*.

«Não me diga que...»

«É para si», interrompeu. «Acho que está a precisar de um tónico.»

Fiquei aliviado. A desintoxicação de há uma década funcionara e Gary nunca mais voltara a beber. Nem quando Ophelia partira nem quando se sentia muito sozinho nem durante os longos Invernos em Lake Carmel. Perguntei-lhe se sentia saudades do bulício da cidade, de Nova Iorque, de dar aulas na universidade.

«Claro», respondeu. «Temos saudades de tudo, ou de quase tudo, não é? Infelizmente, a vida está-se nas tintas para os nossos sentimentos. Regressei a Nova Iorque algumas vezes, para tratar da venda do meu apartamento. Embora achasse que a cidade me fazia falta, o que, na verdade, acontecia assim que o comboio entrava na Penn Station era uma sensação de pânico absoluto. Tinha de sair dali o mais depressa possível. Descobri que, afinal, detestava tudo: as pessoas, as ruas sujas, o barulho, o clamor dos bares e dos restaurantes. Aquela urgência de viver era-me insuportável.» Pousou os pés empantufados em cima de uma cadeira e continuou a beber café e a fumar enquanto eu provava o sabor amargo do *whisky*. «E você, Taborda? O que lhe aconteceu?»

«Casei-me, tive um filho», repeti. «Chama-se Manel e tem um feitio nada parecido com o meu. Gosta de jogar à bola, de brincar ao ar livre. É uma criança feliz.»

«Está arrependido?»

«De quê?»

«De não ter escrito um livro.»

«Se calhar, escrevi-o, mas não o publiquei. O professor não sabe.»

«Não», afirmou List. «Olhe que não há ser humano que sobreviva a uma obra literária. Uma parte de nós morre, aquela parte que, em si, continua viva.»

Ri-me. List continuava indecifrável, sempre pronto a debitar chavões que não significavam nada ou que queriam dizer tudo.

«Só porque tenho uma família, não significa que esteja acabado», retorqui.

«Acabado?» List riu-se com gosto. «Olhe em volta, por amor de Deus. Acabado estou eu! Ah, por falar nisso: sabe o que aconteceu ao seu amigo Hayes?»

Havia anos que não pensava em Terence Hayes, o meu arqui-inimigo da New York University. Dei por mim a desejar que o sucesso não lhe tivesse batido à porta; um antigo ressentimento que, aparentemente, o tempo não fizera o favor de curar.

«Continua a ensinar?»

«Que eu saiba, não», respondeu List. «Publicou um primeiro romance no ano seguinte à sua partida. Creio que foi no Outono de 1999. Uns meses depois, um escritor desconhecido do Arkansas, um tal de Bill Cragg, acusou-o de plágio.» Gary soltou uma gargalhada sonora. «Imagine! O Hayes, acusado de plágio... Ninguém acreditava, até que o tal Cragg publicou na internet uma secção inteira do romance, que o Hayes tinha copiado quase na íntegra. O sério e respeitável Hayes, arauto da moral, a consciência literária do *fin de siècle*, apanhado no maior delito de qualquer escritor.»

Confesso que a história, que eu desconhecia, me ofereceu uma sensação inesperada de justiça. Imaginei-o a viver na penúria, numa mansarda do século XIX, a morrer de fome e de frio, a pagar pelo seu pecado capital.

«O que é que lhe aconteceu?»

«A editora tirou os livros dele do mercado», respondeu List. «Não me parece que publique mais alguma coisa nos próximos tempos. A menos que use a história a seu favor, claro: um escritor acusado de plágio que, na realidade, é culpado de plágio, planeia vingar-se do seu acusador... etc., etc.»

«Metaficção», concordei.

«Desde que tenha os ingredientes certos.»

«Sexo, ambição e inveja.»

«Não se esqueceu.»

O *Requiem* de Mozart chegara ao fim, e passava agora o *Concerto n.º 21 em Dó Maior*. Ele levantou-se e arrastou-se até ao escritório, levando a chávena de café consigo. Segui-o com a garrafa de *whisky* na mão. Gary deitou-se no sofá (o mesmo sofá de 1998, com vários buracos de cigarros) e eu sentei-me na cadeira em frente da secretária, onde ainda repousava a máquina de escrever, embora tivesse sido afastada para o lado esquerdo; no centro havia um exemplar do *The New York Times* com três dias.

«Estou cansado», anunciou, deitado de barriga para cima, a olhar para o tecto. «Aos setenta e três anos, dormimos muito pouco. Sinto-me sempre cansado.» Fez uma pausa. «Veio atrás do mesmo rabo-de-saia do passado, Taborda? Você não aprende.»

Comecei a rir-me baixinho.

«Vim tentar reparar uma injustiça.»

«Com os outros ou consigo próprio?»

«As duas coisas, acho eu.»

«Quanto tempo é que a sua mulher lhe deu?»

«Tenho mais uns dias. Não muitos.»

List fumava, soprando o fumo para o tecto.

«Quando vi a Marika, pensei nisso», confessou. «Em como seria agradável ter alguém nesta idade, alguém que tomasse

conta de mim. Mas, quando penso no assunto com alguma seriedade, compreendo o egoísmo desse meu desejo.» Voltou a cabeça para a direita e encarou-me. «A culpa é sua, Taborda.»

«Minha?»

«Por me ter ajudado a parar de beber. Ganhei uma consciência.»

«E isso é bom ou mau?»

«É bom para os outros, mau para mim. E dá muito trabalho.»

«Lamento.»

Ficámos calados durante um longo bocado. A noite tomara conta do lago. Ouvíamos o vento rasgar o bosque, agitando as copas das árvores e fazendo tremer as dobradiças das portas.

«Adoro o vento», disse ele. «É o meu melhor companheiro nos dias de Inverno.»

«Tenho pena que tenha deixado de escrever, professor.»

«Quem é que lhe disse que eu parei de escrever?»

«Disse que tinha conseguido remover o tumor da escrita, ou lá o que foi.»

«Oh, isso foi para comover a sua amiguinha. As mulheres adoram histórias de génios que desistem de si próprios. Abra as gavetas, Taborda.»

Fiz como ele pedia e abri, uma por uma, as gavetas da secretária. Estavam cheias de páginas dactilografadas. Centenas, milhares de páginas amareladas pelo tempo, enfiadas nas gavetas até estas quase transbordarem. Gary não

tinha apenas escrito — tinha escrito mais do que em toda a sua vida.

«Isto é incrível», disse eu.

«É o meu trabalho. O tumor que extraí foi o do vício do sucesso, da ambição. A necessidade de que os outros me leiam ou aprovem aquilo que eu faço. Mas o trabalho continua. O trabalho continua sempre, mesmo quando achamos que já não vale a pena, quando baixamos os braços. Publiquei seis romances. Podia ter publicado trinta. Mas é nessas gavetas que está a minha verdadeira obra.»

«O que é?»

«São reflexões», disse ele. «O dia-a-dia de um homem que vive sozinho na província do mundo.» Tossiu e apagou o cigarro num cinzeiro que estava no chão. «Escrevo uma ou duas páginas todos os dias. Deito algumas fora, as que sobram ficam nessas gavetas. Um dia, quando morrer, alguém há-de encontrar esses escritos. Farão uma edição crítica, convidarão um editor proeminente para escrever um prefácio... provavelmente, um idiota qualquer que eu nunca conheci e que não me conheceu. Dirão que fui *injustamente esquecido*, que o mundo literário me ostracizou.» Deu uma das suas gargalhadas. «Pois eu digo o contrário, Taborda. Fui justamente esquecido, porque quem ostracizou o mundo literário fui eu!»

O discurso de Gary fazia sentido e, ao mesmo tempo, era o testemunho assustador de um tipo extremamente solitário. Se ele extraíra o tumor do sucesso, não fora ainda capaz de se livrar do narcisismo. O mundo continuava a girar sem ele, e até aquela ideia de reconhecimento póstumo podia ser profundamente ilusória. Lembrei-me daquele parágrafo que

escrevera sobre mim, chamando-me o *filho que nunca tive*, prognosticando-me uma voz própria que, apesar dos meus melhores esforços, acabou por nunca chegar — o que teria sido de mim se eu tivesse continuado a acreditar nessa quimera?

«Afinal, acho que vou escrever um romance», anunciei.

Ele acendeu outro cigarro.

«Sobre quê, Taborda?»

Olhei em redor, para o escritório triste e fumarento; para o aspecto melancólico, vencido, do meu mentor.

«Sobre a derrota», afirmei. «Sobre tudo o que me aconteceu desde o Verão de 87, desde o momento em que conheci a Laura e provei o sabor do fracasso. Vai ser um livro sobre isto, Gary: a impossibilidade de sair vitorioso desta vida.»

Gary inalou o fumo do cigarro e, depois de uma longa pausa pontuada pelo exalar de uma densa baforada, disse:

«Parece-me uma excelente ideia. Ora aí está um óptimo tema para um escritor, sobretudo porque não foi você a escolhê-lo, foi o tema que o escolheu a si.»

«Exacto.»

«Finalmente, a literatura agarrou-o pelos colhões», declarou List, satisfeito. «O que vai fazer agora?»

«Vou deixar-me levar», respondi.

List bebeu o café. Beber café àquela hora era um convite à insónia, mas ele parecia não estar nada preocupado. Recostei-me na cadeira e, finalmente, sem medo, confessei-lhe que a minha admissão à New York University fora um engodo; que

eu nunca tinha escrito aquele conto, mas que, à semelhança de Hayes, tinha roubado o trabalho de um escritor conhecido em Portugal para me fazer valer junto do comité que recebia as candidaturas.

«Qual comité?», perguntou Gary, rindo-se. «O comité era eu, Taborda. E sei perfeitamente que não escreveu aquele conto... Ninguém com a sua idade conseguiria escrever aquela história, a menos que fosse absolutamente brilhante. E esses não precisam de estudar no meu curso, sabem perfeitamente aquilo de que são capazes.»

«E não achou que isso era razão para me deixar de fora?»

«Pelo contrário, achei que era um gesto radical, o tipo de gesto que faz falta a este mundo: alguém capaz de mentir, de se expor ao ridículo porque persegue um sonho.»

«Como todos os idiotas.»

«Bem-vindo ao clube», afirmou ele, e riu-se. «Estou contente por o ver, sabe? Ainda bem que passou por cá com a sua namoradinha. E folgo em saber que está em ponto de rebuçado para a literatura, praticamente morto por dentro. Essas palavras que tem para escrever vão mantê-lo à superfície, por pior que venha a ser o livro. Essas palavras, que o matam por dentro, também são as palavras que o mantêm vivo, Taborda.»

Respirei fundo e, olhando para as gavetas abertas, repletas de páginas que possivelmente nunca seriam publicadas, disse:

«Obrigado, professor.»

«De nada», respondeu ele. «E, se o livro for uma merda, por favor não mo envie. Aliás, não mo envie de maneira nenhuma. Poupe-me a isso.»

Dormi na cama de List, ao lado de Laura. Não nos tocámos. Mantive-me do lado esquerdo, de costas para ela, ouvindo a sua respiração suave e tranquila. Laura dormia em posição fetal, como se buscasse conforto dentro de si própria, na concha formada pelo corpo. Quando acordámos, Gary tinha saído. Deixara-nos um pequeno-almoço simples na mesa da cozinha — ovos, sumo de laranja, dois *croissants*; deixara, também, um recado: dizia que tinha ido fazer *jogging* e que voltaria em duas horas. Era mais uma das piadas estúpidas de List — o velho coxo. Sabia perfeitamente que não nos tornaria a ver, e julgo que foi essa a sua intenção: não estar em casa quando fôssemos embora, para não ter de atravessar o incómodo da despedida. Ele detestava despedidas; tínhamos isso em comum.

No carro, Laura esfregou os olhos e espreguiçou-se. Pela primeira vez em muitos dias, desde que soubera do regresso de Levi, tinha dormido bem. Perguntou-me aonde íamos, como se fosse eu o regente do seu destino. Observei-lhe o rosto de soslaio e reparei que, junto dos olhos, começava a ter pés-de-galinha, um sinal inevitável da idade. Pensei dizer-lhe para fugirmos, para atravessarmos a fronteira para o Canadá e pararmos só quando chegássemos às terras geladas do Alasca. Viver longe da civilização, das suas incongruências e das suas futilidades; começar de novo, como dois náufragos numa ilha deserta.

Mas o que lhe disse foi:

«Acho que temos de acabar o que começámos há dez anos.»

Laura suspirou e agarrou-se ao cinto de segurança.

«Merda», respondeu.

Fizemos a viagem até Chatlam em silêncio. Numa bomba da Esso, liguei a Patrick Nolasco. Precisava da morada do chefe Ditmas. Nolasco atendeu imediatamente, como faz alguém que está a dormir mas quer fingir que está acordado.

«Outra vez a mesma história?», ouvi-o bufar do outro lado da linha.

Eu estava distante das bombas, atrás da casota onde vendiam café e *donuts*.

«Qual história?»

«Sabe quem é que ligou para cá?», protestou ele. «A Winifred Holler, a dizer que eu fui visitá-la. *Eu* fui visitá-la, Taborda?»

«Bom, você fez-se passar por mim quando visitámos a Frances LaCombe...»

«Isso foi uma vingança pelo que você fez no passado! Estávamos quites, porra...»

Não fui capaz de lhe dizer nada.

«Agora já andou a espalhar o meu nome aos quatro ventos outra vez. Sabe que isso é um crime federal, uma pessoa apropriar-se da identidade de outra?»

«Já me tinha dito, em tempos.»

«Talvez não lhe tenha dito que um roubo de identidade de segundo grau garante-lhe quatro anos de prisão e uma multa de cinco mil dólares.»

«Não me vai meter na prisão, tenho um filho para cuidar.»

«E eu tenho uma reputação para defender.»

«O que é que a Winifred queria?»

«A senhora ligou a pedir-me que não publicasse nada daquilo que eu não sei, porque nunca falei com ela.»

«Prometo-lhe que o ponho a par de tudo, Nolasco. Sinto que estamos na recta final.»

«Um exclusivo», disse ele, firmemente. «Nem uma palavra aos outros jornais. Ou ao documentarista.»

«Combinado.»

«Mando-o prender, Taborda.»

«Eu sei.»

Acabou por me dar a morada de Bernie Ditmas. O antigo chefe da Polícia vivia numa estrada secundária à saída de Chatlam, em Arthur's Mill. Tínhamos uma hora e meia de caminho pela frente, e Laura aproveitou-a para tentar ligar à irmã — que não atendeu — e recebeu uma chamada de Lombardi que a deixou desorientada. Só a ouvi dizer *sim* e *hum*; quando desligou, estava pálida como a neve que, por esses dias, ainda caía nos planaltos centrais da América.

«O Lombard falou com o juiz Gosling», disse ela. «Apresentou-lhe o caso, as novas informações, tudo.»

«E ele?», perguntei, tentando manter-me na faixa direita da auto-estrada.

«Para o caso ser reaberto, é necessária a intervenção do Supremo Tribunal.»

«E...?»

«O Lombardi precisa de interpor um recurso. A partir desse momento, tudo se tornará público outra vez.»

«Não há maneira de manter a coisa em segredo?»

«Há repórteres infiltrados em todos os níveis da Justiça, especialmente nos casos que recorrem ao Supremo», disse Laura.

«É uma tempestade mediática, portanto.»

«Sim», confirmou ela. «Talvez pior do que a de 1998.»

A constatação devolveu-nos ao silêncio. Laura ia sorumbática, olhando pela janela enquanto massajava os dedos da mão direita com a esquerda, combatendo o nervosismo da tempestade vindoura. Mesmo antes de chegarmos a Chatlam, saímos da estrada principal e metemos pela County Road 9, que conduzia a Arthur's Mill. Era uma estrada secundária quase deserta, povoada de árvores despidas e cães que ladravam aos carros de passagem. Estacionei em frente de uma casa branca que se afundava no declive da estrada.

Era uma habitação bem cuidada, de telhado escuro e paredes brancas, com um anexo que penetrava a floresta circundante. Saímos do carro. Estava um dia gelado; a manhã ainda não tivera tempo de ser aquecida pelo sol tímido que apareceria mais tarde. Toquei à porta. Apareceu uma senhora de idade avançada — setenta e cinco, oitenta anos —, com uma bengala na mão, algo curvada. Olhou-nos com paciência. Laura pediu-lhe para falar com o chefe Ditmas.

«*Chefe*», repetiu a mulher. E gritou para dentro da casa: «*Chefe*, estão aqui uns jovens para te ver!»

Ninguém respondeu. A mulher cacarejou.

«Deve estar lá atrás a cortar lenha», disse ela. «Venham, eu levo-vos até ele.»

Atravessámos a casa antiga, que cheirava a café e a mofo. Passámos por uma sala tirada de uma revista de decoração dos

anos cinquenta: um sofá de linhas rectas, estofos verdes e ásperos; uma televisão antiga que parecia ter morrido de velha; um abajur cilíndrico em lona castanha. Havia uma pilha de jornais e revistas na mesinha do café, todos datados. O corredor que conduzia às traseiras da casa estava coberto de fotografias de antigos presidentes dos Estados Unidos e de retratos de uma família onde proliferavam as mulheres; e também retratos de Bernie Ditmas, magro e muito jovem, vestido com a farda do Exército, durante a Guerra da Coreia, ao lado de um avião, e, mais tarde, com o uniforme da Polícia de Chatlam, posando com personalidades da região. Detive-me à frente de uma fotografia em que Bernie, ainda muito novo, surgia ao lado de um homem mais velho e mais alto, de porte atlético, que segurava uma cana de pesca com um grande peixe pendurado na linha.

«É o meu avô», disse Laura.

«Ah, o grande Walt», disse a senhora. «Ofereceu-nos esse peixe, uma truta deliciosa. Lembro-me desse jantar, convidámos a vizinhança toda e ainda sobrou peixe para o dia seguinte.»

«A senhora é a mulher do chefe Ditmas?», perguntou Laura.

A mulher sorriu com dentes carcomidos pelo tempo.

«A menina não se lembra de mim, pois não?»

«Confesso que não», disse Laura.

A penumbra do corredor escondia-nos os rostos.

«Eu andei consigo ao colo», lembrou ela. «Chamo-me Sheila.»

«Sheila Mullens», disse Laura, lembrando-se subitamente de quem ela era. Voltou-se para mim. «É a irmã da Doris.»

As duas conversaram durante um minuto. Mais tarde, Laura contou-me que Sheila vivia com o chefe Ditmas há muitos anos mas raramente se aventurava fora da propriedade. Mudara-se para aquela casa depois da morte de Teresa (a primeira mulher de Ditmas) em 1977, vítima de cancro; dizia-se que Bernie e ela tinham começado uma relação — nunca assumida, claro — durante o período em que Teresa estava doente.

Sheila levou-nos para o exterior. No pátio das traseiras, delimitado por uma cerca, encontrava-se Bernie, a cortar lenha. Tinha um machado na mão e assentava os troncos num cepo. Tinha emagrecido bastante e já não usava bigode; a cara limpa, agora mais seca de carnes, realçava-lhe a altura das maçãs-do-rostto, dando-lhe um semblante estranhamente efeminado.

«Não posso crer», disse ele ao ver-nos.

«A Laura e este senhor vieram vê-lo, *chefe*», gracejou Sheila.

Ditmas pareceu atrapalhado. Pediu à mulher que nos arranjasse um café e ela regressou ao interior da casa. Suado, Bernie usava uma camisola grená, umas botas enlameadas. Tinha ficado completamente careca. Tirou um lenço branco do bolso das calças e limpou a cara e o pescoço.

«Nesta floresta aqui atrás havia um urso negro», contou Ditmas sem perguntar ao que vínhamos. «Estava fora do seu *habitat*, mas sobrevivia ali, no meio das árvores, nas colinas antes da floresta que divide os Estados de Nova Iorque e Massachusetts. Veio três vezes espreitar a nossa casa, andou a

rondar por aqui e depois desapareceu para sempre. Mas, antes disso, ainda estraçalhou meia dúzia de galinhas do nosso vizinho.» Ditmas pousou o machado em cima do cepo. «Foi a única altura em que tive medo de viver neste lugar.»

«Um urso mete medo a muita gente, chefe Ditmas.»

«Deixe-se lá dessa coisa do *chefe*, Laura», disse ele. «Já se passaram anos desde que vesti um uniforme pela última vez. Contudo, ainda durmo com um olho fechado e o outro aberto.

«Por causa do urso?», perguntei.

Bernie abanou a cabeça enquanto descalçava as luvas.

«Por causa daquela noite de catorze de Setembro», confessou. «A noite em que o seu pai morreu.»

«Em que foi morto», corrigiu Laura.

Sheila regressou com três chávenas de café. Ofereceu uma a cada e, depois de afagar o ombro de Ditmas, tornou a desaparecer dentro de casa.

«Parece uma boa mulher», disse Laura.

«A melhor que um viúvo como eu podia arranjar», confirmou. Bebeu um gole do café. «Os Walsh compraram terra nesta zona quando eu ainda era um miúdo, sabe? O seu avô... Lembro-me muito bem dele. Foi o primeiro pescador a sério que conheci. Era tão experiente dentro de água como em terra, e, em 1973 ou 1974, levou-nos numa pescaria a New Haven. Uma pescaria de mar, na dureza do Atlântico, dentro de um bote a remos. Quase morri de susto.» Bernie riu-se, tornando a calçar a luva da mão direita. «Tinha uma mulher linda, o seu avô. Morreu antes dele, ficou viúvo bastante cedo.

Mas já nessa altura eram donos de um grande pedaço de terra.»

«Que o meu avô queimou antes para depois a comprar por um preço irrisório», disse Laura. «Eu conheço as histórias todas, chefe Ditmas.»

«Bernie», insistiu ele. «Trate-me por Bernie.»

«Bernie», corrigiu Laura.

«Isso são histórias antigas, nunca confirmadas.» Pegou no machado e, com um golpe seco, preciso, cortou um pedaço de madeira em dois. «O velho Milton atribuiu a culpa do incêndio ao seu avô, mas a verdade é que a família Saunders foi sempre perseguida pelo azar. O incêndio, o desaparecimento súbito do George, o atraso mental do neto. Uma família com propensão para a desgraça tem tendência a atirar as culpas para cima dos outros. Costuma ser gente com a mania da perseguição.»

«Isso são tretas», disse Laura. «Eu conheço bem os Saunders, mas conheço ainda melhor os Walsh. O meu avô podia ser um grande pescador, mas, pelo que sei, não tenho dúvidas de que era também um canalha.»

«Não devia falar assim dos mortos», advertiu Bernie.

«Os mortos estão-se nas tintas», respondeu ela. «Não têm contas a prestar nem ninguém a quem pedir desculpa. Cabe-nos a nós prestar contas por eles, emendar os erros que deixaram pendentes. Não lhe parece?»

«Não sei de que está a falar», disse Ditmas, tornando a pousar o machado sobre o torno.

Laura olhou-me como se fosse a minha vez de intervir. Procurei no casaco e encontrei a nota que recebera na pensão

de Philmont. Entreguei-a a Laura e ela mostrou-a a Ditmas, que tinha a testa inundada de suor.

«Esta é a sua letra?», perguntou Laura.

Bernie pegou no bilhete e observou-o durante um segundo. Devolveu-o a Laura sem dizer nada.

«Como é que sabia onde eu estava?», perguntei.

Bernie recomeçou a cortar lenha.

«Fui contactado pelo sujeito do filme», explicou. «Queria que eu aparecesse em frente das câmaras, para um documentário qualquer sobre a morte do Noah Walsh. O palerma falou comigo como se eu fosse um garoto; como se eu não tivesse trabalhado na força policial durante mais de quarenta anos! Falou de irregularidades processuais, coerção, erros da Procuradoria... Tudo conversa fiada para convencer idiotas sedentos dos seus cinco minutos de fama. Cá a mim é que ele não convenceu.» Ditmas tossiu, segurando o machado com a mão direita. «E, como lhe disse que não, insistiu, dizendo que até conseguira que um tal *Pedro* viesse da Europa para participar no filme, e então lembrei-me de si, o tipo de ar latino que andava sempre atrás da Laura Walsh...»

«O tipo de ar latino era eu?»

«Pois», confirmou Bernie. «Já deu a sua entrevista? Portou-se bem diante das câmaras?»

Ditmas continuou a castigar a madeira com o machado. De repente, parecia muito incomodado por estarmos ali, quase raivoso.

«*Vá até ao fundo*», li o papel. «Porque haveria de me enviar isto, chefe Ditmas? Descobrir o lugar onde eu estava

hospedado, ir aos Correios. Sabe dar-me uma explicação?»

«Não lhe devo explicações nenhuma.»

«Mas deve-me a mim», interveio Laura. Ele parou de assassinar a lenha e levantou a cabeça. «Eu sei que o passado é um lugar perigoso, Bernie. Mas, infelizmente, tenho sido obrigada a revivê-lo, vezes sem conta. O senhor era a autoridade responsável pela investigação do homicídio do meu pai, e estamos em crer que houve conduta imprópria.»

«O que é que quer dizer com *conduta imprópria*?», indignou-se Ditmas.

«Quero dizer que escondeu informações ou ocultou certos factos.»

«E porque é que eu haveria de fazer isso?»

«Estou certa de que teria as suas razões.»

«Que razões?»

«As mesmas que o levaram a esconder a morte do George Saunders», afirmou Laura.

Bernie pareceu tremer um pouco. De súbito, perdeu a força nas mãos. Visivelmente abalado, apoiou-se nos troncos cortados que jaziam num monte ao lado do cepo.

«Há muitos anos que não ouvia esse nome», disse ele.

«Mas lembra-se do George, certo?»

Ele fez que sim com a cabeça.

«Foi o meu pai que o matou?», perguntou Laura.

Bernie baixou a cabeça e fechou os olhos. Parecia lutar contra qualquer coisa dentro de si; uma luta desigual, destinada à derrota.

«Foi no Verão de 1965», disse Ditmas. «Eu estava em casa. Nesta casa. A minha Teresa ainda estava viva. No ano anterior, quando aguardávamos o nosso primeiro filho, ela abortou espontaneamente pela terceira vez e os médicos disseram que não podia tornar a acontecer. Caímos os dois numa grande tristeza, uma depressão que tomou conta de tudo.» Levantou o rosto e fitou Laura. «Foi o seu avô quem me ajudou, Laura. Todos os dias vinha ver como é que eu estava, levava-me a pescarias, a beber umas cervejas ao fim da tarde. Tentava animar-me de todas as maneiras possíveis. Organizaram uma festa aqui, neste mesmo pátio, no aniversário da Teresa, e convidaram a cidade inteira. Foi um dia memorável. Nessa altura, eu era adjunto do chefe da Polícia de Chatlam, um homem duro e prepotente chamado Ratcliffe. Tratava-me mal, tratava toda a gente abaixo de cão. Foi o Walt quem conseguiu correr com ele. Não sei como o fez: um dia, cheguei à esquadra e ele tinha-se demitido. Deixara uma carta a recomendar-me para o substituir. E assim foi. Nessa noite de Agosto, em 1965, o Walt apareceu aqui com o seu pai. Ele não devia ter mais de quinze anos, coitado. Vinha encharcado até aos ossos, o pobre rapaz, e com uma expressão de pavor no rosto que eu nunca lhe tinha visto. Em estado de choque. Era um miúdo bem-parecido, estudava num bom colégio, mas parecia uma carpa fora de água, o seu avô a segurá-lo pelo cachaço. Eu disse à Teresa que subisse para o quarto e fomos ali para dentro, para a sala. O seu avô comunicou-me que tinha acontecido uma tragédia e que era preciso minimizar os estragos. Era o meu primeiro Verão como chefe da Polícia e calhava-me logo uma coisa daquelas...»

«De que coisa é que está a falar, Bernie?»

«Daquilo que disse há pouco», acrescentou Ditmas. «O seu pai e o George Saunders.»

«É verdade que ele o matou?»

«Em minha opinião, não foi propositado. Andavam os dois atrás da mesma rapariga e, um dia, a Minnie apareceu grávida. Talvez o seu pai tivesse descoberto que o George era o pai da criança... Calculei que fosse alguma coisa desse género.» Bernie respirou fundo. Tentou pegar na chávena de café, mas as mãos tremiam-lhe demasiado. «Fosse o que fosse que tivesse acontecido... e eu pedi ao seu avô que não me contasse mais nada, preferia não saber!..., era preciso abafar o caso. Convenci-me de que não havia propriamente *culpas* a atribuir, foi uma discussão entre dois miúdos que ainda nem sequer eram maiores .»

«Uma discussão que acabou em tragédia para um deles», acrescentei.

«Porra, o que é que queria que eu fizesse?», zangou-se Ditmas. «Era o meu primeiro ano enquanto chefe da Polícia, não podia ter um homicídio em mãos. Não estava preparado. Além do mais, o Walt era demasiado poderoso. Era dono de metade das terras em Chatlam, conhecia senadores e políticos, era um homem respeitado. O seu avô tratava-me como se eu fosse ouro, Menina Laura. Acredite em mim.»

«Eu acredito, Bernie.»

«Mas havia uma testemunha, certo?», perguntei.

«Sim. Alguém tinha visto a luta entre os dois miúdos, viu um deles a arrastar o outro para dentro do lago. Assistiu ao afogamento. O seu avô pagou a esse homem para se manter em silêncio. De resto, o jornal local estava sob a nossa alçada;

nada era publicado sem a autorização da Polícia. Os repórteres bisbilhoteiros, como aquele Nolasco, só apareceram muito mais tarde, já nos anos 1970, quando o Nixon transformou este país numa palhaçada...»

«... e a verdade começou a vir ao de cima», comentou Laura.

Ditmas soltou um resmungo grave e abanou a cabeça.

«Isso da *verdade* é uma mania dos tempos modernos, Laura. No meu tempo, a verdade era que a cada dia que passava correspondia mais um dólar. A nossa verdade era pagar as contas, fazer o nosso trabalho, aparecer na missa de vez em quando, manter a nossa mulher feliz, não enfiar o nariz nos assuntos alheios. Era esta a *verdade* de que vocês, os jovens, tanto falam hoje em dia.»

«Se ninguém metesse o nariz nos assuntos alheios, o Nixon ainda seria presidente», contestou Laura.

De repente, Bernie pareceu muito cansado.

«Importam-se que continuemos a conversa lá dentro?», pediu ele. «Preciso de me sentar.»

Fomos para a sala. Laura sentou-se no sofá, eu fiquei de pé e Ditmas no cadeirão. Respirou fundo umas quantas vezes; o ar estava pesado, húmido, e o homem continuava a suar. Na parede, existia apenas uma fotografia: três homens em fila indiana, a olharem para a câmara. O do meio, mais alto do que os outros dois, segurava um peixe pelo anzol.

«Sou eu, o Noah e o Lou», comentou Bernie ao reparar que eu observava a fotografia.

«Os grandes companheiros de pesca.»

Ditmas inclinou-se para a frente e pousou os cotovelos nos joelhos. Tapou o rosto com as duas mãos e murmurou qualquer coisa.

«O que é que está a fazer?», perguntou Laura.

«Estou a pedir a Deus que me perdoe», disse ele.

«Que lhe perdoe porquê?»

«Porque prometi ao seu pai que nunca diria nada a ninguém.»

Bernie levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro, inquieto, com as mãos afundadas nos bolsos das calças.

«A esta altura da história, nós já sabemos do que o meu pai era capaz», disse Laura. «Não precisa de se preocupar comigo, se for essa a sua...»

«Não tem a ver consigo», interrompeu Ditmas. «Sei que é uma rapariga forte e que já passou por muito. Tem a ver comigo. Nunca na minha vida traí ninguém, nem sequer a minha mulher, que passou os últimos três anos doente quando a Sheila já tinha aparecido na minha vida. Eu disse à Sheila que só poderíamos ser... *íntimos*, estão a perceber?, depois de ela morrer. E a Sheila respeitou isso e esteve sempre ao meu lado, até ao último suspiro da Teresa. E eu nunca lhe toquei, Menina Laura, garanto-lhe.» Bernie veio sentar-se ao lado de Laura no sofá. «O que eu tenho para lhe contar é a razão pela qual enviei o recado ao seu amigo.»

«Então *ir ao fundo* era vir ter consigo», disse Laura. «Chegar até si.»

«Sim.»

«Porque o Bernie nunca viria ter connosco.»

«Exacto.»

Ditmas respirou fundo e recostou-se no sofá. Depois, fechando os olhos, disse:

«O seu pai pediu-me para morrer.»

«O quê?», perguntou Laura.

10 de Setembro de 1998

Chatlam, Estado de Nova Iorque

«O quê?», perguntou o chefe Ditmas.

Noah estava de costas para ele.

«Preciso de morrer», repetiu. «E preciso da tua ajuda. Vai ser daqui a poucos dias, por isso, não nos resta muito tempo para preparar tudo.»

Bernie estava sentado na sua cadeira, atrás da secretária coberta de papelada, do computador que nunca ligava, da pequena ventoinha que emitia um zunido contínuo, irritante. Suava as estopinhas, pois o calor invadira o Estado e ele tinha sempre manchas de humidade na farda que Sheila lavava todas as noites.

«De que é que estás a falar?»

Noah deu meia-volta. Estava bronzeado, o cabelo quase todo grisalho. Tinha quarenta e oito anos, mas continuava a ser um homem que chamava a atenção; aos olhos de Bernie, ainda mais possante e bem-parecido do que o saudoso Walt.

«Há quanto tempo é que nos conhecemos, Bernie?»

«A vida inteira.»

«Nunca te pedi nada que fosse impossível, pois não?»

«Não.»

«Bom. Temos isso assente.» Walsh levou as mãos à cintura. «Vão acontecer muitas coisas nos próximos tempos. Vai haver uma tempestade e o epicentro será aqui, em Chatlam. O lugar dos nossos Verões felizes.» Noah sentou-se na cadeira de plástico em frente da secretária. Soltou os braços. «Tenho de fazer uma coisa da qual não me orgulho. Mas é o que eu tenho de fazer. Não me perguntes a razão. Vais tentar demover-me, e eu não posso voltar atrás nem tenho tempo para discussões.» Levou as mãos à nuca e estendeu as pernas. «Vou matar o meu sócio.»

Bernie cuspiu o café que acabara de beber.

«Vais quê?»

«Vou matá-lo», repetiu Noah. «Vai ser nos próximos dias, embora eu não saiba exactamente quando. Ele vem a minha casa, vamos discutir e, depois, eu mato aquele filho da puta.»

«Noah, não tens de fazer isso...»

«Cala-te», interrompeu Noah. «Por favor, nem sequer tentes. Em memória do meu pai, em nome dos velhos tempos.»

«Eu sou o chefe da Polícia, Noah. Como é que posso não te contrariar quando vens até aqui dizer-me que planeias matar um homem?»

«Um homem que fez coisas horríveis», disse ele.

«Deus tomará conta dessas injustiças.»

«Deus não tomará conta de nada se eu não tomar as devidas providências», reclamou Walsh. «Para que as minhas filhas recebam a apólice do seguro de vida e fiquem confortáveis, eu preciso de morrer. São quase cinco milhões de

dólares, todos para elas. Para a Laura e para a Levi: elas recebem tudo.»

«Estou completamente baralhado», disse o chefe Ditmas, suando profusamente do bigode. «Quem vai morrer és tu ou é o teu sócio?»

«Quem vai morrer é o Pinkus», explicou Noah. «No entanto, o corpo que vai ser encontrado é o meu.» Noah chegou-se à frente, pousando os cotovelos nos joelhos. «Eu e o Matthew temos a mesma altura. Sensivelmente o mesmo peso, o mesmo tipo de cabelo. Na verdade, podíamos ser irmãos.» Apontou para o lado esquerdo do rosto. «A diferença é que eu tenho esta cicatriz do golfe. De certeza que arranjas um médico-legista que a reproduza na morgue. Eu sei como é que a coisa funciona, esses tipos são autênticos maquilhadores. Basta simular a cicatriz e desfigurar o rosto ao Matthew, e sou eu quem vai estar deitado naquela marquesa, sou eu quem vai a enterrar.»

Ditmas não queria acreditar no plano absurdo em que Noah lhe pedia que alinhasse.

«E o que é que tu fazes, entretanto? Desapareces do planeta?»

«Isso é problema meu», disse Noah. «Não te preocupes comigo. Já tu...»

«Eu, o quê?»

«Trata de arranjar-me um bode expiatório, Bernie. Alguém que me pudesse querer matar.»

«E quando as autoridades perguntarem pelo teu sócio depois da tua morte?»

Noah aproximou-se da secretária de Bernie e apoiou as mãos no tampo, inclinando-se para a frente.

«Lembras-te da famosa pescaria de 1989?», perguntou.

Ditmas fez um esforço de memória; depois, a recordação chegou-lhe, clara como água.

«Claro. O ano em que o Lou caiu ao lago.»

«Foi também o ano da truta solitária.»

«Pois foi. Uma única truta. Lembro-me de que tu e o Lou tiveram uma discussão enorme sobre quem é que a tinha apanhado.»

«A maioria das trutas morre antes do primeiro ano de vida, sabias?», disse Walsh com os olhos raiados de vermelho. «As que sobrevivem ao primeiro ano aumentam consideravelmente as suas hipóteses de sobrevivência. A truta castanha pode chegar aos vinte anos.»

«É deliciosa», disse Ditmas. Sentiu-se subitamente comovido ao lembrar-se da truta que comera no ano da morte de Walt, no jardim da família Walsh. «Nunca me esqueci dela.»

«O meu pai era um desses espécimes raros», disse Noah. «Tu e eu também somos, Bernie. Sobrevivemos a coisas que matariam grande parte das pessoas.» Noah olhou para o chão. «O Matthew é uma truta que devia ter morrido há muito tempo. É um fraco, um parasita. A Polícia vai perguntar por ele durante um tempo, e depois desistirá. Ninguém quer saber da truta que morreu no fundo do lago. Ninguém quer saber da truta que não se faz peixe maduro.»

Ditmas soluçou. Não queria acreditar no que estava a acontecer.

«Para onde é que vais?»

«Tenho tudo tratado», respondeu Noah. «Durante uns anos, desaparecerei por completo. Depois, quando for oportuno, darei sinal de vida. Às minhas filhas, primeiro. Depois, a ti. Mas é provável que não nos tornemos a ver, meu amigo. Meu velho amigo. Mas eu estarei por aí, quieto, vigilante. Terei outro nome. Outra carta de condução, talvez um passaporte de outro país. Mas continuarei a ser o teu velho Noah Walsh.»

Ditmas levantou-se e, de lágrimas nos olhos, abraçou o homem com quem nunca mais tornaria a pescar no lago Juniper.

Março de 2008

Chatlam, Estado de Nova Iorque

Laura e eu ficámos sem palavras. Bernie acabara de contar a verdade sobre a morte de Noah Walsh e nenhum de nós conseguia acreditar.

Que Noah escolhera esse caminho.

Laura levou as mãos ao rosto. Chorava. Depois controlou-se e, limpando as lágrimas, sorriu como eu só a vira sorrir quando éramos uns miúdos cheios de desejo e de ilusões nas ruas do Lagoeiro.

«Quer dizer que a minha irmã está inocente», disse Laura.

Ditmas também sorriu e pegou na mão dela.

«Sim. Desculpe ter guardado este segredo durante tanto tempo. Mas eu não sabia o que ia acontecer e tinha feito uma promessa ao seu pai.»

«E o *bode expiatório*?», perguntei eu. O ex-polícia largou a mão de Laura e mordeu o lábio. «Dan Saunders», concluí, sem precisar de resposta.

«O problema é que o idiota do miúdo deve ter entrado no escritório nessa noite, logo a seguir ao homicídio», explicou Bernie, olhando para Laura. «Ele andava sempre a rondar a vossa propriedade. Deve ter ouvido os gritos, entrou,

encontrou o corpo no chão, talvez nem tenha visto a sua irmã ao canto... e fugiu, com as roupas e os ténis sujos de sangue.»

«Que era do Pinkus», acrescentei.

«Então, se o corpo que foi encontrado na casa de Chatlam era o do Pinkus, de quem era o corpo que foi encontrado no carro do tio Matthew?», perguntou Laura.

«Não posso ter a certeza», disse-lhe ele. «Foi a Polícia de Albany que o descobriu, e o cadáver estava carbonizado. Usava o relógio de pulso do Pinkus, era da mesma estatura, do mesmo tamanho. Tinha levado um tiro, e no revólver encontraram as impressões digitais do Noah, como vocês sabem. É tudo o que sei também.»

«O que é que lhe diz a sua intuição, Bernie?», perguntou Laura.

Pareceu-me que fazia a pergunta com a secreta esperança de que Noah ainda estivesse vivo. Mas o chefe Ditmas respondeu:

«Que era o corpo do seu pai.»

«Nesse caso, tem de ter existido uma terceira pessoa nessa noite», disse eu. «Que matou o Noah e o colocou no carro do Pinkus.»

«Não pode ter sido a minha irmã», disse Laura.

«A sua irmã estava sob uma dose tão grande de comprimidos para dormir, que é um milagre ter acordado», disse Ditmas. «Foi o seu pai que lhos deu, tenho a certeza. Ele não estava à espera dela, não sabia que a Levi ia aparecer em Chatlam naqueles dias. Para que as coisas corressem como ele

queria, era fundamental que ela não ouvisse nada, que estivesse a dormir quando ele fosse ‘assassinado’.»

«O teu pai só não sabia que o *zolpidem* pode ter um efeito alucinatório», sugeri. «Às vezes, as pessoas sob influência dessa droga tornam-se sonâmbulas.»

«Ela deve ter descido do quarto no andar de cima e encontrou o corpo», sugeriu Bernie. «Com a faca espetada no rosto. Sonâmbula, a Levi pegou na arma do crime e caiu a um canto; quando o efeito dos comprimidos começou a passar, entrou em estado de choque, e foi assim que a encontrámos.»

«E a Doris?», perguntou Laura. «Sempre achei o testemunho dela estranho, pouco credível.»

«Julgo que ela terá sido a outra cúmplice no plano do seu pai», disse Ditmas. «Provavelmente, foi ela que misturou o *Ambien* na comida da sua irmã. Ou na bebida, quem sabe... Depois, eu convenci-a a acusar o Dan Saunders. O *bode expiatório*. Mas era lógico que ela soubesse desde o princípio o que ia acontecer. Era uma mulher fiel ao Noah, e corajosa.»

«Era?», perguntou Laura. «A Doris morreu?»

«Bom, não exactamente...»

«A Sr.^a Mullens está num lar de idosos», avancei.

«Como é que sabes?», perguntou Laura.

«Pelo McDonald, infelizmente.»

«E sofre de Alzheimer», anunciou Ditmas. «A minha mulher sente muito a falta da irmã, a doença... É como se já não estivesse connosco.»

«Pobre Doris», disse Laura.

Fez-se silêncio. Lá fora, ouviam-se os pássaros que sobrevoavam o bosque e, por vezes, pousavam no beiral do telhado. Parecia que tínhamos chegado a um impasse: se houvera uma terceira pessoa no local do crime, quem era, e porquê?

«A questão é que o plano do meu pai não correu como ele queria», pensou Laura em voz alta. «A minha irmã apareceu na pior altura possível e, sem sabermos ainda porquê, houve um segundo homicídio na mesma noite. Isso levou a companhia de seguros a pôr em curso uma investigação. Se as coisas tivessem corrido como o meu pai esperava, seria apenas um assalto violento.»

«Há outro pormenor que pode ajudar-nos», recordei. «A equipa do McDonald descobriu no extracto bancário do chefe Douglas Mitchell uma transferência de duzentos e cinquenta mil dólares da conta do Pinkus, feita em 1999, quando o homem já tinha morrido. Passados uns meses, o caso foi encerrado.»

«As transferências podem ser antecipadas, os bancos podem receber ordens para moverem certas somas em datas previstas», contrapôs Bernie.

«É demasiada coincidência», argumentei. «Essa transferência só pode estar relacionada com o arquivamento do caso. E com a reforma do Mitchell. E as duas coisas acontecem quando a imprensa já tinha perdido o interesse.»

«Mas para que é que o chefe Mitchell estaria a receber dinheiro?», perguntou Laura.

«Talvez para fazer o mesmo que o chefe Ditmas fez com a morte do Noah», sugeri. «Se o Dr. Pleasant disfarçou o cadáver do Pinkus, acrescentando-lhe a cicatriz do Noah,

talvez o Mitchell também tenha ajudado a forjar a identidade do cadáver encontrado no carro, impedindo que a investigação fosse demasiado fundo. Pode ter alinhado com a Procuradoria na tentativa de o caso ser encerrado o mais depressa possível. Mas, ao passo que o Bernie era amigo do Noah, o Mitchell teve de ser subornado.»

Ditmas cruzou os braços e olhou para o chão. Parecia envergonhado, apesar da coragem que aquela confissão lhe pedira.

«Resta saber por quem e com que objectivo», disse Bernie.

«Seja como for, o único outro titular da conta do Pinkus era o Artie», acrescentei.

Laura olhou para Bernie, que encolheu os ombros.

«Não sei quem é esse», disse ele. «Juro.»

«O Artie não seria capaz disso», disse Laura. «Era um rapaz demasiado desajeitado.»

«Há quanto tempo é que não o vias?»

Laura pensou durante um momento.

«Há muitos anos. Talvez desde 1992 ou 1993», respondeu. «Soube que a mãe dele estava doente e que tinham ido viver para a casa que tu visitaste. Era uma situação estranha, mas ninguém na minha família se atrevia a comentar. Assumimos que era mais um dos episódios caricatos do tio Matthew; ele separar-se da família daquela maneira e deixar a mulher doente à guarda do filho, que era tão novo...»

«Teremos de falar com o chefe Mitchell», disse eu. «E com o Artie, embora o McDonald me tenha dito que a sua equipa de investigação não o consegue encontrar.»

Bernie, de ombros encolhidos, disse:

«Estou disposto a testemunhar, Laura. Independentemente das consequências. Direi às autoridades tudo o que vos contei.»

«Não», disse Laura.

«O quê?», perguntei.

«Já chega», disse ela.

Eu estava de pé, encostado a uma estante de livros, e avancei um passo.

«Mas estamos tão perto, Laura.»

Olhou para mim com os olhos marejados de lágrimas.

«Já chega», repetiu.

Quando entrámos no carro, ela fez uma chamada para Lombardi. Foram cerca de cinco minutos de conversa enquanto o advogado, do outro lado da linha, tentava demovê-la, mas Laura já tinha tomado a sua decisão.

Não queria reabrir o caso.

Apesar da insistência do advogado, Laura tinha a palavra final. Quando desligou, olhou para mim — eu observava, do lugar do condutor, o alpendre da casa de Ditmas, que se sentara numa cadeira ao lado de Sheila — e pediu-me que a levasse à casa de Chatlam.

«Estás a cometer um erro, Laura.»

«Não estou. Vamos, por favor.»

Liguei o carro.

«Estou a respeitar a vontade do meu pai», acrescentou. «Ele fez um acordo com o Bernie para fingir a morte e desaparecer. E a intenção dele era proteger-nos, a mim e à Levi.»

«E também matou o Pinkus por vingança», disse eu.

«O Matthew queria abusar sexualmente da minha irmã, Pedro!», disse ela, levantando a voz. «Achas que não tinha motivo para se vingar? Até eu fazia o mesmo, se calhar.»

«Tem calma.»

«Não acredito que estás a tentar culpar o meu pai disso.»

«Tu ouviste o que o Dermot disse», contrapus. «O Homem Invisível eram dois homens. O teu pai e o Matthew. Talvez o Pinkus tenha pisado o risco, mas isso não significa que o teu pai não tenha feito o mesmo que ele.» Respirei fundo. Eram palavras difíceis. «Todas aquelas raparigas da Grace Willard eram filhas ou irmãs de alguém.»

Laura voltou-se para mim e deu-me um estalo. Fiquei atónito, perplexo. Depois começou a esmurrar-me na cara e no peito enquanto chorava, o rosto contorcido e as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos.

«Não fales assim dele!», gritava enquanto eu procurava agarrar-lhe os braços. «Não te atrevas a falar assim dele!»

Aquilo durou um minuto. Depois, Laura encostou a cabeça ao vidro do carro e, enquanto soluçava, rogou:

«Leva-me para casa. Por favor, leva-me daqui.»

Passámos o resto do dia na casa de Chatlam. Ainda havia um sofá na sala, e Laura aninhou-se nele e adormeceu até a noite chegar. Era estranho estar ali, no lugar onde o crime

acontecera, numa casa praticamente vazia, mas ela insistiu. O telefone de Laura tocou várias vezes, mas ela nunca atendeu. Sem saber o que fazer, sentei-me à mesa da cozinha (não havia sequer um frigorífico naquela divisão) e liguei a Nolasco. Combinámos ir jantar. Tentei convencer Laura a vir connosco, mas ela recusou-se a sair do sofá, embrulhada em si própria. Num armário coberto de pó, encontrei um par de cobertores antigos e tapei-a. Depois, meti-me no *Ford* e fui ter com Nolasco ao Starbucks, que era a única coisa aberta em Chatlam ao domingo à noite. Bebemos *cappuccinos* e comemos as sanduíches que eles tinham — fiambre com queijo *brie*, tudo monotonamente temperado com azeite de má qualidade —, e ele fez-me todas as perguntas que quis e eu dei-lhe todas as respostas de que fui capaz.

«Caramba», afirmou o jornalista. «Que história inacreditável. O chefe Ditmas confessou mesmo isso tudo?»

«Tudo», respondi, mastigando com dificuldade o pão um pouco seco.

Nolasco tirou um maço do bolso e pôs-se a brincar com um cigarro entre os dedos.

«E a Laura não quer reabrir o caso.»

«Não. Quer respeitar o desejo final do pai, que era de silêncio.»

«Eu acho que ela está a fazer a coisa certa.»

Recostei-me no assento estofado e suspirei.

«Nolasco, esta é a oportunidade perfeita para que os dois casos sejam reabertos como um só e, finalmente, se saiba o que aconteceu», notei. «De repente, o chefe da Polícia responsável pela investigação confessa que estava em conluio

com a suposta vítima; há falsificação de um cadáver; há outro cadáver trocado, irreconhecível, no fundo de uma ravina, que pode ser o do Noah; e tem de haver alguém que serviu de ligação a estas duas mortes e que ainda não sabemos quem é.»

«Já pensou que pode ter sido o próprio Noah?»

«Como?»

«Primeiro, mata o sócio, conforme o seu plano», sugeriu Nolasco. «Depois, arrepende-se e atira-se da ravina no carro do Pinkus. Olho por olho, dente por dente.»

«E a bala?», perguntei. «E o revólver com as impressões digitais do Noah, que foi enviado para a Polícia sabe-se lá por quem?»

Nolasco também se recostou no assento. Tinha um sorriso estampado nos lábios.

«Você acha mesmo que isto é divertido?»

«Caramba, é divertidíssimo!», respondeu ele. «Na verdade, é o mistério mais misterioso de toda a minha vida aborrecida de repórter de província.» Sorveu o café, ficando com espuma nos lábios. «E, a cada momento, parece que os que sobraram fazem uma força incrível para que isto nunca mais se resolva. É brilhante, não acha? Mesmo como se lê nos livros policiais.»

Lembrei-me de Gary List.

«Os livros só são divertidos para quem os lê», disse eu. «Para os escritores, são uma sentença de morte.»

«Não seja tão dramático, Taborda», disse Nolasco.

«Acha que ela tem razão?», perguntei. «Que o melhor é deixar isto tudo ficar por aqui?»

«Eu disse-lhe que ela está a fazer a coisa certa», respondeu.
«Não disse que tem razão.»

«Portanto, acha que o caso devia ser reaberto?»

Ele pareceu reflectir um pouco e, depois, perguntou-me:

«Como é que estão as coisas em casa, Taborda?»

«O que quer dizer com isso?»

Nolasco assentou os cotovelos na mesa.

«A sua família. O seu casamento, o seu filho.»

«O que é que isso tem a ver com o caso?»

«Ora, Bill Clinton... É o meu instinto. Sempre que vejo um homem demasiado atento aos problemas alheios, começo a desconfiar de que os problemas começam na sua própria vida.»

«Acabou de descrever todos os jornalistas deste mundo.»

«Conte lá, sou todo ouvidos.»

E, na verdade, era um bom ouvinte. Bebemos mais café, conversámos durante mais duas horas. Conte-lhe da minha vida em Lisboa; de como todos os sonhos e ilusões da juventude pareciam ter sido hipotecados de uma só vez a partir do momento em que Manuel nascera. E como esse momento era, também, o mais importante de toda a minha vida. Uma contradição enorme, por vezes, quase insuportável.

«É a primeira vez que te ausentas durante tanto tempo?»

«Sim. Desde que ele nasceu.»

«O que é que sentes?»

«Alívio», respondi.

Era a verdade. Mais de uma semana sem ter de acordar cedíssimo para o deixar na pré-primária, sem ter de me preocupar com a hora de sair do trabalho para o ir buscar, dar-lhe o lanche, dar-lhe banho, dar-lhe o jantar, contar-lhe uma história de boa noite (Manuel queria ouvir sempre a mesma, aquela em que o lobo soprava e a casa dos porquinhos caía). Ainda que Luísa participasse em tudo isto, havia um lado meu que me obrigava a dormir sempre com um olho aberto. Era o meu filho, a minha criatura. Gary List tivera os seus livros; eu tinha aquele menino de cabelo claro e olhos grandes e esperançosos, que me abraçava antes de dormir e me chamava *pai*. Era por causa de Manuel que eu permanecia onde estava; era por causa da sua existência que eu conseguia suportar a minha, apesar de Luísa estar sempre comigo.

«A sensação que eu tenho é que você deixou alguma coisa muito importante lá atrás», desafiou Nolasco, terminando o *cappuccino*. «Onde o Diabo perdeu as botas. Quando era miúdo e estava longe de saber o que o mundo pode fazer connosco.» Suspirou. Olhava-me com compaixão, quase com carinho. «Aconteceu-me o mesmo, Taborda. A minha vida é isto: entrar e sair da redacção de um jornaleco de província, dia sim, dia sim, à espera de que aconteça alguma coisa incrível. E, durante anos a fio, nada acontece. Uma pessoa continua a acreditar no Pai Natal. Depois, um dia, aparece uma Laura Walsh nas nossas vidas. Na sua vida; e, por arrasto, na minha. Um pai assassinado, uma filha louca, um corpo carbonizado, uma história que ninguém consegue explicar. E um tipo põe-se a sonhar, sabe?»

«Está a falar de 1998», respondi. «Da sua oportunidade perdida.»

«Quando encerraram os dois casos, confesso que fiquei desolado», admitiu Nolasco. «Tinha tanto material. Factos, acusações, incongruências, testemunhos, depoimentos, enfim... Achei que ia escrever a reportagem da minha vida. Que, em pouco tempo, estaria a trabalhar no *The New York Times*.»

«Lamento», disse eu.

«Nunca teve aquela sensação de que, lá em cima, está alguém a olhar por nós?»

«Raramente», respondi.

«Talvez esse *alguém* não queira que eu saia daqui», propôs Nolasco. «Quer que eu seja um jornalista de província o resto da vida. Que você nunca chegue a escrever a sua obra-prima; que o caso do Noah Walsh nunca seja resolvido.»

«Acredita mesmo nisso?»

Nolasco olhou pela janela. A noite de Chatlam, fria e ventosa, afastava toda a gente das ruas; no interior do Starbucks, o empregado atrás do balcão roía as unhas enquanto olhava para o telemóvel. Éramos os únicos clientes.

«Acredito que essa história do livre-arbítrio é uma treta», confessou. «Estamos limitados e condicionados por forças que desconhecemos, por causas e consequências que remontam há milhares, ou milhões, de anos e que são a matéria de que é feito o nosso corpo, a nossa consciência.»

«Você é um filósofo, Nolasco», disse-lhe eu.

«Sou um realista», respondeu ele.

Respirei fundo. A sanduíche que comera incomodava-me o estômago; precisava de descansar, mas os meus pensamentos

continuavam a galopar sem freio.

«Só existem duas pontas soltas nesta história, a meu ver», adiantei. «O chefe Mitchell e o filho do Pinkus.»

«E, pelos vistos, ninguém consegue encontrar o filho», disse Nolasco. «A equipa do McDonald já tentou, e têm muito mais recursos do que nós.»

«O que é que você acha do Peter McDonald?»

«Acho que é um tipo que parte de uma presunção correcta... a da inocência da Levi..., mas que não tem escrúpulos. Fará de tudo para conseguir o seu filme e levar a sua teoria avante. Mesmo que, no final, a teoria se prove falsa. O que faz dele um indivíduo perigoso, movido por ambições pessoais. E o que esta história precisa é de um ponto de vista imparcial.»

«Isso não existe», contestei.

«Certo. Mas convenhamos que o McDonald é o contrário absoluto de um ponto de vista imparcial.»

«Por causa dele, voltámos a olhar para o que aconteceu em 1998», contrapus. «E descobrimos coisas que nunca teríamos descoberto de outra maneira.»

«Talvez. Ou, quem sabe, mais cedo ou mais tarde, o Bernie Ditmas acabasse por confessar a alguém a sua verdadeira participação nisto.»

«Mas havia ainda o passado do Noah e a história da Minnie e a morte do George Saunders...»

«Tudo pérolas para o documentário do McDonald», disse Nolasco. «E você ajudou-o bastante, Taborda. De certeza que vai ter créditos de produtor executivo, ou coisa que o valha!»

Ele riu-se. Quando baixava o queixo, o nariz parecia ocupar o espaço inteiro da sua cara. «São tudo histórias incríveis, que de nada servem para reparar a injustiça que já foi cometida. A rapariga passou oito anos na prisão; a família foi destruída; os Walsh desapareceram do mapa, passaram à História. Tornaram-se a poeira dos tempos.»

«O documentário pode servir para repor a verdade.»

«Qual é a verdade?», perguntou ele.

«Ainda não sabemos. Mas o testemunho do Bernie iliba a Levi, por exemplo.»

«Que já cumpriu a sua pena e, entretanto, parece ter enlouquecido de vez.»

O jornalista começava a irritar-me. Não sabia aonde é que ele queria chegar com tanta teimosia.

«Qual é a solução, então?», perguntei.

«Diga-me você, Taborda. Você é que sabe tudo, é o manda-chuva.» Ele começou a vestir o casaco. «Falta uma peça para completar o *puzzle*. É sempre assim nos casos desta dimensão, que se arrastam ao longo do tempo. Falta uma peça; falta sempre uma peça e, até que alguém a encontre — se é que alguém um dia a encontrará —, restará sempre a sensação de que a culpa morreu solteira.»

Nolasco levantou-se. Eu fiz o mesmo e, um minuto depois, estávamos na rua, o vento frio a rodear-nos como o presságio de um futuro sem esperança.

Quando regressei à casa dos Walsh, Laura dormia profundamente no sofá, enrolada nos cobertores. A escuridão era completa e tive de usar a luz do ecrã do telefone para me

orientar. Vasculhei a casa inteira por uma cama e encontrei somente um colchão num dos armários, que arrastei até à sala. A casa estava fria, e a ausência quase completa de mobília transformava-a numa espécie de sarcófago de brisas geladas; eu e Laura éramos dois defuntos soterrados nos escombros de uma civilização perdida. Deitei-me no colchão, todo vestido, de casaco, e tirei de frio até adormecer. Acordei de madrugada. Sentia que tinha dormido dentro de um iglô, e Laura não parecia mais feliz.

Fizemo-nos à estrada em silêncio. Ela conduziu enquanto eu dormitava, e ainda não eram dez da manhã quando me deixou à porta do hotel, na Broadway.

Antes de sair do carro, consumido pelo cansaço, esfreguei as mãos nas calças e disse:

«Gostava de te ver antes de partir.»

«Sim», respondeu ela, sem entusiasmo. «Tomamos um café.»

Seguiu-se um silêncio constrangedor.

«Tens a certeza de que...?»

«Tenho», interrompeu ela. «Vou ver como está a Levi e, assim que puder, regresso a Toronto.»

Devo ter feito uma expressão algo triste, porque Laura pegou-me nas mãos e apertou-as com força. Tinha os dedos gelados.

«Obrigada», disse ela.

«Não fiz quase nada.»

«Estiveste presente. Agora sei que a minha irmã é inocente, e isso é tudo para mim.»

Quando ia a fechar a porta, Laura chamou-me.

«Tinhas-me pedido isto», disse ela, tirando da carteira o passaporte de Sri Anish. «Esqueci-me completamente. Ainda o queres?»

«Eu devolvo-to antes de partir», respondi, embora não soubesse porquê.

Despedimo-nos e vi o *Ford* velhinho desaparecer pela East 8th no meio do tráfego intenso, sobrecarregado de táxis amarelos. Subi ao quarto e deitei-me na cama. Acordei a meio da tarde, estremunhado. Fiz um telefonema e, meia hora depois, estava a caminho de Brooklyn.

Foi estranho sentar-me na linha L do metropolitano tantos anos depois. O cheiro metálico dos carris, o odor dos passageiros — os perfumes, os corpos, os hálitos —, tão diferente do metropolitano em Lisboa; tudo aquilo me trouxe à memória o tempo em que eu estudava na New York University e albergava em mim tantos sonhos; quando ainda tinha a certeza de que, um dia, seria escritor, apesar de todos os avisos da minha avó de que acabaria desempregado ou bêbedo, ou as duas coisas. Ao pensar nela, e nos seus últimos dias no hospital de Santa Maria (nem todos teremos a sorte de viver tantos anos, e ela sobrevivera para conhecer o bisneto), tive vontade de chorar e precisei de esconder o rosto com a mão, os dedos apertando os olhos para que as lágrimas não brotassem.

Saí em Grand Street e segui as indicações que tinha escrito num papel. Voltei à direita na Humboldt e, pouco depois, cheguei à morada. Era um edifício recente, num daqueles quarteirões que, dez anos antes, teriam sido propriedade exclusiva de latinos — *bodegas*, *taquerias* e lavandarias — e, agora, pertenciam aos novos *yuppies* da América: jovens que

ganhavam fortunas com o incrível mundo das novas tecnologias. Uma mulher asiática e bem vestida estava sentada atrás do balcão de uma recepção asséptica, de paredes demasiado brancas, que a luminosidade do dia tornava difícil de suportar. Num estilo glacial, perguntou-me quem era e ao que vinha.

«Vou ver se ele está disponível», respondeu ela.

Fez uma chamada e falou muito baixinho para o bocal. Depois olhou-me, muito séria. «Lamento, mas ele só estará disponível para si em Dezembro.»

«O quê?»

«É a informação que tenho, senhor.»

«Daqui a nove meses, portanto.»

«Lamento», disse ela com a típica frieza americana.

Nesse momento, abriram-se as portas de um elevador. Do interior saiu Mookerjee, vestido num fato e gravata cinzentos, com um telemóvel na mão.

«Macacos me mordam», disse ele.

«Filho da mãe.» Ri-me.

Abraçámo-nos perante o olhar confuso da recepcionista. Mookerjee gargalhou da partida estúpida. Depois, levou-me para o último andar do edifício. No espaço de uma década, ele passara de estudante de Novas Tecnologias a dono de uma empresa que fazia aplicações para telemóveis, uma das mais rentáveis de Nova Iorque. Tinha vinte e cinco empregados ao seu dispor e planeavam mudar-se para São Francisco no ano seguinte, com vista à expansão do negócio.

«Mal posso esperar pelo sol da Califórnia», disse ele, enquanto atravessávamos o espaço aberto do escritório, povoado de *geeks* com óculos de massa, que teclavam em frente de poderosos computadores. «E as miúdas, claro. Dizem que na Califórnia as mulheres são tão liberais que preferem fazer-te um broche a beijar-te na boca.»

«Duvido que isso seja verdade», disse eu enquanto Mookerjee — que tinha um novo penteado e parecia um *guru* das tecnologias, em vez do estudante remediado que eu conhecera, obcecado com jogos de computador e muito pouco atento à higiene pessoal — me ia apresentando aos empregados, dos quais não decorei um único nome. Finalmente, chegámos a uma secretária onde um rapaz gordinho, também indiano, fitava um ecrã como se estivesse a olhá-lo sem interrupções há uma semana.

«Ei, passa aí a cena que me pediste», disse-me Mookerjee. «Aqui o Ranjay pode ajudar-te.»

Entreguei o passaporte a Ranjay, que me olhou como se eu fosse um ser de outra galáxia.

«Vou ver o que posso fazer.»

«Anda ver o meu escritório», convidou Mookerjee.

O escritório dele era um pequeno apartamento. Tinha uma cama, uma bicicleta elíptica, um sofá de três metros de comprimento, uma enorme janela da qual se via a cidade, com Manhattan ao fundo, e um ecrã gigante com uma consola para jogar. A secretária de Mookerjee, contudo, não tinha nada em cima. Nenhum papel, nenhuma caneta, nenhum indício de trabalho; nem sequer um telefone. Ele sentou-se atrás dela e eu ocupei um pequeno espaço no sofá, que parecia destinado a uma fila de gente à espera do autocarro.

«Sabes qual é a melhor coisa?», perguntou-me. «É que, hoje em dia, não faço nada. Nada de nada.»

«Já percebi.»

«Limito-me a verificar se os outros fazem o seu trabalho», disse ele. «Sou o contrário de um indiano, que é o que todos os indianos procuram ser nos Estados Unidos. Sou o capitalista que chicoteia a cadeia de produção. Tenho escravos ao meu dispor. Sou a diáspora na sua expressão máxima.» Sorriu e pôs os sapatos caros em cima da mesa. «E, ao mesmo tempo, estou aborrecido de morte. Acreditas nisto?»

«Acredito piamente.»

«Como é que está a família?»

Eu e Mookerjee tínhamo-nos mantido em contacto ao longo dos anos. Trocávamos, ocasionalmente, um *email* ou dois. Eu sabia que ele tivera sucesso, e ele sabia que eu tivera um filho.

«Está tudo bem», respondi. «Ser pai é uma enorme fraude.»

«Já calculava», disse ele. «Como tudo o que goza de demasiada reputação.»

«E meti-me outra vez no caso Walsh.»

«Também calculava isso.»

«Não foi culpa minha. Fui contactado por um documentarista.»

«Podias ter dito que não.»

«Podia. E depois ficava a pensar naquilo o resto da vida.»

Mookerjee levantou-se e bateu palmas. De algum lugar oculto, chegava-nos uma música ambiente, qualquer coisa entre a bossa nova e a típica música de elevador.

«Queres um *Martini*?», perguntou ele.

«Quero.»

Achei que ele ia bater palmas outra vez e um pequeno *robot* chegaria com dois *martinis*, mas acabou por abrir um armário e tirar dois copos, uma garrafa de *vodka* e outra de vermute, um balde de gelo. Serviu-nos duas bebidas.

«À tua», disse eu.

«À tua», respondeu Mook.

Porque a história de Levi Walsh passava pela Índia, contei-lhe o que sabia. A chegada de Levi a Bangalore, para se encontrar com o homem com quem se correspondera na prisão; provavelmente, desde antes de ser presa. Eu atribuía o fascínio dela pela Índia ao seu sofrimento, acreditando que encontrava no mundo espiritual — ou num sábio autodenominado — a ‘solução’ para o seu mal-estar. Era muito mais fácil acreditar em algo superior quando se estava derrotado, e ela tinha sido arrastada pela lama durante muito tempo, ainda muito jovem.

«Se eu fosse a ti, não subestimava o poder da sugestão», disse Mookerjee. «Eu nasci na Índia, vivi lá até aos dezanove anos. Sabes o que é que mantém aquele país unido? O que é que o impede de rebentar pelas costuras ou de implodir?»

«O quê?»

«A fé. Não há nenhum outro povo na Terra que tenha tanta fé como os indianos. São gente sem casa, sem terra, sem

posses, sem pernas e braços, mas sorriem, desdentados, à beira da estrada, à espera daquilo que os deuses haverão de lhes proporcionar.» Bebeu do *Martini*, soltando um breve estalido de prazer. «Gente grata. E nós, aqui, no centro do mundo civilizado, somos uns ingratos e uns descontentes.» Mook levantou o copo. «Imagina a vida tal como ela é, mas sem nada disto: só poeira e lixo, o cheiro nauseabundo da merda e um destino igual para todos: apodrecer numa vala comum.»

«Não me parece que seja possível imaginar isso em Brooklyn.»

«Foi o que a Levi Walsh viu ao chegar à Índia, depois de oito anos na prisão», sugeriu ele, voltando a sentar-se. «Podridão e pobreza. Castas, cores, terra da cor do barro, riquexós, buzinas, moscas, vacas aos pontapés. E sorrisos de felicidade. Imagina a contradição dentro dela, a confusão que a rapariga deve ter sentido. Sair de uma cadeia onde tudo é estático, ordenado, controlado, directamente para o único lugar no mundo onde é necessário largar o controlo para sobreviver.»

«Ela passou por Toronto primeiro.»

«Pior ainda», disse Mookerjee. «Entre Toronto e viver na prisão, venha o Diabo e escolha.»

«Passou oito anos presa *injustamente*», realcei. «Foi o que descobrimos. Não é coisa pouca.»

«Têm a certeza disso?»

Contei-lhe o que descobrira junto de Bernie Ditmas. Mookerjee levou as mãos à nuca e recostou-se na cadeira; soprou para o ar.

«Uau. Isso é a prova de que o sistema penal americano é uma enorme aldrabice, promovida por procuradores corruptos e interesses políticos.» Olhou-me com sarcasmo. «Descobriste a pólvora, Pedro. Parabéns.»

«Teria graça, se não fosse também verdade para milhares de outros reclusos que estão na cadeia por crimes que não cometeram.»

Mookerjee levantou-se de um salto. O fato brilhante assentava-lhe bem, contrastando com a pele escura, que parecia menos macilenta do que nos tempos de faculdade. Ganhara cãs, embora fosse mais novo do que eu. Veio sentar-se ao meu lado no sofá.

«Estou a ver que te transformaste no defensor dos injustiçados e oprimidos», disse ele.

«Sempre é melhor do que ser o gajo que aceita o fracasso sem ripostar», respondi. «Ou um *yuppie* anacrónico como tu.»

Ele começou a rir-se.

«Então e a Laura?» Fez um gesto obsceno. «Deste-lhe uma das boas?»

«Sou casado, Mook.»

«Ora aí está outra novidade absoluta que tens para apresentar ao mundo: um homem casado que se envolveu com outra mulher.»

«Gosto muito da Luísa. Amo o meu filho.»

«Verbos diferentes.»

«Diferentes tipos de amor.»

Alguém bateu à porta. Mookerjee gritou: *Entra!* e Ranjay entrou. À luz das grandes janelas, os seus olhos pareciam maiores, a barriguinha mais proeminente.

«É falso», disse ele, e devolveu-me o passaporte.

«Como é que sabes?»

Ranjay olhou para Mookerjee como se eu fosse muito estúpido.

«Fiz uma pesquisa e contra-pesquisa de todas as bases de dados da Índia e dos Estados Unidos», respondeu ele. «O único Anish Majumdar que atravessou a fronteira fê-lo em 1976 e morreu há quinze anos. Na base de dados dos registos de Deli, Bombaim e Bangalore, não existe nenhum cidadão com este número de passaporte.»

«Correste a verificação MTRD e o RFID?», perguntou Mook.

«Sim», respondeu ele. Usavam uma linguagem invulgar, que eu não entendia. «Toda a informação está correcta, e a assinatura criptográfica também. Nenhum oficial de fronteira saberia dizer que o passaporte é falso. Mas há isto.»

Tirou-me o passaporte da mão e sacou um canivete do bolso. Cuidadosamente, raspou a parte da frente. A tinta azul-escura começou a sair, revelando um fundo castanho.

«Este papel é *Vellum Bristol*», disse Ranjay.

«E então?», perguntei eu.

«Se a Índia emitisse passaportes com este tipo de papel, o país iria à falência em menos de um mês», respondeu ele.

«Achei que já estávamos falidos», gracejou Mook.

Ranjay encolheu os ombros.

«É falso», repetiu, e saiu da sala, arrastando o corpo rechonchudo. Quando ele saía, entrou um pequeno *robot*, do tamanho de um caniche, que se aproximou de nós. *Caviar*, disse o *robot*, que segurava no braço direito um pratinho de caviar.

«Bem me parecia», disse eu.

Mookerjee serviu-se de um pouco de caviar com uma colher. Ofereceu-me. Era delicioso, tão saboroso, que devia ser proibido.

«Os russos são loucos», disse ele.

Olhei em redor, para a sala enorme, apreciei a luz que invadia o espaço.

«Ainda bem que conquistaste tudo isto», comentei. «Fico feliz por ti. Tu mereces.»

Mookerjee chegou-se mais próximo e passou-me o braço por cima dos ombros.

«Isto não é um falhanço, sabes?»

«O quê?»

«O teu regresso, essa história interminável dos Walsh. Não é um falhanço.»

«Eu sei.»

Apertou-me com mais força.

«Não sabes, não», insistiu. «Se soubesses, já te tinhas posto a milhas e regressado a casa. Fizeste tudo o que podias e o que não podias. Se as coisas ficarem assim, é porque era assim que tinham de ficar.»

E repetiu:

«Tu não falhaste.»

Quase me pôs a chorar pela segunda vez nesse dia.

Nessa noite, no quarto de hotel, recebi uma chamada de McDonald. Não lhe perguntei como me tinha descoberto; presumi que a sua *equipa* tratara do assunto.

«O que é que queres?», perguntei.

«Quero saber o que tu sabes», respondeu o homem. Consequia ouvi-lo a fumar, o som da voz tão próximo que era como se estivesse no quarto ao lado do meu.

«Quem é que te disse que eu sei de alguma coisa?»

«Devias ter partido há dois ou três dias, mas ficaste em Nova Iorque. Significa que descobriste alguma coisa, tu e a tua amiga.»

Eu estava deitado na cama com uma dor de cabeça fortíssima, a mão livre a tapar os olhos. As luzes do hotel não paravam de piscar por causa de um problema eléctrico qualquer.

«Já não estou por tua conta, McDonald», respondi. «Aliás, por conta da HBO. Vais ter de acabar o teu documentário sozinho.»

Houve um silêncio do outro lado, entrecortado pelo som de um líquido a atravessar o gargalo de uma garrafa.

«Fazemos um novo acordo. Conto-te o que sei e tu contas-me o que sabes.»

«Duvido que esse acordo seja interessante para mim.»

«Falámos com o Douglas Mitchell.»

Pesei a situação. Mitchell era um dos elos perdidos do caso, uma das pontas soltas. Lembrava-me bem dele — do seu aspecto ligeiramente moderno para polícia de uma cidade pequena e, ao mesmo tempo, do cansaço nos seus olhos deprimidos. Recordei que ele conhecera Noah no tempo em que este tentava reconstruir o seu império depois da falência de 1991, com a frota de barcos e importações do Quebeque, e lembrei-me de que Mitchell parecia ter nutrido simpatia pelo pai de Laura; a Pinkus, contudo, chamara-lhe *suspeito à nascença*. Talvez o dinheiro o tivesse feito mudar de ideias.

«E então?», perguntei.

«Confrontámo-lo com a soma de dinheiro que foi transferida da conta do Pinkus», contou McDonald.

«Qual foi a resposta dele?»

«Primeiro, insultou-me. Disse que era crime, em todos os Estados americanos, andar a bisbilhotar as contas alheias. Que eu não tinha qualquer autoridade para o fazer e que os meios ilegais que usara para obter aquela informação me valeriam a cadeia durante muitos anos.»

«E foram?»

«O quê?»

«Ilegais. Os meios.»

«Claro que foram.» Ouviu-o acender um cigarro. «Depois eu incentivei-o a ir às autoridades. Porque a descoberta de uma coisa implicaria a descoberta da outra. Os meios ilegais para transferir uma pequena fortuna da conta da vítima de um crime para o polícia responsável por esse mesmo caso. E aí ele calou-se. Ficou caladinho que nem um rato. Foi um gosto de ver.»

«Vai direito ao assunto, McDonald. Já é tarde.»

«Começou a choramingar», disse o produtor. «Parecia uma criança de três anos. Que a carreira de polícia era difícil, que ganhara uma miséria a vida inteira... *Blá-blá-blá*. Nos primeiros dias de 1999, recebeu uma mensagem anónima para largar o caso.»

«Uma mensagem escrita?»

«Parece-me que sim.»

«Em letras de imprensa muito carregadas?»

«Sei lá. A mensagem prometia-lhe um quarto de milhão de dólares se ele cessasse a investigação.»

«Isso também é crime.»

«Foi exactamente o que eu lhe disse. O homem fez novo choradinho, ficou desesperado, tornou a ameaçar-me. Recusou-se a dar uma entrevista para a câmara, o Jessie ficou tristíssimo. Filmámos o exterior da casa dele em Miami. Não é nenhuma maravilha, mas é mais do que a reforma de um policiazeco provinciano pode pagar.» Fez uma pausa. «Estás a ouvir-me, Taborda?»

«Onde é que isso nos deixa?»

«Temos um polícia corrupto neste caso. É bestial para a história.»

«Na verdade, temos dois», acrescentei, mas arrependi-me imediatamente.

«Dois?», gritou ele do outro lado. «De quem é que estás a falar?»

«Digamos que tinhas razão», disse eu, tentando desviar o assunto. «A Levi é inocente.»

«Conta-me como é que sabes isso.»

«Não posso dizer mais nada.»

«Conta-me!», gritou McDonald.

Tinha a voz cheia de raiva e parecia estar embriagado, ou a caminho disso.

«Tem a ver com as trutas», disse eu, muito ensonado. «A maioria delas morre antes do primeiro ano de vida, sabias?»

Senti, do outro lado, a fúria de McDonald, a sua impotência. Contudo, pouco me importava. Não ia denunciar Bernie Ditmas e respeitaria a decisão de Laura de manter o caso encerrado. Isso significava não dar mais nada ao produtor, porque eu sabia que ele levaria tudo às últimas consequências.

«Até à vista», disse, e desliguei.

O telefone tocou várias vezes, mas eu já tinha mergulhado num sono profundo, tão pesado como a morte.

2 de Abril de 2008

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Durante dois dias, não vi ninguém. De repente, o telefone ficou silencioso; a chuva deu tréguas, o frio também, e uma espécie de Primavera envergonhada tomou conta da cidade. Como nos tempos de estudante, passei por Union Square, entrando e saindo da Barnes & Noble depois de visitar o quarto andar, onde os estudantes continuavam a ler sentados nos sofás e no chão. Dez anos depois, os livros de Bolaño e de Tarrt continuavam em destaque; a livraria ainda cheirava ao mesmo — café misturado com o papel dos livros. Pouco mudara naquele lugar. Enquanto passeava por entre as estantes, pensei nas palavras de Mookerjee.

Eu não falhara.

Talvez fosse mesmo impossível ligar os dois casos, e a noite de catorze de Setembro de 1998 permanecesse, para sempre, uma incógnita. Na minha cabeça, ia revendo os factos. Levi não assassinara o pai. Noah matara Pinkus, porque o sócio pisara o risco. Os dois homens eram suspeitos de práticas sexuais com raparigas menores de idade. Factualmente, o que sabíamos era que Noah não morrera naquele escritório e Pinkus não morrera naquela ravina — e isso era o exacto contrário do que o mundo inteiro julgava. Mas importava assim tanto a opinião do mundo? Importaria à opinião pública saber que Noah tivera um plano de vingança e

que o pusera em marcha, que a companhia de seguros se aproveitara da situação para não pagar às suas filhas os cinco milhões de dólares? Mesmo que o mundo soubesse de tudo isto, nunca se faria inteira justiça. Levi cumprira os seus anos na cadeia, e a vida de Laura no seu país também chegara ao fim. O que realmente acontecera naquela madrugada continuava a ser um mistério e permaneceria um mistério — ou, pelo menos, disto me convenci até à tarde do dia três de Abril.

No dia anterior, McDonald viera ter comigo ao hotel onde eu estava. Aparecera ao final da tarde, vestido com uma camisa havaiana, bermudas e sandálias. Usava óculos escuros redondos e fumava um charuto. Conversámos à porta do hotel, envoltos por um vento inusitadamente morno. Queria convencer-me a dar uma última entrevista; uma espécie de remate que lhe serviria, quando o documentário fosse montado, para ter algumas declarações finais dos participantes. Uma espécie de compêndio de últimas alegações de um caso que ficaria por resolver. Fiz-lhe ver isso — que, por melhor que fosse a montagem do seu filme, ele deixava no ar mais perguntas do que respostas.

«É um documentário, não é um tribunal», disse ele. «É a diferença entre a arte e os factos. A arte é excitante, os factos aborrecem as pessoas.»

«E a Laura?», perguntei-lhe.

«Concordou em fazer o mesmo.»

«Vou falar com ela primeiro, depois dou-te a resposta.»

«Vais deixar-me com a tesão do mijo, Taborda?», perguntou ele, coçando as suíças, enquanto o cheiro do charuto empestava o ar em nosso redor.

Sorri e entrei no hotel. Fi-lo com uma sensação de vitória; de que, por maior que pudesse ter sido o escrutínio do produtor, eu guardava alguns segredos que lhe interessavam. Cedo a sensação vitoriosa passou. Sentado na cama daquele quarto pequeno, abafado, dei conta de que sentia saudades de casa. Queria estar com a minha família, havia uma parte de mim que carecia deles fisicamente: pegar no miúdo ao colo e beijar-lhe o cabelo, senti-lo a adormecer nos meus braços, o corpo quente, a testa húmida. Abraçar a minha mulher antes de nos irmos deitar, o cheiro dela nos lençóis. Lembrei-me do acordo que fizéramos. Quando eu chegasse, ela iria passar quinze dias a Veneza ou num SPA. Onde quer que lhe apetecesse estar, sem ter de tomar conta de uma criança. Era justo. Era mais do que justo.

Vem p'a casa. Ouvei dentro da cabeça a voz do meu filho e não pude deixar de sorrir com a perspectiva tão próxima do regresso.

Nessa noite, fui ao apartamento dos Walsh. Laura abriu a porta, despenteada, em calças de fato-de-treino e *T-shirt*. Disse-me que passara a tarde toda a dormir. Eu contei-lhe que McDonald viera procurar-me, que me pedira uma última entrevista.

«Pedi-me o mesmo», disse ela.

Estávamos na cozinha e Laura pôs uma garrafa de *bourbon* em cima da mesa.

«O velho *Jack*», disse eu.

«O remédio para todos os males.»

«Vais aceitar o pedido do McDonald?»

Laura serviu-me e depois serviu-se. Bebeu o seu copo de um trago e tornou a enchê-lo.

«Tenho de aceitar, não é? Quer eu queira, quer não, o documentário vai ser feito e vai ser visto pelas pessoas. A pior coisa de todas seria a minha irmã aparecer nele sem que eu também aparecesse para a defender.»

Laura levantou-se e foi até à janela, abrindo-a. Os sons nocturnos de Nova Iorque invadiram o espaço: buzinas, sirenes, o rumor de milhões de vozes em simultâneo, o rugido prolongado dos aviões. Havia uma pequena varanda. Fui ter com ela, levando o meu copo na mão.

«Há algumas coisas que o McDonald não sabe», lembrei. «Vais contá-las com a câmara ligada?»

«Que coisas?»

«Que a Levi é inocente, por exemplo.»

«Ele sabe disso. Sempre soube. Toda a gente sabia, aliás: a Polícia, os tribunais, os advogados. Só que, para cada crime desta natureza, é preciso um bode expiatório que sossegue o papão, que mantenha o Diabo ocupado.»

«Mas agora temos provas», respondi. «É diferente.»

«Temos o testemunho de um velho chefe da Polícia arrependido e reformado.»

«Que, se fosse levado a tribunal, testemunharia.»

Ela olhou-me depois de beber um gole de *bourbon*.

«Para que é que isso serviria?»

«Para repor a justiça.»

Ela encolheu os ombros.

«Na cidade, não se vêem estrelas-cadentes», disse ela.

«É por causa da poluição.»

Ela abanou a cabeça em negação.

«Não. É porque elas não passam por aqui.»

«Tens a certeza disso?»

«Claro que tenho.»

«As estrelas-cadentes não são estrelas. São meteoritos que entram na atmosfera da Terra e...»

Laura levou um dedo aos meus lábios para me silenciar.

«São estrelas-cadentes», afirmou.

Deu-me um beijo com sabor a *bourbon* e a sono. Eu aceitei-o sem retribuir. Nesse momento, ouvi o som de passos atrás de mim. Voltei-me e quase apanhei um susto. No centro da cozinha, debaixo do candeeiro, estava Sri Anish. Parecia sorrir-nos, mas era impossível dizer ao certo, por causa da barba tão espessa. Vestia as mesmas roupas do que da primeira vez que eu o vira — longas vestes, uma imitação indiana de Cristo — e estava descalço. Na mão esquerda, segurava o livrinho de orações. Levi também surgiu, em cuecas e com uma camisola largueirona que lhe chegava aos joelhos. Pegou na mão do homem que, com a lentidão de uma criatura que desliza, deu a volta à mesa enquanto ela recolhia alimentos: duas laranjas, um pacote de bolachas, leite, cereais, chocolate. Sem reconhecerem a nossa presença, regressaram ao corredor escuro. Levi estava ainda mais magra do que quando chegara e a sua pele começava a perder o tom bronzeado.

«São loucos», disse Laura.

«O que é que vais fazer?»

«A Levi tem dinheiro que chegue para se aguentar muitos anos sem fazer nada», afirmou ela. «Não são os cinco milhões da seguradora, mas, tendo em conta que só comem uma vez por dia, deve chegar até serem velhos.»

«O passaporte dele é falso», disse eu.

Enfiei a mão no bolso do casaco e devolvi-lho.

«Tens a certeza?»

«Confirmei junto dos melhores. É falso. Não existe nenhum Anish Majumdar nascido em 1976 em Bangalore.»

Ela suspirou e bateu com o passaporte na palma da mão.

«Fantástico. Como se não bastasse tudo o que já aconteceu, agora também temos um fantasma em nossa casa.»

«Podes chamar a Polícia», sugeri.

Laura abanou a cabeça e cruzou os braços.

«Prefiro assim. A Levi parece feliz com ele. Seja o que for que os dois têm, é qualquer coisa que funciona. São varridos de todo, completamente chanfrados, mas se calhar são os nossos padrões ocidentais a falarem mais alto, não é? Quero dizer, se ela prefere viver dentro de um quarto a cheirar a pés com um *guru* indiano de meia tigela, quem somos nós para dizer o contrário?»

Fiquei em silêncio. O céu estava carregado de nuvens cinzentas, não havia uma única estrela visível.

«Queres mais um copo?», perguntou-me.

«Acho que já tenho a minha dose.»

Laura sorriu. Era tão bonita, e também tão triste. Entrámos na cozinha — onde Sri Anish deixara um rastro desagradável a

corpo por lavar — e despedimo-nos. No dia seguinte, eu regressaria àquela casa para gravar um pequeno depoimento e depois seguiria para aeroporto JFK, às seis da tarde. Tinha um voo nocturno para Lisboa e chegaria a casa na madrugada seguinte; com bons ventos e boa fortuna, aterraria antes de Manuel acordar.

Laura foi levar-me à porta e abraçou-me. Regressei ao hotel a pé, escutando o barulho dos meus passos a ressoar pelas ruas meio vazias. Começava a despedir-me da América, embora sentisse que esta despedida era muito mais abrangente e dolorosa do que um mero adeus aos últimos doze dias: eu dizia adeus aos últimos vinte anos, desde aquele Agosto de 1987, em que conhecera a família Walsh, um Verão de praias de areia morna e água azul e salgada e cães que nos lambiam os dedos dos pés; despedia-me sonhos e das frustrações da juventude; e, ao mesmo tempo, abraçava, finalmente, com alguma medida de paz, a idade adulta.

Despedia-me para sempre de Laura Walsh.

3 de Abril de 2008

Manhattan, Estado de Nova Iorque

Acordei cedo e fiz a mala. Ainda não eram nove quando o judeu mal-encarado da recepção veio bater-me à porta do quarto, avisando-me de que teria de sair durante a próxima hora. Chamando-lhe um nome entredentes, deixei o hotel ainda antes das dez, sem sequer me despedir do homem. Arrastei a pequena bagagem pelas ruas de Manhattan até à hora do almoço. Estava um dia perfeito: céu azul, vinte e dois graus, baixa pressão atmosférica. No entanto, a ideia de partir era imensamente sedutora, e mal podia esperar pela hora de apanhar o táxi para o aeroporto.

Numa loja de brinquedos, comprei uma prenda para o meu filho. Era um carrinho de Fórmula Um, uma reprodução fiel do carro de Ayrton Senna, branco e vermelho, com o logótipo da Marlboro na traseira. Ele gostava de carrinhos e aquele tinha um significado especial. Guardei o presente na mala e entrei num restaurante de hambúrgueres perto de Union Square. Ao ver-me entrar sorridente, uma empregada simpática veio ter comigo e, à boa maneira americana, tentou seduzir-me a pedir um dos *specials* desse dia. Escolhi o hambúrguer vegetariano com palitos de batata doce.

«Excelente escolha», disse ela, tal como diria de qualquer outro prato que eu pedisse.

Enquanto esperava pela refeição, com a mala ao meu lado, o telefone tocou.

Penso nisto muitas vezes: e se eu não tivesse atendido aquela chamada?

E se, por mero acaso, tivesse estado desatento e só descobrisse mais tarde, já em Lisboa, a quem pertencia o número não identificado que surgiu no ecrã?

Chegaria a ter escrito este livro?

Provavelmente, não.

O facto é que atendi o telefone. Do outro lado, ouvi a voz do meu pai. O número não identificado era do seu telemóvel, que ele raramente usava e que mantinha sempre anónimo, com a desculpa de que gostava de apanhar as pessoas de surpresa (na realidade, detestava que lhe ligassem). Fiquei surpreso e feliz por o ouvir. Disse-lhe que regressava no dia seguinte, que apanharia o avião nessa mesma noite. Ainda pensei, enquanto conversávamos, que tivesse sido a minha mãe a pedir-lhe que me ligasse, para saber como estava tudo a correr. Mas depois ele perguntou-me se o vídeo da festa servira para alguma coisa. Eu respondi que sim, que tinha sido extremamente útil. E depois o meu pai acrescentou — a sua voz a soar muito próxima, embora estivéssemos a cinco mil quilómetros de distância:

«A tua mãe não sabe disto... Depois de me pedires para encontrar a cassete, andei a revirar a garagem. Aproveitei para fazer uma limpeza, sabes como é.»

«E?»

«Encontrei outra coisa que achei curiosa.»

E então o meu pai deu-me uma informação tão extraordinária, e ao mesmo tempo tão simples, que era quase difícil de acreditar que a resposta chegava assim, sem aviso prévio — como nos filmes, como nos livros.

Como nas histórias em que tudo acaba bem.

«Estamos prontos», disse McDonald.

Jessie tinha instalado a câmara num tripé e fazia os últimos ajustes. Eu estava sentado numa cadeira de madeira na mesma sala onde Levi dera a entrevista dias antes. Era um espaço quase vazio, com uma janela ao fundo que dava para o saguão entre os prédios. Escadas de incêndio, pássaros negros, monotonia.

«Dê-me uns segundos», pedi.

Laura acabara de entrar na sala. Olhei para o relógio: eram duas e quarenta da tarde. Ela fechou a porta atrás de si e caímos numa penumbra quente, silenciosa.

«Põe a gravar», disse McDonald.

«Já estou a gravar há vários minutos», respondeu Jessie, que permaneceu de pé, atrás da câmara, enquanto eu contava a verdade — a minha verdade, ao mesmo tempo aquilo que eu sabia e aquilo que eu imaginava, os factos e as extrapolações possíveis — acerca da noite em que Noah Walsh foi assassinado.

A noite de 14 de Setembro de 1998

O telefonema para a Polícia de Chatlam aconteceu às quatro horas e dezoito minutos da madrugada.

Cerca de oito horas antes, Doris Mullens saíra do anexo onde vivera durante os meses de Verão e encaminhara-se para a casa principal. Na cozinha, pusera no forno o frango que, nessa tarde, ela e Levi tinham preparado com tanto cuidado. Era bom ter a filha mais nova dos Walsh em casa; ajudava a Sr.^a Mullens a recordar os velhos tempos, quando as férias duravam um mês inteiro, ou até mais, e a família estava unida e todos despertavam debaixo do mesmo tecto enquanto ela preparava o pequeno-almoço.

Nos últimos anos, tudo mudara. A Sr.^a Leah deixara de aparecer para o Verão. Laura — que já era uma mulher — vivia na cidade e raramente se deslocava até Chatlam. Levi vinha sempre que podia, mas a Grace Willard tinha programas de Verão (acampamentos, excursões, campos de férias) e até a presença da filha mais nova era imprevisível. Doris ficara radiante de a ver. Abraçara-se a Levi quando ela surgira sem aviso, beijara-lhe o rosto e o cabelo. Ainda cheirava àquela mesma miúda que a Sr.^a Mullens conhecera desde sempre, a menina esquiva que se perdia no bosque e fugia dos adultos na praia e, ao final do dia, obrigava todos a procurá-la.

E era um alívio, porque, assim, Doris tinha uma companhia com que se distrair. Desde que, em meados de Agosto, chegara

à residência dos Walsh, o patrão andava num estado de espírito irascível, inquieto. Tratava Doris com displicência, passando por ela como se nem sequer existisse. Estava consumido por alguma coisa, e isso manifestava-se na maneira como passava os dias: saía de madrugada, sozinho, para pescar, regressava a meio da manhã quase sempre de mãos vazias, dormia o resto da tarde e, à noite, fechava-se no escritório e perdia os nervos nos telefonemas. Nos primeiros dias, Doris julgou que Noah falava com Leah. O patrão nunca lhe contara da separação, mas ela desconfiava de que os rumores eram verdadeiros; que Leah (de quem a Sr.^a Mullens nunca gostara particularmente) abandonara a família. Uma noite, acidentalmente, Doris viu-se obrigada a regressar à casa antes de se deitar. Para não incomodar o patrão, deu a volta pelo jardim das traseiras. A luz do escritório estava acesa. Ao passar pela janela, que tinha as persianas corridas, ouviu a voz de trovão de Noah, que, uma vez mais, discutia com alguém.

E então percebeu que o patrão falava com o Sr. Pinkus, em tom de ameaça. Ouviu, pelo menos duas vezes, o nome *Matt* a ser pronunciado no silêncio da noite. Com medo de que Noah a descobrisse ali, apressou-se a ir buscar o que lhe faltava à cozinha e regressou ao anexo, jurando a si própria que não ouvira nada, que os seus ouvidos eram moucos.

Que nunca diria nada a ninguém.

Na tarde do dia doze de Setembro, Levi apareceu de surpresa, aproveitando uns dias de interregno do campo de férias em Sag Harbor. Doris alegrou-se muitíssimo e, na manhã seguinte, foi levar-lhe o pequeno-almoço ao quarto. Descobriu, então, que a rapariga não dormira em casa. Começou por ficar preocupada, mas escondeu o facto de Noah, que, ao regressar da pescaria, bronzeado e carrancudo,

perguntou pela filha. A governanta disse-lhe que Levi ainda dormia, e o patriarca — que cheirava a mar, a sargaço — perguntou-lhe o que era o jantar. Ela respondeu que ainda não tinha decidido. Noah, que parecia exausto, carregado de olheiras, pediu-lhe uns quantos comprimidos dos que Doris tomava há tantos anos para dormir. Andava com insónias, queixou-se, e estava a ser-lhe muito difícil adormecer; a certa altura, o corpo precisava de descanso, a cabeça gritava por desligar completamente. Embora a Sr.^a Mullens tenha achado o pedido algo estranho (Noah nunca tomava nada que não fosse vinho tinto ou *whisky*), acedeu e trouxe-lhe uma lamela de *zolpidem*, recomendando-lhe que tomasse apenas metade de um comprimido à noite, para começar.

Assim que Levi regressou, a meio da tarde, com ar de quem mal tinha dormido, entrando em casa pela porta das traseiras (porta que a governanta conseguia observar do anexo), Doris entrou na casa e sugeriu-lhe que cozinhassem juntas.

Assim fizeram, matando saudades. Temperaram o frango, cortaram os vegetais para uma sopa de abóbora.

Por volta das nove, Doris regressou ao anexo, deixando o pai e a filha a jantar.

Passavam poucos minutos das quatro da manhã quando Doris acordou com os gritos. Lancinantes, agudos, enchendo-a de um medo que nunca antes sentira na propriedade dos Walsh.

Levi deitou-se muito mais cedo do que o costume. Após ter jantado com o pai, ainda tentou ver televisão, mas os olhos fechavam-se-lhe sem apelo, como se uma força imensa a tragasse para dentro do mundo escuro e indolor do sono. Não

se lembra de como chegou ao quarto; não tem qualquer memória dos braços do progenitor transportando-a através da casa silenciosa, subindo devagarinho as escadas, depositando-a gentilmente na cama do lado esquerdo, ao lado da cama vazia de Laura, que provavelmente nem sequer chegaria a ir a Chatlam nesse Verão. Caíra num sono profundo, em lugares remotos da inconsciência. Não ouviu o carro que, por volta das duas e trinta da madrugada, chegou à casa. O veículo evitou a porta da frente e estacionou do lado poente, onde se situava o escritório de Noah, o canto mais distante dos quartos no andar superior.

Havia duas pessoas dentro do carro: Matthew Pinkus e o filho, Artie, que, nessa altura, teria vinte e um ou vinte e dois anos. Pinkus conduzia um *Chevrolet Camaro* descapotável verde-escuro — um automóvel novo, comprado nesse ano. E estava absolutamente furioso. Após dias de discussões ao telefone com o sócio, Walsh pedira-lhe que viesse até Chatlam e se encontrassem pessoalmente. Fizera-lhe o pedido (um repto, mais precisamente) nessa mesma noite, já tarde, e Matthew conduziu desde Manhattan, parando primeiro em Nassau para apanhar o filho, que, suspeitava, podia ser-lhe útil, caso a discussão com Noah aquecesse demasiado. O rapaz vivia com a mãe na casa em Eisenman Creek e, submisso como era, acedeu a ir com o pai até Chatlam, deixando a mãe a dormir. Quando chegaram à propriedade dos Walsh, o pai abriu o porta-luvas e tirou um revólver calibre .22 e pô-lo na mão de Artie.

«Se me ouvires gritar e chamar por ti, entra e traz esta arma contigo.»

Artie permaneceu no carro enquanto Pinkus entrava no escritório de Walsh pela porta de correr que o separava do

jardim.

A discussão foi brutal. Na hora que se seguiu, os dois homens despejaram todos os ressentimentos, todas as palavras até então nunca ditas. Uma década e meia de pequenas traições, desentendimentos, negócios falhados, autoritarismo e submissão, miséria e grandiosidade, raiva acumulada, o degredo a que tantas vezes chegam as relações baseadas no poder.

O dinheiro. O sucesso. O estatuto. As mulheres.

As raparigas.

Foi nessa altura que o conflito conheceu uma pausa. A calmaria final antes da grande tempestade. Era o assunto mais intocável de todos, e ambos o sabiam. Nenhum dos dois era inocente; ambos conheciam o papel que haviam desempenhado naquele jogo perverso. Para saciar as suas fantasias, tinham usado as alunas da escola que as filhas de Walsh frequentavam. Recrutavam-nas através de Dermot, seduzindo-as com o mistério da identidade secreta, para depois praticarem actos sexuais com adolescentes. Dois homens adultos que haviam prevaricado de uma maneira indesculpável — incapazes de reprimir os seus impulsos, a pulsão incontrolável de prosseguir naquela insanidade. Contudo, até nos comportamentos mais sórdidos parecem existir regras, princípios. E Pinkus quebrara o princípio mais importante de todos.

Noah acusou-o de cobiçar Levi. Quando ouviu a acusação, Matthew tentou defender-se, mas o outro revelou-lhe a ira de Dermot ao telefone, que ameaçou matá-lo se ele se aproximasse de Levi — a sua própria filha! Pinkus fora descuidado; na sua voracidade, inebriado pelo poder, mandara

um recado a Levi através de Frances, mas não imaginava que esta fosse contar a Dermot aquilo que ouvira. E muito menos que Dermot reagisse daquela maneira; julgando estar a falar com o mesmo homem, o rapaz descarregou a sua fúria no tipo errado.

Pinkus não argumentou mais. Sabia perfeitamente que o sócio tinha razão. No seu íntimo, quisera, desde sempre, fornicar uma das Walsh. Noutros tempos, havia sido Leah; agora, Levi era o ás de trunfo de que Pinkus precisava para executar em pleno a sua vingança. Lombardi tinha razão: Matthew invejava Noah, o sócio mais influente da empresa, o líder, o macho alfa. E essa inveja havia-o corroído até à medula, levando-o a cometer um erro insensato que agora lhe custaria a vida. Antes que Pinkus pudesse gritar por ajuda, Noah afastou bruscamente uns papéis pousados na secretária e mostrou-lhe uma faca de cozinha. Matthew recuou um passo, mas, de súbito, com uma velocidade que lhe pareceu impossível, a lâmina penetrou-lhe o abdómen duas vezes; mais três facadas no rosto, que o desfiguraram, e uma última no pescoço.

Pinkus caiu no chão, em agonia mortal. A última sensação que teve foi a da lâmina fria e indolor no pescoço, como se o corpo estivesse a ser trespassado por um pedaço de gelo.

Walsh viu o outro cair com a lâmina enterrada perto da clavícula direita. Rapidamente, baixou-se e tirou-lhe o relógio do pulso esquerdo, o *Rolex* que Pinkus usava há muitos anos. O sangue jorrava em todas as direcções e logo formou uma poça no chão de madeira. A vingança estava completa, pensou Noah com uma sensação de êxtase. Tratara do sócio como sempre fizera com aqueles que se atravessavam no seu caminho, os que se atreviam a insurgir-se contra ele ou que

desejavam aquilo que era seu. Como George Saunders. Sim, exactamente como George. Mas não era somente Pinkus que ele matava; ao matá-lo, apagava também o passado, a culpa, a vergonha pelo que haviam feito de inominável.

Nesse instante de gáudio, ergueu o olhar e viu o rapaz junto da porta envidraçada. Era Artie, que lhe apontava um revólver. Que figura ridícula, ainda pensou Noah: aquele rapaz com aspecto de campónio, camisa de xadrez, calças largas, o cabelo desgrenhado. Só que tinha uma arma na mão. Numa voz baixa, grave, Artie mandou Noah sair do escritório pela porta envidraçada. Olhou uma vez (e uma vez apenas) para o pai deitado no chão, de barriga para cima, a faca meio enterrada no pescoço, o rosto uma confusão de carne esfacelada e sangue. Estava morto. Artie nunca tinha visto um cadáver; cedo, veria dois. Sentiu crescer dentro de si uma onda de raiva e de injustiça; a dor pela morte do pai confundia-se com o desejo de vingança, com o ódio que sentia por Noah. Mas seria ódio? Não, não era propriamente ódio; talvez ele fosse incapaz de um sentimento tão forte e sentisse apenas desprezo: a ideia, longamente enraizada, de que aquele ser humano não merecia viver mais do que o seu pai merecera morrer.

Desligou as luzes e, no exterior, obrigou Walsh a entrar no *Chevrolet*, para o lugar do condutor. Noah segurava o *Rolex* de Matthew na mão direita.

«Ponha o relógio no pulso.»

Noah, com o cano do revólver apontado à cabeça, obedeceu.

«Vamos», disse Artie.

«Para onde?»

«Não precisa de saber.»

E foram.

Por volta das quatro da madrugada, Doris Mullens acordou com os gritos. A princípio, pareciam-lhe os berros de um animal assustado, uma fera magoada na escuridão. Emergindo dos seus sonhos líquidos provocados pelo *zolpidem*, sentiu um medo terrível. Teria alguém entrado na casa? Um assaltante, um psicopata? O corpo tremia-lhe, ainda mais do que os pensamentos. Em pijama, vasculhou, na obscuridade do anexo, por qualquer coisa com que se pudesse defender. Não havia nada. Quando, finalmente, abriu a porta, sem fazer barulho, os gritos haviam cessado. Atravessou o jardim; a noite estava quente, e nem o relvado recentemente regado servia para amenizar a sensação de que naqueles dias viviam dentro de um forno. Entrou na casa e, descalça, atravessou o corredor em bicos de pés. Não havia luzes acesas, mas a Lua encontrava-se alta, em quarto crescente.

Assim que vislumbrou o escritório, percebeu que alguma coisa estava diferente: a secretária de Noah estava fora do lugar, quase na diagonal. Pé ante pé, entrou no espaço. Quando viu o corpo deitado no chão e a poça negra de sangue que o rodeava, recuou um passo e, instintivamente, levou a mão à boca. Podia esperar tudo menos aquilo: o patrão morto, caído no chão. Nunca lhe ocorreu que aquele cadáver não fosse o de Noah; era do mesmo tamanho, fisicamente idêntico. De mão a tapar a boca para conter um grito, deu-se conta de que estava outra pessoa dentro do escritório. Na brevidade de um segundo, pensou que também seria assassinada; quase fechou os olhos, aguardando o golpe de misericórdia. Mas, depois, viu que era a pobre Levi que estava sentada a um canto, ao lado da lareira, com um objecto na mão que reluzia e reflectia a

luminosidade da Lua que penetrava pela porta envidraçada, ligeiramente aberta.

Era uma faca que ela segurava. A faca grande que Doris usava todos os dias para preparar as refeições.

A rapariga estava imóvel, como num transe. Doris chamou-a baixinho: *Levi. Levi, querida, o que é que aconteceu?* Mas Levi não respondeu. Estava paralisada, o braço dobrado a noventa graus, a faca da Sr.^a Mullens entre os dedos, como quem segura uma tocha ou oferece um ramo de flores.

A governanta recuou e regressou à cozinha. Sentou-se numa das cadeiras altas junto do balcão e levou as mãos aos joelhos. Ofegante, procurou sossegar a respiração.

Tinha sido ela a dar os comprimidos para dormir a Noah.

E sabia que aqueles comprimidos podiam provocar alucinações.

Quem os teria tomado? O pai ou a filha?

Ao mesmo tempo, na estrada 90, o *Chevrolet* chegava à curva.

Noah tivera muito tempo para pensar na maneira de fugir. Não compreendia o que aquele idiota queria. Para onde se dirigiam? Se Artie desejava vingar o pai, porque não o fizera imediatamente?

«Pára», disse Artie.

Noah fez pisca para a direita e estacionou o carro na curva. À distância, viam-se as luzes de East Greenbush. Encontravam-se num dos pontos mais altos da Estrada 90, perto de uma ravina que desembocava num bosque de

pinheiros mansos. Noah ia voltar-se para o miúdo e perguntar-lhe que raio estavam ali a fazer, mas não teve tempo de formular a pergunta: assim que tirou as mãos do volante, Artie encostou a arma ao seu peito e disparou.

A bala atravessou-lhe o coração, alojando-se na coluna vertebral.

Artie ficou a olhá-lo durante uns instantes. Uma criatura morta. Era-lhe indiferente que fosse o pai de Levi; a curiosidade levou-o a observar atentamente o derradeiro fôlego do homem. O último suspiro a sair-lhe da boca. Depois, pegou na mão direita de Noah, ainda quente, e levou-a ao cabo do revólver; esfregou-lhe os dedos inertes no canhão, no cano. Correu-lhe os dedos por toda a superfície da arma e, a seguir, tirou um lenço do porta-luvas e guardou-a no bolso, com cuidado para não deixar as suas próprias impressões digitais. Saiu do carro e deu a volta até ao lugar do condutor. Abriu a porta e esticou-se por cima de Walsh; alcançou o travão e destravou o carro. Olhou para o ponteiro da gasolina: o tanque estava quase cheio. Ligou a ignição. Tornou a fechar a porta.

A seguir, foi à traseira do carro e começou a empurrá-lo. As rodas resvalaram na areia. Em menos de trinta segundos, o *Chevrolet* do seu pai deslizava lentamente até à beira do precipício, com o cadáver de Walsh no lugar do condutor. O resto aconteceu por si, sem interferência de Artie. O veículo despenhou-se pela ravina abaixo, o tanque explodindo quando o *Camaro* embateu na rocha, a quarenta metros da estrada.

Por essa altura, já Artie caminhava de regresso a Eisenman Creek, o revólver no bolso das calças.

Tinha um longo caminho pela frente.

Doris ficou sentada durante longos minutos no banco da cozinha antes de fazer a chamada.

Era curioso que, após tantos anos a servir os outros, a grande preocupação da sua vida continuasse a ser ela própria.

Como se safaria daquela situação?

As pernas tremiam-lhe, as mãos também. Quando a Polícia viesse, interrogá-la-iam. O que diria ela? Que dera comprimidos para dormir ao patrão e que, nessa mesma noite, ele aparecera barbaramente assassinado no escritório?

Assassinado por Levi, a filha de dezasseis anos?

E se a Polícia concluísse que ela era parcialmente responsável? Que fornecera drogas com potencial alucinatório a um homem que se encontrava deprimido, conflituoso; um homem que nutrira sempre uma obsessão pela filha mais nova, uma necessidade excessiva de a proteger, de a ter debaixo de olho, de a possuir quase fisicamente?

Se ela fosse realmente fiel à família Walsh, tiraria Levi daquele escritório. Limparia a rapariga do sangue, deitá-la-ia na cama e faria tudo de maneira a que parecesse um assalto, uma intrusão do exterior.

Mas a generalidade das pessoas, quando confrontadas com uma situação extrema, procura, acima de tudo, salvar-se.

A angústia apoderou-se dela de tal maneira que, ao levantar o telefone, quase não conseguia segurar no auscultador. Quando a telefonista atendeu e começou a fazer-lhe perguntas, a Sr.^a Mullens sentiu que estava num sonho: via, como se estivesse à entrada do escritório, a cena diante dos seus olhos, e descreveu-a à telefonista como se a testemunhasse em primeira mão, embora se encontrasse

sentada na cozinha, separada por um corredor da divisão onde Levi, em estado de choque, segurava uma faca e o cadáver do pai sangrava no chão encerado.

Jessie desligou a câmara.

«Preciso de trocar a cassete.»

Eu estava sentado de pernas cruzadas. Laura tinha uma mão na boca, o outro braço em torno da barriga; os olhos molhados. McDonald estava sentado sobre os tornozelos, observando-me com uma expressão de assombro.

Olhei para o relógio. Eram três e cinquenta e oito.

«Parabéns», disse o produtor, batendo palmas lentas, descompassadas. «Finalmente, conseguiste a tua história. Estás contente?»

Respirei fundo e debrucei-me para a frente, pousando os cotovelos nos joelhos. Olhei para Laura.

«Limitei-me a responder à tua pergunta, McDonald. Querias saber o que aconteceu naquela noite.»

«Não podes saber o que aconteceu», respondeu.

«Porque não?»

«És detective, por acaso, Taborda? Tens provas de que o Artie tenha estado na casa naquela noite?»

«É a única coisa que faz sentido.»

«O facto de o Noah ter matado o Pinkus não é necessariamente motivo para o Artie matar o Noah», argumentou o produtor. «O Artie também tinha motivos para querer livrar-se do pai.»

«O Artie matou o Noah por duas razões. Porque o viu assassinar o pai e porque estava apaixonado pela Levi», respondi. «Há muitos anos que estava apaixonado por ela. O Artie era o *ele* de que a Levi falava, aquele que esperava por ela, o rapaz na sombra que a visitava na Grace Willard, com quem ela se encontrava em Chatlam, às escondidas. O grande amor da sua vida.» Respirei fundo; olhei para Laura. «Além disso, o Noah era obcecado pela Levi. Tanto, que a filha chegava a ter medo dele.»

McDonald começou a rir-se.

«E deu-te gozo inventar isso tudo? Deve ter sido uma viagem do caraças, meu. Estás a esquecer-te de que ninguém sabe do Artie há anos... e não me digas que o encontraste, porque a minha equipa procurou-o em todos os Estados desta merda de país.»

Levei a mão ao bolso e tirei o telemóvel. Verifiquei as mensagens: o meu pai já me tinha enviado a fotografia. Levantei-me da cadeira e fui entregar o telefone a Laura.

«Por causa do vídeo da festa, o meu pai andou a bisbilhotar na garagem», disse eu a Laura. «E encontrou uma boneca que a nossa cadela roubou do vosso jardim quando vocês partiram do Lagoeiro, no final do Verão de 87. A boneca estava toda desfeita e, quando o meu pai lhe pegou, percebeu que havia alguma coisa no interior.»

«O quê?», perguntou Laura.

«Dentro da boneca havia uma folha de papel dobrada em oito.»

Mostrei o ecrã do telemóvel a Laura. McDonald olhava-nos sem fazer a mais pequena ideia do que estava a acontecer.

No ecrã estava a fotografia que o meu pai tirara da folha. Era uma mensagem escrita em letras de imprensa maiúsculas, com traços grossíssimos, um recado oculto há mais de vinte anos, que dizia:

**ESPERA POR MIM.
AMO-TE. ARTIE.**

«As letras», disse Laura. «A caligrafia. É a mesma do envelope que foi enviado à Polícia de Albany...»

«... com o revólver», concluí eu. «Precisamente.»

McDonald ergueu-se e tirou o telefone das mãos de Laura. Olhou para o ecrã.

«Isto não é prova de coisa nenhuma», disse. «Letras de imprensa qualquer pessoa faz. Portanto, eles tiveram uma paixoneta de adolescentes, e depois?»

«Não foi uma paixoneta», contestei. «Ditou a vida inteira. E ainda dura.»

Agora era Laura e McDonald que me olhavam sem compreenderem. Abri a porta do quarto, onde o ar estava irrespirável, e avancei a passos largos pelo corredor do enorme apartamento até chegar ao quarto onde Levi e Sri Anish viviam. Antes de abrir a porta, fechei os olhos e pedi a Deus — ou quem quer que fosse que, algures, zelava por nós — para ter razão; só por uma vez, pedi para estar certo, para não me ter enganado redondamente.

Foi Laura quem lhe fez a barba e cortou o cabelo. Anish Majumdar não apresentou qualquer resistência; em primeiro lugar, porque Anish Majumdar nunca existira, e, em segundo lugar, porque, no estado de dócil contemplação em que existia, resistir era a última coisa que ele faria. A irmã de Laura ficara

ansiosa desde que eu abrira a porta do quarto. Encontrara Sri Anish sentado numa almofada, no chão, de olhos fechados, enquanto Levi, aninhada aos seus pés, deitava a cabeça no colo do seu guru, que lhe acariciava o cabelo.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Laura entrou, determinada, e anunciou a Levi que precisava de pedir-lhe o *Bodhi* emprestado por um bocadinho. Tinha adivinhado a minha intenção. Levou Sri Anish do quarto pela mão e, atravessando o corredor com o homem a reboque, sentou-o numa cadeira na casa de banho, uma divisão suficientemente espaçosa para cabermos todos lá dentro. McDonald e Jessie entraram com a câmara, mas Laura proibiu-os de filmar, expulsando Jessie; era um momento demasiado íntimo para ser filmado. Ao mesmo tempo, Levi perguntava, em voz baixa, numa espécie de desespero contido, o que ia ela fazer, rogando-lhe que não o magoasse.

«Não o vou magoar», garantiu Laura.

Pegou num par de tesouras e começou a cortar-lhe o cabelo com delicadeza, as enormes madeixas negras caindo no chão de ladrilhos brancos. Quando terminou o trabalho no cabelo, levou a tesoura à barba e, levantando-a com a mão esquerda (de tão grande que era), aplicou-lhe um enorme corte transversal. Nesse momento, reparei que Jessie, do lado de fora, filmava para dentro da casa de banho. Dirigi-me à porta e fechei-a.

«Filho da...»

Foram as últimas palavras que ouvi de McDonald, que ficou do lado de fora.

Levi tinha-se sentado no tampo da sanita e agitava as pernas, nervosa. O cabelo dela lembrava a penugem de um

cisne. A sua pele começava a perder a cor da Índia e tornara-se manchada nos braços e nas pernas, a sua pigmentação original (pálida, quase transparente) a querer regressar. Era surpreendente que ela aceitasse daquela forma o que estava a acontecer. Tremia, plena de ansiedade, mas fazia-o à maneira de alguém que atravessa uma dor inevitável.

Depois de cortar a barba o mais curta possível com a tesoura, Laura usou uma espuma de barbear antiga (que talvez tivesse pertencido a Noah) e, com uma *Gillette*, começou a escanhoar o rosto do homem, que permanecia sentado, com um meio-sorriso nos lábios.

Quando terminou, pegou numa toalha branca, húmida, e passou-a pelo rosto dele. A toalha ficou cheia de pequenos cabelos escuros; o chão em torno da cadeira era um depósito de cabelo cortado, como se Laura tivesse acabado de tosquiar um cordeiro de pelagem castanha. Atirou a toalha ao chão e recuou um passo. Ele olhava-se ao espelho, voltando a cabeça ligeiramente para o lado direito. A luz do final da tarde, morna e dourada, entrava pela janela que dava para o lado ocidental de Manhattan, onde o sol mergulhava liquidamente no rio Hudson. Eu e Laura observávamo-lo no espelho, o reflexo do rosto acabado de descobrir.

E, naquele instante, por uma vez na vida, agradei, ao Deus em que nunca acreditara, não estar enganado.

Finalmente, Levi falou comigo e com Laura. Naquela casa de banho, contou-nos o suficiente para preenchermos alguns dos espaços em branco. Fê-lo devagar, pausadamente, rendida ao inevitável, enquanto, sentado na cadeira, Anish Majumdar — ou Artie Pinkus — observava, ao espelho, com uma curiosidade quase infantil, o homem que em tempos fora.

Artie deixara os Estados Unidos em 1999. Tinha sido ele a pagar a Douglas Mitchell para abandonar a investigação. Herdara do pai uma conta recheada e usou parte desses fundos para subornar o ex-chefe da Polícia de Albany. Se a investigação tivesse continuado, era possível que descobrissem que os cadáveres estavam trocados, e isso incitaria a Polícia, o FBI e os advogados a considerarem o caso de uma perspectiva completamente diferente. Talvez chegassem até ele, e isso seria o fim do plano que havia traçado para si próprio e para Levi, mesmo antes da noite imprevista de catorze de Setembro. Amava-a então como na infância, desde que se recordava de existir; amava-a como prometera amá-la no futuro. E ela, embora tivesse resistido durante anos, acabou por ser apaixonar pelo rapaz diferente e silencioso, de rosto sardento e olhos meigos, com quem se encontrava às escondidas nas férias do Verão e no tempo da Grace Willard.

Durante alguns anos, houve outros rapazes, os estudantes do St Raymond's. Fazia quase parte da etiqueta escolar, dos rituais de iniciação de uma rapariga como ela — pelo menos, diante das amigas. Era importante fazer parte das *Donzelas*, ser apenas mais uma. Contudo, nunca fizera sexo com nenhum desses rapazes. Uma vez, masturbara Dermot dentro de um carro, para que ele não fosse dizer às colegas que ela era pudica ou frígida. A partir do momento em que se apaixonou por Artie, todos os outros miúdos perderam o encanto: era Artie quem ela queria, justamente o rapaz que o pai tanto detestava, por ser filho de Pinkus e tão estranho, tão metido consigo. *Fiquem longe dos Pinkus*, dissera-lhes Noah, a ela e à irmã, embora Matthew fosse o sócio que, em tempos, quando Levi ainda era criança, também fora um amigo.

A partir de certa altura, quando Levi tinha oito ou nove anos, o pai começou a repetir a ladainha. *Fiquem longe dos Pinkus*. Dizia coisas horríveis sobre Artie. Chamava-lhe *anormal, débil mental, atrasadinho*. Dizia, também, coisas terríveis de Matthew, sobretudo quando bebia; mas Levi ficava mais chocada com o ódio que o pai projectara no filho de Pinkus, que não tinha culpa da relação degradada entre os sócios. Ao mesmo tempo, Noah era obsessivo com ela, de uma maneira que nunca fora com Laura. Levi recordava-se das ocasiões em que o pai a levava para o quarto dos fundos, sempre que ela se recusava a comer ou se portava mal; sempre que, de alguma maneira, lhe desobedecia. Obrigava-a a sentar-se num canto do quarto (que servia de arrecadação) e, enquanto caminhava de um lado para o outro, durante uma ou duas horas, proferia palavras iradas, ameaçava-a. Depois, sentava-se ao lado dela e chorava. Chorava como uma criança, procurando talvez libertar-se, através das lágrimas, de décadas de dor. Por vezes, entre os soluços, falava de pessoas que ela desconhecia: um homem chamado George, uma mulher chamada Minnie. Essas eram as piores noites. Levi acabava por adormecer encostada à parede, a cabeça tombada para a frente. No dia seguinte, acordava na sua própria cama, como se a noite anterior não tivesse passado de um pesadelo.

No Outono de 1997, no dia em que Levi fez dezasseis anos, encontrou-se com Artie e este anunciou-lhe que tinha um plano para os dois. «Vamos fugir», disse-lhe, «deixamos a América e as nossas famílias podres e começamos de novo, noutra lugar qualquer.» Apaixonados e adolescentes, beijaram-se e prometeram passar o resto da vida juntos. Artie tinha vontade de viajar para o Oriente, onde existia a promessa de uma vida mais simples, onde os homens não eram subjugados

tão violentamente ao materialismo ocidental. Levi queria ir para onde Artie fosse. Prometeram que, no Verão seguinte, estariam a caminho de um lugar distante do mundo claustrofóbico e confinado em que viviam, longe da sociedade preconceituosa que tentaria separá-los. Livres das regras impostas pelos outros, do ódio que os respectivos pais nutriam um pelo outro. Teriam um ano para planejar a fuga.

Então, inesperadamente, aconteceu a noite de catorze de Setembro de 1998.

Levi foi presa e Artie viu-se a braços com um segredo do tamanho do mundo.

Primeiro, deixou que as coisas acalmassem. Era capaz do recato mais brando, da aparência mais inocente, acostumado que estava, desde sempre, a camuflar as emoções. Havia anos que, sozinho, tomava conta da mãe, e assim continuou, os dois isolados na casa de Eisenman Creek. Dias após a descoberta do cadáver, identificou o corpo de Noah como sendo do pai — por alguma razão que ainda o transcendia, Laura identificara o corpo de Pinkus como sendo de Noah. Depois foi observando a investigação à distância, através dos jornais, enquanto aguardava pela altura certa para desaparecer. Assim foi durante os últimos meses de 1998 e o princípio do ano seguinte. Quando 1999 chegou — e, com ele, as promessas e as catástrofes do milénio —, o mistério dos Walsh deixou de ser notícia; era coisa pequena quando comparado com as previsões da falência informática (o *bug* do milénio que ia paralisar os computadores), a guerra do Kosovo, a nova moeda europeia, o massacre de Columbine, a tempestade de neve que assolou o centro dos Estados Unidos e matou dezenas de pessoas, o *impeachment* de Bill Clinton, etc., etc.

Artie, que conhecera Mitchell durante o reconhecimento do cadáver e a posterior investigação, detectou no chefe da Polícia de Albany um homem frágil; apesar do aspecto duro, parecia cansado de anos na força policial sem o devido reconhecimento. Era alguém susceptível de se deixar levar por uma recompensa que lhe tornasse a vida mais confortável. O seu plano de fuga passaria por ele.

O caso foi encerrado em Maio de 1999 por falta de provas e com base nos relatórios inconclusivos da Polícia. Alguns meses antes, Artie tinha partido para Nova Deli, depois de deixar a mãe num lar em White Plains. Custou-lhe separar-se dela, mas a verdade era que a senhora, depois da tentativa de suicídio, carecia de cuidados profissionais diários, que ele não podia continuar a dar-lhe, mesmo que permanecesse nos Estados Unidos. Sabia, contudo, que a despedida seria para sempre. Abraçou-a como se a fosse ver no fim-de-semana seguinte e partiu. Menos de vinte e quatro horas depois, estava a aterrar num continente desconhecido, à procura de saber quem verdadeiramente era — ou, no mínimo, em busca de alguma paz.

Escreveu a primeira carta a Levi quando esta já tinha conhecido a sentença e estava encarcerada no Centro de Detenção de Menores do Distrito de Nova Iorque. Sofrera muito por não poder contactá-la antes, mas um gesto irreflectido, impulsivo, poderia pôr em causa o seu plano de fuga; também lhe doía que a culpa tivesse recaído sobre ela. Foi a primeira vez, no entanto, que a tratou por *Boonsri*, uma palavra de origem tailandesa que significa *beleza*. Na Índia, Artie descobriu que podia despir-se da pessoa que fora até então — um jovem americano de vinte e dois anos, filho de um empresário de Cincinnati que fora o sócio do controverso

magnata Walsh, remetido a uma casinha de província para tomar conta da mãe entrevada. Viajou de Nova Deli até Bombaim, depois Goa, Kerala, e, de regresso ao Norte, Vishakhapatnam e Calcutá e até Varanasi, nas margens do Ganges, onde conheceu Sri Muthu, um indiano descalço e pobre que lhe ensinou tudo sobre as tradições hindus e a razão por que os homens se banhavam todos os dias no rio por onde corriam as cinzas dos mortos.

Acabou por se instalar em Bangalore, perto de Hesaraghatta, uma cidadezinha cujas principais atracções eram o cinema e as lojas de doces locais. Toda a gente andava descalça e a pobreza era impressionante para um ocidental; o calor também. As vacas dormiam no meio da estrada, os homens enterravam as pernas na lama que cobria as ruas da cidade. Artie, porém, tinha uma vantagem: dinheiro. Por um preço ridículo, comprou um terreno a norte de Hesaraghatta, onde começou a construir, com a ajuda dos habitantes da zona, um refúgio para todos aqueles que desejassem escapar à tirania do mundo ocidental. Acolheu, ao longo dos anos, escritores, pintores, músicos e viajantes; gente de passagem, que ouvia falar do retiro de Sri Anish. Não havia processo de admissão. Bastava bater ao portão de madeira (com deuses esculpidos por um artesão local) e dispor-se a deixar os preconceitos e as ideias feitas do lado de fora.

Artie aprendeu sânscrito e escreveu um pequeno livro de preces, que começou a ser reproduzido um pouco por toda a região. Em todos os anos que ali passou, escreveu a Levi religiosamente uma vez por semana — e esse foi o único contacto que manteve com o mundo exterior, com o seu país. De resto, o seu mestre havia-o alertado: quando te despires de ti, não esperes que te reconheçam ou que te tratem como

aquele que foste outrora. Deu-lhe um nome: Anish. Quanto ao apelido, Artie escolheu-o de um livro indiano em que a personagem do arquivista se chamava Majumdar. Gostava dessa ideia, a de ser um arquivista da alma — alguém que guardava, dia após dia, um registo dos lugares recônditos por onde transitava o espírito.

No seu caso, esse lugar era sempre o mesmo. Pairava sobre a prisão onde Levi se encontrava encarcerada. Vogava longe, tão distante da Índia, no lugar onde a sua vida começara, onde permanecia a rapariga que amava e que, um dia, se juntaria a ele.

Os anos passaram. O retiro de Sri Anish transformou-se num lugar de peregrinação que acolhia os viajantes do Novo Mundo e procurava mostrar-lhes as verdades essenciais do Ser. Todas as manhãs, indianos e ocidentais escutavam os ensinamentos do guru. Reuniam-se em círculo, no anfiteatro exterior, enquanto Anish lia do seu livro de preces na língua que adoptara como sua e que falava com delicadeza.

Um dia, em 2006, recebeu a notícia de que a sua *Boonrsi* estava a caminho. Era Abril, a época do Verão que antecedia as monções. O tempo estava quente e abafado. Pediu a Ramna, um dos condutores de riquexó que trazia e levava visitantes da cidade, que a fosse buscar ao cinema de Hesaraghatta. Quando Levi chegou ao retiro de Sri Anish, havia já muitos anos que deixara de lhe chamar *Artie*. Aquele que lhe escrevia as cartas semanais, perfumadas de jasmim, numa caligrafia cada vez mais apurada — aquele que lhe renovava a esperança quando ela a perdia; aquele que lhe prometera que, um dia, a felicidade e a liberdade seriam tão naturais como os gestos da mão —, já não era o miúdo que conhecera na infância. Já não era o filho de Pinkus, nem uma mera paixão adolescente.

Aquele era o homem com quem ela sonhava viver o resto da vida, a razão por que não desistira. Um sábio coleccionador de palavras numa língua desconhecida. O arquivista da sua alma perdida.

Quando viu Levi chegar e juntar-se ao grupo que o escutava nas orações matinais, Anish Majumdar sentiu que o seu coração se abria como uma flor de lótus a despontar da lama onde nasciam todas as coisas belas do mundo.

Finalmente, estavam completos.

4 de Abril de 2008

Oceano Atlântico

3:45 da madrugada

Despertei a meio da noite num avião quase silencioso.

O ruído constante do motor pusera-me a dormir. Aquele zunido contínuo e tranquilizador que nos embala até ao sono e que nos mantém nele apesar do desconforto, do exagero de corpos dentro da cápsula voadora. Como os escravos no porão dos navios que atravessavam o oceano em séculos de miséria e doença.

Acordei com uma súbita necessidade de escrever. Estas são, portanto, as primeiras palavras deste livro, que assinala a minha passagem ao mundo daqueles que escrevem porque assim tem de ser, independentemente de tudo o resto. São 3:45 da madrugada e estou a voar sobre o Atlântico. Regresso a casa, onde Luísa e Manuel me aguardam, para que a vida possa retomar. No entanto, embora não deseje nada mais do que isso — deitar-me com a minha mulher e o meu filho na mesma cama, respirar o mesmo ar —, sei que a vida jamais será a mesma. A partir deste momento, desta madrugada na qual este navio de prisioneiros desbrava os ventos frios e cruéis do oceano, eu serei o responsável pelo verdadeiro relato da história da família Walsh.

Ouçó o ressonar dos passageiros à minha volta. Pareço ser o único que restou acordado, desperto daquela maneira como só estão despertas as pessoas que sentem espreitar sobre o ombro o fantasma da urgência, um fantasma que não oferece segurança nem chegada a bom porto, mas que nos promete um caminho único, só nosso. Talvez, como dissera List, eu tivesse, finalmente, encontrado um bom tema para um livro: um tema que não escolhera, mas que me escolhera a mim, como se a escrita implicasse esta espécie de irónica renúncia.

Fechei os olhos por um instante e recordei os últimos momentos em Nova Iorque.

O rosto de Artie no espelho da casa de banho, tão diferente do miúdo que eu conhecera naquele Verão e, contudo, tão parecido com esse mesmo miúdo. Um homem-criança, exposto pela tesoura e *gilette* de Laura, olhando-se a si próprio como quem encontra um estranho ou um amigo de longa data, inesperadamente presente. A seguir, a corrida para o aeroporto. O tempo passara sem se fazer notar e, de repente, eram horas de partir. Laura chamou-me um táxi e eu despedi-me dela no passeio da Broadway com um abraço, prometendo que falaríamos nos próximos dias. Ela susteve o abraço durante uns segundos mais do que seria de esperar, a porta do táxi aberta à espera de que eu entrasse, e murmurou ao meu ouvido, em português, *Obrigada, obrigada*, e eu quase chorei, mas não cheguei a fazê-lo porque a necessidade de partir se sobrepôs.

E, tendo escrito estas palavras, sinto que os olhos começam a fechar-se outra vez, vencidos pelo sono.

Daqui a três horas, estarei em casa.

4 de Abril de 2008

Lisboa, Portugal

20:52

Laura enviou-me um *email* nessa mesma noite. Contava que se tinha sentado com Levi, depois de expulsar Jessie e Peter McDonald do apartamento, e que a irmã lhe contara, em pormenor, o que já aqui relatei sobre as cartas trocadas com Artie, o amor à distância por Sri Anish, o reencontro em Bangalore e os dois maravilhosos anos que passaram na Índia, vivendo em paz, sob um tecto de estrelas brilhantes e generosas. Quando Laura lhe perguntou por que razão tinha regressado aos Estados Unidos, Levi deu-lhe a mesma resposta que dera frente à câmara dos documentaristas. *Para ver a minha irmã.*

Mas não era inteiramente justo, pensei, ao ler o *email*. Era, aliás, inteiramente injusto que ela se justificasse com Laura. Porque decerto que Levi também sentiu que, ao partir para a Índia, deixara atrás de si um pesado lastro. Passada a urgência do reencontro com Sri Anish, era natural que os anos, injustamente passados em cativeiro, vítima de uma pesada sentença, tivessem servido para aumentar a vontade de ajustar contas com o passado e descobrir a verdade a respeito da morte do seu pai.

Mas isto era uma conjectura minha.

Talvez Levi fosse diferente de todas as outras pessoas. Talvez Artie fosse, também ele, uma criatura tão rara, que nem eu nem Laura nem Nolasco nem Lombardi nem Moon nem Ditmas nem Mitchell nem os advogados e os tribunais e os juízes do Estado de Nova Iorque fôssemos capazes de os compreender; nem agora nem nunca. Talvez, apesar de tudo, permanecêssemos enganados a respeito da natureza humana e só pudéssemos compreender as motivações dos outros de uma perspectiva que nem sequer começava a abarcar a amplitude e a complexidade de cada um.

Embora eu estivesse relativamente seguro do que factualmente acontecera naquela noite de catorze de Setembro — de que as coisas se passaram como aqui relatei —, sentia, porém, um enorme vazio que se relacionava com o facto de me ter escapado o essencial.

Aquele caso era, na verdade, uma história de amor. Ou mais de uma.

E o amor é, será sempre, uma coisa inexplicável. É o lugar onde todas as coisas nascem e onde todas as coisas perecem e manifesta-se de tantas maneiras diferentes — pais e filhos, amantes, amigos —, que é impossível metê-lo nas páginas de um livro, sobretudo porque o amor é também caos e dispersão, é também miséria, ódio, traição, sexo, ambição e inveja.

É tudo, está em toda a parte e não pode ser encontrado.

Agosto de 2017

Lagoeiro, Portugal

Soube da morte de Gary List há cerca de seis meses. Estava com Manuel e Luísa num restaurante em Lisboa, onde almoçávamos, quando o alerta da edição dominical do *The New York Times* surgiu no meu *tablet*. Enquanto Manuel mastigava ruidosamente um hambúrguer e Luísa debicava uma salada, corri os dedos pelo ecrã e, subitamente, vi o nome de List nos obituários. Devo ter ficado lívido, porque Luísa levou logo a mão ao meu braço e perguntou-me o que se passava.

Não consegui evitar que as lágrimas viessem aos meus olhos. Levantei-me, fui à casa de banho do restaurante (que cheirava a urina e lixívia) e, depois de secar o rosto com toalhas de papel, regressei à mesa.

«Estás a chorar?», perguntou o meu filho.

Tinha acabado de fazer doze anos e, embora ainda fosse um miúdo, começava a ganhar os tiques da pré-adolescência: os ombros descaídos, um silêncio ruminante, a vergonha paralisante junto das raparigas. Passava os tempos livres a ouvir música, a ver de séries de televisão e, lentamente, ia-se afastando de nós.

«Estou constipado», respondi, justificando-me com o Fevereiro molhado e frio de Lisboa.

«Perdeste o emprego, pai?»

Era a pergunta que ele me fazia de todas as vezes que me via zangado, hesitante ou preocupado.

«Não», respondi. «Infelizmente, ainda estou empregado. Come o teu hambúrguer.»

Mais tarde, em casa, Luísa veio ter comigo ao escritório e abraçou-me. O obituário do *The New York Times* dava conta da morte de List em Lake Carmel, aos oitenta e dois anos. Desde 1993 que não publicava nenhum livro, depois de *Marcha Contra a Madrugada* ter sido um fracasso de vendas, embora fosse um romance que — tal como os outros cinco livros — entrara para o imaginário dos seus leitores, ávidos e fiéis, que continuavam a propagar List como uma das maiores vozes da América.

Fiquei aliviado por saber que List morrera de ataque cardíaco. Tive medo de que tivesse falecido de alguma doença relacionada com o alcoolismo ou numa briga estúpida num qualquer bar de província. O artigo vinha acompanhado de uma fotografia dele, bastante semelhante às fotografias que existiam da velhice de Salinger: um velho escondido do mundo, um recluso que se exilara voluntariamente nos subúrbios para ser esquecido e se esquecer. Era uma fotografia tirada à distância, na qual List olhava para trás enquanto pendurava um lençol no estendal à porta da sua casa de Lake Carmel. Estava completamente careca e tinha uma barba enorme; vestia-se como um miúdo, de calções e camisa de manga curta, e a magreza dos seus braços, segurando o pano branco, era quase confrangedora. O texto falava da sua carreira, do casamento, dos anos em que leccionara na New York University e, sobretudo, d'*A Traição de Mabeline C.*, um romance estudado em muitas universidades norte-americanas.

Anunciava, também, que já nessa Primavera seria lançado um livro com os últimos escritos de Gary List.

Pensei nas gavetas cheias de papéis no escritório da casa de Lake Carmel.

«Acho que vão invadir-lhe a solidão que ele escolheu», disse eu a Luísa, que se sentara ao meu colo e me mexia no cabelo. «Vão profaná-lo. Não suporto essa ideia.»

«Não podes saber disso», disse Luísa. «Talvez ele tenha querido publicar os escritos.»

«Se calhar, tens razão.»

Deu-me um beijo e foi à procura de Manuel. Eu fiquei muito tempo a olhar para o artigo do *The New York Times*. Sentia-me parcialmente responsável por List ter morrido com dignidade (desde aquelas quarenta e oito horas em que, quase vinte anos antes, eu o ajudara a livrar-se do vício) e lembrava-me bem das nossas conversas, sobretudo da última, quando List dissera que eu estava em ponto de rebuçado, praticamente morto por dentro, portanto, finalmente pronto para escrever. Aquelas palavras seriam a minha salvação, o fio que ainda me mantinha ligado à vida, por pior que fosse o livro que viesse a escrever.

Comecei a escrevê-lo naquela viagem de avião. Entretanto, a vida continuou. Regressei ao trabalho, à família, ao meu filho, que reclamava atenção constante. A Luísa fez o que prometera e foi de férias para Veneza durante duas semanas. Nos anos que se seguiram, adoptámos esta estratégia de sobrevivência e foram muitas as ocasiões em que ela ficou a tomar conta de Manuel enquanto eu me refugiava em algum lugar para escrever e em que eu fazia de pai e de mãe enquanto ela desaparecia para um destino qualquer, distante de Lisboa.

Escrevi sempre que pude. Nesses interregnos da vida normal, aos fins-de-semana, à hora do almoço no jornal e, sobretudo, de madrugada. Acordava por volta das seis, enquanto Luísa e Manuel ainda dormiam, e, depois de fazer um café, sentava-me ao computador e relia as páginas já escritas, tentando pôr ordem na confusão de notas, memórias, factos, conjecturas, recordações e ideias. Sentia-me quase desesperado, como se nunca fosse ser capaz de alinhar aquela história, de contar, de maneira coerente e sincera, o que acontecera nos trinta anos que entretanto tinham decorrido desde o dia em que eu conhecera as irmãs Walsh.

Nessas horas de maior desespero, em que a empreitada deste livro me parecia uma montanha impossível de escalar, socorria-me das fotografias que tinha em cima da mesa e que me davam alento. Uma delas era da minha avó, tirada em 1940, quando ela terminara o Liceu. Tinha sido uma jovem bonita, de traços elegantes e rosto magro, cabelo entrançado. A outra era a fotografia que o meu pai tirara em Agosto de 1997, no aeroporto, quando eu partira para os Estados Unidos, e onde também aparecia a minha avó, a minha mãe e Júlia e eu era um rapaz de vinte e poucos anos demasiado sonhador.

Assim prossegui, um dia de cada vez, página atrás de página, até chegar aqui.

Laura nunca quis reabrir o caso. Trocámos alguns *emails* depois de eu voltar a Portugal e compreendi que ela ainda hesitava entre fazer justiça à irmã (tentar uma absolvição no Supremo Tribunal) ou enterrar definitivamente toda aquela história. O apartamento da Quinta Avenida ficara para Levi e Artie, e Laura regressara a Toronto, o lugar que agora considerava a sua casa.

Parece-me que já tomei a decisão, escreveu-me, no Verão de 2008, *e julgo que o tempo me confirmará que é o melhor caminho*. A reabertura do caso poderia trazer justiça a Levi, mas traria também ao de cima uma dose considerável de dor. A preocupação maior de Laura era o documentário de McDonald. Ambos tínhamos sido testemunhas da voracidade e insensatez do produtor; da maneira como tentara manipular-nos e manipular a informação de forma a conseguir os resultados que queria para um filme que, certamente, atrairia a atenção de muita gente. O documentário ficou pronto em 2010; por essa altura, já se falava dele na imprensa, que, segundo a revista *Variety*, era uma «investigação cheia de surpresas e *twists* do caso que abalou a América no Verão de 1998». Mas o que aconteceu depois acabou por ser ainda mais surpreendente: a HBO desistiu do projecto. O director de programas declarou que existiam «incongruências» no documentário e que a estação não obtivera as permissões necessárias nem um acordo satisfatório com a família do falecido Noah Walsh, de maneira a apresentar um produto fidedigno que garantisse a veracidade dos factos. *Não queremos ser processados por um trabalho mal-fundamentado*, disse o director de programas. No entanto, McDonald conseguiu que a estação FOX comprasse o filme e o transmitisse em três episódios de uma hora. Apesar de ser extensivamente anunciado, a repercussão foi pequena e a audiência ainda menor. O filme era uma manta de retalhos mal cosida, constituído por entrevistas contraditórias e filmagens não autorizadas que, muitas vezes, careciam de legendas para se compreender o que as pessoas diziam.

O documentário baseava-se em dois princípios: que a confissão de Levi Walsh tinha sido forçada pela Procuradoria e

que ela tinha sido vítima do sistema judicial americano; e que Noah Walsh era culpado pela morte de Pinkus, coisa que o documentarista também não conseguiu demonstrar, pese embora ter arranjado o testemunho de «peritos» que atestavam a sua teoria — o revólver com as impressões digitais; o atrito entre os dois sócios; o ADN de Pinkus encontrado por toda a parte no escritório de Walsh; o passado de violência de Noah descrito por Milton Saunders. A pergunta principal era, então, esta: se Noah assassinara Pinkus com um tiro, atirando-o depois de uma ravina, dentro do *Chevrolet*, para simular um acidente, quem assassinara Noah? O terceiro episódio era dedicado a responder a essa questão, e a trapalhada era tanta que se tornava risível. A teoria de McDonald era que Dan Saunders o matara, como vingança pelo «desaparecimento» de George em 1965 — o sangue de Pinkus, encontrado nas suas roupas, tinha sido «plantado» (segundo McDonald) pelas autoridades de Chatlam, nada interessadas em que o passado dos Walsh com a família Saunders fosse desenterrado, para confundir a investigação.

Tudo era lógico no documentário e, ao mesmo tempo, nada fazia sentido, sobretudo à luz do que Laura e eu apuráramos entretanto. E a razão era esta, por mais narcísica que possa parecer: McDonald cortara-me do filme. O meu depoimento tinha sido completamente eliminado, como se eu nunca tivesse lá estado; a troca dos cadáveres ignorada. O produtor inventara o seu próprio caso, modificando-o de forma a servir as suas intenções. E a verdade é que fracassara redondamente. O público interessara-se por um minuto e, depois, desistira de tentar acompanhar as carambolas de McDonald, que chegava ao ponto de perseguir o pobre Dan pelas ruas de Chatlam, de

câmara às costas, como se fosse um episódio de *Cops*, numa tentativa ridícula de lhe sacar uma confissão.

A única pessoa, além de mim e de Laura, que sabia que Ditmas havia trocado a identidade a um cadáver e que Artie tinha matado Noah — que o rapaz era o *terceiro homem* — era Nolasco. Escrevi-lhe sem demora quando regressei a Lisboa em 2008, porque senti que lhe devia uma explicação. Ele ajudara-me em quase tudo e estivera sempre do lado da verdade. Queria mostrar-lhe que o Universo (ou o que quer que ele gostasse de chamar a esta força misteriosa que nos move) não estava nem contra nem a favor dos homens; que o livre-arbítrio era real e que a complacência era a pior inimiga da Humanidade. Ele não estava fadado a ser um jornalista de província a vida inteira, e eu não tinha qualquer impedimento para escrever uma obra-prima com excepção de que eu talvez não conseguisse escrever uma obra-prima nem ele fosse capaz de trabalhar no *The New York Times*.

Redigi um longo *email* no qual lhe contava tudo o que sabia sobre o caso. A história da identidade de Artie deve tê-lo impressionado bastante, porque me respondeu assim:

Taborda,

Os meus cumprimentos. Resolveu o caso. E, desta vez, nem precisou de se fazer passar por mim.

Conversámos durante semanas por *email*. Adverti-o de que Laura não pretendia reabrir o caso; de que revelar tudo isto, naquela altura, só serviria para deitar achas numa fogueira que ainda ardia desde o regresso de Levi aos Estados Unidos com Jesus Cristo pelo braço, mas que se apagaria em breve, caso ninguém tornasse a acicatá-la. Sugeri-lhe guardar a história para si. *Mas há o documentário*, argumentou Nolasco num *email* em finais de Maio de 2008. *Vai demorar anos,*

argumentei, em resposta, *e o McDonald vai perder-se no meio desta história. Só você ou eu a podemos escrever.*

O ano chegou ao fim sem notícias de um lado nem do outro; e depois veio 2009, e 2010, e compreendi que Nolasco decidira não escrever a reportagem que denunciaria os factos loucos daquele caso, as suas reviravoltas, a verdade acerca da morte de Noah Walsh — o magnata da América, o belo e maldito Noah, pai de duas filhas irremediavelmente separadas pelas dolorosas circunstâncias da sua partida.

Delegara em mim essa tarefa onerosa, que agora chega ao fim.

No Inverno de 2009, numa noite de Janeiro, depois de horas passadas no escritório a tentar alinhar as memórias do Verão de 87, fui deitar-me tarde, naquele período da noite em que a cidade se encontra mais silenciosa. Os aviões cessam de atravessar os céus durante quatro horas, os camiões do lixo já terminaram a ronda, os bêbedos recolheram a casa ou aos becos sórdidos, tudo é quietude e recolhimento. Nesse dia, tinha falado com o meu pai durante a tarde, e ele parecera-me cansado, a voz rouca e débil, da doença recentemente descoberta, chegando-me quase num murmúrio.

«Estás a trabalhar muito?», perguntou-me.

«Fora de horas», respondi.

«Para o jornal?»

«Não. Para mim.»

«Ah. Isso é bom sinal.»

«Desde quando é que trabalhar fora de horas é bom sinal, pai?»

Ouvi-o respirar com dificuldade do outro lado.

«Quando penso na minha vida, chego à conclusão de que foram as coisas que fiz fora de horas que valeram mais a pena», garantiu. «Lembras-te de quando limpávamos a garagem no final do Verão, quando tu eras um miúdo?»

«Claro.»

«Fazíamos-lo fora de horas, não era?»

«Sempre a seguir ao jantar», disse eu, sorrindo.

«Pois, é isso que quero dizer», continuou ele.

Apesar da doença, ainda se lembrava de coisas importantes. Pensei que, daí por uns anos, talvez já nem me reconhecesse; pensei também que, ao contrário do que eu acreditava, talvez o esquecimento tivesse alguma coisa a ver com a felicidade. «Eram esses os momentos que eu guardava para mim», disse o meu pai. «Os momentos que passava contigo a limpar aquela confusão depois dos meses de férias. Fora de horas. Não me lembro de ir à praia nem de jogar ténis.» Pigarreou. «Eu era péssimo no golfe, não era?»

«Horrível.»

«Lembro-me muito bem dessas horas que passávamos juntos.»

O meu pai suspirou e, depois, desligámos. Tentei escrever, mas sem sucesso. Fiquei muito tempo a olhar para a parede branca, a apertar os dedos das mãos, a tentar conter os sentimentos e a concluir que não percebia nada de nada. Que não compreendera patavina do que me acontecera, e por isso é que escrevia — não porque estivesse quase morto, como sugerira List, mas porque já estava morto e ansiava ressuscitar.

Eram quatro e meia da manhã quando fui para a cama. Despi-me sem fazer barulho e enfiei-me dentro dos cobertores. Estava um frio glacial dentro do quarto; o aquecimento desligara-se automaticamente à meia-noite. Devo ter tremido um pouco enquanto me habituava à temperatura, porque Luísa acordou e senti as suas mãos nas minhas costas.

De repente, tudo me doía. O corpo, a mente. A alma.

«Luísa», chamei.

«Estou aqui», disse ela com voz de sono.

Hesitei longamente antes de dizer o que lhe queria dizer.

«Nunca me perguntaste sobre a Laura», sussurrei, sentindo o calor da palma dela no ombro direito.

«O quê sobre a Laura?», perguntou Luísa, entaramelando as palavras.

Voltei-me para ela. Só lhe via o contorno na escuridão, uma sombra deitada ao meu lado.

«O que aconteceu durante a viagem do ano passado...»

Luísa levou a mão à minha boca e tapou-ma.

«Chiu», disse, baixinho.

Depois, gentilmente, com a ponta dos dedos, cerrou-me as pálpebras e adormecemos assim.

Em 2009, um homem negro tomou posse como presidente dos Estados Unidos da América. O mandato durou até 2017, quando o mundo tornou a mostrar aos seus habitantes incrédulos que o inimaginável continuava a acontecer. Olho para este livro um pouco como o mandato de Barack Obama: levou-me esses anos todos a escrever, os anos em que um

homem de ascendência africana foi o principal ocupante da Casa Branca. Tempos de esperança e de mudança, depois da hecatombe financeira que fez tremer a vida de todos; e, a seguir, a lenta desilusão; o reconhecimento de que, afinal, nada mudara assim tanto.

Que, debaixo de sucessivas camadas de pele, permanecíamos os mesmos. Inquietos, insatisfeitos.

Injustiçados.

Também o escrevi graças a Peter McDonald. O facto de me ter excluído do documentário — ao qual chamou *A Inocência de Levi Walsh* — deu-me forças para continuar, mesmo quando pensava que seria impossível lembrar-me de tantas coisas, reproduzir tantas conversas, errar tantas vezes, voltar atrás, reescrever, reinventar, sempre com o ensejo de contar, tão fielmente quanto possível, o que aconteceu às irmãs Walsh nos trinta anos que decorreram desde 1987.

Porque o livro é sobre elas, não é?

Sempre que me lembro de Laura, recordo-me do lago Juniper e das borboletas que o invadiram no Verão de 1998, fruto dos mesmos ventos inesperados que as fizeram atravessar a Costa Leste dos Estados Unidos em busca do calor nas terras mais a sul. As monarcas migram à procura de uma vida melhor. Talvez as nossas próprias vidas não sejam assim tão diferentes. Crescemos à procura de abrigo, evoluímos na tentativa de encontrar um refúgio onde a dor não nos encontre com tanta facilidade; onde nos sintamos quentes, acolhidos. Pelo caminho, tal como as borboletas, a maioria de nós perde-se. Somos levados pelos ventos, arrastados para longe da rota pelas vicissitudes do tempo; passamos uma vida inteira na periferia de nós mesmos, quando o Paraíso está

mesmo ali, invisível aos nossos olhos frágeis, cegos pela promessa de luz.

Comprei o livro póstumo de Gary List em Maio. Guardei-o para ler no Verão — é um volume enorme, que contém toda a prosa dispersa que escreveu nas últimas décadas. Tem um prefácio de Ed Nowalski e um posfácio de T. Boyd Hayes. O prefácio é quase um pedido de desculpa pela publicação daquele volume; no posfácio, pelo contrário, autocongratula-se pela virtude de ter sido possível compilar aquela obra, que certamente List desprezaria. Julgo que T. Boyd Hayes é Terence, mas não posso ter a certeza e não me dei ao trabalho de investigar. Assim que comecei a lê-lo, no princípio deste Agosto, rendi-me de novo ao trabalho de List, ao apelo da prosa do meu mestre.

Escreve ele assim, na página 405:

Terminou mais um dia. Entrámos, há poucos minutos (há segundos), numa nova jornada, em que o Sol e a Lua continuarão a imperar neste céu limpo, dois astros que desconhecem ou se riem das empreitadas humanas. Façamos o que fizermos, não os podemos impedir de chegar, e isso é a grande revelação da vida.

Não a podemos impedir.

Todos os dias do Homem sobre a Terra são o mesmo dia para as estrelas.

Termino agora este volume, que já vai demasiado longo para aquilo que eu me propusera fazer. Estou no quarto do andar superior, que costumava ser o quarto da minha irmã Júlia, um espaço que, com a passagem dos anos, a minha mãe transformou numa divisão para os hóspedes. Estamos na casa do Lagoeiro, aonde regresssei após décadas de ausência. O meu pai já não se lembra de mim — nem de Júlia nem da mulher nem do seu neto —, mas recorda-se de coisas muito antigas, de quando era criança e jogava ao pião e ao berlinde nas ruas

de Alfama. A doença deixou-o assim. Por causa dela, deixaram de vir ao Algarve, e a casa esteve fechada e abandonada durante vários anos, até que um dia a minha mãe me ligou a pedir-me que viesse até aqui ver em que condições estava a nossa habitação de férias. Olhei para o Manuel (que se aborrecia sozinho, sentado no sofá, com um jogo de computador) e decidi que terminaria de escrever *A Noite em Que o Verão Acabou* aqui, nas terras do Sul, onde tudo começou. Foi estranho entrar nesta casa e ver que pouco tinha mudado. Talvez houvesse alguma mobília nova, uns tapetes comprados já na década de noventa; de resto, tudo permanecia idêntico: o cheiro da casa, os móveis, o relvado, a sensação de calor nas açoteias.

É na açoteia desta casa branca e cálida que me encontro quando ouço o meu filho chamar por mim. Do muro aquecido pelo sol, consigo ver a esquina da piscina de Laura Walsh, a nesga do triângulo azul onde o Sol se espelha na água límpida de Agosto. Laura deve estar deitada na espreguiçadeira, em fato de banho, os *headphones* nos ouvidos, a escutar Dire Straits ou talvez Marillion.

De lá de baixo, Manuel grita:

«Pai!»

Olho para o meu filho. É alto e magro, tal como eu, e está bronzeado, as pernas fininhas de pré-adolescente sustentando um corpo esguio, enfiado nuns calções de ganga e numa *T-shirt* velhinha. Pergunta-me se pode sair; diz-me que, na casa ao lado da nossa, há uma família de ingleses que tem duas filhas e um rapaz, que o convidaram para ir dar um passeio, talvez ir até à praia.

Hesito um instante. E depois digo-lhe:

«Tem cuidado.»

Mas o que eu lhe quero dizer é:

«Vai. Não tenhas medo.»

Gostaria de agradecer à família Walsh por toda a ajuda prestada, bem como a Patrick Nolasco, do Chatlam Herald, a Fred Lombardi e às autoridades de Chatlam, Albany e Ghent. Um agradecimento particular à Polícia de Nova Iorque e ao gabinete da Procuradoria pelo acesso a documentos e entrevistas relacionados com o caso.

Gostaria também de agradecer à Macdowell Colony, em New Hampshire, pelo alojamento e pelo tempo indispensáveis para terminar a escrita deste romance.

Por fim, um agradecimento muito especial à minha editora, sem a qual este livro não teria sido possível. Sobre o livro

14 de Setembro de 1998. O dia em que Chatlam, uma pequena vila americana, acordou em choque com o homicídio de Noah Walsh. O principal suspeito: a sua filha de dezasseis anos.



No Verão de 1987, o adolescente Pedro Taborda apaixona-se por Laura Walsh, a filha mais velha de um magnata nova-iorquino. Ela e Levi passam férias com os pais no Lagoeiro, uma pacata cidade algarvia. Rica e moderna, a família Walsh tem tudo para dar muito nas vistas no Sul de Portugal. Inebriado pela ousadia de Laura, Pedro encontra na rapariga americana o seu primeiro amor. Mas, quando o Verão acaba, a família Walsh regressa aos Estados Unidos e o destino fica por cumprir.

Dez anos depois, Pedro, decidido a tornar-se escritor, vai estudar para Nova Iorque. Fascinado com Gary List, antigo prodígio das letras americanas, chega aos Estados Unidos determinado a perseguir os sonhos da juventude. Ao reencontrar Laura, está longe de suspeitar que esse acaso o mergulhará no crime mais falado dos anos noventa, o homicídio do milionário Noah Walsh.

Com um segundo homicídio a atrapalhar a investigação e uma corrida para salvar Levi, de apenas dezasseis anos, acusada de matar o pai, Pedro e Laura enredam-se

irremediavelmente na teia de segredos que envolve a família Walsh, desde os anos quarenta do século xx até ao impensável desfecho nas primeiras décadas do novo milénio.

Porque em Chatlam — e neste thriller imparável — nada é o que parece.

JOÃO TORDO nasceu em Lisboa em 1975. Em 2009 venceu o Prémio Literário José Saramago, pelo romance *As três vidas*, e em 2011 foi finalista do Prémio Portugal Telecom. Foi também finalista do Prémio Melhor Livro de Ficção Narrativa da Sociedade Portuguesa de Autores (2011, 2015) e do Prémio Literário Fernando Namora (2011, 2012, 2015, 2016), do Prémio P. E. N. Clube (2019), bem como da 6.^a edição do Prémio Literário Europeu. Os seus livros estão publicados em vários países, incluindo França, Itália, Alemanha, Brasil, Hungria, Espanha, Argentina, México e Uruguai.

Em 2018, a sua obra *Ensina-me a voar sobre os telhados*, que se seguiu à «Trilogia dos lugares sem nome», foi um êxito da crítica e do público. A mulher que correu atrás do vento foi o seu décimo segundo romance.

Edição em digital: novembro de 2019

Copyright © 2019 João Tordo

© 2019, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal Lda.

Av. Duque de Loulé, 123
Edif. Office 123 — Sala 3.6
1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

www.gostodeler.pt

Edição: Clara Capitão

Revisão: Cristina Correia

Capa: Gito Lima

Fotografia da capa © Emma Elizabeth

ISBN: 978-989-665-906-6

Composição digital: leerendigital.com

Companhia das letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,

difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] Em inglês, um MFA ou «Master of Fine Arts», sem tradução em português.

[2] Mais tarde, descobri que a pintura era inspirada num naufrágio ocorrido em 1833, quando o capitão do navio abandonou a embarcação. Os passageiros eram mulheres condenadas em Inglaterra, com destino ao cárcere na Austrália. As mulheres morreram afogadas e o capitão apresentou a desculpa de que só estava autorizado a desembarcá-las no destino.

Índice

A noite em que o verão acabou

Prólogo

14 de Setembro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Verão de 1987. Lagoeiro, Portugal

Março de 1997. Lisboa, Portugal

PRIMEIRA PARTE. (1987-1998). Ascensão e declínio dos Walsh

Verão de 1987. Lagoeiro, Portugal

14 de Setembro de 1998. Brooklyn, Estado de Nova Iorque

14 de Setembro de 1998. Brooklyn, Estado de Nova Iorque

22 de Dezembro de 1985. Manhattan, Estado de Nova Iorque

15 de Setembro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Outubro de 1997. Nova Iorque

16 de Setembro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Verão de 1987. Lagoeiro, Portugal

18 de Setembro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Agosto de 1986. East Hamptons, Estado de Nova Iorque

Setembro de 1998. Estrada 90, Estado de Nova Iorque

Novembro de 1997. Manhattan, Estado de Nova Iorque

Setembro de 1998. Troy, Estado de Nova Iorque

Setembro de 1998. Saratoga Springs, Estado de Nova Iorque

Setembro de 1998. Brooklyn, Estado de Nova Iorque

Dezembro de 1997. Manhattan, Estado de Nova Iorque

1 de Outubro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Outubro de 1998. Brooklyn, Estado de Nova Iorque

11 de Outubro de 1998. Estrada 90, Estado de Nova Iorque

11 de Outubro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

28 de Outubro de 1998. Brooklyn, Estado de Nova Iorque

SEGUNDA PARTE. (2008-2017). O Homem

Invisível

18 de Março de 2008. Lisboa, Portugal

Março de 2008. Manhattan, Estado de Nova Iorque

Agosto de 1965. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Março de 2008. Chatlam, Estado de Nova Iorque

18 de Fevereiro de 1997. Troy, Estado de Nova Iorque

25 de Março de 2008. Philmont, Estado de Nova Iorque

Abril de 2006. Hesaraghatta, North Tehsil, Bangalore, Karnataka

Março de 2008. Manhattan, Estado de Nova Iorque

10 de Setembro de 1998. Chatlam, Estado de Nova Iorque

Março de 2008. Chatlam, Estado de Nova Iorque

2 de Abril de 2008. Manhattan, Estado de Nova Iorque

3 de Abril de 2008. Manhattan, Estado de Nova Iorque

A noite de 14 de Setembro de 1998

4 de Abril de 2008. Oceano Atlântico. 3:45 da madrugada

4 de Abril de 2008. Lisboa, Portugal. 20:52

Agosto de 2017. Lagoeiro, Portugal

Sobre o livro

Sobre João Tordo

Créditos